



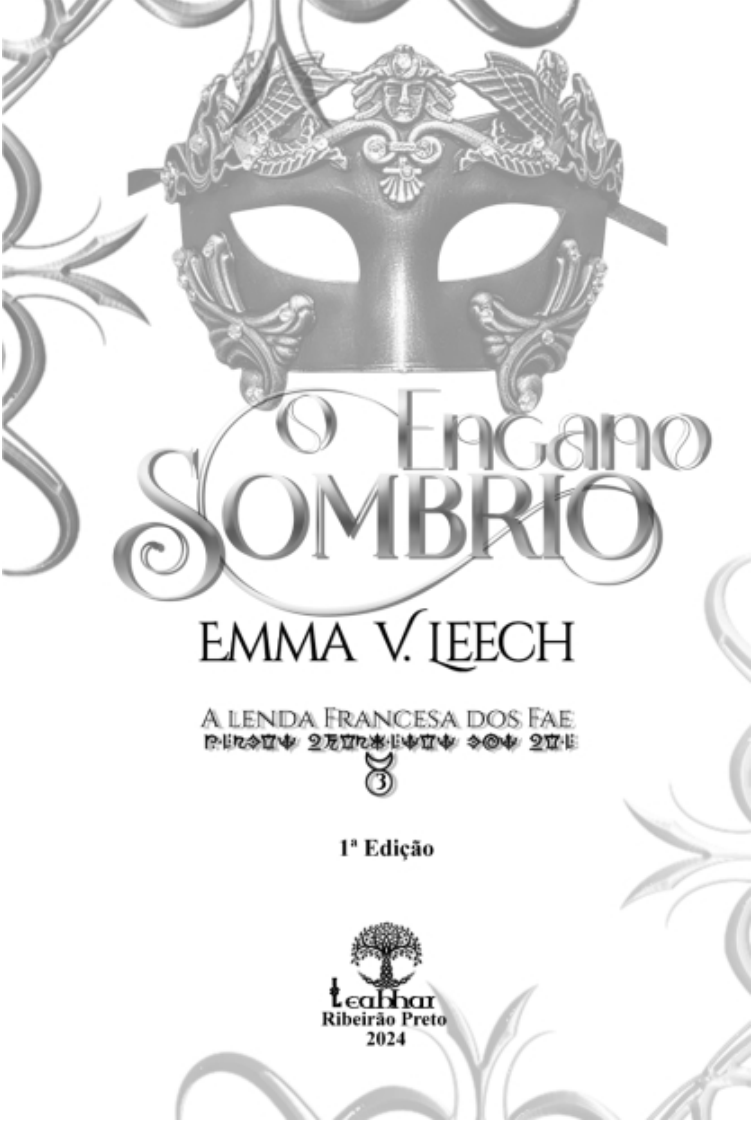
VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM



၂၀၂၁ ခုနှစ် ဇူလိုင်လ ၁ ရက်နေ့





O Engano SOMBRIO

EMMA V. LEECH

A LENDA FRANCESA DOS FAE
PRIMEIRA SÉRIE DE NOVELAS



1ª Edição


Lealhar
Ribeirão Preto
2024

DIREITOS AUTORAIS



Título original: The Dark Deceit
Copyright © 2017 Emma V. Leech
Copyright da tradução©2024 Leabhar Books Editora Ltda.

Tradução: Michele Noce Camilo
Revisão Isabel Vasconcellos
Diagramação e Capa: Labellaluna Web®

Todos os direitos reservados.
Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada ou reproduzida sob quaisquer meios existentes sem autorização por escrito do proprietário dos direitos autorais.

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)

FICHA CARTOGRÁFICA

LE1111be

Leech, Emma V.

Título: O Engano Sombrio (recurso eletrônico) - © 2024 Leabhar
Books Editora Ltda. - Ribeirão Preto - SP

Tradução de: The Dark Deceit © 2017 Emma V. Leech

Formato: Livro Digital

Veiculação: Digital

ISBN 978-65-5444-274-9

1. Romance sobrenatural. 2.Série I. Camilo, Michele N. II. Título

80754

CDD 82-32

CDU 134-3

Todos os direitos reservados, no Brasil e língua portuguesa, por Leabhar Books Editora Ltda.
Rua Sete de setembro. 1851 conj. 1 CEP: 14025-200 - RP/SP - Brasil
E-mail: leabharbooksbr@gmail.com | www.leabharbooks.com

MAPA DAS TERRAS FAE



CAPÍTULO 1



Dannon estava diante do espelho dourado, olhando para o rosto de um homem cujo olhar era sem emoção enquanto ele vestia a camisa. A opulência do quarto ao seu redor ilustrava uma vasta riqueza e grande poder, e a desesperança de sua própria posição.

Ele podia ver a Rainha Audrianne observando-o no reflexo com um sorriso de posse. Embora séculos mais velha que ele, era indiscutivelmente a mulher mais bonita do reino. E a mais perigosa. Deitada, nua e saciada entre um emaranhado de lençóis de seda, parecia um gato grande e elegante que acabara de arrancar as entranhas de sua última refeição. Seus olhos brilhavam de satisfação e ela parecia extremamente feliz. *Assim como ele deveria estar*, pensou com uma careta. Estava exausto.

Como foi que isso chegou a esse ponto? Era um dos homens mais poderosos do reino. No entanto, ali estava ele, pouco mais do que uma prostituta para o prazer da rainha. Dançando ao som da música de escolha dela, estava tão preso em suas garras que não conseguia nem mais ver a luz do dia. Mas não havia ninguém para culpar, nem qualquer conjunto de circunstâncias que pudesse apontar e dizer que foi forçado a estar nessa situação. Ele aceitara os avanços dela com entusiasmo, nada foi contra sua vontade. Tinha sido sórdido desde o começo e desesperadamente excitante... e havia muito pouco disso em sua vida. Há muito tempo descobrira que a vida havia perdido completamente a graça ou senso de admiração. Ele acreditava já ter provado todos os prazeres e experimentado todas as ofertas decadentes. Mas a rainha estava um passo à frente na escuridão, o que o fez sentir arrepios e seu coração bater mais rápido.

Percebeu seu erro tarde demais. A novidade perdera o encanto rapidamente para ele, mas infelizmente a rainha não concordara. Sabia muito bem que ele não queria mais estar ali, mas o fato de que pudesse obrigá-lo só aumentava seu prazer.

Um passo em falso e ela o despojaria de tudo: seu título, sua terra e os restos de orgulho e honra que ainda pertenciam a ele. As únicas coisas que tinham alguma importância. Se fosse só ele quem sofreria, talvez arriscasse perdê-los, mas sua irmã e sua mãe não mereciam tal punição. Então estava destinado a viver como uma marionete. Ela só precisava puxar as cordas que ele dançava. Era deprimente, humilhante, enfraquecedor de uma forma que o confundia, considerando o prazer que ela sentia por sua destreza. Ele só podia esperar que ela se cansasse dele, mas isso ainda não tinha acontecido.

— Sabe o que deve fazer? — A voz dela estava suave como seda, preguiçosa, e ainda assim com aquele fio perigoso por baixo que o desafiava a desagrada-la.

Dannon evitou o olhar dela, concentrando-se nas dobras intrincadas de sua gravata. — Sei.

Houve um sussurro de lençóis de seda quando ela se moveu na cama, estendendo a mão para uma uva gorda e preta na bandeja do café da manhã que sua empregada trouxera. Não havia modéstia ali. A mulher o olhou com um olhar faminto, esperando que talvez a rainha a convidasse para se juntar a eles. Não seria a primeira vez. — Meu contato irá encontrá-lo assim que você cruzar o portão para o mundo humano.

Virando-se para pegar o colete, Dannon olhou para ela, sem se preocupar em esconder o desdém em seu olhar. — Tem certeza de que a informação é confiável?

Audrianne sorriu. Era uma visão gloriosa aquele sorriso que já havia induzido muitos homens a fazerem o que ela queria. Isso trouxe o filho dela à mente e Dannon desviou o olhar sentindo o olhar dela sobre ele, enquanto o observava se vestir com as pálpebras pesadas. — Oh, tenho sim. — Sua voz era um ronronar de satisfação presunçosa. — Ele deveria estar trabalhando para o Rei Auberren, mas concordou em atrasar a informação que chega aos ouvidos do rei.

Dannon bufou sabendo muito bem que tipo de incentivo ela havia oferecido para enganar o Rei dos Light Fae. Ele não resistiu em perguntar. Queria lembrá-la de que era tão prostituta quanto ele. — A que preço? — perguntou, ousando encontrar os olhos dela no espelho com um olhar irônico.

Ele observou enquanto ela colocava outra uva naquela boca sensual e mastigava com um olhar divertido. — Cuide da sua maldita vida — respondeu ela.

Ele sorriu e abotoou os punhos de sua camisa com dedos hábeis. — Quanto tempo eu tenho?

— Três semanas.

Ele ergueu as sobrancelhas e se virou para olhá-la. — É pedir muito para pouco tempo.

Aqueles olhos escuros e brilhantes ficaram severos. — É o que eu peço e o que você fará. — Não houve discussão, não havia nada a ganhar protestando. — Três semanas para descobrir se o presente foi repassado e para trazê-la de volta para cá, se for o caso. Depois disso haverá Light Faes rastejando por todo o maldito lugar — acrescentou ela com desgosto, recostando-se no monte macio de travesseiros, seu cabelo escuro com cachos grossos espalhando-se sobre a seda branca. — Eu a quero primeiro. Entendeu?

Ele fez uma reverência, embora de alguma forma conseguira fazer disso um gesto de desprezo. — Completamente, Vossa Majestade. — Ele pegou a jaqueta e a vestiu com dificuldade sobre os ombros largos, ajeitando com cuidado o tecido justo. — Temos alguma indicação de que ela tenha o dom?

A rainha deu de ombros e pegou as deliciosas iguarias em sua bandeja de café da manhã com uma expressão entediada. — Ela aparenta ter sangue de fada e parece ter interesse e conhecimento sobre a tradição das ervas, mas meu contato não está lá há tempo suficiente para ter descoberto mais alguma coisa. Ele me enviou essa informação assim que descobriu que a linhagem

pertencia a ela.

Dannon sentiu uma súbita onda de pena pela garota e pediu aos deuses que isso não desse em nada. — Não há outros na família? — perguntou ele, orando para que ela não lhe solicitasse a continuidade da caçada se a garota fosse meramente humana.

— Não, a linhagem era da mãe e ela morreu há dois anos; ela é filha única e, portanto, nossa única esperança. — A Rainha o olhou com uma expressão que indicava que ela não estava para brincadeiras. — Não me decepcione, Dannon, me desagradaria muito perdê-la para os Light Fae.

— Alguma vez já fiz isso? — retrucou, contrariado, pois o que estava sendo enviado para fazer superava o bom senso.

Se divertindo, os lábios dela se curvaram um pouco para cima. — Cuidado, meu bichinho... — disse ela, enquanto deslizava da cama e caminhava em direção a ele, balançando os quadris de forma provocante. Audrianne deslizou as mãos sob a jaqueta e alisou o peito dele. O corpo dela estava quente, seus seios pressionando contra ele. O cheiro dela e de tudo o que fizeram emergiu de sua pele e se emaranhou ao redor dele como erva daninha. — E não se esqueça de uma coisa: com quem você está lidando.

Dannon cerrou os dentes. — Isso é pouco provável.

Ela riu e estendeu a mão para beijá-lo, puxando sua cabeça para baixo. — Três semanas e nem um dia a mais... — sussurrou contra a boca dele. — Eu não gostaria de ficar sem o prazer da sua companhia por muito tempo.

Ele conteve uma onda de náusea, tirou as mãos dela de seu peito e foi em direção à porta. — Oh, tenho certeza de que você encontrará alguém para diverti-la na minha ausência — disse, orando para que ela encontrasse algum outro pobre coitado para ocupar seu lugar. Ela riu e soprou-lhe um beijo enquanto ele fechava a porta.

Dannon ficou do outro lado com os olhos fechados por um momento e respirou fundo, mas seus pulmões estavam tensos, o peito apertado e a falta de ar apenas salientavam como seu corpo havia travado. Ele se perguntou o que aconteceria se soltasse toda a frustração e o ódio que carregava. Poderia matá-la? Estava extremamente cansado, cansado dela e dos intermináveis jogos e intrigas. Talvez estivesse desesperado o suficiente para fazer isso. Só sabia que estava exausto de uma vida onde tudo estava contaminado e estragado.

Foi até os estábulos, onde um dos rapazes trouxe seu cavalo para ele. Montou e saiu do pátio, cavalgando pelas ruas sinuosas e bulevares largos da cidade, desejando que estivesse partindo para sempre para nunca mais voltar.

O campo se abriu diante dele ao deixar os arredores da corte para trás. Colinas verdejantes e campos exuberantes estendiam-se ao longe, mas Dannon cavalgava rapidamente, querendo colocar o máximo de distância entre ele e a rainha o mais rápido que pudesse.

Estava escurecendo quando sentiu o arrepio que lhe dizia que havia cruzado a fronteira para as terras do Príncipe Corin. Sua casa ficava no lado mais distante do domínio do príncipe, entre a floresta de Ebeltoft e a presença

ameaçadora da Floresta Dark. Não chegaria lá naquela noite e planejava pernoitar no The Sleeping Dragon em Ebeltoft.

Pelo menos o tempo melhorou, pensou enquanto observava um sol vívido pintar o céu em tons berrantes de rosa e laranja, dourando as copas das árvores como se tivessem sido mergulhadas em ouro. Já estava farto da chuva e do frio constante a que havia sido submetido nas semanas anteriores, pois o lugar era influenciado pelo príncipe e, portanto, reagia às suas emoções. Percebeu que estava feliz por Corin finalmente ter encontrado um pouco de paz e orou para que ele tomasse as terras da rainha o quanto antes. Essa era sua única esperança possível de escapar das garras dela. Infelizmente, seu relacionamento com Corin sempre foi baseado em uma animosidade mútua, então não tinha certeza de que sua situação iria melhorar.

Mas pelo menos a mulher linda que Corin havia roubado do mundo humano parecia ter domado o coração do príncipe. Pelo menos por enquanto. Ele se perguntou se isso iria durar e descobriu que esperava que sim, pelo bem deles. Corin seria um bom rei se ao menos se apresentasse e levasse o maldito trabalho a sério. Talvez com uma mulher como Claudette ao lado dele, com um coração bom e gentil, e que o amava sem reservas, pudesse fazer exatamente isso.

Dannon reprimiu uma pontada de ciúme. Havia gostado de Claudette e estava desapontado por não ter tido a oportunidade de conhecê-la mais intimamente. No entanto, a ideia de se casar e ficar com a mesma mulher por toda a eternidade era o suficiente para lhe dar calafrios. Ele já era bem inquieto, então como diabos lidaria se esperassem que fosse fiel? Não, nunca faria isso. Ele sempre foi, no mínimo, honesto sobre o que era e o que queria. Estava feliz que o príncipe estava estabelecido, se isso significasse que o sol iria brilhar e, melhor ainda, deixava as possibilidades abertas para ele. Corin tinha sido seu maior rival, mas como agora tanto ele quanto Laen não estavam mais em campo, poderia escolher as mulheres do Reino. Infelizmente, a ideia não lhe agradou nem a metade do que deveria.

Dannon decidiu que lhe faria bem fugir e passar algum tempo no reino humano. Afinal, uma mudança era tão boa quanto um descanso e, realmente seria um descanso, pois estaria longe das exigências insaciáveis da rainha.

Ele desacelerou o cavalo para um trote quando viu a bela vila de Ebeltoft aparecer com seus pitorescos chalés de palha e pequenas ruas de paralelepípedos. As lâmpadas estavam sendo acesas e uma suave névoa dourada banhava tudo com um brilho quente e acolhedor. Aromas doces flutuavam no ar quente vindo dos jardins dos chalés, parecendo um cenário idílico para a noite. A ideia de passar a noite como queria o deixou feliz, mas aquela insatisfação invasiva que agora influenciava todos os seus pensamentos como uma pedra em seu sapato persistia sob a superfície. Viu sua vida se estendendo diante dele: uma interminável rodada de bebidas, jogos de azar e casos ilícitos. Mas assim que estivesse entediado com tudo isso, o que mais haveria para ele? No entanto, agora essa era uma questão que surgia

cada vez mais: o que mais haveria para ele?

Dannon não tinha uma resposta.



Dois dias depois, Dannon encontrou seu contato e se instalou em um belo château nos arredores de Brantôme. A bela construção do século XV foi fornecida a ele sem poupar despesas. Uma coisa poderia dizer da rainha: ela tinha um gosto requintado.

A bela cidadezinha de Brantôme era na verdade uma pequena ilha, acessível por uma das cinco pontes sobre o rio Dronne. Era brilhante, vibrante e surpreendentemente intocada, apesar do número de turistas que vagavam por suas ruas antigas.

A presa de Dannon era Anaïs Vedrenne, cujo pai administrava a boulangerie local, fornecendo diariamente baguetes, croissants e similares frescos aos moradores, enquanto Anaïs trabalhava na pâtisserie e dedicava-se a doces sofisticados. Era uma padaria francesa minúscula com espaço para quatro mesinhas redondas e cadeiras onde se podia tomar um café e desfrutar dos doces deliciosos de Anaïs. Havia mais duas mesas e cadeiras do lado de fora, encostadas na vitrine da rua estreita de paralelepípedos.

Dannon ocupou seu lugar em uma das mesinhas externas com o comportamento estudado de um idoso, que era exatamente como ele parecia. Viu seu reflexo no vidro polido da vitrine da padaria e fez uma careta. A magia do disfarce era antiga e rara. Não muitas décadas atrás, aqueles iguais a Dannon foram mortos sem piedade. Eles eram perigosos. Pois quem poderia confiar em um homem que poderia mudar de rosto à vontade e se tornar outro? Mas a mãe de Dannon tinha sido astuta, apesar das aparências indicarem o contrário. Talvez por causa de seu jeito desatento, ninguém nunca suspeitou de sua duplicidade, e ela conseguiu esconder os dons de seu filho até que ele tivesse idade para saber que deveria fazer o mesmo. Quando o verdadeiro chamado dele foi descoberto, seu pai já havia falecido e ele havia herdado o título. Afinal, os duques não eram eliminados tão facilmente.

Qualquer um que olhasse para ele agora não veria o homem moreno e bonito que ele realmente era, e sim um idoso de olhar bondoso, sentado aproveitando o sol. Isso era o que Anaïs veria quando chegasse para anotar seu pedido e como ele esperava chegar rapidamente ao cerne da natureza dela.

Dannon recostou-se na cadeira e olhou para a padaria com um olhar crítico. Era um lugar encantador, embora em evidente estado de abandono. A placa azul que proclamava o nome “*Vedrenne*” estava descascada, assim como a pintura das janelas e portas, mas caixas densamente embaladas com gerânios vermelhos e uma rosa trepadeira estavam penduradas em volta da janela, escondendo o pior da pintura e infundindo no ar seu doce perfume. Os aromas que vinham de dentro da loja não eram menos atraentes e Dannon desejou que a garota se apressasse, pois o cheiro estava fazendo seu estômago apertar de fome.

Dannon ergueu os olhos quando ela saiu correndo de dentro do

estabelecimento e olhou-a com um olhar de quem conhecia muito bem o que estava vendo. Ela era extraordinariamente bonita, embora um pouco voluptuosa para o gosto dele, o que sem dúvida era causado pela influência de seu sangue fada. A rainha realmente estava certa sobre ela ter a aparência de sua linhagem. Era baixa e seu cabelo loiro bem comprido ia até a cintura, embora estivesse preso em uma trança apertada, e ela claramente tinha a tez de uma Light Fae, ou seja, a pele delicada e pálida de alabastro, com um rubor rosado nas bochechas que rivalizava com as rosas ao redor da porta. Estava bastante pronunciado nesse dia, provavelmente devido ao calor da padaria.

— *Bonjour Monsieur, que vous désirez-vous?* — perguntou ela, com um sorriso simpático, empurrando uma mecha solta de seu cabelo loiro para trás da orelha com um toque de irritação no movimento.

Dannon lembrou a si mesmo que era um idoso quando um comentário de flerte pairou em sua língua e, em vez disso, perguntou: — O que você recomendaria, *Mademoiselle*?

Ela passou a língua nos lábios e considerou a pergunta. — Se o senhor gosta de doces, tenho algumas tortas de frutas divinas, com creme de limão e lavanda. — Ela se inclinou para frente, proporcionando-lhe uma bela visão de seu decote generoso e sussurrou de forma conspiratória em seu ouvido: — São de morrer.

Dannon riu. — Parece-me uma ótima maneira de partir, então como poderei resistir?

Ela sorriu para ele e tirou um pano do bolso de seu avental e limpou rapidamente a mesa. — Excelente escolha, senhor. Posso servi-lo em algo mais?

— *Un café, s'il vous plaît.*

Ela assentiu com a cabeça, sorrindo para ele, e voltou para dentro para pegar o pedido.

Dannon recostou-se na cadeira, satisfeito com o ambiente e com o progresso que havia feito até então. Com sorte, seu plano deveria atrair rapidamente a confiança da garota e seu trabalho ali estaria concluído. Só que isso significaria voltar para a rainha. Com um suspiro, afastou essa concepção e voltou aos pensamentos mais prazerosos como o café e a sobremesa. *Pequenos prazeres, Dannon, leve-os para onde puder*, disse a si mesmo.

CAPÍTULO 2



Anaïs pegou as últimas migalhas na mão antes de jogá-las fora no pequeno jardim do pátio, do lado de fora da porta da padaria, para os pássaros. Ela encostou-se no batente da porta e tirou os sapatos com um gemido, seus pés a estavam matando. Foi um dia incrivelmente agitado que começou muito cedo e que ainda não havia acabado. Era início de julho e a temporada turística estava agitada. Os próximos dois meses seriam cruciais para ela e seu pai. Se ao menos pudesse ganhar o suficiente para tirá-los de problemas.

Ela percorreu o caminho de pedra que serpenteava ao redor de seu pequeno jardim, inspecionando as flores e ervas, ocasionalmente arrancando uma flor morta ou tocando as folhas para liberar os aromas doces no ar de verão. Ela levantou a trança loira pesada da nuca com uma careta e inclinou a cabeça para frente quando uma brisa bem-vinda esfriou sua pele quente. Mas precisava de um banho. O vestido estava grudado em seu corpo de uma forma desagradável e ainda tinha que varrer a loja e limpar todos os balcões.

Dando um suspiro, afastou a sensação de inquietação que a perturbava cada vez mais ultimamente e desejou que ela desaparecesse. Anaïs sabia que, comparada a muitos, ela tinha sorte. Tinha um trabalho que gostava, exceto por acordar cedo, adorava cozinhar e Brantôme era um lugar lindo para se viver. Era só que... sentia que estava perdendo tempo, como se devesse estar fazendo algo mais importante, algo... *necessário*. Ela bufou e disse a si mesma que estava sendo ridícula, que sabia cozinhar, seus doces eram deliciosos e tinha o dom de mexer com ervas e remédios caseiros, habilidades que dificilmente mudariam o mundo. Balançando a cabeça por causa de sua própria idiotice, voltou para dentro para terminar de limpar.

Na manhã seguinte, Anaïs abriu a padaria e saiu para regar as plantas e aproveitar um pouco do sol antes que o calor do dia a atormentasse. O som metálico de seu rádio antigo chegou aos seus ouvidos, ainda cedo demais para o barulho e a agitação dos turistas, e ela começou a cantarolar junto, arrancando as flores mortas dos gerânios. No final da rua exclusiva para pedestres, ela notou o velhinho do dia anterior caminhando em sua direção. Achou que ele parecia estar com dor, pois estava ligeiramente curvado e andava estranho, talvez tivesse reumatismo. Passou por sua cabeça que poderia oferecer a ele algo para aliviar a dor, mas descartou tal pensamento, pelo menos por ora. Os homens podiam ser engraçados com coisas desse tipo e não querer demonstrar fraqueza na frente de uma jovem. Seria melhor esperar para ver se poderia conhecê-lo melhor, se ele se tornaria um cliente.

— *Bonjour, monsieur*, voltou? — disse, esperançosa de que sua torta de frutas deliciosa lhe tivesse trazido um cliente regular.

— Bem — respondeu o idoso, com um sorriso mostrando os dentes —, você estava certa, *Mademoiselle*, as tortas são de morrer... então pensei em repetir tal experiência.

Ela riu e despejou o resto da água em um vaso de gerânios.

— Então nesse caso, o que o senhor vai querer?

— O que você achar melhor para o meu café da manhã, estou inteiramente em suas mãos. — Ela puxou uma das cadeiras e segurou seu braço para firmá-lo enquanto ele se sentava. — *Merçi* — agradeceu, ofegando um pouco por causa do esforço. — Você é muito gentil.

Ela lhe sorriu e, quando a olhou, Anaïs achou o rosto dele bonito. Havia gentileza ali, porém... havia algo em seus olhos. Eles eram de um marrom profundo e rico e, de alguma forma, um pouco perturbadores. Em um de seus muitos livros de romances, eles seriam descritos como chocolate derretido. Ela reprimiu um sorriso e desviou o olhar, ou o calor a estava afetando ou a falta de um namorado estava ficando séria. Pelo amor de Deus, o velho tinha cerca de noventa anos. Resolveu fazer um esforço para sair no fim de semana, já que não estava gostando do seu atual status de celibato. Infelizmente, porém, o fim de semana estava muito longe, então foi buscar o café da manhã dele.



Dannon ficou sentado olhando para a água fria e escura do rio. Ele havia entrado em uma das ruas secundárias e abandonado seu disfarce assim que ficou fora da vista de olhares indiscretos. Esperava que Anaïs pudesse ter pena de um velho reumático para que pudesse acabar com aquela situação desagradável. Mas embora tenha sido muito atenciosa e gentil, não ofereceu nenhum bálsamo curativo nem colocou a mão sobre ele para curar sua dor evidente. Ele se perguntou por que estava com tanta pressa. Não estava querendo retornar às Terras Fae ou a atenção da rainha, porém, esse era o jeito dele, uma vez que estava focado em fazer algo, era obstinado.

Para falar a verdade, também não gostava de assumir a identidade de um idoso. Estava acostumado demais aos olhares de admiração do sexo oposto para desfrutar de qualquer tipo de anonimato, embora pelo menos ela o tenha olhado nos olhos. Ele riu por dentro e balançou a cabeça, vaidade... uma característica muito desagradável. Ainda assim, não pôde deixar de se perguntar qual seria a reação dela se ele aparecesse com sua aparência real. Não que tivesse qualquer intenção de seduzi-la. Negócios e prazer nesta ocasião não deveriam se misturar. Além disso, fazer isso seria algo desprezível. Afinal, ele tinha alguns padrões. Ficou chocado quando descobriu como o príncipe havia conquistado sua noiva. Se fosse qualquer outra pessoa, Dannon teria intervindo, mas Corin era um homem com quem não se brincava.

Dannon, no entanto, não aceitava esse tipo de trapaça. No que dizia respeito às mulheres, qualquer uma que se envolvesse com ele sabia exatamente no que estava se metendo e, pobre daquelas que não acreditassem nele ou pensassem que poderiam mudá-lo. Não tinha tempo para aqueles que brincavam com as emoções dos outros, prometendo amor e devoção quando não tinham intenção de dá-los. Também não tinha a menor intenção de

arrastar uma mulher apaixonada de volta para casa com ele, pois as coisas já eram complicadas o suficiente. Não que acreditasse que a rainha se importaria, desde que Dannon atendesse às suas necessidades, ela não parecia se importar com ele.

Ele se levantou do banco e viu seus pés refazendo seu caminho anterior. Era certamente um cenário idílico, pois o rio serpenteava por todo o vilarejo. Cada esquina parecia estar decorada com flores e a velha abadia com sua torre sineira medieval erguia-se como uma antiga sentinela sobre o local.

Ao se aproximar mais uma vez da padaria, Dannon viu Anaïs sair com as mãos ocupadas para servir uma família de turistas que ocupava as duas mesas do lado de fora. Ela estava servindo a todos uma deliciosa torta de morango com chantilly e ele lembrou a si mesmo severamente que tinha comido muito pain au chocolat naquela manhã, e não iria entrar lá de novo.

Ele chamou a atenção dela quando se aproximou e ficou satisfeito ao ver a centelha imediata de interesse. Era um avanço. Bem... talvez pudesse parar apenas para tomar um café. Ele se abaixou sob o dintel baixo da porta e entrou, piscando um pouco depois do brilho do sol.

— *Désolée, Monsieur* — ela o cumprimentou, enquanto o seguia para dentro. — Infelizmente está bem quente aqui hoje, a cozinha aquece tanto este imóvel antigo que depois ele não esfria mais. — Ela abriu um sorriso reluzente e ele notou que tinha covinhas nas bochechas, sim, certamente tinha sangue Light Fae.

Ele deu de ombros, sem olhar para ela e voltou sua atenção para um jornal que pegou no caminho.

— Não tem problema — disse ele, propositalmente, para não a encorajar a flertar.

— O que o senhor vai querer? — perguntou, e Dannon pôde sentir os olhos dela sobre ele, cheios de curiosidade.

— *Café, s'il vous plaît.* — Ele não tirou os olhos do jornal e Anaïs foi buscar seu café. Quando voltou, ela colocou o café na mesa e apontou para os balcões refrigerados onde havia tortas de morango, limão e de várias outras frutas, sem falar nas delicadas massas choux recheadas com creme.

— Posso tentá-lo a experimentar um dos meus doces? — perguntou ela, em um tom um tanto sussurrante. — Eles são muito bons.

Dannon olhou para o jornal e fez um esforço para ignorar o fato de que sua boca estava salivando. — *Non, merci.*

Ele pôde sentir a surpresa dela e suspeitou que poucos poderiam lhe negar algo, talvez essa fosse mais uma evidência de seu sangue Fae. A habilidade de persuasão, *sedução*, sempre foi um talento dos Fae. Mas isso falharia com ele. Dannon sentiu uma pontada de aborrecimento por ter sido mais difícil negar algo a ela do que esperava. Talvez isso tenha sido uma má ideia.



Anaïs olhava para o desconhecido lindo enquanto torcia uma baguete em uma embalagem quadrada de papel e a entregava a uma mãe de aparência

cansada com uma criança que se contorcia em seus braços. *Ele certamente é muito bonito*, pensou com um suspiro. E ele com certeza sabia muito bem disso. Um modelo talvez? Cabelo castanho salpicado com uma cor dourada mais clara, um pouco enrolado na altura do pescoço e, de onde ela estava, podia ver a linha forte de sua mandíbula. *Ele é um homem teimoso*, pensou com um sorriso. Dava para perceber pela maneira como se comportava, pela posição do queixo, ou pelo menos... ela simplesmente sabia. Geralmente era ótima em avaliar os outros e se perguntou se teria a chance de provar que estava certa. O resto dele certamente poderia ser investigado mais de perto também. Ela se perguntou como seria passar as mãos naqueles ombros musculosos, descendo pelo que suspeitava serem abdominais bem definidos. Ele ergueu os olhos, pegando-a olhando-o e ela corou um pouco, mas o estranho não reagiu, apenas tomou um gole de café e voltou para o jornal. Droga, precisava encontrar um namorado logo antes de começar a se atirar nos clientes. Embora se tivessem uma aparência parecida, ela se sentiria razoavelmente justificada.

Ela deu uma olhada para o balcão quando uma ideia audaciosa lhe veio à mente e mordeu o lábio. *Oh, e por que não?* Com sua mão hábil, deslizou uma torta de morango em um prato e levou-o para ele, colocando-o sobre a mesa. Ele a olhou com uma carranca.

— Eu não pedi isso — disse ele, parecendo irritado.

Anaïs deu de ombros para ele. — É por conta da casa.

Ele largou o jornal, olhando para ela, parecendo bastante irritado. — Sou perfeitamente capaz de pagar por algo se eu quiser.

— Nunca duvidei disso — disse ela, olhando-o por baixo dos cílios e desejando que ele aceitasse a torta. — Só achei que deveria provar um pouco... não sabe o que está perdendo — acrescentou ela, em um tom suave. Ela abriu aquele sorriso que sempre fazia o carteiro corar até os pés e ficou desapontada quando ele afastou o prato.

— *Non, merci.*

Achando graça, ela ergueu as sobrancelhas e cruzou os braços. — Não vá me dizer que está fazendo uma dessas dietas da moda?

Ele ergueu os olhos novamente com um suspiro exasperado, embora, por um momento, ela pensou ter visto uma leve contração em seus lábios.

— Não.

Ela deu de ombros e pegou o prato. — Como quiser, embora eu não saiba por que veio aqui neste calor se não quer comer alguma coisa.

Ele colocou o jornal sobre a mesa com um bufo. — Você gostaria que eu fosse embora?

Ela riu e limpou a mesa já impecável. — Claro que não. Bem... vou deixá-lo com seu jornal então.

— Muito obrigado — respondeu ele, com a voz carregada de sarcasmo.

Ela ficou ocupada pelos próximos dez minutos ou mais enquanto os clientes entravam e saíam e então, enquanto limpava uma das mesas, percebeu

que a xícara dele estava vazia. Ela pegou a pequena *demitasse* e decidiu tentar novamente:

— Posso lhe trazer outro?

Ele assentiu com a cabeça.

— Gostaria de mais alguma coisa?

Ele abaixou um pouco o jornal e olhou para ela por cima dele.

— *D'accord!* Só pensei em verificar — disse ela com um sorriso atrevido antes de sair para pegar mais uma xícara para ele. Anaïs riu consigo mesma, ele realmente era muito encantador e bem determinado a ficar zangado. Ela levou o café para ele antes de pegar uma lata de chá gelado para si e sentar-se à mesa ao lado dele. Ela tirou os sapatos com um suspiro e abriu a lata, colocando um pouco do chá em um copo.

— O senhor mora por aqui? — perguntou, e foi recebida com uma expressão incrédula.

— Não — respondeu incisivamente, sem dar abertura para mais perguntas.

— De férias?

— Não. — Ele estalou o jornal para tentar redobrá-lo com um ar de profunda irritação.

— Oh — disse ela, cada vez mais entretida com a irritação dele. — Então o que o traz à nossa pequena cidade?

— Negócios — vociferou, e tentou endireitar o jornal que estava ficando cada vez mais amassado. — E isso não é da sua conta! — acrescentou com um tom ácido.

Ela assentiu e tomou um gole de sua bebida, permitindo que ele voltasse ao jornal por um momento. O silêncio permaneceu, desafiando-a.

— Que tipo de negócio?

Ele dobrou o jornal com um estalo e bebeu o café tão rápido que teve certeza de que deve ter escaldado a língua. Com uma última olhada na direção dela, espalhou algum dinheiro sobre a mesa, pegou o jornal e saiu.

Anaïs pegou a xícara vazia e o dinheiro, e voltou para trás do balcão com um sorriso satisfeito. — *Oui* — disse em voz alta para ninguém em particular.

— Teimoso como uma mula.

CAPÍTULO 3



Para grande decepção de Dannon, a criatura irritante não estava na padaria na manhã seguinte, pois agora estava determinado a acabar logo com isso. Em vez disso, foi atendido por um homem mais velho e careca, que imaginou ser o pai dela. Pelo visto ela folgava às quartas de manhã e, embora o pai fosse bastante amigável, ele não conseguiu obter nenhuma informação útil. No entanto, havia vários cafés a algumas portas de distância, então, mais tarde naquele dia, ele voltou, sem o disfarce, em uma posição onde poderia ficar de olho na padaria.

Ela virou a placa de “fechado” às quatro horas e saiu para limpar as mesas para o turno da noite. Os clientes entravam e saíam, e ele observava enquanto ela ria, brincava e conversava com todos. Certamente parecia ter um temperamento vivaz e alegre, ótimo para quem gosta desse tipo de coisa e todos que iam à padaria pareciam sair de lá com um sorriso. Exceto ele.

Dannon começou a acreditar que estava perdendo tempo novamente quando uma jovem apareceu, claramente angustiada. Estava grávida e Anaïs não perdeu tempo em sentá-la e trazer-lhe um copo d’água. Ele observou atentamente ela pegar uma garrafinha de vidro e colocar algumas gotas na água antes de entregá-la à mulher que bebeu. Anaïs pegou a mão dela e sentou-se por um momento com os olhos fechados antes de colocar a mão suavemente sobre sua barriga grande. Depois de alguns momentos ela sorriu e a mulher ao seu lado pareceu relaxar visivelmente.

Dannon levantou-se, foi até a padaria e sentou-se do lado de fora, na mesa vazia ao lado delas. Ele assentiu com a cabeça para Anaïs, que lhe sorriu de volta antes de voltar sua atenção para sua companhia.

— *Merci beaucoup, Anaïs*, já estou me sentindo muito melhor — disse a mulher, com os olhos cansados cheios de alívio.

— Não seja dramática — respondeu Anaïs, rindo e balançando a cabeça. — Eu não fiz nada, você só estava ficando nervosa, só isso.

A mulher sacudiu a cabeça. — Não, não estava — respondeu ela, em um tom de certeza. Ela enfiou a mão na bolsa para pegar sua carteira e Anaïs pegou na mão dela.

— Não se atreva, estou falando sério, não foi nada — disse ela, com um sorriso firme. — Agora vá para casa, coloque os pés para cima imediatamente e peça àquele seu marido que não vale nada para fazer o jantar desta vez.

Ela sorriu para Anaïs e beijou-a na bochecha. — Você é um anjo.

Dannon observava com curiosidade enquanto elas se despediam e Anaïs se levantava para anotar seu pedido. Ele acenou com a cabeça para a figura que se retirava.

— Ela está bem? — perguntou, tentando não parecer muito interessado.

Anaïs ergueu as sobrancelhas surpresa com a pergunta. — Está sim, apenas uma mãe de primeira viagem que ficou nervosa... isso geralmente acontece.

Ele olhou para ela bruscamente, se perguntando por que falava com tanta certeza. — Então você tem filhos?

Anais sorriu com a pergunta e Dannon se xingou ao perceber que ela interpretara errado seu interesse. — Não, na verdade não. Também não sou casada, nem tenho namorado... caso esteja se perguntando isso — acrescentou, piscando para ele.

— Não, não estava — disse, e franziu a testa para ela, se perguntando o que havia nela que o fazia se sentir tão frágil. — Por que ela veio até você? — pressionou ele. — Você é enfermeira?

Ela ficou séria imediatamente e balançou a cabeça. — Não, não sou, ela é apenas uma amiga. Hoje o senhor quer pedir alguma coisa?

Desta vez, foi a vez de ele sorrir, satisfeito por ela estar escondendo alguma coisa. — Como você está tão determinada, vou experimentar uma daquelas tortas de morango.

Uma expressão divertida cruzou o rosto dela, embora ainda o olhasse com desconfiança. — Tarde demais, infelizmente acabaram todas.

— Oh, deixe para outro dia então. — Ele começou a se levantar para sair.

— Mas tenho outra coisa que o senhor também vai gostar — acrescentou ela, e, apesar de tudo, havia algo em seu tom que o fez hesitar.

— Sim?

Ela apontou um dedo para ele e sorriu. — Não se mova.

Ele esperou até que ela voltasse e lhe entregasse uma fatia de torta de chocolate escuro e brilhante. Sentou-se ao lado dele na mesa sem ser convidada e Dannon ergueu as sobranceiras diante de sua audácia, mas ela simplesmente bateu as mãos para ele com impaciência.

— *Mangez, mangez!* — exigiu ela.

Obedientemente, ele pegou o garfo e cortou um pedaço da torta. A massa estava crocante e fina, e ela observou o rosto dele atentamente. Tomou muito cuidado para não demonstrar nada enquanto o sabor profundo e rico explodia em suas papilas gustativas. Poderia ter gemido de prazer de tão divino. Em vez disso, apenas engoliu e a olhou.

— É boa — disse ele, sabendo que isso a irritaria.

— Boa?! — exclamou, parecendo tão indignada que ele teve que se esforçar para manter o rosto passivo. — É incrível e você sabe disso. Ela é... a mais pura delícia em um prato!

Deu uma olhada para ela, com uma pergunta nos olhos que a fez corar, então soube, sem sombra de dúvida, que tinha feito aquela torta para ele. — Sim — admitiu ele, com uma voz tão aveludada quanto o recheio delicioso e observou os olhos dela escurecerem, derretendo como o chocolate em sua boca. — Isto é. — Ele colocou outro pedaço na boca, sustentando o olhar dela e mastigando com uma expressão pensativa. — Chocolate, laranja e...?

— Você nunca vai adivinhar. — Ela cruzou os braços, parecendo presunçosa enquanto ele tentava descobrir o sabor misterioso.

— Tomilho — disse ele, observando enquanto a boca dela se abria em

estado de choque.

— Não acredito que adivinhou!

Ele bufou, olhando para ela com diversão. — Não foi um palpite.

Ela estreitou os olhos para ele, claramente tentando entendê-lo. — Você é algum tipo de crítico gastronômico?

Dannon decidiu exibir todo o seu charme e permitiu que um sorriso se curvasse em seus lábios lentamente. Ele observou quando os olhos dela caíram para sua boca e permaneceram lá. — Não — respondeu ele, com uma voz suave e cheia de humor —, só tenho um paladar muito... *refinado*.

Passou a língua nos lábios, um movimento deliberado, enquanto ela engolia em seco e ele se sentiu satisfeito pelas palavras terem soado tão sedutoras quanto pretendia.

— Vou buscar um café para o senhor — disse ela, bem ofegante, e desapareceu dentro da padaria.

Dannon riu sozinho. Pelo menos descobrira como calá-la. No entanto, Anaïs estava certa sobre a torta, era extraordinária. A riqueza do chocolate e o picante da laranja realçavam a doçura do tomilho. Era simplesmente a coisa mais deliciosa que já havia provado.

Ele observava alguns clientes entrando e saindo, e então notou um jovem chegando com um buquê de flores e uma expressão determinada. Tudo continuou tranquilo por um momento até que o inferno começou: houve uma saraivada de palavras muito impressionantes e o jovem voltou correndo pela porta seguido de perto por Anaïs, ainda xingando e empunhando o buquê como uma arma. Ela passou a usá-lo da mesma maneira e bateu várias vezes na cabeça dele, fazendo as pétalas voarem em todas as direções.

— *Casse-toi!* Se voltar aqui de novo assarei suas bolas no forno!

O jovem corou em um tom profundo de escarlate antes de alisar o cabelo e voltar rapidamente na direção de onde tinha vindo, com o rabo firmemente entre as pernas. Anaïs se virou, ainda segurando as flores e levantou o queixo desafiadoramente para Dannon, provocando-o a dizer algo. Isso era naturalmente irresistível.

— Se é assim que cumprimenta os potenciais pretendentes, agora entendo por que não tem namorado.

Ela pegou uma pétala perdida que havia caído na mesa na frente dele. — Ele já experimentou desta cereja em particular e não vai experimentar novamente! — retrucou.

Deixando-o com aquela imagem mental tentadora, ela voltou para dentro. Dannon riu e sentiu pena do homem que havia se relacionado com ela. Poderia ser pequena, mas era claramente durona, ou seria uma assadora de bolas? Comeu até o último pedaço da torta antes de se levantar e entrar para pagar a conta.

Ela estava varrendo as pétalas do chão com mais vigor do que o estritamente necessário.

— É seguro? — perguntou ele, erguendo uma sobrancelha.

— Cale a boca — murmurou ela, com as bochechas coradas. Ele se perguntou se estava mais magoada do que parecia, já que seus olhos brilhavam um pouco, mas não resistiu a outra pequena cutucada à luz de sua grosseria.

— Francamente, estou surpreso que você tenha clientes, que dirá namorados, se é assim que fala com eles — disse Dannon, incapaz de se impedir de sorrir para ela.

Ela ergueu os olhos para ele e Dannon ficou satisfeito ao ver que parecia mais calma. — Não falo assim com a maioria dos clientes — disse ela, fungando. — Reservo-o exclusivamente para o senhor.

Dannon inclinou a cabeça, com seu sorriso crescendo. — Estou profundamente honrado.

Ela encostou a vassoura na parede, afastou uma mecha de cabelo loiro do rosto e estendeu a mão para pegar o dinheiro. — Deveria estar mesmo.

Ele deixou cair o dinheiro na palma da mão dela, dirigiu-se até a porta, mas parou por um momento. — A propósito, você tinha razão — acrescentou, querendo lhe dizer a verdade —, a torta estava simplesmente deliciosa.

Ele ficou impressionado com a expressão do rosto dela, o elogio a agradou enormemente e ficou feliz por ter melhorado um pouco o humor dela. Ele ia sair, mas a voz dela o deteve, com o pé na soleira:

— Vou preparar outra coisa amanhã — disse ela, e então ele percebeu a esperança em suas palavras. — Algo igualmente delicioso. Você virá para experimentá-lo?

Ele saiu pela porta, escondendo um sorriso. — Talvez.



Anaïs o observou partir e se repreendeu por ter criado esperanças. Era muita estupidez ficar de olho em alguém que estava na região apenas a negócios e que iria embora em algumas semanas. Ele provavelmente era casado e tinha dezenas de filhos. Ela pensou na possibilidade e balançou a cabeça. Apostaria dinheiro no fato de que ele era um solteirão. Poderia muito bem ter *mulherengo* estampado em sua testa, o que era uma boa razão para mantê-lo longe. Resolveu tirá-lo de sua mente, quer ele voltasse ou não. Simplesmente não valia a pena o risco. Então se lembrou daqueles ombros largos e da curva da boca sensual e não teve tanta certeza de que conseguiria fazer isso. Droga, por que os lindos sempre vêm com complicações?

Ela varreu as pétalas machucadas com uma pá e uma vassoura, e saiu para jogá-las na composteira. Simplesmente não conseguia acreditar na audácia de Charles indo lá novamente. Ele era um idiota. Estavam namorando há quase quatro meses quando percebeu que ele preferia passar o tempo bebendo com os amigos do que com ela e só aparecia na sua porta bêbado e de madrugada, querendo transar. Isso tinha acontecido há dois meses, e ele ainda voltava de vez em quando para tentar fazer as pazes com ela. Poderia não ser uma cientista de foguetes, mas também não era estúpida. E era tão teimosa quanto havia pintado seu belo cliente e, quando tomava uma decisão, havia pouca

esperança de fazê-la mudar de ideia.

O lindo sujeito voltou à sua mente e ela se sentou nos degraus que levavam ao seu jardim com um suspiro. Ele parecia interessado no que ela estava fazendo com Marie, o que era um pouco preocupante. Ele era esperto, teria que ser mais cuidadosa. Ela não queria que algum entusiasta da saúde e segurança tentasse impedi-la de vender remédios fitoterápicos, e isso foi basicamente tudo o que fez. Basicamente.

Sua avó lhe ensinou muito sobre seus talentos. A mãe dela também, mas pensar nelas trouxe lágrimas aos seus olhos. Sentia muita falta delas, especialmente da mãe, que não havia partido há muito tempo. Seu pai também. Ele ficou arrasado quando a esposa morreu. Quase perderam tudo porque ele estava muito deprimido para trabalhar, mas aos poucos voltou. Ele não era o mesmo homem de antes, mas pelo menos sorria um pouco agora. Infelizmente, um coração partido era a única coisa que ela simplesmente não conseguia curar. Pensou no bebê que a mulher carregava e sorriu. Marie estava certa, ela a ajudou. A percepção lhe proporcionou um acalento, uma satisfação que nem mesmo o ato de cozinhar poderia lhe dar. No entanto, falando em cozinhar, prometera ao homem misterioso algo novo para o dia seguinte e igualmente delicioso. Foi uma promessa precipitada, pois não tinha nada em mente.

Ela se levantou e caminhou pelo jardim em busca de inspiração. Geralmente Anaïs poderia encontrá-la ali, naquele pequeno pedaço de chão. Ela viu as alegres flores brancas e amarelas de sua camomila, balançando suavemente na brisa leve que pouco fazia para refrescar o calor da tarde. Ao ouvir o sino tocar na padaria quando um cliente chegou, fez uma nota mental para pegar algumas mais tarde. *Infundida em um pouco de leite... pode ser que fique bom.* Sorriu para si mesma enquanto ficava cada vez mais satisfeita com a ideia. Era o favorito de todo homem, ela não poderia falhar. Sua avó acreditava firmemente que o caminho para o coração de um homem era através do estômago. Bem... era isso que ela veria.

Ela voltou para dentro com um sorriso determinado no rosto, esquecendo completamente que havia decidido tirá-lo de sua mente.

CAPÍTULO 4



Anaïs olhou para o idoso pela vitrine e mordeu o lábio. Ele claramente estava com dor. As juntas de suas mãos estavam inchadas, torcendo tanto os dedos que mal conseguia segurar a xícara de café. Decidiu que não poderia deixá-lo naquele estado. Iria com cuidado para ver o que aconteceria. Na cozinha improvisada que ela havia criado no galpão do jardim, começou a preparar as coisas de que precisaria enquanto deixava um pouco de chá em infusão. A ulmária ajudaria com a inflamação e a dor. Ela acrescentou um pouco de gengibre para aquecer as juntas e canela para deixar o sabor um pouco mais doce. Mel pelo mesmo motivo, mas também porque tinha propriedades curativas maravilhosas. Colocou um pouco em uma pequena xícara de chá e inalou o aroma picante e bastante amadeirado antes de levá-lo para ele.

Sentou-se à mesa ao lado dele, entregou-lhe o chá e ficou satisfeita ao ver a alegria em seus olhos quando ela se juntou a ele.

— Fico encantado por ter o prazer da sua companhia, *Mademoiselle*, mas não pedi chá.

Ela sorriu para ele, estendendo uma mão sobre a mesa. — Suas mãos estão doendo esta manhã?

O velho fez uma careta e as escondeu embaixo da mesa. — Não é nada. Eu estou bem, minha querida.

Anaïs sorriu para ele e deu um tapinha em seu braço. — Beba o chá, irá ajudá-lo. — Ela se levantou e estava prestes a voltar para dentro, mas hesitou. Havia algo naquele homem que fazia seus instintos formigarem, mas... — Eu... eu também tenho outra coisa, se quiser tentar. Ajudará a aliviar a dor. Entre quando terminar o chá.

Anaïs esperou lá dentro, se perguntando se iria entrar ou se o orgulho o impediria, e sorriu quando ele passou pela porta. Ela lhe deu a mão para ajudá-lo a descer os degraus que levavam à cozinha. Observou enquanto os olhos dele percorriam o cômodo com surpresa. Era tudo muito moderno, com azulejos brancos brilhantes e aço inoxidável, e então ele fez uma pausa.

— Isso não era o que eu esperava.

Ela torceu o nariz. — Horrível, não é mesmo? Mas são as novas leis. Venha por aqui que vou lhe mostrar meu segredinho. — Anaïs lhe deu um sorriso e o levou para o jardim onde ele parou no meio do caminho.

— É lindo — murmurou ele.

Ela deu uma olhada para trás e percebeu que ele estava sendo sincero. Não que ela estivesse surpresa por ele achar isso. O pátio minúsculo era cercado por um muro de pedra e, cada centímetro do espaço, inclusive do muro, estava repleto de ervas e flores de todas as variedades e tipos. Os aromas misturados infundidos pelo ar quente criavam uma mistura inebriante, e borboletas e abelhas disputavam espaço em cada flor disponível.

— Por aqui. — Ela apontou para um galpão dilapidado e o conduziu para dentro. Ali havia uma cozinha rudimentar, uma pia, um queimador e várias prateleiras com garrafas e potes de vidro. Ervas secas pendiam do teto em feixes e o cheiro no espaço fechado minúsculo era ainda mais forte do que do lado de fora. Ela o ajudou a se sentar em uma cadeira e gesticulou para que ele lhe desse as mãos.

Ele olhou para ela nervoso e Anaïs reprimiu um sorriso. Honestamente, os homens são uns bebês, o que ele achava que ela iria fazer? Cortar seus dedos? Finalmente ele ergueu as mãos. Anaïs pegou-as com delicadeza e teve que resistir à vontade de deixá-las cair no colo dele. Em vez disso, ela as colocou sobre a mesa com cuidado e enxugou as mãos no avental antes de se levantar sob o pretexto de pegar uma toalha limpa. Isso foi *estranho*. Com as mãos inchadas daquele jeito, ela deveria ser capaz de sentir o calor da dor dele. Normalmente, uma dor como a dele quase queimaria a pele dela e, em vez disso, ela sentiu... Ela se sentou, respirou fundo e tentou novamente, e novamente teve que resistir à vontade de sair correndo da cozinha. Não havia dor sob as pontas dos dedos, nenhuma deformação. Havia simplesmente boa saúde. Na verdade, era... ela largou as mãos dele dessa vez e sentiu um suor frio escorrendo pela nuca.

— Você está bem, minha querida? — O idoso a olhava com uma intensidade que a deixou nervosa. Na verdade, tudo nele a estava assustando pra caramba e a deixando em alerta.

— Sim, estou bem, obrigada. — Não pode ser, *não pode ser*. Ela o queria fora dali o mais rápido possível.

Ela ergueu os olhos e foi pega mais uma vez por aqueles profundos olhos castanhos e ofegou quando o reconhecimento a atingiu.

— Você tem um filho... ou um neto talvez?

O idoso arregalou os olhos, parecendo bastante chocado.

— Por que a pergunta? — exigiu, soando um pouco na defensiva.

Ela o olhou, sabendo que eles tinham que ser parentes. — Tem um homem, ele veio aqui algumas vezes, é que... seus olhos, são idênticos.

Ela percebeu que havia algo acontecendo por trás daqueles olhos, mas simplesmente não sabia dizer o quê. Achou que talvez ele não fosse responder quando falou: — Faolán, meu... meu neto.

Ela suspirou, aliviada, então esse deveria ser o problema. Estava tão envolvida com o neto que isso de alguma forma estava interferindo em seu dom.

— É um nome incomum.

O idoso franziu um pouco a testa e deu de ombros, seu olhar penetrante vagando pelo local enquanto falava: — É o nome do pai dele. Um nome de família, dado a todo primogênito.

Ela assentiu e colocou um pouco de azeite em uma tigela de porcelana. — Como ele é?

Ele estreitou os olhos para ela com um leve sorriso. — Por que quer saber?

Ela deu de ombros e acrescentou gotas de alecrim, eucalipto e olíbano ao azeite. — Só curiosidade. Ele é sempre tão mal-humorado?

O idoso bufou achando graça. — Não, geralmente ele é pior que isso — respondeu, observando os preparativos dela com um interesse indisfarçável.

Ela ergueu as sobrancelhas. — *Realmente?* Ele não me pareceu ser mal-humorado.

— Não? — respondeu, com os olhos brilhando de interesse. — Como assim?

Ela mexeu a mistura que havia feito com um dedo, com uma expressão pensativa. — Não sei — respondeu, sorrindo para ele. — É que... aquela boca, foi feita para sorrir. — Ela não sabia por que havia dito isso, embora fosse verdade. Francamente, Anaïs também achava que era feita para muitas outras coisas, mas não iria dizer isso ao avô dele.

Colocou um pouco de óleo na mão antes de esfregá-las e gesticular para que ele colocasse uma mão na toalha limpa dobrada que havia colocado na mesa. Ela pegou a mão dele, reprimindo os sentimentos estranhos e perturbadores que a dominavam e começou a massagear as articulações inchadas. Ela ergueu os olhos depois de alguns minutos e viu que o idoso havia fechado os olhos, e se perguntou se o estava machucando, pois era muito estranho não ser capaz de saber.

— O senhor está bem? Está doendo muito? — perguntou, preocupada com a imobilidade dele.

— Não, está tudo bem, obrigado.

Ela achou que a voz dele soou um pouco estrangulada, então percebeu que ele estava sendo forte e se acalmou, massageando os dedos e a palma da mão mais devagar e com mais ternura, e o viu respirar fundo.

Ela parou por um momento. — Tem certeza de que não o estou machucando muito? O senhor não está apenas sendo forte?

Ele balançou a cabeça, mas sem olhar para ela, e Anaïs franziu a testa, continuando, mas tomando cuidado extra. O óleo deslizava sobre a pele dele e o perfume era agradável enquanto ela trabalhava, alisando suas mãos com movimentos lentos e deliberados para cima e para baixo em cada dedo por vez, e então sobre a mão e subindo pelo pulso. Esperava que isso fosse reconfortante para ele, mas estava achando difícil dizer.



Dannon se esforçou para se concentrar e lembrar cada um dos títulos que lhe foram concedidos desde o nascimento, contar cada acre de terra que possuía e descobrir exatamente quantas pessoas trabalhavam para ele. Qualquer coisa, menos se concentrar no que ela estava fazendo com os dedos. Ele havia mentido... estava sendo forte, muito forte mesmo. Precisava sair daquele lugar imediatamente. Podia imaginar a reação dela se o idoso tentasse beijá-la. O pensamento foi tão hilário que quase riu alto.

Droga, o que diabos havia de errado com ele? Não conseguia detectar nenhum traço de magia nos óleos que estava usando ou ao redor dela, mas de

alguma forma, enquanto o tocava, ele fez tudo o que pôde para não a agarrar ali mesmo e colocá-la sobre a mesa. De alguma forma, o que ela estava fazendo parecia muito mais... *íntimo* do que deveria. Ela pousou a mão direita dele e gesticulou para que lhe desse a esquerda.

Oh, deuses.

Quando finalmente terminou a tortura deliciosa, lhe perguntou se ela poderia pegar um copo de água para ele, na esperança de que saísse da cozinha por um momento para que pudesse se recompor. Mas havia se esquecido da pequena pia no canto e Anaïs foi obrigada a passar por ele no espaço já lotado para chegar até ela. Isso não ajudou nem um pouco.

Ele observou quando ela se abaixou para pegar um copo na parte de trás de uma prateleira com cortina e se xingou quando as amplas curvas de seu traseiro lhe foram apresentadas. Foi uma péssima ideia, ele deveria ter se concentrado na espionagem. Dannon a observou, subitamente fascinado por seus dedos hábeis enquanto ela pegava o copo e abria a torneira. Sua pele era impecável, uma cor tão delicada contra o cabelo loiro que havia amarrado mais uma vez em uma trança frouxa e que ia quase até a cintura. Ela encheu o copo e entregou-o a ele.

— Está melhor? — perguntou ela, demonstrando preocupação em seus olhos azuis.

Dannon hesitou, precisava saber se ela tinha o dom, mas para ser sincero, não tinha certeza se conseguiria aguentar por muito mais tempo.

— Um pouco, obrigado — disse ele, em um tom cauteloso. — Foi muito gentil da sua parte.

— Imagina, o senhor pode voltar... se piorar.

Dannon bebeu a água e achou que seria improvável que pudesse aguentar aquilo de novo, teria que pensar em outra coisa. — Quanto eu lhe devo? — Ele gesticulou para os óleos.

Ela balançou a cabeça. — Nada.

Ele franziu a testa, se perguntando como ela poderia fazer isso de graça. — Mas pelo menos o chá.

Ela sorriu para ele e o ajudou a se levantar. — O senhor pode falar bem de mim para o seu neto, se quiser. Isso é o suficiente.

Ele se levantou e a olhou, balançando a cabeça. — Não — disse, precisando alertá-la, aconselhá-la a manter distância já que não poderia lhe trazer nada de bom. — Você... você deveria ficar longe dele. Ele não é para você, minha querida.

Ele viu um rubor surgir em suas bochechas quando a raiva tomou conta dela. — Por quê? Não sou boa o suficiente?

Ele se assustou, surpreso e chocado com a raiva dela e estendeu a mão, mas ela se afastou. — *Non*, não foi isso que eu quis dizer — disse ele, suas palavras rápidas e firmes. — Disse isso para o seu bem. Você não deveria se envolver com ele. Ele... ele não vai ficar, não vai lhe dar o que você merece. Não vá atrás dele.

Dannon podia ver a decepção no rosto dela, uma expressão preocupada que fez algo mudar em seu peito e a culpa se contorcer sob sua pele.

— *Oui* — disse ela, com um sorriso que nem sequer alcançava seus olhos lindos. — Eu já tinha percebido isso. — Ela deu de ombros enquanto guardava as garrafinhas de óleo e arrumava o balcão. — Acho que ele não vai voltar mesmo. Creio que não gostou muito de mim.

— Tenho certeza de que isso não é verdade — disse ele, se perguntando por que dissera isso. Ela o irritara pra caramba.

— Ah, pois eu acho que é. — Ela parecia cansada de repente. A vitalidade que ele via como parte do ser dela se esvaiu e percebeu que ela estava cansada. Anaïs ficara frustrada com uma sensação de inquietação que ela não sabia como curar. Dannon reconheceu os sintomas nela porque ele próprio os conhecia muito bem. Ela o ajudou a voltar para o pátio e Dannon sabia que Anaïs queria que ele fosse embora. De alguma forma, havia perturbado ainda mais a paz dela e esse pensamento o machucou. Ele parou, querendo consertar isso de alguma forma, mas sem saber como proceder.

— Você é feliz? — perguntou ele, e hesitou ao ver o receio ganhar vida nos olhos dela. — Quis dizer com a sua vida aqui — pressionou, sabendo que deveria apenas manter a maldita boca fechada, mas percebeu que era impossível. — É isso que você planeja fazer... durante todos os seus dias?

Ela o olhou boquiaberta, com aquele receio no olhar se intensificando cada vez mais. Dannon observou as emoções passarem pelo rosto dela. Viu o momento em que ela decidiu arriscar em vez de dizer que não era da conta dele.

— Eu era... eu *era*, mas... — Ela afastou uma mecha de cabelo do rosto, no que ele agora descobriu ser um gesto habitual. Ela a colocou atrás da orelha enquanto olhava ao redor do pequeno jardim. Passando a língua nos lábios, olhou para a profusão de plantas e flores como se a resposta pudesse ser encontrada ali, franzindo a testa em uma confusão profunda. — Não sei! — exclamou ela, um momento depois. A veemência de suas palavras confirmou tudo o que ele suspeitava. — Eu sinto como... como se estivesse faltando alguma coisa. — Ela ergueu as mãos exasperada, parecendo mais confusa do que nunca. — Ah, por que estou lhe contando isso? É idiotice. — Ela respirou fundo e pegou o braço dele novamente. — Sim — disse ela, com a voz firme. — Sim, estou bem — acrescentou, colocando um sorriso no rosto e balançando a cabeça como se tudo não passasse de um desabafo bobo e infantil. — Sou tão feliz quanto qualquer outra pessoa, imagino. Poderia ser pior certo? Sou muito sortuda. — Ela sorriu novamente, forçando a boca para a posição que normalmente ficava e ele percebeu o quão inquieta a havia deixado.

Não só ela.

Deveria ter mantido sua maldita boca fechada.

CAPÍTULO 5



Dannon olhou para o açude enquanto a água jorrava sob a antiga ponte de pedra, correndo entre os arcos, sem se importar com o destino, pois o caminho traçado era simples e fácil de seguir. Sentiu uma pontada de inveja e desejou que seu próprio caminho fosse tão claramente marcado.

Em frente a ele, do outro lado do rio, os garçons preparavam as mesas para os jantares da noite no *Le Moulin de L'Abbaye*. Os jardins ao redor do estabelecimento estavam repletos de gerânios escarlates, e a hera subia pelas paredes do antigo moinho, enrolando-se em torno das persianas azuis brilhantes.

Ele pensara em voltar para ver Anaïs — estava a caminho — antes de mudar de ideia e dar meia volta. Ela o havia perturbado da mesma forma que ele sabia que havia prejudicado a paz dela, e não sabia o que fazer a respeito. Já fazia um bom tempo que estava cansado da espionagem. No passado, se sentiu atraído pelo trabalho de um espião. Ele tinha uma habilidade única, então por que não a usar bem? Afinal, quando se tratava de traição ou da segurança das Terras Fae, não tinha escrúpulos em usar todos os meios necessários para obter as informações de que precisava. Poderia ser implacável e intransigente, se achasse que era necessário. Essa garota, no entanto, tinha uma vida. Ela não sabia nada sobre o mundo para o qual pretendia levá-la se ele se convencesse de que tinha o dom. Esse pensamento não lhe agradou.

Ele se perguntou se deveria contar a verdade, e então imaginou a reação dela se lhe contasse que era um Duque de Alfheim, um reino que existia em outra dimensão.

Ela era uma garota sensata que provavelmente iria bater na cabeça dele com uma das baguetes do pai.

Seus pensamentos voltaram para o pequeno local de ervas e para a sensação das mãos macias dela nas dele. Era tão... saudável, tão fresca quanto um pão recém-assado. Ela até tinha um cheiro comestível. Saber que ela o desejava e não escondia seu interesse era como uma picada de inseto: quanto mais tentava não coçar, mais ele queria. Havia algo nela, naquela bondade... que fazia com que ele desejasse fazer coisas erradas.

As mulheres que buscava em seu reino eram bem diferentes. Ele não tinha tempo para sair por aí partindo corações e ficava longe de qualquer uma que quisesse algo mais do que um caso rápido. Uma ou duas noites de prazer mútuo era tudo o que era capaz de oferecer, mas não era isso que ela estava procurando e ele sabia disso.

Ele gemeu internamente, apoiou os cotovelos na ponte e colocou a cabeça nas mãos. Não, ela estava fora de cogitação. A última coisa de que precisava era de um envolvimento romântico. Teria que encontrar uma maneira de fazer seu trabalho — à distância.

— Não faça isso! — exclamou uma voz atrás dele, e Dannon se virou para encontrar Anaís olhando para ele com uma expressão divertida.

Ficou olhando para ela por um momento, como se a tivesse conjurado só de pensar nela. — Quê? — perguntou, confuso.

— Não pule! — exclamou, com uma expressão teatral. — Não pode ser tão ruim assim — acrescentou, colocando a mão no coração e sorrindo para ele com seus olhos azuis travessos brilhando. — Além disso, tem apenas meio metro de profundidade, você provavelmente quebraria apenas os tornozelos.

Ele franziu as sobrancelhas para ela, dividido entre a diversão e a sensação de irritação que ela parecia despertar nele. — Eu não estava pensando em acabar com tudo ainda — disse, com um tom seco.

Ela balançava uma sacola de compras de palha amarela brilhante para frente e para trás e fez beicinho para ele. — Oh, que pena.

Ele cruzou os braços e a encarou. — O que você quer dizer? — exigiu, com a irritação crescendo a cada minuto.

Ela deu de ombros, aquele humor à espreita brilhando no azul de seus olhos e com a intenção de irritá-lo ainda mais. — Estou entediada e teria sido divertido vê-lo tentar.

Dannon revirou os olhos e se afastou dela. — Sinto muito em desapontá-la — disse ele, sabendo que soara como um idiota mal-humorado e se perguntando como é que ela sempre conseguia irritá-lo tão rapidamente. Começou a se afastar, sentindo a necessidade de colocar alguma distância entre eles, mas foi só quando chegou ao final da ponte que percebeu que ela estava caminhando ao seu lado.

Ele parou no meio do caminho e ficou olhando para ela, tentando não notar a leve brisa que brincava com os fios de seu cabelo loiro comprido. Estava solto, preso na frente com duas presilhas cor-de-rosa brilhantes. — Onde você pensa que está indo? — perguntou ele, com uma sensação crescente de ansiedade.

Ela arregalou os olhos centáureas-azuis com uma inocência tão atônita que ele quase riu. Que babaca.

— Estou passeando — respondeu, piscando os dois olhos para ele. — Por quê?

— Então vá passear para lá. — Ele gesticulou na direção da antiga abadia e de onde eles vieram.

— Eu passeio onde eu quiser, obrigada — retrucou, com uma fungada orgulhosa e erguendo um pouco o queixo.

Ele reprimiu a contração que ameaçava forçar sua boca a sair da linha séria que havia se estabelecido com um esforço de vontade heroico. — Tudo bem. — Ele se virou e voltou para a abadia apenas para encontrá-la ao seu lado mais uma vez. Ele bufou, frustrado, e parou no meio da ponte mais uma vez. — Você estava indo naquela direção — disse ele, apontando para o outro lado da ponte e se esforçando para ser paciente. — Lembra?

Ela sorriu para ele, mostrando seus dentes brancos perolados. — Mudei de

ideia — disse, e acrescentou: — Faolán.

Dannon estreitou os olhos para ela, lembrando-se de que ele — ou melhor, seu avô — havia lhe dado seu nome antes.

Ela se recostou na antiga pedra cinza e seu vestido de verão azul brilhante começou a tremular na brisa. Ela parecia fresca, adorável e muito convidativa. — Conheci seu avô esta manhã — disse ela, com uma aparência presunçosa.

Droga. Ele tinha lidado com toda essa situação de maneira completamente errada. — Sério? — disse ele, sem inflexão ou interesse na voz.

— Uhum. Seu nome é *incomum*, Faolán — ela repetiu o seu nome, e ele revirou os olhos.

— Não me chame assim — disse, com uma sensação estranha tomando conta do seu ser ao ouvir seu nome nos lábios dela. — Ninguém me chama assim — acrescentou. Ninguém tinha esse tipo de familiaridade. Deuses, até sua mãe o chamava pelo título.

Havia curiosidade no olhar dela mais uma vez, e algo mais. Preocupação? — Por que não? — perguntou ela, franzindo suas sobrancelhas loiras.

— Porque simplesmente não me chamam! — Sentindo que estava perdendo o controle da situação, percebeu que precisava se livrar dela, e rápido. Sem mais nenhuma palavra, se afastou dela e voltou a caminhar ao longo da ponte na direção em que estava indo originalmente.

— Como o chamam então? — gritou, atrás dele.

— Cuide da droga da sua vida! — disparou, frustrado. — Deuses, como você é intrometida!

— Nossa — disse ela, inexpressiva, erguendo as sobrancelhas. — E eu achando que Faolán era um nome difícil de ser pronunciado.

Dannon parou e abriu a boca, mas desistiu e balançou a cabeça enquanto ela apenas ficou lá, sorrindo para ele.

— Infantil — disse ele, bufando.

Ela cruzou os braços, com uma expressão pensativa. — Hmmm, ainda prefiro Faolán.

— Oh, meus bons deuses, Dannon! — gritou, antes que o último fio de sanidade surgisse e o deixasse. — Todo mundo me chama de Dannon.

Ela franziu a testa para ele. — Esse é o seu sobrenome?

— Não — respondeu, passando a mão pelo cabelo e recusando-se a lhe dar mais informações.

— Então o que...

Ela não iria parar nunca. — É o nome do lugar de onde eu venho... OK?

— Oh, *d'accord* — respondeu, clareando o rosto. — É como chamar alguém pela sua nacionalidade?

— Não exatamente, mas quase isso.

Ela estendeu a mão para ele. — Nesse caso, *enchanté*, Dannon. Eu me chamo Anaïs.

Ele olhou para os dedos estendidos dela e os acontecimentos daquela manhã se repetiram em sua mente. Pôde sentir o toque das mãos dela nas suas

novamente, a sensação de que poderia pegar apenas um pouco daquela bondade saudável e reparar algo de sua própria alma contaminada. Exceto que as coisas não funcionavam assim.

Em vez disso, enfiou as mãos nos bolsos, olhando furiosamente para ela, e o sorriso dela vacilou. Anaïs abaixou a mão.

— OK, já entendi o recado — disse ela, e ele viu pela tristeza em seus olhos que finalmente havia conseguido. Agora ela iria desistir. — Eu disse ao seu avô que você não gostava de mim — acrescentou, afastando-se dele e depois hesitando. — É que... ele me disse... ah, deixa para lá. — Ela balançou a cabeça, abrindo-lhe um sorriso torto. — Desculpe-me se o irritei. Vou deixá-lo com sua caminhada.

Ele observou enquanto ela se virava e caminhava de volta ao longo da ponte, o bom senso guerreando com a culpa por sua terrível grosseria.

— Espere! — A maldita palavra saiu antes que ele pudesse impedi-la. Ela se virou e ele olhou para o céu, amaldiçoando todos os deuses em que conseguiu pensar. — Desculpe.

Ele pensou ter visto um sorriso brincar nos lábios dela. — *Mon Dieu*, isso doeu pra caramba, né?

Ele riu, apesar de tudo. Deuses, mas ela era irritante. — Um pouco — admitiu, assentindo. Dannon cruzou a curta distância entre eles e estendeu a mão. Ela olhou-o por um momento antes de pegá-la e eles apertaram as mãos. De alguma forma, Dannon não conseguiu evitar passar o polegar nas costas da mão dela antes de soltá-la. Ela arregalou um pouco os olhos com o contato e ele deu um passo para trás, sabendo muito bem que deveria tê-la deixado ir embora. Ainda deveria. — Desculpe-me por ter sido rude com você. Infelizmente não sou muito sociável.

Ela o examinou com uma expressão pensativa e ele se sentiu desconfortável. Havia algo nela que o fazia se sentir exposto, como se pudesse vê-lo como uma fraude... como um mentiroso. Ele baixou os olhos, olhando para o outro lado do rio e querendo fugir daqueles olhos azuis. — Você sempre morou aqui? — perguntou ele, esperando mudar de assunto.

— *Oui*, a vida toda.

— E você gosta daqui? — perguntou, se questionando se ela lhe daria a resposta que havia evitado dar ao seu suposto avô.

Ele olhou-a e viu que Anaïs ainda o observava. Sentiu como se ela estivesse olhando para sua alma e se perguntou por que Anaïs não tinha saído correndo. O que via nela? — É lindo — respondeu, sem desviar os olhos dos dele. — É o meu lar, mas...

— Mas? — pressionou ele, com uma voz suave e convidativa, desejando que ela lhe contasse mais.

Ela riu e ele soube que não confiava nele. — Ah, não sei. — A voz dela era desdenhosa e ela deu de ombros. — É muito... limitante.

— Você gostaria de viajar? — perguntou, imaginando se talvez o que poderia oferecer a ela não fosse uma coisa tão terrível, afinal.

— *Oui. Non.* Ah, não sei!

Ele ergueu as sobrancelhas.

— Eu sei, eu sei. — Ela riu e balançou a cabeça, e um par de brincos baratos de contas dançou em seu pescoço. — Decidida, não é? É que não sei o que quero, esse é o problema. Só sei que não é isso, ou pelo menos não só isso. — Ela apontou para a bela vila ao redor deles e ele entendeu exatamente o que queria dizer. A sensação de insatisfação, de perda de tempo, de ter tudo o que precisava para ser feliz e ainda assim... ainda achar que isso está à espreita, desafiadoramente fora de alcance. Ele apenas assentiu, não tinha intenção de contar a ela mais nada sobre si mesmo.

— Você não foi à padaria hoje. — Ele tentou não ouvir a decepção por trás das palavras enquanto ela hesitava. — Fiz uma coisa para você.

Ah, inferno! Não. Ele não foi. — Você fez?

Ela assentiu, a esperança iluminando seus olhos como o azul do vestido de uma lady. — Gostaria de experimentar?

Não, Dannon. Apenas diga não. Dê uma desculpa, vá embora. — Sua padaria está fechada agora — disse ele, dando de ombros, sabendo que era uma coisa ridícula de se dizer.

Ela revirou os olhos para ele. — Eu tenho a chave.

Claro que tem, seu idiota cabeçudo. Basta dar uma desculpa seu maldito. — O que você fez? — Deuses, ele já estava perdido.

— Volte comigo para descobrir. — O olhar dela era de puro desafio — e ele nunca conseguia resistir a um desafio. Além disso, precisava descobrir se ela tinha o dom de alguma forma e essa poderia ser a maneira de fazer isso. Ele sabia muito bem que estava dando desculpas, mas gesticulou para que ela fosse na frente e a seguiu de volta à padaria.

Ela o conduziu pela escuridão do pequeno estabelecimento até o pequeno jardim. Era como entrar em um caleidoscópio depois da escuridão da padaria, mas estar com ela parecia estar muito perto de uma explosão de cores vivas. Ela era como fogos de artifício explodindo contra seus sentidos, agravando sua paz de espírito e cegando-o para o bom senso. Ela o atormentava com um toque de vitalidade e um senso de vida que despertou um desejo que pensava ter perdido há muito tempo.

Havia uma mesinha de ferro forjado, com a pintura branca lascada pelo tempo e pelo uso, e duas cadeiras combinando com almofadas vistosas e puídas. Colocada à sombra do galpão em ruínas que visitara naquela manhã, sentou-se se sentindo mais uma fraude do que quando estava disfarçado de idoso, enquanto ela voltava para a padaria. As flores perfumadas da noite cresciam a seus pés, apenas começando a se abrir à medida que a noite avançava, e o perfume delas o envolveu, misturando-se ao perfume das rosas silvestres que subiam pela parede do galpão. Abelhas e mariposas beija-flores zumbiam com um ruído sonolento, embriagadas com o cheiro inebriante e o ar quente da noite. Ela havia criado algo de verdadeira beleza ali, algo que era de alguma forma mais do que a soma de suas partes. Havia uma sensação

de... paz. Aquele era um lugar para parar e respirar, para permitir que o ambiente o curasse apenas por estar parado e deixando tudo fluir.

Se ela tinha ou não o dom da cura em seu sangue era uma coisa, mas certamente tinha algum tipo de dom. Seu toque era aparente em cada canto, um olhar atento para as cores e texturas, cada centímetro era um deleite para os sentidos. Involuntariamente, sentiu-se relaxar, a magia do lugar agindo sobre ele, apesar de ter consciência de sua intenção. Isso era magia? Ou apenas uma noite agradável em um lindo jardim? Podia ouvir música tocando em um restaurante algumas portas adiante, Billy Holiday cantava com sua voz estranhamente doce e triste, e ele percebeu que estava feliz. Ele se recusou a reconhecer o quão raro isso era.



Anaïs voltou para o jardim, prometendo a si mesma que faria o possível para não o irritar. Pelo menos não muito. Mas ela sentia que havia algo nele que precisava ser provocado. Algo que a fazia querer zombar dele, fazê-lo ver a si mesmo sob uma luz diferente. Havia muita tristeza naqueles olhos adoráveis e um fardo muito pesado em seus ombros largos. Quando a vida ficava mais séria, a necessidade do riso e de tolices tornava-se cada vez mais essencial. Sentia que fazia muito tempo que ele não ria de si mesmo ou de qualquer coisa.

Anaïs o encontrou com a cabeça apoiada na parede do galpão atrás dele, os olhos fechados, e ela absorveu a vista. A camisa dele estava um pouco aberta e os olhos dela percorreram a distância ao longo de sua garganta até aquela boca sensual que tinha ocupado muito de seu tempo nos últimos dias. Ficou sem fôlego por um momento e se repreendeu. Mas com o que diabos ela estava brincando? Era lindo demais para ela. O avô dele estava certo em avisá-la, não que precisasse de seu aviso. Sabia disso muito bem. Um homem como ele traria problemas e sofrimento, e seria uma tola se pensasse de forma diferente.

Anaïs voltou a se mexer, colocando os pratos sobre a mesa e notando com prazer que o sorriso que lhe deu realmente atingiu seus olhos quando ele olhou para cima. Essa foi a primeira vez. Ela se recusou a pensar em como seu coração se sentiu mais leve com aquele olhar.

— Isso parece estar maravilhoso — admitiu ele, com aqueles lábios deliciosos se inclinando para cima de uma forma que a deixou com água na boca mais do que qualquer coisa que ela pudesse fazer.

Ela desviou o olhar e entregou-lhe um garfo e um guardanapo. — Espere só até provar.

Ele riu e ela se agarrou ao som, sentindo uma pequena onda de triunfo. — Modesta como sempre — disse ele, balançando a cabeça para ela.

Ela apontou com o garfo dela para o prato. — *Mangez* — ordenou ela. Depois de comer o primeiro pedaço, ele perceberia o quão modesta ela era.

Ela observou enquanto ele mergulhava no merengue pontiagudo no topo, quebrando a pequena crosta, e depois descia no branco macio até chegar ao

limão e depois à massa amanteigada e quebradiça. Ele sustentou o olhar dela enquanto colocava o garfo na boca e mastigava. Ele fez um som de contentamento que complicou as coisas dentro dela, e apressadamente começou a comer a sua própria sobremesa para se distrair.

— OK, você venceu — disse, e enfiou outro pedaço grande na boca e mastigou-o com os olhos fechados e uma expressão que estava perigosamente próxima de um orgasmo. Ele engoliu e abriu os olhos, que estavam cheios de prazer. — Isto... isto é simplesmente *divino*.

Ela corou, tão extremamente satisfeita que se repreendeu por ter sido uma tola. — Então, qual é o ingrediente secreto? — exigiu ela, certa de que ele não iria conseguir adivinhar dessa vez.

Ele deu-lhe um olhar presunçoso enquanto cortava outro pedaço com a lateral do garfo. — Camomila.

Ela ergueu as sobrancelhas para ele e então fez beicinho. Ele riu da irritação dela, com uma aparência malditamente presunçosa.

— Você é muito bom nisso — resmungou ela, embora não estivesse realmente descontente, apenas intrigada. — A maioria dos homens não consegue distinguir uma erva ou um sabor de outro.

Ele fez uma pausa com o garfo. — Eu não sou *a maioria* dos homens — disse ele, com uma voz baixa e um olhar que era de pura arrogância. Deveria ter rido na cara dele, mas sabia muito bem que ele estava apenas dizendo a verdade. Essa verdade em particular envolveu-a como um manto de pele, fazendo-a sentir muito calor. Anaïs se mexeu na cadeira enquanto aquele calor insistente se acumulava em sua barriga e despertava desejos que haviam sido ignorados por muito tempo.

Para seu crédito, ela não se derreteu visivelmente em uma poça aos pés dele, embora tenha exigido muito mais esforço do que queria admitir para manter a calma, pelo menos externamente. Em vez disso, apenas bufou, o que refletiu mais tarde, provavelmente não foi muito elegante, mas melhor do que ter se derretido.

Ela observou, achando graça e mais excitada do que poderia ser saudável, enquanto ele devorava a pequena torta de merengue de limão, raspando até a última migalha de massa com o garfo. Ele a viu olhando-o e sorriu.

— Eu disse que você ganhou, não disse? — falou ele, obviamente se divertindo com o triunfo na expressão dela. — Estava uma delícia.

— Melhor que a de chocolate? — perguntou ela, sabendo que isso era ridículo, mas querendo descobrir o que mais o agradava. O que o fazia feliz e acendia aquele sorriso raro como o sol despontando no céu ao amanhecer?

Ele franziu a testa, embora ainda houvesse diversão em seus olhos. — Essa é uma pergunta muito difícil. Eu teria que experimentar a de chocolate novamente.

— Isso pode ser arranjado. — Ela gesticulou para o prato vazio dele. — Gostaria de mais um pedaço?

Ele hesitou. — Tem mais?

Ela sorriu e passou o seu prato para ele. — Esses foram os únicos que sobraram. Eu os guardei ... só por garantia.

— Você não vai querer? — perguntou ele, aparentemente dividido entre seu próprio prazer e suas maneiras.

— Oh, eu poderia comê-lo — admitiu ela, lambendo os lábios como um gato com um pires de leite em frente às patas. — Mas vou gostar mais de vê-lo comendo. — Ela deu-lhe um olhar sedutor e seus olhos caíram para sua boca antes que pudesse se conter. *Merde*, o que ela estava fazendo? Seus instintos continuavam dizendo a ela em termos incertos para ficar longe dele, pois havia algo nele em que não deveria confiar. Sem mencionar que também havia sido avisada pelo avô dele. De quantos avisos precisava?

Ele não vai ficar, disse a si mesma, e então ergueu os olhos e se deparou com aqueles olhos nela e soube que isso não fazia a menor diferença. Queria ser saboreada e devorada como a torta... de alguma forma, a comparação era muito apropriada e ela desviou o olhar dele.

— Você entende muito de ervas e esse tipo de coisa? — perguntou ele, voltando mais uma vez sua atenção para a sobremesa.

Ela assentiu com a cabeça, observando o garfo viajar do prato à boca e vice-versa, como se estivesse hipnotizada. — Minha avó e minha mãe, ambas eram boas com essas coisas, então me ensinaram.

— Você só as usa para cozinhar?

Seu tom era indiferente e ele não estava olhando para ela, mas... uma leve pontada de desconforto tomou conta dela. Ela disse a si mesma para não ser tão boba, porque era uma pergunta bastante inocente. — Não, não só para cozinhar. Faço outras coisas também, como óleos, tinturas e outras coisas. Usei um pouco no seu avô esta manhã. — Ela franziu a testa, torcendo o cabelo loiro entre os dedos. Ela deveria tê-lo trançado. Estava quente demais para ficar com ele solto. — Ele realmente deveria voltar — disse, lembrando-se das articulações inchadas com uma expressão preocupada. Odiava pensar no pobre homem em tal desconforto. — Acho que ele estava com muita dor esta manhã. — Anaïs soltou a mecha de cabelo e ergueu os olhos, descobrindo que ele estava olhando para onde ela havia caído, entre o decote baixo de seu vestido de verão. A expressão nos olhos dele continha uma fome que fez seus próprios desejos pulsarem entre suas coxas.

Dannon a olhou, vendo-a fitá-lo e desviou o olhar, voltando sua atenção para o prato. — Acho que ele apenas deve consultar um médico. — Sua voz estava mais dura, com aquele fio de irritação que ela já conhecia bem.

— Talvez — disse ela, perguntando-se por que ele estava tão determinado a ignorá-la. Anaïs não gostava de ser ignorada.

Dannon olhou para ela e desta vez Anaïs não conseguiu lê-lo. Havia algo determinado em sua expressão, mas pelo que ou porque, ela não sabia. — Você realmente acha que pode ajudá-lo? — Era quase uma acusação e ela sentiu uma pequena irritação com o tom levemente zombeteiro de suas palavras.

Ela estreitou os olhos, inclinando-se para trás e sentindo o frio da cadeira de ferro forjado pressionando suas costas nuas com desconforto. — Você não acredita em medicina complementar?

— Na verdade, sim, bastante, mas... — Ele fez uma pausa e ela viu a dureza de suas palavras penetrar em seus olhos. — Há muitos charlatões por aí, pessoas que afirmam que podem fazer grandes coisas, como curar doenças e enfermidades, mas na verdade, tudo o que fazem é dar falsas esperanças e ganhar muito dinheiro para o seu bel-prazer.

Anaïs sempre lutou para controlar seu temperamento. Era uma falha que conhecia e algo que tentava mudar, mas a ideia de que ele achasse isso dela era como colocar um fósforo aceso perto de um fusível. Ainda assim, não gritaria com ele, ainda não. — É isso que você acha que eu faço aqui? — perguntou ela, mantendo a voz baixa com um esforço supremo, embora qualquer tolo pudesse ter ouvido o tom perigoso por trás de suas palavras.

Ele deu de ombros, com os olhos focados nela com tanta intensidade que fez a pele de Anaïs se arrepiar. — Não tenho ideia do que você faz aqui.

— Eu não cobre nada dele esta manhã — retrucou ela, um pouco mais estridente desta vez, enquanto seu temperamento oscilava além de qualquer coisa que pudesse segurar.

— Talvez você o esteja enrolando gentilmente.

Para sua consternação, percebeu que estava tremendo e seus olhos ardiam, mas notou com uma amarga decepção que não era apenas de fúria. Ela poderia ter lidado com a raiva, mas o fato de Dannon acreditar que poderia ser capaz de tal impostura com um idoso... Seu coração doía, lembrando-lhe que tinha sido muito tola em tentar despertar o interesse dele. Anaïs se levantou e pegou os pratos da mesa.

— Gostaria que você fosse embora agora.

— Anaïs... — De repente, viu arrependimento nos olhos dele, mas ela já havia ignorado seus próprios instintos por tempo suficiente. Ele era perigoso para ela por razões que não entendia e não tinha recursos emocionais para correr o risco de lhe dar outra chance.

— Saia! — Estava olhando para ele, magoada e furiosa, e Dannon se levantou e entrou na padaria. Ele passou pela porta e virou-se no último momento com palavras de desculpas em seu olhar, mas Anaïs bateu à porta na cara dele e baixou a persiana.

Ela aprendera a lição e não permitiria que ele lhe ensinasse outra.

CAPÍTULO 6



Dannon se apoiou no terraço de pedra do château, com a haste fina de sua taça de vinho entre os dedos. O sol havia se posto e o que restava da luz recuava atrás das árvores que margeavam os jardins. Ele podia ouvir sapos coaxando, cigarras cantando e o zumbido ocasional de um morcego, agarrando mariposas atraídas pela luz das portas abertas.

Gostou dali, estava até pensando em fazer uma oferta pelo château, pois descobriu que estava à venda. Assim que Corin se tornasse rei, reabriria os portões entre seus mundos, disse ele tinha certeza. Se uma guerra com os Light Fae não interviesse antes disso. As notícias que chegaram a ele sobre o estado de Solastire, o Reino dos Light Fae, eram no mínimo perturbadoras. A rainha tinha planejado mandá-lo para lá, disfarçado de Light Fae para investigar, antes que a notícia da existência de Anaïs superasse a urgência. O povo deles estava morrendo. Ter uma curandeira como descendente de *Le Guérisseur*, se ela possuísse algum dos poderes de seu avô, valia quase tudo. Se sim, seria forçado a levá-la com ele, de volta para Alfheim, quer ela gostasse ou não.

Dannon afastou tais pensamentos indesejáveis. Havia muita coisa que o perturbava em seu próprio mundo. A guerra iminente e a rainha eram apenas parte disso. Seria bom ter um lugar permanente ali, um lugar para escapar de Audrienne. Ele bufou de sua própria estupidez. Realmente não era tão ingênuo. Não havia nenhum lugar em nenhum dos mundos onde pudesse fazer isso. Ele se lembrou da expressão de Anaïs quando a acusou de não ter motivos puros. Estava preparado para a raiva, mas a dor no olhar dela o perturbou. Essa dor parecia queimar atrás de suas pálpebras e marcar seu próprio coração. Ela era tão obviamente incapaz de tal comportamento, tão clara em seu desejo de ajudar, consertar, curar e acalmar que as palavras dele lhe pareceram obscenas quando as pronunciou.

Mas tinha sido necessário, precisava ver sua reação. Ainda precisava saber do que ela era capaz, mas seu raciocínio parecia tão insignificante agora quanto nas primeiras cem vezes que o repetiu. Ele a magoou e a enfureceu, e ainda não estava nem perto da verdade.

Maldita mulher chata.

Mas seus pensamentos ainda vagavam de volta para como os olhos dela haviam permanecido em sua boca, para o convite que ele tinha visto ali. Se não tivesse dito aquelas palavras, poderia estar na cama dela naquele momento. O calor pinicou sua pele quando o desejo ganhou vida e se lembrou daquele cacho dourado tentador, aninhado contra a pele leitosa de seu decote. Dannon suspirou quando uma brisa quente agitou as árvores e esfriou sua carne superaquecida.

Agora, porém, teria que voltar e deixá-la atormentá-lo um pouco mais, já que apenas o velho tinha a chance de ganhar sua confiança. Só de pensar

naquelas mãos macias massageando sua carne novamente... Dannon reconheceu que estava passando muito tempo pensando naquelas mãos macias e nas curvas exuberantes que roçaram nele quando Anaïs se espremeu passando por ele para buscar sua água.

Ele tentou voltar à primeira impressão que teve dela. Um pouco baixa e gordinha demais para seu gosto, que geralmente era por mulheres altas e magras. Porém, por mais que tentasse, parecia que seus gostos haviam mudado completamente. Ele queria cavar os dedos em suas curvas deliciosas, segurar aquele traseiro suculento e passar a língua entre os montes generosos de seus seios. Era simplesmente tão deliciosa e tentadora quanto as sobremesas irresistíveis que insistia que ele experimentasse e que o deixavam com água na boca.

Isso está fora de cogitação, isso está fora de cogitação, repetiu para si mesmo. Droga!



No final da manhã seguinte, o idoso estava sentado ao sol, em uma mesa do lado de fora da boulangerie, segurando um buquê de rosas amarelas enorme quando Anaïs saiu correndo pela porta. Estava com uma bolsa no ombro e parecia um pouco nervosa. Parando surpresa, o olhou enquanto ele segurava as flores.

— Do meu neto idiota — disse ele, estendendo as flores para ela com seus dedos nodosos. — Queria se desculpar, mas disse que se ele mesmo as trouxesse, você provavelmente lhe causaria algum dano.

Anaïs bufou com um olhar divertido enquanto pegava as flores. — Ele está certo — disse ela, acenando para ele e fechando os olhos enquanto levava o buquê ao nariz.

Dannon sorriu enquanto ela apreciava o perfume doce das rosas e sustentou seu olhar enquanto Anaïs olhava-o. A rua estreita estava lotada de turistas e ele estremeceu quando uma mãe passou por eles carregando um bebê aos prantos. Aquele não era o lugar ideal para um pedido de desculpas. — Ele me pediu para lhe dizer que não acha aquilo de você. Gosta de bancar o advogado do diabo às vezes, mas nunca teve a intenção de ferir seus sentimentos.

Anaïs fez beicinho, considerando-o por um momento e, mais uma vez, Dannon ficou impressionado com a sensação de que ela enxergava nele muito mais do que ele queria mostrar. — *D'accord*. — A fácil aceitação de seu pedido de desculpas o surpreendeu um pouco. Afinal, ela havia ficado extremamente zangada.

— Você o perdoa então? — perguntou ele, erguendo as sobrancelhas.

— *Oui*, acho que sim — respondeu, ainda olhando para ele com aqueles olhos azuis brilhantes. — Mas por que o senhor veio em nome dele? Pelo que me lembro, o senhor disse que eu deveria ficar longe dele, e acho que isso também se refere à sua pessoa, não?

Ele deu de ombros e se perguntou a mesma coisa. Ela deveria ficar longe dele. Se Anaïs soubesse a verdade, faria as malas e fugiria. — Certamente

deveria ficar longe dele, mas isso cabe a você, não a mim, a decisão é sua.

Aqueles olhos estavam especulativos agora, aquele azul frio olhava para ele com uma intensidade que fez sua pele arrepiar. Dannon resistiu à vontade de desviar o olhar. — Posso confiar nele? — perguntou ela.

Dannon hesitou. Essa não era uma pergunta fácil. Dannon esperava, quando chegasse a hora, fazer o possível para ajudá-la, para mantê-la segura, pois ela iria precisar de auxílio. Mas não havia como negar que a estava enganando e tinha planos de levá-la com ele, por bem ou por mal. — Sim... e não.

Ela revirou os olhos em troca. — Muito útil. — A voz dela estava afiada e frustrada, e Dannon olhou fixamente para ela.

— Depende do que você quer confiar a ele. — Foi o mais próximo da verdade que conseguiu chegar.

Ela assentiu, aparentemente satisfeita com a resposta. — Vou avisar meu pai que o senhor está aqui.

— Você não vai me servir? — perguntou, incapaz de esconder a decepção em seu tom.

— Desculpe — respondeu ela, balançando a cabeça. — Preciso sair.

— Oh. — Dannon estendeu as mãos e mostrou a ela o que esperava ser uma expressão lastimável, mas lastimável era algo que não combinava com ele, graças aos deuses.

Ela segurou uma mão dele. — Oh, querido — disse, franzindo a testa e alisando as costas da mão dele. Dannon neutralizou impiedosamente a sensação que percorreu seu sangue ao toque dela.

— Há alguma coisa que você possa fazer? Está... doendo bastante. — Ele abriu um sorriso, tentando parecer forte.

Anaïs olhou para ele e assentiu com cabeça. — Está parecendo mesmo — disse ela, embora ele a achasse perplexa. — *Oui*, claro que posso fazer alguma coisa, mas infelizmente o senhor vai ter que voltar mais tarde. Tenho que sair por um tempo. O senhor pode voltar esta noite?

Dannon xingou internamente. — Sim, claro. Você está indo a algum lugar legal... para encontrar um namorado, talvez? — perguntou, olhando para ela e incapaz de deixar de desejar que estivesse indo ao encontro dele.

Ela riu e balançou a cabeça, com um olhar melancólico que provocou coisas indesejadas à sanidade dele. — Não tenho essa sorte — respondeu, com um suspiro de desgosto. — Vou colocá-las na água. — E então desapareceu dentro da padaria por um momento e logo reapareceu, parando apenas para dar um tapinha no ombro dele. — Meu pai sairá para atendê-lo daqui a pouco, até mais. — Ela acenou e ele observou, descontente, enquanto Anaïs descia a rua estreita. Seu cabelo estava solto e caía em ondas pesadas até a cintura, usava um vestido amarelo justo que se agarrava a suas curvas. A luz a atingiu quando saiu das sombras dos estabelecimentos e, aos olhos de Dannon, ela parecia dourada, deslumbrante à luz do sol.

Mulher miserável. Agora teria que segui-la.

Ele se abaixou em uma pequena rua lateral e tirou o disfarce antes de segui-la, enquanto ela cruzava a ponte e virava à direita. Anaïs passou por todas as lojinhas turísticas, muitas vezes acenando ou sendo parada por pessoas no caminho para cumprimentá-la. Ele viu um jovem bonito e forte tirando canoas amarelas do rio e colocando-as na traseira de um trailer grande. Ele as erguia como se não pesassem nada e gritou para Anaïs quando ela passou. Dannon achou que ele demorou muito tempo beijando-a nas duas bochechas e notou a mão que tocava a cintura dela de maneira um pouco íntima demais. O jovem estava conversando com ela, com uma expressão séria e Dannon xingou, desejando poder chegar perto o suficiente para ouvir. Fosse o que fosse, Anaïs apenas riu e balançou a cabeça, e ele sorriu com satisfação quando o jovem fez uma careta e a observou ir embora. *Hoje não é seu dia de sorte*, pensou achando graça, e com mais alívio do que seria prudente.

Ela continuou seu caminho, parando momentaneamente para examinar uma arara de vestidos que estava do lado de fora de uma loja. O estabelecimento em si ficava na verdade em uma gruta, assim como todo o pequeno comércio ao longo daquele trecho da via. Dannon permaneceu ao lado de uma exibição de cartões-postais, observando-a enquanto olhava os vestidos. Ela pegou um azul e segurou-o contra si mesma na frente do espelho com um sorriso antes de colocá-lo de volta na arara pesarosamente e continuar seu caminho. Ele se perguntou se ela estava com pouco dinheiro. Era algo que nunca tinha experimentado e o fez querer correr e comprar toda aquela maldita arara para ela. Como isso era claramente um sinal de interesse crescente pela garota, ele não o fez, reprimendo-se por tal sentimento nauseante.

Ela passou ao lado de um dos muitos restaurantes que ficavam na margem do rio, ao lado de uma das cinco pontes de Brantôme e abriu caminho entre as cadeiras até chegar ao seu destino. Dannon observou com curiosidade enquanto ela apertava a mão de um idoso de aparência elegante. Ele tinha cabelos brancos e grossos, bigode e barba bem cuidados e usava óculos redondos de armação metálica. Embora fosse um homem bem baixo, também era muito magro e não tinha nenhuma semelhança com Anaïs, então Dannon descartou a ideia de que eles pudessem ser parentes. Ele se perguntou se talvez fosse algum tipo de paciente, mas quando começaram a conversar, achou que deveria ser mais do que isso. Anaïs parecia animada, totalmente absorta na conversa... assim como o homem.

Dannon se xingou por não ter simplesmente mudado sua aparência em vez de voltar totalmente com o disfarce. Havia muitas pessoas ali para correr riscos, mas ele realmente queria ouvir o que estava sendo dito. Ele escapuliu e encontrou um canto isolado, antes de voltar correndo disfarçado de homem de meia idade, sentando-se à uma mesa, perto de Anaïs, mas fora da linha de visão dela, só por precaução.

O amigo dela tinha acabado de colocar um livro enorme e antigo sobre a mesa e Anaïs o tocava com reverência e com uma expressão tão maravilhada que soube que precisava descobrir o que era.

— Prometo cuidar bem dele — disse ela, sua voz flutuando sobre a conversa de pessoas se acomodando para desfrutar de um bom almoço.

— *Oui, bon*, por favor, certifique-se de fazer isso — disse o velho, com uma voz severa. — É extremamente precioso.

— Não tenho palavras para agradecer por ter vindo falar comigo hoje. Isso... ajudou muito. Eu começava a pensar que estava imaginando coisas ou talvez... talvez enlouquecendo.

O velho dispensou os agradecimentos dela com um aceno de mão e uma expressão genuinamente feliz. — *Je vous en prie*, foi um prazer, de verdade. Não se preocupe, minha querida. Chegaremos ao fundo da questão, mais cedo ou mais tarde. Tenho quase certeza de que a culpa não é da sua imaginação.

Anaïs sorriu e guardou cuidadosamente o livro na grande bolsa de palha que carregava. — O senhor não tem ideia do quanto isso me deixa feliz.

O idoso sorriu e se inclinou sobre a mesa, dando tapinhas na mão dela. — Mas você deve se lembrar do que eu disse... discrição e cuidado. Nunca se arrisque.

Ela ficou séria e assentiu com a cabeça para ele. — Entendo. Vou ter cuidado, prometo.

Ela se despediu dele e foi embora, carregando a bolsa com cuidado nos braços. Dannon franziu a testa e voltou sua atenção para o idoso, que estava sentado terminando seu *café crème*. Dannon estava dividido entre segui-lo quando fosse embora ou ir atrás de Anaïs. Realmente queria saber o que havia naquele livro. Tomando a decisão inevitável, por todos os motivos errados, se levantou e saiu correndo, voltando com o disfarce assim que pôde. Dannon avistou Anaïs quando ela estava prestes a atravessar a ponte em frente ao antigo mosteiro.

— Anaïs!

Ela se virou ao ouvir seu nome sendo chamado e então ficou parada, observando-o, com um olhar cauteloso enquanto ele a alcançava.

— Oi — disse ele, dando-lhe o que esperava ser um sorriso arrependido e imaginando como seria sua recepção.

— *Bonjour* — respondeu ela, com um tom cauteloso e olhando para ele com uma expressão ilegível.

— Você viu meu... meu avô, esta manhã?

Ela assentiu com a cabeça, sem alterar sua expressão. — Vi sim.

Ele notou um fio de raiva em sua voz e soube que ainda não havia sido completamente perdoado, apesar das palavras dela ao seu suposto parente. Deu a ela seu melhor sorriso torto, na esperança de que seu charme habitual funcionasse.

— Ele lhe entregou as flores?

Para sua decepção, ela franziu a testa para ele. Talvez tivesse que se esforçar mais. — Sim — respondeu, sem oferecer mais nada e ainda sem expressão.

— Então... estou perdoado? — perguntou, dando um passo hesitante para

mais perto.

Ela deu de ombros. — Acho que sim — respondeu, e então se virou e se afastou dele.

— Espere!

Ela se virou com um suspiro impaciente e ergueu uma sobrancelha em especulação.

— Não *parece* que você me perdoou — pressionou, perguntando-se por que esse fato o incomodava tão intensamente.

— Mandar um idoso para fazer o seu trabalho sujo não é exatamente corajoso — disse ela, cruzando os braços e olhando para ele. — Até o Charles teve coragem de me levar flores pessoalmente.

— E veja onde isso o levou! — exclamou, saindo do caminho de um carrinho de bebê para gêmeos, pois eles estavam bloqueando a ponte e recebendo olhares curiosos dos transeuntes.

Ela deu de ombros de novo, parecendo profundamente indiferente. — Tanto faz. Tenho que ir.

Caramba, que mulher irritante! Mas se Anaïs achava que ele se humilharia, teria que esperar muito. Quando ela já estava do outro lado da ponte, ele a chamou:

— Anaïs... espere! — Ele precisava saber o que tinha naquele maldito livro, não é mesmo?

Dannon observou, xingando internamente enquanto ela revirava os olhos para ele. Ela revirou os olhos! E ele cerrou os dentes. Bem, teria que lidar disso.

— Vou almoçar no Moulin. — Ele apontou para o prédio lindo ao lado deles enquanto os turistas pairavam na lateral da ponte e olhavam com expressões de inveja para aqueles que podiam se dar ao luxo de comer lá. — Venha comigo que eu a compensarei.

Por um momento, os olhos dela se arregalaram de surpresa. — *Agora?*

— Agora.

Ele quase podia ver a luta interna acontecendo na mente dela. Anaïs obviamente estava interessada em investigar o livro e *realmente* queria fazê-lo pagar por ter sido tão rude com ela..., mas queria almoçar com ele. Dannon sorriu para si mesmo.

Ela hesitou, seus olhos cheios de incerteza. — Não posso simplesmente ir...? — começou ela, mas ele a interrompeu, cruzando os braços.

— Não, é agora ou nunca.

Ela franziu a testa para ele. — Achei que você estava se desculpando — disse, com uma voz irritada.

Ele deu de ombros, achando graça da luta dela. — Estou, mas se você não quiser aceitar...

— Ah, tudo bem — falou ela, claramente irritada. — Eu vou.

Ele sorriu para ela. — Quanta gentileza sua.

— *Imbécile* — murmurou baixinho, enquanto o alcançava.

— Megera mal-humorada — retrucou ele, sorrindo.

— Eu não sou mal-humorada! — retrucou, com aqueles olhos azuis cheios de fúria e revelando o que ele suspeitava ser um temperamento infernal.

Ele riu alto. — Você é sim — disse, recusando-se a reconhecer o carinho que ouvira por trás daquelas palavras.

— Bem — falou ela, com a fúria se suavizando um pouco —, talvez de vez em quando, mas você é sempre um *imbécile!*

— Sem dúvida — respondeu ele, assentindo e abrindo um sorriso caloroso.

— Vou levá-la para almoçar então?

Ela bufou para ele e abraçou a bolsa mais perto de seu peito.

— Quer que eu a carregue? Parece pesada. — Ele estendeu as mãos para pegá-la, mas Anaïs balançou a cabeça com força.

— *Non*, obrigada.

Dannon deu-lhe um olhar curioso, se perguntando o que seria necessário para que ela confiasse nele. — O que você tem aí? Pedras?

Ela abriu um sorriso. — *Oui*, espero ter a chance de bater com elas na sua cabeça mais tarde. As flores simplesmente não pareciam estar à altura da tarefa.

Dannon ergueu uma sobrancelha, achando mais graça do que era razoável das brincadeiras dela com ele. — Isso vai ser antes ou depois de eu pagar o almoço?

Ela sorriu docemente para ele e piscou várias vezes. — Depois, é claro.

Ele riu, balançou a cabeça e adiantou-se pelo caminho curto que levava à frente do restaurante. Alcançando a porta, se virou e a encontrou ainda parada no portão. Ela parecia ansiosa.

— Que foi? — perguntou, imaginando o que teria acontecido. — Mudou de ideia?

Ela balançou a cabeça e mordeu o lábio, seus dentes brancos e bonitos pressionando aquela carne macia adorável. Dannon desejou que ela não tivesse feito isso, pois o fez querer fazer o mesmo. Ele sentiu uma súbita onda de desejo ao imaginar sua boca nela, seus dentes provocando aquela pele delicada.

— Eu... — Ela hesitou. — Eu não esperava, quero dizer... é muito chique lá dentro — disse, olhando para si mesma. — Não tenho certeza se estou adequadamente vestida para a ocasião. Talvez eu devesse trocar de roupa?

Ele voltou e sorriu para ela. — Como eu disse, é agora ou nunca, além disso... — Ele estendeu a mão e colocou a mecha de cabelo persistente atrás da orelha dela, demorando-se um pouco com os dedos roçando sua mandíbula. — Você está muito bonita. — Sua voz estava baixa e sincera demais, e ele se xingou. Essa foi uma péssima ideia.

Ela olhou-o, mordendo o lábio novamente e ele reprimiu impiedosamente o desejo de beijá-la. *Não é apenas uma péssima ideia, isso é estúpido ao extremo*, pensou. Não deveria se aproximar dela, não deveria se importar e com certeza não deveria enganá-la. Ela só iria se machucar, e Dannon não

queria isso, mas precisava ver aquele maldito livro.

— É sério? — A voz dela estava tão insegura que ele sentiu uma onda indesejável de proteção.

Ele a olhou, surpreso com essa nova faceta de sua personalidade. Era sempre tão franca que nunca lhe ocorreu que pudesse ficar insegura, mas percebeu que ela não estava querendo elogios, realmente estava nervosa.

Ele assentiu, esperando que ela percebesse que estava falando sério. — Sim, é sério. — Ele estendeu a mão e ela colocou sua bolsa pesada debaixo do braço e deslizou a mão na dele.

— Tem certeza de que não quer que eu a leve? — perguntou, apontando para a bolsa estufada dela.

Ela balançou a cabeça e sorriu de repente. — Acho que amarelo não combina com você.

Ele sorriu, roçando o polegar nas costas da mão dela. — Vamos, megera.

— *Imbécile* — murmurou em resposta, mas sorrindo para ele.

Rindo para si mesmo, Dannon a conduziu até o restaurante.

CAPÍTULO 7



Esta foi uma ideia realmente estúpida. Anaïs sentou-se a uma mesa no terraço, com vista para o rio, e desejou que o garçom chegasse logo com as bebidas. Realmente precisava de uma. *Imediatamente*. Manteve as mãos firmemente no colo, pois sabia que começaria a ficar inquieta se não o fizesse e então ele veria exatamente o quão nervosa estava — e ela não aceitaria isso.

Olhou ao redor do restaurante, observando os outros clientes e se perguntando se algum deles se sentia tão perdido quanto ela. Qualquer coisa em vez de olhar para o homem lindo sentado em frente a ela. No que diabos estava pensando? Ele iria embora quando seu trabalho terminasse e a deixaria deprimida e sentindo pena de si mesma e de seu coração estúpido. Ela poderia simplesmente ter evitado tudo aquilo, dito não, obrigada, e voltado para casa para estudar o livro incrível que acabara de ganhar.

A culpa era dos hormônios.

Ergueu os olhos e desejou não ter feito isso quando encontrou os olhos dele pousados nela. Onde estava aquele maldito garçom? Já que estava ali, então poderia muito bem tirar o melhor proveito disso.

— *Alors*, já veio aqui antes? — Abertura de conversa educada número um. Ela poderia fazer isso.

— Não.

Aqueles olhos castanhos intensos nunca deixaram os dela, enquanto ele rejeitava seu convite para conversar. Ele parecia totalmente à vontade. Irritante. Ok, vamos tentar de novo:

— Você gosta de Brantôme? — perguntou ela, com um sorriso doce e questionador enquanto mexia na haste de sua taça de vinho *ainda* vazia. Meu Deus, que tipo de serviço eles estavam pagando?

— Sim.

Como se o tivesse chamado, o garçom se aproximou e serviu os aperitivos, lançando a Anaïs um olhar de leve surpresa quando ela praticamente arrancou a taça quando ele a pousou. Ela viu a boca de Dannon se curvar, mas o ignorou.

— Que tipo de trabalho você faz? — perguntou, determinada a arrancar mais de uma palavra do homem.

Ele a olhou com uma expressão plácida. — Não quero falar de trabalho.

Oh, tudo bem. Ela tomou um grande gole de sua bebida antes de se recostar e cruzar os braços. Dois poderiam jogar este jogo. Ela encontrou seus olhando-o brava, mas desta vez os olhos dele viajaram lentamente sobre ela, descendo até a gola aberta de seu vestido e voltando para seu rosto. Ela desviou o olhar enquanto o calor formigava em sua pele. *Merde*.

Quando se atreveu a olhar para ele novamente, Dannon estava sorrindo e ela bufou.

— Achei que você iria se desculpar por ter sido um canalha rude.

Ele inclinou um pouco a cabeça, com os lábios franzidos por um momento antes de falar: — Estou me desculpando por ter sido rude... não por ser um canalha. Embora minha ascendência não esteja em questão, sou e sempre serei descaradamente assim.

Bem, ele não poderia ter deixado as coisas mais claras, pensou ela. Se tivesse algum juízo, se levantaria e iria para casa. Naquele minuto.

Ela estreitou os olhos para ele enquanto a imprudência corria por seu sangue. Não se assustava tão facilmente assim. — Bom, mesmo assim, você poderia se esforçar um pouco mais, por favor?

Um sorriso surgiu em seus lábios e ele estreitou os olhos. — Não.

Anaïs o olhou e se abaixou como se fosse pegar sua bolsa para ir embora.

— Tudo bem — respondeu ele, rindo e erguendo a taça até aquela sua boca sensual. Ele tomou um gole lento de sua bebida antes de acrescentar: — Vou bancar o bonzinho... conte-me sobre você.

— Não. — Ela cruzou os braços e sorriu para ele.

— Sabia que posso comer uma refeição inteira completamente em silêncio? Mas duvido que você consiga — disse, com um tom de advertência na voz, embora seus olhos ainda estivessem rindo dela.

Ela bufou e pegou a taça novamente. — Oh, tudo bem, mas por que está sendo tão difícil?

Ele tomou outro gole de sua bebida antes de responder, seus olhos permanecendo nos dela. — Porque nós dois sabemos que não deveríamos estar aqui.

— É casado? — exigiu saber, se perguntando se o havia lido errado.

Ele balançou a cabeça. — Não, não sou casado, e não tenho a *menor intenção* de me casar, se isso responde a alguma pergunta sua.

A boca dela se abriu. Arrogante, filho da...

— Não finja que não me considerou o namorado ideal. — Dannon abriu um sorriso malicioso, mas ela notou que ele estava com um olhar bem sério agora. — Não posso lhe proporcionar isso, Anaïs. Não quero. Só para esclarecer.

Ela o encarou, sem saber se queria dar um tapa nele ou simplesmente ir embora. — Claro — respondeu ela, de forma fria o suficiente para congelar o inferno por toda a eternidade.

— Excelente — disse ele, parecendo desconcertantemente satisfeito com a resposta dela. — Agora que já resolvemos isso, talvez possamos relaxar? — Ele lhe sorriu e havia algo tão desarmante nisso que ela não pôde deixar de rir.

— Você é o homem mais irritante, arrogante e *rude* que já conheci.

— E, no entanto, aqui está você — retrucou, erguendo uma sobrancelha interrogativamente, o que ilustrava à perfeição todas as falhas de caráter que ela acabara de comentar.

— *Alors* — disse ela, cruzando os braços e olhando para ele. — Sempre quis comer aqui, se tiver que aturá-lo por algumas horas para fazer isso... justo.

Para sua surpresa, ele caiu na gargalhada. — Amo a sua honestidade, Anaïs.

O garçom chegou e serviu-lhes o primeiro prato. Eles ficaram em silêncio por um tempo enquanto ambos saboreavam a comida, mas agora era um silêncio um pouco mais confortável.

— Sempre teve a intenção de trabalhar na boulangerie?

Anaïs ergueu os olhos e balançou a cabeça. — Não, eu... eu queria estudar medicina. — Dannon estava olhando-a com grande interesse e ela sentiu uma onda de desafio em relação a curiosidade em seu olhar. — Que foi? Acha que não sou inteligente o suficiente para isso porque trabalho em uma padaria?

Ele largou a faca e o garfo e balançou a cabeça para ela. — Meu Deus, Anaïs, por que está sempre tão na defensiva? Nunca pensei nada parecido.

Ela deu de ombros, sentindo-se culpada por tê-lo interpretado mal. — Não sei, normalmente não sou assim. Você parece trazer à tona o que há de pior de mim.

Dannon bufou e voltou sua atenção para o prato. — Eu deveria saber que seria minha culpa — murmurou ele.

— Isso é verdade! — retrucou ela, contendo-se do impulso infantil de jogar um pãozinho na cabeça dele e lembrando-se do ambiente ao seu redor.

— Tudo bem-disse, com o rosto inexpressivo. — A culpa é minha por você ser uma megera mal-humorada. Agora, conte-me por que você não seguiu em frente com seu plano.

Ela o olhou brava por um momento, mas deixou o comentário da megera passar. — Porque minha mãe morreu.

— Ah — disse ele, recostando-se na cadeira e a simpatia aquecendo aqueles olhos castanhos profundos. — Eu sinto muito, deve ter sido muito difícil.

Ergueu os olhos para encontrá-lo observando-a girar sua taça de vinho pela haste. Ela se conteve e pegou a faca e o garfo novamente. — Foi sim.

— Quer falar sobre isso? — A voz dele estava baixa e convidativa, e Anaïs desejou não sentir vontade de desabafar sobre todos os seus problemas. Ele não estava oferecendo amor e apoio a ela. Apenas o almoço.

— Não há muito o que falar. Minha mãe morreu e meu pai ficou arrasado. Ele não conseguia trabalhar e então... então começou a beber. Quase perdemos a padaria. — Deu uma olhada para ele, não querendo que acreditasse que seu pai ainda era um bêbado depois de ter feito tanto esforço. — Ele está melhor agora, na verdade, não é mais o mesmo, mas voltou a trabalhar e parou de beber. — Ela deu de ombros, sentindo o peso de tudo que ainda pairava sobre eles como se pudesse sufocá-la. — Ainda estamos endividados..., é uma luta só para pagar o aluguel todo mês além de saldar nossas contas, e o proprietário é um escroto — acrescentou ela, com certa força.

Ela o viu franzir a testa. — Ele lhe causa problemas?

— Nada que eu não aguento. — Ela se lembrou da palma de sua mão

queimando ao dar um tapa no rosto malicioso do proprietário e afastou a lembrança nojenta de como ele sugerira que pudesse quitar suas dívidas. Ela apontou para si mesma e piscou para Dannon. — Megera mal-humorada, lembra?

Dannon riu, mas ela ainda pôde ver a preocupação em seu olhar e sentiu uma afeição por ele.

— Então você não conseguiu continuar seus estudos?

O tom de sua voz estava cheio de simpatia e arrependimento, e ela lembrou a si mesma de

que ele não estava lhe oferecendo nada. — Praticamente isso — disse ela, dando de ombros.

— Então, todas aquelas ervas — disse ele, parecendo um pouco hesitante agora. — Como você deu ao meu avô...

Involuntariamente, os olhos dela desceram para a bolsa aos seus pés. — Sempre me interessei pela cura natural. — Ela pegou a taça e tomou um gole, se perguntando por que queria contar tudo a ele apesar dos alarmes furiosos que soavam quando chegava perto dela. Ela se lembrou do que o avô dele dissera — dependia do que queria confiar a ele. Estupidamente, mesmo depois de tudo o que ele dissera para alertá-la, sentiu que podia confiar nele. Então se perguntou o que havia nele que parecia deixar seus instintos confusos. Normalmente conseguia ler as pessoas com tanta facilidade..., mas ele parecia ter tantas contradições que ela simplesmente não conseguia confiar em seus próprios instintos.

— Então você tem um... *dom*, de cura?

Havia algo em seu tom que a fez erguer os olhos. — Por que está me perguntando isso?

Ele deu de ombros. — Você disse que queria praticar medicina, cuidou do meu avô e da gestante, claramente conhece a tradição das ervas... não é um grande salto.

Ela tomou outro gole de vinho e sorriu para o garçom que chegou para retirar os pratos.

Ela limpou uma migalha de seu pãozinho sobre a fina toalha de damasco, sem olhar para ele. — Sim, suponho que tenho talento para isso.

— Você já curou alguém que estava muito doente? — perguntou, e ela ergueu os olhos. Havia uma intensidade no olhar dele que a perturbava.

— Por que está tão determinado a nunca se casar?

Ele franziu a testa para ela, recostou-se e pegou sua taça de vinho, parecendo perturbado. — Você não respondeu à pergunta.

Ela sorriu para ele, erguendo uma sobrancelha e se perguntando o que o estava incomodando. — A minha é mais interessante.

— Não — retrucou ele, com um tom de voz mais baixo, soando com uma clara nota de advertência. — Não mesmo.

— Para mim é. — Ela sorriu para ele, recusando-se a ser desviada do assunto. — Responderei à sua pergunta, se responder à minha... com

sinceridade.

Ela praticamente podia vê-lo rangendo os dentes e reprimiu um sorriso. Estava relaxado em sua cadeira, com uma aparência elegante e sofisticada. Ele nasceu para comer em lugares como aquele. Na verdade, havia algo nele que a fazia acreditar que Dannon provavelmente achava que ali era uma favela. Havia algo na qualidade fina e exagerada de sua pele e nas feições perfeitas que cheiravam a uma riqueza antiga. Ela se perguntou com o que exatamente ele trabalhava, e então se distraiu quando seus olhos foram para os lábios dele. Queria tanto beijar aquela boca que não sabia como conseguia ficar sentada. *Merde*. Anaïs arrastou seu olhar da boca até os olhos dele quando percebeu que Dannon estava falando com ela.

— Está me ouvindo? — perguntou ele, soando irritado.

— Quê? Oh... sim, claro que estou.

Ele bufou e deu-lhe um olhar que dizia que não acreditava em uma palavra dela antes de respirar fundo. — Nunca vou me casar porque não quero decepcionar ninguém ou machucar alguém que me amou. — Ele a olhou de firme e implacável. — Não sou o que você chamaria de marido ideal. Sendo esse o caso, seria desastroso para todos os envolvidos tentar uma experiência tão malfadada.

Ela não disse nada por um momento enquanto os garçons serviam o prato principal e enchiam as taças de vinho.

— Por que acha que iria decepcionar alguém? — perguntou, sem olhar para ele enquanto cortava um bife lindamente cozido no qual sua faca deslizava como se fosse manteiga.

— Porque não é da minha natureza ser fiel. — Lá estava ele de novo, aquele tom de honestidade ríspida em sua voz. Então por que não sentia que ele estava sendo totalmente sincero?

Ela assentiu mesmo assim e o olhou com um sorriso. — Eu creio que entendi.

— Pois então — disse ele, sorrindo para ela —, esse é o motivo.

— Então por que você é tão infeliz com isso?

Anaïs o observou parar e ficar olhando-a, até que desviou o olhar para sua refeição e, quando suas palavras saíram, estavam cheias de irritação mais uma vez: — Eu não sou. Por que diabos você pensaria isso?

Bufando, achando graça, ela balançou a cabeça, vendo-o com mais clareza agora do que jamais fora capaz, apesar da negação dele. — Eu lhe disse que não responderei à sua pergunta a menos que você seja honesto comigo — avisou ela. — E você está claramente, profundamente infeliz, solitário... triste.

Ele franziu a testa para ela, com uma nota de advertência novamente em sua voz: — Anaïs...

Ela deu de ombros e ergueu a mão para detê-lo. — Ok, ok, tudo bem. Só há felicidade nas terras de Dannon. Vamos mudar de assunto então, certo?

— Não. — Ela o observou, achando graça enquanto ele pegava a taça e a

colocava na mesa novamente sem beber. — Por que você diria isso?

Ela ergueu as sobrancelhas para ele, balançando a cabeça com uma expressão de pena. — Porque é óbvio.

— Óbvio para quem? — exigiu, parecendo indignado e bem inquieto.

— Oh, não entre em pânico, é só para mim — respondeu, e então desejou não ter feito isso, pois aquela declaração exigia uma explicação. Anaïs olhou para ele, vendo seus olhos se estreitarem para ela. — Eu... eu posso contar coisas... sobre as pessoas.

— Então quer dizer que você é vidente? — perguntou, muito interessado.

Ela riu, embora fosse um som um tanto amargo, e largou a faca e o garfo fazendo barulho, olhando-o. — Ah, você adoraria isso, não é? Não, eu não sou vidente.

— O que você é então? O que vê quando olha para mim?

Ela hesitou. Não tinha intenção de dizer mais nada, mas havia algo em sua voz, algo desprotegido e cru — e bastante vulnerável. Ela ergueu os olhos para ele e decidiu ser sincera: — Vejo um homem que deseja desesperadamente ser amado, ser aceito e ter um lugar ao qual pertencer. Mas ele é desconfiado e, como foi rejeitado muitas vezes, agora... está com muito medo de tentar.

Por um momento, Dannon ficou completamente imóvel e ela soube que estava certa, mesmo quando ele balançou a cabeça olhando-a com raiva. — Não se iluda com bobagens românticas, Anaïs.

— Mas eu vejo isso, Dannon — disse, com uma voz suave, desejando que ele fosse honesto com ela. — Há escuridão ao redor do seu coração. Um buraco que você não consegue preencher, não importa o quanto tente. Não sou eu quem está se enganando e sabe disso. Você está sendo um covarde.

Anaïs agora percebeu o alarme de verdade nos olhos dele e se xingou. E lá se vai outro homem. Já deveria saber que não podia falar assim, que isso só causava problemas. Afinal, havia sido avisada naquela manhã para manter sua boca estúpida fechada, coisa que não conseguiu fazer por apenas poucas horas.

— Já respondi à sua pergunta, agora responda à minha. — A voz dele estava dura e seu corpo rígido de tensão.

Ela suspirou e assentiu com a cabeça. — Sim, já curei uma pessoa que estava gravemente doente.

— Como? — exigiu saber, com um brilho nos olhos que ela não podia ignorar. Por alguma razão, a resposta dela era importante para ele. — O que aconteceu?

Ela ficou empurrando a comida em seu prato por um momento, sem querer realmente responder. — Era uma moça da minha idade. Os médicos não conseguiam descobrir o que ela tinha, mas estava morrendo, definhando. Até hoje não sei o que era de fato, o nome para aquilo..., mas havia uma doença, uma mancha no sangue dela, eu podia ver.

A luz nos olhos dele mudou, sua voz se tornou mais gentil, de alguma

forma mais simpática, como se ele sentisse pena dela. — O que você fez?

Anaïs deu de ombros, e o que mais poderia ter feito? — Eu a curei.

— Como?

Pôde ouvir a exigência na voz dele e soube que se respondesse, ele a consideraria uma charlatã ou uma doente mental, mas ela não mentiria. Ele perguntou e ela... ela se sentia compelida a dizer a verdade, pelo menos até onde pudesse, embora algo lhe dissesse que isso lhe traria problemas, de uma forma ou de outra. Engolindo em seco enquanto seus olhos se enchiam de lágrimas e o medo revirava seu estômago, ela tentou encontrar uma maneira de explicar, mas não conseguiu, porque essa era a pergunta que a mantinha acordada à noite e que fazia desde que conseguia se lembrar. — Não sei — respondeu, riu e enxugou uma lágrima antes que caísse. — Não faço ideia.

Anaïs ergueu os olhos para ele esperando ver escárnio, sabendo que zombaria dela e a rotularia de lunática, mas quando encontrou os olhos dele, sua expressão estava suave e sorria para ela.

— Coma sua comida, Anaïs.

Eles não conversaram muito depois disso, foi pouco mais do que uma troca de palavras educada. Muito já havia sido dito. Quando terminaram a refeição e saíram do restaurante, Anaïs perguntou se poderiam voltar pelo parque. Não queria que o dia terminasse e, de repente, inspecionar seu precioso livro não parecia tão urgente. Apesar de toda a simpatia e compreensão que viu no rosto dele, sabia que provavelmente o convencera de que estava, na melhor das hipóteses, delirando. Na pior delas... bem, não queria pensar na pior das hipóteses.

Era uma tarde quente, muito quente. O tipo de calor que provoca cansaço e inquietação ao mesmo tempo, que nos deixa conscientes da nossa pele sob as roupas e do arrepio tangível de excitação sob a pele suada, que anseia por um amante e um quarto fresco e escuro.

Anaïs caminhou em direção à sombra de uma grande árvore. Sabia que estava prestes a fazer algo incrivelmente estúpido, mas iria fazê-lo mesmo assim.

Ela parou e se virou para encará-lo e ele olhou-a, com uma pergunta em seus olhos. Antes que ele tivesse a chance de dizer qualquer coisa, Anaïs largou a bolsa aos seus próprios pés e passou os braços em volta do pescoço dele, puxando sua cabeça para baixo e beijando a boca que havia observado com muita atenção durante toda a tarde.

Ela o sentiu hesitar por um momento, uma eternidade de dúvidas antes que seus braços a envolvessem e fosse apoiada contra o tronco da árvore com uma força considerável. Por um momento, foi arrebatada, levada para um lugar impossível onde um homem como ele queria mais do que uma tarde de distração antes de seguir com sua vida.

Mas não parecia que ela era uma distração, uma maneira agradável de passar o tempo. Ele a beijou como se realmente quisesse, como se *ela* significasse algo, e só por um momento Anaïs quis acreditar.

Anaïs passou uma mão pelas costas dele e a descansou em seu ombro, enquanto a outra permaneceu em seu pescoço e seus dedos deslizaram em seu cabelo comprido. Os braços dele estavam apertados ao redor dela e Anaïs prendeu a respiração quando uma mão caiu em seus quadris, puxando-a firmemente contra ele. A excitação dele era mais do que evidente, seu desejo tão feroz quanto o dela, e isso pelo menos era reconfortante. As costas dela estavam pressionadas contra o tronco da árvore e ela podia sentir a casca áspera contra seus ombros nus, mas não se importava.

Ele interrompeu o beijo e olhou para ela, respirando com dificuldade, seus olhos escuros ainda mais escuros enquanto a pupila inundava aquele marrom quente. Por esse olhar, Anaïs percebeu que ele não era mais imune à necessidade que ardia sob a pele dela.

— Isso é uma má ideia — disse ele, com a voz rouca e com os lábios tão próximos dos dela, que sua respiração tremulava quente contra sua boca. Ela sentiu o leve aroma do conhaque com o qual ele havia terminado a refeição e da colônia cara, mas se recusou a ouvir o sentido de suas palavras.

Ela sabia que ele estava certo, é claro, mas o beijou novamente mesmo assim. Por um momento ele permitiu, sua língua se enroscando na dela antes de recuar com um bufo de frustração. Ele segurou suas mãos, tirou-as de seu corpo e agarrou-as na frente das suas, colocando um pouco de distância entre eles.

— Não quero machucá-la, Anaïs — disse, e ela percebeu que ele estava sendo gentil, tentando ser um cavalheiro. Ela desejou ser uma lady também, mas..., mas havia algo desesperado queimando sob sua pele, um formigamento em sua carne que não conseguia ignorar, que queria isso mais do que apenas sexo com um homem bonito. Havia algo poderoso exigindo liberação, exigindo atenção e ela não podia deixá-lo ir embora. — Você sabe que vai se machucar se continuar — acrescentou.

Isso é tristeza em seus olhos? Arrependimento? Ele quer ser corajoso e tentar preencher o buraco onde deveria estar seu coração? Ela se perguntou.

Ela deu de ombros, sem conhecer a resposta, apenas sabendo que sua própria motivação era mais instinto do que pensamento. Não conseguia ser racional sobre isso, sobre ele. Embora não soubesse o porquê. — Eu sei — disse ela. — Você foi bem claro.

Ele suspirou, sua expressão desesperada ao ver que ela não iria desistir e ir embora. — Isso não pode ser o que você quer — disse ele, encarando-a, com um tom um pouco mais duro agora.

— Não. — Ela sorriu para ele, sabendo que não era uma expressão feliz. — Não é.

Ele se inclinou e beijou sua testa. — Então já é o suficiente.

— Não é não — disse ela, sentindo o formigamento crescer sob a pele e desejando saber como dissipá-lo.

Ele sorriu de volta para ela, com um olhar caloroso e divertido. — Eu sei, amor. Acredite em mim, eu sei, mas há algo sobre o qual preciso falar com

você e... e levá-la para a cama só vai obscurecer o assunto.

Um pequeno tremor, um sinal alarmante vibrou em sua barriga e sua desconfiança inicial em relação a ele voltou. — Que assunto é esse?

Ele hesitou e ela pôde ver a guerra em seu olhar enquanto decidia o que dizer. — Tem a ver com o meu trabalho — respondeu, soando um tanto evasivo, o que não ajudou. — Mas acho que deveríamos conversar amanhã quando você estiver um pouco menos...

Dannon ergueu uma sobrancelha e ela bufou para ele. — E quem disse que vou querer?

Ela sorriu enquanto ele ria de sua frustração evidente. — Só posso esperar, mas não acho que todo aquele vinho esteja ajudando seu julgamento e preciso que você esteja com a mente limpa.

— Eu não bebi tanto assim! — retrucou, magoada. Embora talvez devesse usar isso como desculpa.

Ele riu e ela se viu encantada com o brilho divertido e bastante perverso em seus olhos. — Bem... talvez mais do que esteja acostumada?

— É você que faz eu me comportar mal — falou ela, aproximando-se dele, sabendo que havia uma expressão em seus olhos que ilustrava muito bem suas palavras.

Levando uma das mãos dela à boca, ele beijou sua palma e ela a colocou contra seu rosto, acariciando sua bochecha. — Eu poderia dizer o mesmo sobre você — disse ele, com uma voz suave e cheia de desejos não expressos. Ele apenas olhou para ela, pelo que pareceu um bom tempo e o desejo de tocá-lo e beijá-lo novamente, queimou sob sua pele, mas sabia que ele estava certo. Nessa hora, ela estava agindo por instinto e desejo, e precisava de uma certa distância. Talvez então pudesse ser racional novamente. Talvez.

— Não vai me explicar o que quer dizer? — exigiu ela, se perguntando se o havia amansado o suficiente para ceder à sua expressão triste.

Ele deu um tapinha na ponta do nariz dela e abriu um sorriso torto. — Vejo você amanhã cedo.

Anaïs assentiu com a cabeça, se perguntando por que estava tão apreensiva com isso, mas não disse nada. Observando-o se virar e ir embora, soube que já era tarde demais. Apesar de suas melhores intenções, ainda esperava que ele ficasse, que mudasse seus planos. Mas agora, seja lá o que fosse acontecer, sempre que ele fosse embora... iria doer.

CAPÍTULO 8



Dannon se afundou em sua poltrona no château e ignorou a pulsação insistente de desejo sob sua pele, bem como o sentimento de culpa inquieto e oculto que parecia apertar seu peito. Em vez disso, tentou concentrar a mente nos detalhes de uma pintura a óleo do século XVIII de uma pequena nobreza francesa. Qualquer coisa em vez de pensar em Anaïs.

A pintura foi feita com habilidade e mão firme. O jovem soldado era estiloso e parecia ansioso, e Dannon se perguntou se ele já havia se parecido assim. Ele já *se sentira* assim? Cheio de inocência e esperança? Se sim, isso já estava esquecido há muito tempo. Seu cinismo estava muito arraigado agora para se lembrar de uma época em que ele fora diferente, mas não importava o quanto tentasse, o único rosto diante de seus olhos era o dela, dela inclinando a cabeça na sua direção para atraí-lo para um beijo. Dannon ficou chocado com sua própria resposta a ela, com o quanto queria tudo o que Anaïs teria lhe dado.

Ela nunca saberia o controle de ferro necessário para ir embora. Anaïs certamente nunca saberia que ele havia mudado de ideia no meio do caminho de volta para o carro e ido até ela, apenas para vê-la conversando com um grupo de garotas do lado de fora da boulangerie. Graças aos deuses, ele recuperou o juízo naquele momento e voltou para o château, apenas para passar as últimas quatro horas se perguntando o que poderia ter acontecido se não tivesse feito isso.

Dannon suspirou e passou a mão pelo cabelo. Maldita, maldita, mulher maldita. Agora tinha que passar pela tortura de estar na companhia dela como um idoso, quando não havia nada que pudesse fazer a respeito da dor sob sua carne. Ela iria lhe causar um colapso.

Ele estava confiante de que ela carregava o dom da cura em seu sangue, mas tinha muitos anos de experiência neste jogo para agir sem certeza. Precisava ver com seus próprios olhos que Anaïs poderia fazer tudo o que sua terra clamava, antes que fizesse algo que mudaria irrevogavelmente a vida dela. E ele mudaria.

Nada seria o mesmo para ela novamente. Ele se perguntou se Anaïs o odiaria por isso, ou se aquela sensação de inquietação tão aparente em seu olhar aproveitaria a chance para fazer uma mudança, para fazer a diferença em milhares de vidas.

Levantando-se e murmurando xingamentos, sabia que tinha que passar por isso, embora seu corpo doesse, e não tinha nada a ver com o disfarce de velho que havia assumido e tudo a ver com Anaïs. Aquela noite seria de puro tormento.



Anaïs estava sentada em seu jardim, desfazendo e trançando uma mecha de cabelo e olhando com olhos vagos para uma trepadeira que apareceu de

repente na base de sua roseira. Ela sabia que deveria se levantar para retirá-la, mas sua mente estava presa em um loop contínuo, repassando o beijo com Dannon.

Sabia que estava sendo idiota. Ele claramente não a queria — oh, queria levá-la para a cama, sim, mas não além da ideia de um caso de uma noite, e ela não fazia sexo casual. A ideia era terrível para ela, e o fato de que estava considerando isso de qualquer maneira era uma medida de quanto problema estava enfrentando.

Ela olhou para a trepadeira enrolada e emaranhada no caule da rosa e bufou com desgosto. Isso era exatamente o que queria fazer, envolver-se em torno dele com tanta força que Dannon não conseguiria se livrar dela. O resultado também seria o mesmo: a rosa morreria, assim como ela mataria qualquer chance que pudesse ter com ele. Quanto mais apertado ela o segurasse, mais rápido ele iria embora.

Se quisesse ter a menor chance, por mais improvável que fosse, teria que deixá-lo ir até ela. Sabia que isso era verdade, mas... sabia que era improvável que conseguisse ficar no mesmo cômodo que ele sem fazer exatamente o que tinha feito no parque. Ela se perguntou se deveria confiar no avô dele, talvez a aconselhasse? Ele parecia ter uma alma sábia e mundana, e Anaïs sentia que tinha um coração bondoso. Embora tivesse certeza de qual seria esse conselho. Não tinha certeza se confiava nele, apesar de todos aqueles sentimentos de sabedoria e bondade. Havia apenas algo que... ela balançou a cabeça com frustração enquanto estava mais uma vez confusa sobre qual era exatamente o problema. Por que seus sentidos aceleravam quando ele estava por perto? Era quase como se ela não conseguisse olhar para ele ou... pelo menos não conseguisse vê-lo direito. Mas os olhos dele, assim como os do neto, sempre pareceram tão sinceros.

Ela passou as mãos sobre o livro grande à sua frente, um toque reverente que a trouxe um pouco mais para a realidade. *É nisto que eu deveria estar me concentrando*, pensou com um suspiro. Isso era muito mais importante do que seus hormônios descontrolados que faziam sua pele doer como um hematoma que se escondia sob sua carne.

Anaïs abriu o livro e tentou se concentrar na escrita antiga, mas ela parecia se confundir diante de seus olhos, transformando-se em pequenos rabiscos pretos que dançavam na página. Ela gemeu e colocou a cabeça entre as mãos. Pare com isso, Anaïs, pelo amor de Deus! Sentando-se mais ereta, respirou fundo e olhou novamente, maravilhada com a existência de tal livro. Foi por puro acaso que ela conheceu o dono dele.

O homenzinho elegante com terno imaculado e cabelo branco bem cuidado chamava-se Remé. Ele estava no mercado, comprando do holandês, o dono da bela barraca de especiarias. Anaïs ia lá com frequência, pois ele sempre parecia ser capaz de encontrar qualquer ingrediente de que ela precisasse, por mais incomum que fosse.

Estava esperando para ser atendida quando uma mulher desmaiou ao lado

deles, claramente vencida pelo calor do dia, mas Anaïs percebeu que ela também estava doente. Ela pediu ao dono da barraca que montasse um saquinho cheio de ervas e especiarias e, depois de reanimar a senhora, deu-lhe instruções para preparar uma infusão quando chegasse em casa. A mulher olhou para ela com um pouco de desconforto, mas agradeceu e levou a mistura embora. O senhor elegante, no entanto, olhou para ela com grande interesse.

Esse interesse arrepiou os pelos de sua nuca e ela decidiu esquecer suas compras por um momento e fugir de seu olhar sábio, até que ele agarrou seu braço.

— Você é uma curandeira — disse ele, com os olhos brilhando de curiosidade enquanto seu aperto no braço dela fazia seus sentidos formigarem de maneiras que ela não entendia. Era como se ele estivesse cheio de eletricidade e ela pudesse senti-la zumbindo sob a pele dele.

Ele não estava fazendo uma pergunta, e ela estava prestes a negar quando o homem disse: — Está tudo bem, sou feiticeiro, seu segredo está seguro comigo.

Ela se lembrou de sua reação com uma risada, nunca tendo tido a menor ideia de que tais coisas poderiam realmente existir.

Mas Remé lhe mostrou seus poderes, mostrou a verdade de um mundo que ela nunca conheceu, onde talvez não fosse a estranha que sempre acreditou ser. A ideia de que ela também pudesse ser uma bruxa era emocionante e assustadora em mais aspectos do que conseguia imaginar.

O livro de feitiços que ele lhe dera estava aberto agora e ela sabia que deveria se submeter à prova. Na verdade, estava desesperada para estudá-lo, mas agora seus pensamentos estavam tão confusos que mal conseguia enxergar as palavras.

— *Alors*, Anaïs, deixe de ser patética! — ela se repreendeu, como se dizer isso em voz alta fizesse a menor diferença. — Ele é apenas um homem com um rosto bonito e há muitos desses no mundo. Controle-se mulher. — Havia uma voz em sua cabeça dizendo que era improvável que houvesse outro Dannon no mundo e insistindo que havia mais em sua atração do que apenas luxúria, mas ela a ignorou. Com pesar, cobriu o livro com o pano limpo que encontrara para esse propósito, pois estava claramente sem concentração. Ela o levou para o quarto e o escondeu debaixo da cama.

O avô de Dannon provavelmente chegaria em breve e ela não queria os olhos atentos dele no livro. Ela só podia imaginar o que Dannon pensaria dela se descobrisse que tinha um livro de feitiços.

O sino tocou no andar de baixo e um momento depois seu pai a chamou:

— Anaïs, você tem um cliente.

— *J'arrive, Papa* — gritou ela, antes de descer correndo a escada estreita até a padaria.

O idoso estava à sua espera e ela sorriu para ele, levando-o para seu pequeno cômodo de ervas e acomodando-o confortavelmente na cadeira. Ela

não sabia se estava fazendo a coisa certa, mas decidiu curar a artrite dele em vez de apenas uma solução de curto prazo. Ela se perguntou se isso faria Dannon levá-la mais a sério ou se ele finalmente a declararia uma aberração e correria para as colinas. De qualquer forma, deixaria o destino decidir. Com quem quer que ficasse supondo que fosse fazer algo tão normal quanto casar e ter filhos, eles teriam que saber sobre ela. Não poderia esconder seu *dom* ou o que quer que isso fosse de alguém próximo. Então ele poderia pegar ou largar, a escolha seria dele.

O fato de que ele iria embora de qualquer maneira era algo em que ela se recusava a pensar.

A única coisa que ainda a incomodava era o fato de que ela simplesmente não conseguia sentir a dor que o velho sentia, ou enxergar os danos em seu corpo. Era muito estranho, já que uma dor como aquela normalmente queimaria sob seu toque, mas ela tinha fé que seu dom saberia o que fazer, geralmente sabia.

Sentando-se em frente a ele no espaço apertado, Anaïs respirou fundo, sorrindo-lhe e orando para não estar cometendo um grande erro de julgamento enquanto seus sentidos formigavam com um mau pressentimento.

— *Alors*, vamos ver se consigo tirar essa dor do senhor — disse ela, fazendo o possível para parecer tranquilizadora. — Dê-me suas mãos, por favor. — O idoso hesitou por um momento. — Está tudo bem — falou ela, suavemente. — Prometo que não vai doer.

Ele estendeu as mãos e Anaïs as segurou, ignorando a sensação de que... havia algo errado... antes de fechar os olhos e tentar se concentrar no que deveria ser fácil para ela. Mas mais uma vez, não importava o quanto olhasse, ela não conseguia ver dor nenhuma, nenhum dano. Tudo o que conseguia enxergar era saúde e vitalidade e... o que era isso? Havia algo, como um véu nublando sua visão. Antes estava escondido, mas agora conseguia enxergar claramente. Ela franziu a testa, com a sensação de mau presságio crescendo. Que diabos? Com um puxão, ela tirou o véu e ouviu o idoso ofegar em estado de choque.

Ao abrir os olhos, ela fez o mesmo...

— *Putain!* — gritou ela, e levantou-se de um salto com Dannon sentado no lugar do idoso. Dannon fez o mesmo, levantando-se alarmado e estendendo as mãos à sua frente.

— Anaïs, espere... Eu posso explicar — disse ele, com os olhos arregalados de espanto.

Ela recuou até o canto mais distante do cômodo, olhando para ele com um olhar selvagem. — Pode? — perguntou, sentindo-se completamente histérica. — Porque eu gostaria muito de ouvir uma explicação agora mesmo!

Dannon assentiu com a cabeça e baixou uma mão, a outra ainda estendida na sua direção, como se ela fosse uma coisa selvagem prestes a fugir. — Um de seus ancestrais foi um grande curandeiro, Anaïs — disse ele, com uma voz firme e baixa. — Só descobrimos que ele teve um filho recentemente e que

você é descendente direta dele, você é a bisneta dele. Meu povo está doente, morrendo, e fui enviado para descobrir se você carregava o mesmo dom que ele... e levá-la de volta para casa comigo. Precisamos da sua ajuda, Anaïs. Precisamos muito disso.

Anaïs o olhou boquiaberta. Ela estava disposta a acreditar em feiticeiros, mas isso... isso era... que diabos *era* isso? — Seu povo? — perguntou, sentindo-se como se tivesse mergulhado no cenário de um filme de fantasia. — Do que você está falando? E como sabe sobre meus ancestrais?

Dannon suspirou e sentou-se novamente, parecendo cansado e bastante estressado. A impressão foi enfatizada quando passou a mão cansada pelo cabelo. Ele apoiou o cotovelo no balcão, acidentalmente juntando uma dúzia ou mais de pequenos frascos de vidro no espaço apertado e fazendo-os tilintar. — Eu pertenço ao povo Fae, não somos humanos e você também não. É por isso que consegue enxergar a doença, por isso que pode curá-la... é um grande dom, um dom poderoso. — Ele fez uma pausa, olhando para ela, talvez se perguntando se Anaïs estava prestes a sair correndo pelas ruas gritando ou se começaria a atirar coisas. — Nós também podemos ajudá-la, Anaïs. Você pode fazer o que sempre sentiu que deveria fazer... fazer a diferença. Isso é o que você quer, não é?

O coração de Anaïs batia em seu peito com tal frenesi que ela pensou que havia uma boa chance de precisar de um curandeiro muito em breve. Ela apontou para ele, vendo agora um homem que não possuía um tipo de beleza terrena e se perguntando por que diabos não tinha notado antes. Ele parecia totalmente deslocado, bonito e refinado demais para os limites rudes de seu pequeno galpão.

— O que foi aquilo? — perguntou ela, sua voz soando estridente aos seus próprios ouvidos enquanto agitava a mão para ele. — Como você... — Ela parou, sem conseguir explicar o que tinha visto.

— Magia do disfarce — respondeu, e talvez houvesse vergonha em seus olhos agora. Sua boca se torceu em um sorriso sardônico. — O meu dom — acrescentou ele, embora ela não ouvisse orgulho em suas palavras. — Posso mudar minha aparência sempre que quiser.

— Desgraçado! — Ela pegou um pote de vidro pesado de óleo perfumado, mas foi apenas o arrependimento nos olhos dele que deteve sua mão.

Dannon deu de ombros e desviou o olhar dela, embora tenha se levantado da cadeira e recuado um pouco. — Eu lhe avisei — disse ele, com a voz baixa.

— Oh, meu Deus. — Anaïs largou o pote e esfregou os olhos enquanto sua cabeça girava com as implicações de suas palavras. Isso era demais para absorver. A náusea revirou seu estômago e a vertigem começou a tomar conta. O vinho no restaurante foi uma péssima ideia.

Dando um passo apressado em direção à cadeira, ela tropeçou e Dannon estava lá no mesmo instante, seu braço apoiando-a e abaixando-a. Ela se sentou e deu um tapa na mão dele. — Não me toque, *fiis de pute!* Como pôde?

Como pôde me enganar assim?

Ele recuou mais uma vez, enfiando as mãos nos bolsos na defensiva. — Não quis fazer mal a você. Foi simplesmente um meio de chegar à verdade.

— Já lhe ocorreu perguntar? — retrucou, massageando as têmporas doloridas e olhando para ele.

Ele bufou para ela, com as sobrancelhas erguidas com uma expressão incrédula no rosto. — E você teria me contado?

— Provavelmente sim! — retrucou, embora não tivesse certeza se estava sendo totalmente sincera. — Você... você... Ah! — Ela ergueu as mãos, ficando sem ideias para uma descrição ruim o suficiente dele. — Em vez disso, anda por aí me enganando, fazendo-me pensar que é um velho e... e me espionando! — acrescentou, furiosa, cruzando os braços e se perguntando o que poderia fazer para puni-lo por tamanha... *infâmia!*

— Mas é isso que eu faço, Anaïs. — Agora seu olhar estava mais duro. Um olhar que a desafiava a dizer que não havia lhe dado um aviso justo. — Sou um espião do Reino.

— Você é um... ah, meu Deus, me dê um copo d'água — exigiu, esfregando os olhos e se perguntando se a dor de cabeça provavelmente se transformaria em uma enxaqueca. Depois disso tudo, não ficaria nem um pouco surpresa.

Obedientemente, Dannon levantou-se e encheu um copo com água para ela e entregou-o, enquanto Anaïs o observava com um olhar cauteloso o tempo todo. Uma brisa leve soprou no galpão apertado, agitando as calêndulas que estavam em uma bandeja que ela havia deixado na bancada para secar. O cheiro delas chegou até ela no ar quente, acalmando-a um pouco.

— Eu disse que você tinha bebido demais — disse Dannon, sorrindo para ela, e Anaïs pensou ter visto um pouco da cordialidade que havia estado entre eles antes espreitando em seus olhos.

Ela ignorou isso com dignidade e voltou ao que considerava importante: — Então você é um Fae? — perguntou, bastante impressionada por ter dito isso sem ceticismo total. — Como fadas e elfos e tal? — acrescentou, apenas para ter certeza de que não havia entendido mal.

Ele assentiu com a cabeça e ela soltou um bufo achando graça, subitamente impressionada com o absurdo daquilo. — Exatamente o que eu precisava — disse ela, sarcasticamente. — Um James Bond Fae. Onde estão suas asas então? — perguntou, sentindo de repente como se realmente fosse ter um ataque de histeria. Ela o viu franzir a testa e pegou um frasco de sais aromáticos, inalando profundamente até que o cheiro de lavanda e ylang ylang a envolveu e sentiu um pouco da calma retornar.

— Então você é uma Fada? — questionou, se perguntando como diabos ela conseguira fazer isso com uma cara séria.

— Não — disse ele, e ela ergueu as sobrancelhas ao ver a irritação em seus olhos. — Eu sou de Alfheim, as Terras Élficas.

Ela sentiu os cantos de sua boca se contraírem involuntariamente. — Você

é um... *Elfo*?

Ele assentiu com grande dignidade e simplesmente isso ainda não era bom.

Ela deu uma risadinha.

O olhar furioso que recebeu em resposta foi a gota d'água e Anaïs perdeu completamente o controle e uivou de tanto rir. — Um elfo! — exclamou, se perguntando se talvez a histeria fosse a melhor opção, enquanto ria tanto que as lágrimas começaram a escorrer pelo seu rosto. Sua barriga doía, mas não conseguia parar e cada vez que erguia os olhos e via o rosto furioso dele, isso a deixava louca novamente. — Ai, meu Deus... um Elfo! — Ela ofegou e tentou falar: — Você não deveria ser grande...? — Ela apontou para os joelhos dele. — Com sapatinhos pontudos?

Ele bufou em repúdio e ela gritou de tanto rir de novo enquanto Dannon, frustrado, andava de um lado para o outro, passando a mão pelos cabelos.

— Droga, Anaïs, não tem graça! — gritou. — Não somos as criaturas dos contos de fadas das suas histórias infantis idiotas, somos muito reais e podemos ser um perigo para vocês se não tomarem muito cuidado.

Anaïs parou, ofegante, mas as palavras dele chamaram sua atenção.

— Seu poder de cura será um bem inestimável, consegue entender isso? — perguntou, com uma voz suave e ela não poderia fingir não ter ouvido a verdade em suas palavras, enquanto a ansiedade apertava seu peito. — Tem sangue Light Fae em suas veias e eles *virão* atrás de você, e não farão rodeios como eu fiz. Você será levada, gostando ou não.

A ansiedade se transformou em medo e então em desafio. Ela estreitou os olhos para ele, sem qualquer traço de humor. — O que você quer dizer exatamente? Não vou a lugar nenhum se eu não quiser.

— Quero dizer que fui enviado para avaliar seus poderes e levá-la para nossas terras. — Anaïs podia ver a culpa no olhar dele com essa admissão e se perguntou quais eram os planos de Dannon para ela. — Mas eu juro que você será bem tratada e que nenhum mal lhe acontecerá, e... e se não quiser voltar comigo, farei tudo que estiver ao meu alcance para mantê-la segura.

Ela ficou em silêncio por um tempo, observando-o, decidindo se poderia confiar nele. Afinal, ele a estava espionando o tempo todo. — Quer dizer que não vai me forçar a ir? — perguntou, franzindo um pouco a testa.

— Eu não, mas *eles* vão.

— Os Light Fae? — esclareceu ela, se perguntando como a vida real poderia tomar um rumo tão bizarro.

Dannon assentiu, olhando-a com simpatia. — Eles enviarão homens para capturá-la.

Ela sentiu um arrepio percorrer seu corpo e se abraçou enquanto a realidade do que ele estava lhe dizendo a atingia. — Suponho que não há chance de tudo isso ser uma grande piada, não é?

Dannon se agachou aos pés dela, pegou sua mão, mas Anaïs a retirou e ele suspirou. — Desculpe, Anaïs, não queria vir aqui fazer isso, eu juro. Se eu pudesse escolher, não teria vindo, mas sou obrigado a seguir ordens. Recebi

instruções e tinha o dever de segui-las.

— Ordens de quem? — perguntou, querendo saber quem achava que tinha o poder de assumir o controle da vida de outra pessoa sem permissão.

— A rainha.

Talvez fosse o tom de voz dele, talvez a expressão do olhar, mas ela estremeceu ao ouvir a resposta.

— Mas você está me dando uma escolha agora — disse ela, imaginando o que essa escolha poderia custar a ele e por que a ofereceria. — O que sua rainha vai dizer se você não me levar? — Ela o observou, estudando sua reação. Por um momento, viu medo em seus olhos, mas ele balançou a cabeça.

— Você não precisa se preocupar com isso — disse ele.

Anaïs franziu a testa novamente e sabia que Dannon estava mentindo para ela, ou pelo menos escondendo a verdade, e então ele a olhou com a sinceridade queimando naqueles olhos castanhos profundos. Anaïs engoliu em seco e desviou o olhar.

— Você precisa ir — disse ela, levantando-se e forçando-o a recuar.

Ele também se levantou, com uma expressão cautelosa. — Precisamos conversar sobre isso.

— Sim — respondeu ela, assentindo com a cabeça para ele —, sei que precisamos, mas necessito de um tempo longe de você. Preciso pensar no que isso significa e não posso fazer isso com você aqui.

— Anaïs... — pressionou, em um tom de advertência.

— Vá embora! — Ela o empurrou, repentinamente furiosa por ele ter aparecido e virado a vida dela de cabeça para baixo de várias maneiras. — Falarei com você quando estiver bem e pronta. Preciso pensar. E não pense que esqueci o quão sorrateiro você tem sido. Se acha que irá escapar, terá um choque terrível.

Ele abriu um sorriso triste. — Oh, não pensei nisso nem por um momento.

— *Bon!* — exclamou, conduzindo-o para fora da porta. — Contanto que estejamos entendidos.

Anaïs o conduziu de volta à padaria, onde ele se virou para falar com ela. Dannon segurou sua bochecha, acariciando seu rosto com o polegar e, para seu intenso aborrecimento, ela sentiu sua respiração falhar ao toque e os olhos dele ficaram tristes.

— Eu *sinto* muito — disse ele, com a voz baixa e soando tão sincera que foi terrivelmente difícil não o perdoar na hora, apesar de tudo.

— Gostaria que você fosse embora agora, por favor — proferiu, antes que pudesse mudar de ideia. Não importava o que acontecesse, sempre poderia perdoar este homem muito facilmente, mas estaria condenada se estivesse prestes a deixá-lo saber disso.

Ele assentiu com a cabeça, abriu a porta e, quando estava saindo... para a surpresa dela, voltou a entrar, fechando a porta atrás de si com um olhar tão furioso que a deixou muito espantada.

— O que foi? — perguntou, alarmada.

Anaïs observou Dannon girar a chave na fechadura e olhar para ela. — Eles estão aqui.

CAPÍTULO 9



Anaïs ficou boquiaberta enquanto absorvia as palavras e Dannon baixava a persiana. Ele agarrou a mão dela e a puxou escada acima.

— Mas o que... onde você pensa que vai?

No topo da escada ele virou à direita e foi direto para o quarto dela, até a janela, e gesticulou para que Anaïs fosse dar uma olhada.

— Lá. — Ele apontou para dois homens de cabelo dourado sentados no café algumas portas abaixo. Anaïs olhou para eles e se deu conta de que nunca tinha visto dois espécimes *tão saudáveis* — por falta de uma palavra melhor — do sexo masculino em toda a sua vida. A princípio os achou um tanto angelicais, mas após um estudo mais aprofundado daquela tez cor de pêssego e creme, e daqueles cachos dourados, decidiu que querubim era mais adequado. Dannon parecia estar ciente dos pensamentos dela.

— Não se engane, Anaïs, eles são da guarda do rei. São perigosos.

Anaïs olhou de volta para Dannon e percebeu que ele estava tenso, louco para tirá-la dali. Realmente estava com medo por ela. — Eles com certeza vieram atrás de mim?

Ele assentiu, com aquele olhar suave que fez o estômago dela apertar, enquanto o medo real, de repente, percorreu sua espinha. — Infelizmente sim.

Ela se sentou na cama, alisando o edredom familiar e desbotado, como se pudesse se agarrar a ele e encontrar algum senso de normalidade, e todo o resto iria embora. Afastando o cabelo do rosto, pressionou os dedos nas têmporas. Sua cabeça estava latejando e se sentia muito mal. — Não consigo acreditar nisso — sussurrou ela.

— Não consegue?

Anaïs olhou para ele e havia simpatia em seus olhos, mas a pergunta era verdadeira.

— Você sempre soube que tinha consciência de coisas que os outros não tinham? Que você via o mundo de forma diferente deles? — perguntou ele.

Ela sorriu e assentiu com a cabeça, soltando a respiração que sentia estar segurando por toda a sua vida. — Você está certo, tudo faz muito mais sentido agora. As coisas que consigo fazer, essa sensação de... como se estivesse faltando algo importante. — Ela mordeu o lábio e viu os olhos dele irem até sua boca, antes de desviar o olhar rapidamente. — Então eu sou mesmo uma... uma fada?

Ele sorriu para ela e assentiu. — Você é uma Light Fae. Na verdade, seu tataravô era, e um grande curandeiro. Ele agora é considerado um santo em nossas terras. Pelo pouco que sei, ele passou algum tempo aqui, conheceu uma mortal e teve uma filha: a sua bisavó. O dom que você tem foi transmitido através da linhagem.

Anaïs franziu a testa ao perceber que isso não era inteiramente verdade. — Mas *maman*, e até Mamei... elas sabiam tudo sobre ervas e cura natural,

mas..., mas não conseguiam... não podiam — elas não eram como eu.

Dannon deu de ombros, recostando-se na parede do quarto. — Isso não é tão surpreendente. Dons desta natureza muitas vezes pulam gerações e nenhuma delas tinha sangue Fae puro. Resta saber o quão poderosa você é.

— Então o que eu faço? — perguntou, olhando para ele e sentindo-se repentinamente à deriva. Deveria ir para uma terra estranha, onde não conhecia ninguém, sem ter ideia de que tipo de pessoas elas eram?

Ele sentou-se na cama ao lado dela e Anaïs de repente percebeu que seu quarto era muito menor do que pensava.

— Isso é com você — disse, pegando a mão dela e apertando-a entre as suas que eram maiores e mais quentes. — Quero que entenda que é verdade o que lhe disse. Precisamos de você, Anaïs. Precisamos muito. Seu mundo está envenenando o nosso. As doenças humanas estão chegando às nossas terras e não temos a resistência de vocês. A taxa de fertilidade caiu tanto que quase não há filhos. Nós *vamos* morrer. — Ela sentiu um aperto no coração ao ver a expressão desolada dele. — Toda a nossa raça será exterminada em questão de poucos séculos, a menos que algo seja feito.

Anaïs sentiu um arrepio de puro medo percorrer sua espinha. — Mas Dannon — disse, sentindo o peso das expectativas dele pressionando-a —, eu não posso... você não acha que... eu sou apenas uma garota! Não pode esperar que eu... salve uma raça inteira?! — ofegou, enquanto o pânico fazia seu coração bater rápido demais e seus pulmões apertarem.

— Sssshh. — Ele passou o braço pelos ombros dela e a puxou para si. — Respire, Anaïs. — Ela o olhou, respirou fundo e expirou lentamente, e repetiu até que seu coração se acalmou um pouco, embora não houvesse como voltar ao normal agora que ele estava com o braço em volta dela. — Ninguém está esperando isso de você, mas para ser sincero, se realmente herdou os mesmos poderes do seu tataravô, é bem possível que sim.

Anaïs apenas olhou para Dannon enquanto a enormidade do que ele estava lhe dizendo era absorvida. Uma voz frágil e há muito ignorada sussurrava para ela que era isso mesmo. Ela sempre sentiu que tinha recebido essa habilidade com um propósito... fazer algo de bom. Curar alguém estranho que não a achava uma completa maluca era uma coisa, mas a chance de fazer a diferença... de realmente fazer algo de bom — era emocionante, inimaginável.

Dannon estava olhando para ela, e podia sentir o peso de seu olhar em seu rosto, observando, esperando por sua decisão. — Você vem comigo, Anaïs?

Ela fechou a boca antes de concordar em ir aonde ele quisesse. Precisava pensar com o cérebro e não com a parte dela que estava desesperada para beijá-lo novamente.

— Eu... eu não sei — respondeu, passando a mão pelo cabelo enquanto o pânico se instalava mais uma vez. — Preciso de mais tempo. Não posso simplesmente deixar o papa administrar a padaria! — exclamou, quando o aspecto prático de sua vida se apresentou a ela. O aluguel venceria em breve,

eles não tinham ganhado o suficiente e nem ganhariam, a menos que ela continuasse vendendo seus doces, porque só o pão não era o bastante.

— Não pode ficar aqui — disse Dannon, com uma voz implacável. — Sinto muito, de verdade, mas mesmo que decida não ir, precisa sair daqui. Terei que encontrar um lugar para você se esconder. Aqui não é mais seguro. Agora que sabem sua identidade, eles virão atrás de você, mas se vier comigo, cuidaremos de seu pai, Anaïs. Ele será provido na sua ausência, eu prometo. Ele poderá até se aposentar se quiser.

— Mas e papa? — perguntou, agarrando as cobertas ao se lembrar dos dois jovens fortes no café do outro lado da rua. — Ele estará seguro?

Dannon assentiu com a cabeça. — A linhagem era da sua mãe, eles não têm interesse nele.

— Não sei, eu quero ajudá-lo, seu povo também, mas... Ah, não consigo pensar! Isso foi tão repentino. Gostaria de ter mais tempo.

Dannon suspirou e olhou para a janela. — Tenho certeza de que eles não sabem que estou aqui. Teriam visto um velho entrar na padaria e não me viram quando saí. Se houver outra saída, poderíamos ir embora, pelo menos sair daqui e... bem, você teria um dia, talvez dois para decidir.

— Isso! — exclamou, apertando a mão dele e sentindo-se pateticamente grata. — Sim, isso ajudaria, obrigada.

— Então você precisa arrumar alguns pertences rapidamente e... explicar as coisas ao seu pai.

— *Oh, mon Dieu!* Como devo fazer isso? — Dominada pela ansiedade, mordeu o lábio novamente e viu os olhos dele em sua boca, a tristeza em seus olhos, e não conseguiu mais aguentar. Anaïs se inclinou e o beijou, e foi rapidamente envolvida pelos braços dele, que a seguravam com tanta força que era difícil de respirar. Em resposta, passou os braços ao redor dele, deleitando-se com a sensação de Dannon pressionado com tanta força contra ela, o gosto daquela boca linda enquanto recebia seus beijos com tanta habilidade e com tanta paixão. Ele recuou e Anaïs ficou mais do que satisfeita ao ver que Dannon estava respirando rápido demais, que o seu olhar combinava com o dela e que o sentimento não era unilateral. Ele a queria também.

— Acho que este não é o momento nem o lugar — murmurou ele, com um sorriso bastante triste surgindo em seus lábios.

— É, eu sei — disse, com um suspiro pesado —, mas não resisti. — Anaïs se inclinou novamente e roçou seus lábios nos dele, sentindo seu coração acelerar quando Dannon abafou um gemido.

— Por favor, não. — A voz dele estava rouca e o desejo em seus olhos era tão vívido e poderoso que ela acabou ficando sem fôlego. — Isso só poderá acabar de um jeito, Anaïs, e não quero vê-la machucada.

— Sou adulta, Dannon, posso cuidar de mim mesma.

Ele balançou a cabeça, se desvencilhou dos braços dela e se levantou. — Nós dois sabemos que quer mais do que apenas um caso e que eu não vou

oferecer isso a você. Nunca oferecerei. Não quero ser acusado de enganá-la, nem viver com a culpa de saber que a machuquei.

— Mas você não me enganou, me disse a verdade e eu a aceito. — Seus olhos procuraram os dele e ela viu a tristeza que persistia ali. — Mas acho que não é a mim que você está com medo de machucar.



Dannon olhou para Anaïs sentada na cama e conteve um palavrão. Ela havia trocado de vestido desde que chegara do restaurante e este, um azul brilhante, fazia a cor de seus olhos cintilar contra sua pele pálida. Suas bochechas estavam coradas por causa do beijo, seus lábios rosados e um pouco inchados, e ele não tinha ideia de como ainda estava parado, imóvel quando cada instinto lhe dizia para aceitar o que ela estava obviamente mais do que disposta a lhe dar. Dannon se concentrou no que ela acabara de dizer e não conseguiu sustentar o seu olhar. Não queria considerar o que ela estava lhe dizendo, e aqueles olhos realmente viam demais. A sensação que Anaïs lhe provocava, de se sentir exposto, como se seu peito tivesse sido aberto e seu coração ficasse à vista, estava obviamente muito perto da verdade. Se realmente pudesse ver o buraco escuro que ele sentia que o estava consumindo de dentro para fora por tantos anos, Dannon se perguntava o que mais ela descobriria apenas olhando.

— Dannon?

Ele engoliu em seco, ouvindo a pergunta em sua voz. Devia a ela algum tipo de resposta. — Mesmo que eu quisesse e acho que fui bastante claro nesse ponto — disse, embora parecesse tudo menos claro para ele agora —, não há como ficarmos juntos. Não sou livre para... — Balançou a cabeça, imaginando o quão enojada ela ficaria se soubesse a verdade sobre ele, sobre a maneira como havia destruído a própria vida. — Eu não sou livre.

Dannon a viu franzir a testa para ele. — Mas você me disse que não é casado.

Dannon abriu-lhe um sorriso amargo. — Eu não sou casado.

— Então você tem alguém? — pressionou, obrigando-o a lhe dar mais informações, a revelar outra camada de sua alma. — Alguém de quem gosta?

Ele balançou a cabeça, não lhe daria mais segredos, Anaïs já era perigosa o suficiente. — Não há ninguém — disse ele, com a voz firme, embora a verdade dura daquele comentário parecesse se abrir diante dele como um abismo. Não havia *ninguém*.

— Então o que...? — começou ela, com uma expressão perplexa.

— Isso é tudo, Anaïs! — disparou, afastando-se dela e passando a mão pelo cabelo. Por que ela não podia simplesmente deixar isso para lá? — Não posso lhe dar o que você quer, acredite em mim. Isso é tudo que precisa saber, então, por favor, pare de jogar este jogo, porque mais cedo ou mais tarde, tirarei o que quero de você e se arrependerá. Fui claro? — Dannon a encarou, sabendo que sua expressão estava tão dura e zangada quanto suas palavras, mas Anaïs apenas estreitou os olhos para ele.

— Muito — respondeu, assentindo para ele. Mas havia algo no tom dela, naqueles olhos azuis inocentes que diziam a ele que Anaïs via além de sua raiva, ou seja, o medo que estava escondido por trás dela.

— Arrume suas coisas — disse ele, com a paciência terminando. — Esperarei lá embaixo.

Dannon se afastou dela, feliz por colocar alguma distância entre eles, e se viu sentado à mesinha no jardim. Ele apoiou os cotovelos na mesa e colocou a cabeça entre as mãos. Só tinha que levá-la de volta e entregá-la, e então poderia voltar para sua vida. Só que então, começou a se perguntar o que aconteceria com ela se simplesmente a entregasse à rainha e fosse embora.

Não acreditava que a rainha fosse prejudicá-la, Anaïs era uma mercadoria muito valiosa. Não, ela seria bem tratada, com tudo o que pudesse desejar, mas nunca mais seria dona da própria vida. Ficaria à disposição da rainha... assim como ele.

Dannon gemeu e massageou a nuca, sua cabeça doía, causando uma pulsação de dor lenta e pesada atrás dos olhos. Seu estômago também doía. Não poderia fazer isso com ela, não poderia simplesmente entregá-la e deixá-la à mercê da rainha. Anaïs nunca conseguiria ser feliz assim, presa em uma gaiola bonita, sem nunca ter nada além de uma ilusão de liberdade.

Dannon tinha que pensar em outra maneira de levá-la de volta e fazê-la realizar o que obviamente nasceu com ela e deixá-la manter sua liberdade.

Dannon pelo menos teve a opção de seguir o caminho que escolhera. Ele foi para a cama da rainha por vontade própria, mas se soubesse no que estava se metendo teria corrido o mais longe e o mais rápido que pudesse. Deuses, mas ele tinha sido um tolo, estava cego demais por causa do tédio e pela emoção doentia de seu comportamento ultrajante para ver o quão completamente estava sendo usado.

Dannon se perguntou exatamente que destino a rainha teria reservado para ele quando descobrisse que a havia manipulado. Se ele tivesse algum juízo, ficaria seriamente preocupado sobre como exatamente ela iria puni-lo, mas descobriu, para sua surpresa, que não se importava muito.

Dannon ouviu vozes vindas de dentro e percebeu que Anaïs estava falando com seu pai, e se perguntou como ele receberia a notícia. Certamente tinha visto que sua filha era especial e que era muito diferente dos outros ao seu redor, não tinha?

Esperando enquanto conversavam, ele se perguntou o que diabos iria fazer agora. Se conseguisse tirá-la de Brantôme, poderia lhe dar um ou dois dias antes que os Light Fae encontrassem seu rastro novamente.

Eles ainda não sabiam que Dannon estava ali, não percebera que alguém o observava e era muito bom no que fazia para ser pego. Não poderiam voltar para o château, isso seria óbvio. Não valia a pena o risco. Mas por que eles chegaram tão cedo? A rainha sabia que ele tinha três semanas. Não que isso importasse, quanto mais cedo ele conseguisse instalar Anaïs em segurança nas Terras Fae e deixá-la sozinha, melhor. Uma leve pontada de ansiedade em seu

peito o chamou de mentiroso, mas ele a ignorou.

Quando Anaïs saiu pela porta, carregando uma mala pequena, já estava anoitecendo. Seu pai também saiu e ficou ao lado dela, examinando Dannon com um olhar crítico.

Dannon levantou-se.

— Senhor — disse, esperando que seu sorriso fosse reconfortante o suficiente para permitir-lhe entregar sua única filha.

— *Papa*, este é o Dannon.

O homem olhou para ele e Dannon se perguntou o que estava vendo. O pai dela já tinha sido um homem muito maior, mas a dor cobrara seu preço e ele parecia abatido. Tinha olheiras e sua pele estava flácida em alguns lugares, como um terno muito usado, dois números maior que o dele. Era obviamente uma sombra do homem que um dia havia sido.

Dannon sentiu muita pena dele, pela perda de uma mulher que claramente amara. Como seria a sensação de entregar seu coração de forma tão completa e irrevogável, e depois tê-lo partido para sempre? E agora, para aumentar a dor, Dannon estava prestes a levar a filha. Seu estômago se revirou de culpa.

— Então isso é mesmo verdade? — perguntou o homem, encarando Dannon, mas não parecendo tão cético ou incrédulo quanto ele esperava.

Dannon assentiu com uma expressão séria. — Infelizmente sim.

Para sua total surpresa, a expressão séria do homem se transformou em um sorriso, um vislumbre do homem que um dia havia sido, brilhando em seus olhos enquanto puxava sua filha para um abraço. Os olhos dele brilharam com lágrimas enquanto Dannon o olhava perplexo.

— *Alors*, viu só! Você deveria sempre ouvir seu *papa*, hein? — O homem parecia extremamente orgulhoso, e todos os vestígios de tristeza desapareceram na alegria deste momento. — Eu sempre lhe disse, não é? Você e sua mãe, sempre vi que eram especiais, especiais demais para este mundo. Oh, sou um cara muito sortudo, Anaïs.

Anaïs o abraçou apertado. — Oh, *Papa*, pare com isso — implorou, com a voz cheia de emoção. — Você está me fazendo chorar.

Ele a colocou no chão, mas manteve um braço em volta dela enquanto se virava para Dannon, novamente com uma expressão séria. — Ela me disse que você é um homem bom, confiável. Isso é verdade?

Dannon hesitou por um momento, tendo certeza de que não poderia confirmar nenhum dos dois, mesmo assim sorriu. — Você tem minha palavra de honra de que nada de mal acontecerá a ela. Vou garantir que esteja segura e tenha tudo o que precisa e deseja. Eu juro.

O pai o observou, considerando por um momento antes de estender a mão, e Dannon a pegou. Seu aperto foi surpreendentemente firme e ele o segurou com rigor por um momento.

— Vou cobrá-lo por isso — disse, e Dannon assentiu.

— Não esperaria nada menos que isso.

Dannon sabia que manteria essa promessa, não importava o que

acontecesse. Não importa o custo. Há muito tempo ele não fazia algo de que pudesse se orgulhar, algo em que pudesse encontrar alguma honra. Já estava na hora de fazer uma mudança.

Olhou para Anaïs e viu que ela estava chorando e resistiu à vontade de abraçá-la. De alguma forma, não acreditava que seu pai acharia isso reconfortante. — Temos que ir — disse ele, em um tom simpático e odiando o fato de estar atrapalhando tanto a vida dela. Dannon olhou para o pai dela. — Existe outra maneira de sairmos daqui?

O homem assentiu e apontou para o muro no final do jardim. — Dá para o rio, vocês terão que escalá-lo, mas tem um barquinho que é dos nossos vizinhos. Pode deixá-lo do outro lado que eu o trago de volta pela manhã.

Dannon assentiu e caminhou um pouco pelo jardim para que eles pudessem se despedir em particular. Esperou no fundo do jardim, perto do muro, respirando o perfume inebriante das rosas no ar quente. Estava uma noite adorável e, por um momento, foi atingido pelo desejo de ter uma vida diferente.

Como seria ser um homem humano? Morando em uma dessas casinhas, talvez trabalhando com as mãos e sustentando uma família? Por um momento, imaginou-se com Anaïs e duas ou três crianças chorando, com contas a pagar e quase sem espaço para se movimentarem. Esperou que a sensação de repulsa o atingisse..., mas ela não veio.

Anaïs estava ao lado dele alguns minutos depois e, felizmente, não havia mais tempo para considerar essa constatação perturbadora.

Dannon pegou a mala dela, escalou os galhos pesados de glicínias que cruzavam o muro e a jogou, antes de se abaixar e ajudar Anaïs a subir ao seu lado. Ele pulou para o outro lado, estendeu os braços e firmou-a enquanto ela descia. Ele a segurou por um momento bem longo antes de soltá-la e estava prestes a se virar quando ela falou:

— Vai cumprir a promessa que fez ao meu pai? — perguntou, com um olhar irrefutável que o perturbou mais ainda.

Dannon arregalou os olhos, e estes expressavam uma certa mágoa por ela ter sentido a necessidade de perguntar. — Claro — respondeu, com rigidez.

E então ela sorriu, aparentemente feliz e ele franziu a testa em resposta, se perguntando se estava perdendo alguma coisa enquanto Anaïs se afastava em direção ao barco.

— OK, então... vamos?

CAPÍTULO 10



— Oh, não, o livro!

Eles andavam a passos largos ao lado da água escura do rio, ao longo da rua de paralelepípedos que levava de volta ao carro de Dannon quando Anaïs se lembrou de que o havia deixado debaixo da cama.

Dannon se virou e olhou para ela, com um brilho de impaciência nos olhos. — Que livro?

Anaïs hesitou, irritada consigo mesma por tê-lo esquecido e um pouco insegura em lhe contar a verdade, mas dificilmente poderia dizer que queria voltar para pegar um livro antigo. — Então. — Anaïs mordeu o lábio, se perguntando se Dannon riria dela, mas na verdade, nada poderia ser mais ridículo do que ser um Elfo ou uma Fada. — Eu conheci um homem e... ele, hmm, ele me disse que era feiticeiro.

Dannon franziu a testa. — É sério?

Para seu alívio, não riu na cara dela, pelo contrário, a olhou como se as pessoas naturalmente falassem com feiticeiros o tempo todo. Talvez fizessem isso no... *reino das fadas*, ou onde quer que eles estivessem indo.

— Eu o conheci no mercado — disse, um pouco menos envergonhada agora com sua confissão. — Ele me viu ajudando uma pessoa e começamos a conversar. Adivinhou que eu era uma curandeira e se ofereceu para me ajudar. Pensou que eu poderia ser uma bruxa.

Para sua surpresa, Dannon ainda não havia rido. — Uma suposição justa, creio — disse ele, olhando-a, pensativo. — Este é o homem com quem você se encontrou esta manhã?

Anaïs parou e o encarou furiosa antes de lhe dar um empurrão forte. — *Merde!* Seu desgraçado, estava me espionando!

Dannon revirou os olhos para ela e ajeitou a gola da camisa com uma expressão de irritação. — Já lhe contei sobre isso: *eu sou* um espião! É como a minha *raison d'être*, sua idiota.

Anaïs o empurrou novamente, com uma mão batendo em seu ombro com uma força considerável, fazendo-o dar um passo para trás. — Não me chame de idiota! — retrucou, com seu temperamento aumentando. Teve a nítida impressão de que ele pensava que era exatamente o que ela era: uma criança simplória e sem educação para seu sofisticado mestre espião, ou seja, lá o que diabos Dannon fosse. O fato de estar se comportando de uma maneira que poderia confirmar a impressão dele não a ajudou a ficar menos irritada.

Ele largou a mala dela e segurou suas mãos antes que Anaïs pudesse empurrá-lo de novo. — Anaïs, pare com isso — disse, soando como se estivesse repreendendo uma criança travessa. — Não precisamos ficar chamando a atenção.

— Ah, muito conveniente. — Ela bufou para ele, arrancando as mãos de seu aperto e cruzando os braços sobre o peito para não ceder ao forte desejo

de empurrá-lo novamente, e com força. — Preciso pegar o livro — disse, dando-lhe um olhar rebelde. — Ele me disse para cuidar dele, é precioso.

Dannon a olhou e ela viu uma expressão resignada se estabelecer nas linhas fortes de seu rosto. Ele suspirou e apontou mais adiante na estrada.

— Está vendo aquele carro preto ali? — perguntou, enquanto ela se virava para olhar.

— O Mercedes?

Ele lhe entregou as chaves e a mala. — Entre nele, mantenha a cabeça baixa e não se mexa, OK?

Anaïs deu de ombros e assentiu, não vendo razão para se opor a isso. — *D'accord.*

Dannon pareceu aliviado e se virou para sair quando hesitou, franzindo suas sobrancelhas escuras.

— Espere, esse feiticeiro, qual era o nome dele?

Anaïs pensou um pouco antes de responder: — Acho que não me disse seu sobrenome, mas pedi para chamá-lo de Remé.

Dannon riu, um som baixo e estrondoso que fez um arrepio de prazer percorrer a pele dela.

— Claro, eu já deveria ter adivinhado.

— Você o conhece? — indagou, olhando para ele e se perguntando por que estava surpresa. Se você conhecesse um elfo e um feiticeiro no mesmo dia, realmente não seria muito difícil imaginar que eles se conheciam.

— Sim — respondeu, com um certo carinho no olhar, e ela percebeu que Dannon considerava Remé como um amigo. — Embora já tenha passado muito tempo. É por isso que não o reconheci, é claro, ele era apenas um jovem na última vez que nos encontramos.

Anaïs piscou e revirou aquela frase na cabeça. — Espere... *o quê?* Como isso é possível?

Dannon dispensou a pergunta, claramente impaciente para afastá-la dos Light Fae. — Mais tarde eu explico. Vá, entre no carro.

Ela franziu a testa para ele, curiosa. — Tudo bem, mas... — Ela hesitou, sentindo-se subitamente um pouco estranha.

— Sim? — perguntou, agora com um tom um tanto rude e parecendo que sua paciência estava realmente sendo testada.

— Por favor, tome cuidado — disse ela, se perguntando o que lhe aconteceria se Dannon não voltasse.

A expressão dele se suavizou e ele assentiu com a cabeça, e caminhou de volta para a boulangerie.

Anaïs estava sentada no carro preto elegante, respirando o cheiro de couro, luxo e riqueza de um tipo que ela não conhecia. Aquela coisa deve ter custado mais do que a casa, a padaria e tudo o que havia nela. Isso apenas gritava uma riqueza discreta ... assim como ele.

Ela deslizou no banco, desejando não se sentir como um pardal maltrapilho empoleirado em um supercarro enquanto vigiava para ver se via os guardas

loiros. Assim que se sentiu segura de que não estava sendo observada, ligou o rádio. Uma música suave encheu o carro e ela manteve o volume baixo para que fosse pouco mais que um murmúrio, apenas um ruído de fundo para tentar acalmar os nervos.

Anaïs não conseguia pensar muito sobre o que estava acontecendo com ela, era incrível demais e ao mesmo tempo... não era. A maneira como via as pessoas e até como sentia as dores delas, a saúde ou as doenças que as atormentavam — o brilho suave que rodeia uma mulher grávida. Nada disso era normal — *humano*. Ela já havia descoberto isso há muito tempo e sabia que deveria haver uma razão para a estranha sensação de desconexão que sentia com as pessoas ao seu redor. O conhecimento inegável de que não era como os outros a atormentava desde que era uma criança bem pequena e começou a perguntar às pessoas sobre as cores ao seu redor: “Por que as cores estão tão opacas hoje, elas estão tristes?” Não sabia que a maioria das pessoas não conseguia ver uma aura, a maioria nem sabia o que era isso. Então, o que mais sentia agora era uma sensação avassaladora de alívio.

Anaïs soube assim que Dannon perguntou se iria com ele. Realmente não havia outra escolha. Queria poder usar o dom que recebera para o fim a que se destinava, sabia que poderia fazer o bem com ele, que poderia mudar vidas, mas instintivamente manteve isso em segredo em seu próprio mundo. Não precisava ser um gênio para saber o tipo de reação que as pessoas teriam se descobrissem seus talentos.

Nas poucas ocasiões em que foi levada a usá-lo, olharam para ela com medo e desconfiança, ou com uma reverência maravilhada que a deixou igualmente amedrontada. Seu pai teria sido o único motivo para ficar, mas com Dannon lhe garantindo que estaria seguro, acreditou nele. Anaïs confiava nele. Era um homem bom, um homem honrado. Disso tinha certeza, pois podia ver isso nele da mesma forma que via a tristeza ao redor de seu coração vazio. Ele queria algo, *alguém* em quem acreditar e esse era o cerne da questão., Anaïs queria que esse alguém fosse ela.

Não lhe ocorreu questionar por que o queria tanto. Seus instintos sobre as pessoas geralmente não a enganavam, fazia parte de seu dom e não via necessidade de questioná-lo. Preocupar-se com o futuro ou se estava se precipitando em um caso de amor, era inútil em sua opinião. Seguiria seu coração e seus desejos, e como queimavam, uma dor constante sob sua pele agora. Mas como chegar a Dannon... essa era a questão.

Anaïs estava tão imersa em seus pensamentos sobre esse assunto espinhoso que deu um pulo quando Dannon abriu a porta e entrou. Ele entregou-lhe uma sacola com o livro e uma baguete. Anaïs ergueu as sobrancelhas para ele e Dannon deu de ombros.

— Fingi ser cliente, parecia mais seguro.

Ela assentiu e guardou a baguete junto às pernas e manteve o livro no colo enquanto Dannon ligava o carro. — Remé disse onde mora? — perguntou, levando o carro para a estrada enquanto o coração dela batia freneticamente

no peito. Estava realmente saindo de Brantôme para começar uma nova vida!

— *Oui.* — Ela assentiu, afastando imagens agradáveis, embora fantasiosas, de si mesma em algum épico de fantasia, partindo em uma grande missão. — Em St. Jean de Côle. — Ela vasculhou a bolsa até encontrar um pedaço de papel. — Eu tenho o endereço aqui. É uma vila pequena, então não será difícil de encontrá-la...

Dannon assentiu antes de olhar para o livro em seu colo. — Você sabe que não precisa disso — disse, sorrindo para ela. Anaïs reprimiu a vontade de suspirar enquanto o olhava. Havia uma covinha profunda em seu queixo que era extremamente atraente e queria muito beijá-la.

— Como? — questionou, desviando os olhos para passar as mãos sobre a capa antiga, sentindo os detalhes do couro gasto sob as pontas dos dedos e uma leve sensação de zumbido, como se as páginas estivessem cheias de abelhinhas.

Ele parou no semáforo e voltou sua atenção para ela. — Seu dom vem dos Fae, nossa magia não é a mesma de uma bruxa. Você não precisa de feitiços.

Olhando novamente para o livro, ela percebeu que o que estava sentindo era o toque persistente da magia. Não tinha percebido isso antes, pois não sabia que a magia realmente existia, mas agora fazia todo o sentido. Aquela sensação irritante de inquietação que fazia sua pele formigar era a magia sob sua pele e o zumbido do livro sob suas mãos era a mesma coisa, e ao mesmo tempo não era. Parecia diferente para ela, a textura um pouco mais grossa, como a diferença entre um pão branco fino e um de farinha integral borrachudo. Riu de si mesma por sempre comparar as coisas da vida com comida. — Eu creio que senti que era esse o caso — admitiu, olhando-o enquanto ele pegava a estrada para St. Jean. — Mas estava tão desesperada para explicar o que eu poderia fazer que achei que deveria tentar. — Ela fez uma pausa, encarando-o enquanto a pergunta que queria fazer antes voltava à sua mente. Sentindo o olhar dela, Dannon olhou-a.

— Que foi?

— Quantos anos você tem?

Ele bufou, dando-lhe um olhar divertido. — Você se deu conta então — disse, com os olhos na estrada e um tom um tanto irônico. — Tenho duzentos e sete. —

Ela o encarou, atordoada demais para falar por um momento. Depois de um tempo, ele se virou para ela com uma expressão inquieta no olhar.

— Você me parece chocada.

— Mas eu estou — disse, com seu tom ilustrando muito bem esse fato. — Quanta diferença de idade! — exclamou, de repente se sentindo um pouco estranha sobre seus sentimentos por ele. Anaïs o olhou novamente, tentando realinhar a impressão que tinha dele com a de um homem com mais de dois séculos de idade.

Dannon a olhou e Anaïs achou que parecia um pouco ofendido, mas o que ela poderia dizer, já que era incapaz de correlacionar o lindo jovem ao seu

lado com alguém com toda aquela idade. — Desculpe — disse ela, com a voz fraca e soando bastante abalada. — É que... eu não tinha ideia de que você era tão... *velho*.

O olhar que lhe lançou foi de crescente impaciência. — Não sou velho no sentido humano, Anaïs.

— Não, claro que não — concordou, balançando a cabeça e acrescentando: — Apenas... *muito* velho. — Era incapaz de parar de olhar para ele espantada enquanto Dannon parecia cada vez mais irritado.

— Em termos Fae, estou no meu auge, posso garantir — retrucou, soando irritado agora, e ela achou isso bastante engraçado ao perceber que ele era igual a qualquer homem humano de uma certa idade.

Anaïs abriu um sorriso bastante paternalista para ele e deu um tapinha em sua mão como se Dannon fosse uma velha maluca. — Tenho certeza de que sim — disse ela, em um tom suave.

Dannon puxou a mão, olhando-a furioso.

— Eu pareço velho para você? — perguntou, e ergueu as sobrancelhas quando ela apenas deu de ombros.

— Mais velho que eu — murmurou entre dentes, desviando o olhar dele.

— Sou mais velho que você! — disparou, e ela percebeu que agora estava realmente zangado. Talvez até estivesse preocupado com o fato dela não o desejar mais e de pensar nele e de tratá-lo da mesma maneira que fazia quando ele aparecia como um homem bem velho. Essa foi uma descoberta intrigante.

Anaïs mordeu a bochecha com força e se esforçou para não rir. Ela praticamente podia sentir a indignação latente dele agora e simplesmente não conseguia olhar para ele com medo de rir. Eles seguiram em silêncio por um tempo e ela observou a paisagem familiar que conhecia desde pequena passar além do vidro.

— Como elas são? — perguntou ela, cansada do silêncio um tanto ressentido entre eles.

— Elas quem?

Ela sorriu internamente enquanto ele ainda parecia extraordinariamente mal-humorado. — As Terras Fae, elas se parecem com as daqui? São bonitas?

— São muito bonitas sim — respondeu, moderando um pouco o tom. — Mas com uma paisagem mais natural do que aqui. Não temos fábricas, carros, eletricidade ou telefones, nada que possa prejudicar a terra. Nossa saúde e bem-estar estão ligados a isso, sabe? Se a terra não for tratada com cuidado acabamos nos destruindo, por isso sempre rejeitamos muito do que vocês têm aqui neste mundo, pois poderia causar danos a ela. Além disso, com a nossa magia, precisamos menos dela do que vocês.

Anaïs pensou por um momento, contemplando o celular em sua bolsa. Então ela não poderia fazer nenhuma ligação para o pai. Talvez tivesse que se acostumar a escrever. — Então se parecem com aqui? — pressionou, incerta se queria ir para uma terra que seria totalmente estranha aos seus olhos.

Para seu alívio, ele assentiu. — Muito semelhante a esta paisagem há algumas centenas de anos. — Dannon parecia bem menos irritado agora e sua voz suavizou ainda mais quando olhou para ela, talvez reconhecendo a ansiedade em seu olhar. — Tenho certeza de que irá gostar, Anaïs. Você poderá ter quantas terras quiser e cultivar o que precisar.

Sorriu para ele, percebendo que Dannon sabia exatamente o que lhe dizer enquanto seus nervos ansiosos se acalmavam com a ideia de um jardim grande. Deixar seu pequeno jardim foi mais doloroso do que queria admitir.

— As mesmas plantas? — perguntou, mais curiosa do que nunca agora.

— Muitas são iguais. — Ela estudou seu perfil, ainda visível, embora já estivesse escurecendo. — Não sou especialista nessas coisas, mas sei que existem muitas plantas mágicas que são nativas apenas do nosso mundo. Você terá muito o que aprender, mas também temos muitos livros para ajudar em seus estudos e nossos curandeiros estarão ansiosos para ajudá-la da maneira que puderem. — Dannon deu uma olhada para ela, mas Anaïs estava olhando pela janela, com o rosto virado. — Há um médico humano também, se você sentir necessidade de conversar com alguém do seu próprio mundo.

— Sério? — Ela ficou satisfeita e surpresa ao descobrir que não seria a única humana em uma terra estranha.

Anaïs o observou assentir, com os olhos brilhando na escuridão do carro enquanto se virava para ela por um momento. — Nosso príncipe ficou muito doente recentemente, e o príncipe dos Dark Fae levou um médico humano para curá-lo. Aparentemente, ele ficou fascinado pela nossa situação difícil e pela forma como o seu mundo está destruindo o nosso e decidiu ficar para nos ajudar.

Anaïs assentiu, sentindo-se repentinamente muito mais segura de que não estaria sozinha com uma nação inteira esperando que ela agitasse uma varinha mágica e curasse a todos. — Espere — disse ela, franzindo a testa quando algo que ele disse ressoou em sua mente. — *Dark Fae*?

— Existem três Reinos — disse, olhando para ela. — Os Light Fae, os Dark Fae e o nosso, Alfheim, as Terras Élficas. O nosso príncipe e o príncipe dos Dark Fae são próximos e, embora sejamos muito diferentes, nossos reinos tendem a... bem, ao menos tolerar um ao outro. Os Light Fae, nem tanto.

— Há muito o que aprender — disse ela, sentindo-se subitamente à deriva novamente.

Ela se assustou quando a mão dele encontrou a dela e a apertou suavemente.

— Você vai ficar bem, Anaïs, eu prometo.

Anaïs ergueu os olhos e encontrou o brilho dos dele sobre ela novamente, e seu coração disparou. — Verei você com frequência? — perguntou, orando para que ele simplesmente não fugisse depois de entregá-la. Não era tola o suficiente para acreditar que não havia algo nele que queria fazer exatamente isso. — Assim que eu me estabelecer, no lugar para onde vai me levar?

Houve um silêncio que fez seus pulmões se apertarem. — Eu... —

começou, e então fez uma pausa, e ela soube... soube que ele iria se afastar dela assim que pudesse. Dannon havia retirado a mão e olhava resolutamente para a estrada à frente deles. Anaïs respirou fundo, suas esperanças se transformando em cinzas como as brasas de um fogo extinto quando percebeu que ele estava tentando lhe dizer isso gentilmente. — Eu tenho meu próprio trabalho, compromissos... — disse, embora ela não quisesse ouvir mais nada. Sabia muito bem o que ele estava realmente dizendo a ela. — Nossos caminhos poderão se cruzar de vez em quando, mas duvido que a verei com frequência.

Covarde.

O pensamento era selvagem e raivoso e Anaïs se forçou a respirar novamente. Afinal, não sabia por que ele estava com medo, não sabia o que o fazia querer fugir dela. Mas ela precisava curá-lo disso como faria com qualquer outra doença. *Veremos*, ela pensou e cruzou os braços, se perguntando como exatamente poderia fazer isso.

— A menos que você tenha sorte e eu adoeça com alguma doença nojenta.

Ela se virou para encontrá-lo abrindo-lhe um sorriso torto e soube que ele estava tentando animá-la.

— É o que eu posso esperar — murmurou, e o ouviu rir.

Eles entraram na bonita vila de St. Jean de Côte, a silhueta da torre sineira impressionante da igreja era uma forma negra brilhante contra o céu que escurecia. Ao terminar de atravessar a ponte medieval, Dannon pegou a estrada que descia até o rio e parou em frente a uma elegante *Maison de Maître*.

O murmúrio e o chilrear dos insetos enchiam o ar noturno enquanto eles caminhavam pela grama áspera e seca pelo sol até os degraus da frente cobertos de mato. O cheiro de lavanda e perfume noturno pairavam no ar e Anaïs esperou, sentindo-se subitamente nervosa enquanto Dannon subia os degraus de pedra em ruínas até a porta da frente desbotada.

Ele bateu e alguns momentos depois foram recebidos por uma idosa de aparência severa. Ela deu uma olhada para eles com um olhar sinistro e suspeito e gritou por Remé a plenos pulmões. A porta foi batida na cara deles novamente acompanhada pelo som de seus passos se afastando enquanto voltava de onde tinha vindo.

Eles esperaram, olhando um para o outro com desconforto enquanto ouviam o som inconfundível de um vidro quebrando e um xingamento abafado. Um momento depois, a porta se abriu novamente, com Remé aparecendo no corredor vestindo um roupão de seda bastante vistoso, coberto por um pó branco espesso. Parecia ter chamuscado o bigode também e parecia extremamente irritado até ver Anaïs.

— Minha querida jovem! — exclamou, sorrindo para ela e então ficou em silêncio com evidente espanto quando seu olhar pousou em Dannon. O velho parou de repente e ofegou, arregalando os olhos em descrença.

— Boa noite, Remé — Dannon o cumprimentou sorrindo.

O som de sua voz pareceu confirmar tudo o que Remé obviamente estava pensando e, para o choque de Anaïs, ele fez uma reverência baixa e muito formal.

— Vossa Graça — respondeu ele, com uma nítida reverência enquanto Anaïs ofegava. Ela olhou para Dannon novamente, percebendo que sua impressão sobre a riqueza antiga tinha sido mais precisa do que imaginava. — Que honra — continuou Remé, parecendo dominado pelo prazer. — Meu Deus, mas já faz tanto tempo que não o vejo!

— Muito tempo — concordou Dannon, sorrindo. — Agora, pelo amor dos deuses, pare com toda essa bobagem, Remé. — Ele estendeu a mão para o velho e segurou a dele, com uma expressão calorosa. — Se eu tiver que ficar lembrando-o de me chamar de Dannon de novo, vai ser uma noite longa.

Anaïs observava os dois velhos amigos com uma sensação de vazio no peito enquanto Remé ria, parecendo encantado. — Oh, já que insiste, mas... meu Deus, é tão bom vê-lo novamente, meu velho amigo — disse, ainda sorrindo para Dannon e depois dando uma gargalhada. — Embora eu deva dizer que agora realmente sou seu *velho* amigo! Minha nossa, você realmente não mudou nada. Ridículo dizer isso, eu sei, já deveria estar acostumado, mas mesmo assim.

— Parece-me bem — comentou Dannon, e Remé fez uma careta.

— *Velho*, Dannon, meu rapaz. A palavra que você está procurando é velho! Entrem, entrem... não fiquem na porta. A propósito, sinto muito por Blanche, ela é um pouco temperamental.

Remé os conduziu para uma sala de estar desorganizada, limpando a mancha branca de suas roupas e murmurando que havia sofrido um pequeno acidente com uma espécie de rubor tingindo suas bochechas. Ele se movimentava, movendo grandes pilhas de livros e papéis de um lugar para outro com pouco resultado. Cada superfície parecia estar repleta de pilhas gigantescas e oscilantes de livros empoeirados e arquivos com orelhas, incluindo poltronas e sofás. Parecia haver mais poeira levantada do que espaço criado, mas por fim, havia espaço para se sentar na ponta de um sofá de aparência bastante derrotada. Anaïs se sentou na beirada com apreensão para evitar uma mola um tanto esticada que forçava o forro fino a assumir uma forma desconfortável.

Assim resolvido, Remé pediu licença para ir buscar uma bebida e deixou-os a sós. Em qualquer outro momento desde que o conheceu, Anaïs teria gostado desse fato, mas agora ela percebia o quanto Dannon realmente era um estranho, e quanto de sua afeição por ele se baseava na intuição e no instinto. Realmente não sabia nada sobre a vida real dele e agora, além de tudo... ele era o quê? Pelo menos da nobreza ele era. Talvez um conde, um *duque*?

Pelo menos descobriu a verdade, que Dannon foi educado demais ao explicar a ela antes que as coisas fossem longe demais. Porque se, como ele explicou, as Terras Fae eram como o mundo humano tinha sido alguns séculos atrás, havia uma coisa da qual Anaïs estava muito consciente: os duques se

casavam com mulheres do mesmo círculo social, e a garota da padaria... simplesmente não se encaixava nesse meio.



Dannon se mexeu no sofá irregular quando algo o cutucou na parte de trás da perna e se virou para sorrir para Anaïs, mas ela tido ido olhar pela janela. O reflexo dela olhou para ele contra a escuridão do mundo fora do vidro e Dannon viu infelicidade em seu olhar e na postura de seus ombros.

— Anaïs?

Ela não se virou e ele se sentiu inquieto, se perguntando o que pensava dele agora. Ficou irritado com a reação dela à sua idade, embora suspeitasse que ela o estivesse provocando um pouco. Mas ele viu o rosto dela quando Remé se curvou diante dele. Isso sem dúvida seria outra coisa que a faria olhar para ele com desconfiança. *Exatamente como deveria ser*, pensou amargamente. Seria melhor para ela. E, no entanto, Dannon não suportava pensar que ela se sentia mal em relação a ele, que o calor e a atração óbvios em seus olhos lindos seriam afugentados por algo que não fora escolha nem obra dele. — Anaïs — repetiu, suavemente.

— *Oui...* Vossa Graça. — Havia mais do que um toque de amargura em sua voz e ele ficou surpreso com o quanto isso o entristeceu. — O que isso faz de você então? Um conde? — perguntou, sem se virar. — Infelizmente sou muito ignorante em relação à essas coisas. Não sei muito sobre a nobreza.

— Um duque — respondeu, mantendo a voz calma, sem querer trair o quanto o tom de voz dela o machucava.

— Isso é melhor ou pior do que um conde?

Dannon a observou, vendo claramente a decepção por trás de seu tom sarcástico e sentindo a culpa pesar sobre ele. *Mas você a avisou*, uma voz indignada soou em sua cabeça, mas isso não o fez se sentir melhor. — Um duque supera todos os outros títulos, exceto o de príncipe ou rei.

— Minha nossa — murmurou ela, ainda olhando pela janela, encarando a escuridão, embora não houvesse nada para ver.

Dannon sabia que era tolice tentar explicar, além de tolice querer que ela olhasse para ele com aquele desejo inocente em seus olhos novamente. Dannon nunca poderia dar a Anaïs o que ela queria, o que merecia. No entanto, se aproximou por trás dela, colocando as mãos em seus ombros nus e sentindo um choque de desejo percorrê-lo quando suas mãos tocaram na sua pele.

— Não é esse o motivo, Anaïs — disse, olhando para o reflexo dela e orando para que ela pudesse pelo menos enxergar a verdade nisso. — Eu juro. Você poderia ser a filha do rei que isso não mudaria nada. Eu não seria mais livre do que sou agora.

Ela assentiu, embora ainda sem olhá-lo nos olhos e, então, ele a fez se virar para encará-lo, erguendo seu queixo, forçando-a a olhar nos seus olhos.

— Não é porque acredito que você não seja boa o suficiente, então não pense assim. Isso está muito longe da verdade.

— Então é isso? — perguntou, e ele viu a incerteza em seu olhar e a ouviu em sua voz, e queria tanto tranquilizá-la. No entanto, seria muito fácil deixá-la acreditar nisso. Ela o deixaria em paz e seu problema seria resolvido. Não mais se encontraria com ela olhando-o através de seus cílios, flertando com ele, tentando-o a experimentar mais do que apenas uma massa doce.

O pensamento deu a ele uma sensação que realmente não queria identificar, então nem tentou. Na verdade, não pensou em nada, simplesmente agiu e abaixou a cabeça para beijá-la.

Quase não foi um beijo, apenas o toque mais leve de sua boca contra a dela antes de se retirar, mas seu coração foi sacudido, atingido por um raio, consumido pelo calor do desejo como nunca havia conhecido antes.

Dannon se afastou dela, abalado, e agradeceu aos deuses por ter ouvido Remé voltando pelo corredor. O olhar acalorado que ela lhe deu estava afetando seu pulso, e nada nem ninguém poderia freá-lo.

Dannon se afastou daquele olhar de desejo que fazia seu próprio coração desejar as coisas mais ridículas e inatingíveis, quando Remé voltou pela porta e colocou uma bandeja sobre a mesa, tirando mais livros do caminho para fazer isso. Ele distribuiu pequenos copos de *eau de vie* e Dannon engoliu o seu de uma só vez. A queimação lenta em seu estômago foi um alívio, qualquer coisa para distraí-lo da sensação de combustão em seu sangue que aumentava cada vez que olhava para Anaïs.

— Anaïs queria lhe devolver o livro — disse ele, ouvindo sua voz soar muito alta, sentindo o ar ao seu redor estalar, e um formigamento de magia contra sua pele que o surpreendeu. Remé se virou também, olhando surpreso para Anaïs e Dannon pigarreou, esperando que ele não tivesse entendido o motivo disso. — Anaïs não precisa dele, Remé — acrescentou, tentando desviar a atenção do homem sobre ela. — Anaïs é uma Light Fae, não precisa de feitiços. Ela tem o toque da cura.

Remé olhou para Dannon por um momento e então soltou o ar, assentindo com a cabeça e voltando-se para Anaïs com um sorriso largo. — *Bien sur*, mas é claro que ela é! Agora que você disse isso, é perfeitamente óbvio. Que burrice da minha parte não ter percebido.

Dannon hesitou, esperando não trazer problemas ao velho com seu próximo pedido. — Eu também estava me perguntando... se poderíamos lhe pedir um favor?

Era como se Remé tivesse ganhado na loteria. — Claro, é claro que sim! É só me dizer, meu caro amigo. O que quiser, Vossa Gr... Dannon, você sabe disso.

Dannon soltou um suspiro de alívio e sorriu agradecido. — Você sempre foi muito gentil. Na verdade, queria saber se poderíamos ficar por uma noite ou talvez duas. — Dannon se aproximou do velho com uma expressão séria, querendo que soubesse que poderia haver perigo em ajudá-los. — Os Light Fae estão atrás dela, Remé, e preciso mantê-la segura enquanto Anaïs decide se quer ir comigo para as Terras Fae. Quero que ela seja livre para escolher.

O velho assentiu com um olhar solene e Dannon soube que entendera. Remé sempre esteve bem-informado sobre os problemas entre todas as raças, não apenas entre os Fae.

— Claro! — exclamou o velho. — Aliás, eu insisto que fiquem. Vocês estarão bem seguros aqui. Há mais barreiras de proteção ao redor do antigo lugar do que eu consigo me lembrar. Mesmo que a descobrissem aqui... eles nunca entrariam. — Isso foi dito com muito orgulho, e Dannon sabia muito bem que não havia nada de falso nisso. O homem era um feiticeiro formidável, apesar do ar um tanto vago que o rodeava.

Qualquer um que cruzasse com Remé provavelmente se arrependeria imediatamente.

— Obrigado — agradeceu Dannon, com um reconhecimento sincero. — Nem sei como lhe ser grato, meu velho amigo. Sabia que poderia contar com você.

Remé acenou dispensando seus agradecimentos com um bufo divertido. — Devo a você muito mais do que uma cama para passar a noite, Dannon, nós dois sabemos disso.

Dannon deu um tapinha em seu ombro e sorriu. — Se você me der mais um copo de *eau de vie*... ficaremos quites.

CAPÍTULO 11



Dannon estava deitado na cama, observando as cortinas balançarem com a brisa que entrava pela janela aberta. Não tinha dormido, e havia tomado uma decisão para onde levaria Anaïs quando voltassem para as Terras Fae. Havia muitas razões a favor e contra a decisão, e as que eram contra, privaram-no da maior parte do sono. Não foi, portanto, uma decisão que tomou de ânimo leve. Na verdade, seria justo dizer que estava profundamente infeliz com isso. simplesmente via que não tinha escolha.

A ideia de entregar Anaïs à rainha era algo que simplesmente não conseguia deixar de lado. Sua honra poderia estar em frangalhos no que dizia respeito àqueles que o julgariam nas Terras Fae, mas ele tinha suas próprias regras. Havia limites que não ultrapassaria, embora tenha ficado mais surpreso do que deveria ao descobrir isso, talvez. Sabia apenas que não seria capaz de viver consigo mesmo se abandonasse Anaïs à própria sorte. Então teria apenas que colocar seu orgulho de lado e comer uma porção substancial da torta da humilde. E essa era uma ideia desagradável.

Além disso, assim que ela estivesse instalada, teria que enfrentar a rainha e contar-lhe o que tinha feito. A ideia causou-lhe arrepios na espinha. *Levante-se, seu idiota, quão ruim isso pode ser?* Murmurou para si mesmo. Havia uma voz em sua cabeça que ignorou deliberadamente, pois parecia ter uma boa ideia.

Suas reflexões sombrias foram interrompidas por um cheiro tentador fluando pela janela aberta. Ele sorriu para si mesmo enquanto seu estômago roncava em protesto. Anaïs tinha encontrado a cozinha.

Dannon tomou banho, se vestiu e desceu para ver o que ela estava fazendo, e encontrou Remé parado na porta da cozinha. Ele usava um roupão de seda roxo e estava com uma expressão bastante confusa.

— Bom dia, Remé — disse Dannon, sentindo-se estranhamente alegre considerando as circunstâncias e as decisões da noite anterior.

O homem mais velho assentiu com a cabeça para ele e gesticulou surpreso para a atividade na cozinha. — Blanche nunca deixa ninguém entrar na cozinha, nem mesmo eu — acrescentou com certa aspereza. — Na verdade, muito menos eu. — Isso foi corrigido com um sorriso irônico. — Estou extremamente atordoado. Ela parece ter gostado da nossa jovem amiga.

Dannon riu e balançou a cabeça. — Por que ainda continua com a velha megera se ela o aterroriza tanto, Remé?

— Ah, eu me sinto responsável pelo temperamento dela — respondeu, com um suspiro pesado. — Ela acha que eu sou o próprio diabo, sabe. — Dannon ergueu as sobranceiras, imaginando como alguém poderia pensar que Remé era algo mais do que um velho meio maluco, pelo menos pela aparência externa. — Aparentemente, ela só fica para proteger a inocência de qualquer outra pessoa que eu possa empregar em seu lugar. Parece que pensa que é seu

dever para com Deus ou algo assim. — Ele deu de ombros e balançou a cabeça, observando Anaïs se movimentar pela cozinha. — E suponho que agora estamos acostumados um com o outro. Pelo menos ela parou de jogar água benta em mim. Isso era muito irritante.

Dannon abafou uma gargalhada quando Blanche apareceu na frente deles carregando uma bandeja cheia de croissants recém-assados, um potinho de geleia e uma jarra de café. Ela parou para fazer uma careta para Remé e então empurrou a bandeja para ele. Ele a pegou com um sorriso encantador.

— *Merci*, Blanche, isso parece maravilhoso — agradeceu, piscando para Dannon enquanto se virava.

Blanche bufou de desgosto e voltou para a cozinha.

— *Bon appétit*, Remé — disse Dannon, enquanto o observava desaparecer pelo corredor. Ele permaneceu na porta até que Anaïs ergueu os olhos e sorriu para ele.

— Entre, seu bobo, ela não morde. Pelo menos... *acho* que não.

Blanche estava mexendo na despensa com uma certa agressividade e eles puderam ouvir palavras murmurados quando algo caiu no chão. — Na verdade, ela é muito legal, mas só quando acaba o discurso de fogo e enxofre.

— O quê? — Dannon ergueu as sobrancelhas enquanto olhava ao redor da cozinha imensa. Era escura e fresca, com um fogão antigo e móveis que pareciam pertencer ao século passado.

— *Oui*, ela me avisou que eu iria para o inferno se ficasse mais tempo nesta casa — respondeu Anaïs, enquanto servia duas xícaras de café, o cheiro rico combinando com o aroma delicioso dos croissants.

Dannon a observou e se perguntou por que nunca havia passado algum tempo em uma cozinha antes, era incrivelmente aconchegante. — E o que você disse sobre isso? — perguntou ele, curioso para saber como Anaïs lidava com alguém como Blanche.

— Eu disse que tinha ouvido dizer que lá é bom nesta época do ano — respondeu, com uma expressão séria.

Dannon bufou, balançando a cabeça. — Você não disse isso!

Anaïs assentiu com a cabeça, sorrindo para ele, o que fez aparecer covinhas em suas bochechas. Dannon teve uma vontade repentina de beijá-las e então desviou o olhar dela.

— Por um momento, ela ficou me olhando como se eu fosse louca e então riu. Ela me deixou entrar na cozinha depois disso. Eu a ensinei a fazer croissants.

Dannon olhou para a fornada de massa folhada, dourada e quente empilhada em um prato lascado azul e branco que Anaïs acabara de colocar na mesa. Ele ficou com água na boca. — Eu podia sentir o cheiro lá de cima — admitiu ele.

— Então sirva-se. — Ela puxou uma cadeira para ele e gesticulou para que se sentasse. Ela entregou-lhe um pratinho, também lascado, e começou a organizar potes de geleia de sabores variados na frente dele.

Pegou um croissant enquanto ela lhe entregava o café que servira na frente dele também. — Não precisa esperar por mim, Anaïs.

Ela deu de ombros, com um olhar que fez algo se apertar no peito dele. — Eu sei, mas acho que você precisa de um pouco de cuidado.

Ele parou com a massa quente na mão enquanto uma sensação estranha o envolvia. Isso o pegou completamente desprevenido. — Tenho me saído muito bem até agora — retrucou, soando um pouco na defensiva.

— É mesmo?

Com a pergunta complexa sem resposta no ar, se virou e foi até o forno. Dannon observou quando ela o abriu e a cozinha foi inundada mais uma vez com um cheiro delicioso. Extasiado, acompanhou seus movimentos enquanto Anaïs andava pela cozinha. Ela fez um pão grande, redondo e dourado, e possivelmente a coisa mais maravilhosa que ele já tinha cheirado na vida.

Anaïs deslizou o pão para uma gradezinha de resfriamento e Dannon percebeu que não conseguia deixar de observá-la. Não estava fazendo nada mágico, nada fora do comum e ainda assim ele sentia que poderia assisti-la para sempre. Ficou impressionado com o quanto aquele simples pão o fazia pensar nela, e não apenas no charme evidente de suas curvas.

A presença dela na cozinha era reconfortante, tranquilizadora, e isso era algo que nunca havia vivenciado antes. Anaïs era uma afirmação da vida, do prazer das coisas simples, coisas das quais ele nunca percebera que sentia falta.

A comparação com sua própria existência o fez se sentir espalhafatoso, contaminado e indigno de estar na presença dela. Anaïs o olhou e viu seus olhos nela, e sorriu de volta. Suas bochechas estavam rosadas por causa do calor do forno e ela parecia tão deliciosa quanto o pão. Dannon descobriu que não conseguia sustentar o olhar dela.

Pensamentos impossíveis passaram por sua mente. Como seria a vida dele com ela? Acordar e compartilhar o café da manhã com ela assim. Embora, é claro, nunca poderia ser assim, pois ele era um duque. Não conseguia se lembrar de ter colocado os pés em uma cozinha antes. Ela ficava no piso inferior. Era outro mundo, um ao qual ele não pertencia. A ideia fez com que o ressentimento florescesse em seu peito por algo que nem sabia que estava perdendo.



Anaïs lavou as mãos na pia funda de cerâmica e jogou um pouco de água fria nas bochechas. Dannon deveria achar que estava uma bagunça. Ela disse a si mesma que queria fazer algo de bom para Remé por tê-los deixado ficar, o que não era verdade. O fato é que queria mimar Dannon.

Dannon tinha um sentimento tão vazio sobre ele. Um vazio que era palpável para ela, como se ele não tivesse nenhum cuidado ou atenção verdadeira. Ela queria, mais do que gostaria de admitir, preencher essa necessidade. Tudo o que provavelmente conseguiu foi fazer com que ele olhasse para ela como... não conseguia decifrar o olhar dele. Toda vez que o

olhava, ele desviava o olhar. Ela duvidava que isso significasse algo de bom.

Ela estava com calor e suada, e se imaginou o mais distante possível das mulheres elegantes com quem ele normalmente passava o tempo. Bem, se ele não gostou, paciência. Ela o queria. Não havia dúvida sobre isso, e não se transformaria em algo que não era para conquistá-lo.

Anaïs arrumou a cozinha antes de se sentar à mesa em frente a ele e se servir de um croissant. Ela ficou contente por ver que Dannon estava em seu terceiro.

— Você vai me engordar — observou ele, mordendo a massa folhada com uma expressão tão feliz que ela sentiu uma onda de satisfação.

— Então é melhor você fazer algum exercício. — O tom dela era baixo e sugestivo, e ela o acompanhava com um olhar sedutor por baixo dos cílios. Ele não tinha dúvidas do tipo de exercício ao qual ela se referia. Anaïs comeu o croissant, tirando um pedaço de cada vez e colocando-o na boca. Observando-o com cobiça, ela se levantou e enxugou os dedos em um pano de prato.

— Vamos — disse ela, e estendeu a mão para ele. Ele arregalou os olhos com algo próximo ao choque e ela riu. — Oh, não precisa entrar em pânico. — Ela balançou a cabeça para ele, se divertindo. — Só vou levá-lo para passear.

Anaïs viu um sorriso aparecer aquela boca exuberante quando ele colocou a mão na dela e permitiu que o conduzisse para fora. Entrando no jardim, ela abriu um portão que descobrira quando o sol nascia e que dava para um caminho ao lado do rio. Ela estava acostumada com o horário da padaria e teve tempo para explorar a casa que estava situada em uma linda paisagem de pomares e prados ao lado da água corrente.

Eles caminharam juntos sem conversar, um silêncio confortável que ela poderia ter sentido a necessidade de preencher com outra pessoa. A água borbulhava, um som suave e alegre ao passar por eles, e os pássaros tagarelavam, ocupados nas árvores. Era pacífico. A manhã mais perfeita.

Olhando para Dannon, ela não pôde deixar de se perguntar como seria acordar com um homem como ele todos os dias. Isso era mesmo possível? Alguém poderia segurá-lo? Ela poderia?

Para sua surpresa, ele ainda segurava sua mão, isso deveria significar alguma coisa, não deveria? Ou talvez estivesse apenas nutrindo falsas esperanças?

Eles pararam quando o caminho ficou muito cheio de mato para prosseguir e Dannon ficou olhando a vista. Era um local idílico, mas Anaïs não estava olhando para a paisagem. Havia tanta tristeza e arrependimento no olhar dele. Ela queria tirar aquilo do olhar dele e mantê-lo longe.

Anaïs deslizou os braços ao redor dele, deitou a cabeça em seu ombro e suspirou satisfeita quando seus braços se fecharam ao redor dela.

As palavras dele não a surpreenderam: — Isso não é nada bom, Anaïs.

Ela se recusou a aceitar o sentimento que ele expressou, ouvindo apenas o arrependimento em sua voz. — Para mim é — disse ela.

Ele não disse nada por um tempo, mas sua mão deslizou para cima para se emaranhar no cabelo dela. — Para mim também. — Anaïs olhou para ele e se deparou com uma expressão tão triste em seu rosto que sentiu um aperto no coração.

— E então?

Dannon abriu um meio sorriso e ela nunca vira um sorriso que a enchesse de tanta tristeza. — Já lhe disse antes, não sou livre. Não posso... — ele hesitou e, quando voltou a falar, sua voz estava mais dura: — Não há futuro para nós. Você *tem* que entender isso.

— Por quê? — exigiu ela.

Ela observou a expressão dele, os pensamentos que deslizavam por trás de seus olhos. A consideração das palavras que usaria para dizer *não* a ela. Mas isso não importava para ela. O que importava era que ele não queria dizê-las.

— Meu trabalho não permite.

Ela olhou-o, sustentando seu olhar e Dannon não desviou o seu, nem recuou quando Anaïs aproximou sua boca da dele. — A vida é muito mais do que trabalho — sussurrou ela, contra os lábios dele.



Dannon estava perdido. Deveria parar com isso. Sabia que deveria fazer isso antes que as coisas fossem mais longe e ambos se machucassem mais do que ele pudesse suportar. Mas ela agarrou o pescoço dele, puxando-o para mais perto, e ele foi de bom grado. Impotente para recusar. Querendo provar mais de tudo o que ela estava lhe oferecendo, mesmo sabendo que isso só poderia terminar em desastre para ambos.

Eles eram parecidos, ambos perdidos e procurando por respostas, ambos vivendo em mundos onde nenhum deles jamais seria aceito pelo que eram. Pelo menos ela poderia encontrar essa aceitação no mundo dele. Isso era algo que ele nunca encontraria, nem no mundo dela, nem no dele.

Mas poderia encontrar isso nela.

Anaïs sabia o que ele era e ainda assim depositava sua confiança nele. Será que ainda faria isso, ainda olharia para ele com um olhar tão convidativo e cheio de confiança se soubesse como a rainha puxava as cordas dele? Não que a rainha não fosse permitir isso a ele, mas Anaïs não era do tipo que cogitava compartilhar o homem com quem estava.

No entanto, apesar de saber que só poderia causar dano e dor a ambos, ele não conseguiu parar quando a boca dela se abriu para ele. Estava preso nela, em seu cheiro, na sensação de suas curvas suaves pressionadas contra ele. Queria tudo, tudo o que ela estava lhe oferecendo. Saber as razões pelas quais isso nunca poderia ser dele não o impediu, apenas o fez querer com mais força, e se odiar ainda mais.

Ele *tinha* que parar com isso, sabia disso, mas os beijos dela se tornaram mais profundos, exigindo mais dele e não sabia como negar. Anaïs agarrou

seus ombros, com seus quadris pressionando contra ele, fazendo-o perder o fôlego enquanto se esfrega em seu corpo. Seu corpo doía de desejo, duro e desesperado enquanto sentia a fome dela por ele e, Santa Mãe Nerthus, Dannon queria muito mais.

Um galho estalou nas árvores atrás deles e, por um momento, estava preso demais para prestar atenção. Mas o movimento à sua direita não poderia ser ignorado. Ele congelou, examinando a linha das árvores e amaldiçoando sua própria estupidez. Anaïs seguiu seu olhar com uma expressão perplexa.

— O que...?

Ele não permitiu que ela terminasse a frase, mas a empurrou com força.

— *Corra!* — gritou ele, horrorizado por não ter notado a aproximação deles quando duas cabeças loiras apareceram entre as árvores.

CAPÍTULO 12



Anaïs se virou e instintivamente fez o que ele disse, percebendo a urgência em sua voz. Ela correu de volta na direção da casa, a grama alta chicoteando seus tornozelos, até perceber que ele não a havia seguido.

Virando-se, ela prendeu a respiração e observou com admiração a magia de Dannon se desenrolar. Um galho grosso da árvore mais próxima a ele saltou mais rápido do que seus olhos podiam acompanhar, agarrando um dos Fae, enrolando-se em torno dele em um abraço sinuoso. O galho o amarrava com tanta força que ele estava ofegante e seus olhos esbugalhados de pânico. Um segundo homem atacou Dannon enquanto estava ocupado e ela gritou quando viu o brilho de uma faca quando ele golpeou. Bem a tempo, Dannon bloqueou o ataque, enviando a faca para o chão, mas seu agressor se lançou sobre ele, forçando-o a cair no chão quando outro Light Fae surgiu do meio das árvores. A nova ameaça agarrou a faca caída e Anaïs assistia a tudo completamente apavorada enquanto ele corria em direção a Dannon, que ainda lutava com o homem caído no solo. O terceiro homem correu com triunfo no olhar, empunhando a faca enquanto se preparava para atacar Dannon pelas costas.

Anaïs não pensou no que estava fazendo. Não havia tempo para isto, nem para se preparar. Dannon seria morto se ela não fizesse algo. Foi tão natural que ela quase riu ao lançar para frente aquela parte de si mesma que era completamente Fae. O dom que ela usava para curar e reparar era mais poderoso do que jamais se permitiu considerar. E mais perigoso.

Ela viu a alma dele, brilhante e luminosa, tão fácil de ser agarrada enquanto arrancava a vida do homem de seu corpo. Corpo e alma foram dilacerados, separados e quebrados. A luz brilhante tremeluziu por um momento, confusa e desnorreada, antes de se apagar.

Ele se contorceu no mesmo segundo e caiu no chão, olhando em choque para o céu. O homem com quem Dannon estava lutando deu uma olhada em seu companheiro caído e olhou para Anaïs completamente aterrorizado. Ele empurrou Dannon para longe dele com força, antes de se levantar e fugir pelo caminho por onde tinha vindo.

Dannon se levantou, olhando para o corpo atrás dele e depois de volta para Anaïs. Ele parecia surpreso e completamente chocado.

Foi só então que ela percebeu que estava tremendo.

— Deuses — murmurou, antes de cruzar a distância entre eles e esmagá-la contra seu corpo. — Obrigado.

Ela assentiu contra o peito dele, chocada demais para falar.

— Você sabia que poderia fazer isso? — perguntou, olhando-a com curiosidade.

Anaïs não respondeu nem olhou para ele, pois estava muito consumida com o que estava acontecendo com ela enquanto seu corpo tremia cada vez mais. A voz de Dannon foi silenciada e sua preocupação abafada enquanto ele a

guiava de volta para casa. Ela foi com ele, sem saber o que mais deveria fazer, mas não conseguiu evitar que seus olhos desviassem para o corpo do homem que havia matado com pouco mais que um pensamento.



Dannon descobriu que estava mais abalado do que gostaria de admitir. Ele foi um imbecil por se permitir ser distraído por seus próprios desejos pessoais. Anaïs poderia ter morrido por causa disso. Foi só por causa dela que ele não morreu. A única coisa que o fazia se sentir um pouco menos abalado era o quão nitidamente chocada ela estava. Estava tremendo tanto que era espantoso que Anaïs pudesse ficar de pé. Pobre garota, deveria estar aterrorizada.

— Venha — disse ele, mantendo a voz suave. — Vamos voltar para casa. Remé pode me ajudar a resolver essa bagunça. — Ele viu os olhos dela se moverem para o corpo caído no chão e a virou para que ela não pudesse vê-lo. — Não olhe, Anaïs. Você não teve escolha. Eles nos atacaram, e não o contrário. Você salvou minha vida.

Ela assentiu, muda, e ele a levou de volta para a casa de Remé e a acomodou na cozinha. Não disse nada a Blanche além de que ela havia sofrido um choque terrível e precisava de cuidados. Isso não pareceu ser uma grande surpresa para Blanche, que imediatamente começou uma diatribe sobre viver em uma casa do mal. Ela parecia estar mais do que disposta a cuidar de Anaïs, então ele a deixou aos cuidados de Blanche.

Ele encontrou Remé em seu escritório e bastou apenas uma olhada para o rosto severo de Dannon para que o velho se levantasse. Eles correram de volta para a cena, ansiosos para limpar antes que alguém tropeçasse no corpo e no Fae que Dannon havia capturado por acidente.

Remé começou a trabalhar em um feitiço para se livrar do corpo sem deixar vestígios, enquanto Dannon voltava sua atenção para o homem aterrorizado que se contorcia inutilmente nas garras do galho.

Dannon iria deixá-lo ir *em algum momento*, mas não até que tivesse algumas respostas.

Quando Dannon terminou de interrogar seu prisioneiro, já passava do meio-dia. As informações coletadas eram escassas, mas bastante pertinentes. Apenas confirmaram em sua mente que ele havia feito a coisa certa.

A Rainha Audrianne informou pessoalmente a Auberren sobre o paradeiro de Anaïs. Ela o manteve sob observação o tempo todo por um dos seus.

Depois de enviar Dannon ali especificamente para chegar a Anaïs antes dos Light Fae... Audrianne já havia desistido dela.

Com o que diabos essa mulher estava brincando? Dannon estava perdido. Se ela o quisesse morto, havia maneiras muito mais fáceis de conseguir isso. Não havia como ela saber dos planos dele, ninguém sabia, nem mesmo Anaïs. Audrianne tinha sido inflexível ao dizer que queria a garota antes que os Light Fae a pegassem e Dannon nunca duvidou disso. Então, o que a fez mudar de ideia? O que estava tramando agora?

De qualquer forma, as notícias não eram boas para Anaïs. Ele tinha que

tirá-la dali o mais rápido possível.

Ele caminhou de volta para casa com Remé em silêncio ao seu lado, com apenas o farfalhar da grama do prado contra suas pernas para quebrar o silêncio absoluto.

Agora que a tarefa desagradável de extrair informações de seu prisioneiro estava concluída, ele parou por um momento para considerar o que isso poderia ter feito com Anaïs. Ela estava tão quieta e retraída, tremendo tanto. A pobre garota obviamente estava em choque, ela só teria usado seus poderes para curar e fazer o bem. O fato de ter sido forçada a usá-los daquela maneira e a defendê-lo, só o tornava ainda mais culpado. Dannon não poderia lhe trazer nada além de perigo e sofrimento. Quanto mais cedo saísse da vida dela, melhor seria.

A ideia do que isso significaria para ele, de nunca mais vê-la, causou-lhe tanta dor que o pegou completamente de surpresa. Ele prendeu a respiração com a mão pressionando a dor no peito e dizendo a si mesmo que estava sendo ridículo. Certamente, não? Eles haviam se conhecido há apenas alguns dias e durante a maior parte disso ela o deixou louco. Era ultrajante! Essas coisas levam tempo... essas coisas levam... Ele respirou fundo novamente, sentindo o peito apertado e o coração tão cheio que se perguntou como poderia conter aquele sentimento.

Dannon parou no meio do caminho, completamente atordoado até com a percepção de colocar um pé na frente do outro. Remé também parou, virando-se para olhá-lo com uma expressão interrogativa.

— Você está bem, meu amigo?

Dannon olhou para ele por um momento e então soltou uma risada curta. — Eu... não tenho certeza. — Ele massageou o peito, procurando uma explicação alternativa. Talvez todos os croissants e a atividade física daquela manhã pudessem ter lhe causado azia. No entanto, sabia que essa era uma explicação ainda mais tola.

Remé deu-lhe um olhar perturbadoramente astuto e disse em um tom divertido e irônico: — Ela é uma garota muito adorável.

Dannon nem se preocupou em fingir que não era em Anaïs que ele estava pensando. — Há muitas garotas adoráveis, Remé.

Remé então riu, seu rosto se abriu em um sorriso de verdadeira diversão. — Disso eu sei! Fiquei com você lembra? Nunca tinha visto um desfile de mulheres tão bonitas, mas também nunca vi essa expressão em seu rosto.

— Que expressão? — perguntou Dannon, enquanto uma sensação de profunda inquietação crescia gradativamente.

— A que está fazendo você parecer um cervo na frente de um caminhão em alta velocidade — observou Remé, com seu sorriso aumentando a cada segundo.

Dannon bufou. — Não seja ridículo. — Mas ele estava ciente de uma crescente sensação de desconforto na boca do estômago e não achava que poderia culpar os croissants por isso. Eles chegaram na casa de Remé e

Dannon ficou parado no jardim olhando para a porta da frente com uma expressão vazia.

Remé olhou para ele com os olhos brilhando e sorrindo. — Vou lhe dar um momento para, err... se recompor, certo? Não se preocupe, irei ver como Anaïs está e... direi a ela que você entrará logo.

Dannon deu-lhe um aceno de cabeça distraído e sentou-se no muro baixo que margeava o jardim da frente. Seus pensamentos giravam sem parar, estava assustado e perto do pânico enquanto tentava decifrar o que o fazia se sentir tão fora de controle.

Certamente era óbvio. Afinal, a conhecia há tão pouco tempo, e a maior parte do tempo eles passaram brigando. *Isso é simplesmente ridículo*, disse a voz racional em sua cabeça. Mas então se voltou mais uma vez para a ideia de ir embora e nunca mais vê-la e foi dominado novamente pela força da tristeza — *da perda*, que a acompanhava.

A resposta veio até ele com a delicadeza de um trem em alta velocidade e se perguntou como não tinha previsto isso. Perguntou-se por que ele não se esquivou como sempre fazia, como sempre *fizera*.

Dannon aceitou a inevitabilidade disso, sabendo que já era tarde demais, e esperou que o pânico se instalasse. Reconheceu sua própria surpresa quando isso não aconteceu. Ele sempre pensou que se algum dia corresse o risco de se apaixonar por uma mulher, dispararia o mais rápido que pudesse para bem longe. Embora já tivesse parado de se preocupar com essas coisas há muito tempo. Ele acreditava que seu coração era uma coisa morta, inatingível, já que raramente conseguia reunir qualquer sentimento além de um leve afeto por alguém que não fosse sua mãe e sua irmã. Presumindo que ficaria horrorizado com a ideia de amar alguém, sempre acreditou que iria protestar contra isso, fazer qualquer coisa para impedir que alguém o pegasse. Afinal, era um solteiro convicto sem nunca ter a intenção de ser outra coisa... não era?

De alguma forma, Anaïs infiltrou-se por trás de suas defesas e invadiu seu coração.

Ele respirou fundo enquanto o choque se aprofundava, esperando se sentir preso, irritado com sua própria estupidez, irritado com a deserção de seu coração... e descobriu que não sentia nada disso.

Olhando para a plantação aleatória do jardim de Remé, revirou o novo sentimento, examinando-o em busca de falhas e de fraquezas, e não encontrou nada do que se arrepender.

Ele estava se apaixonando por ela.

E estava feliz.

A sensação era de alívio. Como se ele pudesse respirar depois de ter prendido a respiração por tantos anos. Como uma bênção.

Dannon manteve o conhecimento perto de seu coração e soube que nunca se arrependeria... mesmo que ela nunca pudesse ser dele. Mesmo sabendo como ficaria triste pelo resto de seus dias quando fosse forçado a desistir dela, como sentia que ficaria. Finalmente tinha algo bom em sua vida.

Ele estava tão cansado de vagar pela superfície de sua própria existência, com muito medo de olhar para baixo e ver o grande poço vazio que ameaçava engoli-lo inteiro. Anaïs fez com que ele se sentisse... inteiro. Como se afinal, talvez pudesse valer alguma coisa. Como se talvez pudesse encontrar um lugar ao qual pertencer, com ela. Ele faria qualquer coisa para manter esse sentimento, faria qualquer coisa para protegê-la.

Levantando-se, Dannon começou a ir em direção à casa, impressionado com a necessidade urgente de vê-la. Estava com muito medo de que ela fosse prejudicada para sempre pelo que havia feito naquele dia. Usar seus poderes de cura com tanta violência... Ele só poderia imaginar o que Anaïs estaria sentindo naquele momento. Por certo, Anaïs estava orando por tudo o que deveria estar sentindo. Dannon tinha que fazê-la ver que não tivera escolha. A culpa não fora dela. Nada daquilo foi. Com isso em mente, correu até a porta e entrou na casa para se deparar com uma cena de completo caos.

Remé estava no corredor, segurando Blanche pelos pulsos e tentando argumentar com ela, pelo tom da voz dele. Ela estava com um rolo para massa, parecendo bastante determinada a usá-lo em Remé com alguma força. Blanche era uma mulher pequena, muito mais baixa do que Remé, que também não era alto, mas seu volume considerável estava lhe dando uma certa vantagem enquanto lutava contra o aperto dele. O volume com que ela gritava com ele, uma torrente de palavras incompreensíveis que Dannon imaginou ser o dialeto local do occitano, era de arrebentar os ouvidos. Ele se sentiu momentaneamente feliz por não falar absolutamente nada desse dialeto, já que a expressão no rosto de Remé não era nada boa.

Dannon deu um passo à frente, decidindo que era hora de arrancar a arma de aparência cada vez mais mortal da mão dela, quando Remé chegou ao seu limite e lançou um feitiço.

Blanche parou e olhou para Remé com uma expressão calma e um tanto vaga, antes de deixar cair o rolo... no pé de Remé.

— *Merde!* — Ele pulou por um momento antes de mancar até as escadas e se sentar com um baque.

— O que diabos está acontecendo? — perguntou Dannon, encarando preocupado a empregada de olhos vidrados.

Remé estava massageando os dedos dos pés e murmurando palavras, mas parou para olhar para Dannon com uma careta. — Ela acha que infectei Anaïs com algum espírito maligno.

Dannon sentiu as sobrancelhas atingirem a linha do cabelo. — Por que em nome dos deuses ela pensaria isso?

Remé deu-lhe um olhar incisivo antes de dizer: — É melhor você dar uma olhada na cozinha.

Nessa hora, Dannon percebeu que uma música estava tocando. Não tinha sido audível por causa dos gritos de Blanche, mas agora notava que estava bem alta e... Anaïs estava cantando.

Com os nervos à flor da pele graças ao comentário enigmático de Remé,

ele não perdeu tempo em atravessar o corredor e abrir a porta da cozinha e ficar de queixo caído.

Havia bolos e doces em vários estágios de acabamento cobrindo todas as superfícies e Anaïs estava dançando, com uma vassoura ... vestida apenas com uma combinação de seda. Por um momento, apenas olhou para o espetáculo francamente encantador, e então pigarreou. Dannon tentou falar, mas não saiu uma palavra enquanto seus olhos se desviavam para uma pilha de roupas que incluía o vestido que Anaïs usara antes, e ele sentiu seu coração começar a bater mais forte, a calcinha dela.

Ele sentiu Remé atrás dele e bloqueou a porta, sem querer que o velho a visse daquele jeito.

— O que... exatamente? — começou ele, antes de perceber que não tinha certeza do que estava perguntando, mas Remé pareceu entender a essência da questão.

— Ela está chapada — Remé disse, com uma voz tão natural que Dannon piscou e achou que deveria ter ouvido mal.

— Como?

Remé suspirou, zombando da falta de compreensão de Dannon. — O homem que ela matou, sem dúvida, era um dos guardas do rei. Robusto, poderoso e em perfeita saúde. Imagino que sua espécie seja ensinada desde o nascimento a absorver a magia, bem como usá-la, certo? Imagino que o controle de sua magia exija bastante aprendizado, correto?

Remé deu-lhe um olhar sério e Dannon assentiu. Ele se lembrou de uma dúzia ou mais de incidentes embaraçosos na adolescência quando seus poderes crescentes escapavam de seu controle. Quanto mais poderoso fosse, mais difícil seria controlar esses poderes, especialmente se as emoções estivessem intensas, mas isso fazia parte de ser um Fae e o controle era aprendido, *com o tempo*.

Remé ergueu uma sobrancelha e apontou para a porta fechada da cozinha. — Ela acabou de descobrir o que é, Dannon. Imagine assumir outra força vital dessa magnitude de uma só vez, deste modo ... como seria?

— Oh, deuses — Dannon murmurou ao perceber que Remé estava certo.

— Ela está chapada pra caramba.

Remé assentiu e sorriu para ele, dando-lhe um tapinha no ombro. — Vou deixá-lo com isso então.

— O quê?! — exclamou Dannon, alarmado com a ideia. — Não! — Espiou pela porta e viu Anaïs dar outra volta pela cozinha com a vassoura, ela realmente dançava muito bem. Ele se virou para Remé sentindo um pouco de pânico. — Não pode me deixar... — Ele gesticulou de volta para a porta, mas Remé apenas riu e balançou a cabeça.

— Ah, posso sim. *Esse* é certamente o jogo de um jovem. Boa sorte. — Remé piscou para ele pegando uma Blanche zumbi gentilmente pelo braço e puxando-a atrás dele pelo corredor.

Dannon olhou de volta para a cozinha com uma apreensão crescente.

Deuses, mas ela estava linda. A pequena combinação de seda grudava em sua pele e mal cobria suas nádegas, revelando pernas bem torneadas e não fazendo nada para esconder a forma voluptuosa por baixo. Se ela não estivesse dopada de magia, ele não teria nenhum escrúpulo em arrastá-la para seu quarto e descobrir tudo o que havia por baixo daquela seda nos mínimos detalhes. Mas ela estava e ele não iria, repetiu, *não* iria tirar vantagem disso. Respirando fundo, entrou e fechou a porta atrás de si.

— Anaïs? — chamou-a, enquanto ela abaixava seu parceiro de dança de madeira.

— Dannon! — exclamou, sorrindo para ele. Ela largou a vassoura, que caiu no chão, e correu na direção dele, que se esquivou para o lado, colocando a mesa entre eles. As coisas já tinham sido complicadas o suficiente antes, sabia que não poderia tirar vantagem dela assim e não tinha ideia de onde as coisas iriam se ela chegasse perto dele vestindo apenas aquele pedaço de seda com babados. Na verdade, teve uma ideia perfeitamente boa e vívida, mas não podia deixar isso acontecer.

— O que aconteceu com suas roupas? — perguntou, atravessando a cozinha e pegando o vestido, o sutiã e... *oh, deuses...* a calcinha. Ele se considerava sortudo por ela não ter tirado a combinação.

Anaïs olhou para si mesma como se estivesse vendo a combinação pela primeira vez e deu de ombros. — Eu estava com calor.

— Ah — Dannon disse, e pigarrou. — É verdade, está calor aqui. Por que você não veste o resto das suas roupas para irmos ao jardim tomar um pouco de ar fresco? — Por um momento, ele se perguntou quanto tempo teriam antes que mais dos Light Fae aparecessem. Com certeza ele ainda tinha algumas horas, certo? Esperava que sim, pois fazer com que Anaïs ficasse sã antes de partirem certamente era uma prioridade.

— Não. — Ela balançou a cabeça e pegou um garfo, habilmente cortando um pedaço do que parecia ser uma *tarte tatin*. — Prove isto. — Dannon se assustou quando ela avançou sobre ele empunhando o garfo e se moveu, mantendo a mesa entre eles. Ele estendeu a mão e arrancou o garfo da mão dela, comendo a torta.

— Hmm. Sim, está muito gostosa, agora... — começou.

— *Alors*. O que há nela? — perguntou Anaïs, interrompendo-o.

Ele parou por um momento. — Maçã, canela e alecrim.

— Oh! Dannon, você não é legal. Sempre adivinha.

— Terá que se esforçar mais então — retrucou, e engoliu em seco enquanto ela ria e estreitava os olhos para ele. — Droga — murmurou baixinho.

— Oh, Dannon... — disse, com uma voz ofegante e cantante.

— Sim, Anaïs — respondeu, olhando-a com cautela.

— Eu tenho gosto de quê?

Ela foi rebolando na direção dele e Dannon sentiu sua boca ficar seca. — Não... agora, Anaïs. Apenas... espere... *não!*

De alguma forma, conseguiu manter a mesa entre eles, mas Anaïs olhava-o

como se fosse devorá-lo com uma só mordida. Foi um pouco humilhante perceber que a situação havia realmente virado. Pela primeira vez na vida, sentiu grande simpatia por todas aquelas mulheres que havia seduzido e percebeu que de alguma forma havia se tornado a presa. Sabia que elas queriam ser seduzidas, assim como entendia que elas consideravam essa uma péssima ideia. Fazer com que esquecessem que era uma má ideia e que valia a pena arriscar era a melhor parte, então sabia muito bem de onde vinha Anaïs. Mas agora estava do outro lado da equação e tomado pelo pânico. Se as circunstâncias tivessem sido diferentes, teria admitido que não era uma experiência desagradável. Do jeito que as coisas estavam, sentia-se bastante desesperado.

— Por que não faz um café para nós? — sugeriu, com mais esperança do que expectativa.

— *Non* — respondeu, concisa e determinada enquanto se inclinava sobre a mesa. Suas bochechas estavam coradas, os olhos azuis dilatados com magia e desejo, seu cabelo dourado caindo em cachos rebeldes sobre os ombros, enquanto curvava o dedo para ele.

— Venha aqui — exigiu, com uma voz baixa, sedutora e tão malditamente convidativa que Dannon sentiu a necessidade de fazer exatamente isso queimar sob sua pele.

Ele balançou a cabeça, tentando permanecer resoluto, mas caramba, um homem só consegue aguentar até certo ponto. — Não. Não... Eu *realmente* acho que isso não é uma boa ideia.

Ela fez beicinho e se inclinou ainda mais para ele e Dannon notou, com o coração na boca, que uma das tiras minúsculas da combinação estava deslizando pelo seu ombro. Ele engoliu em seco enquanto observava a borda da renda delicada deslizar e equilibrar-se precariamente na curva generosa de seu seio. Não conseguia decidir de jeito nenhum se queria que ela caísse ou não.

— Mas eu acho que é — retrucou, erguendo imperiosamente uma sobrancelha loira.

A porta da cozinha estava atrás dele e, nessa ocasião, decidiu que se retirar era realmente um ato de bravura, e disparou escada acima até seu quarto. Infelizmente, para piorar, a força vital do Light Fae deve ter dado a ela velocidade, porque Anaïs deslizou pela porta atrás dele antes que Dannon pudesse fechá-la. Ele se afastou dela enquanto Anaïs fechava a porta e se desesperou quando ouviu-a sendo *trancada*.

Oh, Nerthus, me ajude.

Ela riu, um som agradável e rouco que fez a pele dele formigar com a percepção daquilo.

— Anaïs... — começou, se perguntando que diabos deveria fazer agora.

— *Oui*, Dannon.

— Não posso fazer isso. — Estendeu as mãos, implorando internamente para que ela tivesse pena. — Eu quero, acredite. Oh, deuses, Anaïs, você não

pode ter ideia do quanto, mas...

Ela ergueu as sobrancelhas, caminhando lenta e inabalável para mais perto dele. — Mas? — repetiu, soando como se não estivesse ouvindo uma palavra do que ele dizia.

— Mas você não é a mesma. Seria imperdoável se eu... se eu... com você... desse jeito.

Ela inclinou a cabeça para o lado, com o azul de seus olhos quase totalmente engolido pelas pupilas. — Oh, acho que irei perdoá-lo — disse, com um sorriso malicioso.

— Talvez sim — disse com uma voz rouca, quando sua resolução começou a vacilar. — Mas eu não me perdoaria.

Ela deu de ombros. — Isso é problema seu.

Antes que pudesse pronunciar outra palavra, a boca dela estava na dele. O desejo o atingiu tão forte e tão rápido que ele não pôde fazer nada além de retribuir o beijo, deleitando-se com a recepção suave de sua boca, seus lábios e o deslizar de sua língua contra a dele. Foi consumido pela sensação dela, pelas curvas de cetim sob aquela seda, calor e doçura, o aroma de cada guloseima deliciosa que ela havia feito agarrando-se à sua pele e fazendo-o querer se afundar nela. Ele precisava morder aquela carne delicada, passar a língua sobre ela e provar cada sabor oferecido, para permitir que toda aquela delícia o envolvesse e o puxasse para perto. *Pare, pare, pense seu maldito idiota*, gritou uma voz frenética no fundo de sua mente.

Ela o empurrou para trás até que as pernas dele encontraram a cama e Dannon a virou no último segundo para ficar em uma posição um pouco menos vulnerável. Xingando, percebeu que ela havia conseguido desabotoar os botões de sua camisa. As mãos dela acariciaram seu peito e ele percebeu que sua respiração havia saído de seus pulmões há muito tempo. Tinha que admitir que tentou, sem entusiasmo, se desvencilhar, mas a boca dela era irresistível, suas curvas tão exuberantes... Suas boas intenções foram levadas por uma onda de desejo e se perguntou, com algo próximo ao pânico, se talvez pudesse apenas limitar-se a beijar, evitando qualquer coisa muito íntima, quando a mão dela deslizou abaixo de sua cintura e se fechou firmemente em torno da carne dura e dolorida que estava clamando por seu toque.

Ele respirou fundo quando sentiu o último vestígio de seu controle desaparecer e a jogou na cama.

CAPÍTULO 13



Anaïs riu e se envolveu em torno dele, enquanto Dannon lutava para lembrar-se por que isso era uma má ideia. Sabia com certeza que havia uma razão pela qual não deveria estar fazendo isso, mas não conseguia compreender qual era.

Tudo o que sabia era que nunca havia desejado tanto algo quanto a criatura deliciosa abaixo dele.

As mãos dele estavam nela, segurando seus seios e caindo sobre o volume adorável de seu traseiro. Anaïs havia arrancado a camisa dele e ela estava onde havia caído, toda amassada no chão. Agora o empurrara, não muito gentilmente, de costas enquanto o atormentava com uma trilha de pequenos beijos que começaram em sua mandíbula e se dirigiram para seu peito. Ela beliscou seu mamilo com os dentes e ele ofegou quando o prazer e a dor fizeram sua pele doer de vontade... no exato momento em que uma explosão balançou a casa até os alicerces.

Anaïs parecia totalmente alheia ao fato, mas foi o suficiente para trazer Dannon de volta aos seus sentidos. Ouviu Blanche gritar em algum lugar no andar de baixo e depois Remé gritando por ele.

— Seu idiota! — xingou-se, por mais uma vez permitir que Anaïs o distraísse. *Nunca lidei tão mal com um trabalho!* pensou, enquanto rolava Anaïs para poder se levantar. Se alguma coisa acontecesse com ela por causa de sua estupidez e falta de controle... nunca se perdoaria.

— Dannon! — Ela fez beicinho para ele, parecendo realmente muito chateada. — Aonde você está indo?

— Sinto muito, meu amor, mas estamos sendo atacados. — Ele pegou a camisa do chão e foi até a porta. — Não vá a lugar nenhum — instruiu-a, antes de destrancar a porta. Ele estava prestes a sair quando se voltou novamente. — E vista-se! — instruiu, tentando esquecer a imagem que queimou suas retinas: ela com uma aparência terrivelmente devassa e completamente embevecida deitada em sua cama.

— Dannon — chamou, parecendo um pouco mais com ela mesma.

— Sim?

— Você disse... *meu amor?* — A voz dela estava um pouco mais hesitante agora, um pouco menos exigente, e seu olhar fez um sentimento possessivo crescer em seu peito.

Ele sorriu para ela da porta. — Sim, Anaïs, eu disse. — Ele fechou a porta antes que a expressão dela pudesse distraí-lo ainda mais e desceu correndo para encontrar Remé observando pela janela a atividade na frente de sua casa.

— O que está acontecendo?

Remé deu de ombros. — Trouxeram reforços.

— Acho que isso era inevitável — comentou Dannon, com uma voz desolada. Não imaginava que eles agiriam tão rápido. Só agora estava

percebendo o quão poderosa Anaïs realmente era e o quanto cada lado iria querer esses poderes.

— É um wardsmith, um conselheiro — acrescentou Remé, franzindo a testa enquanto olhava para a atividade no outro extremo do jardim.

— O quê? — Dannon espiou pela janela e viu um Light Fae correndo ao longo do muro baixo de pedra que cercava o jardim, agachado para se tornar um alvo mais difícil. — Eles irão destruí-lo?

Remé deu de ombros, parecendo notavelmente despreocupado. — Depende do wardsmith, mas não tão cedo. No entanto, não acho que seja uma boa ideia vocês ficarem aqui mais tempo do que o necessário — acrescentou.

— Você tem alguma saída escondida?

O velho ergueu uma sobrancelha, parecendo um pouco ofendido. — Claro! Há túneis sob a casa. Há um que os levará até a igreja do vilarejo. De lá você poderá encontrar um local tranquilo para conjurar o portão, nunca conseguiria isso aqui com a quantidade de magia em torno da minha casa, quem sabe onde vocês iriam parar.

Dannon suspirou de frustração quando um novo dilema lhe ocorreu. — Remé, você a viu. Ela não está em condições de decidir se quer ir ou não.

— Acho que ela não tem escolha agora — respondeu Remé, com uma voz séria. — Vocês vão precisar de ajuda. Eu ficaria feliz em fazer o que está ao meu alcance, mas se os Light Fae a quiserem... — Ele parou, não havia necessidade de maiores explicações. Ambos conheciam o tipo de poder que os Light Fae poderiam exercer.

Dannon assentiu com a cabeça. — Eu sei, você está certo. Só espero que ela entenda.

Remé deu um tapinha em seu braço. — Ela é uma garota brilhante. Não acredito que vá usar isso contra você por cuidar dela. Vá buscá-la que irei abrir o túnel.

Virando-se para encontrar Anaïs, Dannon parou quando Remé falou novamente:

— Ah, e mais uma coisa — comentou o velho, pigarreando e parecendo um pouco envergonhado.

— Sim?

Remé apontou para sua camisa. — Seus, err... botões estão nas casas erradas.

— Oh. — Dannon abriu um sorriso pesaroso. — Obrigado.

Ele correu escada acima e encontrou Anaïs olhando pela janela, felizmente vestida e com uma expressão sonhadora em seu rosto lindo. Quando o viu passar pela porta, se levantou de um salto e jogou os braços ao redor dele. — Você foi sincero? Diga-me que realmente quis dizer aquilo.

Ele alisou o cabelo de sua testa e se inclinou para dar um beijo ali. — Eu fui sincero.

— Oh. — Ele observou os olhos dela se encherem de lágrimas. — Isso é tão maravilhoso, mas por que... por que me sinto tão triste? — perguntou,

parecendo perplexa e ansiosa.

— Acho que talvez você esteja voltado ao normal, o efeito do Light Fae que... — Ele parou, se perguntando o quanto ela se lembrava. — Aquele...

— Aquele que matei — completou, e ele assentiu.

— A força vital dele deve ter lhe dado muito poder... Imagino que esteja passando. — Ele segurou o rosto dela entre as mãos, olhando-a nos olhos e desejando que ela entendesse. — Podemos conversar sobre isso mais tarde, mas temos que ir agora. Tenho que levá-la para as Terras Fae, ok? Não há escolha agora. Não posso protegê-la deles sozinho, temos que encontrar ajuda. — Ela assentiu em compreensão, mas seus olhos ainda pareciam um tanto vagos e desfocados. — Como está se sentindo? — Por um momento ele viu uma carranca vincar sua testa e a culpa brilhar em seus olhos, mas então um sorriso bastante perverso surgiu em sua boca e ela riu. — Incrível.

Ele riu, aliviado, embora um pouco chocado. — Poderia ter sido pior. Então vamos pegar suas coisas.

Dez minutos depois, eles estavam se despedindo de Remé. Dannon apertou a mão dele, abrindo um sorriso caloroso. — Muito obrigado, Remé.

— *De rien* — respondeu o velho, acenando com impaciência. — Não foi nada. Na verdade, foi o ponto alto de um mês muito monótono. Embora eu admita que não tenho ideia do que farei com Blanche depois disso. — Ele sorriu e deu de ombros com uma expressão pesarosa. — Suspeito que a água benta irá voltar.

Ele apertou as mãos de Dannon entre as suas. — Foi tão bom revê-lo, meu amigo. Agora tome muito cuidado com essa nossa fada linda. — Anaïs deu-lhe um abraço apertado, fazendo Remé corar. — Oh... você é muito bem-vinda, Anaïs, a qualquer hora.

Dannon pegou a mão dela e, com um último sorriso para Remé, pegou a tocha acesa que havia deixado esperando e a conduziu para dentro do túnel. Ele hesitou por um momento. — Você vai ficar bem, Remé? — Sua voz ecoou e ele ouviu a risada de Remé.

— Perfeitamente, eu lhe garanto. Na verdade, vou me divertir muito, e temos comida suficiente em casa para uma década. Estou perfeitamente seguro, desde que Blanche não decida acabar comigo, mas acho que posso lidar com ela. *Au-revoir, mes amis, bon voyage.*

Dannon os conduziu rapidamente pelo túnel pelo que pareceu uma eternidade, enquanto a terra úmida se fechava ao redor deles até chegarem a uma porta de madeira. Obviamente, não era aberta há um tempo considerável, pois foi necessário muito esforço para abri-la, e eles irromperam por ela para o que parecia ser um armário grande. Saindo para o silêncio da igreja, ofegante e coberto de poeira e teias de aranha, Dannon olhou em volta, enviando sua magia em busca de qualquer perigo oculto. Felizmente o lugar estava deserto e, assim que trancaram a porta, ele levou Anaïs para fora, examinando o vilarejo em busca de algum loiro. Com a quantidade de turistas holandeses nas proximidades, isso levou a alguns alarmes falsos, mas

cruzaram com segurança a ponte medieval antiga e correram para fora da vila, subindo a colina íngreme e entrando na floresta.

Uma vez fora da vista da estrada e dos olhares indiscretos, Dannon virou-se para Anaïs. — Vou trazer o portão agora, mas assim que passarmos por ele, ainda poderemos estar em perigo. Precisaremos nos mover rapidamente e você deverá fazer o que eu disser. Os portões devem estar sendo vigiados agora.

— Então como iremos passar? — Seus olhos estavam arregalados e um pouco menos vidrados.

— Remé me deu um feitiço. Isso deixará todos nas proximidades do portão inconscientes. — Ele tirou um pequeno frasco de vidro do bolso, segurando-o cuidadosamente. Ele observou quando o olhar dela se fixou na espada pendurada em seu quadril.

— Remé lhe deu isso também? — Dannon assentiu e então franziu a testa enquanto Anaïs reprimia uma risadinha e percebia que provavelmente não estava tão sóbria quanto ele esperava.

— Que foi? — perguntou, suspirando.

Ela balançou a cabeça, mordendo o lábio da maneira mais distrativa. — Nada, é sério, é só que...

Ele ergueu uma sobrancelha, curioso agora. — Que?

Ela olhou para ele através de seus cílios e murmurou: — É muito sexy.

Dannon bufou e se perguntou por que o comentário o agradou tanto. Era um absurdo. Ela simplesmente mexeu tanto com ele que o fez se sentir como um garoto na época da escola. Concentrando-se no trabalho que tinha em mãos, puxou-a para trás antes de abrir o portão. Ele a ouviu ofegar quando a abertura apareceu, brilhando ao redor de sua mão. Dannon observou a admiração no rosto dela com carinho, lembrando-se da primeira vez que vislumbrou a vasta extensão da brilhante cidade de Paris através da fenda entre os mundos. Ele sentiu toda a admiração e o espanto que viu na expressão de Anaïs. A superfície deste mundo enrugou-se e recuou como uma pele grossa, deixando uma abertura grande o suficiente para eles passarem. Antes de se mover mais um centímetro, jogou o pequeno frasco que explodiu com um flash de luz branca. Enviando agradecimentos mentais a Remé, puxou Anaïs pela abertura e a ouviu exclamar ao avistar as dezenas de soldados que jaziam inconscientes ao redor deles.

— Todos vieram atrás de mim? — sussurrou, incrédula, com um tom de voz um pouco alto.

— Você é muito preciosa, meu amor. — Ele sorriu para ela antes de fechar o portão e conduzi-la rapidamente para a floresta. Teriam que ficar fora de vista, fora das estradas e isso significaria dormir ao relento. Ele agradeceu aos deuses pelo Príncipe Corin e sua adorável noiva Claudette estarem tão felizes como sempre, porque o tempo estava perfeito. Quente e ensolarado, mas não muito calor, com apenas uma leve brisa que bagunçava seu cabelo com um toque brincalhão e esfriava o calor do sol de sua pele. Ele sentiu uma pontada

indesejável de ciúme, como uma dor aguda sob a pele, pois queria isso também. Não Claudette, nunca se apaixonou por ela, embora gostasse e a admirasse, mas o fato deles poderem ficar juntos e se amarem era uma bênção que percebeu que queria para si mesmo.

Ele segurou a mão de Anaïs com força, mantendo-se atento ao perigo, mas não pôde deixar de se perguntar como seria se pudesse viver sua vida com aquela mulher ao seu lado. É claro que estava sendo um tolo. Isso nunca poderia acontecer. Não importa o quanto ele quisesse. Sabia que nunca deveria ter contado a Anaïs como se sentia, mas não podia continuar fingindo não sentir nada por ela. Além disso, se continuasse agindo como um tolo apaixonado, e não via nenhuma maneira de evitar tal coisa, logo ela teria adivinhado.

CAPÍTULO 14



Dannon acordou com a sensação incômoda de estar com uma pedra incomodando suas costas. Ele se mexeu, tentando encontrar uma posição mais confortável no chão acidentado abaixo dele e acabou descobrindo uma muito mais feliz ao se deparar com Anaïs aconchegada em seus braços. Não querendo fazer nada para perturbá-la e fazê-la se mover, decidiu que poderia aguentar a pedra. Ficou quieto e gostou da sensação de acordar contra ela, apesar das circunstâncias. A cabeça dela estava em seu ombro, ligeiramente inclinada para cima, e ele podia sentir o sopro suave de sua respiração contra seu pescoço.

Haviam feito um bom progresso nos últimos dias e ele esperava que mais dois os levassem à Bertulf House. Talvez menos se conseguisse comprar cavalos. Ele não ousou chamar muita atenção para si mesmo por medo de que rumores chegassem a qualquer informante. O Duque de Dannon andando pelo campo como um Fae estranho e solitário, com uma bela Fada a reboque, certamente seria mencionado. Não contou a Anaïs, mas até ele ficou surpreso com a quantidade de guardas que os Light Fae enviaram a Alfheim para vigiar o portão. Eles não tinham o direito de estar lá e arriscavam sérias represálias por sua invasão. À luz das relações cada vez mais frágeis entre os Light Fae, Dark Fae e os Elfos, não era exagero pensar que haviam arriscado iniciar uma guerra para pegá-la.

O pensamento causou arrepios em sua espinha. Sabia que Anaïs faria tudo ao seu alcance para curar quem quer que fosse até ela, sem distinção de raça, mas imaginou que haveria um limite para quantas pessoas poderia ajudar. A ideia de que os Light Fae estariam preparados para lutar por ela era uma grande preocupação.

Há algum tempo existiam rumores sobre a doença nos reinos dos Light Fae, mas ele não acreditou até ver com seus próprios olhos. Enviado pela rainha poucos dias antes de sua partida para encontrar Anaïs e disfarçado como um Light Fae, ficou muito chocado com o que viu. O Rei Auberren há muito havia fechado os portões e enviado qualquer pessoa com sangue Dark Fae ou Élfico para fora das suas terras. As negociações foram paralisadas apesar da fúria do Rei Braed e da Rainha Audrianne com a audácia impressionante do homem e Dannon começou a ver que as histórias da loucura do Rei dos Light Fae não eram simplesmente conversa fiada.

Havia algo muito errado em Solastire que estava se espalhando. As doenças humanas estavam afetando os muito jovens, os muito velhos, os fracos... Quanto tempo levaria para que mesmo aqueles que detinham o poder real fossem abatidos? Embora na verdade já tivesse começado. A falta de filhos era algo de que os Fae estavam bem conscientes há algum tempo. Nunca foi uma raça prolífica da mesma forma que a raça humana, mas tornou-se uma fonte de profundo ressentimento e dor para todas as raças combinadas.

Que preço pagariam para conseguir alguém que pudesse curá-los e trazer de volta sua fertilidade? Não apenas para o seu povo enfraquecido, mas também para a terra. Assim como os Fae se tornaram estéreis e inférteis, a terra também estava falhando. As colheitas produziam cada vez menos a cada ano, pois a saúde das pessoas estava intimamente ligada à da terra.

Então os Dark Fae lutariam por ela também?

Dannon não precisou pensar muito sobre isso para perceber que tinha em seus braços o catalisador de uma guerra terrível. Com pesar e um suspiro pesado, sabia que precisava acordá-la e fazê-los andar novamente.

— Anaïs — chamou-a, baixinho.

— Hmmm. — Ela se aproximou dele. Mal amanhecia e embora fosse ser mais um dia lindo, o ar ainda estava fresco e um pouco úmido àquela hora da manhã.

— Acorde, amor. Sinto muito, mas precisamos continuar.

— Mais cinco minutos — murmurou, contra o pescoço dele, parecendo sonolenta e feliz. Ele apertou os braços ao redor dela quando o medo começou a tomar conta de seu coração. Ele não podia deixar ninguém a levar. Não poderia permitir que ninguém a obrigasse a cumprir ordens.

— Não, Anaïs. Sinto muito, mas temos que ir agora, não é seguro.

Ela abriu os olhos e ele a olhou, afastando uma mecha de cabelo dourado que havia caído em seu rosto. Uma onda de proteção apertou seu coração. Nunca teve alguém confiando nele dessa maneira. Era uma honra e uma responsabilidade tremenda. Ele queria ser digno dessa honra mais do que qualquer coisa, queria estar à altura da responsabilidade. — Se quiser poderá ficar na cama o dia todo quando chegarmos — murmurou.

Ele não disse *comigo* que realmente queria acompanhar aquela declaração e apenas sorriu para ela, esperando que talvez Anaïs sugerisse isso quando chegasse a hora. Ela não tinha sido exatamente tímida antes, mas agora ele podia ver algo parecido com resguardo persistindo em seu olhar. Ele observou quando ela assentiu e se levantou. Seguiu o exemplo e então segurou a mão dela, virando-a para encará-lo.

— Você está bem? Sei que os últimos dias foram... difíceis para você.

Anaïs o olhou e Dannon simplesmente não tinha ideia do que ela estava pensando.

— *Oui*, estou bem... só cansada. — Anaïs lhe sorriu, mas ele tinha certeza de que a afirmação não dissipava o que havia acontecido com ela na última semana. — Foram alguns dias bastante difíceis — acrescentou, com um tom ironicamente divertido. Mesmo assim, sentiu que havia algo em sua mente, mas não a pressionou e esperava que falasse com ele se estivesse preocupada.

Eles andaram o dia todo, mantendo um ritmo intenso, sem ousar diminuí-lo. Pararam apenas por um momento em um lugar ou outro para colher maçãs e outras frutas que Anaïs nunca tinha visto. Anaïs comentava cada nova descoberta com interesse, mas Dannon sabia que estava preocupada, estava em outro lugar e ele gostaria que lhe contasse o que a estava incomodando.

Não que fosse difícil de imaginar. Anaïs deixou tudo o que conhecia para trás e foi para um mundo que não sabia que existia alguns dias antes. Também matou um homem. Dannon tentou algumas vezes fazer com que ela se abrisse sobre isso, mas toda vez Anaïs se fechava, mudando de assunto o mais rápido que podia.

Eles caminhavam em silêncio agora, ambos perdidos em pensamentos perturbadores. A única coisa que melhorou o ânimo de Dannon foi o toque ocasional da mão dela na dele, que parecia dizer: isso não tem a ver com você, a culpa não é sua.

Eles estavam no topo da montanha, com as colinas verdejantes e onduladas de Alfheim espalhadas ao redor deles. Ao longe ele podia ver a grande cidade de Haekkhrod. Se as coisas tivessem sido diferentes, teria gostado de levá-la até lá, para passear com ela pelas ruas de paralelepípedos estreitas e pelo bairro dos artesãos. Havia dezenas de lojinhas, artesãos, homens e mulheres, vendendo produtos extraordinários que a teriam feito arregalar os olhos. Na verdade, achou prudente manter-se longe das multidões e de um lugar onde uma emboscada seria muito fácil. Ele olhou para Anaïs e viu-a respirar fundo enquanto estudava a paisagem. O sol havia começado a descer à medida que a noite avançava e o céu já estava listrado de rosa e dourado. Ele tocava a paisagem com cores suaves, brilhando ao redor deles como o dourado de um porta-retrato.

— É tão lindo — sussurrou ela, virando-se para sorrir para ele.

— Eu também acho — concordou, e então sentiu um aperto no estômago ao se lembrar do estado de Solastire quando cruzou a fronteira para o reino dos Light Fae, com uma sensação... de que havia algo *errado*. E se isso acontecesse ali? E se a doença invadissem Alfheim e toda aquela dívida murchasse e morresse? Ele pegou a mão de Anaïs. Tinha que levá-la para um local seguro o mais rápido possível. Quem saberia que papel ela teria a desempenhar no futuro que os aguardava?

— Vamos — disse ele, e então parou quando uma pontada de perigo percorreu sua pele. Ele se virou, examinando o campo com todos os sentidos em alerta e a sensação ficou mais forte.

— *Corra!*

Eles se moveram como um só, com Dannon dando cobertura e os guiando para a floresta. Ele podia ouvir o movimento atrás deles agora, pois quem quer que os estivesse rastreando decidiu que não havia mais sentido para discórdia. O som de pés correndo pelo chão da floresta por todos os lados ficou mais alto à medida que os homens saíam de seus esconderijos.

Praguejando, Dannon puxou Anaïs para seu lado enquanto eles fugiam por entre as árvores. Arbustos de amora se enroscavam neles enquanto os Light Fae enviavam sua magia para capturá-los. Gravetos e galhos mortos espalhados pelo caminho alcançavam seus tornozelos, retardando-os, pois precisavam pular e mudar de direção para evitar tropeçar e cair.

Seus perseguidores estavam se aproximando e Anaïs gritou quando uma

mão tentou agarrá-la. Ela se esquivou da mão estendida, aproximando-se de Dannon e ganhando velocidade enquanto ultrapassavam a linha das árvores e saíam para um campo aberto. Talvez fosse mais fácil correr ali, mas não apenas para eles, enquanto moviam-se para salvar suas vidas.

A extensão total do problema tornou-se muito clara quando vinte Light Fae apareceram, aproximando-se de todos os lados. Dannon cerrou os dentes quando ficou óbvio que não conseguiriam correr mais do que eles. Puxando Anaïs para perto, Dannon se virou com a espada na mão, pronto para derrubar qualquer um que viesse atrás dela enquanto avançavam sobre eles.

O líder levantou a mão, sinalizando aos outros para recuarem, enquanto avançava sozinho. Ele estava vestindo o uniforme verde de um capitão da guarda real dos Light Fae e parou a cerca de um metro e meio de Dannon, fazendo uma reverência.

— Vossa Graça, não temos nada contra sua pessoa. Se entregar a garota, ela estará completamente segura. Não temos intenção de machucá-la. Você pode seguir seu caminho sem discussões.

Dannon encarou o homem, aqueles os olhos azuis frios que não pareciam ter muita simpatia ou compreensão. — Sabe muito bem que não posso fazer isso — disse, mantendo o tom suave, mas sustentando o olhar gélido do homem. — Você está invadindo e esta mulher está sob minha proteção. Tenho certeza de que não preciso explicar que tipo de represálias poderá enfrentar por atacar um Duque de Alfheim.

O capitão loiro fez um leve gesto que permitiu a seus homens darem um passo à frente mais uma vez, embora sorrisse para Dannon como se estivessem apenas tendo uma conversa amigável.

— Então creio que tenhamos um problema — disse, enquanto desembainhava a espada.

Dannon sentiu Anaïs se mover quando uma pontada de magia queimou sua pele e soube que ela estava prestes a fazer algo precipitado. Antes que ele pudesse deter a mão dela, uma voz educada e vagamente familiar soou pelos campos:

— Fiquem onde estão!

Todos se viraram surpresos quando um homem a cavalo apareceu, contra o horizonte no topo da colina enquanto o pôr do sol iluminava os céus circundantes em escarlate e rosa chocantes.

— Deuses! — exclamou um dos Light Fae, alarmado. — É Bram.

Uma onda de desconforto percorreu as fileiras de homens ao redor deles, o que era palpável enquanto se mexiam e olhavam alarmados para o capitão.

— Cumpram o seu dever! — ladrou o líder, que havia voltado sua atenção para Dannon. — Ele é apenas um homem.

— Mais um passo e vocês morrem! — gritou o estranho, que agora cavalgava em direção a eles, devagar, mas sem nunca hesitar.

Dannon observou, se perguntando o que exatamente eles estavam enfrentando agora, à medida que o homem se aproximava. Seu rosto estava

coberto por um lenço, apenas os olhos visíveis sob um chapéu tricórnio, brilhando na penumbra. Ele segurava uma pistola em cada mão e certamente era uma figura arrojada, embora libertina.

Dannon percebeu que seus dedos estavam cheios de anéis, as joias brilhando em seus olhos e ele estava vestido de maneira extravagante, para dizer o mínimo. Punhos de renda pesados caíam das mangas de uma jaqueta fortemente bordada com um colete azul escuro aveludado combinando.

— Ora, ora — disse o estranho, sua voz com um sotaque divertido da classe alta que Dannon tinha certeza de que conhecia. — Meu velho amigo, Quiel. Que prazer!

Era bastante óbvio que este não era um prazer compartilhado pelo capitão cujo rosto estava cheio de fúria.

— Isto não é da sua conta, Bram — retrucou, com uma voz agressiva e cheia de raiva contida.

— Oh, mas meu caro amigo — continuou o homem chamado Bram, apoiando-se no pomo da sela e gesticulando de maneira coloquial com as pistolas —, o duque aqui está em desvantagem com vinte contra um. Eu realmente não aprovo desigualdades como essa, você sabe disso. É preciso ser justo com o outro, não é mesmo?

— Na verdade, somos dois aqui — disse Anaís ao lado de Dannon, parecendo um pouco indignada e olhando para o recém-chegado com interesse.

Os olhos do homem brilharam divertidos acima do lenço quando ele inclinou a cabeça. — É verdade, minha lady. Por favor, me perdoe. Peça desculpas.

O Capitão Quiel virou-se para Bram, parecendo que sua paciência estava sendo levada ao limite. — Já existe um preço pela sua cabeça, Bram, isso não é suficiente?

Houve uma breve risada. — Você acha que eles poderiam arrancar minha cabeça mais de uma vez? — retrucou Bram, com a diversão em seus olhos esfriando e sua voz ficando perigosamente baixa. — Vá embora agora, bom sujeito. Estou ficando irritado. Você realmente não quer que eu fique irritado agora... quer?

Alguns dos Fae começaram a se mover de maneira inquieta e Bram virou uma de suas pistolas, apontando diretamente para um dos soldados. — Você primeiro, eu acho. — O rosto do homem empalideceu visivelmente, mesmo na penumbra. — Vá — disse Bram, com um tom de voz que não admitia discussão.

E então o homem obedeceu. Rapidamente seguido por dois de seus companheiros. Dannon, que tinha ouvido falar da reputação assustadora do salteador, não ficou surpreso. Não tinha dúvidas de que o sujeito atiraria se fosse provocado.

— Oh. — Bram os observou partir com o que parecia ser arrependimento. — Suponho que não posso atirar no sujeito pelas costas, posso? — refletiu,

não parecendo totalmente convencido. — Você então. — Sua pistola passou para o próximo homem da fila e de repente todos se viraram como um só e fugiram de volta para a floresta, deixando o Capitão Quiel branco de fúria, sozinho diante dos três.

— Vou fazer você pagar por isso, Bram — disse com raiva, cada linha de seu corpo tenso de fúria e humilhação.

Houve um bufo de escárnio vindo de cima do cavalo. — Até que você encontre uma companhia de guardas onde todos sejam corajosos, não perderei o sono por causa disso — disse Bram, lentamente, parecendo entediado ao extremo. Quiel olhou com raiva para eles antes de se retirar do campo com toda a dignidade que conseguiu reunir.

Dannon observou-o partir antes de olhar para o cavaleiro. Tinha certeza de que reconhecia a voz dele. — Tully... é você?

— Claro que sou eu, seu idiota, quem mais seria? — respondeu uma voz impaciente, que ia ficando cada vez mais sem corpo na escuridão.

— Deuses! — exclamou Dannon, aliviado e surpreso ao mesmo tempo. — Quando ouvi as histórias sobre um salteador aterrorizando o campo, isso passou pela minha cabeça, mas... você enlouqueceu?

— Louco, eu? — questionou Bram, parecendo ofendido enquanto seu cavalo se mexia embaixo dele. — Nem um pouco. Estou me divertindo muito.

Dannon olhou para ele, vendo pouco mais do que seu contorno e um brilho perigoso nos olhos que sempre estiveram prontos para rir.

— Sim, mas... — Ele hesitou, sabendo que esse era um assunto que teria que tratar com cuidado. — Você nunca pensou em... tentar limpar seu nome?

Houve um ruído depreciativo na escuridão. — Ah, isso — respondeu ele, com a voz suave antes de exclamar com um pouco mais de aborrecimento: — Claro que sim, seu idiota! Sabe disso. Você mesmo tentou, e é por isso que estou aqui. Ouvi rumores de que você poderia estar em apuros. Espero que veja que estamos quites agora, não gosto de ter uma dívida com nenhum homem.

Dannon riu e soltou um suspiro de puro alívio. — Acho que mais do que quites.

Bram circulou o cavalo para mais perto deles e Dannon viu que ele havia puxado para baixo o lenço que cobria seu rosto, revelando uma grande argola de ouro em uma orelha. — Então — disse ele, inclinando-se na lateral do cavalo para ver melhor —, esta é a linda fada que veio nos salvar, não é?

Dannon não se incomodou em perguntar como ele sabia disso. Se os rumores sobre Bram estivessem corretos, então ele conhecia todos os bandidos dos três Reinos. Nesse tipo de círculo, conhecimento era poder, e Bram parecia ter muito disso no submundo de sua sociedade, se o que Dannon tinha ouvido fosse verdade. Olhou para Anaïs, que estava fitando Bram com espanto e curiosidade. — Essas coisas realmente funcionam? — Ela apontou para as pistolas. — Parecem peças de museu.

— Claro que funcionam! — respondeu Bram, indignado enquanto Dannon

ria.

— Elas carregam balas de chumbo, Anaïs. O chumbo é mortal para qualquer um das raças Fae. Você não precisa fazer muito mais do que acertar um homem Fae com uma bala de chumbo. Estariam mortos antes de atingirem o chão. Com exceção de Tully aqui. Por alguma razão, parece que isso não o afeta da mesma maneira.

— Sim, e tenho a cicatriz para provar isso, e é Bram, se não se importa — veio aquela voz indignada mais uma vez.

— Ah, sim — disse Dannon, enquanto começavam a caminhar. Ficar conversando em um campo no escuro provavelmente não era uma boa ideia. — Desculpe-me, mas diga-me, por que Bram?

Houve uma pausa onde apenas o som de cascos na grama e o suave rangido da sela puderam ser ouvidos antes que ele falasse novamente: — Depois que decidi fazer de mim mesmo uma espécie de lenda, precisei de um novo nome e, como sempre gostei de Drácula... — Dannon só conseguiu perceber um dar de ombros na escuridão. Houve um silêncio mais uma vez e Dannon se preparou para o que inevitavelmente viria a seguir. Tully... Bram, ou como quer que aquele idiota quisesse ser chamado, não era conhecido por sua sutileza, nem por ignorar assuntos que era melhor deixar de lado.

— Você vai para o príncipe, presumo? — disse Bram, sua voz enganosamente suave.

Dannon fez uma careta e ficou feliz por estar escuro demais para ver a diversão no olhar daquele maldito sujeito.

— Vou — respondeu, sentindo-se bastante irritado com as risadas que o acompanhavam.

— Ora, ora! — exclamou Bram, parecendo verdadeiramente encantado. — Acho que será divertido. Estou tão feliz por ter vindo. Na verdade, acho que irei com você.

Inferno!

Dannon olhou na direção do contorno de Bram. — Isso realmente não é necessário. — Ele esperava que Bram tivesse ouvido o tom de advertência em sua voz.

— Necessário? — questionou o sujeito irritante, rindo loucamente. — Não, certamente não é necessário. Digamos que divertido? Oh, meu Deus, sim. — Bram riu sozinho. — Deuses, não vou perder a oportunidade de ver você dobrar os joelhos para Corin e implorar perdão. Para ser sincero, estou impressionado que tenha coragem de enfrentá-lo. Muitos não o fariam. — Depois de um momento em que Dannon fervia internamente, ele voltou sua atenção para Anaïs. — Quer uma carona, minha querida?

Dannon enrijeceu. A ideia de Anaïs sentada nos braços de Bram... O ciúme aumentou apesar do fato de que deveria agradecer a Bram por seus instintos cavalheirescos. A pobre garota deveria estar exausta.

Ele olhou para Anaïs. — Está cansada, amor? — perguntou, implorando mentalmente que ela recusasse, pois isso não o deixaria de bom humor.

Ele não sabia o que ela podia ver em seu rosto na escuridão, mas houve apenas uma breve hesitação.

— *Non, merci.*

Graças aos deuses.

Dannon mais sentiu do que viu o olhar de Bram em Anaïs e depois voltar para ele. Mas havia um tom de conhecimento em sua voz quando ele respondeu: — Como desejar.

Eles caminharam em silêncio por um tempo e Dannon sentiu-se grato pela meia-lua brilhante que agora estava cada vez mais visível. Agora que não precisava gastar tanta atenção observando seus passos, voltou seus pensamentos para Bram e porque não deveria ir com eles. Dannon garantiu a si mesmo que não era apenas para evitar mais humilhação à sua situação atual. Embora isso não fosse mal.

— Bram, você sabe, é claro, que há um preço pela sua cabeça em todos os três Reinos? Diga-me, o que impedirá o príncipe de tirá-la do seu pescoço?

— Ah, sim, isso. — Bram ficou em silêncio por um momento. — Muito bem. É claro que apreciaria se você pedisse a permissão dele antes de eu entrar em sua casa. Mas acontece que ultimamente tenho passado bastante tempo dentro de suas fronteiras e não tenho sido nem um pouco incomodado. Acho difícil acreditar que ele não esteja ciente da minha presença. Portanto, só posso concluir que está sendo gentil comigo. Sempre nos demos bem... antes... — Ele balançou a mão no ar e Dannon sabia que Bram não contaria mais nada sobre sua própria desgraça. Não podia culpá-lo por isso. Não era uma história bonita.

— Então — continuou Dannon, sem se preocupar em esconder seu aborrecimento —, não só tenho que suportar sua companhia enquanto me humilha e rastejo diante de Corin, mas também tenho que pedir-lhe que o perdoe para que você possa ter o prazer de me ver fazendo isso?

— Sim — respondeu Bram, balançando a cabeça com a maior seriedade. — Exatamente.

— Por que, em nome dos deuses, eu faria isso?

A risada que flutuou na escuridão não melhorou em nada seu temperamento, nem as palavras de Bram: — Primeiro porque você é um sujeito muito bom e faz parte da sua natureza fazer a coisa certa.

— Não estou nem um pouco convencido de que isso seja a coisa certa — murmurou Dannon, muito consciente de que Anaïs acompanhava aquela conversa com grande interesse.

— Em segundo lugar — acrescentou Bram, com ar de quem sabe que venceu. — Porque acabei de salvar suas vidas.

— Você me devia! — retrucou Dannon. — Como você mesmo disse.

— E em terceiro lugar... — Bram desceu do cavalo para sussurrar no ouvido de Dannon. — Do contrário, talvez eu tenha que passar o resto desta jornada deliciosa destacando todas as suas façanhas mais fascinantes para a jovem. Só para nos manter entretidos, sabe.

Dannon olhou para Bram furioso enquanto ele se endireitava, mas este apenas retribuiu com um sorriso suave. A última coisa que Dannon precisava era que Anaïs ouvisse exatamente que tipo de homem ele era. Pelo menos ainda não. Ela saberia mais cedo ou mais tarde e então... Ele sentiu seu estômago revirar de ansiedade ao ver a admiração no olhar dela diminuir. Bem... o mais tarde acabou chegando rápido.

— Tudo bem — respondeu, com os dentes cerrados.

— Excelente! — exclamou Bram, batendo na coxa, e os dentes brancos brilhando na escuridão. — Ah, eu sabia que hoje seria um bom dia.

Dannon murmurou algo obsceno baixinho, antes de pegar Anaïs pela mão e seguir enquanto Bram os conduzia em direção à Bertulf House.

CAPÍTULO 15



Eles continuaram durante a noite, auxiliados pelos contatos de Bram, que lhes forneceram outro cavalo.

Dannon podia sentir Anaïs balançando em seus braços à sua frente na sela, exausta pelos acontecimentos do dia anterior. Ele a puxou um pouco mais para perto dele e a cabeça dela encostou em seu ombro, e um suspiro sonolento bufou contra seu peito. Ele olhou para um céu repleto de nuvens e a ameaça de chuva, e se perguntou o que estaria perturbando o príncipe. Problemas no paraíso, talvez?

Parando apenas quando era inevitável, Bram forneceu-lhes pão e queijo de seu alforje que mantinham a fome sob controle e eles seguiram em frente enquanto o céu escurecia.

Quando a casa grande finalmente foi avistada, já estava quase anoitecendo mais uma vez. Eles ficaram dentro da linha das árvores, escondidos da vista e observando com ansiedade as janelas brilhantes da residência do Príncipe Corin. O príncipe não era um homem para se brincar e o relacionamento deles sempre foi amargo.

— Acho melhor eu entrar sozinho — disse Dannon, seu tom tão penoso quanto ele se sentia. Não estava ansioso por esta conversa. Nem um pouco. — Pelo menos até termos certeza da nossa recepção.

Bram bufou e deu um tapa no ombro dele. — Ah, tenho quase certeza de qual será a sua recepção.

Dannon fez uma careta em resposta. — Eu também, mas não há nada a ser feito a respeito. Não tenho escolha. — Ele foi até Bram e agarrou seu braço, afastando-o um pouco de Anaïs para que pudesse conversar com mais privacidade. — Estou confiando Anaïs a você — disse, deixando bem claro que isso era algo a ser levado a sério. — Não me decepcione, Bram. Ela é muito preciosa.

Bram abriu um sorriso simpático, embora divertido. — Eu diria que sim, pois ela conseguiu colocar um olhar suave em seus olhos. Confesso que nunca pensei em ver isso.

Por um momento Dannon pensou em negar, mas falando sério, qual seria o sentido? — Ninguém poderia estar mais surpreso do que eu, acredite.

— Ah, eu fiquei — retrucou Bram, rindo, embora seu humor tenha desaparecido quando Dannon apertou seu braço com mais força.

— Mas ela não é simplesmente preciosa para mim — acrescentou, com uma voz severa. — Ela tem que ser protegida acima de tudo. Posso contar com você?

Bram olhou para ele com os olhos arregalados de desgosto. — Por favor, não me ofenda fazendo tal pergunta.

Dannon bufou e assentiu com a cabeça. — Bom amigo. — Ele voltou sua atenção para o edifício imponente que dominava a paisagem e suspirou,

olhando para a Bertulf House com apreensão.

— Não faz sentido adiar. — Bram o observava com a diversão brilhando em seus olhos escuros.

— Para você é fácil falar — murmurou Dannon, voltando-se para Anaïs. — Não é você quem corre o risco de ser enviado aos deuses com pouco mais do que um pensamento.

— Sim — Bram concordou afavelmente enquanto o seguia. — Isso é verdade.

Dannon esperou enquanto Bram afastava um pouco seu cavalo para lhes dar um pouco de privacidade. Ele pegou a mão de Anaïs e segurou-a com força. Não houve tempo para privacidade ou palavras suaves desde que eles entraram em seu mundo. Não havia tempo para falar dos sentimentos que ele acreditava, esperava que estivessem crescendo entre eles, mesmo sabendo que nunca poderiam levar a nada além de problemas. Anaïs foi ficando cada vez mais quieta enquanto viajavam. Talvez estivesse apenas cansada e com medo do lugar em que estava e do que a esperava. Mas Dannon se perguntou se ela estava arrependida do que havia acontecido entre eles. Simplesmente não sabia como perguntar.

— Preciso falar com o Príncipe Corin — disse ele, apontando para a casa grande às suas costas e esperando que as nuvens escuras que agora cobriam a lua não fossem um mau presságio. — Voltarei assim que puder, prometo. Fique com Bram e faça o que lhe disser. Ele é um bom sujeito e irá protegê-la.

Anaïs olhou para a figura extravagante parada atrás deles antes de sussurrar para Dannon: — Se ele é um bom homem, por que há um preço pela cabeça dele?

Dannon suspirou e balançou a cabeça. — É uma longa história, mas ele foi acusado de algo que não fez e não conseguiu provar sua inocência.

— Você quer dizer que ele não fez nada de errado e que há um prêmio por sua cabeça? — Ela parecia horrorizada.

Bufando achando graça, Dannon balançou a cabeça. — Não tenho certeza se posso dizer que não fez nada de errado, pelo menos não mais. Mas ele nunca fez aquilo de que foi acusado. Disso tenho certeza.

Anaïs estremeceu com a brisa fresca que soprava e Dannon esperava conseguir uma cama quente para dormir. Ele fez menção de tirar a jaqueta, mas Bram puxou um cobertor grosso de trás da sela e colocou-o sobre os ombros dela.

— Você realmente não vai querer encarar Corin com uma aparência pior do que está — observou Bram, erguendo a sobrancelha para a aparência reconhecidamente maltrapilha de Dannon. Enfrentar o príncipe já era horrível o suficiente, e ter que fazer isso coberto de poeira e com as roupas imundas do mundo humano com as quais dormira, só acrescentavam insulto à injúria, mas a vaidade era o menor de seus problemas. Corin e ele estavam em conflito há mais de um século e duvidava que o homem ficaria feliz em vê-lo.

No entanto, o príncipe *iria* ajudá-los, apesar dos seus sentimentos pessoais

em relação a ele. Estava certo disso.

Bram se afastou novamente e Dannon puxou o cobertor para mais perto de Anaïs, esfregando seus braços para aquecê-la um pouco. Ela inclinou a cabeça para frente para descansar contra ele com um suspiro.

— O príncipe é um bom homem, Anaïs. Tenho certeza de que nos ajudará.

Ela o fitou com um olhar curioso. — Então por que Bram achou que seria divertido ver você perguntando a ele?

— Oh, bem, Corin... — Ele fez uma pausa, se perguntando como exatamente iria explicar a rivalidade entre eles e acabou decidindo que era mais seguro não tentar. — Ele é um homem muito poderoso, que ninguém quer contrariar se souber o que é mais seguro, e não gosta muito de mim. — Isso resumia tudo, mesmo que fosse o eufemismo do século, mas Dannon guardou esse pensamento para si.

— Ele vai machucá-lo? — Dannon se aqueceu com o medo e a indignação no olhar dela e sorriu, balançando a cabeça.

— Não, acho que não. Ele vai gostar muito de me ver à sua mercê. Não tenho dúvidas de que me fará rastejar enquanto se deleita com cada maldito momento. — Abriu um sorriso irônico e ela bufou indignada, cruzando os braços.

— *Alors*, diga a ele por mim que se quiser que alguém de sua família seja tratado, é melhor nos ajudar e deixá-lo em paz.

Ele colocou uma mão em cada lado do rosto dela, incapaz de evitar o sorriso ridículo em seu rosto diante do calor por trás daquelas palavras. — Você me protegeria?

Ela deu de ombros. — *Bien sur*, você me protegeu, é o mínimo que posso fazer.

Seu sorriso desapareceu quando se perguntou se gratidão era tudo o que ela sentia, embora soubesse que não deveria perguntar a Anaïs, realmente não era justo dadas as circunstâncias, mas queria muito saber. — Esse é o único motivo?

Ele inclinou a cabeça dela para cima. Havia algo próximo de pânico em sua expressão, mas também havia desejo.

— Eu... eu... — gaguejou, e então suspirou. — Você sabe que não. — Ela olhou-o e ele viu incerteza ali, mas havia calor no olhar dela também. — Mas você vai me deixar, não vai? — perguntou, com tanta tristeza na voz que o coração dele se apertou.

— Não se eu conseguir encontrar um jeito — disse ele, mesmo sabendo que as palavras eram mais do que tolas. Impossível. — Eu não quero, amor.

Um leve sorriso tremeu em seus lábios, mas ela não parecia tranquila, e ele não podia culpá-la. Em vez disso, abaixou a cabeça e a beijou. Ele a beijou com tudo o que tinha, derramando seu coração e alma na pressão de seus lábios sobre ela. Dando-lhe tudo o que podia, tudo o que pudesse convencê-la de suas esperanças e sonhos, por mais improváveis que lhe parecessem. Eles ainda eram o que queria acima de tudo.

O sorriso dela quando a soltou era um pouco mais seguro, seus olhos brilhavam e sua respiração estava acelerada. — Lembre-se disso — sussurrou ele.

Dannon se virou e começou a ir em direção à casa. — Bram — chamou, com a voz baixa. — Cuide dela. Serei o mais rápido que puder.



Anaïs observou, sentindo frio até os ossos, apesar do cobertor. Ela esfregou as mãos para cima e para baixo nos braços, desejando que fosse o toque de Dannon.

— Ele vai ficar bem?

Bram assentiu, abrindo um sorriso simpático. — Acho que o orgulho dele está prestes a levar uma surra, mas ele vai ficar bem.

Anaïs o olhou, mordendo o lábio e tremendo. — Aqui. — Ele tirou a jaqueta para colocá-la no chão, gesticulando para ela se sentar.

— Obrigada. — Anaïs sorriu para ele, sentando-se no veludo macio com alívio. Estava mais cansada do que nunca e seu cérebro estava lento, perplexo com tudo o que estava acontecendo com ela. Bram se acomodou ao lado dela, encostando-se no tronco da árvore atrás dela.

— Podemos muito bem ficar confortáveis — disse ele, com um sorriso.

Anaïs o estudou por um momento, se perguntando se todos os Fae eram lindos. Todos que ela tinha visto até àquela hora certamente eram. Mesmo o capitão de olhos frios, que a fez estremecer de medo de estar em seu poder, nunca poderia ter sido descrito como outra coisa senão bonito.

Bram certamente era. Era bem mais magro que Dannon, seu rosto um pouco mais infantil, talvez por causa do sempre presente brilho de diversão naqueles olhos escuros. Ele sorriu sob sua observação e piscou para ela. Anaïs desviou o olhar.

— Conhece-o bem? Refiro-me ao Dannon.

Anaïs sentiu Bram assentir com a cabeça ao lado dela enquanto observava a figura de Dannon diminuir à medida que ele se aproximava da sombra de uma casa que ela só poderia descrever como uma casa senhorial.

— Sim, eu o conheço há muito tempo.

— Como ele é? — perguntou, desejando que a pergunta não soasse tão melancólica.

Ela olhou-o, se perguntando se ele notara e viu seus olhos brilhando na penumbra.

Uma brisa agitou os galhos acima, farfalhando as folhas e a grama, e Anaïs se aconchegou ainda mais nas dobras do cobertor enquanto esperava a resposta dele.

— Eu poderia ter respondido isso facilmente antes de vê-lo com você — falou, com um tom ponderado na voz — Agora, não tenho tanta certeza.

— Por quê? — Ela tentou manter isso apenas como uma pergunta, mas por mais que disfarçasse, era perfeitamente óbvio que a resposta tinha muita importância. Tentou manter as palavras de Dannon em mente. Não havia

futuro para eles. Ele iria embora e não o veria mais. Mas isso não impediu que seu coração tolo disparasse quando aqueles olhos escuros pousaram sobre ela com tanto calor. Quando a chamou de *meu amor*, sentiu uma onda de emoção que era perigosa por sua intensidade.

Houve uma bufada de diversão. — Acho que você fez uma conquista, mocinha.

Anaïs mordeu o lábio, feliz porque a escuridão cobria sua confusão. Parecia tão fácil em seu próprio mundo. Tão óbvio. Dannon era lindo, a intrigava, a atraía para ele de uma forma que ela nunca tinha experimentado antes. Nunca em sua vida sentira tanta necessidade de estar com um homem que realmente não conhecia muito bem. Mas ali... naquele mundo, no mundo *dele*, estava com medo. Talvez não soubesse nada além do que Dannon lhe contara sobre aquelas terras estranhas, mas não era tola. Tantos homens foram enviados para garantir sua captura... Ela se mexeu, apertando o cobertor, muito consciente do olhar penetrante de Bram.

— Você não sente o mesmo? — perguntou ele, com a voz baixa e compreensiva, mas havia algo mais ali. Preocupação talvez, preocupação com Dannon, seu amigo.

— Sinto — respondeu, com sinceridade, e então sentiu uma onda de pânico. — Isso é... eu... eu não sei, foi muito repentino, tanta coisa aconteceu. Oh! Eu simplesmente não consigo pensar direito. — Ela olhou para ele, desafiando-o a julgá-la. — Ele estava me espionando sabe, fingindo ser um idoso e agora tudo isso. — Anaïs acenou com a mão na direção da casa de um Príncipe Fae, *um Príncipe Fae* pelo amor de Deus! — Oh — gemeu, colocando a cabeça entre as mãos. — Estou muito confusa. Dannon não me conhece. Ele acha que sim, mas não, e se me conhecesse, se realmente me conhecesse... — Ela parou, percebendo que estava falando sem parar e se perguntando por que diabos estava contando isso a Bram, mas com ele era muito fácil de conversar. Ela ergueu os olhos e viu um olhar repleto de simpatia. — Além disso — disse, sentindo-se totalmente impotente —, ele é um duque e eu... eu...

— Você é a mulher por quem ele está se apaixonando — finalizou por ela. Anaïs olhou-o e ele sustentou seu olhar, com uma expressão aberta e fácil demais para acreditar. Bram sorriu para ela e balançou a cabeça diante da descrença evidente em seu olhar. — Dannon, nunca ligou para a opinião dos outros, Anaïs. Ele fará o que quiser sem se importar com as consequências e o escândalo. — Bram fez uma pausa e seu rosto ficou sério. — Mas não será fácil, com a rainha...

— A rainha? — Anaïs olhou-o preocupada, franzindo a testa, e o viu arregalar um pouco os olhos antes de pigarrear.

— Oh — disse ele, cruzando os braços sobre o peito e parecendo um pouco estranho. — Bom... seu... err, trabalho. O trabalho dele — repetiu, balançando a cabeça. — Isso pode tornar as coisas... complicadas.

Ela assentiu em aceitação, mas se perguntou por que tanto ele quanto Bram

se sentiam tão desconfortáveis em relação ao trabalho de Dannon. Ele era um espião, provavelmente tudo era *segredo*, então supôs que era natural.

— Ele me disse que não poderíamos ficar juntos — disse apressada, precisando falar com alguém, mesmo que este alguém parecesse um cruzamento entre um dândi do século XVIII e um salteador, sendo um público muito improvável. — Dannon disse que não deveríamos nos aproximar, mas agora..., agora parece ter mudado de ideia e... *merde!* — Anaïs respirou fundo quando o pânico a atingiu novamente, pressionando-a como um peso vindo de cima. — Agora não tenho ideia do que está acontecendo ou do que fazer!

Bram suspirou ao lado dela e Anaïs sentiu uma mão grande e quente cobrir a sua por um momento, apertando-a suavemente antes de se afastar. — Não consigo imaginar como você deve estar se sentindo, mergulhada tão repentinamente em tudo isso — disse, gesticulando de uma forma que parecia abranger todo o reino com a mão coberta de renda. — E não posso lhe dizer o que fazer. Só posso dizer que, se estivesse no seu lugar... seguiria meu coração. Você pode se machucar, mas é melhor do que nem tentar. Esse é o caminho para a amargura e o arrependimento.

— Você tentou? — perguntou ela. Havia muito sentimento por trás dessas palavras para não haver uma história por trás delas.

— Sim, tentei.

Ela não conseguia mais ver a expressão dele na escuridão, mas pelo tom de sua voz teve certeza de que havia um sorriso triste em seu rosto.

— É por isso que você está aqui? — perguntou ela, sem querer bisbilhotar, mas adivinhando que as duas coisas deviam estar ligadas.

— Sim.

Então ele tentou por amor, como a incitava a fazer... e acabou se tornando um fora-da-lei. — Você não se arrepende? — perguntou, se deslocando para poder vê-lo com mais facilidade.

Seu perfil era pouco mais que uma silhueta na escuridão, mas ela o viu dar os ombros. — Arrependimentos são inúteis. Além disso, se eu não tivesse feito nada, ficaria me perguntando para o resto da vida, e isso teria sido infinitamente pior. — Ele ficou em silêncio por um momento, olhando para baixo e arrumando a renda dos punhos como se fosse importante. Ela pensou que ele não iria dizer mais nada, mas Bram pareceu mudar de ideia e falou novamente com uma voz baixa e séria: — Anaïs, se quer alguma coisa, tem que pegá-la com as duas mãos e não deixar nada nem ninguém atrapalhar... nem você mesma.

Suas palavras pareceram atingir algo dentro dela e o medo arrepiou sua pele com a ideia. — Como posso saber se realmente quero? Que quero o suficiente?

Ele riu, inclinando a cabeça para trás para mostrar a linha forte de sua garganta. — Ah, acho que você já sabe.

CAPÍTULO 16



Dannon ficou à distância, olhando para a porta da frente e cerrando os dentes. *Estou fazendo isso por Anaïs*, lembrou a si mesmo. Estava fazendo isso porque não havia perdido totalmente a honra, porque Anaïs precisava dele, porque gostava dela, tanto em tão pouco tempo que deveria estar louco.

No entanto, ele realmente, *verdadeiramente* não estava ansioso por isso.

Ele foi em direção à porta, tentando não se importar por estar vestindo um jeans imundo, uma camiseta e uma jaqueta amarrotadas, em vez de seu traje habitual, imaculado e formal, que era a norma para seu próprio mundo.

As portas grandes foram abertas por dois lacaios de aparência altiva antes que ele chegasse ao último degrau e fosse saudado pelo mordomo de aparência horrorizada de Corin, Malen. O homem precisou de um momento para conter o choque em seu rosto.

— Vossa Graça — disse ele, tão assustado que o choque era quase audível em sua voz.

Dannon não tinha certeza se era porque ele, entre todas as pessoas, estava na porta do príncipe ou se pelo fato de parecer tão terrivelmente desganhado, tinha assustado ainda mais o homem, mas de qualquer forma, Malen estava claramente escandalizado.

Dannon não teve tempo para explicações. — Preciso ver o Príncipe Corin para tratar de assuntos urgentes — retrucou, sentindo seu habitual comportamento gélido fugir dele.

O mordomo inclinou a cabeça. — Sinto muito, Vossa Graça — disse ele, sem parecer nem um pouco arrependido. — Mas o príncipe não está em casa esta noite e só voltará amanhã.

Maldição! O coração de Dannon se apertou por um momento até que percebeu que isso poderia realmente ser uma vantagem para ele. — Lady Claudette está?

Malen ficou sério e Dannon teve certeza de que estava prestes a abrir a boca para dizer que não, que Lady Claudette *não* estava em casa... quando a própria lady apareceu no corredor.

— Quem é, Malen?

— Claudette! — exclamou Dannon, aliviado, passando pelo mordomo indignado.

— Dannon? Meu Deus, é você? — Claudette correu até a porta, ignorando o olhar de desaprovação de Malen. — O que diabos aconteceu com você? — Olhos turquesa inteligentes observaram sua aparência, incluindo a camiseta suja e rasgada, e ela tirou o mordomo enfurecido do caminho, puxando Dannon para dentro de casa. — Entre, coitado. Você parece exausto, está com fome? — Ela não esperou resposta e virou-se para o mordomo cada vez mais irado. — Malen, por favor, leve algo para comer para a pequena sala de estar, ah, e uma camisa limpa.

— Mas, minha lady! — exclamou o mordomo, parecendo escandalizado.
— Eu realmente não acho...

— Não acha... o quê? — O tom de Claudette era suave, mas havia algo em seus olhos que até fez Dannon hesitar.

O mordomo pigarreou, assentindo bruscamente e satisfez-se com um último olhar bravo para Dannon antes de se retirar para cumprir as ordens dela.

Dannon sorriu para si mesmo enquanto seguia Claudette até a sala de estar. Ela mudou tanto em tão pouco tempo, pensou, lembrando-se da jovem aterrorizada que Corin havia levado para aquelas terras.

Agora ela parecia completamente segura de si e muito bonita, cada centímetro de uma rainha em formação. Seus olhos não puderam deixar de notar que estava vestida primorosamente, com um vestido turquesa profundo que realçava o azul e o verde de seus olhos, que atualmente eram da cor dos mares tempestuosos.

Conduzindo-o a uma elegante sala de estar, onde ela obviamente passara a noite sentada ao lado da lareira com um livro, Claudette fez um gesto para que ele se sentasse.

Eles ficaram em silêncio por um momento enquanto ela o olhava, seu olhar ainda amigável, mas avaliador. Ela não confiava nele nem um pouco. Dannon dificilmente poderia culpá-la. Afinal, ele não escondera seu desejo de seduzi-la antes.

Era uma situação embaraçosa para ele, pois estava ali para implorar ajuda para uma jovem por quem estava se apaixonando. Uma mulher que levou para o reino deles, que estava em um mundo de perigo e poderia mergulhar a todos em uma guerra.

Pigarreou, sentindo-se estranho e esperando que Claudette ainda tivesse algum carinho por ele. Ela teve no passado, apesar da animosidade evidente de seu noivo.

— O ar está um pouco frio esta noite, Claudette — observou, com um sorriso gentil, se perguntando o que isso significava.

Ela bufou, seus olhos brilhando. — Garanto que não há nada com o que se preocupar.

— Mesmo? — pressionou, curioso para saber o que poderia ter prejudicado a felicidade do casal.

Ela riu e balançou a cabeça, fazendo os brincos dançarem no pescoço.

— Corin só ficou um pouco... *decepcionado* porque não pude ir com ele ao palácio. Ele teve que sair em cima da hora e eu já tinha uma reunião marcada para hoje, então não pude ir. Ele sente minha falta e ainda por cima se encontrará com a mãe.

— Oh — respondeu Dannon, rindo. Bem, isso certamente explica o frio no ar.

— Então, agora você teve sua explicação — disse ela, dando-lhe um olhar cheio de curiosidade. — *Alors*, sua vez. O que o traz justamente aqui? Parece

que você passou a noite em uma vala — observou, divertida.

— E é exatamente onde passei — respondeu, com um sorriso irônico enquanto o rosto dela ficava sério. — Estou com problemas, Claudette. Preciso da ajuda de Corin. — Ele se inclinou em sua direção, esperando que ela pudesse ver a sinceridade em seus olhos. — Você sabe que eu nunca teria vindo se houvesse outra escolha.

Ela o olhou por um momento e depois soltou um suspiro. — Bem, nisso eu acredito — disse, enquanto Malen voltava para a sala segurando uma bandeja com chá, sanduíches, e uma camisa limpa pendurada no braço.

Ele colocou a bandeja ao lado de Claudette, antes de entregar a camisa para Dannon com uma expressão que sugeria que havia algo fétido no quarto.

— *Merci*, Malen — agradeceu Claudette, com um sorriso caloroso. Dannon estava entretido, se não totalmente surpreso, com o sorriso afetuoso que o mordomo lhe devolveu. Seu fiel empregado ficou ao lado da cadeira dela, carrancudo para Dannon por cima de sua cabeça e sem mostrar sinais de se mover.

Claudette olhou para ele com surpresa e um pouco de impaciência.

— *Merci beaucoup*, Malen, mas isso é tudo por enquanto — disse, com a voz firme. — Eu o chamo se precisar.

O queixo de Malen estava tenso, olhando para Dannon com uma inimizade indisfarçável. — Mas minha lady — disse ele, com um tom urgente na voz —, creio que o príncipe não ficaria nada satisfeito se eu a deixasse sozinha com... — O olhar enojado do mordomo voltou-se para ele.

Dannon fez o possível para transformar seu rosto em uma expressão que tranquilizasse o mordomo idoso, mas obviamente não chegou nem perto de ter sucesso, a julgar pelo olhar maligno que estava recebendo em troca. Com toda a honestidade, não podia culpar Malen. Há poucas semanas, teria aproveitado a situação exatamente como Malen temia, e sem pensar duas vezes. Do jeito que estava, as coisas haviam mudado, mas Malen não sabia disso.

Claudette deu um tapinha no braço do mordomo e abriu um sorriso tranquilizador. — Posso prometer que sou mais do que capaz de lidar com Sua Graça. — E então corou, agitando-se ao perceber o que havia dito e notar a diversão óbvia nos olhos dele. — Se isso o fizer se sentir melhor, pode esperar do lado de fora da porta, que tal? — acrescentou, oferecendo um acordo ao velho.

Malen não parecia acreditar que nada menos que artilharia pesada fosse suficiente para proteger Claudette de seus avanços, mas o mordomo obviamente conhecia Claudette bem o suficiente para não insistir no assunto. Com um aceno de cabeça e um último olhar ameaçador dirigido a Dannon, saiu da sala, dizendo a Claudette, em seu tom mais desaprovador, que estaria do lado de fora da porta caso precisasse dele.

Assim que a presença carrancuda do mordomo desapareceu, ela se virou para Dannon com um sorriso.

— Você vai se comportar, não vai? — exigiu, com apenas uma pitada de

ansiedade por trás das palavras.

Dannon riu, depois sorriu para ela. — Houve um tempo em que eu teria garantido a você que não — respondeu, incapaz de resistir a fazer uma brincadeira inocente. — Contudo — acrescentou, ficando sério —, as coisas mudaram e sim, garanto que vou me comportar. — Ele respirou fundo e decidiu que era melhor ir ao cerne da questão. — Acontece, Claudette, que tenho uma jovem comigo e preciso que Corin a tome sob sua proteção.

Claudette arregalou os olhos e fez uma careta para ele. — Se veio aqui pensando que ele irá protegê-lo de um marido ciumento e furioso, você com certeza enlouqueceu!

Dannon balançou a cabeça, pela primeira vez frustrado com sua reputação bastante pitoresca. — Não a culpo por acreditar que essa é a causa da minha preocupação, mas temo que seja muito mais grave do que isso. — Ele observou com alívio enquanto Claudette o encarava com mais simpatia e gesticulava para que continuasse. — Esta jovem é uma grande curandeira. Ainda não sei a extensão de seu dom, mas ela poderia potencialmente salvar os Fae como raça ou... ou poderia mergulhar todos nós em uma guerra. — Ele respirou fundo e decidiu que era melhor contar a ela o pior. — Francamente... acho que ela provavelmente fará as duas coisas.



— Deixe o pobre diabo ir! — gritou Corin, furioso.

Sua mãe, a Rainha Audriane, olhou para ele durante o café da manhã, com o rosto desprovido de simpatia.

— Você sabe que não posso.

— Eu sei que pode!

Corin atravessou o vasto cômodo, um entre os inúmeros que existiam no apartamento pessoal da rainha, no grande palácio de Vaennstad, no coração de Alfheim. Suas botas afundavam nos tapetes macios sob seus pés e a opulência e o bom gosto estavam por toda parte.

Ele odiava o maldito palácio, odiava as fraudes, os espões, as mentiras, e os amigos e aliados que iriam apunhalá-lo pelas costas na primeira chance que tivessem, antes mesmo de enfrentar um inimigo. Sua mãe, por outro lado, parecia gostar disso, e geralmente era ela quem empunhava a faca.

Ele lançou um olhar ansioso para a garrafa cheia do outro lado da sala e virou-se resolutamente.

— Controle-se, cara — murmurou para si mesmo. Estaria em casa com Claudette em breve, muito em breve. Era a única coisa que o impedia de ficar bêbado, torcer o pescoço da maldita mãe e submeter todos em sua propriedade a tempestades violentas. Do jeito que aconteceu, ficou bastante impressionado com o fato de que não deveriam ter sofrido mais do que uma brisa fria. Ele estava melhorando.

Abrindo e fechando os punhos, Corin sentiu a magia queimando sob sua pele e se perguntou se havia falado cedo demais. Seu temperamento estava desgastado.

Estava ali para exigir que sua mãe se encontrasse com ele, com o gabinete dela na primeira oportunidade. Corin era o rei legítimo de Alfheim, embora já estivesse fugindo desse fato há muito tempo. Mas precisava reivindicar a terra dela agora, sua terra, antes que perdesse a cabeça.

Ele estava tomando uma poção horrível preparada por uma bruxa poderosa para manter as vozes afastadas. As vozes da terra, do Reino, e a voz da mãe terra Nerthus que exigia que aceitasse o que ela estava oferecendo, agora! Ou ela o mandaria à loucura.

Agora aquela poção estava começando a falhar. Ele podia sentir isso, sentir as pontas do poderoso feitiço começando a se desgastar e enfraquecer, já podia ouvir os sussurros em sua mente. Foi necessário muito de seu próprio poder para evitar que o feitiço falhasse completamente, mas estava com medo do que isso significaria para ele quando finalmente se quebrasse.

Audrianne sabia que o seu tempo estava se esgotando, mas não queria renunciar ao seu poder. Ela não estava ciente, porém, de quão desesperadamente Corin precisava fazer isso, então o evitava, recusando-se a vê-lo ou falar com ele, ocupada demais com assuntos de Estado.

Até que soube que ela estaria naquele dia em Vaennstad para presidir um julgamento. Corin acreditava que finalmente a derrubaria. Até que soube quem estava sendo julgado e por que e se distraiu.

— Você não pode dispensar seu melhor conselheiro e jogá-lo nas masmorras como um criminoso comum.

— Ele violou a lei — disse ela, num tom irritantemente plácido.

Corin virou-se para ela, indignado. — Uma lei que não aplicamos nestas terras há séculos, graças aos deuses! Porque diabos você não revogou isso está além da minha compreensão.

— Mesmo assim — respondeu Audrianne, bebendo uma xícara de chá —, a lei permanece e meus conselheiros estão clamando pelo sangue do homem. Jogá-lo nas masmorras por alguns meses é deixá-lo escapar levemente, garantido.

— Mãe — disse, sua voz perigosamente calma enquanto segurava seu temperamento com tudo que tinha —, a razão pela qual querem o sangue dele é porque é o único homem com coragem suficiente para lhe dizer coisas que você prefere não ouvir. Ele diz que não, e claro que não, e você não gosta disso. Você preferiria que ele fosse como o resto dos seus bajuladores, mas a verdade é que ele age para o bem das terras, para o povo e para você!

A rainha inclinou um pouco a cabeça, olhando para o filho com uma expressão avaliadora. — Você realmente fala muito bem, sabia? Se ao menos se envolvesse na política com mais frequência, seria realmente capaz de mudar as coisas.

Corin conteve-se ante a vontade de arremessar coisas e ignorou o comentário o melhor que pôde.

— Você não pode colocar Asmund na prisão só porque ele tem mau gosto para amantes.

Audrianne arqueou uma sobrancelha elegante. — O Duque de Ravendell poderia se opor a tal descrição.

— Mesmo assim — Corin respondeu, com um tom sério —, Asmund era um alvo fácil para um homem como Ravendell enfiar suas garras, e você nunca pensou por que ele atacaria o único homem decente e honrado do seu gabinete? — continuou, se perguntando por que estava tendo que trabalhar tanto para transmitir seu ponto de vista. Sua mãe geralmente não era obtusa.

— Não tão decente assim. — Ela riu em sua xícara de chá. — Não se as circunstâncias da descoberta dele servirem de base.

— O que um homem faz na privacidade de sua casa é assunto dele — persistiu Corin, sentindo o incômodo de uma dor de cabeça começar a florescer atrás de seus olhos. — Ele não estava machucando ninguém. Dois adultos consentidos devem ser capazes de desfrutar do que acharem melhor. Não é da sua conta, dos outros, nem de qualquer outro bastardo que sinta necessidade de expressar uma opinião.

Houve um silêncio por um tempo e Corin se perguntou se finalmente havia conseguido entender seu ponto de vista. Sua mãe não se importava com a escolha de amantes de seu conselheiro, isso era certo. Qualquer pessoa que conhecesse Asmund Colborn sabia de sua preferência por amantes do sexo masculino e, ao contrário dos Dark Fae, os elfos e os Light Fae haviam parado de perseguir tais preferências algumas décadas antes. Talvez não fosse abertamente aceitável, ainda havia fofocas e boatos com os quais lidar, mas ser enviado para a prisão por causa de quem você amava era algo que Corin acreditava ser impossível em suas terras. Quando descobriu que não era esse o caso, ficou enojado e furioso.

Mas é claro, isso foi apenas uma desculpa útil. Um homem poderoso por direito próprio, Asmund tinha o péssimo hábito de estar sempre no caminho da rainha. Este foi apenas um método conveniente para tirá-lo de cena. O fato de Demônio Ravendell ter sido fundamental para fazer isso estava deixando Corin extremamente nervoso.

O Duque de Ravendell pretendia destruir Corin há muito tempo e não pôde deixar de pensar que este era apenas mais um pequeno fio na vasta tapeçaria da mente distorcida do homem.

Houve quem procurasse afastá-lo do trono, cientes de que o seu governo seria muito diferente do da rainha. Muitos dos mais poderosos do país sabiam que seus dias estavam contados, porque Corin não os toleraria.

Quantos deles trabalhariam com Demônio para impedi-lo de tomar o que era dele?

A dor de cabeça piorou e seu estômago se apertou de desejo pelo conteúdo daquela garrafa, apesar de ser cedo, ele havia prometido a Claudette que permaneceria sóbrio.

Não importa o que.

— Bem, mãe — disse, virando-se para encará-la e descobrindo que ela havia atravessado a sala para olhar pela janela —, vai retirar essas acusações

ridículas e soltar o homem?

Ela olhou para ele, ainda uma mulher belíssima com um eco de sua própria aparência. Sua semelhança foi frequentemente comentada. Não se parecia em nada com seu pai, quem quer que tenha sido.

— Por que deveria? — perguntou, sua voz ficando cada vez mais irritada, seus olhos escuros brilhando de indignação.

A raiva borbulhou do nada. Uma fúria profunda e sombria por desafiá-lo, por poder escolher tomar decisões que não cabiam mais a ela.

— Porque eu estou dizendo para fazer isso!

Sua mãe deu um passo para trás diante da força por trás das palavras, os olhos arregalados de choque... e medo. O que também não era de se surpreender.

Corin respirou fundo, a dor queimando sob sua pele enquanto o suor escorria por seu corpo, tentando forçar de volta o poder que havia escapado de seu controle por apenas um momento. Estava ficando tão difícil manter isso sob controle agora. Ele não sabia o que sua mãe tinha visto em seus olhos, mas isso claramente a abalara muito.

— Como quiser — murmurou, observando-o como se ele fosse um animal selvagem, enquanto recuava em direção à porta. — Cuidarei da liberdade de Asmund. Agora, se me der licença... eu... eu tenho coisas...

Ela nem terminou a frase e Corin estava lutando muito para segurar seu poder e exigir que a mãe ficasse. Ele caiu de joelhos, segurando a cabeça e respirando fundo. *Vai passar, vai passar*, disse a si mesmo, repetindo como um mantra.

Vai passar.



Quando Corin se acalmou o suficiente para enfrentar qualquer um, sua mãe, previsivelmente, se protegeu atrás dos rostos frios de seus guardas e de três dúzias de camadas de segurança e horários de compromissos que nem mesmo seu próprio filho poderia ignorar.

— Maldita seja! — xingou Corin. Ela teria que descobrir da maneira mais difícil que ele não poderia ser aplacado como uma criança recalcitrante. Deu o que ele queria, um tapinha na sua cabeça como um bom menino, e agora esperava que fosse embora e a deixasse em paz.

Maldição!

Ele havia deixado o palácio furioso, com apenas a ideia de voltar para Claudette para ajudá-lo a manter o controle. Pouco a pouco, à medida que o palácio ficava cada vez mais para trás, sentiu a raiva desaparecer, substituída pelo desejo urgente de ver a mulher que havia conquistado tão plenamente seu coração.

Ele parou no topo de uma colina e olhou para o céu. Havia atravessado a fronteira para sua própria propriedade e a temperatura caiu visivelmente, nuvens escuras pairavam baixas no céu e cobriam a lua. Corin estendeu a mão e deu um tapinha no pescoço úmido de seu cavalo, cantando baixinho na

língua antiga. Estava soprando forte, as narinas dilatadas pelo esforço enquanto ele soltava as rédeas e o deixava andar um pouco.

Olhando para trás, viu seu guarda ao longe, talvez um dia inteiro atrás dele, lutando para alcançar o príncipe. Seu *Stallari*, o marechal, ficaria furioso por ultrapassá-los, mas Corin conseguia enxergar no escuro e sua montaria confiava nele. Vantagens que sua guarda não tinha.

Eles foram forçados a parar para trocar de cavalos várias vezes até então, enquanto Corin não o fez, em vez disso compartilhou seu poder com a fera e instou-a a se mover mais rápido, galopando em velocidades impossíveis. Sabia muito bem que a fera abaixo dele teria continuado até que caísse se ele exigisse. Mas apesar do fato de que tudo o que queria era cavalgar todo o caminho sem parar, de volta para sua mulher, ele nunca poderia exigir tal coisa. Então permitiu que o cavalo ficasse parado por um momento, cortando a grama para encher a barriga e reunir forças enquanto olhava para o céu e desejava que as nuvens se afastassem.

Ele as observou se espalharem, uma meia-lua brilhante iluminando a escuridão e prateando a bela paisagem que se estendia diante dele. Sorrindo interiormente, ansiava por surpreender Claudette. Ela não o esperaria em casa até amanhã de manhã, mas não havia nenhuma maneira de passar uma noite miserável sozinho no maldito palácio.

Assim que ficou claro que sua mãe não o enfrentaria novamente, ele foi embora. Enfiou documentos importantes em alforjes apressadamente e deixou sua equipe lidar com qualquer outra coisa e sua guarda correr atrás dele. Corin nem parou para comer, um fato que seu estômago roncando o lembrava com certa força.

A culpa era o que o deixava mais desconfortável, entretanto. Sabia que se comportara mal ao sair de casa. O calor percorreu sua nuca quando se lembrou da briga ridícula, e se perguntou se Claudette falaria com ele. Corin não merecia isso. Tinha ficado tão desapontado por ela não... *não poder* ir com ele.

Ela não sabia que ele tinha outros motivos para querer que viesse... por um lado, estava ansioso para mostrar-lhe os destaques de Alfheim, bem como exibi-la, verdade seja dita. Sem mencionar o fato de que queria ter a sensação de que havia alguém ao seu lado.

Como foi uma visita bem curta, esperava conseguir evitar as mágoas e a traição que o fizeram desprezar tanto o lugar como um todo, apesar da visita à sua mãe.

É claro que Claudette estava certa ao dizer que não poderia decepcionar as pessoas que combinara conhecer. Vinte e cinco das mulheres mais poderosas do campo circundante deveriam visitá-la e, se Corin fosse bem honesto, teria insistido que ela comparecesse, é claro. Teria sido mais do que tolo as ter irritado quando muitas delas desconfiavam de Claudette pelo que ela era. A escolha de uma noiva humana não foi aplaudida universalmente.

No entanto, ficou irritado que ela o tivesse recusado com tanta veemência,

embora com pesar, e ele ficou de mal humor como uma criança mimada. Não era o seu melhor momento.

Ainda assim, iria compensá-la. Sua mão foi até o bolso da jaqueta e para a caixinha que estava guardada ali com segurança. Na verdade, era algo que havia planejado há algum tempo e o principal motivo pelo qual a queria com ele.

Estava muito ansioso para dar-lhe seu presente em um determinado local privado, fora dos terrenos do palácio na primeira oportunidade. Mas agora, olhando para trás, sua casa parecia um cenário muito mais apropriado.

Corin sorriu para si mesmo ao se lembrar da promessa que ela havia feito para acalmá-lo por fazê-lo ir sozinho. Ele poderia não merecer, mas pelos deuses iria fazê-la cumprir aquela promessa deliciosa.

Rindo consigo mesmo, enviou uma explosão de magia brilhante para seu cavalo, observando com diversão enquanto a fera balançava sua adorável cabeça, tão ansiosa quanto seu cavaleiro por ir para longe daqui.



Já era madrugada quando Corin chegou em casa. Ele estava cansado e empoeirado depois de horas na estrada, desapontado porque toda a viagem tinha sido uma colossal perda de tempo, a não ser por sua intervenção em nome de Asmund, e desesperado para se deitar em uma cama quente e pedir desculpas à sua futura esposa.

O fato de ter entrado no imenso hall de entrada de sua casa e descoberto que seu confiável e leal mordomo de muitas décadas escutava pelo buraco da fechadura não foi algo com o que estivesse preparado para lidar.

— Malen! — Corin parou no meio do caminho, encarando o homem com indignação e choque. Encontrar funcionários leais era uma coisa difícil, mas Corin sempre se orgulhou do fato de que fariam qualquer coisa por ele. Confiava neles implicitamente. - O que significa isso? — exigiu, orando para que o homem tivesse uma boa explicação.

— Vossa Alteza! — gritou Malen, levantando-se com dificuldade e parecendo totalmente mortificado. — Mil desculpas. Perdoe-me, por favor. Sabe que eu nunca... *nunca...*, mas..., mas...

Corin olhou-o exasperado, sentindo que o homem realmente tinha uma boa explicação, se ao menos fosse direto ao ponto. — Desembuche, homem, o que está acontecendo com você?

Malen apontou para a porta, com os olhos arregalados e assustados. — Sua... Sua Graça, o Duque de Dannon...

Por um momento, Corin sentiu um medo puro e frio tomar conta de seu coração. Ele esteve fora uma noite. Uma noite. Ela não iria... ela... *não iria*.

Não.

Mas o maldito duque sim.

Corin tirou a espada da bainha na cintura e abriu a porta com tanta força que ela bateu na parede com estrondo. Foi confrontado com a imagem de Dannon, olhando para ele e parecendo culpado como o inferno, sem camisa...

com uma camisa na mão. Claudette estava parada na janela olhando por trás da cortina para ver quem acabara de chegar.

A magia formigou ao seu redor enquanto seu temperamento diminuía. Sua tênue compreensão de seu poder o abandonou mais uma vez e, nesta ocasião, não tentou impedi-lo.

Claudette ofegou ao vê-lo parado na porta e ele sentiu a raiva envolvê-lo de uma forma que nunca havia experimentado antes. O trovão alto sacudiu a casa grande até seus alicerces, enquanto se aproximava de Dannon com um olhar assassino. Em alguma parte remota de seu cérebro ouviu Claudette gritando com ele, mas nada o desviaria de sua intenção de tirar a cabeça de Dannon dos ombros o mais rápido possível.

Dannon normalmente nunca demorava a reagir, mas estava em desvantagem pelo fato de ter removido a espada. Corin tentou não pensar no porquê disso. Ele estava furioso demais para ter explicações. Seu coração estava exposto, e parte dele queria que Dannon o derrubasse, porque não conseguiria viver com a ideia de Claudette cair voluntariamente em seus braços.

Dannon saiu do caminho de um golpe de espada que poderia ter partido sua cabeça em duas e agarrou sua própria espada bem a tempo. As duas lâminas colidiram com um choque estrondoso, enviando faíscas voando.

— Corin! — Claudette estava gritando com ele agora, agarrando-se em seu braço e puxando-o, mas Corin apenas se livrou dela. Ele não ouviria nenhuma explicação até que o homem à sua frente fosse dissecado de forma satisfatória. — *Arrête!* Pare, pare, seu maluco idiota! Ele não fez nada de errado! Corin!



Dannon podia ouvir Claudette gritando com seu amado de olhos arregalados, que nem sequer olhou em sua direção. A atenção dele estava toda em Dannon.

Xingando sua própria sorte, Dannon fez o possível para se defender. Não à toa tinha a reputação de ser um excelente espadachim, mas a raiva de Corin era uma coisa terrível, e sentiu um arrepio de medo real ao ser empurrado cada vez mais para o canto da sala. Ele teve sorte, na verdade, Corin decidiu que iria matá-lo à moda antiga. A forma como os duelos por questões como orgulho ferido e mulheres roubadas eram resolvidos desde tempos imemoriais. Se Corin tivesse escolhido usar sua magia, Dannon teria virado pó antes que pudesse respirar.

Não era uma pequena desvantagem para ele o fato de não poder, em plena consciência, agir para ferir o príncipe, de não poder agir ofensivamente, mas apenas de se defender. Embora, na verdade, tivesse tido poucas oportunidades de fazer algo além de impedir que aquela lâmina perversa cortasse sua cabeça. As espadas sibilaram uma contra a outra e Corin avançou, Dannon caiu para trás um segundo tarde demais, para encontrar um arranhão profundo em seu ombro e a gota quente e úmida de sangue escorrendo por seu braço.

Mais gritos puderam ser ouvidos no interior da casa quando a equipe

percebeu o que estava acontecendo e a guarda do príncipe, que havia sido deixada para proteger sua casa e sua noiva, entrou na sala.

— Saiam! — Corin ordenou-lhes furiosamente, mandando-os recuar. Poderia ter sido engraçado em circunstâncias diferentes, já que uma dúzia ou mais de homens olhavam com os olhos arregalados para Corin e depois para Dannon, divididos entre obedecer e proteger o príncipe. — Fora! — repetiu Corin, sua magia brilhando ao seu redor agora e ameaçando consequências terríveis para qualquer um que não o obedecesse.

Relutantemente, recuaram e saíram para o corredor, quando Bram atravessou a janela. Ele rolou e ficou de pé em um salto, na direção de Corin, ficando ao lado de Dannon, com a espada na mão.

Dannon viu Corin arregalar os olhos de surpresa. — *Você!* — rugiu, furioso.

Bram abriu a boca, com a mão em um gesto apaziguador e sem empunhar a espada, mas o sangue de Corin estava fervendo e parecia que ele via o recém-chegado apenas como sua próxima vítima.

Dannon saltou para o lado quando uma lâmina incrivelmente rápida balançou para ele, a ponta brilhante errando a lateral de seu corpo por um fio de cabelo enquanto lutava para se manter de pé. Ele já havia lutado contra Corin antes, muitos anos atrás, mas nunca o tinha visto com uma raiva tão grande como esta. De repente, duvidou da probabilidade de sobreviver àquela noite, apesar de suas palavras de segurança para Anaïs anteriormente.

O barulho das espadas agora era ensurdecedor e Dannon percebeu que os guardas, sentindo o perigo real, entraram no cômodo mais uma vez. Orou para que eles se tornassem homens e intervissem quando de repente a voz de Claudette soou acima do caos.

— Corin Albrecht! Se você não parar, neste instante eu *nunca* irei perdôá-lo!

Naquele exato momento Anaïs entrou na sala e gritou de medo ao vê-lo e a Bram em uma batalha desesperada por suas vidas. Corin fez uma pausa, a espada ainda erguida para atacar Dannon enquanto a força das palavras de Claudette finalmente abriam caminho através de sua raiva..., mas era tarde demais.

Sem pensar mais, Anaïs estendeu seus sentidos e agarrou-se à força vital de Corin.

O coração de Dannon pareceu congelar no peito quando percebeu com horror o que ela estava prestes a fazer. Ele gritou, sua voz ecoando acima do caos: — Anaïs, não!

Quando Corin se virou para ela, seus olhos dourados estavam arregalados de choque e por um momento o tempo pareceu pairar, suspenso.

Uma explosão de luz branca encheu a sala. A força da magia era tão profunda e estalava ao redor deles como uma poderosa tempestade elétrica fazendo todos gritarem de dor, então Corin estendeu a mão... e Anaïs voou pela sala.

Dannon assistiu horrorizado e incrédulo quando ela caiu contra a parede. Correu até ela, jogando a espada no chão, com o coração cheio de terror, mas os guardas estavam fartos de ficar apenas observando e ele foi contido, lutando e gritando para Anaïs, que estava completamente imóvel.

— Anaïs! — gritou, implorando aos deuses que Corin não a tivesse machucado, rezando para que a visse se mexer, mas ela estava muito quieta.

Corin foi em direção a ela com uma expressão sombria enquanto olhava para a pequena mulher loira caída a seus pés. Ele se virou para Dannon, com seus olhos brilhando com poder e raiva.

— O que é isso? — ele exigiu, enquanto a magia estalava ao seu redor como cordas douradas de chicote. — Não contente em perseguir minha mulher, você quer meu trono também? Pelos deuses, vou arrancar sua cabeça por isso.

— Corin! — gritou Claudette, correndo para se agachar ao lado da figura imóvel da mulher que segurava seu coração enquanto Dannon a olhava, apavorado demais para tentar defender sua própria honra. — *Merde, ce sont des conneries!* — Ela olhou brava para o príncipe, seus olhos turquesa brilhando de fúria competindo com os dele. — Se você não parar e ouvir uma explicação, juro que arrancarei a sua cabeça! — Ela se enfureceu. — Dannon não fez nada de errado e... e eu também não, seu... seu... — gaguejou, aparentemente incapaz de pensar em um insulto ruim o suficiente.

— Maldito idiota de cabeça-quente? — forneceu Bram a ela, com uma voz suave, embora também estivesse olhando para Anaïs com ansiedade.

— *Ta gueule!* — Claudette o xingou com os olhos brilhando, e Bram teve o bom senso de calar a boca.

— Claudette, por favor! — implorou Dannon, sem se importar com nada além do fato de Anaïs ainda não ter se mexido. — Anaïs está bem? — Ele lutou para se libertar, para chegar até ela, fazendo com que os guardas tivessem que praticamente derrubá-lo no chão para mantê-lo imóvel.

Corin o encarou e Dannon não sabia o que estava vendo ali, mas captou o momento em que o príncipe percebeu que poderia ter cometido um grave erro de julgamento. Vendo que ele e Bram estavam agora nas mãos dos guardas do príncipe, Corin jogou a espada no chão, que caiu com estrondo. Para alívio de Dannon, ele se virou para Anaïs, olhando para ela e para Claudette agachada ao seu lado.

— Corin — disse Claudette, apertando a mão de Anaïs entre as suas, a voz cheia de medo. — Por favor, me diga que você não matou a pobre garota.

Corin olhou para ela e Dannon pôde ver algo parecido com reprovação em seus olhos. — Eu não — respondeu ele, com a voz calma. — Mas ela quase me matou.

— O quê? — Claudette arregalou os olhos horrorizada e largou a mão de Anaïs, olhando para Corin. Ela ficou de pé, as mãos correndo sobre ele com horror, procurando por ferimentos. — Você está bem? Está ferido?

Parecendo um pouco apaziguado pela preocupação dela, Corin balançou a

cabeca.

— Estou bem — respondeu, e então se agachou ao lado de Anaïs, pegando sua mão.

— Corin, eu imploro... — suplicou Dannon. — Ela está machucada? — Corin se virou para encará-lo, seus olhos dourados cheios de receio. — Ela não queria machucá-lo, só estava me protegendo. Pensou que você iria me matar.

— E ela estava perfeitamente certa! — retrucou Corin, ainda com um tom perigoso em sua voz.

— Ela é inocente — persistiu Dannon, dominado pelo medo de que Corin não pudesse curá-la se acreditasse no contrário.

— Fique em silêncio — o príncipe retrucou, olhando para ele. Dannon fechou a boca com dificuldade enquanto Corin deslizava a outra mão por baixo da gola do vestido e cobria seu coração.

Parecia que todos na sala estavam prendendo a respiração enquanto a magia dourada de Corin surgia ao seu redor. Dannon rezou e implorou, pois faria o que fosse necessário para mantê-la segura. Faria tudo o que Corin lhe pedisse, mandaria o orgulho para o inferno apenas para deixar o príncipe salvá-la. Para sua alegria, viu Anaïs respirar fundo, o peito arfando até que sua respiração se estabilizou e suas pálpebras se abriram.

Ela acordou, piscando para a luz que a cercava, e arregalando os olhos quando pousaram em Corin.

— Oh! — ofegou ela, e Dannon sentiu uma onda de ciúme por Anaïs estar olhando para o rosto do homem lindo a sua frente. Ela soltou um suspiro pesado de prazer e um sorriso curvou-se em sua linda boca. — *C'est trop beau*. — sussurrou, estendendo a mão para tocar o rosto de Corin. — Você é tão lindo!

— Obrigado. — Corin sorriu para ela, antes de lançar um olhar significativo para Dannon que, de repente, desejou ter uma espada na mão mais uma vez. — Ora, ora — murmurou Corin, olhando para Dannon com surpresa.

Anaïs acariciou a bochecha de Corin novamente, com um olhar deslumbrado, e Dannon só ficou aliviado quando Corin lançou um olhar na direção de Claudette. O príncipe pigarreou e rapidamente afastou a mão de Anaïs enquanto sua noiva parecia querer arrancar os olhos dela.

Mas Anaïs estava extasiada e sentou-se para frente, aproximando-se da luz de Corin. — Nunca vi ninguém como você antes — disse, deslumbrada. — Você... brilha. — Ela deu um suspiro de satisfação e acrescentou: — Estou feliz por não o ter matado.

Corin abriu um sorriso irônico. — Não mais do que eu.

Ela piscou para ele. — Você me curou? — perguntou, com os olhos cheios de admiração.

— Sim.

Dannon a viu franzir a testa, olhando fixamente para o príncipe e

estendendo a mão para tocar seu rosto novamente. — Você não é como eu? — perguntou, curiosa.

Corin balançou a cabeça, tirando a mão dela de seu rosto mais uma vez. — Não, minha querida — respondeu, com a voz um pouco mais gentil agora. — Nossos poderes são bem diferentes. No entanto, também tenho um pouco do seu dom. Você, porém, é descendente de *Le Guérisseur*, se não me engano.

Dannon estremeceu, surpreso. — Como sabe disso? — perguntou, e Corin estreitou os olhos para ele.

— Não lhe dei permissão para falar — respondeu o príncipe, soando conciso ao extremo. — E acredito que sou eu quem fará as perguntas. Quanto a como eu sei, pelo visto se esqueceu com quem está lidando. Um erro que sugiro que não cometa novamente.

— Ah, como nos velhos tempos — disse Bram, sorrindo para Dannon, aparentemente imperturbável pelo fato de estar sendo contido por guardas armados.

— Estou furioso com você! — retrucou Corin, afastando-se de Anaïs para encarar Bram com fúria e apontando para Dannon. — Que diabos significa ficar ao lado dele contra mim? — exigiu, parecendo tão magoado quanto furioso. — Eu poderia arrancar sua cabeça de qualquer maneira, é claro, mas agora você está nisso por traição! — gritou.

— Peça perdão, Alteza. De verdade. — Bram tentou se curvar, o que era complicado com dois guardas pendurados um em cada braço, mas o brilho perverso de alegria em seus olhos fez Corin suspirar.

— Inferno, Tully! — exclamou Corin, embora menos raivoso agora. — Como se não bastasse estar caçando furtivamente em minhas terras há quase seis meses, agora vem e tenta me matar?

Bram deu a Dannon um sorriso encantado. — Viu só! — exclamou, com uma aparência presunçosa. — Ele sabia que eu estava por aqui.

— Claro que eu sabia, seu idiota! — retrucou Corin, com um bufo de aborrecimento antes de se voltar para Anaïs para ajudá-la a se levantar, enquanto Claudette assistia a tudo com indiferença. Ele a acompanhou até o fogo e a ajudou a sentar-se em uma poltrona, onde ficou olhando para Corin com uma expressão atordoadada.

Dannon sabia que a expressão em seu rosto provavelmente combinava com a de Claudette enquanto o ciúme revirava seu estômago. Sabia muito bem que era a magia de Corin que a afetava, assim como afetaria qualquer pessoa sujeita a ela, mas de alguma forma isso não o fez se sentir melhor. Ninguém poderia estar na presença de Corin sem sentir admiração pelo seu poder, sem sentir atração por ele, sem querer agradá-lo. Foi apenas o fato de Dannon ser mais velho e conhecê-lo desde a infância que tornou mais fácil lutar contra ele.

Corin era seu rival desde que ambos tinham idade suficiente para se conhecerem. Se rival fosse como poderia chamá-lo. O maldito homem era mais bonito e mais poderoso do que qualquer outro no reino. Ele não tinha

nenhum rival verdadeiro. Exceto talvez o Duque de Ravendell, mas o Demônio estava com sua reputação muito corrompida para que alguém com um pinga de bom senso pudesse chegar a um quilômetro dele.

Corin cruzou de volta para Bram e ficou claro que havia acabado com ele. Ficou olhando para o homem, com os braços cruzados e a mandíbula cerrada. — O esforço que tomei para impedir que notícias do seu paradeiro chegassem aos ouvidos da rainha — disse ele, na verdade parecendo mais frustrado do que qualquer coisa. — E isso... — acrescentou, apontando para o caos de móveis revirados e a janela quebrada. — É assim que sou recompensado!

Bram deu de ombros, parecendo um pouco envergonhado. — Bem, eu não poderia, em plena consciência, deixar você matar Dannon aqui. Não quando, pela primeira vez, sua missão era honrosa.

— Retire o que disse! — explodiu Dannon, surpreso com isso. Sua reputação poderia não ser imaculada, mas a maioria das histórias sobre ele foram conquistadas fazendo o melhor que podia pelas suas terras. — Imediatamente!

Bram sorriu para ele. — Como eu disse, como nos velhos tempos. — Ele balançou a cabeça e riu alto e Dannon suprimiu um xingamento. Conhecendo a propensão de Bram para colocar todos eles em apuros, era realmente melhor se o tolo mantivesse a boca fechada. Dannon orou para ter aprendido com a experiência. Era uma oração que ele suspeitava que ficaria sem resposta, então Bram continuou, destemido: — Lembra daquela vez que vocês dois brigaram pelas trigêmeas Mellicent? Aquelas três morenas lindas. A situação estava invertida naquela noite, hein, Corin? Pensei que Dannon iria acabar com você, príncipe ou não. Eu não tinha dúvida que ele estava com o diabo no corpo. Nunca vi ninguém tão irritado. — Dannon gemeu internamente enquanto o idiota acenava para Corin, ignorando o olhar enfurecido do homem. — Você pediu por aquilo, Dannon claramente havia reivindicado, mas você entrou escondido...

— Tully! — Dannon gritou com ele, descobrindo que Corin havia ecoado a exigência, os dois unidos pela primeira vez. Corin lançou um olhar apreensivo para Claudette, que Dannon descobriu que tinha a mesma expressão de olhos estreitados de Anaïs.

— Que foi? — Bram exigiu, alheio. — Oh, e é Bram, se você não se importa — acrescentou, antes de continuar com sua história: — Acho que me lembro de Corin lutando apenas de calça e botas naquela vez em que você o encontrou, mas fora isso... muito parecido.

— Cale essa sua maldita boca, antes que eu faça isso por você — Corin sibilou por entre os dentes, tão bravo que até o irreprimível Bram foi forçado a fechar a boca. Ele ficou parado em silêncio e, de alguma forma, conseguindo parecer tão inocente quanto um cordeiro, apesar de sua roupa extravagante.

— Corin — a voz de Claudette quebrou o silêncio. Estava suave e quase inaudível depois dos gritos dos homens. O fato de estar praticamente vibrando

de raiva não poderia ter escapado a nenhum deles —, preciso falar com você — disse, antes de sair da sala.

Dannon não pôde deixar de sorrir. Poderia precisar da ajuda do homem, mas isso não significava que não gostava do fato de estar envolvido nisso. A expressão idêntica no rosto de Bram, denotava que estava gostando desse fato na mesma medida.

O rosto de Corin não revelou nada, pois os ignorou com toda a arrogância de sua posição e os deixou com os guardas.

CAPÍTULO 17



Corin abriu a porta da biblioteca para Claudette e observou-a passar por ele com o coração apertado. Não pôde deixar de lembrar de outra discussão que ocorreu ali não muito tempo atrás.

Agora que seu temperamento havia esfriado, estava começando a suspeitar que havia tirado conclusões precipitadas. Por um lado, ficou mais do que aliviado com isso, a tal ponto que seu coração parecia realmente começar a bater novamente. Mas ele *suspeitava* e quase matou Dannon e Anaïs por causa disso. Pela forma como Claudette se mantinha perfeitamente imóvel, percebeu... que estava em apuros.

— Como você pode fazer aquilo? — Claudette o empurrou o mais forte que pôde, fúria e mágoa brilhando em seus olhos. — Como pôde acreditar que eu faria uma coisa dessas com você? A primeira noite em que estivemos separados, desde... desde sempre. — Ela começou a chorar e Corin foi inundado de vergonha ao pegá-la nos braços.

— *Ma belle*, me perdoe — implorou, enquanto ela o empurrava para longe dela. — Desculpe-me, meu amor, mas..., mas quando a vi com... com ele, justo com ele! — Corin implorou que ela entendesse. Se fosse qualquer um, menos Dannon, talvez, e meio vestido. — E por que ele estava sem camisa?

— Porque a dele estava rasgada e suja. — Ela se enfureceu, tentando se afastar dele enquanto Corin se recusava a soltá-la. — Dannon e Anaïs dormiram na floresta ontem à noite, então dei uma das suas a ele.

— Uma das... — começou Corin, furioso, apenas para morder a língua... bem na hora a julgar pela expressão dela. Ele olhou-a, seus olhos se desviando para seu decote, exposto pelo corte profundo de seu vestido. — Claro, *ma belle* — ele conseguiu dizer, controlando o temperamento com um heroico esforço de vontade. — Muito bem, mas... — acrescentou, orando para que ela tivesse uma resposta para essa pergunta. — Você sabia que eu não estaria em casa esta noite então... porque está vestida... — Parou, com dor no coração ao ver que o vestido que havia comprado para ela estava tão lindo quanto imaginava que estaria. — Você sabia que eu estava ansioso para ver você usar isso. — Ele tocou o material macio do vestido, observando-a com reprovação enquanto ela balançava a cabeça, batendo em seu ombro.

— Sabia que você voltaria hoje à noite, idiota! Estava esperando por você. Por você!

Corin sentiu o medo e a tensão que mantinham seu coração sob controle desde que colocou os pés em sua casa evaporarem de repente. — Oh.

— Oh — ela o imitou. — *Merde!* Corin, estou com tanta raiva de você... e... — Ele viu os olhos dela se encherem de lágrimas, mas suspeitou que era mais raiva do que tristeza o que estava sentindo. — E o que foi aquilo sobre trigêmeas? *Trigêmeas!* — exclamou, parecendo totalmente enojada. — Diga-me que você não fez isso!

Para sua intensa mortificação e, possivelmente pela primeira vez em sua vida, Corin sentiu-se enrubescer. Nunca se importou muito com sua reputação, de uma forma ou de outra. As pessoas fofocavam sobre ele desde o dia em que nasceu e teve que desenvolver uma casca grossa para evitar que isso o machucasse. Foi só depois de se apaixonar por Claudette que percebeu que isso não machucava só a ele. Corin foi atingido por uma onda de vergonha.

— Foi antes de nós... — ele se conteve bem quando as palavras —... antes de nos conhecermos — quase saíram de sua boca. Ele jurou nunca mentir para ela e não queria ter que explicar isso, pois percebeu que não foi antes do primeiro encontro, mas logo depois. Embora não tivesse intenções de estar com ela naquele momento. Tinha sido tolo o suficiente para conhecê-la e não perceber o que estava diante dele. — Antes de voltar para buscá-la — emendou, e então engoliu em seco, mais uma vez nervoso ao ver a expressão no olhar dela. — *Ma belle*, nunca escondi o fato de que meu passado é... um tanto pitoresco.

— Eu sabia disso, Corin — retrucou, erguendo as mãos exasperada. — Só não percebi que era tão... tão... vívido! Putain... trigêmeas! — Ela o olhou com uma expressão nos olhos que Corin não queria contemplar. — Não... não... todas ao mesmo tempo?

Corin pigarreou. Estava perfeitamente claro para ele que qualquer resposta verdadeira apenas a enfureceria ainda mais, então apenas deu de ombros, desculpando-se.

— Oh! Como você pode? — Seu punho pequeno atingiu o ombro dele mais uma vez, mais por frustração do que com qualquer intenção real de machucá-lo.

Havia uma voz diabólica em sua cabeça que murmurou: *com muita facilidade, eu lhe garanto*, mas felizmente o bom senso lhe disse que esse comentário não cairia bem.

— Eu... — começou, em vez disso. Mas não encontrando nenhuma maneira possível de responder à pergunta que não a deixasse furiosa, ficou em silêncio. Fez uma nota mental para dizer a Bram para manter aquela maldita boca fechada ou arrancaria pessoalmente a língua dele. Com uma colher.

Corin se perguntou se era um comando que poderia transmitir a todo o seu povo, já que suas façanhas eram bem conhecidas e as trigêmeas Mellicent eram as menos importantes. Deuses, se ela descobrisse... Ele engoliu a ansiedade que esse pensamento lhe causou e a puxou para seus braços.

— Não me toque seu... seu... *salop!* — gritou Claudette, tentando afastá-lo, mas ele não a soltaria. Nunca mais. — E mesmo assim você entra e me acusa de tê-lo traído! — acrescentou, com a voz embargada sob a tensão da emoção.

— Fui um idiota, Claudette — disse, segurando o rosto dela entre as mãos, forçando-a a olhar para ele. — Não é a primeira vez e duvido muito que seja a última, mas quanto ao meu comportamento, sim, sim, no passado eu era

exatamente o *salop* que você me acusa de ser. Nunca neguei isso, mas tudo está no meu passado agora, *ma belle*, eu juro.

Ela parou, olhando para ele. — É melhor que esteja!

Ele arregalou um pouco os olhos com a violência na voz dela, mas segurou a língua, parabenizando-se pelo fato de estar aprendendo.

— E Anaïs — disse ela, olhando para ele com desconfiança —, você gostou daquela pequena exibição, não gostou?

Ele não pôde evitar bufar achando graça, embora a tenha puxado para mais perto, uma mão deslizando ao longo de seu queixo para segurar seu rosto. — Não posso evitar se ela me acha lindo, e sim, para ser sincero, se isso incomodou Dannon, eu gostei enormemente! — disse, porque era perfeitamente verdade.

— Oh, Corin! — Ele ficou aliviado ao ouvir que a raiva havia desaparecido de sua voz agora, e ela o estava olhando com o que esperava ser apenas um afeto frustrado. — Você é uma criança às vezes.

— Foi Dannon quem começou — murmurou, porque não podia deixar de sorrir enquanto Claudette revirava os olhos para ele.

— Você só o odeia porque ele está dormindo com sua mãe ou há outro motivo? E como sempre, Corin sentiu que às vezes ela conseguia enxergar muita coisa. Ele franziu a testa para ela, se perguntando de onde tinha ouvido essa fofoca. — Você já ouviu sobre isso?

Claudette assentiu com a cabeça. — Maife me contou.

Corin a soltou enquanto a ansiedade revirava seu estômago. — Maldito! Achei que pelo menos ele poderia ser discreto. — Corin passou a mão pelos cabelos agitado, a mandíbula tensa enquanto revirava o problema em sua mente. — Suponho que tenha durado mais do que qualquer um dos outros — admitiu, aceitando a contragosto como seria difícil manter em segredo um caso daquela natureza. A rainha era vigiada constantemente, sempre rodeada de guardas e conselheiros. Ele mesmo sabia o quanto era difícil ficar sozinho. Essa era uma das razões pelas quais escapava para o mundo humano com tanta frequência no passado. — Alguém certamente os descobriria mais cedo ou mais tarde, mas se os criados souberem, há pouca esperança de que meu pai ainda esteja no escuro. — A ideia de como isso machucaria o velho o deixou furioso com Dannon novamente.

— Eu sinto muito.

Ele bufou e puxou Claudette de volta para si com um suspiro. — Receio que esteja muito longe da primeira vez — disse ele, desejando que houvesse algo que pudesse fazer. Mas era tarde demais. Seu pai era velho demais e sua mãe poderosa demais para provocar qualquer tipo de reconciliação. Embora ele nunca tivesse parado de ter esperança, por mais tolo que fosse. — Devo admitir que fiquei surpreso por ela o ter escolhido, um duque. Geralmente prefere os escalões mais baixos. Ela normalmente se limita aos guardas e à sua equipe, a menos que tenha algo a ganhar politicamente. — Mas isso era raro. Minha mãe não trocava frequentemente os seus encantos pelo poder

político, ela o substituiu por isso. Um serviço que iria perceber não estava mais disponível para ela.

— Então... é por isso que você o odeia?

— Não. — Ele pensou no passado, tentando identificar o momento que havia despertado sua animosidade e encontrando apenas décadas de rixas e confrontos menores. — Admito que isso não ajuda, de jeito nenhum, mas nunca fomos amigos.

Ele olhou para baixo e encontrou-a olhando-o, com o rosto pensativo. — Acho que Dannon gosta de você, no fundo ele com certeza o admira.

Corin ergueu uma sobrancelha em descrença e deu uma risada curta. — *Ma belle*, duvido sinceramente disso.

— Ele acha que você será um bom rei — continuou, ainda o observando.

Corin olhou para ela, isso não poderia ser verdade. Dannon o odiava, sempre odiou. Ele sem dúvida desejava o trono para si mesmo. Corin ainda não estava convencido de que Dannon não estava trabalhando com Demônio Ravendell contra ele, apesar das garantias de Laen e Claudette em contrário. — Onde diabos você ouviu isso?

— Ele mesmo me contou, no casamento de Laen e Océane.

Carrancudo, Corin balançou a cabeça. — Ele provavelmente estava apenas tentando cair nas suas boas graças.

— Oh! Seu homem impossível — disse Claudette, bufando para Corin. — Ele não estava, foi bastante sincero. Por que o odeia tanto? Acredito que ele seja um homem bom de coração, honrado, assim como você! Afinal... pode dizer honestamente que ele fez algo que você mesmo não fez? Todas as suas brigas foram por causa das mulheres?

Corin decidiu que era melhor deixar isso sem resposta, como tantas outras coisas naquela noite. — Há muitos casos em que cruzamos espadas, literal ou figurativamente — disse ele no final. Seria necessário muito mais do que uma palavra ao ouvido de Claudette antes que ele confiasse em Dannon. Confiança era algo que raramente dava, e nunca de boa vontade. Foi preciso quase perder tudo para ele perceber que essa nem sempre era a maneira certa de pensar. Mas Dannon era poderoso demais para não tratar o homem com suspeita. — Não gosto dele, nem confio nele, e ponto final — disse, bem consciente do tom beligerante de sua voz. — Certamente não quero vê-lo sozinho com você de novo!

— Eu continuo dizendo que ele não fez nada de errado — disse Claudette, parecendo irritada novamente. — E certamente eu também não!

Corin cerrou a mandíbula, tentando manter a calma, mas... caramba. — Quer me dizer que ele estava sozinho com você, *assim*... — Corin apontou para a roupa dela, incrédulo. — E nem flertou com você?

— Oh! — Claudette ergueu as mãos em frustração e se afastou dele, caminhando até perto do fogo. — Só um pouquinho, e não me diga que você faria diferente na posição dele, porque não vou acreditar em uma palavra!

Corin abriu a boca para falar, pensou melhor e suspirou. Em vez disso,

atravessou a sala, ficando perto e encostando a testa na dela, passando as mãos sobre o tecido sedoso que deslizava sobre seus quadris. — Ele realmente não deu em cima de você? — perguntou, cético ao extremo.

— Ele foi um perfeito cavalheiro — respondeu, com um tom neutro, uma sobrancelha se erguendo enquanto acrescentava: — Ao contrário de algumas pessoas que eu poderia mencionar.

Carrancudo interiormente, Corin supôs que tinha que aceitar que isso era verdade. Claudette não mentiria para ele. Então Dannon realmente se comportou bem. — *Ma belle* — disse com um suspiro. — *Ma belle*, me perdoe. Não consigo pensar direito no que diz respeito a você e à ideia de estar sozinha com ele... — Corin parou antes que seu temperamento o tomasse novamente. — E quando encontrei Malen lá fora com o ouvido encostado na porta...

— O quê? — Ela parecia chocada.

— Oh, não fique brava com ele, querida, estava com medo por você, só isso, mas quando me contou... eu... eu... — Corin se lembrou do medo paralisante que se apoderou dele quando acreditou que havia uma chance de Claudette ter sido infiel a ele.

Ela colocou os dedos nos lábios dele para impedi-lo de falar e suspirou.

— *Alors*, para um homem tão inteligente você pode ser muito, muito estúpido. — Ela franziu a testa para ele antes de seu rosto se suavizar. — Mas o amo mesmo assim — acrescentou, agora sorrindo. — Muito.

Corin sentiu a tensão em seus ombros relaxar e ela removeu os dedos, deslizando a mão pela nuca dele e puxando sua cabeça para frente para beijá-lo. Corin obedeceu, mais do que disposto. Corin a puxou contra ele, esmagando-a em seus braços e ela guinchou quando a caixinha em sua jaqueta cravou em seu quadril.

— Ai! — Ela enfiou a mão em seu bolso e tirou a caixa, olhando para ele. — O que é isto?

— É para você, *ma belle*. — Ele tirou-a das mãos dela e deu-lhe um sorriso pesaroso. — No entanto, não era assim que eu pretendia entregá-la a você.

Ele a viu engolir em seco, seus olhos se arregalando ligeiramente. — O que é?

Corin beijou a testa dela. — Acredito que minha primeira tentativa de pedir sua mão não foi... tudo o que deveria ter sido — disse, sabendo que isso dificilmente encobria a bagunça que havia feito em sua proposta, tal como tinha sido. — Queria muito fazer as pazes. — Ele franziu a testa e balançou a cabeça, desapontado com o quanto a noite se desviou de tudo o que havia planejado. — Tinha planos de fazer isso bem, desta vez — disse, cheio de pesar por ela não ter recebido a proposta romântica que ele esperava fazer.

— Oh! — Ela agarrou a jaqueta dele, a excitação agora era a causa do brilho em seus olhos. — Não importa, Corin. Faça isso agora... por favor.

Ele acariciou sua bochecha com o dedo, sabendo que ela podia ver o desejo em seus olhos, e sorriu ao ver a forma como a respiração dela ainda acelerava

com seu toque. Caindo graciosamente sobre um joelho, pegou a mão dela e a olhou, sentindo-se inexplicavelmente nervoso, embora nunca duvidasse de sua resposta. — *Ma belle...* meu coração, minha alma, meu reino, tudo é seu, você sabe disso. Por favor, quer se casar comigo e ser só minha, para sempre? — Ele abriu a caixinha e revelou um anel, com uma grande pedra turquesa.

— Oh! — A mão de Claudette foi até a boca enquanto ela ofegava, meio rindo, com os olhos cheios de lágrimas. — Oh, Corin, é... oh, é a coisa mais linda que eu já vi.

Ele sorriu para ela, feliz agora por ter recebido tal reação. — É um diamante azul, *ma belle*, muito, muito raro. Nunca vi um desse tom antes, mas... foi o mais próximo que consegui encontrar da cor dos seus olhos. Embora agora eu veja, é claro, isso não chega nem perto de sua beleza.

Claudette caiu de joelhos, jogando os braços em volta do pescoço dele. — *Oui, oui!* — Ela o beijou fervorosamente, fazendo-o perder o equilíbrio e derrubando os dois no chão. Corin riu e respondeu colocando os braços a sua volta e rolando-a de costas. Ele a beijou mais profundamente, sabendo que nunca se cansaria do gosto daquela mulher, sentindo a língua dela deslizar contra a dele, os dedos em seus cabelos. Corin se moveu contra ela, colocando seu peso sobre Claudette com cuidado enquanto se afastava um pouco.

— Então, *ma belle*, isso foi um sim? — Seu tom estava educado e indagador, embora soubesse que ela podia ver a risada em seus olhos.

Ela riu, um tom travesso que fez o sangue dele acelerar em suas veias. — Não fui clara? Vou tentar novamente. — Suas mãos afundaram em seus cabelos puxando sua cabeça para ela enquanto sua boca encontrava a dele novamente em um beijo ardente. Contorcendo-se debaixo dele em frustração, tentou libertar as pernas das longas faixas de tecido do vestido, para poder envolvê-lo com elas. Isso a fez se mover contra ele de uma maneira deliciosa e Corin gemeu em sua boca, as mãos puxando seus quadris para mais perto.

— *Ma belle*, estão nos esperando. — Embora Corin não tivesse a menor intenção de sair daquele cômodo. Podia ouvir sua própria voz, rouca de desejo e precisava banir a tensão persistente do dia que suportou.

— Você se importa? — perguntou ela, com a voz baixa, os cabelos escuros espalhados sobre o tapete vermelho escuro em frente ao fogo. Não foi a primeira vez que fizeram amor aqui, lembrou ele. Também não havia intenção de ser a última. Ele passou o polegar sobre os lábios dela, antes de deslizar a mão por seu pescoço, até o seio, onde permaneceu. Ele brincou com o pico endurecido sob o tecido macio enquanto olhava para ela. — Nem um pouco.

Ela riu então e Corin sorrindo abaixou a cabeça para passar a língua ao longo da linha de seu decote, fazendo-a estremecer. — Parece que me lembro de certas... promessas que foram feitas — disse, com a voz baixa, beijando o ponto macio abaixo da orelha dela e deslizando os lábios por seu pescoço enquanto Claudette ficava sem fôlego.

— Ah, sim? — disse, parecendo sem fôlego agora.

— Sim, *ma belle*. Lembro-me claramente. — Ele roçou os lábios nos dela

novamente, adorando o modo como seus olhos haviam escurecido, sabendo que ela o desejava. — Acho que talvez seja hora de cobrá-las.

— Você acha? — perguntou, fingindo surpresa enquanto seus lábios se contraíam, tentando não sorrir para ele.

— Certamente — disse ele, com a voz grave.

Claudette franziu os lábios, dando de ombros. — Não tenho certeza se há tempo agora — disse, com malícia brilhando em seus olhos enquanto o provocava.

— Então é melhor você se apressar.

Ela riu então, antes de acreditar em sua palavra e desabotoar rapidamente sua camisa. Corin rolou de costas, levando-a com ele e observando enquanto ela descia beijando seu peito, seus dedos hábeis trabalhando nos botões de suas calças. Ele prendeu a respiração, rindo e tremendo enquanto ela passava a língua em seu umbigo, sabendo que isso o fazia se contorcer. Estranho como o fato de Claudette saber coisas tão tolas sobre ele fazia seu coração se encher de alegria.

A língua dela procurou mais abaixo, sua boca movendo-se sobre o tecido da calça, pressionando contra sua dureza. Ele podia sentir o hálito quente dela através do tecido e se mexeu, inquieto, precisando de mais. Claudette então puxou as calças ainda mais para baixo do quadril dele, passando a língua por ele, beijando a pele macia na parte interna de suas coxas, mas nunca tocando o lugar que ardia por ela.

— Ma belle — murmurou, quase como uma censura por atormentá-lo.

Ela olhou para cima, toda inocente, piscando para ele. — Que foi?

— Por favor, amor.

Ela ergueu uma sobrancelha. — Por favor, o quê? — perguntou, e então abaixou a cabeça, sustentando seu olhar e passando a língua pela extensão dura dele da raiz até a ponta. — É isso que você quer? — perguntou com um sorriso atrevido, como se o gemido profundo que havia arrancado dele não tivesse sido resposta suficiente.

— Claudette... sua boca, *por favor*, use sua boca. — As palavras saíram entrecortadas, roucas de necessidade e Corin perdeu o fôlego enquanto ela o atendia, fechando a boca sobre a cabeça e chupando um pouco. Para sua intensa frustração, ela se afastou.

— Assim? — perguntou, sabendo muito bem que o estava deixando louco.

— Sim — respondeu, sabendo que Claudette amava isso, amava seu poder sobre ele dessa forma, e Corin estava muito feliz em dar isso a ela. — Sim, assim, mas não pare, por favor...

— O que você disse? — perguntou, tomando-o novamente na boca e deslizando os lábios para baixo.

— Por favor — gemeu, enquanto ela repetia a ação e o levava mais fundo, sua língua o acariciando enquanto sua boca trabalhava. — Por favor... — repetiu, a palavra apenas um sussurro, perdendo-se no prazer que lhe proporcionava. — Oh, deuses.



Dannon olhou carrancudo para a porta e torceu para que Claudette estivesse dando a Corin o lado afiado de sua língua. Agora contidos, a magia prendendo suas mãos atrás deles com tanta força que nenhum dos dois conseguia ficar confortável, ele e Bram sentaram-se lado a lado no sofá. Estavam cercados por guardas. Guardas de aparência irritada que davam a impressão de que tinham coisas melhores para fazer do que cuidar de ambos. Dannon supôs que deveria ficar lisonjeado por haver tantos deles.

Depois da preocupação inicial em saber se ele estava ferido ou não, Anaïs simplesmente disse: — Trigêmeas? *Bah!* — E sentou-se na cadeira em frente com os braços cruzados, recusando-se a olhar na direção dele.

Era completamente impossível oferecer qualquer tipo de explicação, pelo menos uma que ela gostaria, e Dannon ficou ainda mais atrapalhado pelo fato de Bram estar sentado ao seu lado com uma expressão divertida nos olhos.

— Não sei por que você parece tão feliz — resmungou Dannon, olhando para ele. — É provável que seja decapitado pela manhã!

Bram deu de ombros, parecendo muito menos preocupado do que deveria.

— Talvez, mas duvido.

Dannon franziu a testa para ele, perguntando-se se Bram tinha um plano.

— Oh?

Observando enquanto os olhos escuros de Bram deslizavam para observá-lo, Dannon viu sua boca se contorcer em um sorriso torto. — Se a nossa situação fosse inversa eu certamente estaria fazendo as pazes com os deuses. Corin gostaria de nada mais do que arrancar sua cabeça, meu amigo. Eu, porém... ele gosta.

Dannon bufou. — Não há necessidade de parecer tão presunçoso com isso.

Bram recostou-se nas almofadas grossas do sofá e depois se deitou de lado ao perceber, assim como Dannon, que não era nem um pouco confortável.

— Tudo remonta àquela época do baile. Você se lembra? — perguntou a Dannon, apoiando um ombro nas almofadas. — Aquele que o Duque de Ravendell deu.

— Ele? — Dannon respondeu enojado, olhando para um relógio ornamentado acima da grande lareira de mármore e se perguntando quanto tempo ainda teriam que ficar sentados ali. — Homem desprezível — acrescentou. Demônio Ravendell era um bastardo perverso e alguém do qual Dannon livraria o mundo com prazer.

— Exatamente. — Bram assentiu com a cabeça, sem surpresa, concordando com esse sentimento. Demônio não tinha muitos amigos. — Não sei o que estava pensando, mas Corin foi atrás da mulher que ele estava... er, cortejando, naquela noite.

— Ele não fez isso? — Dannon exclamou, parecendo horrorizado. O fato de Corin ter estado perto do Demônio já era notável por si só. Corin normalmente não suportava ficar na mesma sala que ele. Mas fazer de tudo para antagonizar o homem... — Deuses, fale em brincar com fogo.

— Bem, estava completamente bêbado — disse Bram, a título de explicação. — E nosso príncipe sempre gostou de viver perigosamente. Além do mais — Bram baixou a voz —, você não deveria falar dele.

Os olhos de Dannon se voltaram para Anaís para verificar se não estava participando da conversa. — Cale a boca — sibilou, com os dentes cerrados.

— De qualquer forma, eu vi Corin levar a mulher para a biblioteca.

— A Biblioteca de Ravendell? — Dannon exclamou com um olhar de horror.

Bram riu tanto que seus ombros tremeram. — Eu sei. Que coragem a desse homem! Deuses, pode imaginar se o Demônio Ravendell o tivesse encontrado?

Dannon ergueu as sobrancelhas. — Eu poderia ser o próximo rei — meditou, com um suspiro divertido.

Bram franziu a testa. — Disso eu duvido, mas teria sido uma luta e tanto. De qualquer forma, vi o próprio homem indo em direção à sua biblioteca com um novo companheiro e por acaso esbarrei nele, acidentalmente, sabe, e derramei minha bebida em sua jaqueta.

Dannon o olhou com um misto de admiração e pena. — Você estava bêbado ou realmente está louco?

Bram deu de ombros e retribuiu com um sorriso irônico. — Um pouco dos dois, talvez, mas Corin cuidou de mim quando eu era apenas uma criança ranhosa. Salvou minha bunda mais de uma vez. Ele não precisava fazer isso. Eu devia a Corin. Além disso, Ravendell é um bastardo tão frio... Achei que seria divertido irritá-lo.

— Divertido? — repetiu Dannon, com os olhos arregalados de espanto. — Você tem algumas noções estranhas sobre entretenimento. Funcionou?

— Na verdade sim. Apenas olhou para mim daquele jeito arrogante e me disse para encontrá-lo lá fora.

Dannon olhou para ele, muito impressionado porque Ravendell... ele estremeceu. — E ainda assim você vive?

— Não fique muito impressionado — respondeu Bram, bufando. — Corin ouviu a comoção e saiu para acabar com ela. Aparentemente, Corin tinha um homem de guarda que não estava prestando tanta atenção quanto deveria; ele viu minha intervenção e ficou tão grato que confessou tudo a Corin. Eu não via muito Corin desde que era criança, mas... bem, desde então ficamos bastante íntimos.

— Que bom para você — resmungou Dannon, sentindo sua paciência se esgotar.

— Agora, bem — falou Bram, sorrindo de uma forma que parecia excessivamente alegre dadas as circunstâncias, — não o vejo desde que caí em desgraça, então... vamos torcer para que ele ainda esteja se sentindo amigável.

Dannon grunhiu e se mexeu novamente, pois seus ombros estavam tensos, tentando encontrar uma posição mais confortável, o que era impossível com

as amarras malditas. — Afinal, que diabos estamos esperando? — exigiu, o temperamento se desgastando enquanto as amarras apertavam seus pulsos com mais força.

— Gosto de pensar que Corin está de joelhos implorando por perdão — disse Bram, com um olhar divertido.

— Eu apostaria dinheiro que ele está de joelhos. Duvido muito que rastejar tenha algo a ver com isso — murmurou Dannon, o que fez Bram rir.

Anaïs olhou para Dannon e fez uma careta. Droga, estava ouvindo tudo. Ele suspirou e se perguntou o que diabos faria se Corin não a ajudasse. Embora depois da maneira como olhara para o príncipe, duvidava que Corin fosse tão insensível a ponto de jogá-la aos lobos. Sempre fora compassivo com uma donzela em perigo.

Dannon olhou para Anaïs, que ainda o ignorava. Por um lado, sabia que ela gostava dele, matara para defendê-lo, mas não o conhecia de verdade. Tudo o que aprendeu sobre ele a assustou? Não seria de surpreender se tivesse acontecido, e ela ainda nem sabia da metade. Dannon se lembrou da maneira como Anaïs olhou para Corin e o ciúme ganhou vida, mais feroz do que qualquer emoção que já havia experimentado. Se eles tivessem brigado depois que Dannon viu aquele olhar...

Lembrando a si mesmo que a culpa não era de Corin, nem de Anaïs, mas sim do poder do homem que era como um ímã para qualquer um que se aproximasse dele, Dannon tentou afastar o ciúme pela razão, mas a emoção irracional permaneceu em seu peito como um peso de chumbo, fria e furiosa... e sem vontade de se mover.

CAPÍTULO 18



Claudette sacudiu o vestido e se perguntou se os vincos estavam tão ruins que todos saberiam o que estiveram fazendo. Ela suspirou e desistiu. Quem estava enganando, afinal? Se tivesse que voltar para aquela sala, coraria até a ponta dos pés e isso falaria muito, as rugas fariam pouca diferença.

— Acho que posso ir para a cama agora — disse ela, enquanto Corin se aproximava para ajudá-la com os fechos na parte de trás do vestido. Ele levantou o cabelo do pescoço, curvando-se para dar um beijo ali antes de olhar para o vestido. Apesar de tudo o que tinham acabado de fazer, ela sentiu o desejo correr por sua pele ao toque dos lábios dele. — Estou cansada — disse, esperando que Corin acreditasse nela e pudesse escapar do confronto com os homens novamente. — E agora você sabe por que Dannon está aqui, ele realmente não fez nada de errado. — Havia explicado tudo para ele e embora Corin continuasse murmurando sombriamente para si mesmo, Claudette sentiu que era seguro para Corin voltar sozinho sem que Dannon fosse executado.

— Não. — A voz dele era implacável e ela reconheceu bem o tom teimoso. Com o vestido arrumado, Corin deslizou os braços ao redor da cintura dela e puxou-a contra ele. Ela se recostou nele, fechando os olhos e saboreando o calor, o poder que a envolvia. — Quero que você venha também — disse ele, acariciando o pescoço dela e fazendo-a estremecer.

— Oh, Corin, por quê? — protestou, tentando se virar nos braços dele e se vendo segurada com força. — Todos saberão o que estávamos fazendo.

Houve um murmúrio sombrio de risadas que pareceu ondular por sua pele. — Que bom.

— Bom?

Ele ergueu a mão dela para mostrar o anel que lhe dera, a grande pedra turquesa brilhando na luz. — Porque você é minha, ma belle, e quero que Dannon saiba disso. — Havia uma aspereza na voz de Corin que a fez prender a respiração, e ela teve que reprimir a vontade de despi-lo novamente. Dessa maneira infalível que Corin parecia saber exatamente o que ela estava pensando, ele riu, o som ressoando em seu peito, nas costas de Claudette. — Mais tarde talvez, amor, agora gostaria que você me acompanhasse, por favor.

Claudette notou o *por favor* — e o fato de que realmente não era um pedido. Ela já tivera a oportunidade de lutar contra sua natureza autoritária antes, o tom de voz que a lembrava de que ele seria rei muito em breve. Mas havia algo mais naquela noite também, uma necessidade de tê-la ao lado dele.

— *Alors*, se isso vai deixá-lo feliz, *mon loup*, mas sério, Dannon está bem ciente disso. Eu deixei isso bem claro. Posso prometer que você não precisará enfiar isso na garganta dele.

— Mesmo assim, eu vou.

Claudette balançou a cabeça quando Corin a virou nos braços, olhando para

aqueles olhos dourados que brilhavam com tanto poder, o tipo de poder que ainda não entendia. — Acho que o coração de Dannon está totalmente ocupado neste momento — disse ela, sorrindo-lhe.

Corin assentiu, um sorriso curvando-se em sua boca que a fez querer beijá-lo. — Anaïs? — ele disse, parecendo divertido.

— *Oui*.

Corin riu, seus olhos brilhando. — Ah, espero que sim — disse, acariciando o rosto de Claudette com a ponta do dedo gentilmente. — Ela irá causar muita dor de cabeça a ele.

— Por que você diz isso?

Ele deu de ombros, seus olhos observando-a, julgando sua reação. — Ela é uma Light Fae muito poderosa. De todas as raças Fae, são os que mais... amam o prazer — disse, sorrindo um pouco.

Claudette virou a cabeça e pensou na maneira como Anaïs olhara para Corin quando a curou, sentindo um desconforto em seu coração. Anaïs era uma jovem adorável, e Fae.

Seus pensamentos foram interrompidos quando Corin segurou seu queixo, forçando-a a olhar para ele. — Ah, *ma belle*, agora você entende o que sinto pelo seu amigo Dannon.

Claudette bufou um pouco, sem acreditar que fosse a mesma coisa, porque ninguém jamais poderia se comparar a Corin. Mas Anaïs... — Sim, bem... apenas fique longe dela.

Ela foi puxada para mais perto e olhou para cima para encontrar os olhos dele cheios de compreensão e tanto amor que sua respiração ficou presa. — Façamos então um pacto de ficar o mais longe possível de Dannon e Anaïs.

Ela riu, suas preocupações parecendo tolas agora e estendeu a mão para beijá-lo. — Sim — murmurou contra os lábios dele. — Embora tenham que ficar aqui, você sabe.

Corin fez uma careta, seus olhos escurecendo de desprazer. — Hummm.

— Em uma de suas cartas, Jéhenne me disse que os Light Fae eram bons ou maus, sem nenhuma complexidade — disse ela, perguntando-se do que Anaïs era capaz. — Isso é verdade?

Corin a soltou do abraço, mas continuou segurando sua mão, puxando-a em direção à porta e Claudette pegou a jaqueta dele do chão enquanto caminhavam. — Suspeito que ela ouviu isso da avó, Inés, e não, não é verdade, apenas uma generalização. No entanto, é verdade que quando os Light Fae fazem o mal, tendem a fazê-lo de forma espetacular. Então imagino que seja daí que vem a ideia.

— Você realmente acha que Anaïs poderia começar uma guerra? — ela perguntou, sentindo um arrepio frio na pele novamente, como se alguma premonição do futuro tivesse tocado sua carne.

Corin soltou a mão dela para pegar sua jaqueta e Claudette o ajudou a colocar o tecido perfeitamente ajustado sobre seus ombros largos. — É perfeitamente possível — disse ele, com a voz suave. — Você sabe como as

coisas têm sido. Estamos à beira de tempos sombrios, ma belle. Anaïs é realmente poderosa e poderia fazer um grande bem à terra. Não tenho dúvidas de que os Light Fae a desejarão para si e ela é um deles. Parece que minha mãe causou um rebuliço que terá repercussões para muitos de nós, infelizmente. — A amargura em sua voz era inconfundível, e Claudette já estava bem ciente do quão manipuladora a rainha poderia ser. — Se tivesse sido tratado de forma diferente... — Corin soltou um suspiro e balançou a cabeça, a expressão grave. — O que está feito está feito. Agora temos que ver como poderemos lidar melhor com isso.

Claudette estendeu a mão e arrumou a gola da jaqueta de Corin para que ficasse plana, passando as mãos sobre o peito dele. — Por que a rainha mudou de ideia e contou aos Light Fae onde Anaïs estava?

Observou quando os olhos dele se estreitaram, um olhar astuto brilhando no ouro. — Quanto a isso, tenho minhas suspeitas, mas na verdade parece bem improvável. — Ele parou, aparentemente perdido em pensamentos por um momento antes de olhá-la mais uma vez. — Não sei, ma belle, mas pretendo descobrir. — Corin estendeu o braço para Claudette e ela lhe sorriu colocando sua mão sobre ele. — Então vamos — disse Corin, cobrindo a mão dela com a sua. — Vamos ver o que podemos fazer com essa bagunça.



Dannon virou a cabeça ao ouvir a porta se abrindo. Sua irritação aumentou dez vezes quando percebeu que estava certo em sua avaliação sobre o motivo pelo qual estavam sendo mantidos em longa espera. Claudette não o olhou nos olhos, embora fitasse diretamente Anaïs e houvesse um rubor em suas bochechas que não o deixou com nenhuma dúvida. Corin, entretanto, sorriu para ele. Bastardo presunçoso. Bram riu ao lado de Dannon.

— Você venceu — murmurou ele.

Dannon fez uma careta. — Cale-se.

— Bem, minha querida — Corin disse a Anaïs —, parece que você realmente colocou o gato entre os pombos.

Anaïs corou e parecia estranha, contorcendo-se um pouco na cadeira. — Não intencionalmente — disse, apressada. — Eu... eu nem sabia o que era até Dannon me contar.

Corin deu-lhe um sorriso tranquilizador e sentou-se no assento restante perto da lareira. Quando se aproximou, uma chama forte irrompeu na lareira, fazendo Anaïs gritar alarmada. Olhou para Corin com os olhos arregalados, claramente supondo que ele era a fonte da magia. — É verdade — respondeu Corin, ignorando o choque dela com uma expressão divertida. — Eu não estava inferindo que nada disso foi culpa sua, mas é uma Light Fae e eles vão querer você. Afinal, é um deles.

— Vossa Alteza, por favor — disse Dannon, seu tom abrupto enquanto o olhar dourado de Corin se voltava em sua direção. — Não pode estar pensando em entregá-la para eles? — Seu coração disparou com o pensamento.

— Acredito que posso *considerar* qualquer coisa que eu queira — respondeu Corin, e pelo tom frio de sua voz estava muito longe de fazer qualquer favor a Dannon. — Porém, se a senhora tiver bons motivos para não querer ir, eu, claro, a apoiarei. Precisam ser motivos extremamente bons. Tenho certeza de que não preciso expressar em palavras a delicadeza da nossa situação.

Não, pensou Dannon, com o coração pesado e a mente cheia de maus pressentimentos, ele realmente não sabia.

— O que você quer dizer? — perguntou Anaïs, e Dannon percebeu o medo em seus olhos. Já havia contado a ela um pouco do que estava enfrentando, mas ouvir isso do próprio príncipe só poderia fazê-la sentir mais medo. Deveria estar se arrependendo do dia em que o conheceu. A pobre garota estava cheia de poeira e desganhada por ter dormido ao relento e por ter escapado do mundo humano. Parecia cansada e frágil e Dannon sabia que devia estar com muito medo. Queria tomá-la nos braços e dizer que tudo ficaria bem, que faria tudo ficar bem. Se ao menos pudesse. Olhou para cima e encontrou os olhos de Corin nele, curiosidade e consideração. O maldito homem sempre via demais. Dannon desviou o olhar.

— Soltem suas amarras, por favor.

Dannon ergueu os olhos novamente, surpreso com a ordem do Príncipe.

Assim que suas mãos ficaram livres, se espreguiçou, liberando os músculos rígidos e ficando de pé. Os guardas avançaram sobre ele.

— Vocês podem sair agora. — Corin os dispensou com um aceno de cabeça e seu *Stallari* abriu a boca para protestar, mas foi reprimido por um olhar penetrante de Corin. Saíram da sala e Dannon soltou um suspiro.

— Obrigado — agradeceu, antes de cruzar a sala até Anaïs. — Tem certeza de que está bem? — ele perguntou, com a voz baixa. Sentou-se na beirada da cadeira ao lado dela e Anaïs assentiu, embora não o olhasse nos olhos.

— O que você quer dizer com a delicadeza da sua situação? — repetiu para Corin.

— Tenho certeza de que Dannon aqui explicou que nossa terra e seu povo estão adoecendo — respondeu Corin, sorrindo para Claudette enquanto ela pegava sua mão, o rosto cheio de preocupação. — Esta situação vem piorando há muito tempo e agora há muita inquietação e insatisfação. O pior é a falta de filhos. Todas as raças Fae estão se tornando inférteis. Se as coisas continuarem como são, um povo que andou pela terra enquanto seus ancestrais ainda estavam balançando nas árvores será extinto em um espaço muito curto de tempo. — Dannon viu Anaïs se encolher com as palavras de Corin, embora não tivessem sido ditas de maneira cruel, nem com qualquer indício de julgamento. — Mas você — continuou o príncipe —, poderia começar a mudar isso. Poderia realisticamente mudar o destino de nossa raça como um todo. Isso faz de você uma mercadoria muito valiosa e que eu receberia de braços abertos. O fato permanece, entretanto, que não é Élfica, mas uma Light Fae. A verdade é que não tenho o direito de mantê-la aqui.

O príncipe recostou-se olhando para a lareira, as chamas tremeluzindo em seus olhos como se o ouro estivesse em chamas. Dannon percebeu uma preocupação real ali e se perguntou o que o homem faria, até onde iria para ajudar Anaïs. Realmente arriscaria uma guerra?

Como se sua pergunta tivesse sido feita em voz alta, o príncipe olhou para Dannon. — Eu ajudaria qualquer pessoa que viesse até mim e pedisse minha proteção se realmente precisasse. Não importa a raça, não importa se podem ter valor para mim ou não. Prometo isso a você.

Anaïs soltou um suspiro ao lado dele e Dannon sentiu um pouco da tensão em sua liberação, enquanto ela sorria para Corin. — *Merci* — respondeu, a palavra pouco mais que um sussurro, mas cheia de emoção. — Eu devo lhe contar. Curaria qualquer um que precisasse de ajuda. Não poderia rejeitar ninguém, não importando a raça.

Dannon viu o calor de aprovação nos olhos de Corin ao responder. — Não duvido — disse ele, acenando para ela. — No entanto, permanece o fato de que é apenas uma garota e nós somos muitos.

A realidade dessa verdade pairava no ar entre eles e o silêncio se estendia. — Dannon — disse Corin por fim, com uma expressão pensativa. — Por que, posso perguntar, você está tão inflexível que o Rei Auberren e os Light Fae não deveriam tê-la? Não é como se fossem uma raça assassina, tenho certeza de que ela seria bem tratada.

Dannon bufou, cruzando os braços. — Sim, seria bem tratada — disse ele, com a voz tensa de ressentimento. — Seria igualmente bem tratada se a entregássemos à rainha. Assim como um pássaro em uma gaiola dourada.

Corin assentiu e Dannon soltou um suspiro de alívio com a compreensão que viu ali. — Você quer que ela seja livre — respondeu Corin, com a voz suave.

— Sim.

Corin soltou a mão de Claudette e se levantou. Parecia profundamente preocupado e o leve estrondo de um trovão acima parecia ilustrar muito bem seu humor. Foi servir-se de uma bebida e avistou o rosto de Claudette. Dannon também viu a preocupação nos olhos dela quando Corin respondeu.

— Só um pequeno, *ma belle* — disse ele, em tom irônico. — Acredito que meus nervos já sofreram o suficiente por uma noite. — Ergueu as sobrancelhas para ele, claramente não acreditando que Corin iria parar por um momento. Corin suspirou e revirou os olhos. — Eu prometo.

Claudette desviou o olhar com um aceno indulgente de cabeça enquanto Corin se sentava ao seu lado, com o copo na mão. — Não vejo como seria possível para Anaïs ter qualquer liberdade verdadeira — disse ele, em resposta à pergunta de Dannon. — Ficaria feliz em oferecer minha proteção, mas ao fazê-lo a prenderia com a mesma eficácia, além de incorrer na ira tanto dos Light Fae, provavelmente dos Dark também, e certamente da minha mãe.

— Por favor — disse Dannon, sentindo os olhos de Anaïs sobre ele e se

perguntando se sabia o que lhe custava implorar a Corin, entre todas as pessoas, por algo que tanto desejava. — Por favor, Corin, deve haver uma solução... um tratado talvez?

Corin deu de ombros e não pareceu convencido. — Talvez. Embora saiba muito bem que os Light Fae gostariam de saber por que deveriam negociar por algo que lhes pertence.

— Ela não é uma mercadoria! — gritou Dannon, furioso ao ouvir falar de Anaïs como uma mercadoria a ser negociada.

— Muito lindamente dito, Dannon — Corin retrucou ao sentir o formigamento da magia queimar em sua pele. — Mas nenhum de nós é um Light Fae, e ambos sabemos que eles não verão as coisas dessa forma.

Dannon ficou em silêncio, sabendo que Corin estava certo. Ele se sentiu mal. — Talvez se os Dark Fae nos apoiassem.

Corin bufou com a ideia e balançou a cabeça. — Laen me daria seu apoio, é claro. A probabilidade de King Braed fazer algo que possa ser minimamente vantajoso para mim, entretanto? Acho que não. — Houve uma batida à porta e Corin bufou de aborrecimento. — Entre — ordenou, parecendo irritado.

Malen apareceu na porta, parecendo um tanto ansioso.

— Que foi? — perguntou Corin. — Disse que não deveríamos ser incomodados.

— Desculpe, Vossa Alteza, mas o Príncipe Laen está aqui e exige vê-lo com urgência.



— Laen? — Corin olhou para Malen surpreso. — Deuses, o que é agora? Dois príncipes, um libertino, um salteador e uma fada fugitiva. *Ma belle*, parece que você vai dar uma grande festa esta noite. Malen, diga-me, há uma fila se formando do lado de fora da minha casa? Mais algum condenado fugitivo, talvez?

Malen respondeu com alguma dignidade. — Não que eu saiba, Vossa Alteza, embora o príncipe tenha trazido uma carruagem, então não sei quem pode estar lá dentro. Ele parece bastante agitado, no entanto.

Corin sentiu uma pontada de alarme e levantou-se imediatamente. Se Laen estivesse sozinho, teria cavalgado. — Faça-o entrar rapidamente.

Corin deu uma olhada para o rosto de Laen quando o grande homem entrou na sala e percebeu que havia um problema. — Océane... — Foi a única palavra que disse, mas junto com o medo em seus olhos foi o suficiente.

— Anaïs, venha comigo. — disse Corin, sem esperar para ver se obedeceria antes de sair da sala. Seguiu Laen até a carruagem e subiu atrás dele, encontrando Océane pálida e preocupada.

Agachando-se a seus pés, pegou sua mão. — Olá, minha querida — cumprimentou, vendo um eco do medo de Laen nos olhos dela também. — Está tudo bem, não tenha medo.

— Ah, Corin — ela disse, agarrando a mão dele entre as suas e caindo em prantos. Laen sentou-se ao lado dela e abraçou-a. — Calma, amor, Corin vai

nos ajudar.

Corin olhou para o amigo e viu a súplica em seus olhos. Deu-lhe o que esperava ser um sorriso tranquilizador, antes de colocar as mãos na barriga de Océane. Seu coração afundou quando sua magia foi filtrada para o bebê e descobriu que a pequena força vital estava realmente em perigo.

— O que aconteceu? — perguntou, seu tom leve, não permitindo que seu rosto traísse sua preocupação.

— Ah — soluçou Océane. — A culpa foi minha! Eu caí... fui tão estúpida. Deveria ter sido mais cuidadosa.

— A culpa não foi sua, amor, você sabe que não foi. — Laen beijou sua testa, seus braços pesados embalando-a como se ela fosse feita de açúcar refinado, e Océane chorou ainda mais.

— Foi sim, foi sim — soluçou, balançando a cabeça, todo o corpo devastado pelo sofrimento.

— Océane, ouça seu marido. — Corin repreendeu gentilmente, sorrindo para ela. — Foi um acidente, nada mais, e vocês vieram na hora certa. Acontece que tenho uma grande curandeira comigo. — Corin se virou para olhar para Anaïs que hesitava na porta da carruagem enquanto Malen segurava um guarda-chuva sobre ela. — Venha, por favor.

Anaïs subiu e se agachou ao lado de Corin que percebeu que estava nervosa. Implorou aos deuses para que Anaïs realmente fosse tão poderosa quanto suspeitava, pois isso seria um desafio para ela, e Corin não suportaria que falhasse.

— Olá — cumprimentou Océane com um sorriso tímido antes de colocar as mãos ao lado das de Corin.

— Está vendo? — perguntou, observando-a de perto.

Ela assentiu para ele e fechou os olhos. De repente, qualquer vestígio de ansiedade ou dúvida desapareceu. Corin observou-a trabalhar com admiração, enquanto reparava o feto danificado com facilidade. A magia dela era muito diferente da dele, concentrada nesta única forma, na maneira como um corpo poderia ser reparado ou dilacerado. Duvidava que tivesse habilidades em outras áreas, mas nisso... ela era surpreendente.

A respiração de Anaïs ficou mais pesada e ele pôde sentir a excitação dela por ter feito um bom trabalho, a alegria do triunfo por ter salvado aquela pequena vida. Ela ofegou quando seu trabalho terminou, seus olhos indo para os de Corin, brilhando de excitação e euforia. Entendeu bem a euforia que ela estava experimentando quando deslizou as mãos lentamente sobre as dele, olhando para Corin através dos cílios ao fazê-lo. Corin sabia que não se confundia com o desejo que via ali, mas também sabia que era o poder cantando em seu sangue, tornado dez vezes pior por sua própria magia tão perto dela. Magia chamada à magia e desejo ampliado. Anaïs teria que aprender a se controlar. Para seu próprio bem e para o bem dos outros. De repente, sentiu pena de Dannon.

— O poder pode ser uma espécie de afrodisíaco — sussurrou, retirando as

mãos. — E o poder atrai poder. O seu é muito novo para você, aprenderá a controlar seus desejos... com o tempo. — Corin olhou para Océane que ainda os observava alarmada. — Está tudo bem, Océane, o bebê está bem e seguro.

— Oh! — Océane soluçou. — Obrigada, muito obrigada.

Corin olhou para Laen e viu o rosto de seu amigo tenso e inexpressivo, um sinal claro de que suas emoções estavam exageradas.

— Não é a mim que deve agradecer, mas à nossa jovem amiga Anaïs. Ela fez o trabalho.

Retirou-se da carruagem, aliviado ao descobrir que a chuva havia parado quando entregou Anaïs.

— Você poderia ter feito isso — disse Anaïs, enquanto pegava a mão dele, mesmo assim corando de prazer.

Sorriu para ela e deu de ombros. — Talvez, mas nem de longe tão rápida e facilmente quanto você fez. Não é minha habilidade mais forte. Parece ter lhe dado uma grande... satisfação, no entanto — ele respondeu, não escondendo sua diversão e arqueando uma sobrancelha enquanto o rubor dela se aprofundava.

Ela baixou a voz. — Eu... sinto muito. Não sei o que deu em mim.

Corin deu uma risada suave. — Não se preocupe. Foi muito charmoso do meu ponto de vista e como eu disse, vai diminuir com o tempo.

— Anaïs?

Ambos olharam em volta enquanto o corpo maciço de Laen saía da carruagem com pouca graça.

— Estou eternamente em dívida com você — disse ele, pegando a mão de Anaïs e curvando-se sobre ela. — Se precisar de alguma coisa, estou à sua disposição.

Corin sorriu, aliviado porque, pela primeira vez, as coisas estavam indo do jeito dele. — Ah, Laen, não tem ideia do que disse, mas acabou de me poupar uma grande negociação.

— Não sei do que está falando e não me importo — Laen respondeu com franqueza, revirando os ombros enormes agora que a tensão do momento havia passado. — Eu teria pagado qualquer preço com prazer.

Corin deu um tapa no braço de Laen, o que foi algo semelhante a bater em uma pedra. — Eu sei, meu amigo, eu sei. Venha, Océane precisa descansar. Deixe-nos acomodá-la e poderá vir conhecer a companhia encantadora que tenho me esperando.

— Eu vi que está com visita — disse Laen, enquanto tirava sua esposa da carruagem como se não pesasse nada e subia as escadas com ela. — Receio não ter notado quem estava lá.

— Oh, nunca vai adivinhar — respondeu Corin, e Laen olhou-o com curiosidade, claramente surpreso pelo tom de voz.



Corin esperou enquanto Claudette e Anaïs se encarregavam de acomodar Océane confortavelmente, e Laen cuidava dela como um urso grande e

amigável. No final, e com uma exasperação silenciosa, Océane acenou para ele e disse-lhe para ir embora e falar com Corin.

Depois de muita persuasão e de muitas garantias de que seria buscado quando algo mudasse, voltaram para baixo e Laen olhou com espanto para os convidados de Corin.

— Santa Mãe Nerthus — murmurou, olhando para Bram. — Que diabos ele está fazendo aqui?

— É uma longa história — respondeu Corin, sentindo-se subitamente bastante cansado e um pouco irritado. Estava ansioso para passar a noite com Claudette, e não como árbitro dos três homens na sala. Isso, no entanto, seria inevitável agora.

Demorou cerca de dez minutos até que os ânimos se exaltassem, nove a mais do que havia estimado.

— Isso é mentira! — Dannon estava de pé, rígido de raiva. — Você sabia que eu estava lá. — Estava apontando para Corin, seus olhos escuros brilhando de fúria.

Corin olhou para ele com uma expressão entediada e gesticulou para que Laen enchesse novamente o copo. — Meu caro, como poderia saber que estava escondido no quarto ao lado? Tenho muitos poderes, mas a clarividência não está entre eles.

— Você sabia — retrucou Dannon, ignorando as risadas atrás dele, enquanto Bram dava todos os sinais de estar encantado com o entretenimento da noite. — Não sei como, mas conseguiu, e só porque conseguiu atrair a maldita da mãe dela!

Corin deu de ombros. Não foi a primeira vez que passaram por isso e ele tinha pouco interesse em revisitar agora. Mas Bram causou uma confusão como sempre, com resultados inevitáveis. — Não posso ajudar se o estimado pai dela pensasse que meus avanços eram preferíveis aos seus.

— Oh, deuses, nós realmente temos que fazer isso de novo — gemeu Laen, devolvendo a Corin seu copo com uma medida bem pequena dentro. Laen se sentou com seu copo meio cheio, enquanto Corin fazia uma careta para ele.

— Oh, não os pare agora — objetou Bram, seus olhos brilhando de alegria. — Estamos chegando à parte boa.

— Tully! — exclamou Laen, parecendo exasperado o que era perfeitamente normal quando estava na companhia de Bram.

— Bram — Corin e Dannon corrigiram em uníssono, antes que Bram pudesse abrir a boca.

— Muito bem, senhores, obrigado — respondeu Bram, sorrindo amplamente.

— Afinal, que diabos está fazendo aqui? — exigiu Laen, encarando a figura teatral do homem que todos um dia conheceram como Lorde Tullius.

— Tenho perguntado isso a ele desde que chegou aqui — respondeu Corin, massageando as têmporas enquanto uma dor de cabeça começava a surgir atrás de seus olhos. — A única coisa que posso concluir é que veio garantir

que eu e Dannon nos matássemos. Ou isso ou deixar que nossas respectivas damas façam o trabalho por nós.

Laen bufou e balançou a cabeça, olhando Bram com curiosidade. — Então você é nosso notório salteador. — Ele franziu a testa de repente, e Corin suspirou ao ver os olhos escuros de seu amigo brilhando perigosamente enquanto se aproximava um pouco mais de Bram. — Falando nisso — rosnou Laen, sua voz ficando um pouco acalorada. — Gostaria de tratar com você sobre alguns itens de minha propriedade que pode ter liberado de um de meus funcionários.

Bram olhou para Laen e se mexeu na cadeira. — Ah, — disse ele, dando ao homenzarrão um sorriso notavelmente infantil e parecendo a imagem da inocência. — Sobre isso...

CAPÍTULO 19



Claudette observou Anaïs fechar a porta do quarto atrás de si e continuou a arrumar as cobertas da cama de Océane. Maife estava levando Anaïs até a cozinha para conferir o estoque de ervas. Queria fazer algo para garantir que Océane tivesse uma boa noite de sono.

— Você não gosta dela? — Océane perguntou com curiosidade nos olhos e recostou-se no monte de travesseiros brancos como a neve atrás dela.

Olhando para Océane, Claudette suspirou. — Nossa, é tão óbvio assim? Estava me esforçando para ser discreta.

Océane riu e pegou um copo d'água, bebendo e olhando para Claudette por cima da borda. — Só para mim, acho. Eu a conheço muito bem.

Claudette sentou-se na cama e passou a mão pelos cabelos. — Sinceramente não posso dizer que não gosto dela. Não a conheço e me solidarizo muito com ela. Sei como é ser levada para um mundo sobre o qual não se conhece nada...

— Eu também — disse Océane, com um sorriso pesaroso.

Ela apertou a mão de Océane e sorriu. — Sim, claro que se solidariza, mas?

— Mas... — Claudette começou e depois fez uma pausa. — Não gosto do jeito que olha para Corin — admitiu ela, com vergonha de revelar que estava com ciúmes. — Anaïs o encara como... como se quisesse comê-lo!

Océane apertou a mão dela em resposta e assentiu. — Tenho que admitir que vi isso também, embora tenha ouvido algo que Corin disse e acho que é a magia que a domina. Ainda não tem controle sobre ela. — Océane assentiu enquanto Claudette arqueava uma sobancelha para ela. — Sim, ok. Daria um tapa nela se olhasse para Laen daquele jeito — admitiu. — Não pode ter dúvidas sobre o que Corin sente por você, certo?

Claudette sorriu e estendeu a outra mão, deixando a luz atingir a pedra e brilhar. — *Non* — disse, lembrando-se das palavras de Corin quando lhe deu o anel com um arrepio de prazer. — Sem dúvida alguma.

— Oh, Claudette! — Océane gritou, aproximando a mão para inspecionar seu anel de noivado. — É tão bonito. — Deu um suspiro feliz, praticamente pulando na cama. — Já marcaram a data?

— *Non*. — Claudette balançou a cabeça enquanto tudo o que a preocupava nas últimas semanas veio à tona rapidamente. — Corin faria isso amanhã se eu deixasse, mas... Ah, Océane, estou preocupada com ele. Tem muita coisa em mente e mal dorme. *Merde!* — exclamou, colocando a cabeça entre as mãos. — Além disso, sua mãe está decidida a assumir o controle e transformar o casamento em um grande assunto de Estado e, para ser sincera... isso me assusta pra caramba.

— Sinto muito — respondeu Océane, parecendo preocupada. Ela sorriu então, acrescentando: — Pelo menos isso foi uma coisa da qual o banimento de Laen me poupou.

Foi a vez de Claudette expressar preocupação e cobriu a mão de Océane com a sua. Corin explicou alguns dos antecedentes de Laen e a maneira horrível como seu pai o tratou. Também disse a ela que, apesar de tudo, Laen ainda ansiava secretamente pela aprovação do pai.

— Você acha que o rei algum dia o perdoará?

— Eu realmente não sei. — Océane recostou-se nos travesseiros, agora parecendo cansada, com os olhos pesados. — Laen não é como Corin, ele é... ele não é bom em falar sobre as coisas. Tentei falar sobre isso, mas ele simplesmente se cala e me diz para não me preocupar, mas sei que o assunto o perturba. Não vê seus meios-irmãos e irmãs há anos. Esteve perto deles uma vez e sei que sente sua falta e se preocupa com eles. Laen se pergunta como estão se saindo nas mãos de seu pai. — Fez uma pausa, alisando as cobertas da cama sobre a barriga com a mão. — Estou tão feliz que Aleish esteja com ele pelo menos. Tem sido tão gentil comigo, ela e seu marido. Especialmente porque também deseja um bebê. Deve ser muito difícil para ela me ver e não ficar amarga, mas nunca fica... ela tem sido um apoio maravilhoso. — Olhou para Claudette, seus olhos subitamente cheios de excitação. — Espero que Anaïs possa ajudá-la.

Ouviram a porta se abrir e Anaïs reapareceu com um copo. Caminhou até a cama e entregou-o a Océane com um sorriso hesitante. — Isso lhe dará uma boa noite de sono. Se sentirá muito melhor pela manhã.

— Anaïs, nunca poderei agradecer o suficiente pelo que fez — disse Océane, com a voz cheia de sinceridade enquanto estendia a mão para ela.

Claudette viu a garota corar de satisfação ao pegar a mão de Océane. — Estou tão feliz por poder ajudar — respondeu ela. — Mas agora precisa descansar um pouco.

Océane assentiu enquanto Claudette se levantava da cama.

— Durma bem, Océane — respondeu Claudette, dando-lhe um sorriso caloroso ao saírem do quarto. Ela se virou para Anaïs, que agora parecia um pouco estranha.

— Você também deve estar esgotada — disse, tentando ao máximo ser amigável com a garota, mesmo não confiando nela nem um centímetro. — Vou lhe mostrar seu quarto e poderá se limpar enquanto preparo algo para você comer.

Conduziu Anaïs um pouco mais pelo corredor amplo e elegante até um lindo quarto, decorado em tons de amarelo e branco.

— Tem uma vista linda sobre os jardins — disse ela, apontando para as grandes janelas que estavam cobertas por grossas cortinas amarelo-manteiga. — Você verá pela manhã. Vou deixá-la agora e mandarei minha empregada, Maife, de volta com um pouco de comida e uma muda de roupa para você. Por favor, avise-a se precisar de alguma coisa.

— Muito obrigada, você... você foi tão gentil — respondeu Anaïs, olhando ao redor da enorme sala com uma expressão admirada. Claudette sabia exatamente como se sentia. Passar de uma pequena casa no interior da França

para uma vasta casa senhorial nas Terras Fae foi uma espécie de choque cultural. Tentou manter tudo isso em mente e esquecer o olhar lascivo no rosto da garota quando viu Corin.

— Você ajudou Océane — disse, mais do que grata por isso. — Ela se tornou uma grande amiga minha e estou muito aliviada que o bebê ficará bem. Sabe que é muito bem-vinda aqui, Anaïs, entendo como... como é estranho estar aqui e fico feliz por ter mais alguém do meu mundo com quem conversar. — Claudette voltou até a porta do quarto, virando-se quando seus dedos encontraram a maçaneta e hesitando por um momento. Talvez devesse deixar as coisas perfeitamente claras, para que não houvesse mal-entendidos. — Só tem uma coisa, Anaïs.

— *Oui* — respondeu a garota, observando-a atentamente.

— Espero muito que possamos ser amigas, mas deve saber que amo Corin, e ele me ama. Já passamos por muita coisa juntos e não quero que ele seja incomodado. Entendo que talvez esteja lutando para controlar sua magia, então não vou usar parte do seu comportamento esta noite contra você. Mas se voltar a se aproximar dele... farei com que deseje nunca ter nascido. — Respirou fundo e sorriu para Anaïs, esperando não ter soado mal-intencionada. — Boa noite — acrescentou ela, sem saber mais o que dizer, antes de fechar a porta atrás de si.



Anaïs sentou-se na cama com um baque surdo e começou a chorar. Não podia culpar Claudette nem um pouco. Havia se comportado de maneira terrível e sabia disso. Embora como deveria ter parado, ela não sabia.

Anaïs se sentiu viva e voraz de desejo, e a luz resplandecente do príncipe a atraiu com tanta força que não sabia como resistiria. Ele era como um vasto ímã, e ela, uma pequena limalha de ferro atraída por seu poder. Mas a probabilidade era que Dannon tivesse notado seu desempenho naquela noite e saído. Ele não era o tipo de homem que toleraria um comportamento tão... tão promíscuo.

Deitou-se na cama e chorou ainda mais, sentindo-se completamente envergonhada e infeliz. Esperava em Deus que Corin estivesse certo e que pudesse aprender a controlar as chamas de energia e luxúria que começou a experimentar, ou pelo menos canalizá-las em uma direção diferente. Talvez o príncipe lhe ensinasse como? Se Claudette não a trancasse em seu quarto primeiro por sugerir isso.

Resolveu perguntar a ele de qualquer maneira, porque se não o fizesse, não teria esperança com Dannon. Então se lembrou dos comentários de Bram sobre as trigêmeas. Sentiu uma onda de ciúme e choque. Não era puritana, mas isso colocava o homem de quem gostava sob uma luz diferente e não tinha certeza se gostava disso. Na verdade, tinha certeza de que não. *De forma alguma.*

Pelo menos se comportara mal por algum motivo, estava fora de controle e sabia disso. Mas queria parar imediatamente. Ele era apenas um... um...

Anaïs não conseguiu pensar em uma palavra ruim o suficiente e soluçou no travesseiro. Tudo o que aconteceu com ela circulou em sua cabeça, deixando-a tonta. Descobrir que este mundo existia foi chocante o suficiente, acrescentando que Dannon não era humano, o ataque na casa de Remé e a morte de um homem — ela havia *matado* alguém! Anaïs se sentiu doente e assustada. Não conhecia essas pessoas, não sabia realmente se podia confiar nelas e de repente sentiu vontade de voltar para casa.

Chorando até que seus olhos secaram, finalmente dormiu, com visões dela correndo pela floresta e de homens perseguindo-a, tremeluzindo como sombras escuras atrás de seus olhos.



Depois de combinar as coisas com Maife, Claudette voltou para a sala de estar e encontrou o chefe da guarda pessoal de Corin, *Stallari* Eavan Trumecht, parado na porta, olhando carrancudo. Podia entender perfeitamente a agitação dele, pois também podia ouvir os gritos furiosos vindos do outro lado da porta.

— Ah, e agora? — ela disse, revirando os olhos para o enorme macho Dark Fae que guardava Corin com todo o vigor protetor de uma mãe galinha. Abriu a porta e se deparou com um silêncio absoluto quando todos os quatro homens a viram chegar e se calaram. As suspeitas surgiram imediatamente e não foram ajudadas pelos olhares culpados em seus rostos. — Por que diabos estava acontecendo toda aquela gritaria? — perguntou, estreitando os olhos para Corin que devolveu uma expressão duvidosamente inocente.

— Gritaria, *ma belle*? — repetiu ele, erguendo uma sobrancelha elegante. — Não, não. — Claudette não perdeu o olhar de advertência que Corin enviou para Bram, entretanto. — Estávamos apenas discutindo... os velhos tempos.

— *Vraiment*? — questionou, cruzando os braços e não acreditando em uma palavra.

— Ah, sim, minha lady — disse Bram, com um brilho travesso nos olhos enquanto sustentava o olhar de Corin. — Estávamos apenas lembrando todas as nossas antigas... aventuras.

Corin olhou para baixo e girou o pouco que restava em seu copo, aparentemente considerando-o com grande interesse. — Bram, você prefere uma cama para passar a noite... ou uma cela? — ele perguntou, seu tom suave, mas repleto de uma ameaça audível. — Pense bem antes de continuar.

Claudette revirou os olhos para o céu, sabendo muito bem que estavam discutindo suas conquistas passadas e não querendo saber mais nada. — Por favor, Bram, poupe-me de mais detalhes sangrentos — exigiu, erguendo a mão para ele. — Eu *realmente* não quero saber. Além disso, todos vocês deveriam estar discutindo sobre Anaïs.

— Garanto que sim — respondeu Corin, olhando feio para Dannon. — De alguma forma a conversa saiu dos trilhos.

Claudette suspirou de frustração e sentou-se no braço da cadeira ao lado de

Corin. Então gritou quando Corin lhe deu um puxão para que caísse em seu colo. Corando, se acomodou de forma que ficasse sentada em seus joelhos, e ele riu sem arrependimento, deslizando a mão em volta de sua cintura.

— Vejo que você vai deixar que eu diga o que todo mundo está se perguntando?

Corin e Dannon lançaram olhares idênticos a Bram, que lhe disseram para agir com cuidado.

— Como? — Havia um tom perigoso na voz de Corin que Claudette tinha certeza de que deveria ter sido um aviso suficiente para calá-lo, mas Bram apenas assentiu e seguiu em frente.

— Bem, realmente, Vossa Alteza. O que vai dizer quando a rainha descobrir que o amante aqui trouxe a namorada dele para você, em vez de para ela?

As carrancas se aprofundaram em ambos os rostos, sendo a de Dannon particularmente assassina.

— Amante? — repetiu o duque parecendo indignado.

Bram deu de ombros e recostou-se nas almofadas macias que realçavam seu casaco de veludo azul com bastante vantagem. Ele acenou com a mão algemada de renda para Dannon com um ar indiferente. — Chame do que quiser, meu caro amigo, mas todos sabemos que é o brinquedo da rainha e ela não ficará satisfeita por você tê-la traído por uma linda fada.

Dannon se levantou, olhando para Bram com fúria.

— Sente-se, cara. — Laen balançou a cabeça, claramente exasperado com todos eles. — Ele poderia ter formulado isso com um pouco mais de delicadeza, mas a questão é justa. — O que *você* vai fazer?

O último comentário foi dirigido a Corin, que suspirou e beliscou a ponta do nariz. — Deveria saber que isso dependeria de mim — murmurou. — E não tenho a menor ideia. Ela vai ficar furiosa, para dizer o mínimo, e, francamente, ficaria muito mais feliz se a ira dela fosse dirigida a Dannon e não a mim.

— Então você não vai ajudar Anaïs? — exigiu Dannon, ainda de pé e parecendo mais furioso a cada momento.

— Eu não disse isso! — retrucou Corin, apertando Claudette um pouco mais forte. Ela cobriu a mão dele, sentindo a tensão cantando por seu corpo, sua pele formigando com sua magia enquanto seu temperamento se acendia. — Mas como sempre você e minha mãe estão me causando muito estresse e eu gostaria que os dois fossem para o diabo. Vocês se merecem — acrescentou, com sentimento.

— Se eu pudesse deixá-la, você sabe que o faria — Dannon respondeu, parecendo cansado enquanto se sentava novamente.

— Você deveria ter pensado nisso um pouco mais cedo — Corin disse enojado, engolindo o resto de sua bebida, e Claudette notou, com receio, o olhar saudosos que ele lançou ao copo. — O que, em nome dos deuses, deu em você para se envolver com ela? O diabo sabe que tem pouco controle quando

se trata de mulheres, mas eu teria pensado que *até* você poderia ter um pouco de disciplina quando os riscos são tão altos!

— Seu maldito hipócrita! — Dannon estava de pé novamente e Corin se levantou também, pegando Claudette sem cerimônia e jogando-a na cadeira que havia desocupado.

Bram riu enquanto os dois homens se enfrentavam e o fogo na lareira subia pela chaminé enquanto a magia na sala se tornava sufocante. — Ah, vamos lá, Corin — disse ele, balançando a cabeça e mostrando todos os sinais de estar se divertindo enormemente. — Tem que admitir que isso está sendo um pouco exagerado. O roto falando do rasgado, talvez? Só um pouquinho?

Laen gemeu e esfregou o rosto com as mãos. — Bram, pelo amor de Nerthus, cale a boca! Você *não* está ajudando em nada.

— Eu sei — disse ele, parecendo alegre e recostando-se na cadeira, os olhos brilhando alegremente.

— Não acredito que nenhum dos meus casos tenha causado uma guerra! — gritou Corin, apontando para Dannon enquanto a fúria transformava seus olhos castanhos em um dourado mais profundo.

— Não — Bram refletiu, assentindo com uma expressão pensativa. — Mas você chegou perto quando mexeu com uma das filhas do Rei Auberren. O rei queria sua cabeça em uma bandeja, se bem me lembro. Ainda não sei como evitou ser assassinado.

— Fora! — Claudette deu um pulo quando a voz de Corin silenciou a sala. — Levem-no para fora! — Corin também parecia um assassino enquanto gritava por seus homens. — Eavan!

Laen lançou a Bram um olhar desesperado enquanto o enorme *Stallari* de Corin entrava na sala parecendo apenas querer um alvo. — Deuses, cara — murmurou Laen, antes de cruzar a sala e colocar uma mão calmante no braço de Corin. — Acho que talvez devêssemos falar sobre isso novamente pela manhã.

O enorme guarda Dark Fae caminhou para o lado de Corin. — Vossa Alteza? — grunhiu.

— Eavan — respondeu Corin, parecendo aliviado com a presença de seu *Stallari*. — Esse... — Ele se virou para encarar Bram com desgosto —, *cavalheiro*... precisa de uma cela para passar a noite — disse, friamente.

Claudette pegou a mão de Corin e deu um puxão. — Isso é mesmo necessário? — perguntou, percebendo que se divertia bastante com a reação de Corin, sabendo agora que só estava ansioso para que ela não ficasse chateada com a conversa dos homens sobre seu passado.

— O que é necessário é que eu o leve para fora e o ensine a falar com educação — rosnou Corin, com seus olhos dourados brilhando de irritação. — Acredite, é só disso que ele precisa!

Bram riu e ficou de pé, com as mãos abertas. — Estou claramente à sua disposição, Vossa Alteza.

Corin deu um passo à frente e Laen o agarrou pelos ombros, gritando com

Eavan: — O que está esperando, cara? Leve-o embora antes que ele morra.

O *Stallari* agarrou Bram pelo braço, que olhou para a mão carnuda que o segurava e retornou uma expressão magoada. — Solte-me, meu bom rapaz, está amassando minha manga. — O grandalhão ficou tão surpreso que realmente o soltou e Bram sorriu. — Vossa Alteza, Vossa Graça, minha lady. — Ele fez uma reverência profunda e um tanto teatral ao grupo reunido e saiu do cômodo como se tivesse sido ideia dele, com a guarda o seguindo de perto.

Corin atravessou o cômodo e serviu-se de outra bebida, e Claudette suspirou, sentindo-se ansiosa, mas não teve coragem de repreendê-lo. Realmente estava tendo uma noite muito difícil.

Laen o seguiu e praticamente arrancou a garrafa de suas mãos. — Pelo amor de Deus, me dê isso antes que eu mate todos vocês e acabe com isso.

Corin bufou e passou a mão pelos cabelos. — Que confusão terrível.

Laen engoliu sua bebida em um só gole e tornou a encher o copo, lançando a Corin um olhar cauteloso. — Você vai ter que falar com ela, quero dizer, com sua mãe.

— Eu sei! — retrucou Corin, claramente irritado. — A questão é: posso ficar no mesmo cômodo que ela e não torcer aquele maldito pescoço?

— Seu pai talvez... — Laen apresentou a ideia com receio, e Corin balançou a cabeça.

— Não vou incomodá-lo com isso, está muito mal e ela já o atormentou bastante. Não vou dar a ele isso para pensar também. — Corin lançou um olhar sombrio para Dannon enquanto falava e o homem parecia profundamente desconfortável. — Sabe, é claro, que ela vai fazer você pagar por isso?

Dannon bufou e Claudette ficou impressionada com a expressão derrotada em seus olhos. Dannon sabia muito bem que estava metido até o pescoço. — Não sou estúpido — disse ele, levantando-se para preparar sua própria bebida, pois ficou claro que ninguém mais lhe ofereceria uma.

— Isso é uma questão de opinião — disse Corin, voltando a sentar-se no braço da cadeira ao lado de Claudette. Ele largou o copo e pegou a mão dela, apertando-a. Claudette viu o olhar caloroso em seus olhos com alívio antes de Corin voltar sua atenção para Dannon.

— Você a ama? — Corin perguntou, à queima-roupa. Os olhos de Dannon se arregalaram e pareceu chocado até os ossos. Corin fez uma careta para ele. — Anaïs, cara, não a minha mãe! Você a ama?

O duque suspirou com aparente alívio e assentiu. — Sim — ele começou antes de parar e dizer novamente com mais certeza. — Sim, eu a amo.

Corin assentiu e pareceu satisfeito. — A primeira coisa sensata que você fez — disse ele, embora desta vez sem rancor.

— Eu sei — respondeu Dannon, sorrindo, os olhos brilhando de diversão. — Poderia dizer o mesmo de você — acrescentou, apontando para Claudette.

Corin levou a mão de Claudette aos lábios e beijou-a suavemente, olhando para ela com uma expressão tal que Claudette não pôde deixar de desejar que

Dannon e Laen tivessem ido embora com Bram. — Não preciso que me diga isso — disse ele. O príncipe olhou para Dannon, seus penetrantes olhos dourados observando o duque com atenção. — Sabe tão bem quanto eu, como isso provavelmente acontecerá. O que está preparado para fazer?

— Qualquer coisa — disse Dannon, sustentando o olhar de Corin sem nenhum traço de dúvida em seus olhos. — Qualquer coisa para mantê-la segura.

— Muito bem — falou Corin com um suspiro. — Dou-lhe minha palavra de que farei tudo que estiver ao meu alcance para ajudá-la, mas você sabe tão bem quanto eu que terá que ser o sacrifício nisso.

Dannon assentiu. — Eu sei.

Claudette sentiu uma onda de preocupação por ele, perguntando-se o que Corin queria dizer com isso. Ela sabia, às suas próprias custas, quão cruel a rainha seria. Isso significava que Dannon perderia a garota por quem se apaixonou? Seu coração se apertou de pena. Certamente Corin encontraria uma maneira de mantê-los juntos? Supondo que fosse isso que Anaïs também queria?

— Protegerei você se puder — acrescentou Corin, ecoando as preocupações de Claudette. — Mas que os deuses nos ajudem se ela reagir mal.

— Obrigado, Vossa Alteza — agradeceu Dannon, inclinando um pouco a cabeça com respeito.

Corin dispensou sua gratidão e chamou Malen, que entrou na sala um momento depois.

— Por favor, encontre um quarto adequado para nosso hóspede, Malen — ele instruiu o mordomo, que lançou a Dannon um olhar altivo de desagrado com a ideia. — Por favor, aceite minha hospitalidade, Dannon — disse Corin, embora seu tom soasse tudo menos hospitaleiro. — E agora saia da minha frente antes que me dê uma maldita enxaqueca.

Dannon curvou-se rigidamente. — Vossa Alteza. — Seguindo Malen, saiu da sala, deixando finalmente Corin e Claudette sozinhos com Laen.

— Acho que tudo correu bem — falou Laen, com uma expressão suave.

Claudette olhou para ele incrédula e começou a rir. — Você acha que tudo correu bem? — ela repetiu, surpresa que as últimas horas de óbvia tensão e animosidade pudessem ser descritas dessa forma.

Laen encolheu os ombros grandes. — Ninguém morreu, isso me parece ótimo.

Corin estava massageando as têmporas com os olhos fechados. — Ele tem razão, *ma belle*.

— Bem, também estou indo — disse Laen, levantando-se e esticando seu corpo enorme com um bocejo. — Espero que pela manhã as coisas pareçam um pouco mais claras.

— Sinceramente duvido disso — Corin resmungou, parecendo amotinado.

Laen bufou e se abaixou para dar um tapinha em seu ombro. — Aguenta

firme, velho amigo. Aconteça o que acontecer, tem meu apoio.

Corin olhou para cima e seus olhos estavam cheios de apreciação enquanto respondia. — Sei disso e sou grato.

Laen hesitou, acrescentando: — Depois do que você fez por Océane esta noite...

Corin deu uma leve risada e acenou em agradecimento. — Continuo dizendo que foi Anaïs e não eu.

— Eu sei disso — disse Laen, agora com a voz rouca. — E estou eternamente em dívida com ela, mas se Anaïs não estivesse aqui você teria se adiantado, eu sei que sim. Nunca me decepcionou e... estou grato. Nunca esquecerei disso, seja o que for que esteja por vir.

Corin olhou para Laen mudo de espanto por um momento. Ele piscou quando o choque passou. — Quem diabos é você e o que fez com Laen? Está doente?

O grandalhão bufou. — Culpe Océane, ela insiste em falar sobre meus sentimentos.

Corin bufou e balançou a cabeça, parecendo bastante surpreso.

— Pelo amor dos deuses, pare com isso — disse ele, parecendo um pouco nervoso. — Depois de tudo o que esta noite trouxe, realmente não consigo lidar com corações e flores também. Você vai me fazer chorar se continuar.

— Nesse caso vou ficar de boca fechada. — Laen riu. — Boa noite, Claudette — se despediu, dando-lhe uma piscada divertida antes de sair.

Eles o observaram ir e Corin se levantou, puxando Claudette em seus braços. — Oh, *ma belle* — disse, com um gemido. — O que devo fazer?

Claudette envolveu-se em seus braços, enterrando o rosto em seu pescoço e respirando com satisfação seu perfume quente e masculino. Estava ansiosa para ficar sozinha com ele o dia todo e agora estava ficando mais do que um pouco impaciente. — Ir para a cama?

Corin inclinou a cabeça para trás para que pudesse olhar para ela. — Sabe, minha querida, essa foi a única ideia sensata que ouvi a noite toda.

CAPÍTULO 20



Anaïs abriu os olhos e olhou perplexa para a sala desconhecida por um momento, enquanto lutava contra uma onda de pânico irracional. Teve uma terrível sensação de mau pressentimento. O sentimento não se dissipou quando os acontecimentos dos últimos dias voltaram para ela rapidamente. Talvez esse pânico não tivesse sido tão irracional, afinal.

Respirando fundo, tentou acalmar o coração acelerado. Nunca se considerou tímida, embora supusesse nunca ter sido testada dessa forma antes. Mas ansiava por aventura, por uma vida onde pudesse fazer a diferença... e agora ela tinha. O fato de ter conseguido exatamente o que esperava não tornava tudo menos assustador.

Esforçando-se para se sentar, notou uma bandeja ao lado da cama com uma jarra de suco coberta, um bule com o que poderia ser chá e sanduíches. Claudette obviamente enviou Maife como prometido, mas a empregada não a acordou. Anaïs pegou o copo e serviu o suco, bebendo-o com alívio. Sua garganta estava seca de tanto chorar e seus olhos pareciam ter sido esfolados por uma lixa.

Olhou para cima quando ouviu uma leve batida na porta e uma voz suave chamando seu nome.

— Anaïs?

Dannon.

Ela voou até a porta e a abriu, jogando-se em seus braços com um soluço.

— Querida, o que foi? — Ele a abraçou por um momento, e Anaïs se permitiu a ilusão de segurança que estar em seus braços lhe dava, afundando-se nele e agarrando-se com força. Dannon apenas a abraçou, sem dizer nada, antes de pegá-la no colo e entrar na sala. Fechou a porta com um chute e foi se sentar na cama, mantendo-a sentada em seu colo.

Anaïs não queria mais se mexer. Seu rosto pressionou contra a curva de seu pescoço e respirou seu perfume. Dannon tinha um cheiro divino, limpo e fresco, e ela sentiu o desejo por ele que estava tentando ignorar, agarrando sua barriga. Com desgosto, percebeu que devia estar completamente assustadora. Caiu na cama vestida depois da provação do dia anterior e nem sequer escovou o cabelo. É claro que ele parecia bem cuidado e bonito, ainda mais com os trajes formais e antiquados deste mundo. Anaïs sufocou uma onda de ansiedade. Merde, provavelmente também fedia, pensou com total tristeza. Mas ainda assim ela não conseguia se afastar.

Ele acariciou seu cabelo, tentando olhá-la, mas ela não conseguiu encará-lo e manteve o rosto pressionado contra seu pescoço.

— Diga-me o que há de errado — ele perguntou, seu tom tão cheio de simpatia e compreensão que ela sentiu os olhos arderem.

— Tudo — ela murmurou, sentindo-se mais infeliz do que nunca em sua vida.

— É sério? — ele perguntou, parecendo infeliz. — Deuses, isso é tudo culpa minha, deveria ter deixado você em paz.

— Não! — soluçou, agarrando-se a ele com mais força e ainda mais deprimida agora que o fez se sentir culpado por ajudá-la. — Então aqueles homens teriam me levado e... e... eu nunca teria conhecido você.

Dannon a abraçou com mais força, uma mão acariciando a curva de seu rosto, levantando sua cabeça para que fosse forçada a olhar para ele. — Eu sei, meu amor, e talvez isso tivesse sido melhor — disse ele, e Anaïs pôde ver a culpa e a agitação em seus olhos escuros.

— Ah — disse ela, recuperando o fôlego quando a ideia de que ele se arrependia de tudo a atingiu. — Você... você quer dizer que gostaria de nunca ter me conhecido?

Dannon olhou-a e seu peito sentiu um aperto, seus pulmões viraram pedra enquanto esperava pela resposta dele. — Nunca poderia desejar isso, Anaïs — disse ele, com tanta sinceridade que a respiração dela voltou apressada. Ela riu, parecendo instável e Dannon puxou sua cabeça contra seu ombro, acariciando seus cabelos novamente, um toque tão gentil que seu coração inchou. — Aconteça o que acontecer agora... tanto faz... — Ele hesitou e ela o olhou, ouvindo algo em sua voz que a assustou. — O que quer que eu faça ou diga no futuro — ele continuou evitando os olhos dela. — Prometa-me que vai se lembrar de uma coisa. Só uma coisa: conhecer você foi a melhor e mais maravilhosa coisa que já aconteceu comigo.

Ela sorriu-lhe quando Dannon se virou para fitá-la, as lágrimas caindo novamente apesar de seus melhores esforços. — Não sei como pode dizer isso — disse ela, meio rindo de desespero. — Eu só lhe trouxe problemas e... e se houver uma guerra a culpa será minha.

Dannon segurou seu queixo e seu rosto ficou sério, seus olhos ferozes. — Se houver uma guerra, será por causa de problemas entre as nossas três raças. Problemas que vêm crescendo há décadas e agravados pelas ações de nossa rainha. Não será por causa de uma menina linda que desistiu de tudo para vir nos ajudar.

Anaïs o encarou, sentindo uma emoção tão forte crescendo em seu peito enquanto olhava para seu lindo rosto. Queria muito conhecê-lo, saber o que queria da vida, conhecer suas esperanças, sonhos e medos. Queria amá-lo e perdoá-lo por todas as coisas pelas quais se sentia culpado, para trazer-lhe algum tipo de absolvição. O que Anaïs sentia era algo que Dannon precisava muito. — Quanto a me trazer problemas — continuou sorrindo para ela quando Anaïs estendeu a mão e a colocou em seu rosto, acariciando sua bochecha com o polegar. — Sou perfeitamente capaz de fazer isso sozinho.

Anaïs viu o desejo queimando em seus olhos e se aproximou um pouco mais, esperando que a beijasse, mas ele desviou o olhar.

— Tenho que ir.

— Não! — exclamou, enquanto o pânico tomava conta dela. Tinha uma sensação ruim de que não o veria novamente se o deixasse ir embora. — Não

vá... não quero que vá.

Algo mudou em seu rosto, seus olhos se fecharam e Dannon se levantou, erguendo-a e colocando-a cuidadosamente na beira do colchão. — Sinto muito, Anaïs, realmente sinto, mas preciso ir agora.

— Você... você está bravo comigo? — gaguejou, incapaz de alinhar as palavras carinhosas que Dannon acabara de lhe dizer com a sensação de que estava sendo isolada e deixada à deriva.

— Por que ficaria bravo com você? — disse ele, sorrindo-lhe, embora Anaïs sentisse que o sorriso não alcançava seus olhos.

Anaïs engoliu em seco, sem vontade de colocar isso em palavras, pois se sentia muito envergonhada com seu próprio comportamento. — Por causa de... por causa da maneira como me comportei, com Corin — disse, apressada, corando de mortificação.

Dannon se acalmou e respirou fundo, balançando a cabeça. Aquele sorriso permaneceu no lugar, ainda menos convincente do que antes. Viu também o breve brilho de fúria nos olhos dele e tirou suas próprias conclusões.

— Oh, Dannon, sinto muito. Eu não queria — disse ela, levantando-se e jogando os braços em volta dele. Anaïs deitou a cabeça em seu peito e rezou para que ele pudesse perdoá-la, mesmo que parecesse patético. Simplesmente não sabia como fazê-lo entender que a magia a consumia e a mantinha cativa à sua vontade. Por enquanto, pelo menos, não sabia como lutar contra isso. — Não sei o que dá em mim. É o poder que você vê... ele... ele brilha com isso. É... é... — disse ela, impotente para explicar com mais clareza.

— Sim, entendo — disse, entre dentes. — Eu entendo. — Anaïs percebeu que ele estava se esforçando para manter o tom calmo e as palavras razoáveis, mas a raiva em seus olhos lhe dizia que estava mentindo.

— Oh. — Ela tirou os braços dele enquanto seu coração afundava. — Você está com raiva — disse, enquanto a decepção a dominava.

— Não estou — repetiu, parecendo frustrado enquanto passava a mão pelos cabelos. Quanto mais negava, mais via que ele estava mentindo.

— A culpa não é minha, Dannon, não mesmo — disse, sentindo-se repentinamente magoada pela injustiça daquilo. Sabia que se comportara mal, mas Corin havia entendido que era o seu próprio poder que a fazia agir daquela maneira. Tinha sido solidário, talvez por que já tivesse sofrido da mesma maneira?

— Eu não estou bravo! — Dannon disse novamente, parecendo querer matar alguém com as próprias mãos. Ele obviamente percebeu esse fato ao ouvir suas próprias palavras em voz alta. — Droga! — xingou, e se afastou dela, com os ombros rígidos de tensão.

— Oh, Dannon, isso é tão injusto! Eu apenas olhei para ele... não é como se fosse mais do que isso, bem, não muito mais. Você, por outro lado — acrescentou, com ressentimento crescente. — De tudo que ouvi até agora você é um... um...

Dannon ficou muito quieto. — Sim?

— Trigêmeas! — gritou, furiosa, com muita raiva para formar um argumento coeso, mas presumindo que ele entendera.

Ele assentiu e, para tristeza dela, não parecia mais zangado, apenas resignado. — Sim, Anaïs — disse ele, em voz baixa. — Assim como você diz. — Ela o encarou em um silêncio horrorizado, sem saber como transpor o abismo que se abria entre eles. — Se me der licença. — Dannon lhe deu as costas e saiu do quarto, fechando a porta silenciosamente atrás de si.

Anaïs ficou olhando para o espaço onde ele estivera, presa naquele lugar por algum tempo e se perguntando como as coisas tinham dado tão errado e se algum dia teria a chance de consertá-las novamente.



Corin franziu a testa e ergueu os olhos ao perceber que seu valete, Alsten, estava falando com ele e não tinha ouvido uma palavra. O problema sobre o que fazer com Anaïs, juntamente com uma série de outras questões igualmente preocupantes, mantiveram-no acordado durante a maior parte da noite e ainda circulavam em seu cérebro cansado, sem nenhum sinal de qualquer solução viável à vista.

Ele voltou sua atenção para seu valete com um sorriso e tentou prestar atenção.

— Se me permite, Vossa Alteza — dizia o velho —, estou bastante satisfeito com a nova receita de cera que usei em suas botas, o brilho é espetacular, espero que aprove. — Alsten parecia muito satisfeito consigo mesmo e Corin olhou para a bota em suas mãos com uma leve surpresa. Parecia tão brilhante quanto suas botas sempre pareciam, mas Alsten dava muita importância a essas coisas e não gostava de decepcionar o criado idoso, então assentiu com todo o entusiasmo que conseguiu. O homem realmente deveria ter se aposentado há décadas, mas toda vez que Corin tentava abordar o assunto, seus olhos se enchiam de lágrimas e ele se perdia em reminiscências de quando começou a trabalhar para Corin — quando Sua Alteza era apenas um bebê. Corin simplesmente nunca teve coragem de abordar isso.

— Bastante notável, Alsten, muito obrigado.

Alsten sorriu e foi até uma extensa coleção de coletes, aguardando mais instruções.

— O cinza carvão, eu acho — disse Corin, calçando a outra bota.

— Aquele bordado com penas de pavão? — A carranca de Alsten falava de sua desaprovação.

Corin olhou para cima com uma expressão de dor. — Por favor, Alsten, não me ofenda pensando que eu usaria aquele colete com aquela jaqueta... o homem dos beija-flores.

Alsten suspirou com óbvio alívio e sorriu. — Uma excelente escolha, senhor. — Entregando o colete, recuou para observar Corin ficar diante do espelho e arrumar a camisa, o colete e a gravata a seu gosto. Avançando mais uma vez, ajudou Corin a colocar a jaqueta primorosamente cortada sobre seus

ombros largos.

Uma comoção de cavalos e rodas no cascalho assaltou seus ouvidos e Corin foi olhar pela janela que dava para a frente da casa. Seu coração despencou para as botas extremamente brilhantes quando a equipagem da rainha parou em frente à sua casa.

— Oh, deuses — murmurou, sabendo que um dia já difícil estava prestes a ir direto para o Tártaro. Ele se virou para ver que o rosto de Alsten também estava carrancudo. Corin podia entender perfeitamente o sentimento. Uma visita da rainha invariavelmente deixava Corin de mal humor, o que, embora nunca tivesse sido dirigido a Alsten, geralmente significava uma perturbação na ordem das coisas que enervava bastante e enfraquecia a sensação de calma de sua família.

— Mulher maldita! — Corin terminou de se vestir com uma pressa que fez Alsten estremecer com sua falta de cuidado e sair furioso do quarto. Chegando ao topo da escada quando a rainha passava pela porta da frente, fez uma pausa enquanto ela olhava-o com a testa franzida.

— Mãe. — Corin deu a ela um sorriso vagaroso que estava longe de sentir. — Que surpresa deliciosa — disse ele, sem se preocupar em esconder o sarcasmo por trás das palavras.

— Onde ela está? — a rainha exigiu, seus olhos brilhando de raiva.

Corin desceu as escadas lentamente, arrumando as braçadeiras no caminho e com indiferença destinada a enfurecê-la ainda mais. Talvez não fosse sábio, mesmo assim era satisfatório. — Infelizmente Claudette ainda está na cama, dormimos um pouco tarde e é cedo para recebermos visitas. — Havia um toque de desaprovação nítido em sua voz, embora lhe desse um sorriso encantador.

A rainha o olhou e começou a andar pelo vasto corredor, suas pesadas saias de seda farfalhando enquanto se movia. — Por mais encantada que ficasse em visitar sua noiva, não é dela que estou falando, como bem sabe.

— Oh, sério? — retrucou Corin, com indiferença ao se aproximar dela. Apesar de sua raiva, beijou a bochecha oferecida, era um cavalheiro, afinal, lembrou a si mesmo. — Mãe, por favor, junte-se a mim no café da manhã.

— Não estou com fome — retrucou a rainha, cruzando os braços.

— Bem, eu estou — respondeu, seu tom desafiando-a a forçar a discussão no hall de entrada. Ela fez uma pausa e inclinou a cabeça com um sorriso tenso.

— Como quiser.

Corin foi na frente até a sala de café da manhã e sentou-se enquanto uma empregada lhe servia café e pãozinhos recém-assados. Ele empurrou os pãozinhos para o lado, pois na verdade seu apetite o abandonara quando viu o brasão da carruagem de sua mãe, e serviu-se de café.

Dispensando a equipe com instruções de que não deveriam ser incomodados, recostou-se e observou a rainha. Ela se levantou sob o escrutínio dele e foi até a janela, olhando para um céu carregado de nuvens

escuras. Ele descobriu o rosto dela muito mais pálido do que o normal, com olheiras escuras sob os lindos olhos. Corin se perguntou se ela havia dormido.

Era muito incomum ela trair qualquer sinal externo de seus pensamentos ou sentimentos. Sempre conseguiu um controle muito maior do clima em seu reino do que Corin jamais teve. Ele se perguntou se as emoções dela estavam tão desordenadas quanto suspeitava e se suas suspeitas sobre a causa, estavam realmente corretas, por mais improváveis que fossem.

— Eu sei que ela está aqui. — Ela não o olhou, mas continuou observando pela janela.

— *Ela...* tem nome — respondeu Corin, observando-a por cima da borda da xícara de café.

— Não duvido — disse, seu tom afiado enquanto se voltava para ele. As nuvens escuras visíveis através da janela pareciam destacar seu lindo rosto e o perigo naquela expressão intransigente. — Mas não desejo saber. Você a entregará ao Rei Auberren.

Corin largou a xícara de café e recostou-se na cadeira, aparentemente bastante à vontade. Franziu os lábios, sustentando o olhar dela e descobrindo que estava cansado demais dos jogos de sua mãe para tentar acalmá-la. — Não, mãe, acho que não.

A rainha caminhou em direção a ele, com as mãos fechadas nas saias. — Você fará o que eu digo! — ela se enfureceu, e sua voz estava severa. — Você ainda não é rei, meu filho.

Os olhos de Corin endureceram e se lembrou de todos os motivos pelos quais não poderia simplesmente arrancar o reino das mãos dela agora, apesar de poder fazer isso com uma facilidade que aterrorizaria qualquer um que soubesse disso.

— Mesmo assim — retrucou, não impressionado com a demonstração de temperamento dela. — Não farei o que a senhora tão encantadoramente pede.

Ela caminhou pelo resto do cômodo com os olhos brilhando. — Eu sempre posso prendê-lo por sua desobediência, sabia?

Corin sentiu um lento sorriso crescer ao perceber que essa ameaça, que o assustou até a obediência em sua juventude, há muito havia perdido qualquer poder sobre ele. Apesar de como a tinha assustado com sua fúria apenas algumas horas antes, ela parecia determinada a ignorar o quão poderoso seu filho havia se tornado. Talvez pensasse que ele ainda iria se submeter porque era sua mãe. Estava errada. Logo a faria perceber o quão errado era tirar o Reino dela, mas essa era uma luta que Corin não começaria esta manhã. Já havia problemas suficientes em seu prato por um dia.

Ele pegou um dos pãozinhos, partiu-o ao meio com cuidado e colocou os pedaços no prato. — Gostaria de vê-la tentar, querida — respondeu, em tom suave.

— Não me force a fazer isso, Corin. — Ela apontou para ele, o rosto implacável e Corin pôde entender muito bem por que a maioria no reino se curvaria à sua vontade. — Há problemas maiores a considerar do que a vida

de uma menina. Poderíamos enfrentar uma guerra.

Levantando-se com um movimento fluido, Corin ergueu-se e encarou-a, a raiva queimando sob sua pele com tal poder que sabia que toda a casa estaria formigando com ela. Viu a rainha estremecer de satisfação. — Você se atreve a jogar isso na minha cara agora? — disse, sua voz perigosamente baixa. — Quando foi a senhora quem nos colocou nesta posição? Levá-la não foi um problema para a senhora antes de descobrir que ela prendia a atenção de seu amante de uma forma que nunca conseguiu.

Ela atacou, dando um tapa no rosto dele com tanta força que um de seus muitos anéis cortou sua bochecha. — Como ousa! — gritou, quase tremendo com a violência de sua raiva.

Corin deu-lhe um sorriso sombrio, convencido de que suas suspeitas estavam realmente corretas. — Bom, vamos encarar os fatos, minha querida, se eu não ousar, quem o fará?

A luz do dia foi devorada pelo acúmulo de nuvens roxas profundas que tomavam o céu e os lançavam nas sombras. A iluminação enfraqueceu a escuridão, iluminando a sala com seu brilho.

— Você nunca conseguiu o controle de suas emoções, não é? — disse a rainha enojada, seu lindo rosto contorcido em um sorriso de escárnio.

— Não, mãe — ele respondeu, olhando-a e se perguntando como conseguia odiar alguém que amava tão intensamente. — Nunca alcancei sua habilidade para mentiras e subterfúgios, mas suponho que ainda há tempo.

A rainha ergueu o queixo, sabendo tão bem quanto ele que sua explosão revelara mais do que queria. Deu um passo para longe dele.

— Suponho que sua relutância em entregá-la significa que ela se tornou do seu *interesse*? — disse, seu tom baixo e astuto agora. — Imagino que o poder de uma descendente de *Le Guérisseur* seria uma conquista irresistível para você — acrescentou ela rindo. — Devo admitir que pensei que Claudette pudesse ter prendido sua atenção por mais tempo depois de todos os seus protestos de amor por ela. Eu o julguei mal.

O trovão explodiu no alto, sacudindo a casa até os alicerces com tanta violência que a rainha deu um grito de alarme, afastando-se dele. Rapidamente recuperou a compostura e olhou-o com desafio, mas Corin sabia que ela havia avaliado mal a profundidade de sua raiva e seu poder.

Corin se aproximou dela e falou em um tom gentil que só parecia realçar sua raiva. — Eu ajo como ajo porque ainda tenho algum senso de decência e honra, apesar de seus ensinamentos eloquentes — respondeu, vendo os olhos dela se arregalarem enquanto se aproximava perguntando-se o que via nele agora. Ela tinha alguma ideia do que estava enfrentando? — A garota está com medo, e até que eu tenha uma solução irei protegê-la de você, dos Light Fae e de qualquer outro que queira tomá-la e usá-la para seus próprios fins. Não me subestime, minha querida, seria um grave erro. — Fez uma pausa, olhando-a e esperando que visse sua determinação, pois sofreria se ousasse frustrá-lo. — Quanto a Claudette — continuou estendendo a mão e

deslizando-a em volta do pescoço elegante da mãe, sem apertar, não fazendo a menor pressão, mas a ameaçando implicitamente. — É ela, e nunca haverá outra, e se novamente se atrever a sugerir algo dessa natureza, posso esquecer o fato de que sou seu filho e agir de acordo. — Corin deixou a mão no lugar por um momento, sentindo o coração dela palpitar de terror sob a ponta dos dedos. Não havia satisfação em seu medo dele. Nunca em sua vida havia ameaçado uma mulher com violência e não tinha intenção de machucar fisicamente a própria mãe, mas a mulher era uma ameaça, e uma rainha. Suas ações poderiam mergulhá-los em uma guerra para a qual estavam mal preparados e ela teria que ser contida, por todos os meios necessários. Não importa quão desagradável fosse.

Corin voltou ao seu lugar e serviu-se de mais café. Erguendo a xícara, fez uma pausa. — Acredito que fui claro?

— Perfeitamente — disse ela, com a voz um pouco instável enquanto lhe dava as costas e olhava pela janela para a massa rodopiante de nuvens que pairava baixa sobre a paisagem.

Corin sorriu, embora não houvesse humor nisso. Conseguira assustá-la, o que era raro. Era isso que pretendia e descobriu que isso o deprimia mais do que poderia expressar.

— Onde está Dannon? — perguntou, sua voz muito indiferente.

Corin bufou de desgosto. — Fiquei me perguntando quando chegaríamos até ele.

— Quero vê-lo. — A rainha estava de costas para ele, Corin não ficou surpreso.

— Certamente — respondeu ele, observando-a com curiosidade cada vez maior. — O que, porém, pretende fazer com ele?

Ela se virou com o rosto vermelho de raiva. — Isso não é da sua conta!

Ele riu, descobrindo de repente que ela não era diferente de nenhuma outra, afinal. Esse grande poder em sua vida, essa rainha que o fez dançar conforme sua música e o envolveu em suas tramas e intrigas até que ficou tão tonto que mal conseguia respirar, era falível, afinal. — Oh? Mas como ele é um hóspede em minha casa, acho que isso é da *minha* conta sim.

Ela ergueu o queixo e olhou-o. — Não vou sair daqui sem ele.

Corin cruzou as pernas e se abaixou para arrancar um pequeno pedaço de fiapo do joelho. Olhou-a com uma expressão entediada. — Por mais que sua companhia seja uma alegria para mim, mãe, sinto que *irá* embora em breve, com ou sem ele.

— Não me importo, a garota é sua — disse, brava, e Corin viu a forma como seus punhos estavam cerrados ao lado do corpo. — Faça com ela o que quiser, mas se as terras mergulharem na guerra não haverá dúvidas sobre onde reside a culpa!

— Ah, sem dúvida alguma — respondeu, segurando o temperamento por um fio.

— Mas quero Dannon — acrescentou, com fúria e tanta paixão que Corin

teve que rir.

A rainha corou e se virou.

— Deuses, mãe — disse Corin, dividido entre nojo e pena. — Será mesmo que a senhora finalmente encontrou alguém que ama?

A rainha não respondeu, mas ficou olhando pela janela mais uma vez.

Corin a olhou e se perguntou se a mãe tinha alguma ideia do mal que havia causado ao longo dos anos, a ele, ao pai, a qualquer pessoa que já tivesse cuidado dela.

— Nunca pensei em ter pena de Dannon — disse ele, com a voz suave. — Mas acho que agora tenho. Ser amado pela senhora é de fato um castigo mais profundo do que qualquer coisa que eu pudesse imaginar.

— Traga-o para mim. — Sua voz estava fria como gelo e Corin teve pena dos súditos de seu reino, estariam sofrendo o pior tipo de clima neste momento.

— Quero sua garantia de que nenhum mal acontecerá a ele — disse, se perguntando por que agora se sentia tão responsável por um homem que sempre odiou com tanto vigor.

Ela se virou para ele mais uma vez, um sorriso de escárnio manchando seu lindo rosto. — Você me acusa de amá-lo e depois sugere que eu arrancarei sua cabeça?

Corin riu, embora estivesse longe de ser um som feliz. — Ser amado pela senhora é uma coisa perigosa, minha querida. Disso eu sei.

— E por que se importa? — retrucou, balançando a cabeça. — Você queria a cabeça dele em uma lança desde que me lembro.

Ele assentiu e estendeu as mãos enquanto apresentava seu argumento. — Tudo se resume àquela simples questão de honra, sabe? Receio que não entenda.

A rainha o olhou rígida de fúria.

— Traga-o para mim... agora!

CAPÍTULO 21



Um estrondo profundo percorreu o cérebro sonolento de Claudette e ela esticou o braço procurando o corpo quente ao seu lado. Forçando a abertura das pálpebras pesadas, suspirou de decepção quando confirmou que o lado da cama de Corin estava realmente vazio. Desta vez, um estrondo ensurdecedor de trovão sacudiu a cama, a casa e as vidraças. Sentou-se na cama com um suspiro de alarme. De repente, bem acordada, Claudette correu até a janela e encontrou o céu cheio de nuvens raivosas e escuras, e o bastão da rainha, tentando desesperadamente acalmar os cavalos presos à sua carruagem.

— *Putain!* — murmurou, antes de pegar um pesado roupão de cetim.

Amarrando-o com segurança enquanto corria para fora da porta, desceu as escadas o mais rápido que pôde.

Malen ergueu os olhos de sua posição, pairando perto da porta da frente e parecendo ansioso enquanto vários outros funcionários espiavam pelas portas com olhares preocupados em seus rostos.

Claudette estava bem ciente de que o relacionamento de Corin e sua mãe era um tanto volátil para dizer o mínimo e a equipe estava acostumada com tempestades regulares quando ia visitá-lo. Pelas expressões assustadas deles, no entanto, percebeu que não se tratava de uma briga comum.

— Tenho certeza de que não há nada com que se preocupar — disse ela, com o sorriso mais brilhante que conseguiu, enquanto seu estômago estava em nós. Rezando para que parecesse mais confiante do que realmente estava se sentindo, os dispensou. A última coisa que Corin iria querer era uma audiência. — Voltem para o trabalho, por favor.

As criadas fizeram uma reverência e saíram correndo. Malen fitou-a com um olhar sério e Claudette soube que não o havia enganado. — Estão na sala do café da manhã, senhora.

— Obrigada, Malen — agradeceu, antes de se dirigir até a porta.

— Se me permite a ousadia... — acrescentou o mordomo, correndo para o seu lado enquanto ela agarrava a maçaneta da porta. — Não tenho certeza se deveria entrar aí, minha lady.

Claudette sorriu e deu um tapinha em seu braço. — Nem eu, para ser sincera, mas vou. — Os dois pularam quando a iluminação dividiu o céu, enchendo o hall de entrada com luz branca. As vozes elevadas do outro lado da porta eram muito audíveis. — Por favor, vá e tente tranquilizar a equipe, Malen — disse ela, sentindo-se bastante mal com a ideia de colocar os pés dentro da sala. — Tenho certeza de que isso acabará em breve.

O mordomo assentiu enquanto Claudette se preparava para enfrentar a rainha. Não era algo que fazia de ânimo leve, mas ficaria ao lado de Corin mesmo que estivesse morrendo de medo. Respirando fundo, abriu a porta.

O cômodo geralmente ensolarado estava escuro, iluminado apenas por relâmpagos ocasionais do lado de fora, brilhando nas muitas molduras

douradas que revestiam as paredes. Corin estava sentado na cabeceira da longa mesa, recostado na cadeira, com as pernas cruzadas. Sua linguagem corporal mostrava que estava à vontade, mas a expressão em seu rosto era dura, implacável.

— O que diabos está acontecendo? Os funcionários estão todos morrendo de medo — Claudette disse, seu tom leve enquanto atravessava a grande sala até Corin, sorrindo para ele como se isso fosse uma coisa menor para ser ridicularizada.

— Isso não é da sua conta, Claudette, por favor, deixe-nos — a rainha retrucou, parecendo completamente irritada.

Corin olhou carrancudo para sua mãe e outro estrondo profundo de trovão estremeceu pela casa. — É inteiramente assunto dela. Claudette será rainha um dia — disse ele, acrescentando com bastante despeito no tom: — Gostaria que ela visse como *não* fazer isso.

Claudette olhou para a rainha com interesse. Não achava que já a tinha visto tão emocionada. Geralmente estava no controle, seus sentimentos bem escondidos, revelando apenas o que queria que fosse visto. Agora parecia furiosa e frustrada e como se estivesse à beira de um acesso de raiva.

— Corin, posso ser sua mãe — respondeu ela, avançando para ele. — Mas, mais dessa insolência e mando prendê-lo!

— Sobre o meu cadáver! — Claudette gritou, a raiva superando a prudência. Moveu-se para ficar atrás de Corin, colocando as mãos em seus ombros e olhando para a rainha com total fúria. — Como ousa entrar aqui a esta hora da manhã, sem avisar... sem chance de prepararmos o pessoal para o que estava por vir. É puro egoísmo.

Olhou para baixo e viu Corin fitando-a com uma mistura de orgulho e surpresa. Ele estendeu uma mão até onde a dela estava apoiada em seu ombro e agarrou-a com força. Virou-se para sua mãe e deu-lhe um sorriso zombeteiro. — O que ela disse... *querida*.

A rainha estreitou os olhos para Claudette. — Muito corajosa, minha querida. Eu estava certa... você tem as qualidades de uma rainha, mas não cometa o erro de interferir nos meus assuntos. Vai se arrepender disso.

Corin fez um barulho de raiva exasperada. — Posso prometer-lhe de todo o coração que ambos gostaríamos de ficar o mais longe possível de seus assuntos. Nesta ocasião, porém, nos deixou pouca escolha no assunto. — Corin respirou fundo e Claudette pôde sentir a tensão vibrando sob suas mãos, a magia formigando em sua pele enquanto fazia um esforço supremo para controlar seu temperamento. — Agora — continuou —, se deseja ver Dannon, terei sua palavra de honra, se tal coisa existir, que nenhum mal lhe acontecerá.

A rainha bufou, olhando brava para o filho. — Ele vai continuar com sua cabeça no lugar.

Corin balançou a cabeça e Claudette percebeu que ele conhecia bem os jogos de palavras que a rainha tanto gostava. — Não faça *nenhum mal*, mãe. Sua palavra, por favor.

— Nenhum mal! — As palavras foram ditas com um olhar que sugeria que estava prestes a atirar coisas. — Tem a minha palavra — acrescentou, com a voz baixa de fúria.

— Muito bem, vou mandá-lo até você. — Corin se levantou, segurando com força a mão de Claudette. — Venha, *ma belle*, preciso de um pouco de ar fresco.

Muito feliz por se afastar da atmosfera tóxica da sala, Claudette correu atrás dele. Uma vez fora da porta e do alcance da voz, Claudette se lançou sobre Corin, segurando-o com força.

— Não vou deixá-la levá-lo embora! — ela disse, ouvindo o medo em sua própria voz enquanto olhava para ele. — A rainha não iria mesmo... iria?

Corin alisou as mãos sobre o material sedoso que cobria suas costas até que deslizaram para descansar em seus quadris. — Não seria a primeira vez — disse ele, com um sorriso pesaroso. Conduziu-a através do corredor até a privacidade de sua biblioteca.

— Ela já o trancou antes? — Claudette exigiu incrédula. Sempre soube que a rainha era implacável, afinal ela mesma tinha sido vítima de suas maquinções. Isso, entretanto, estava além de tudo que havia imaginado.

Corin riu da incredulidade nos olhos dela. — Sim, *ma belle*, em diversas ocasiões em que a desafiei.

— O que aconteceu? — ela perguntou, sentindo-se abalada. A rainha poderia realmente fazer isso com seu próprio filho? Mesmo agora?

— Meu pai geralmente intervém — respondeu Corin, puxando-a de volta para seus braços e brincando com uma mecha escura de seu cabelo. — Embora Laen tenha me salvado uma vez, quando meu pai estava longe demais para ajudar.

— Ela está completamente desequilibrada! — Claudette exclamou, perguntando-se o que seria necessário para prender uma rainha louca.

Corin balançou a cabeça. — Não querida, não está. Ela é inteligente, implacável e bastante determinada a conseguir o que quer, e é isso que a torna tão terrivelmente perigosa. — Ele suspirou e Claudette olhou-o, parecia cansado, sombras e fantasmas do passado e do futuro assombrando cada passo seu. Desejava tanto poder ajudá-lo. — Venha — ele disse, sem parecer gostar do que estava prestes a dizer. — Temo que devamos mandar Dannon para o seu destino.

— Certamente há algo que possamos fazer por ele? — perguntou, sentindo seu coração se compadecer dele. Quer Anaïs merecesse ou não seu afeto, um ponto do qual ainda não estava convencida, Dannon estava claramente apaixonado. Partiu seu coração pensar que depois de todos esses anos ele finalmente encontrara alguém, apenas para vê-la tirada dele.

— Infelizmente fiz tudo o que podia, pelo menos por enquanto — disse ele, e Claudette percebeu o arrependimento por trás de suas palavras. — Ofereci minha proteção a Anaïs, que os deuses nos ajudem, e minha mãe prometeu que não machucaria Dannon... pelo menos não fisicamente — acrescentou

com uma careta. — Mas tenho medo, *ma belle*, como diz o ditado... ele fez a cama, agora deve deitar-se nela.

Claudette olhou-o e assentiu, confiando nele. Sabia que Corin ajudaria Dannon se pudesse, independentemente de sua animosidade pessoal. Era um homem honrado.

Corin levou a mão dela aos lábios e beijou seu dorso, o toque mais leve e que ainda fazia seu pulso disparar como um rato assustado e Claudette respirou fundo. — Como é que ainda consegue fazer isso? — ela disse, rindo um pouco instável enquanto Corin virava a mão dela e beijava a palma, seus lábios se curvando em um sorriso contra sua pele.

— Tentarei nunca perder meu tato, meu amor — respondeu ele, parecendo divertido.

Ela acariciou sua bochecha com ternura. — Acho que é melhor deixar você falar com Dannon — respondeu, sem se preocupar em esconder o tom melancólico de sua voz.

Corin assentiu, parecendo igualmente pouco entusiasmado com a ideia. — Se você quiser, sim. Não gosto da tarefa, mas o homem sabe o que está por vir.

Ela assentiu e beijou sua bochecha antes de ir para a porta, onde fez uma pausa e olhou para ele com um sorriso malicioso. — Venha me encontrar o mais rápido que puder. — Sorriu com a expressão satisfeita dele e o deixou sozinho.



Corin soltou um suspiro e desejou o diabo para sua mãe e Dannon antes de chamar Malen. O mordomo de aparência severa apareceu momentos depois.

— Por favor, peça ao duque para me atender imediatamente — disse Corin, olhando para o fogo e desejando de todo o coração não ter que fazer isso. Não gostava do homem, isso não era segredo, mas não desejaria um coração partido para ele. Corin conhecia a profundidade desse desespero em particular muito intimamente para desejá-lo a alguém.

— Ele já está esperando por você no corredor, Vossa Alteza. Vou mandá-lo entrar.

Se Dannon estava nervoso ou arrependido, não era possível detectá-lo pelo seu comportamento. Era tão orgulhoso e refinado quanto qualquer homem que ostentasse o título jamais foi. Sua própria equipe chegou de madrugada, trazendo seus pertences e agora estava vestido da maneira digna de um Duque Élfico. Entrou na biblioteca e fez uma reverência formal. — Bom dia, Vossa Alteza.

Corin ergueu as sobrancelhas antes de se sentar e gesticular para Dannon fazer o mesmo. — Acho que não há nada de bom nisso.

Dannon deu-lhe um sorriso torto enquanto se acomodava na cadeira em frente. — Suspeito que, pela primeira vez, concordarei com você.

Não vendo sentido em rodeios, Corin decidiu acabar logo com isso: — Desculpe, Dannon e, por mais difícil que seja acreditar nisso, *estou* sendo

sincero. Ela está esperando por você na sala de café da manhã. Concordeu em deixar Anaïs sob meus cuidados e me prometeu que nenhum mal aconteceria a você... pelo menos isso. — Corin abriu as mãos num gesto impotente.

Dannon assentiu, mas Corin viu a esperança morrer em seus olhos. — Foi mais do que eu poderia esperar — disse ele, em voz baixa. Olhou para Corin e sorriu, pela primeira vez com seu belo rosto cheio de sinceridade. — Obrigado pelos seus esforços em meu nome, mas não estou muito preocupado com o que acontecer comigo agora. — Uma carranca juntou suas sobrancelhas escuras. — Anaïs, porém... — começou, e então parou, com a voz presa na garganta.

Pela primeira vez em seu longo e antagônico relacionamento, Corin sentiu uma profunda onda de simpatia pelo homem à sua frente. A ideia de ter que permanecer sob o poder de uma mulher que despreza e de nunca mais ver a mulher que ama... isso o levou a ignorar toda a sua história passada.

— Dannon — disse ele, inclinando-se para frente e esperando que pelo menos uma vez o homem confiasse nele. — Você tem minha palavra de honra, Anaïs estará segura. Eu a protegerei, não importa o que aconteça, e tentarei encontrar um meio pelo qual ela possa viver sua vida livremente.

Corin viu um pouco da tensão sair dos ombros de Dannon quando o homem fechou os olhos por um momento. Quando os abriu, parecia ter tomado uma decisão e, para surpresa de Corin, o duque levantou-se e ajoelhou-se diante dele.

— Sei que não estou mais em uma posição em que possa ser de alguma utilidade real para você, mas estarei para sempre em dívida e, se houver um momento, poderei ser útil...

Corin gesticulou para ele, sentindo-se mais do que um pouco nervoso. — Levante-se, Dannon, levante-se! — exigiu horrorizado. — Meu mundo está bastante tumultuado no momento entre esse desastre, as travessuras de Bram e Laen falando sobre seus *sentimentos*, que os deuses nos preservem. Se você realmente começar a me tratar com respeito, provavelmente terei um colapso nervoso!

Dannon riu e levantou-se novamente. — Como quiser. Confesso que não é algo que vem naturalmente para mim.

— Fico feliz em ouvir isso — retrucou Corin, sabendo muito bem que essa brincadeira tornaria mais fácil para o homem manter sua dignidade intacta. — Odiar você se tornou um hábito e não tenho certeza se quero parar — acrescentou. — Agora, é melhor seguir seu destino como um bom pequeno sacrifício antes que a rainha acredite que estou mantendo você longe dela.

Dannon assentiu e fez uma reverência rígida antes de sair da biblioteca.

Corin observou-o partir e não conseguiu afastar a sensação de tristeza que pairava sobre ele. Tinha a forte sensação de que acabara de pisar em uma estrada que o levaria por caminhos que não queria seguir. Mas isso foi feito. Agora tinha que ver quem se moveria primeiro.



Dannon ficou parado no hall de entrada por um momento, olhando para os brilhantes ladrilhos de mármore preto e branco do chão. Riu ao perceber que estava bem-posicionado, uma peça no tabuleiro de xadrez da rainha, e ela o tinha exatamente onde queria.

Lamentou as últimas palavras que dissera a Anaïs com o coração dolorido, mas seu ciúme pela atração dela pelo príncipe era forte demais para ser escondido. Não importava quantas vezes raciocinara consigo mesmo, explicara mental e repetidamente que todos eram atraídos por Corin por causa de seu poder, e que a própria magia de Anaïs só aumentaria essa força magnética, não importara, estava com ciúmes. No final, porém, era melhor que ela estivesse com raiva dele. Melhor para ela.

Olhou para a porta da sala onde a rainha aguardava sua presença. Não fazia sentido atrasar mais.

A rainha estava na sala do café da manhã, olhando para os jardins. A violenta tempestade estava começando a se dispersar e agora havia manchas de luz visíveis onde a pesada nuvem negra havia começado a se dissipar.

— Mandou me chamar, Vossa Majestade — disse, mantendo o tom formal. Faria isso por Anaïs, para mantê-la segura, mas não estava disposto a fingir que gostava.

— Esperava você antes disso, Dannon.

— Meu prazo era de três semanas — ele a lembrou, sem se preocupar em tentar acalmá-la, não adiantava nada.

— Sim — concordou ela, seu tom áspero. — Até que ficou claro para mim que você também não apareceria.

— Eu teria voltado majestade — disse ele, sem ter certeza se isso era mentira. Teria voltado logo, sabia disso, mas certamente não de boa vontade.

— Sim — disse ela, e só agora pôde ver a tensão em sua postura, a rigidez de seus ombros. — Mas não com a garota.

— Não, não com a garota.

Ela virou-se e ele a observou criticamente, perguntando-se o que o havia levado a uma confusão tão desesperadamente complicada. Seu cabelo estava preso em um coque intrincado, uma fina coroa dourada entrelaçada entre as grossas tranças. Seu vestido era de seda pesada, da cor de uma ameixa madura. A cor realçava sua delicada pele dourada como mel e o castanho profundo de seus olhos. A maioria dos homens olhava para ela e via uma mulher surpreendentemente bonita. Um homem que não a conhecesse teria dificuldade em não a achar desejável, mas a ideia de voltar para sua cama o fazia sentir-se enjoado. Desejou de todo o coração nunca ter demonstrado interesse por ela, mas era tarde demais para arrependimentos.

— Eu não a teria machucado — disse-lhe a rainha, sustentando seu olhar.

— Ela teria sido bem cuidada.

— Mesmo depois de descobrir que eu estava apaixonado por ela? — Dannon sorriu então, descobrindo que era bom dizer isso em voz alta. Ela estremeceu visivelmente com suas palavras e virou as costas para ele

novamente. — Que bobagem — disse ela, num tom enérgico, como se ele fosse um garotinho tolo, ansiando pela lua. — Você nunca amou ninguém além de si mesmo, Dannon. É por isso que sempre nos demos tão bem juntos, somos iguais.

Ele riu então, percebendo com uma onda de alívio que isso não era verdade. Não mais, pelo menos. — Não, Audrianne. Nós não somos.

Viu os punhos dela cerrarem-se e sorriu para si mesmo.

— Porque ela...? — Audrianne exigiu, e ficou surpreso ao descobrir que havia algo em seus olhos, algo mais profundo que raiva. — Houve inúmeras mulheres, muito mais bonitas que esta, muito mais divertidas. Nunca exigi fidelidade, por que esta operou tal mudança?

Dannon sorriu então, descobrindo que tinha prazer em falar sobre ela, mesmo em tais circunstâncias. Balançou a cabeça, certo de que devia parecer tão confuso quanto se sentia. — Tentei descobrir isso sozinho e a verdade é que não sei. Eu me considerava imune a tais sentimentos, mas talvez essa tenha sido minha ruína. Como disse, houve muitas outras que podem ter sido mais bonitas, ou mais experientes em prender minha atenção, mas... Anaïs não queria brincar comigo. Ela gostou de mim — disse ele, surpreendendo-se mais uma vez com esse simples fato. — Gostou de mim pelo que eu sou. Não tinha conhecimento da minha posição na vida, do meu poder ou riqueza. Não sabia nada sobre mim. — Seu coração doeu ao se lembrar da ocasião em que se conheceram e desejou não ter perdido tanto tempo. Dannon desperdiçou tantos momentos preciosos. — Fui muito rude com ela, sabe, ainda assim me enfrentou, até zombou de mim. Foi... refrescante.

Olhou para a rainha, mas Audrianne ainda permanecia de costas para ele. — Nunca mais a verá. — As palavras eram duras, frias e intransigentes, sabia que elas viriam.

— Eu sei.

A rainha virou-se, com os olhos fixos nele, cheios de curiosidade. — Professa seu amor por ela, mas desistiria dela tão facilmente?

Dannon sorriu e balançou a cabeça. — Não entende majestade. Nunca vou desistir dela. Anaïs tem meu coração e ele sempre permanecerá com ela, mas se eu precisar partir para mantê-la segura, então irei embora.

— Que nobre.

Dannon observou o sorriso de escárnio no rosto da rainha, o desgosto que sentia pelos seus sentimentos, e se perguntou como poderia tê-la achado bonita.

Sorrindo para ela, descobriu que suas palavras e seu ridículo não poderiam machucá-lo. Nunca poderia entender como ele se sentia. O desejo de aceitar o fato de que iria sofrer, em vez de deixar a mulher que amava sofrer em seu lugar, era novo para ele, não iria lutar contra isso. — Acho que, pela primeira vez na vida, desejo fazer a coisa certa.

Ela caminhou lentamente em direção a ele e colocou as mãos em seu peito, alisando-as sobre seu corpo, sob a jaqueta. — Farei um acordo com você, meu

amante. Virá comigo de bom grado e deixará claro para todos, *especialmente* para ela, que vem até mim porque deseja... porque é isso que deseja. — Dannon manteve o rosto sem expressão mesmo com o coração partido. Sabia, é claro, que esse seria o preço. Seu orgulho teria que ser acalmado e Anaïs teria que pagar o preço. Mas era jovem e adorável e iria se recuperar. — Meu tolo filho também caiu no feitiço de sua linda fada, temo — acrescentou com desgosto. — Como está determinado em protegê-la, apesar do risco para nossas terras. — Audrienne agarrou o queixo dele, forçando-o a olhar para ela, a encontrar seus olhos escuros. — Se agir como exijo, o apoiarei nessa empreitada tola e ela estará segura.

Dannon tentou encontrar a voz, mas parecia tê-lo abandonado.

— Tenho a sua palavra? — perguntou por fim, as palavras ásperas e cheias de emoção.

A rainha ergueu uma sobrancelha. — Enquanto continuar me divertindo, sim.

— E se eu falhar? — perguntou, já sabendo qual seria a resposta dela.

— Vou entregá-la ao Rei Auberren.

Dannon sentiu um arrepio em seus ossos que sabia que nunca iria embora enquanto vivesse, mas tirou sua mão de seu peito e curvou-se sobre ela. Externamente elegante e cortês como sempre, levou a mão dela aos lábios. — Então... estou às suas ordens.

A rainha olhou-o com desdém. — Sim, Dannon. Você está.

CAPÍTULO 22



Anaïs sentiu-se mal. Desejou poder retirar as últimas palavras que dissera a Dannon. Certamente nunca a perdoaria por ser tão rude com ele. Mas a própria culpa por seu comportamento a deixou irritada com a falta de compreensão dele e... Ah, isso era uma bagunça. O único amigo verdadeiro que tinha aqui, a única pessoa que parecia realmente se importar com ela, e o havia alienado. Anaïs perguntou-se sobre sua própria estupidez. Normalmente tão clara sobre a leitura das emoções de outras pessoas, não tinha visto a sua própria verdade. Só quando ele saiu do quarto e fechou a porta para ela percebeu o quanto queria que Dannon se virasse e dissesse que não importava, que estava lá para ela, não importando o que acontecesse.

Poderia estar com medo, lançada neste mundo estranho e assustador com seu poderoso príncipe e a ameaça de guerra pairando sobre todos eles, mas tudo isso parecia desaparecer à luz de uma verdade simples. Dannon era o tipo de homem que sonhara conhecer, amar, e se importava profundamente com ele.

Não podia deixá-lo acreditar que não, que não tinha o menor interesse em virar as costas para ele e tentar seduzir o príncipe, que francamente a assustava. A escuridão e os trovões lá fora serviram apenas para ilustrar seu grande poder. Dannon havia explicado a ela a conexão entre os governantes, suas terras e o clima, e sabia que o príncipe não estava de bom humor esta manhã. Orou para que a raiva dele não fosse dirigida a ela.

Lavando-se e vestindo-se o mais rápido que pôde, ficou grata quando a criada de Claudette voltou para ajudá-la. O vestido que lhe deram era realmente lindo, mas de outra época e difícil de vestir sozinha. Enquanto Maife se agitava ao seu redor, também disse a Anaïs que a terrível tempestade, que só aumentava de intensidade, era por causa da chegada da rainha.

Depois que Maife saiu, Anaïs sentou-se na cama enquanto seu estômago estava em nós. O poder da tempestade lá fora parecia que poderia destruir aquela casa grande, pedra por pedra.

A rainha estava ali por causa dela.

Final, o príncipe desistiria dela? Dizendo a si mesma para não ser tão tola, levantou-se e tentou agir como se fosse corajosa. Acreditava muito no poder da mente. Talvez se fingisse que era corajosa, se obrigasse a acreditar?

O príncipe tinha dado a sua palavra, lembrou a si mesma. Ele não lhe parecia o tipo de homem que voltaria atrás em uma promessa. Dannon talvez não gostasse dele, mas até ele confiava no príncipe o suficiente para procurá-lo. Não sabia muito sobre este mundo, mas entendia o suficiente para perceber que precisaria de aliados poderosos se não quisesse ser tratada como uma mercadoria. Teria que confiar no príncipe também.

Caminhando até o espelho, Anaïs olhou surpresa para essa nova versão de

si mesma. As mãos hábeis da empregada haviam feito algo extraordinário com seu cabelo loiro, normalmente rebelde, estava preso em sua cabeça num estilo lisonjeiro, com pequenos cachos emoldurando seu rosto. Sorriu para seu reflexo, apesar da ansiedade em seu estômago, e esperou que Dannon aprovasse.

Antes que pudesse procurá-lo, porém, tinha um dever para com sua paciente.

Relâmpagos rasgaram o céu, trovões explodindo no alto com tanta força que realmente se abaixou, com o coração batendo alarmado. Ela se perguntou se Océane estaria achando a tempestade igualmente estressante. A pobre mulher certamente não precisava de mais choques.

Correndo para o quarto, encontrou Océane sentada na cama, bastante imperturbável, com uma xícara de chá.

— Você está bem? — Anaïs perguntou alarmada. — Tive medo de que a tempestade pudesse tê-la assustado — disse ela, enquanto um trovão irrompia sobre o prédio mais uma vez. Gritou e correu para mais perto da cama, onde Océane a olhava divertida.

— Estou bem, obrigada. Eu me acostumei com esse tipo de coisa. Embora deva admitir, já faz um tempo que não vejo um assim — acrescentou, com olhos castanhos preocupados.

— Ele deve estar muito bravo, não é? — perguntou Anaïs, sentando-se na cama e descobrindo que queria que Océane a tranquilizasse e não o contrário.

Océane assentiu e colocou a xícara de chá na mesa de cabeceira. — Pelo que Laen me contou, a mãe dele é... — Ela hesitou, claramente procurando uma frase diplomática. — Uma mulher *difícil*. Não fica nada feliz se não consegue o que quer.

Anaïs empalideceu. — O que ela quer de mim? Mandou Dannon me buscar, mas agora...

Océane estendeu sua mão e apertou a de Anaïs. — Não sei, mas tanto Corin como Laen juraram protegê-la, e não creio que até a Rainha Audrianne entraria em guerra com o filho. Eles chegarão a algum tipo de acordo. — Outra explosão de trovão sacudiu os vidros das janelas. — Acho que talvez você devesse ficar aqui, fora do caminho, até que isso passe — acrescentou Océane, enquanto seus olhos se desviavam para as nuvens furiosas fervendo do lado de fora da casa. — Pode não ser uma boa ideia a rainha ver você até... bem, até que as coisas se acertem.

Anaïs mordeu o lábio de ansiedade. Realmente queria encontrar Dannon, mas achava que Océane estava certa, seria melhor para todos se ficasse longe. Então assentiu e sentou-se na cama para esperar a tempestade passar.



Claudette vagou pelos intermináveis corredores da grande casa sem nenhum destino específico em mente. Mesmo com a sua própria experiência da natureza tortuosa da rainha, simplesmente não conseguia acreditar no quão mal a mulher se tinha comportado.

Corin não era um homem que geralmente lutava para expressar seus sentimentos em palavras e não tinha a incapacidade de Laen de se comunicar sobre qualquer coisa pessoal, mas o único assunto para o qual tinha dificuldade em atraí-lo era a rainha. Ela se perguntou o que Corin havia sofrido por causa dela. Quando Audrianne ameaçou prendê-lo — *seu próprio filho* — Claudette, ficou doente e morrendo de medo. No fundo, acreditava que a rainha estava apenas atacando movida pela raiva. Quando Corin contou que ela já tinha feito isso antes... tudo assumiu uma perspectiva totalmente diferente.

Estava tão pensativa que, quando virou um corredor, não tinha ideia de que Laen estava vindo na outra direção e foi direto até ele.

— Ooof!

— Claudette! — exclamou ele, enquanto ela tropeçava. — Desculpe, você está bem?

Laen a agarrou pelos braços para impedi-la de cair no chão e ela assentiu, envergonhada. — Sim, estou bem. *Je suis désolée*, a culpa foi minha. Estava a quilômetros de distância.

— A rainha? — perguntou ele.

Claudette fitou seu rosto triste e viu simpatia em seus olhos e assentiu, mordendo o lábio. — Ela ameaçou prender Corin — disse, apressada, querendo que houvesse outra pessoa que protegesse Corin.

— Oh, deuses — murmurou ele.

— Eu... eu acho que está tudo bem agora — acrescentou, mas ouvindo a dúvida em sua própria voz. — Chegaram a um acordo, mas... — Ela balançou a cabeça e olhou para ele perplexa. — Não acredito que a rainha realmente faria uma coisa dessas.

Laen deu uma risada curta, embora não fosse um som feliz. — As famílias reais podem ser tão disfuncionais quanto as de qualquer outra pessoa, garanto. É exatamente onde a maioria das pessoas só consegue bater portas ou expulsar o agressor de casa, temos a capacidade de trancá-los em masmorras e bani-los da terra.

— Ah, Laen — respondeu Claudette, sentindo-se mortificada ao se lembrar da terrível história de Laen. Sinto muito, não pensei.

— Não fique — disse Laen, caminhando para olhar o céu agitado. Virou-se para ela com um sorriso. — Acho que é um dos motivos pelos quais Corin e eu nos tornamos amigos, a mãe dele... meu pai.

— *Oh, Mon Dieu!* — exclamou ela, levantando as mãos. — É algo sobre ser da realeza? É o poder? Não quero me transformar em uma vadia fria assim.

Laen suspirou e encostou-se na parede, os braços enormes cruzados sobre o peito. — Sim, acho que o poder certamente tem efeito — respondeu ele, e Claudette respirou fundo. Esperava que ele afastasse seus medos, mas percebeu infelizmente que estava certa. — Você terá que desenvolver uma aparência dura só para sobreviver ao tribunal — acrescentou ele, com os olhos

sombrios de advertência e ela sentiu um arrepio percorrer suas costas. — Não é uma vida fácil, Claudette. Mas não, na verdade não creio que haja qualquer possibilidade de você se transformar em Audrienne. Além disso, a Rainha dos Light Fae Luz é uma mulher adorável.

— É? — Claudette sentiu um pequeno raio de esperança, talvez não estivesse destinada a se tornar uma monarca louca.

— Sim — ele assentiu, um leve sorriso aparecendo em sua boca. — É só o marido dela que é um maluco idiota.

Os ombros de Claudette caíram enquanto marcava outro golpe contra a probabilidade de sobreviver como rainha com sua sanidade intacta. — Oh.

— Muitos anos de consanguinidade para todos nós, membros da realeza, infelizmente. — Laen riu da expressão horrorizada no rosto dela. — Oh, não mais — disse, erguendo a mão antes que ela pudesse explodir de tanto horror. — Mas já foi comum primos se casarem com primos, ou pior, assim como no seu mundo. Era imperativo manter a linhagem pura. Isso leva à loucura, é claro. — Laen deu de ombros e deu-lhe um olhar irônico, erguendo uma sobrancelha. — Certamente existem alguns personagens *instáveis* na minha família, posso garantir.

— E o Rei dos Light Fae? — perguntou ela, franzindo a testa.

— O Rei Auberren é um homem extremamente perigoso e não está em seu juízo perfeito — respondeu, com um tom tão baixo que Claudette começou a desejar não ter perguntado. — Fechou as fronteiras agora e nenhum de nós consegue descobrir o que está acontecendo em Solastire. Perdemos contato com nossos informantes lá e as únicas notícias que foram filtradas são profundamente preocupantes, para dizer o mínimo.

— Haverá uma guerra? — indagou ela. Uma onda de medo tomou conta de Claudette e quis correr para Corin, implorar-lhe que estivesse seguro, que nunca fizesse nada tolo ou heroico. Mas sabia que ele não era o tipo de homem que mandava outros para a guerra e ficava sentado confortavelmente. Prendeu a respiração com a ideia.

Percebeu Laen olhando-a com preocupação. — Acho que será difícil evitá-lo, a menos que consigamos chegar a um acordo com Auberren e descobrir o que ele tanto deseja esconder de nós.

— E isso não é provável?

Laen deu de ombros. — Corin é diplomático, há décadas é a maior força de Alfheim nas negociações. O problema é que teria que lidar diretamente com o Rei Auberren. — Laen parou, parecendo estranho.

— E? — perguntou Claudette, intrigada com a súbita reticência de Laen.

— Auberren o odeia quase tanto quanto meu pai.

Claudette abriu e fechou a boca, e então suspirou. — Suponho que isso seja por causa da princesa que ele seduziu? Aquela que Bram mencionou ontem à noite?

Laen esfregou a nuca e evitou o olhar dela. — Bem... isso não terá ajudado, é verdade. O certo é que não sabemos por que Auberren se opôs tão

veementemente a ele. Esse incidente foi uma vergonha para o rei, mas..., mas mesmo um louco não se arriscaria a antagonizar os Elfos por algo relativamente mesquinho. Não, há uma força muito mais profunda em ação aqui.

Ele se virou para olhar pelas janelas, falando o que pensava como se estivesse dizendo para si mesmo. Laen olhou para cima e obviamente viu o impacto que suas palavras causaram nela. O coração de Claudette estava preso na garganta e podia acreditar que estava branca como um lençol.

Sabia que Solastire era o maior dos três Reinos, muito maior que Alfheim. O fato de o rei louco aparentemente querer a cabeça de Corin em uma bandeja não era um pensamento tranquilizador.

— Claudette, eu... — Laen começou parecendo mortificado. — Sinto muito, nunca deveria ter falado.

— Não — respondeu Claudette, balançando a cabeça. — Estou grata. Não quero ser protegida e mantida no escuro. Jurei fazer parte deste mundo, compreendê-lo e fazer o que pudesse para desempenhar o meu papel. Não posso fazer isso se as pessoas não forem honestas comigo. Se Corin estiver em perigo, é necessário tomar medidas. Seus guardas foram notificados?

Laen assentiu, os olhos cheios de aprovação. — Falei com o *Stallari* dele, o Eavan, e ele está bem ciente da situação.

Claudette soltou um suspiro, pelo menos isso era alguma coisa.

— Onde está Corin, afinal? — perguntou Laen. — Estava indo encontrá-lo.

— Estava na biblioteca esperando para falar com Dannon quando saí.

Laen fez uma careta, balançou a cabeça e murmurou: — pobre diabo.

— Eu sei — respondeu Claudette. — Gostaria que pudéssemos fazer algo por ele e Anaïs, para mantê-los juntos.

Laen assentiu em concordância, mas seus olhos estavam sérios e alertas. — Eu também, mas essa é uma luta da qual precisa ficar bem longe. A rainha não permitirá que fiquem juntos e qualquer pessoa que interfira nisso lamentará muito. — Laen suavizou as palavras com um sorriso antes de se virar e seguir pelo corredor.

Claudette suspirou. Ainda não confiava em Anaïs, mas obviamente havia algo entre ela e Dannon e não conseguia evitar sentir pena da garota. Ela se perguntou se Anaïs o amava. Considerou o que faria se alguém lhe tirasse Corin? Franziu a testa ao chegar à porta do quarto e se perguntou sobre sua própria determinação. Talvez o poder que usava como noiva de Corin já tivesse surgido, pois era uma resposta simples... ela os mataria.



Laen parou no topo da escada. Podia ver Dannon, a mão apoiada na maçaneta da porta da sala de café da manhã. Observou enquanto o duque se preparava para seu destino e abria a porta. Pobre coitado. Laen desceu as escadas e bateu na porta da biblioteca.

— Entre.

Ele entrou e encontrou Corin olhando para uma pintura de seu avô, o rei

anterior, aparentemente perdido em pensamentos.

— Parece que você está tendo uma manhã divertida, meu amigo — comentou Laen, notando a tensão em torno de seus olhos dourados.

Corin bufou e se virou com uma sobrelanceira erguida em indagação. — Divertida? Bem, se é assim que você enxerga as coisas.

— Suponho que Dannon tenha ido arriscar sua cabeça.

Ficou surpreso ao ver um certo arrependimento nos olhos de Corin. Depois de tantos anos de ódio contra Dannon, poderia ser fácil supor que Corin ficaria satisfeito com esta reviravolta. Mas isso seria prestar um grave desserviço ao amigo. Corin era sem dúvida a pessoa mais justa e misericordiosa que Laen já conheceu e nunca duvidou que defenderia Dannon, não importa o que acontecesse.

— Sim, ele foi — respondeu Corin, com um sorriso torto nos lábios. — Embora, não apenas figurativamente.

Laen bufou e sentou-se em uma das poltronas de couro perto da lareira. — Bem, já adivinhava.

— É sério? — Corin sentou-se na cadeira em frente ao seu rosto, incrédulo. — Quer dizer que nunca pensou que eu aproveitaria a oportunidade para me livrar dele de uma vez por todas?

Reprimindo um sorriso, Laen balançou a cabeça. — Não.

Corin franziu a testa e cruzou uma longa perna sobre a outra, puxando uma das pequenas tranças tecidas em seu cabelo com ar distraído. — Que decepcionante — respondeu ele, com as sobrelanceiras escuras unidas. — Pensei que poderia lhe dar pelo menos um momento de preocupação.

Laen bufou divertida. — E quanto a Anaïs?

Dando de ombros, os olhos de Corin escureceram e Laen pôde ver sua preocupação sem ter que ouvi-lo dizer isso em voz alta. — Ficará aqui, embora só os deuses saibam o que devo fazer com ela. Terei de falar com Auberren, tentar encontrar algum tipo de compromisso. — Disse isso levemente, como se falar com o rei Auberren não fosse como colocar os pés na cova dos leões e desnudar a garganta.

Por um momento, Laen ficou sentado em silêncio, perturbado demais com a ideia para saber exatamente o que dizer em seguida. — Não tenho certeza se o rei Auberren sabe o que significa a palavra compromisso, não mais — disse ele depois de um tempo.

Corin bufou e olhou para ele com irritação. — Bem, obrigado pelo incentivo, Laen.

Laen enfiou o pé sob uma pequena mesa e puxou-a em sua direção, colocando os pés para cima e ignorando o olhar de aborrecimento de Corin ao fazê-lo. — Não adianta encorajá-lo se você está fadado ao fracasso. Não vejo por que deveria estar entusiasmado com o fato de se colocar em uma situação em que poderia ser sequestrado e mantido sob resgate... ou pior — acrescentou, em tom sombrio.

Corin continuou franzindo a testa para os pés grandes de seu amigo

apoiados na delicada mesa antiga e suspirou. — Vejo que veio tentar levantar meu ânimo. — Laen bufou com seu tom sarcástico enquanto Corin continuava cada vez mais indignado. — Devo simplesmente me atirar do penhasco mais próximo e acabar com isso?

Laen franziu os lábios por um momento, como se estivesse considerando a ideia, antes de balançar a cabeça. — O penhasco mais próximo fica a pelo menos três dias de viagem, perderia a vontade antes de chegar lá — observou, com apenas um leve movimento nos lábios.

Esta observação foi recebida com um estreitamento daqueles olhos dourados. — Droga, Laen, isso é sério. Se eu quisesse atormentar minha mãe, poderia fazer um trabalho muito mais completo do que você!

Laen ergueu as mãos. — Eu sei, eu sei — disse ele, sorrindo para o amigo com simpatia. — Peço desculpas. Vou me comportar, prometo. — Corin revirou os olhos para ele e suspirou, e Laen esperou antes de acrescentar: — Ouvi dizer que ameaçou trancá-lo novamente. Ela estava falando sério?

— Você falou com Claudette? — perguntou Corin, olhando para ele. Laen fez uma careta quando seu estômago roncou audivelmente em protesto por ainda não ter tomado o café da manhã. Corin bufou divertido. — Você também tem evitado a sala de café da manhã, pelo que vejo — disse com um sorriso irônico, e levantou-se para tocar a campainha ao lado da lareira. — Oh, sim — acrescentou, com um suspiro. — Ela estava falando sério.

Malen apareceu e Corin ordenou que trouxesse o café da manhã para os dois na biblioteca, visto que nenhum deles tinha intenção de passar perto da sala de café da manhã tão cedo.

— O que você disse? — perguntou Laen, com um tom suave ao se lembrar de uma época, não muito tempo atrás, nas profundezas da floresta do mundo humano. Observou Corin tentar liberar parte do poder que carregava, fazendo-o brilhar com ele, mesmo naquele mundo. Ele o forçou nas árvores ao redor deles, fazendo-as crescer e envelhecer como se séculos tivessem passado ao seu redor. Acres e mais hectares de árvores envelheceram, murcharam, apodreceram e cresceram novamente conforme os segundos passavam, e Laen assistia com medo crescente ao ver o poder que seu amigo podia exercer. Se Corin tivesse feito isso ali, Laen não teria ficado surpreso, mas lá, naquele mundo... Não era normal, mesmo para os Fae da realeza.

Corin respondeu à pergunta com um sorriso sombrio, seus olhos cintilando com um brilho perigoso. — Disse que gostaria de vê-la tentar.

Com uma súbita onda de pressentimento, Laen olhou para o amigo, perguntando-se, não pela primeira vez, quais segredos o homem guardava. — Acha que ela sabe que você realmente poderia impedi-la se quisesse?

— Oh, acho que ela entendeu a mensagem agora — disse, com um sorriso malicioso que lembrou a Laen a profundidade de sua amizade e tudo o que passaram juntos. Se alguém era capaz de exercer um poder tão vasto para o bem, esse alguém era Corin.

Laen soltou um suspiro que não percebeu que estava prendendo e se

repreendeu por se sentir um pouco inseguro sobre ele.

— Acho que a rainha entendeu a mensagem — disse, em tom grave. — Tenho que admitir, aquela tempestade me deu medo e sei do que você é capaz.

Corin bufou, acreditando que Laen estava brincando, o que de fato estava, pelo menos em parte. — Idiota — ele respondeu, enquanto se sentava novamente.

— Mas você faria isso? — Laen perguntou, tirando as botas da mesa e se sentando de frente para sua cadeira. — Iria derrubá-la e assumir o controle do Reino?

Reparou com um olhar intenso enquanto o rosto de Corin escurecia. Havia tantos problemas por trás daqueles olhos dourados. Por fim, balançou a cabeça, embora Laen sentisse relutância. — Não. Prometi ao meu pai que faria tudo o que pudesse e esperaria até depois do casamento, mas... — O rosto de Corin se fechou e Laen sentiu que estava prestes a dizer algo importante.

— Mas?

Corin sorriu, mas o calor não alcançou seus olhos. — Nada. Só que minha mãe está tentando transformar até mesmo um acontecimento feliz em um campo de batalha.

Laen o estudou e se perguntou o que realmente iria dizer. Corin olhou novamente para o semblante carrancudo de seu avô, o Rei Gorand. — Fico me perguntando o que teria acontecido se meu pai fosse mais parecido com seu próprio pai. Nunca teria deixado minha mãe correr solta como faz.

— Não! — exclamou Laen, conhecendo muito bem as histórias do velho rei e seu lendário temperamento desagradável. — Provavelmente teria sido ela na masmorra.

— É verdade. — Corin bufou. — Deuses, que família! — Ele sentou-se, balançando a cabeça com ar contemplativo antes de se levantar. — A propósito, tenho uma coisa para você — disse, com um tom divertido na voz.

Laen olhou para cima, franzindo a testa. Sabia muito bem que a diversão de Corin muitas vezes acontecia às suas próprias custas. De alguma forma, não ficou surpreso com a pequena caixa que voou até ele. Temeroso, estreitou os olhos para Corin com curiosidade.

— O que é isso?

— Um presente — respondeu Corin, uma leve contração no canto da boca que só deixou Laen mais nervoso.

Com receio, levantou a tampa da elegante caixa de couro e soltou um palavrão enquanto olhava furioso para Corin.

A risada de Corin foi profunda e sincera. Ela o envolveu enquanto seu amigo se recostava na cadeira, cruzando as pernas e olhando para ele com olhos dourados brilhantes.

— Qual é o significado disso? — rosnou Laen.

Corin enxugou os olhos e bufou. — Infelizmente não posso levar o crédito por isso. O Demônio enviou isto para cá, endereçado a nós dois. Entretanto,

suspeito que ele pretendia que você o usasse. Você não?

Laen olhou para o brilhante colar de diamantes, aninhado em seu leito de seda — a palavra *chien* realçada com rubis — e sentiu suas bochechas esquentarem. Deuses. Se alguma vez um homem precisasse de uma surra.

— Você tem que dar crédito a quem merece — disse Corin, com um tom seco. — O artesanato é incomparável. Nenhuma despesa foi poupada — acrescentou.

Laen cerrou os dentes, sabendo muito bem que Corin estava tentando irritá-lo. Se não dissesse nada, apenas se esforçaria mais. Mas não conseguia pensar em nada maldito para dizer.

— Você não vai experimentar? — perguntou Corin, levantando uma sobrancelha.

Laen decidiu que não havia nada a ganhar tentando implicar com Corin nesse estado de espírito e simplesmente jogou a caixa de volta para ele.

Corin pegou-a com uma mão hábil e suspirou, seus olhos traindo sua alegria. — Que pena — murmurou.

Laen estreitou os olhos para ele e manteve a boca fechada.

Malen voltou com uma bandeja de doces e um bule de café e os homens comeram amigavelmente por algum tempo em silêncio. Corin estava prestes a servir-se de um segundo doce quando ouviu uma batida na porta e Malen entrou na sala mais uma vez. — Sua Majestade exige uma palavra com você, Vossa Alteza.

Corin assentiu e Malen saiu da sala. — Droga — praguejou, bravo. — Aquela mulher maldita está decidida a me causar indigestão esta manhã. — Ele se levantou e olhou para Laen, seu rosto estranhamente inseguro. — Você vem comigo, não vem? Sinto necessidade de fortificação esta manhã.

Laen ficou surpreso, mas satisfeito com a exigência e sorriu para ele enquanto se levantava. — Eu o protejo, mano — disse, dando simultaneamente um tapinha no ombro de Corin de uma forma tranquilizadora.

Corin se virou e olhou-o, com expressão horrorizada. — O que você disse?

— Estou, conforme solicitado, fazendo esforços para aprender mais sobre o mundo humano. Océane me garantiu que é uma gíria do mundo deles, acredito que seja como dar seu apoio a um amigo homem — respondeu Laen, com a maior seriedade.

Corin ergueu as sobrancelhas com desdém e fez uma careta. — Por favor, nunca mais diga isso.

Laen reprimiu um sorriso e assentiu gravemente. — Como quiser.



Encontraram Dannon esperando no hall de entrada. Para a maioria dos olhos, parecia o mesmo de sempre, orgulhoso e desdenhoso, mas Corin podia ver o desespero silencioso que se agarrava a ele, envolvendo-o como uma mortalha.

— Dannon?

Ele se virou para Corin e Laen, e a impressão de um homem derrotado só foi reforçada pela expressão em seus olhos. — Está tudo arranjado — disse Dannon, num tom profissional e sem emoção. — Sua Majestade irá apoiá-lo para manter Anaïs segura.

Corin baixou a voz e esperou até que Malen deixasse os três sozinhos. — A que custo?

Esperou enquanto Dannon fazia uma pausa, talvez não querendo colocar aquilo em palavras na frente dos dois. — Devo ir com ela... *de boa vontade*.

Laen praguejou e balançou a cabeça.

— Sinto muito — respondeu Corin, descobrindo que realmente estava falando sério.

Observou Dannon dar de ombros e desviar o olhar dos dois. — Realmente não importa agora, desde que ela esteja segura.

— Você tem minha palavra, Dannon — disse Corin, se perguntando como ele poderia suportar isso. Corin se perguntou o que teria feito se a rainha tentasse tirar Claudette dele e sentiu um aperto no estômago. Mas o que ele faria para mantê-la segura?

— Estou contando com isso — disse Dannon, com uma expressão feroz. — Há mais uma coisa — acrescentou, a profundidade de seu sofrimento tornou-se aparente. Respirou fundo. — Ela... ela quer que Anaïs acredite que é isso que eu quero.

Corin sentiu uma raiva explosiva de sua mãe. — Não se preocupe, Dannon, com certeza contarei a ela a verdade sobre o assunto.

— Não. — Corin olhou surpreso para o duque, mas seu rosto estava decidido, Dannon havia decidido. — Não, não deve, eu imploro. Seria melhor para Anaïs se acreditasse. Não há futuro para nós e... seria preferível que pudesse me odiar. — Corin sentiu o coração apertar. Havia desprezado esse homem por tanto tempo, acreditando que era imoral e sem honra, e ainda assim, naquele momento, percebeu que estava errado. Neste momento desejou que houvesse algo mais que pudesse fazer.

Dannon encolheu os ombros, o gesto cansado de um homem com dor. — Ela vai esquecer de mim em breve e seguir com sua vida. Não gostaria que carregasse o peso da culpa por pensar que de alguma forma me sacrifiquei. Afinal, sou um tipo estranho de mártir. — Deu um sorriso zombeteiro, mas Corin percebeu a amargura por trás disso. — Afinal, há alguns homens que dariam tudo para estar onde estou — acrescentou.

— Mas esses homens são tolos — respondeu Corin, incapaz de esconder a própria raiva pela manipulação de sua mãe. O fato de sua atenção estar focada em alguém que não fosse ele, para variar, não parecia importar.

— Assim como eu — disse Dannon, com a voz cheia de pesar. — E agora pago o preço por isso.

Corin fez uma pausa. Tinha certeza de que, qualquer que fosse o relacionamento florescente surgido entre Dannon e Anaïs, não seria abandonado tão facilmente quanto o duque acreditava. Anaïs não seria fácil.

— Você tem certeza de que é o melhor para ela, Dannon — perguntou, desejando que o homem reconsiderasse. — Acreditar que nunca se importou com ela?

Observando-o com atenção, Corin viu claramente a luta interna por trás de seus olhos antes que pudesse responder.

— Com certeza.

Ele assentiu, sentindo um peso no coração pela dor que seria causada a duas pessoas sem culpa própria. Laen estendeu a mão grande e colocou-a no ombro de Dannon. — Você é um homem honrado, Dannon, e Audrianne não será rainha para sempre — acrescentou, baixando a voz.

Dannon sorriu, olhando para Corin. — Estou realmente ansioso por esse dia, embora possam achar isso difícil de acreditar. Mas temo que seja tarde demais para salvar esta situação específica.

Corin assentiu, descobrindo que acreditava nele, por mais surpreendente que isso fosse.

Todos os três homens se viraram quando uma voz ecoou pelo grande salão.

— Dannon!

Anaïs desceu correndo as escadas em direção a eles, seu lindo rosto corado de felicidade ao ver o duque. Corin notou a forma como os olhos de Dannon se iluminaram, apenas por um momento, antes que a luz se apagasse e seu rosto endurecesse.

— Vamos deixá-lo agora — disse Corin, colocando a mão no braço de Dannon por um momento. Dannon o olhou e Corin apertou um pouco seu braço, um gesto tácito de apoio entre eles. Virando-se, ele e Laen deixaram o duque sozinho.



Dannon nem ouviu as palavras de Corin enquanto os dois homens se afastavam para falar com a rainha, a única coisa em que conseguia se concentrar era a alegria no rosto de Anaïs, o prazer óbvio em vê-lo.

Vestida para o mundo deles, estava tão linda com um vestido azul-claro de linha império. Isso fez seus olhos cor de cobalto brilharem cada vez mais de felicidade, sua boca macia curvada em um sorriso que implorava para que ele a beijasse. Ela nunca brincou com ele, tentou fingir que não estava interessada em conhecê-lo, em amá-lo. Anaïs não pensava em enganá-lo ou manipulá-lo tanto quanto em voar para a lua. Não conseguia suportar a ideia do que tinha que fazer agora.

Anaïs correu até ele, deslizando sua mão na dele. — Oh, Dannon, sinto muito por ontem à noite, não foi de propósito. Eu... eu fui uma estúpida, para ser honesta... estava com ciúmes.

— Realmente não importa.

Nunca se odiou tanto quanto quando ela fez uma pausa e o primeiro lampejo de dúvida apareceu em seus olhos. Ela olhou-o, claramente imaginando o tom frio de sua voz.

— Ainda está com raiva de mim? — perguntou, com a voz insegura e cheia

de ansiedade agora.

— Nem um pouco, minha querida — disse ele, mal olhando para ela. Embora se ela soubesse por que não a encarava, não porque fosse um bastardo insensível que pensava que Anaïs não valia a pena, como estava insinuando. — Simplesmente não me diz respeito. — As palavras eram curtas e arrogantes e podia sentir a confusão dela, ansiava por estender a mão e dizer que não estava falando sério. Nunca.

— O que quer dizer? — perguntou, medo e dúvida aparecendo em sua voz. Com dificuldade, Dannon retirou sua mão da dela e se afastou.

— Quero dizer que meu trabalho terminou. Trouxe você aqui, para a rainha, e ela concordou com o filho. Agora estou finalmente livre para voltar à minha vida.

— S... sua vida?

Não conseguia olhar para ela. Sabia que se visse a expressão em seu lindo rosto, ficaria completamente arrasado. A dor em sua voz era insuportável o suficiente.

— Ora, minha querida — disse, as palavras acompanhadas de um sorriso de escárnio, destruindo as esperanças dela em relação a ele tão certamente quanto sabia que aconteceria. — Como você mesma observou corretamente, sou um duque e estou muito além de sua posição.

Podia sentir os olhos dela sobre ele como um toque físico, o desejo de puxá-la para perto e dizer-lhe que tudo era uma farsa tão grande que seu corpo estava tenso com a batalha para resistir.

— Não acredito em você — retrucou, agora parecendo irritada. Por um momento ele se alegrou, rezando para que nunca acreditasse, mas isso foi cruel. Muito cruel para deixá-la lamentar algo que nunca poderia acontecer de qualquer maneira. Uma ruptura limpa era mais gentil, pelo menos no longo prazo. — Por que está dizendo isso? — ela exigiu, puxando seu braço, uma cobrança silenciosa para que olhasse em seus olhos.

Dannon engoliu o nó na garganta e pronunciou as palavras que certamente a convenceriam de que ele era um bastardo de coração frio que a usou e agora a jogaria de lado.

— Porque não adianta mais continuar iludindo-a — ele respondeu, sua necessidade de fazer isso e parar a dor que paralisava seu coração tornando as palavras ainda mais duras e cortantes. — Como eu disse, meu trabalho está concluído agora e não preciso mais manchar a mim mesmo e a minha reputação com essa charada desagradável.



Anaïs sentiu como se houvesse algo enrolado em seu coração, apertando-o com tanta força que mal conseguia respirar. Estava sangrando internamente, por certo. Tinha que ser uma ferida física para infligir tal dor.

Anaïs respirou fundo, recusando-se a acreditar nele. Não era verdade! Não poderia estar enganada, *ela não poderia!* Ambos se viraram quando a rainha passou pelas portas e avançou sobre eles.

Anaïs ofegou ao vê-la. Nunca em sua vida tinha visto uma mulher tão bonita. Tudo era perfeito, desde a pele dourada como mel até os grandes olhos escuros. O poder que irradiava da mulher também não era apenas mágico. Tinha uma presença magnética, um carisma que seu único filho claramente herdou, junto com aquela figura de tirar o fôlego.

A rainha lançou um olhar depreciativo para Anaïs antes de se virar para Dannon, que lhe ofereceu o braço.

— Essa é ela? — perguntou, falando como se Anaïs fosse um animal idiota enjaulado que não conseguia entender suas palavras.

— Sim, meu amor — respondeu Dannon, e Anaïs sentiu o choque daquele carinho espetar seu coração com o cálculo frio de um golpe intencional.

— Entendo. — A rainha deu uma risadinha divertida. — Bem, pelo menos seu trabalho não foi muito árduo. — Audrianne se inclinou para Dannon, as mãos em seu peito enquanto seus olhos escuros se fixavam nos dele. — Devo ficar com ciúmes?

Houve um breve momento de hesitação antes dele responder: — Uma rainha com ciúmes da filha de um padeiro? Acho que não. —

Anaïs empalideceu com a risada fria que se seguiu às suas palavras.

— Dannon? — Foi pouco mais que um sussurro, mas sabia que ele a tinha ouvido, mas não se virou, não reagiu, e Anaïs observou enquanto escoltava a rainha para longe, para fora da porta. Deixando-a sozinha.

Anaïs ficou parada junto à porta, observando enquanto a carruagem o afastava, para fora de sua vida. Sua respiração era ofegante, chocada demais até para chorar. Simplesmente não conseguia se mover.

Mal percebeu quando Corin pegou sua mão, falando para ela palavras suaves, levando-a para a biblioteca. Era possível esperar que seu coração se partisse ainda mais?



Na carruagem, Dannon imaginou sua capacidade de manter-se imóvel e não abrir a porta e correr de volta para ela. Foi o melhor, assegurou a si mesmo, tinha feito a coisa certa, e agora sabia por que nunca havia agido altruisticamente antes... doera muito, muito.

— Muito bem jogado, meu caro — disse a rainha ao lado dele, soando insuportavelmente presunçosa. Nunca a odiou tanto. — Estou orgulhosa de você.

— Poupe-me da sua aprovação, Audrianne — disse, afastando-se dela com desgosto. — Não gostaria de passar mal em sua carruagem.

Por um momento imaginou suas mãos apertando sua garganta esbelta. Fechou os olhos, seu corpo tenso com o desejo de arrancar a vida dela.

— Fizemos um acordo, Dannon — ela disse, sua voz contendo uma ameaça perigosa que sabia que não poderia ignorar. — O preço pela segurança da garota é que *você vai* me divertir.

Dannon lhe deu um sorriso frio, esperando que pudesse ler a repulsa em seus olhos com toda a violência que queimava sob sua pele. Não conseguia

ver o quão perto estava de empurrá-lo para o limite? — Oh, não tenha medo, quando voltarmos ao palácio serei tudo o que deseja que eu seja, mas durante esta viagem não falará comigo — disse ele, com uma voz sombria e mais furiosa como Audrianne nunca tinha ouvido antes. — Acabei de partir o coração de uma jovem sem motivo melhor do que você ter exigido isso. Terá que me perdoar se me sentir muito enojado de nós dois para sequer olhar para você.

— Muito honroso, tenho certeza — zombou ela. — Se não estivesse longe de ser a primeira vez que você partiu o coração de uma garota inocente.

Dannon olhou-a, com os punhos cerrados. Nunca em sua vida quis machucar uma mulher antes, mas o desejo de quebrar seu pescoço esguio e livrar-se de seu poder manipulador e destrutivo sobre ele era tão forte que mal conseguia respirar. — Nunca me esforcei para enganar inocentes, como bem sabe, Audrianne — disse, de forma dura enquanto lutava para se manter sob controle. — Mas seja como for, de fato, quebrei o coração de outras pessoas no passado, mas esta é a primeira vez que quebrei o meu. Se soubesse quanta dor estava causando... Garanto-lhe que teria agido de forma diferente.

Houve um olhar fugaz da rainha que não conseguiu decifrar, mas logo desapareceu substituído por outro sorriso de escárnio. — Continue dizendo isso a si mesmo, meu querido, mas nós dois sabemos que voltará aos seus velhos truques em breve.

Dannon a ignorou, virando-lhe as costas com medo do que poderia fazer se visse aquele lindo rosto novamente, tão cheio de desprezo por algo que ela nunca poderia compreender. E pensar que uma vez a desejou, deveria estar louco.

Em vez disso, olhou pela janela, sem ver, enquanto a carruagem o afastava de Anaïs, não ouvindo nada além do eco da voz dela sussurrando seu nome... inúmeras vezes.

CAPÍTULO 23



Anaïs estava sentada na biblioteca de Corin, vagamente consciente de que tremia. Podia sentir a poltrona de couro rangendo sob ela e o calor na pele. Virando um pouco a cabeça, observou as chamas saltarem na lareira. O fogo consumiu a lenha da lareira com uma fome voraz, fazendo voar faíscas pela chaminé. O quarto era quente e aconchegante, um lugar adorável para se estar em um dia de inverno, mas o inverno havia chegado em seu coração e estava congelada até a alma.

O tempo lá fora havia mudado e não estava tão bonito como quando chegou. Ainda havia manchas azuis visíveis, mas grandes faixas de nuvens escuras pairavam no céu. Parecia frio e hostil e os tremores pioraram. Descobriu que não conseguia parar. Ao ouvir uma voz próxima, desviou os olhos das chamas para encontrar Corin agachado na frente dela.

— Sinto muito, Anaïs. — Pegou a mão dela e deu um aperto suave. Olhou para a mão grande e quente cobrindo a sua e tentou encontrar um pensamento coerente na armadilha de emoções emaranhadas em seu cérebro.

— Era mentira.

Os olhos de Corin estavam muito dourados e cheios de simpatia. — O que era mentira?

— Ainda não tenho certeza — disse ela, balançando a cabeça, os pensamentos pressionando-a, lotando sua mente e esmagando sua capacidade de considerar com clareza. — Preciso pensar. — Agarrou a cabeça com a mão livre, os dedos puxando os cabelos com total desconsideração pelo estilo cuidadoso que Maife lhe dera. — Ele disse... ele disse que tudo tinha sido mentira. Estava apenas fingindo para que eu fosse com ele. — Olhou para o príncipe, fitando aqueles olhos incríveis e implorando silenciosamente para que fosse honesto com ela. Realmente tinha sido tão tola? — É verdade? Realmente fez tudo pela rainha?



Corin observou uma lágrima escorrer por seu rosto e cair em sua mão. Maldita fosse sua mãe para o Tártaro, e Dannon também, aliás. Por que o maldito idiota teve que fazê-lo prometer que não contaria a Anaïs? Corin quase pagou o preço mais alto por seus próprios enganos. Esteve tão perto de perder tudo, de perder a única mulher que lhe mostrou o que era confiar, amar verdadeiramente sem reservas ou limitações. A ideia era tão terrível que não ficou surpreso ao ouvir o crepitar da geada batendo nas janelas enquanto a temperatura lá fora despencava. Ver outros correndo precipitadamente na mesma direção que escolhera com tanta idiotice cega partia seu coração. Apesar de saber que Dannon estava sendo honrado, fazendo tudo ao seu alcance para proteger Anaïs, sentiu que era um grave erro de julgamento. Corin tinha certeza de que o duque deveria ter sido honesto com ela, deveria ter prometido que encontraria um caminho, por mais improvável que isso

fosse, na verdade. Mas agora Corin estava obrigado pela honra a cumprir sua promessa e não lhe contar nada sobre a farsa do homem.

— O que você acha, Anaïs? — perguntou, sustentando seu olhar e desejando que descobrisse a verdade sozinha.

— Eu... eu não sei — gaguejou, parecendo tão perdida e sozinha que Corin desejou que a rainha voltasse agora. Se estivesse diante dele naquele momento, não tinha certeza se a promessa que fez ao pai seria suficiente para detê-lo. — Ele estava tão frio — disse ela, com os olhos cheios de confusão e mágoa. — Tão cruel. Dannon me disse que me machucaria se eu o amasse, me avisou desde o início que não deveria me envolver com ele. Foi isso que quis dizer?

Ela ainda tremia e Corin se levantou, pegando o xale de Claudette que havia sido deixado em sua mesa. Colocou-o sobre os ombros dela e foi ficar perto do fogo. Anaïs olhou para ele, implorando com seu olhar enquanto apertava mais o xale ao seu redor.

— O que Dannon disse foi verdade? Por favor, me diga. Este é o homem que ele é, como realmente é no coração? Estava totalmente errada?

Corin se afastou da dor em seus olhos e fitou o fogo, enviando internamente maldições sobre as duas pessoas que o colocaram nesta posição impossível.

— Anaïs — começou ele, com a voz baixa e esperando que entendesse suas palavras com cuidado. — Sabe que compartilho do seu dom. — Fez uma pausa, imaginando qual a melhor forma de se explicar sem trair totalmente a promessa que Dannon o fizera cumprir. — Parte desse dom é a capacidade de ler as pessoas. Acredite, sei que é sempre muito mais difícil com as pessoas de quem gostamos, mas... — Corin fez uma pausa e se virou para olhá-la. — Deve considerar a maneira como Dannon estava com você antes deste dia e comparar com o que sabe ser verdade até aqui. — Colocou a mão sobre o peito antes de se aproximar e se agachar na frente dela novamente. — Na verdade, não posso lhe dizer o que se passa no coração de Dannon, mas... posso dizer-lhe para ouvir o seu próprio. Confie nos seus instintos, Anaïs.

Ele se levantou novamente, havia dito tudo o que podia, muito mais do que deveria, mas não conseguiria, em plena consciência, deixá-la com tanta dor e não dizer nada. — Há alguma coisa que eu possa fazer por você? — perguntou, desejando poder curar um coração partido com a facilidade de um osso quebrado. — Poderia ajudá-la a dormir, se quiser.

Ela balançou a cabeça. — Não, obrigada. Tem sido muito gentil comigo, mas... gostaria de ficar sozinha, se estiver tudo bem?

Corin sorriu para ela. — Claro, minha casa é sua enquanto desejar permanecer aqui. Se precisar de alguma coisa é só pedir.

Anaïs deu-lhe um sorriso fraco e acenou com a cabeça, e com o coração pesado, Corin saiu do cômodo e foi procurar Claudette. Descobrira que precisava muito abraçá-la, para se lembrar de que havia escapado do destino que Dannon havia escolhido. Graças aos deuses.



Anaïs considerou cuidadosamente as palavras de Corin, pesando cada uma delas. Dissera a ela para confiar em seus instintos e eles estavam gritando que Dannon havia mentido. Não pelo fato de que a amava, mas pela negação deste amor.

Dannon mal olhara para ela quando pronunciara aquelas palavras cruéis. Anaïs se perguntava por que isso acontecera. Certamente um homem que pudesse dizer palavras tão vis com aparente facilidade não teria nenhum problema em ver tais palavras atingirem o alvo. Um homem assim gostaria de vera dor dela, gostaria de ver o momento em que revelasse a verdade e partisse seu tolo coração.

O problema é que sempre fora tão incrível que um homem como aquele pudesse amá-la. Então agora era muito fácil acreditar que não. Por que diabos um duque poderoso e sofisticado de sua idade e experiência estaria interessado em uma jovem vendedora apaixonada, pelo amor de Deus? Isso era coisa de contos de fadas, mas então... *Merde!*

Anaïs gemeu e colocou a cabeça entre as mãos. Estava deixando escapar alguma coisa, sabia que estava. Se ao menos não tivessem brigado na noite anterior, se tivesse mantido a boca fechada pelo menos uma vez. Talvez as coisas tivessem sido diferentes esta manhã.

Fechou os olhos e se lembrou da sensação dos braços dele ao seu redor, do seu cheiro recém-saído do banho e da maneira como havia falado com ela com tanta ternura. Certamente, não foi tudo uma atuação? Afinal, tinha vindo com ele. Dannon alcançara seu objetivo quando pôs os pés nas Terras Fae. Então, por que continuaria fingindo?

Seu coração parou quando a verdade a atingiu.

Ele não faria isso.

Anaïs se lembrou da expressão nos olhos dele quando disse que a amava. Soube então, naquele momento, que ele estava dizendo a verdade. *Sabia* que *ele* estava sendo sincero.

Fazendo exatamente como Corin havia instruído, se lembrou de cada palavra que haviam falado, inspecionou cada interação, estudando suas palavras, suas reações, de todos os ângulos.

Lembrou-se do primeiro encontro e de tudo o que havia acontecido naqueles dias que pareciam uma vida inteira. E então recordou-se de outra coisa.

Estava muito envolvida em suas próprias preocupações para prestar muita atenção às palavras da noite anterior, mas agora... *agora* o significado delas a atingira. Dannon havia dito que, independentemente do que fizesse ou dissesse no futuro, conhecê-la havia sido a melhor coisa que já lhe acontecera. Anaïs se levantou com um ofego e deixou cair o xale no chão sem perceber.

Ele havia mentido.

Ele havia mentido!

Ainda a amava. Abraçou o conhecimento perto de seu coração e sentiu um

pouco do aperto deixar seu peito, permitindo-lhe respirar pelo que parecia ser a primeira vez desde suas terríveis palavras.

Por quê? Por que machucá-la tanto? A menos que acreditasse que a estava protegendo de alguma coisa. Ou de alguém. Ela se lembrou, com uma fúria fria que ardia em suas veias, do modo como a rainha olhara para ele, do modo possessivo como o tocara. Ah, Dannon!

Durante horas andou sozinha pela biblioteca, tentando decifrar o que havia acontecido e por quê. Às vezes, sua raiva era tão feroz, tão abrangente, que estranhava o fato de não ter entrado em chamas. Outras vezes, seu coração estava tão cheio de tristeza que as lágrimas caíam sem controle.

Um lacaios apareceu ao meio-dia trazendo uma bandeja com o almoço e reapareceu algumas horas depois para retirá-la, intocada. Claudette também veio, com palavras gentis e o que sabia serem sinceras condolências, mas Anaïs mal as ouviu. Sua mente estava muito ocupada com o que deveria fazer.

Quando a noite caiu, estava completamente calma. Uma calma gelada que era um mau presságio para qualquer um que estivesse em seu caminho. Abaixando-se, pegou o xale que havia deixado cair antes. Anaïs sacudiu-o e dobrou-o em um quadrado perfeito, alisando o tecido sedoso sob suas mãos. Sabia agora o que tinha que ser feito, e esse conhecimento deu-lhe um estranho tipo de paz.

Não contaria a ninguém. Seria muito melhor se acreditassem que estava realmente com o coração partido, assim lhe dariam alguma margem de manobra. Afinal, havia trabalho a ser feito. Viera até aqui para ajudar pessoas, para curar os doentes, e era isso que faria. Ao fazer isso, porém, encontraria um caminho mais próximo de seu objetivo. Isso aconteceria... mais cedo ou mais tarde.

Seu maior desafio seria esconder a verdade do príncipe. Ele estava certo, é claro, tinha talento para ler as pessoas. Um talento que suspeitava ser muito maior que o dela. Seu dom concentrava-se nos males corporais, no reparo e na cura. Corin poderia não ter toda a habilidade dela nessa área, embora suspeitasse que estivesse sendo bastante modesto, mas via demais. Teria que ser extremamente cautelosa.

Com isso em mente, passou a semana seguinte, principalmente em seu quarto, evitando Corin e aparentemente triste. Não via ninguém além de Claudette e Maife e algumas outras criadas que a serviam de vez em quando.

Com o passar dos dias, houve momentos em que acreditara que pudesse enlouquecer, mas esse era o plano e o faria funcionar. Tinha que funcionar.



Corin olhou para Anaïs de sua posição atrás da mesa. Ela sentou-se na frente dele, com as mãos cruzadas no colo, uma postura recatada. Seus olhos azuis pareciam um pouco grandes demais em seu rosto pálido, obviamente havia chorado e seu cabelo estava preso em uma trança apressada que deixaria Maife horrorizada.

Ela estava obviamente com dor, e ainda assim...

— Claro, ficaria encantado se pudesse começar seu trabalho entre meu povo — ele começou. — Embora lhe assegure que não há como retribuir qualquer gentileza. Não me deve nada por ter lhe dado um teto sobre sua cabeça. Tenho a ganhar muito com sua experiência. Há muitos que dariam tudo o que possuem para ter a chance de ver você, afinal.

— Incluindo o Rei Auberren — disse ela, com tom seco. — Acredite, Vossa Alteza, sei os riscos que correu ao me permitir permanecer aqui e fez muito mais do que me dar refúgio.

Corin inclinou a cabeça e sorriu para ela, perguntando-se por que o desconforto estava tomando conta de sua coluna.

— E não quero que me paguem, Vossa Alteza — acrescentou, com a expressão séria agora. — Quero tratar os pobres e os ricos como um só. Não vou recusar ninguém, mas preciso saber como isso vai funcionar.

— Me chame de Corin, por favor, não há necessidade de tal formalidade — disse, percebendo-se mais do que aprovando a atitude dela. — Quanto a como vai funcionar, sinceramente não sei neste momento. Dependerá muito dos acordos que conseguir fazer com o rei Auberren. Tenho tentado, desde que você chegou aqui, combinar um horário e local para discutir o assunto, mas até o momento não obtive resposta. — Corin recostou-se, escondendo seu desconforto com esse fato. Auberren sem dúvida ficaria furioso com o fato de a garota estar aqui com ele. O silêncio foi a pior resposta que conseguiu pensar. — No longo prazo — continuou ele. — Se ficar em Alfheim, receberá uma casa e uma renda generosa e a forma como dividirá seu tempo dependerá inteiramente de você. Enquanto isso, como as coisas estão tão incertas, permanecerá aqui. Já arranjei um local para você trabalhar, onde poderá receber pessoas ou, se estiverem doentes demais para viajar, providenciarei um guarda para acompanhá-la até eles. — Fez uma pausa e se perguntou como exatamente explicar a situação. — As pessoas viajarão grandes distâncias para visitá-la assim que a notícia se espalhar, Anaïs.

Ela assentiu com a cabeça em compreensão, inclinando-se um pouco para frente. — Mas imagino que seu próprio pessoal já deve estar ciente disso? Certamente já há pacientes esperando?

Corin hesitou e balançou a cabeça. — Não, nunca ninguém adoeceu dentro dos limites da minha terra.

Corin observou sua expressão, a perplexidade em seus olhos enquanto Anaïs refletia sobre isso. Seus olhos se arregalaram quando a resposta veio até ela.

— Seu poder os protege — respondeu, com a voz cheia de admiração.

Ele não respondeu a isso e desviou o olhar dela. — Providenciarei para que visite o local que reservei para você esta tarde. Também tem vários curandeiros que trabalharão ao seu lado. Por favor, dê-lhes instruções sobre qualquer coisa que precise e que ainda não tenha sido fornecida. Eles tomarão todas as providências necessárias.

Corin observou enquanto Anaïs acenava em agradecimento e não

consequia afastar a sensação de que estava faltando alguma coisa. Acreditava que ela realmente estava com problemas mentais, afinal estava bastante claro, mas ainda assim achou surpreendente que tivesse acreditado na história de Dannon no final. Por outro lado, ele mesmo sabia o quanto seus próprios pensamentos e julgamentos se tornavam confusos e irracionais quando estavam de alguma forma ligados a Claudette. Muitas vezes era impossível ver a verdade quando se amava alguém.



No coração de Alfheim, no vasto apartamento real do palácio de Vaennstad, a rainha estava sentada na beira da cama, observando a figura adormecida ao seu lado. Uma mecha de cabelo escuro caiu sobre sua testa e ela estendeu a mão para afastá-la. Ele se mexeu durante o sono e a mão dela congelou antes de retornar ao colo. Que estúpidas, ela pensou, as coisas que o forçava a fazer quando estava acordado, mas tinha medo de tocá-lo durante o sono. Ela se perguntou, mais uma vez, o que diabos estava fazendo. Ela estava apenas machucando-o e destruindo a si mesma... sem falar na garota. Mas não conseguia pensar nela — não pensaria. Se pensasse nela, o ciúme cresceria em seu interior e poderia realmente fazer algo terrível. *Algo ainda mais terrível*, ela emendou.

Audrianne bufou e levantou-se. De todas as coisas cruéis que fizera em sua vida, esta devia ser o ponto mais baixo. E se as pessoas soubessem o porquê, se percebessem o que a motivou. Deuses, como iriam rir.

Corin sabia. Tinha visto o escárnio em seus olhos, e quem poderia culpá-lo, mesmo assim ela tinha feito. Algo dentro dela a impulsionava, algum desespero sem nome que não entendia. Ela se perguntou o quanto Edard sabia e pela primeira vez sentiu a culpa rasgar sua alma.

Edard nunca deveria ter se casado com ela. Era jovem demais para entender o que isso significaria, mas não tinha escolha. Seus pais eram ambiciosos e quando o rei a pediu em casamento, foi entregue com entusiasmo. Poderiam muito bem ter amarrado um laço em volta de seu pescoço.

Pelos termos dos Fae, ele não era muito mais velho do que ela, mas em sua atitude era realmente muito velho. Tinha sido muito sério e intelectual para a jovem vertiginosa e inconstante com quem se casou. Deus, ficou com raiva porque suas próprias esperanças e sonhos foram jogados fora. A paixão que nutrira por um nobre menor foi varrida pelas ambições de seus pais. Mas aprendeu que não era impotente. Aprendeu com uma velocidade surpreendente que poderia manipular o rei para conseguir o que queria. Era um homem bom, gentil e honrado. Estava apaixonado por sua nova noiva e incapaz de lidar com as furiosas demonstrações de temperamento que aconteciam se tentasse frustrá-la. Audrianne achou fácil a maneira como conseguira envolvê-lo no dedo. Muito fácil. Percebeu tarde demais que não era o que realmente queria. Mas a essa altura os danos já estavam feitos.

Talvez se ele fosse um homem mais forte, um homem mais parecido com o filho deles, tivesse acabado com os jogos dela. Talvez se tivesse se zangado

com ela, se a tivesse responsabilizado, talvez pudesse tê-lo amado. Mas não poderia amar um homem que não respeitasse. Não poderia amar um homem que soube que havia estado com outro... e ainda assim não dissera nada. Se tivesse gritado e se enfurecido, se estivesse cheio de ciúme e raiva pela necessidade de puni-la por sua traição, talvez as coisas tivessem sido diferentes.

Depois de se tornar rainha, foi lisonjeada e aplaudida por cada palavra e gesto seu. Havia intermináveis poemas, canções e obras de arte, todos feitos em nome de sua beleza, mas essas coisas nunca a tocaram. Ela os via como as coisas vazias que eram. Afinal, todo mundo queria alguma coisa e a bajulação era uma maneira tão boa quanto qualquer outra.

E então havia Dannon.

Dannon com seu orgulho frio e seu sorriso zombeteiro. Ela apontou o dedo para ele, mas não veio correndo como os outros. Riu dela, da maneira mais educada possível. Ele a fez trabalhar para chamar sua atenção e, ao fazê-lo, capturou a dela.

Nunca esperou por isso, nunca acreditou ser capaz disso, e então, assim que ela começou a compreender o que seus sentimentos realmente significavam... ele se cansou dela.

Audrianne riu ao se lembrar do choque que sentiu quando percebeu que Dannon pretendia deixá-la, e o maior ainda, quando compreendeu, que ele tomaria seu coração se o fizesse.

A rainha estava bem ciente do que era e do que parecia ser e era justo dizer que havia uma grande sobreposição entre a verdade e o rosto que as pessoas viam. No entanto, ninguém sabia o quão solitária estava. Bem, Edard sabia, e Corin... ela tinha visto a mesma solidão refletida nos olhos do filho por tantos anos. Antes de Claudette entrar em sua vida.

O poder do Reino, o poder *de governar*, era algo inebriante e em que estava bastante viciada. Pois sentia que sem a coroa poderia simplesmente... deixar de existir. Não havia substância suficiente por trás daquela coroa para criar outra vida diferente... e ainda assim, não havia ninguém com quem compartilhá-la.

Quando estava se sentindo insegura, não havia ninguém para guiá-la. Ah, tinha conselheiros, é claro, selecionados e pagos para fazer seu trabalho. Mas mesmo eles, por mais confiáveis que fossem, tinham seus próprios interesses. Corin estava certo sobre isso. Lorde Colborn foi o único que agiu pelo bem do Reino, e o prendeu por um caso com o Duque de Ravendell porque isso se adequava aos seus planos. Não fora seu melhor momento.

Sabia que sempre poderia ir até Edard, é claro, ele ficaria encantado, seria gentil, sempre fora gentil. Mas, tendo arrancado dele o poder, não poderia, em plena consciência, pedir-lhe conselhos e garantias sobre como proceder.

Apesar de tudo isso era uma boa rainha, talvez não ótima... certamente não amada universalmente, mas respeitada e admirada. As pessoas tinham orgulho dela e sempre fazia o que era melhor para todos, mesmo que seus métodos

fossem às vezes questionáveis. Pelo menos, sempre tentara... até agora.

Desta vez, porém, quase mergulhara sua terra na guerra... por despeito e ciúme. Queria proteger Anaïs para que seu povo pudesse ficar bem novamente, para que ninguém mais precisasse sofrer a dor e o sofrimento de perder um filho e ser incapaz de gerar outro. Seu coração doeu ao lembrar. Corin deveria ter uma irmã. Talvez se essa perda não tivesse partido sua alma em duas, ou se outras crianças a tivessem seguido. Talvez não tivesse se tornado uma vadia tão insensível.

Pedi a Dannon que encontrasse Anaïs com a melhor das intenções, mesmo sabendo que poderia seduzi-la para que ela fosse com ele. Audrianne nunca pedira que fosse fiel a ela. Não importava que isso a machucasse. Sentiu que era um castigo justo por tudo o que fez Edard passar. Meu Deus, ele ria se soubesse. Exceto que não faria isso. Era bom demais para sentimentos tão indignos.

Sentiu uma lágrima escorrer por seu rosto enquanto olhava para o nascer do sol. Quando seus espiões relataram a ela que Dannon parecia interessado na garota, quando lhe descreveram a maneira como ele ria com Anaïs, sentiu-se perdida em um mundo de dor do qual não conseguia ver como escapar.

Audrianne voltou-se para a cama e observou Dannon dormir. Ele se vestiria e sairia o mais rápido que pudesse. Tentou fazê-lo feliz, embora soubesse que era inútil. Enche-lo de presentes que não queria nem precisava não mudou nada, assim como suas tentativas de ser gentil.

Dannon manteve sua palavra e foi divertido e atencioso, mas às vezes a máscara caía e via o ódio frio queimando em seus olhos. No entanto, não podia deixá-lo partir, não era corajosa o suficiente, pelo menos não ainda. Só... só mais um pouco.

CAPÍTULO 24



Anaïs olhou em volta para o que se tornara o seu próprio hospital com grande satisfação. Havia oito camas em quatro quartos separados e Corin já havia cumprido sua promessa de que o espaço seria ampliado à medida que os trabalhadores se esforçavam-se em um ritmo surpreendente fora dos muros. A magia realmente mudou tudo.

Ela também tinha vários consultórios separados e um grande depósito onde suas ervas e suprimentos eram guardados. Fechando a porta, satisfeita porque sua equipe a chamaria se houvesse alguma emergência, voltou para a casa de Corin. Passando pelos estábulos do príncipe em seu caminho, olhou para cima e sorriu enquanto muitos funcionários acenavam para ela e gritavam saudações. Tal como o príncipe previra, a notícia da chegada de *la Guérisseuse* espalhou-se rapidamente.

Foram obrigados a montar uma espécie de sistema de senhas depois da primeira manhã, quando cerca de mil pessoas chegaram à sua porta.

Anaïs concordou em ver sessenta por dia, o que na verdade era um trabalho extremamente árduo. Apesar disso, geralmente havia mais de cem pessoas esperando por ela todas as manhãs e faria o possível para ver o maior número delas. Ela se perguntou por quanto tempo conseguiria aguentar enquanto a exaustão atormentava seus ossos, mas não se importava muito. Isso a mantinha ocupada, afastava sua mente de Dannon e do que ele poderia estar fazendo, pelo menos até certo ponto. Mais cedo ou mais tarde surgiria a oportunidade da qual precisava e estaria pronta.

Os primeiros pacientes do dia sempre a animavam e enviava sua magia zumbindo agradavelmente por suas veias, pois agora percebia que era isso mesmo: magia.

Já não sobrecarregava seus sentidos tanto quanto antes e começara a ter algum controle sobre ela agora que a usava com tanta regularidade. No final do dia, porém, estava esgotada e mal conseguia colocar um pé na frente do outro. Tudo o que queria era comida e sono.

Havia feito visitas duas vezes na última semana, a segunda vez com Claudette como companheira. Anaïs finalmente começou a relaxar em sua companhia e pensou que talvez Claudette pudesse sentir o mesmo. Houve o início de uma tentativa de amizade crescendo entre elas e Anaïs ficou grata por isso. Só esperava que a perdoassem quando descobrissem seu verdadeiro propósito.

Parecia que Corin finalmente havia iniciado negociações com o rei Auberren, embora estivesse extremamente calado sobre elas. Podia ver muito bem a tensão e o poder crescente ao redor dele. Um poder tão terrível que Anaïs sentiu medo por ele — *por ele*.

Às vezes, tarde da noite, quando as velas estavam fracas, o encontrava nos corredores, parecia dormir pouco, e mal conseguia olhá-lo. Ele era

deslumbrante. Como Corin poderia suportar isso estava além dela. Anaïs mesma sabia agora como a magia poderia deixar suas emoções fora de controle. Seus lapsos de controle foram pelo menos bastante agradáveis, não importando que tenham sido embaraçosos depois do fato. Tinha certeza de que eles poderiam facilmente ter sido enviados em outras direções, muito mais negativas. Como o príncipe lidou com o peso desta responsabilidade, com esse poder incrível? Como manteve sua sanidade intacta?

Corin os enviou em viagens pelas terras com muitos guardas. O fato de um Light Fae ter colocado os pés em seu território não foi algo que discutiu com ela, mas Anaïs duvidava que fosse algo com que ele fosse de alguma forma complacente. Certamente não arriscaria colocar sua futura rainha em risco. Tendo visto o temperamento do homem em primeira mão, ficou um pouco surpresa por ter permitido que Claudette viesse. Corin parecia relutante. Não que Anaïs achasse que ele tivesse muita escolha no assunto, Claudette parecia bastante determinada quando decidia fazer alguma coisa.

Para surpresa e alívio de Anaïs, a garota não tinha ares de honra sobre o fato de que um dia seria rainha e se contentava em ajudar Anaïs, trabalhando conforme as instruções e passando suas coisas se necessário, ou ficando ausente se a paciente precisasse de privacidade.

A única vez que Anaïs sentiu algum tipo de constrangimento entre elas foi quando Corin estava por perto. Então sentia os olhos de Claudette sobre ela, observando. Anaïs já havia se desculpado por seu comportamento anterior e Claudette acenou, dizendo que Corin havia explicado que não era culpa dela, mas com uma recomendação incisiva de que fizesse tudo o que pudesse para manter seus poderes sob controle... como *agora*.

A visita do dia anterior foi a uma mulher que parecia ter trinta e tantos anos, mas aparentemente tinha mais de duzentos. Estava realmente muito doente, doente demais para viajar, e Anaïs levou algum tempo para curá-la. Quando a família se reuniu para lhe agradecer, alguns chorando de gratidão, também viu neles sinais da mesma doença. Levou a tarde toda para curá-los e depois verificar amigos e vizinhos... qualquer pessoa que tivesse entrado em contato com eles. Não pela primeira vez, desejou ter um conhecimento mais profundo das doenças humanas, de como se espalhavam e de onde vinham. Parecia que poderia curar qualquer coisa, mas não sabia como evitar ou impedir que se espalhasse. Realmente precisava se educar se quisesse fazer a diferença. Caso contrário, estava apenas tratando os resultados sem saber a causa.

Anaïs passou pelo último campo aberto, repleto de algum tipo de cultivo de cereal, e seguiu em direção ao caminho que levava à propriedade do príncipe e parou quando ouviu uma espécie de lamento vindo da floresta. Olhando ao redor para ver o que estava produzindo aquele som doloroso, seus olhos caíram sobre um cachorro vira-lata de aparência doentia, que veio rastejando para fora da vegetação baixa. Quase de bruços, os olhos grandes virados para cima com uma expressão suplicante, viu que a pobre criatura estava emaciada

e coberta de feridas. Agachando-se e mantendo seus movimentos lentos, estendeu a mão e deixou-o cheirar seus dedos antes de coçar levemente a cabeça. A cauda balançou esperançosamente e Anaïs sorriu.

— Venha então — ela disse, pegando a criatura magra e carregando-a consigo.

Quando chegou à casa grande, viu Malen, que olhava para a trouxa surrada com indisfarçável horror.

— O coitado está morrendo de fome e precisa desesperadamente de um banho — disse ela, a título de explicação.

— Concordo plenamente, Madam — disse Malen, afastando-se dela e olhando para o paciente como se carregasse a peste. — Talvez os estábulos, porém...

— O que tem aí, Anaïs?

Anaïs se virou para encontrar Claudette se aproximando e sorriu ao ver a luz nos olhos dela quando pousaram na pobre criatura que segurava.

— *Oh, le pauvre!* — exclamou, e Anaïs abandonou os cuidados da criatura à sua terna misericórdia, sentindo que havia encontrado ali o lar perfeito.

— Precisa de um banho. Certamente está com pulgas — disse Anaïs, coçando uma mordida no braço e observando com diversão, Malen estremecer e dar mais um passo para longe. — Vou lhe dar uma pomada para as feridas, mas fora isso só precisa se alimentar.

— Quem? — perguntou uma voz masculina e todos olharam para cima enquanto Corin fechava a porta de seu escritório atrás de si.

— Oh, Corin, olhe — disse Claudette, carregando o cachorro até o príncipe. — O coitado está morrendo de fome.

Corin olhou para a criatura com uma mistura de pena e desgosto. — Sim, com certeza parece, dê o animal para Malen, meu amor, ele o levará para os estábulos. Um dos meninos cuidará dele. — Malen olhou de soslaio para o príncipe ouvindo suas instruções, mas não precisava ter se preocupado.

— Oh, não, Corin — respondeu Claudette, com um olhar determinado aparecendo em seus olhos. — Vou ficar com ele.

Corin ergueu as sobrancelhas para ela e balançou a cabeça. — *Ma belle*, meus lobos provavelmente irão comê-lo.

— Então é melhor mantê-los sob controle — retrucou, com um sorriso enganosamente gentil.

— Claudette — começou Corin, talvez sentindo que já havia perdido aquela batalha. — Seu terno coração é encantador, mas sério. — Ele deu outra olhada no cachorro e balançou a cabeça. — Essa é sem dúvida a criatura mais horrível que já vi.

— A aparência não é tudo — respondeu Claudette, estreitando os olhos para ele e apertando a criatura fedorenta contra o peito.

— Claramente — Corin murmurou enquanto observava a expressão determinada no rosto dela. Anaïs escondeu um sorriso quando o príncipe suspirou e cedeu. — Oh, muito bem, faça do seu jeito, mas não me culpe se

isso mordê-la.

— Não é a mordida do cachorro que me preocupa, Vossa Alteza. — Malen ofereceu com uma fungada digna, e gesticulou para Claudette que agora estava coçando o pulso.

— Ugh — disse Corin, e deixou Anaïs e Claudette cuidando da nova epidemia.

Depois que o cachorro foi liberado de seus passageiros, Anaïs deixou Claudette na cozinha, alimentando-o com uma tigela de consomê, para horror do chef de Corin. O pobre homem ficou bastante perturbado, ameaçando ir embora e nunca mais voltar se a criatura desagradável não fosse expulsa imediatamente. Claudette reprimiu o homem com um olhar, mas Anaïs duvidou que isso terminasse ali e pediu licença antes de se envolver ainda mais no que ameaçava se tornar um campo de batalha.

Na maioria das noites, Anaïs comia sozinha, sentindo-se muito desconfortável em invadir a privacidade de Corin e Claudette aceitando as muitas ofertas para jantar com eles. Esta noite, porém, tinha uma agenda a cumprir.

Malen entrou trazendo uma bandeja com uma garrafa cheia e copos para terminar a maravilhosa refeição que tinham acabado de comer. O mordomo tinha acabado de abrir a porta quando um embrulho pequeno e peludo disparou entre suas pernas e quase o jogou no chão, assim como a bandeja. O embrulho pulou no colo de Corin e começou a lamber seu rosto com grande entusiasmo.

— Oh, olhe, Corin, ele gosta de você — Claudette gritou de alegria, enquanto Anaïs reprimia uma risadinha ao ver a expressão ofendida no rosto do príncipe.

— Sai de cima de mim, sua criatura idiota! — protestou Corin, enquanto o animal arranhava seu colete. Ele pronunciou uma palavra dura que Anaïs não entendeu, mas que fez sua pele se arrepiar de uma maneira muito estranha, e o cachorro pulou para o chão. Em seguida, caiu sobre suas botas, olhando-o com adoração. — Se arranhar essas botas nem todo rastejamento do mundo vai salvá-lo da ira de Alsten, meu amigo, Corin alertou o animal, que apenas lambeu a ponta da bota e abanou o rabo torto. — Bajulador! — ele murmurou, e Claudette riu deliciada.

— *Alors*, sabia que você gostaria muito dele — disse ela, olhando para o noivo com uma expressão parecida com a do cachorro.

— Só porque não estou disposto a arriscar sua fúria se o relegar aos estábulos, não significa que goste dele! — disse Corin, pegando a garrafa e servindo uma medida para cada um.

Claudette parecia observá-lo enquanto servia a bebida, com olhos penetrantes e Anaïs ficou surpresa com isso. — Bom, acho que você gosta dele — insistiu Claudette, pegando seu próprio copo e gesticulando para que Malen retirasse a garrafa. — Então pode ter a honra de escolher um nome para ele.

Corin bufou e depois olhou para o cachorro que bufava e abanava o rabo. — Cérbero — disse ele, depois de pensar por um momento.

— *Quoi?*

— Bem, é a coisa mais próxima de um cão infernal que conheço — Corin respondeu, a título de explicação.

Claudette pegou o cachorrinho e cobriu suas orelhas. — Isso é simplesmente cruel.

— *Au contraire, ma belle*, ele gosta, não é Cérbero? — O cachorrinho latiu e se desvencilhou das mãos de Claudette, pulando de volta no colo de Corin.

— Você realmente é um bruto feio. Agora desça. — O cachorro obedientemente voltou ao chão e deitou-se novamente sobre as botas. Corin suspirou.

Anaïs ficou satisfeita por terem adotado a pobre criatura, mas seu coração realmente não estava na conversa. Seus pensamentos continuavam voltando para Dannon e rezou para que o assunto sobre o qual tinha ouvido Corin falar com Claudette fosse levantado mais uma vez.

Para seu alívio, não teve que esperar muito mais.

— Então, o que fará em relação ao seu encontro com Auberren, agora que ele finalmente concordou? — Claudette perguntou, e Anaïs percebeu a preocupação em seus olhos e a tensão no homem à sua frente.

— Nos encontraremos em Holbaek. É o lugar mais próximo e adequado para receber um rei, já que o maluco não me deixa pôr os pés em Solastire — acrescentou, olhando para o copo vazio com uma expressão abatida. Terei que passar uma noite no palácio antes de viajar para encontrá-lo. Suponho que ficarei fora por uma semana, dependendo de como as coisas correrem. — Pelo tom de sua voz, Anaïs deduziu que ele não estava nem esperançoso nem entusiasmado com o próximo encontro. Reprimiu uma pontada de culpa e lembrou a si mesma que estava fazendo isso por Dannon.

— Gostaria de ir com você.

Corin olhou-a surpreso. — Não acho que isso seja sensato — respondeu, e ela balançou a cabeça.

— Oh, não me refiro à reunião — disse, apressada. Estar na companhia do rei que enviou homens para sequestrá-la não era algo que desejasse. — Quero conhecer a cidade.

Anaïs tomou um gole de vinho e tentou acalmar o coração para um ritmo mais calmo, não poderia deixar que ele visse o quanto deseja ir. — Veja bem, ainda não entendo quantas doenças das quais seu povo sofre estão chegando aqui em primeiro lugar. Quero ver se é diferente em uma cidade.

Claudette acenou com a cabeça em compreensão. — Isso faz sentido. Nós duas poderíamos ir. Ainda não conheço a cidade e gostaria de ajudá-la se puder. — Ela virou-se para Corin. — Iremos juntas.

Corin balançou a cabeça, sua expressão sombria e com um mau presságio para a proposta. — Só ficarei no palácio uma noite. Não tenho noção de como será esta reunião, mas seria tolice acreditar que será um grande sucesso.

Gostaria que as duas estivessem longe de Auberren.

— Estaremos em Vaennstad — objetou Claudette, parecendo bastante irritada. — Você mesmo me disse que é a cidade mais fortificada de Alfheim. Não vejo como podemos correr mais perigo lá do que aqui.

— Não.

Claudette ergueu as sobrancelhas ao ouvir o tom dele. — Oh? Da última vez ficou com raiva porque eu *não* fui!

Corin suspirou, sentindo claramente uma batalha de vontades se aproximando. — Sinto muito, *ma belle*, de verdade. Sabe que eu gostaria de lhe mostrar o palácio, mas não vou deixá-la lá sozinha sem mim. Não até você entender como as coisas funcionam, o quão perigoso o lugar pode ser.

— Não sou criança, Corin — respondeu ela, e embora seu tom fosse solidário, Anaïs viu a determinação em seus olhos. Também conseguia entender. Receber ordens nunca foi uma experiência agradável, não importando o raciocínio por trás disso.

Anaïs olhou para o copo enquanto a tensão na sala aumentava. Não queria entrar no meio de uma briga.

— Estou bem ciente disso, Claudette — respondeu Corin, estendendo a mão e cobrindo a dela com a sua. — Fez mais do que jamais pensei ser possível no pouco tempo que vive aqui. Mas não vou jogar você aos leões, deixá-la sozinha com eles. Ainda tem muito que aprender sobre nossa espécie e seu amor pelo engano e pela trapaça.

Claudette bufou. — Oh, achei que sabia bastante sobre isso — disse, e embora seu tom fosse perfeitamente suave, Anaïs viu Corin estremecer.

— Talvez. No entanto, não sabe nada do que aqueles que habitam o palácio são capazes de fazer — ele respondeu, seu tom muito mais contundente agora e a magia formigando pela sala de uma maneira perturbadora.

— Não posso falar da sua decisão por Claudette — disse Anaïs, interrompendo-os antes que as coisas esquentassem. — Mas preciso conhecer a cidade. Quero ver os locais onde foram relatadas mais doenças e ver se consigo encontrar uma fonte comum. Se conseguir encontrar a fonte, posso tratá-la ali e impedir que se espalhe ainda mais, em vez de apenas tratar os sintomas e esperar que volte. — Encarou o príncipe, sustentando seu olhar enquanto ele repassava suas palavras.

No final Corin assentiu. — Muito bem, vou providenciar isso.

Anaïs forçou-se a não reagir além de uma breve palavra de agradecimento e ignorou o fato de que Claudette parecia nada satisfeita com o acordo.

Ela saiu, escapando do cômodo aliviada e praticamente subiu as escadas aos pulos. Finalmente, sua hora estava chegando.

CAPÍTULO 25



Dois dias depois Anaïs estava sentada numa carruagem, esperando para partir para a cidade. Apesar de uma briga óbvia que resultou em uma noite de tempestades e chuvas torrenciais e que obrigou Anaïs a dormir com um travesseiro na cabeça, Corin aparentemente permanecera inabalável em sua decisão. Claudette ficaria na Bertulf House.

O problema de estar noiva do futuro rei, lamentara Claudette em particular, é que não se podia simplesmente sair e fazer o que se queria sem que ele dissesse. Seus guardas a mandariam marchar de volta para casa antes mesmo que ela saísse dos jardins.

O casal mal havia se falado na manhã seguinte e a atmosfera na casa grande era horrível. Os funcionários ficaram nervosos enquanto Corin andava pela casa de mal humor e Claudette permanecia em silêncio, mas com uma fúria latente que impedia todos de ousarem falar com ela.

À tarde, porém, a paz deve ter sido feita quando as nuvens se dissiparam e o sol apareceu hesitantemente. Hoje amanhecera ensolarado e claro, embora houvesse nuvens se formando no horizonte.

Anaïs desviou os olhos e tentou não sentir ciúme ante a falta de seu próprio homem, enquanto Corin dava um beijo de despedida em Claudette. Estava claro que Corin não queria ir embora, assim como Claudette não queria ficar para trás. Voltando-se para eles, viu Corin beijar a mão de Claudette e montar em seu cavalo, uma grande fera negra que batia os pés com impaciência para se mover. Corin perguntou se queria cavalgar também. Anaïs olhou-o horrorizada e respondeu que preferia andar descalça, então ele providenciou uma carruagem.

Olhou para o estojo de couro a seus pés. Todas as outras malas estavam guardadas em segurança atrás da carruagem, mas desta ela se recusara a se desfazer. Continha todos os seus preparativos médicos, infusões, poções e cremes. Todas as coisas que suspeitava poderia precisar para seus pacientes. Não iria perder isso de vista.



Corin virou-se na sela e viu Claudette parada nos degraus da grande casa vendo-o se afastar. Olhou-o e lhe deu um sorriso melancólico, seu coração deu um pequeno salto no peito. Trotou de volta para ela e Claudette desceu correndo os degraus enquanto ele se inclinava para beijá-la novamente. Ela puxou seu pescoço quase o derrubando e Corin começou a rir.

— Tenha cuidado, *ma belle*, vai me tirar do cavalo.

— Ótimo — disse, com o rosto melancólico. — Não quero que você vá.

— Não mais do que eu, amor — respondeu ele, desejando que ela pudesse compreender a profundidade de seu medo, a necessidade desesperada de mantê-la segura. — Queria que você viesse, Claudette, de verdade.

Ela encolheu os ombros e sorriu para ele, embora fosse uma expressão

triste. — Eu sei. Entendo que você se preocupe comigo, é simplesmente... frustrante. Principalmente quando Anaïs vai sozinha e sim — disse, erguendo uma mão apaziguadora. — Sei que ela não é o mesmo tipo de alvo que eu. Sei que seus inimigos me considerariam um alvo justo, mas não quero precisar sempre de sua proteção. Não que isso não seja reconfortante — acrescentou ela, sorrindo. — E gosto de saber que a tenho. — Ela acrescentou, colocando a mão no joelho de Corin. — Mas preciso aprender a cuidar de mim mesma. Não quero que sempre tenha que se preocupar comigo.

— Sempre me preocuparei com você — respondeu ele, com serena sinceridade. — Mas — acrescentou com uma piscadela: — chegará o momento em que você será tão assustadora quanto minha mãe, tenho certeza. — Ele deu um sorriso malicioso e Claudette acertou um tapa em sua perna.

— Isso não é uma coisa muito simpática de se dizer — disse ela, franzindo os lábios para ele.

— Estou brincando, *ma belle* — disse, rindo da indignação dela. — Se eu estivesse de alguma forma preocupado com isso, me veria correndo para as montanhas. No entanto, você causará medo nos corações daqueles que se opõem a mim, disso não tenho dúvidas.

— Sim — respondeu ela com perfeita sinceridade. — Pretendo.

— E realmente não está preocupada que Anaïs venha comigo? — perguntou, baixando a voz.

Ela suspirou e revirou os olhos para ele. — Já lhe disse, não. Confio em você. Eu... eu simplesmente não confio inteiramente em Anaïs, e sim, eu sei... *eu sei* que não é culpa dela. Eu entendo. Mais ou menos..., Mas... Oh! — Claudette levantou as mãos em aborrecimento. — Sim, estou preocupada. Não posso evitar, certo? Então apenas... fique longe dela.

Ele riu e ela lhe fez uma careta, o que só o fez sorrir ainda mais. Claudette balançou a cabeça e riu apesar de tudo. — Vai tomar cuidado, não é? — ela perguntou, tanta preocupação em seus lindos olhos que Corin sentiu um nó na garganta.

— Eu prometo — ele sussurrou, antes de finalmente se afastar e começar sua jornada. Anaïs inclinou-se para fora da janela da carruagem e acenou para Claudette, que a chamou.

— *Bonne chance!*

— *Merci!*

Anaïs observou divertida enquanto Cérbero, muito melhorado pelo cuidado e atenção que recebera de Claudette, escapou da casa onde estava preso e correu pela estrada atrás deles. Ele alcançou Corin e latiu sem parar, correndo em círculos ao redor de seu cavalo. O grande animal começou a recuar e a resistir indignado, apesar das garantias de Corin.

— Vá para casa, seu idiota! — Corin gritou para o cachorro, mas o comando pareceu cair em ouvidos surdos, pois, embora tenha parado de latir, mais por falta de ar do que de entusiasmo, a criatura determinada correu ao lado do cavalo de Corin de uma forma obstinada. — Você não vai comigo —

disse o príncipe, com a voz firme e Anaïs riu ao ouvir um latido em resposta que parecia discordar. — Tudo bem — respondeu Corin, estreitando os olhos. — Vamos ver até onde você vai.

Anaïs observou Corin ignorá-lo cuidadosamente durante o quilômetro seguinte, até que o príncipe não aguentou mais. Olhou para baixo e viu o cachorro ainda o seguindo, o peito magro arfando com o esforço, a língua pendurada para fora da boca, mas teimosamente acompanhando os cavalos. Percebendo claramente que o animal obcecado se mataria antes de desistir, parou e admitiu a derrota. Anaïs abriu a janela da carruagem e olhou-o divertida.

— Vamos então, sua criatura idiota.

Cérbero não precisou perguntar duas vezes e saltou sobre o cavalo. Corin se abaixou agarrando o animal e puxando-o para a frente da sela, onde se contorceu e abanou o rabo em êxtase. — Sim, sim, você me adora — respondeu Corin, segurando-o com o braço esticado. — Muito compreensível, concordo, mas precisa fazer papel de bobo? — Corin olhou para seu *Stallari* que lutava para manter a cara séria. — Algo a dizer, Eavan?

— Não, Vossa Alteza, absolutamente nada — respondeu, fazendo um esforço heroico para manter suas feições sérias.

Corin assentiu com a cabeça. — Imaginei mesmo.

Desviou o olhar com dignidade e galopou até o início da fila com Cérbero sentado à sua frente, examinando seu novo território como um mascote pequeno e surrado.

Eles pararam por uma noite em uma estalagem e, em circunstâncias normais, Anaïs teria ficado fascinada por esse vislumbre da vida dos Fae e da maneira como o príncipe era tratado. As pessoas pareciam se esforçar para agradá-lo, e Corin sempre se mostrava educado e agradecido, mas Anaïs suspeitava que ele achasse isso cansativo.

Na tarde seguinte, Anaïs olhou pela janela da carruagem com muita atenção. Anteriormente, não tinha obtido nenhuma imagem clara de como era esta terra, além da beleza do campo e da grandiosidade da casa de Corin. Começou a ver algumas das casas e chalés mais modestos nas terras do príncipe, e até teve um vislumbre da impressionante casa do Duque de Ravendell em suas viagens para visitar pacientes. No entanto, a caminho do palácio, passaram por muitos pequenos vilarejos de casas amontoadas, a maioria parecendo ter saltado diretamente da tampa de uma caixa de chocolate. Mas agora a paisagem começara a mudar. Embora os charmosos chalés persistissem nos arredores da cidade, as casas começavam a ganhar uma sofisticação que faltava na maioria das que vira até então: construídas em tijolo em vez de pedra, e telhados de telha em vez de palha, os edifícios elegantes alinhados pelas largas ruas de paralelepípedos. Algumas foram reformadas e pintadas em alegres tons pastéis, mas diferentemente das cidades que conhecia em seu próprio mundo, ainda havia abundância de espaços verdes e árvores. Todas as casas pareciam ter um jardim e até as lojas estavam

enfeitadas com caixas e vasos de plantas e flores. Parecia idílico.

Corin, no entanto, a avisou que esta cidade era tão perigosa, e provavelmente mais, que as do mundo humano. Ele lhe dera um severo conselho para que tomasse o maior cuidado. Para isso, designou um guarda para acompanhá-la em suas viagens, e Anaïs já estava quebrando a cabeça, tentando descobrir como poderia abandoná-lo o mais rápido possível.

Eles pararam em frente a uma elegante casa, que aparentemente era onde Anaïs ficaria hospedada. Para sua grande decepção, descobriu que Corin estava tão inabalável com a ideia de ela ficar no palácio quanto estivera com Claudette.

Estava convencido de que era muito perigoso e que realmente não era sensato arriscar chamar a atenção da rainha. Teve que ficar satisfeita com isso, apesar de sua decepção e se o príncipe percebera sua frustração, não disse nada.

CAPÍTULO 26



Sentindo-se muito perdida depois que Corin partiu, Claudette levou seus lobos para passear no jardim. Parecia incrível que uma casa que ainda estava tão cheia de gente, contando-se o grande exército de funcionários de Corin, podia parecer tão incrivelmente vazia quando apenas uma pessoa saía dela.

O enorme alfa macho, Varge, trotou até ela, tendo encontrado um grande pedaço de pau largando-o aos seus pés e olhando para cima com uma expressão esperançosa. Ela riu e gentilmente o pegou e jogou-o pelo jardim. O grande animal correu atrás dele, retornando momentos depois, com o entusiasmo de um cachorrinho, abanando o enorme rabo. Claudette jogou o bastão mais uma vez e Varge correu atrás dele. Ela se virou e olhou para seu harém, que observava com ar indulgente e obviamente era da opinião de que Varge, como a maioria dos homens, era uma criança no coração.

Varge tinha acabado de voltar e deixado cair o bastão mais uma vez, quando ergueu os olhos com um rosnado baixo. As quatro lobas se levantaram e cercaram Claudette, que se virou e olhou para as árvores.

Bram estava parado nas sombras da linha das árvores na beira dos jardins, com as mãos erguidas. — Venho em paz — disse ele, apontando para os lobos. — Você se importaria de não deixar eles me comerem?

Deu um tapinha na cabeça de Varge, que lhe lançou um olhar questionador. — *Ça va*, Varge, está tudo bem, ele é um amigo... *eu acho* — acrescentou ela em voz baixa. — É mais ou menos isso. — Acenou para Bram que se aproximou dela e sorriu antes de se curvar profundamente.

— Vossa Alteza.

— Ainda não somos casados, não precisa fazer isso — disse ela, ciente de que ele também saberia disso.

Bram pegou a mão dela e a beijou, os olhos brilhando. — Ah, mas um cavalheiro deve sempre se curvar diante de tamanha beleza.

Claudette bufou, acostumada demais com esses modos de flerte para prestar atenção. — O que exatamente você quer? — ela perguntou, olhando para ele com curiosidade. — Corin está no palácio, mas provavelmente vai colocar você de volta naquela cela se descobrir que está por aqui.

Bram colocou a mão sobre o coração com uma expressão de dor. — Minha lady, você me feriu. Espero que você não acredite que minha motivação possa ser outra coisa senão inocente.

Claudette olhou-o e ergueu as sobrancelhas. Estava vestido com uma jaqueta de veludo na altura das coxas e uma camisa branca com renda nas mangas. Não usava gravata e a camisa estava aberta no pescoço mostrando a extensão do peito bronzeado. Seu longo cabelo escuro estava preso na nuca com uma fina fita preta, usava muitos brincos e vários anéis brilhavam em seus dedos. Parecia que suas pistolas haviam sido devolvidas a ele, e com as longas botas de couro e o lenço amarrado no pescoço, Claudette pensou que

nunca tinha visto um personagem mais notável e libertino em toda a sua vida. Também era muito bonito e ela estava longe de acreditar que era inocente.

— Não tenho ideia do que pensar de você — ela respondeu com franqueza, enquanto jogava o bastão para Varge mais uma vez.

— Bem, não posso culpá-la por isso, minha lady — respondeu ele, inclinando a cabeça.

Claudette suspirou e pegou o bastão de Varge assim que o grande lobo voltou, mais uma vez. — Por favor, me chame de Claudette — ela implorou. — *Minha lady*, me dá nos nervos.

Bram lhe sorriu e ela se perguntou se isso tinha sido uma boa ideia. Corin provavelmente não aprovaria. — Ficaria honrado, Claudette.

Ela fez uma pausa, o bastão ainda na mão e Varge sentou-se, contorcendo-se de impaciência. — Como continua assim? — Claudette apontou para a roupa dele. — Se está dormindo na floresta?

Um sorriso surgiu nos cantos de sua boca, mas ele respondeu com um brilho grave nos olhos. — Há alguns que são *gentis* comigo.

Rindo, jogou o bastão e observou Varge saltar atrás dele. — Aposto que sim — ela murmurou.

Varge pegou o pedaço de pau com suas grandes mandíbulas e devolveu-o para eles. Bram tirou-o dele desta vez e jogou-o, fazendo-o voar para longe. Varge deu um latido profundo de agradecimento e partiu novamente. Claudette virou-se para ele e cruzou os braços.

— Pois bem, por que veio me ver? Presumo que saiba que Corin não está aqui?

Bram sorriu e acenou com a cabeça, um sorriso travesso brincando em seus lábios. — Eu o vi sair — admitiu. Claudette franziu a testa e ele se apressou. — Garanto que não vim causar problemas. Tenho uma grande dívida com Sua Alteza, não seria tão ingrato a ponto de seduzir sua noiva.

Claudette deu-lhe um olhar semicerrado de aborrecimento. — Fico feliz em ouvir isso! — Seu tom estava afiado. Afinal, todos os homens deste mundo eram tão arrogantes? — Não que você conseguisse se tentasse.

Bram deu-lhe um olhar triste e balançou a cabeça em desalento. — Oh, é uma pena que esteja em dívida com o príncipe — disse ele, sustentando seu olhar. — Gosto muito de desafios.

Claudette franziu a testa pegando o bastão de Varge novamente quando voltou ofegante, apontando para Bram para ilustrar suas palavras. — Pare com isso!

Ele riu e abaixou a cabeça. — Me desculpe.

Ela bufou de impaciência. — *Alors*, por favor, vá direto ao ponto, sim? A maneira como vocês, homens, transformam cada conversa em um jogo desses é realmente um trabalho muito difícil.

Bram riu abertamente dessa vez e Claudette não pôde deixar de ficar um pouco encantada com o som, era contagiante e alegre. — Sinto muito. Não a aborreceria por nada neste mundo. — Ele pensou por um momento e

caminharam um pouco pelo jardim enquanto Claudette o observava escolher as palavras. Eventualmente se virou para ela e suspirou, mantendo as mãos abertas. — A razão pela qual vim para falar-lhe é que parece que perdi minha *raison d'être*.

Claudette franziu a testa para ele, perplexa. — O que quer dizer?

— Quero dizer que o príncipe me deixou ir com a condição de que não continuasse com minha... ocupação.

— Que pararia de roubar o pessoal dele? — Claudette confirmou. — Sim, eu sei.

Ele parecia um pouco desconfortável. — Só tirei de quem tinha condições de pagar.

Foi a vez de Claudette rir. — Eu sei, Corin me contou. Diz que você tem uma grande reputação por... redistribuir a riqueza da nação. — Bram sorriu e inclinou a cabeça em reconhecimento. — Tive a sensação de que ele não desaprovava totalmente — acrescentou ela, dando-lhe um sorriso que o fez parecer mais à vontade.

— Há muitas coisas sobre as quais Sua Alteza e eu estamos de acordo — disse ele, e sua expressão tornou-se estranhamente grave. — Uma delas é sobre as pessoas que têm mais controle sobre essas terras. Há muitos que abusam da sua posição e aguardo com expectativa o momento em que será rei e mudará o equilíbrio de poder. É sabido, porém, que esta é a sua intenção e essas mesmas pessoas trabalhariam para desacreditá-lo ou prejudicá-lo, a fim de colocar alguém mais... *receptivo* em seu lugar.

Claudette sentiu um arrepio de medo com suas palavras. Sabia disso, é claro, Corin lhe contara, embora nunca em termos tão claros como aqueles. Ele estava em perigo. — Irão machucá-lo mesmo? — Não precisou vê-lo assentir para saber a resposta à pergunta. Virando-se para ele, se perguntou o que Bram estava tentando oferecer a ela. — Por que está aqui?

— Vim oferecer-lhe minha lealdade — disse ele, um sorriso curvando-se em sua boca generosa enquanto Claudette franzia a testa, confusa. — Toda rainha tem seus espiões. Aqueles que podem ir a lugares que os homens honrados não podem, que podem caminhar pelos cantos mais sombrios deste mundo. Ofereço-lhe o meu compromisso de honra de trabalhar em seu nome, fora da vista do resto do mundo. Precisarás de aliados, e os mais úteis nem sempre são os mais respeitáveis.

Claudette olhou para ele, tendo o cuidado de esconder a surpresa com a oferta. — Como vou saber que posso confiar em você?

Bram encolheu os ombros e Claudette soube que só poderia confiar em seu próprio julgamento. Como se ecoasse os pensamentos dela, ele perguntou: — Acredita que pode confiar em mim?

Claudette hesitou por um momento antes de concordar.

— Então isso é minha palavra de honra é tudo que posso lhe dar.

Claudette se afastou dele e continuou andando enquanto os lobos se levantavam, seguindo seus passos. Bram recuou um pouco, obviamente

dando-lhe tempo para pensar. Ela parou e se virou para ele. — O que quer em troca do seu serviço?

Bram sorriu para ela, embora desta vez não alcançasse seus olhos. É claro que teria que haver um preço pelos seus serviços.

— Quero que me ajude a limpar meu nome.

Ela ergueu as sobrancelhas, mas não reagiu, continuando a caminhar pelo terreno até chegarem ao rio. — Como posso saber se é realmente inocente?

Ele encolheu os ombros, aparentemente despreocupado com a pergunta. — Se descobrir a verdade, você saberá.

— Bram — ela respondeu, sabendo que precisava ser honesta aqui. Queria Corin protegido, e se um homem como aquele pudesse ajudar a detectar conspirações e ameaças contra ele, então o ajudaria em troca. *Se* ela pudesse. — Fico lisonjeada por achar que posso ajudá-lo com isso e, se puder, tem minha palavra de que o farei. Mas, na verdade, não tenho ideia de como fazer isso. Certamente Corin seria mais útil para você?

— O Príncipe Corin fez tudo o que pôde na época. Vejo apenas um caminho para descobrir a verdade. — Ele se abaixou e pegou um punhado de pedras da margem do rio, jogando-as na vasta extensão de água. Quando falou, parecia calmo, quase resignado com seu destino, mas Claudette pensou que a violência de seus movimentos contava uma história diferente, de uma raiva profunda, controlada firmemente. Lançou a última pedra através do rio antes de se virar para ela. — Sou acusado de... de agredir uma lady. — Viu o alarme nos olhos de Claudette e por um segundo ela viu a decepção nos dele, antes de ser substituída pela expressão afável de sempre. Percebeu naquele momento que acreditava, confiava nele, e era óbvio que Corin também ou nunca o teria deixado ir em liberdade.

Claudette caminhou até ele, colocando a mão em seu braço. — Diga-me como posso ajudá-lo.

Bram olhou para ela, examinando seu rosto. — Não fui eu, Claudette, juro. A única coisa de que alguém poderia me acusar com alguma verdade é de ter sido um idiota.

— Você a amava?

Ele assentiu e Claudette pensou ter visto um brilho de esperança em seus olhos. — Acredita em mim?

— *Oui* — respondeu ela, agora com a certeza de que ele estava falando a verdade. — Acredito em você.

Ela o ouviu soltar um suspiro e de repente o brilho voltou aos seus olhos. — Sabia que estava certo sobre você. Corin é um homem de muita sorte.

Claudette revirou os olhos e dispensou o elogio. — *Alors*, já chega de bajulação. Como acha que posso ajudar?

Começaram a caminhar ao longo do rio em direção a uma linda ponte de pedra, enquanto Bram falava:

— A única maneira que consigo ver é se você se aproximasse da senhora em questão, conseguisse a sua confiança — ele respondeu e Claudette franziu

a testa, certa de que não seria tão fácil quanto parecia.

— Por que ela me contaria alguma coisa?

— Não consegui perceber na hora, mas ao que parece a senhora é uma alpinista social. — Bram sorriu enquanto falava, uma sobrancelha escura erguida em aparente diversão, mas ela ouviu a amargura subjacente por trás das palavras. — É por isso que as abordagens de um mero senhor não foram recebidas tão favoravelmente como me fez acreditar que poderiam ser — ele acrescentou e Claudette sentiu o coração doer ao ver a forma como Bram menosprezava o assunto quando obviamente ainda era uma fonte de dor. — A ideia de estar perto da futura rainha, bom, isso é algo que ela acharia bastante irresistível.

Então, não apenas ficara com o coração partido, mas também perdera todo o resto quando a senhora o acusou falsamente. — Sinto muito, Bram — disse, com sinceridade. — Farei o que puder, tem minha palavra.

Ele avançou, sorrindo para ela e segurou suas mãos. — Claudette, eu... não sei dizer o que isso significa para mim.

Claudette abriu a boca para responder e descobriu que estava falando para um espaço vazio. Virando-se, notou um dos jardineiros passando pela ponte que atravessava o rio, o cumprimentou com um sorriso, ele fez uma reverência formal e sorriu de volta antes de seguir seu caminho. Quando desapareceu de vista, Bram surgiu debaixo da ponte.

— Por que fez isso? — perguntou, irritada.

Ele balançou a cabeça, parecendo furtivo. — Não vai adiantar nada ser vista conversando comigo, Claudette.

Amaldiçoando-o por ser um idiota, cruzou os braços, olhando para ele e dizendo:

— Será muito pior se acharem que estou tentando escondê-lo!

Bram acenou com a mão, um gesto indiferente que só a irritou ainda mais.

— Ele não me viu.

Ela bufou e manteve os braços cruzados. A última coisa de que precisava era que Corin chegasse ao boato de que tivera reuniões secretas nos jardins com um conhecido fora-da-lei. — Teria preferido que ele tivesse feito isso. Se visse você, saberia que não tenho nada a esconder. Agora poderá pensar que não estou fazendo nada de bom.

Bram balançou a cabeça. — Ele não me viu — repetiu, parecendo um tanto obstinado e teimoso.

Claudette voltou para casa, obviamente irritada, com Bram a seguindo.

— Vamos deixar isso bem claro — retrucou, apontando para ele enquanto caminhava o mais rápido que suas saias permitiam. — Você está certo sobre uma coisa, acredito que preciso de um homem da... da sua espécie, para manter os ouvidos atentos e cuidar de Corin, mas... e, Bram, não há segredos entre Corin e eu. Contarei a ele tudo o que aconteceu hoje e, além do mais, sua equipe também saberá. Corin confia neles, disso eu sei e eles o adoram. Se pensarem por um momento que estou fazendo alguma coisa pelas costas

dele... — Parou no meio do caminho e olhou para ele. — Bem, consegue imaginar?

Para a surpresa e profundo desconforto dela, Bram se ajoelhou e pegou sua mão. — Mil desculpas, minha lady — respondeu ele, com a voz grave e cheia de pesar. — Não queria lhe chatear, por favor, me perdoe.

Claudette puxou a mão com um bufo impaciente. — Oh, levante-se, levante-se, você só está piorando a situação! — exclamou, olhando ao redor do jardim para ver se alguém havia notado. — E já lhe disse para largar essa porcaria, de *minha lady*.

Ele se levantou, com uma expressão tão magoada que Claudette não pôde deixar de rir. — Oh, vamos. — Claudette revirou os olhos e se afastou, depois se virou quando percebeu que ele não a seguia. — O que está esperando?

— Onde estamos indo? — perguntou, com clara ansiedade nos olhos.

— Vai almoçar comigo — respondeu ela, com perfeita calma. Sua boca se abriu.

— Minha la... quero dizer, Claudette! — Ele parecia totalmente escandalizado. — Não pode estar falando sério?

— Perfeitamente sério. — Seguiu em direção à casa e não olhou para trás.



Bram observou a matilha trotando obedientemente nos calcanhares de Claudette e suspirou antes de seguir o exemplo. Esta foi uma má ideia. Corin teria sua cabeça com certeza.

No entanto, havia jurado lealdade à senhora, e isso era algo que não podia ignorar levianamente.

Entrando na grande casa atrás dela, Bram viu os olhos do mordomo se arregalarem ligeiramente quando o avistou, embora, para seu crédito, o homem não tenha dito nada.

— Malen, peça ao pessoal para se reunir aqui imediatamente, por favor — Claudette pediu ao mordomo com um sorriso. — Gostaria de falar com eles.

Se Malen ficou surpreso com a exigência, nada disso transpareceu em sua expressão. Bram se perguntou o que diabos ela estava fazendo.

— Claro, minha lady — respondeu Malen, lançando a Bram um olhar de profunda desaprovação e não pouca suspeita, antes de sair para fazer o que pedira.

— Pedi para ele largar *minha lady*, também, mas Malen não aceitou — disse ela, balançando a cabeça divertida.

— Acho que não — respondeu Bram, escandalizado com a ideia de que sua equipe devesse tratá-la com algo menos que deferência. — Claudette, tem certeza do que vai fazer? — ele perguntou, rezando para que ela não estivesse prestes a se meter em problemas. — Há um preço pela minha cabeça, sabia? — acrescentou, esperando que realmente tivesse entendido esse fato.

— Não se preocupe — disse ela, devolvendo um sorriso tranquilizador. — Eles não irão traí-lo.

— Não é comigo que estou preocupado! — ele respondeu, indignado por

ela acreditar que estava preocupado por si mesmo. — Se souberem que a futura rainha está tomando chá com um conhecido salteador de estrada... — ele começou, enquanto uma onda de pura culpa o invadia. Oh, deuses, nunca deveria tê-la procurado. Iria se arruinar por causa dele por não entender como o mundo deles funcionava. Corin teria sua cabeça dessa vez.

— *Merde!* — exclamou ela, chocando-o até os ossos com a obscenidade. Nunca em todos os seus dias tinha ouvido uma senhora xingar antes. Prostitutas e lavadeiras, sim. Uma lady? Nunca. — Pare de se preocupar. Acredito que a honestidade é a melhor política em todas as coisas, e sim — acrescentou ela, erguendo a mão enquanto ele abria a boca para interromper. — Sei que é um conceito meio estranho nestas terras, mas mesmo assim. *Não* permitirei mentiras e enganos nesta casa. Fui clara?

Bram olhou-a, a determinação em cada linha de sua postura, o olhar implacável em seus lindos olhos turquesa. O desejo o atravessou, uma reação chocante e que esmagou com grande força. Essa forma levaria a uma sentença de morte, com certeza. Além disso, por mais que invejasse Corin e acreditasse que era realmente um homem de sorte, não tinha certeza se queria lidar diariamente com uma mulher com tamanha determinação e opiniões contundentes. Seria, no entanto, uma rainha magnífica. Não respondeu à sua pergunta e Claudette franziu a testa, vendo o sorriso que crescia em seus olhos.

— E agora? — perguntou, seu tom suspeito.

Bram riu, balançou a cabeça e fez uma profunda reverência. — Você foi mais clara do que imagina — ele disse enquanto se endireitava novamente. — Não consigo pensar em ninguém a quem preferiria jurar lealdade. Você é uma lufada de ar fresco, Claudette, e estou ansioso para vê-la abrir as janelas desta terra. Acho que vai deixar todo mundo de cabeça para baixo.

Claudette corou, um lindo tom de rosa manchando suas bochechas, mas foi poupada da necessidade de responder quando a equipe se aproximou e entrou no grande salão. Afastando-se de Bram, subiu um pouco a escada para poder ver todos, antes de se dirigir a eles.

— Desculpem-me por incomodar todos vocês assim — ela disse, soando verdadeiramente arrependida e um pouco nervosa. — Mas tenho algo a dizer. — Claudette respirou fundo e Bram viu aquela determinação voltar à sua expressão enquanto se erguia um pouco mais. — Primeiramente, quero agradecer a todos vocês por me fazerem sentir tão bem-vinda aqui. Tendo em mente que eu nem sabia que este mundo existia, há tão pouco tempo, não tinha o direito de esperar que vocês me aceitassem tão prontamente. Estou emocionada e honrada por tudo o que fizeram para me ajudar a me adaptar, em troca, prometo que farei o meu melhor para realizar um bom trabalho em seu nome.

A equipe murmurou coisas encorajadoras e sorriu para ela e Bram pôde sentir a aprovação na sala. Parecia que a admiração era mútua.

— O problema é — continuou ela, com o rosto ficando sério —, que está

ficando claro para mim que Corin... o príncipe, quero dizer, bem, tem inimigos nesta terra. — O clima mudou imediatamente, um murmúrio zumbiu pela sala como um enxame de vespas furiosas. Bram podia ver a raiva em seus olhos ao pensar que alguém tentaria prejudicar seu príncipe. Claudette levantou a mão para silenciá-los e a sala ficou em silêncio mais uma vez. — Preciso saber quem são essas pessoas e o que estão planejando — disse ela, com a voz mais dura e segura agora. — E para esse fim, contratei Bram aqui, para trabalhar em meu... em *nosso* nome. Como tenho certeza de que sabem, é um homem procurado. — Bram examinou em volta enquanto uma dúzia de olhares suspeitos o observavam. — Posso lhes contar agora, porém... — Bram prendeu a respiração, imaginando o que viria a seguir. — Não acredito que seja culpado dos crimes de que foi acusado.

Olhando desafiadoramente para a multidão reunida, ele esperava ver essa suspeita crescer ainda mais, mas para sua surpresa ela pareceu desaparecer. Em vez disso, acenaram para ele, aparentemente aceitando a palavra de Claudette.

— Vocês o verão muitas vezes aqui agora — Claudette continuou enquanto a equipe voltava a atenção para ela. — Mas peço a todos que guardem esta informação para si. Sei que o Príncipe Corin é mantido em seu afeto, assim como todos vocês também desfrutam do dele, então peço sua ajuda para mantê-lo seguro... *por favor*.

Bram observou Claudette corar e a sala ficar em silêncio. Parecia insegura de repente e começou a descer as escadas. Na verdade, não precisava ter se preocupado. Um momento depois, foi envolvida por garantias e sorrisos e dezenas de vozes conversando entre si e falando ao mesmo tempo, indagando a ela se havia algo em seu poder que pudessem fazer para ajudar.

Bram se virou quando o jardineiro de quem havia se escondido minutos antes deu um tapinha em suas costas e agarrou sua mão, sorrindo para ele. Bram riu e soltou um suspiro de alívio quando Claudette chamou sua atenção. Ele abriu um sorriso largo e curvou-se ligeiramente em sua direção mais uma vez. Que mulher!

Um dos rapazes do estábulo interveio:

— Ere, onde está esse Bram de quem falava, minha lady? Não vejo nenhum salteador, você o vê, Fren?

Fren virou-se para Bram com uma expressão séria no rosto. — Não sei, você viu o sujeito, meu senhor?

Bram riu e balançou a cabeça. — Sabe... não acredito que tenha visto.

O rapaz do estábulo, aparentemente satisfeito com a piada, continuou. — Acho que o príncipe “virou a cabeça, de minha lady”. Ouvi dizer que tem esse efeito nas mulheres... as deixa bastante distraídas.

Malen claramente não achou graça e estendeu a mão para dar um tapinha na orelha do jovem.

Bram olhou ao redor para o mar de rostos acolhedores e ficou surpreso com sua boa sorte. Se Claudette pode fazer isso, em questão de momentos, talvez

pudesse mudar o destino dele também.

CAPÍTULO 27



Corin ofereceu um sorriso educado para a jovem que o servia e balançou a cabeça quando perguntou se desejava a sobremesa, ou o que quer que fosse, com um brilho de interesse nos olhos. Desviando o olhar, esperava que ela não fosse do tipo persistente. Quanto mais rápido ele pudesse sair dali melhor.

Corin lançou um olhar impaciente para Cérbero, que começou a bater com o rabo maltrapilho. O maldito cachorro se comportou impecavelmente a noite toda, apesar de Corin desejar que ele pulasse na mesa e se comportasse tão mal quanto provou em todas as noites anteriores.

— Traidor — murmurou, mas quando a criaturinha o olhou com seus olhos grandes e tristes, obviamente ciente de que seu adorado mestre estava descontente, Corin cedeu e deslizou para ele a carne que havia guardado em seu guardanapo.

Olhando para o relógio sobre a lareira, ficou desanimado ao descobrir que eram apenas nove e meia. Tentou o seu melhor para puxar conversa, mas a rainha estava claramente distraída e a noite tinha sido interminável. Corin achou que parecia cansada e a vibração que normalmente brilhava em seus olhos havia desaparecido. Outra garçonne apareceu e se ofereceu para encher seu copo, mas ele recusou, apesar de isso ter o efeito de tornar a noite mais suportável. Viu sua mãe olhar para ele.

— Você está bebendo menos — ela observou.

Ele assentiu. — Acho que não preciso tanto disso, pelo menos não da forma como já precisei.

Ela lhe sorriu e havia afeto verdadeiro em seus olhos. — Estou feliz. Ela é boa para você, não é?

— Melhor do que boa, mãe — respondeu ele, acariciando as orelhas de Cérbero e desejando estar em casa.

Ficaram em silêncio novamente e Corin se perguntou se conseguiria ir embora, quando a rainha falou novamente.

— Vou deixá-lo ir.

Corin a olhou e sentiu uma pontada indesejada de pena. Essa mulher o manipulou por décadas, vendeu-o para quem pagasse mais, envolveu-o em nós políticos e emocionais... e ainda assim, era a mesma mulher que o havia amado tão ferozmente quando menino, que o havia protegido de tudo e de todos, fossem tutores irados ou o pai de seu melhor amigo, o Rei de Mechstrana. Ele a amava e a odiava em igual medida, e a conhecia muito bem. — Eu sei — ele respondeu.

Ela o olhou, com uma expressão de incredulidade atônita em seus olhos. Dispensando o assessor com um aceno de mão, ela balançou a cabeça. — Como poderia saber? Eu mesmo não sabia.

Ele pegou seu copo e olhou para o restante da bebida cor de rubi, girando a delicada haste para frente e para trás em seus longos dedos. — Você é

perversa e cruel em sua raiva, mas sempre se arrepende, uma vez que ela diminui. — Parou para olhá-la, sua voz suave e simpática, apesar da raiva e da frustração com a mãe. — Ficou muito claro quando cheguei a esse tempo cinzento e triste, que a raiva não era mais a emoção dominante.

— Fui muito cruel com você, Corin? — A angústia queimou, aguda e brilhante nos olhos dela e ele suspirou. Não era um homem vingativo, mas também não era mentiroso e não suavizava suas palavras.

— Sim — respondeu, a raiva por trás daquela palavra era muito clara. — Sabe muito bem que sim.

Ela assentiu, sem olhar para ele e Corin se levantou para ficar perto do fogo. — Quando irá perceber que o poder não vai fazê-la feliz? — ele exigiu, o fogo aumentando e queimando mais intensamente à medida que se aproximava. — Só porque pode manipular as pessoas para que façam o que deseje, não significa que deva fazer isso, e certamente não pode esperar que elas a amem por isso.

Para a surpresa de Corin, a mãe não se voltou contra ele, não começou a discutir, mas colocou a cabeça entre as mãos. Podia ouvir os soluços dela, um som baixo e perturbado que era tão indesejável quanto inesperado.

— Oh, deuses — murmurou, em desespero. — Mãe, por favor, sabe que não aguento quando você chora. — Passou a mão pelos cabelos e lançou a Cérbero um olhar suplicante. O cachorrinho levantou-se e correu até a rainha, pulando em seu colo e lambendo seu rosto. Corin correu atrás dele para agarrá-lo, esperando que ela ficasse enojada, mas a rainha olhou para cima e riu, com lágrimas escorrendo pelo rosto. Segurando o cachorro longe dela, balançou a cabeça.

— Abaixo-se, sua criatura boba, certamente não mereço sua pena.

Corin pegou o cachorro, segurando-o nos braços e imaginando a capacidade desta criaturinha feia de ativar o encanto.

— Tenho sido uma mãe muito ruim, Corin? — perguntou, dobrando e dobrando novamente o guardanapo de linho em quadradinhos menores. Parando, olhou para cima, seus lindos olhos cheios de ansiedade. Corin hesitou. Sabia muito bem quando estava sendo manipulado, sabia que cada sorriso e cada lágrima brilhante poderiam e seriam usados para sua maior vantagem, mas não via isso agora.

Sorriu e acariciou as orelhas do cachorro e Cérbero fechou os olhos com uma expressão feliz. — Quando era criança, achava que era a mãe mais maravilhosa do mundo.

Seu rosto se iluminou e a transformação foi quase cômica. — Eu era divertida, não era?! — exclamou, aliviada.

— Ah, sim — ele riu, sorrindo-lhe. — Era divertida e amorosa, e tudo que quis você me deu. Não poderia estar mais feliz e não a teria trocado por ninguém, mas então descobri que seu amor pelos jogos se estendia ao mundo real, e aqueles com os quais jogava eram muito menos inocentes.

Seu rosto ficou nublado novamente e ela desviou o olhar. — Imagino que

você me trocaria num piscar de olhos agora — respondeu, amassando o guardanapo na mão.

Corin suspirou e colocou o cachorrinho no chão. Caminhando até mãe, se agachou aos pés dela. — Não, eu não faria. Embora haja momentos — ele admitiu. — Mas gostaria de poder fazer você ver que só será feliz quando aprender a dar, e não apenas esperar receber em troca.

A rainha pegou a mão dele e levou-a ao rosto. — Me desculpe.

— Eu sei, mãe — respondeu ele, triste e frustrado em igual medida, sabendo que já tinha estado aqui antes. — Você sempre se desculpa.

Audrienne sorriu para ele e soltou sua mão, enxugando as lágrimas. — Sim, mas nunca aprendo a lição, não é?

Corin se levantou com um suspiro. — Bem, nunca fez isso ainda. — Cérbero correu até ele, abanando o rabo e dando pequenos latidos ofegantes de impaciência. — Sim, sim, agora você precisa dar um passeio — respondeu Corin, com desgosto. — Não poderia ter me perguntado há uma hora, não é?

A rainha riu, parecendo um pouco mais com ela mesma. — Eu me perguntei por que você continuava enviando olhares tão desesperados para ele — disse ela, balançando a cabeça divertida ao perceber que Corin esperava um resgate rápido. — É realmente é uma coisinha engraçada. Por que diabos o pegou?

Corin franziu a testa, olhando para o cachorrinho com uma expressão perplexa. — Continuo me fazendo a mesma pergunta. — Cérbero latiu e Corin acenou para ele. — Muito bem. É melhor eu sair com ele antes que nos envergonhe. — Caminhou até a porta com Cérbero logo atrás, mas voltou-se para a rainha. — Dannon já sabe?

Ela balançou a cabeça, seus olhos ficando tristes novamente. — Não, ainda não.

— Quando vai contar a ele?

Ele a observou enquanto a mãe desviava o olhar e encolhia os ombros, sentiu uma pontada de aborrecimento. — Assim que eu puder suportar.

— Quando, mãe? — ele pressionou, seu tom mais duro agora.

— No final da semana! — exclamou ela, agora irritada. Os dois se entreolharam, mas então os ombros da rainha cederam e sua voz perdeu a força. — Prometo.

Cérbero latiu novamente e Corin o silenciou. — Ainda vai me apoiar na proteção de Anaïs? — perguntou, acostumado demais com as táticas de sua mãe para considerar qualquer coisa como garantida.

— Sim.

Hesitou antes de fazer a próxima pergunta, sabendo que provavelmente ficaria furiosa com ele. — Vai deixá-los ficar juntos? Não vai mais puni-lo?

Ela deu-lhe um olhar furioso, mas cerrou os dentes e assentiu.

— Que bom mãe — disse, com algo próximo de orgulho por trás das palavras. — Talvez haja esperança de que aprenda essa lição, afinal.



Anaïs deu uma olhada para seu guarda e reprimiu um suspiro de frustração. Ele era muito bom em seu trabalho. Não tivera um momento sozinha desde que chegara aqui. Também era um homem que parecia gostar de seu trabalho. Sentiu o peso de seus olhos sobre ela e tentou ignorar a sensação, mas agora estava comprometida e jogando um jogo muito estressante. Precisava ser capaz de envolvê-lo em seu dedo, e para isso tinha que responder ao flerte dele, que em seu atual estado de espírito, não estava vindo tão facilmente como de costume.

O problema era que *realmente* não estava interessada e, portanto, precisava mantê-lo distraído o suficiente para que não fizesse nada contra ela. Era irritante e exaustivo e se sentia terrivelmente culpada por enganá-lo. Parecia um tipo de homem decente, educado e respeitoso, ao mesmo tempo que deixava bem claro seu interesse. Era bem constituído e bastante atraente, com aqueles olhos castanhos escuros cor de chocolate derretido que pareciam uma marca da raça élfica em geral.

Em outras circunstâncias, poderia ter ficado lisonjeada. Mas, como estava se tornando a impressão que tinha da maioria dos homens élficos, também era obstinadamente determinado e, obviamente, acostumado a conseguir o que queria.

Anaïs pediu-lhe que a levasse ao enorme mercado que ficava perto do palácio. Na verdade, perguntara a ele nos últimos três dias em que esteve aqui, mas sempre recebeu um *não* resolutivo. Hoje, porém, havia insinuado que ficaria *extremamente* grata se ele aceitasse e que o recompensaria por seus esforços. Exatamente que tipo de recompensa ela poderia razoavelmente oferecer era uma questão que estava fazendo seu estômago embrulhar.

— Bem, então aqui estamos — ele lhe disse, sorrindo enquanto gesticulava por cima das grades que davam para um enorme mercado aberto.

— Obrigada, *Hirð* Rabec — agradeceu, usando o título em deferência à sua posição na guarda de Corin, e em um esforço para mantê-lo à distância.

— Por favor — disse, seus olhos ficando calorosos e cheios de sedução. — Não vai me chamar de Kalen? Já devo ter perguntado uma dúzia de vezes.

Anaïs suspirou e forçou um sorriso, inclinando um pouco a cabeça. — Kalen — repetiu, enquanto o sorriso dele crescia.

Pode ver assim que chegaram porque ele estava tão relutante em vir. O mercado era um lugar de loucura e caos completo. Havia centenas de vendedores gritando em suas barracas, alguns fazendo demonstrações de seus produtos, enquanto o que pareciam ser milhares de clientes de todas as origens lotavam as exposições e bloqueavam os corredores.

Aprendeu com Kalen que, embora atualmente não existisse pobreza, pelo menos não no sentido do reino humano, ainda havia um enorme abismo entre os ricos e os pobres. Esse abismo não existia exatamente por falta de posses, mas por falta de magia.

Cada homem, mulher e criança nas Terras Fae tinha o direito de reivindicar as suas próprias terras. A quantia que podiam reivindicar, no entanto, era

governada pela força da sua magia, com as famílias mais poderosas reivindicando vastas áreas. Havia leis em vigor que davam até mesmo os mais fracos terras suficientes para sustentar uma família, e ninguém nunca passava fome porque o solo era rico e fértil — ou pelo menos sempre foi.

Agora, a própria terra estava se tornando estéril e as famílias que dela dependiam adoeciam e morriam. Isso estava causando preocupação e inquietação entre todas as pessoas, e parecia que havia alguns cuja raiva se voltara para o reino humano. Isso deixou Anaïs feliz por seu sangue Fae ser tão forte, assim não poderiam dizer que ela era apenas humana.

Dirigindo-se para aquela que considerava ser a parte mais movimentada do mercado, Anaïs rezou para que isso funcionasse. Não teve tempo para satisfazer sua curiosidade enquanto o perfume mágico e exótico a envolvia, tentando-a a permanecer e descobrir mais sobre este mundo estranho e vibrante. Saltando alarmada com o golpe forte que soou ao lado dela, Anaïs se virou e viu uma mulher forte e armada, com as mangas puxadas além dos cotovelos. A mulher bateu com uma faca enorme, *golpeando*, cortando uma cobra amarela ainda se contorcendo em porções pequenas enquanto o homem na barraca ao lado dela oferecia bonecas em tamanho real que eram perturbadoras em seu realismo.

Anaïs se afastou enquanto as pessoas se empurravam por todos os lados, abrindo caminho, com Kalen, uma sombra constante e iminente atrás dela. Pensou que talvez sua chance tivesse chegado quando um vendedor gordo, carregando uma cesta de bolos, se intrometeu entre eles, e estava prestes a fugir quando uma mão grande se fechou em torno de seu braço. Anaïs virou-se e viu-o sorrindo para ela. — Quase a perdi então. — Ele riu, e ela lhe deu o que esperava que fosse, um sorriso agradecido. Parecia mais uma careta.

Uma hora depois, quase perdera as esperanças, quando passou por uma barraca lotada de mulheres e ouviu o que a senhora da barraca estava vendendo.

— Hmm, Kalen? — disse, esperando parecer estranha e desejando estar mais propensa a corar.

— Sim?

— Você acha que poderia me dar um momento de privacidade, por favor? — perguntou, olhando para ele e enrolando um cacho loiro no dedo como se estivesse flertando e um tanto nervosa.

Ele franziu a testa, examinando a multidão. — Privacidade? — repetiu, parecendo duvidoso. Difícilmente poderia culpá-lo, já que praticamente tinha que gritar para ser ouvido.

— Só preciso falar com essa mulher um momento. — Ela hesitou e olhou para os sapatos. — Sobre... bem, sobre algo *pessoal*. Não posso fazer isso com você olhando por cima do meu ombro — acrescentou, orando para parecer mortificada.

— Sobre o quê? — perguntou, desconfiado.

— Bem, já que quer saber... *problemas de mulheres* — sibilou, com uma

maliciosa sensação de satisfação, quando pareceu tão horrorizado quanto ela esperava.

— Oh. — Kalen, pigarreou e coçou o queixo, parecendo querer estar em qualquer lugar menos ali. — Bem, tudo bem então. Vou esperar um momento, mas não saia deste lugar. — A voz dele era intransigente, ela concordou, sorrindo para ele.

— Claro — ela respondeu, mentindo descaradamente com um sorriso brilhante.

Anaïs abriu caminho até a frente da barraca e falou com a mulher que não vendia nada mais embaraçoso do que amuletos de fertilidade, muitos dos quais percebeu serem falsos. O dono da barraca, que estava recebendo dinheiro da senhora ao lado de Anaïs, também era claramente Light Fae. Ela era menor que Anaïs, com cabelos loiros curtos e encaracolados e bochechas muito rosadas. A mulher sorriu mostrando covinhas profundas. — Estarei com você em um momento, minha querida. — Anaïs esperou com um aceno de cabeça.

— O que vai querer querida? — A mulher perguntou, tendo mandado embora seu último cliente com a sacola cheia. — Estamos com problemas, não é? — perguntou, com a cabeça inclinada para o lado e o que Anaïs suspeitava ser uma expressão sábia em seus olhos.

— Não, nada disso. Quero comprar um disfarce.

O rosto da mulher se fechou e ela fez uma careta. — Não lido com isso — respondeu com uma expressão de desgosto. — São contra a lei. Além disso, não gosto de magia complicada. Não se apegue a isso.

Anaïs pegou um dos amuletos falsos e deu-lhe um olhar severo. — Oh, sério?

As bochechas rosadas ficaram com um vermelho mais profundo e a mulher cruzou os braços.

— Não tenho o que procura, então vá embora.

Anaïs franziu os lábios. — Não — disse, imitando a postura da mulher e cruzando os braços. — Acho que vou ficar aqui e dizer a todos os seus clientes que têm menos magia do que eu tenho no meu dedo mindinho. — Anaïs balançou seu dedinho na cara da mulher. — Devo mencionar também que você é uma farsa, como a maioria dos seus encantos.

A boca da mulher se estreitou em uma linha dura e ela apontou o queixo para o outro lado do mercado. — Vá ver Jared então, isso é com ele... e desejo-lhe que encontre o que quer — acrescentou, com um sorriso rancoroso. — Você o encontrará embaixo da ponte, na barraca com a bandeira azul.

Anaïs recolocou o amuleto que segurava na mesa. — Muito obrigada — agradeceu, com seu sorriso mais doce.

Sem sequer olhar por cima do ombro, Anaïs passou pela frente da barraca, na direção oposta a Kalen e entrou na multidão. Foi um trabalho frustrante e extremamente difícil, abrir caminho no meio da multidão e estava ficando irritada com a quantidade de cotoveladas agressivas e pés pesados que a

deixavam se sentindo maltratada. Quando a décima pessoa pisou em seus dedos doloridos, estava pronta a causar alguns danos para que as pessoas lhe dessem algum espaço... quando a bandeira azul apareceu.

Todo o senso de educação desapareceu e empurrou todo mundo para fora do seu caminho até chegar à frente. Estava cada vez mais consciente de que esta parte do mercado era diferente daquela que visitara até agora com Kalen. Estava mais escuro aqui, debaixo da ponte, e não era só a falta de luz do dia. Havia um cheiro contaminando o ar que fez sua pele formigar de consciência.

Com uma última olhada para trás para ter certeza de que não estava sendo seguida, chamou a atenção do dono da barraca. Não foi difícil. Era um Dark Fae e se elevava sobre Anaïs, com seu cabelo loiro branco puxado para trás em um rabo de cavalo e olhos escuros muito interessados em seu último cliente. Ao contrário de Laen, o único outro Dark Fae que conhecia, ele era magro e esguio, com um nariz pontudo e uma mandíbula mais acentuada. Olhos negros calculistas olharam para ela e um sorriso iluminou seu rosto.

— Pois bem, minha linda, o que posso fazer por você hoje? — ele perguntou, seu tom oleoso fazendo-a querer se afastar dele.

Em vez disso, manteve a coragem. — Quero um disfarce — disse ela, mantendo a voz calma, como se comprasse magia ilegal nos mercados Fae todos os dias.

— Pode receber uma sentença de morte só por possuir uma magia dessas — respondeu ele, balançando a cabeça.

— Mesmo assim — respondeu Anaïs, cruzando os braços para encobrir o fato de ter começado a tremer.

Uma sentença de morte?

Ele deu-lhe um olhar avaliador, seus olhos negros percorrendo-a de cima a baixo com indisfarçável interesse. Anaïs sentiu um tremor de desconforto. — Vai custar caro — disse, seu sorriso crescendo de uma forma desagradável. — Também não é o tipo de coisa que guardo na barraca. Há muitos guardas de olho em coisas assim.

Ela assentiu e esperou parecer mais segura do que realmente se sentia. — Posso pagar.

Ele passou a língua nos lábios e Anaïs reprimiu um estremecimento quando lhe deu um sorriso conhecedor. — Vigiano seu homem, hein?

— *Merde!* — ela xingou, olhando para ele. — Não é da sua conta, agora vai me vender alguma coisa ou devo ir a outro lugar?

Ergueu as mãos e riu. — Ah, vou vender, minha linda — disse ele, com a voz baixa e inquietante. — Há um beco a alguns minutos naquela direção. — Ele balançou a cabeça além da ponte. — Encontre-me lá em vinte minutos. Vou colocar alguém para cuidar da minha barraca.

Anaïs franziu a testa para ele. A última coisa que queria era um lugar isolado com esse malandro. — Por que não aqui? — ela exigiu, estreitando os olhos. — Posso esperar.

— Já lhe disse — ele respondeu, seu tom muito suave e parecendo muito

seguro de si. — Não os mantenho na barraca e há muitos guardas por perto. — Ele se inclinou para sussurrar em seu ouvido. — Está com medo, minha linda.

Ela bufou, balançando a cabeça. — Não, e não sou nada para você. Chegue lá em vinte minutos ou encontrarei outra pessoa para me vender.

Ele assentiu e gritou para a mulher na barraca ao lado, enquanto Anaïs seguia em direção ao beco que havia mencionado, não gostando mais daquela direção do que debaixo da ponte. Sentiu olhos sobre ela e mais de uma vez sentiu mãos percorrendo-a, algumas procurando uma bolsa, outras apenas... procurando.

O beco era estreito e imundo e não era lugar para uma mulher sozinha, ainda mais esperando por um homem como o dono da barraca. *Putain*, deveria estar louca, pensou ela, tentando engolir o medo. Estava fazendo isso por Dannon, lembrou a si mesma, ficando de costas para a parede na entrada do beco.

Finalmente viu o homem abrindo caminho no meio da multidão, uma cabeça mais alto que a maioria dos outros ali. Ela chamou sua atenção e o seguiu até o beco. Certamente era privado. Anaïs respirou fundo para acalmar seu coração, ele estava batendo tão forte que podia ouvi-lo mesmo com o barulho do mercado. O homem se virou e estendeu uma pedra roxa, suspensa por um fino cordão de couro e ela esticou a mão para pegá-la, mas ele a segurou, fora de alcance.

— Duas mil Aurela.

Anaïs bufou e virou-se como se fosse sair. — Pode esquecer. — Na verdade pagaria qualquer preço e Corin tinha sido muito generoso com ela, poderia muito bem pagar por isso, mas morava ao lado de um mercado desde que nasceu e sabia muito bem quando alguém queria se dar bem. Sentiu uma mão em seu pulso e o puxou.

— Tudo bem, tudo bem, você é uma cliente tão bonita — disse, olhando maliciosamente para ela. — Pode ficar com ele por mil e oitocentos... e um beijo.

— Pode ficar com mil e quinhentos e não vou lhe dar uma bofetada, que tal? — perguntou, seu tom contundente, a expressão de desprezo e uma sobrancelha levantada.

O homem riu e acenou com a cabeça em concordância.

Anaïs afastou-se dele e pegou a pesada bolsa de dinheiro que havia escondido nos bolsos fundos de sua jaqueta. Entregando o dinheiro, estendeu a mão para pegar o pingente e de repente os braços dele a envolveram e foi pressionada contra a parede.

Ele podia ser magro, mas era muito maior e mais forte do que ela. Uma mão agarrou seu seio e o apertou enquanto seus pés separavam suas pernas e a outra mão levantava suas saias. Anaïs não pensou no que estava fazendo, horrorizada e assustada demais para encontrar um pensamento coerente. Apenas agarrou sua força vital, dando-lhe um puxão forte e descobrindo que

se libertara com notável facilidade.

O homem gritou, com os olhos negros arregalados de terror, caindo no chão como se tivesse sido atingido. Por um momento olhou para ele, segurando sua vida em suas mãos enquanto ele a olhava. Seu corpo inútil, sua expressão vítrea atordoada e horrorizada. Anaïs se abaixou e pegou o pingente, franzindo a testa com nojo enquanto permitia que a vida voltasse para ele. Ele começou a tremer enquanto recuperava o controle de seu corpo.

— Me toque de novo e eu o mato, entendeu? — O grande Fae engoliu em seco e assentiu, olhando-a com olhos temerosos. — Estou tão feliz que nos entendemos. Agora, como isso funciona?

O dono da barraca sentou-se, com a voz instável. — Antes de colocá-lo, tenha em mente uma imagem de como deseja ficar e depois coloque-o no pescoço. É isso.

Anaïs assentiu. Havia lido sobre essas coisas em um livro que encontrou na biblioteca de Corin e era isso que esperava. — Quanto tempo isso dura?

— Ao todo, cerca de vinte e quatro horas, mas pode colocar e tirar quantas vezes quiser. É como uma fonte de energia, só se esgota quando usada.

— Mais alguma coisa que eu deva saber? — perguntou, sentindo-se satisfeita com o medo persistente nos olhos dele. Esperava que evitasse mulheres indefesas no futuro. Caso já tivesse cometido um erro semelhante.

Ele balançou a cabeça, sua boca inteligente e seu sorriso malicioso desapareceram completamente.

— D'accord. — Anaïs abriu um sorriso meloso. — Foi um prazer fazer negócios com você.

Abriu caminho de volta através da multidão e finalmente encontrou Kalen, que parecia estar tendo um colapso nervoso. — Deuses, mulher! Onde você esteve, estava muito preocupado.

Agarrou seu braço e fez o possível para parecer impotente e assustada, o que, depois das experiências da última hora, foi bem mais fácil do que gostaria de admitir. — Oh, Kalen — gritou, sufocando um soluço. — Me desculpe. Eu... eu me perdi e... oh, por favor, me leve para casa. Não gosto daqui. Você estava certo, eu não deveria ter vindo.

Ele franziu a testa para ela e segurou-a firmemente pelos ombros. — Você está bem, querida? Alguém a machucou, a chateou?

Olhou para cima e viu preocupação real nos olhos dele e se sentiu culpada por enganá-lo, mas então viu o rosto de Dannon em sua mente e reprimiu o sentimento com uma determinação implacável. Olhou-o com uma expressão inocente e balançou a cabeça. — N... não, mas estava com medo. Leve-me para casa... *por favor*. — Ele assentiu e passou um braço reconfortante em volta de seus ombros.

— Está tudo bem, Anaïs, estou aqui agora. Venha comigo.

Anaïs assentiu humildemente e seguiu-o, dócil como um cordeiro, enquanto ele os conduzia para casa.

CAPÍTULO 28



Dannon olhou para o homem no espelho. Havia pensado que estava profundamente afundado na lama semanas atrás, mas agora... não conseguia ver nenhum caminho a seguir. Sem esperança. Seu reflexo o olhou de volta com olhos mortos e Dannon desviou o rosto antes que pudesse ver o desespero que o consumia por dentro.

Sua pele arrepiou-se por causa da esfrega que acabara de fazer. Qualquer coisa para se livrar da sensação das mãos e do cheiro do perfume de Audrianne sobre ele. Isso fez seu estômago revirar.

Estava com muito medo de que a rainha finalmente estivesse cansada dele. Estava mais quieta nos últimos dias e a via menos. Embora isso fosse um alívio abençoado por um lado, simplesmente não podia permitir que ela perdesse o interesse. Tinha de manter Anaïs segura e, se já não divertisse Audrianne, poderia retirar a sua proteção.

Audrianne estava com um humor estranho esta noite, mal encontrando os olhos dele na maior parte do tempo, mas Dannon podia sentir seus olhos sobre ele quando pensava que não estava olhando. Ela o dispensou mais cedo e mudou de ideia antes mesmo que Dannon chegasse à porta, arrancando suas roupas e usando-o com um desespero que o deixou com medo. Talvez tivesse decidido arrancar a cabeça dele, afinal. Não que se importasse mais, o fim desta existência seria uma bênção, mas precisava saber que Anaïs estava segura.

Sabia que Corin manteria sua palavra. O príncipe jurara protegê-la e o faria, não importava o que acontecesse. Mas os Light Fae eram mais numerosos do que os Elfos, e embora esperasse que eles pensassem duas vezes antes de iniciar uma guerra, se a rainha retirasse o seu apoio, o príncipe nunca seria capaz de enfrentá-los sozinho.

Dannon sentou-se na cama, com a cabeça apoiada nas mãos, e se perguntou como poderia agradar uma mulher que mal suportava olhar, muito menos tocar. Inevitavelmente, seus pensamentos se desviaram para Anaïs. Memórias agrídoces emaranhadas em sua mente, de beijá-la, segurá-la em seus braços, de ver aquele sorriso provocante curvar-se sobre sua boca deliciosa.

Um nó subiu por sua garganta e afastou as lembranças. Não havia sentido em se atormentar, Anaïs estava perdida para ele. A única coisa que poderia fazer por ela era desempenhar o seu papel neste jogo repugnante com o melhor de sua capacidade.

Hesitando por um momento, pegou o pequeno frasco de vidro que comprara de um conhecido bastante duvidoso. Sempre desprezou feitiços e poções, nunca bebera muito... pelo menos não em comparação com alguns. Gostava de estar sempre no controle, mas agora... agora precisava estar perto de Audrianne e não deixar a máscara escapar. Precisava estar, *parecer* relaxado, entretido e se divertindo. Seu contato havia prometido que este gole

faria exatamente isso, e virou a poção em sua mão com desgosto quando o líquido âmbar profundo refletiu a luz.

Estava ficando sem opções.



Na manhã seguinte, Anaïs estava em seu quarto, o coração batendo forte, a pedra do disfarce na mão. Observou uma das empregadas da casa e usaria sua aparência para passar por Kalen e os outros. Não queria que a garota tivesse problemas, então, uma vez no palácio, precisaria encontrar um lugar para mudar de novo, para alguém que não fosse reconhecido.

Respirando fundo e lembrando a si mesma por que estava fazendo isso, criou uma imagem em sua cabeça de uma jovem elfa, bonita o suficiente, com cabelo escuro curto e olhos castanhos, pequena e discreta, mas alguém que não receberia uma segunda olhada.

Tinha repassado seu plano mentalmente, mas havia tantas variáveis, tantas coisas que poderiam dar errado. Seu estômago se apertou de medo e sentiu uma onda de náusea percorrer seu corpo, mas não deixaria Dannon à mercê daquela... daquela mulher *nojenta*. Anaïs não podia. Não importava o preço que pagaria por isso. Com esse pensamento lhe dando a coragem que precisava... colocou o pingente pela cabeça.



Corin parou em frente a garagem, a cerca de três metros da entrada da grande mansão em Holbaek. Passara a noite sem dormir, piorada por seus esforços para tentar permanecer sóbrio. Os resultados daquela noite estavam sendo sentidos agora e qualquer pessoa com algum bom senso permanecia quieta e fora do seu caminho. O que naturalmente não incluía Cérbero.

Corin revirou os olhos para o céu, vendo as nuvens escuras que rolavam sobre sua cabeça. Teve a nítida sensação de que olharam de volta quando um estrondo de trovão foi ouvido ao longe. No entanto, isso não abafou o som do uivo lamentável que cortava o ar mesmo àquela distância.

Amaldiçoando baixinho, Corin se afastou um pouco mais, mas o audível som de lamento parecia ficar mais alto à medida que se afastava da casa. Era irracional, mas lá estava ele.

— Deuses e putas! — exclamou, assustando os guardas que o flanqueavam de ambos os lados enquanto se virava e voltava para casa.

Cérbero não pareceu se importar com o fato de seu Mestre não *estar satisfeito* quando a porta da biblioteca se abriu e Corin inspecionou os danos consideráveis causados pelas garras e dentes, tanto na porta quanto no batente. Em vez disso, saltou sobre Corin, ganindo e abanando o rabo desgrenhado com tanta força que mal conseguia manter-se em pé. — Pare com isso imediatamente! — Corin disse, seu tom não admitindo discussão. Olhou para o cachorrinho que imediatamente plantou o traseiro no chão e suspirou de frustração. — Ah, muito bem — respondeu, resignado com seu destino. — Venha então.

Só podia imaginar a reação que receberia do rei Auberren por trazer um

vira-lata tão feio com ele, mas aí estava. Suprimindo a ideia de que havia cedido porque Cérbero o amava incondicionalmente e poderia ser um conforto em um ambiente extremamente estressante, olhou para a criatura boba que saltava alegremente ao seu lado. — Não precisa achar que tenho o menor carinho por você porque não tenho, então pode parar de bajular — disse ele ao cachorro com crescente impaciência. — Existem bajuladores suficientes em minha vida, sem que você aumente as filas.

Cérbero continuou olhando-o com adoração, então Corin acelerou o passo até onde seu cavalo estava sendo guardado para ele.



O Rei Auberren olhou para Cérbero com uma expressão de nojo e indignação, seus olhos azuis incrédulos enquanto Corin acariciava as orelhas do cachorro em uma tentativa de acalmá-lo. A pobre criatura tremeu no colo de Corin e tentou se esconder debaixo do braço.

Corin olhou para o rei e desejou ter um lugar para se esconder também. Não que tivesse medo de Auberren, mas cansou-se de ver aquele ódio violento e a profunda suspeita nos olhos do homem. Já tinha visto isso muitas vezes antes e nunca deixou de fazê-lo sentir que estava de alguma forma errado, antinatural... que não era o que deveria ser.

O fato de Cérbero estar igualmente ciente da animosidade do homem e ter acabado de saltar sobre a mesa e quase privar o rei de três dedos, garantiu à criatura um lugar no coração de Corin para sempre.

Infelizmente, Auberren trouxera seus próprios cães, um par de Dovers azuis dos quais tinha muito orgulho. Eram um cruzamento criado por ele mesmo, entre um Doberman e uma raça Fae selvagem. Eram muito elegantes e muito agressivos e um deles cometeu o erro de rosnar para Corin. Como Corin tinha uma profunda afinidade com os animais, só podia presumir que o faziam sob comando.

— Por que, em nome dos deuses, trouxe este pequeno bruto feio com você, afinal? — O rei se enfureceu, olhando com fúria para seus dedos ensanguentados. Talvez não fosse o melhor começo para a reunião que Corin poderia ter imaginado com certeza. Surpreendentemente, também não era o pior.

Corin puxou o animal aterrorizado um pouco mais para perto, apenas para confortar o cachorro, é claro.

— Descobri que as aparências enganam, Vossa Majestade. Ele é um sujeitinho inteligente e acho que me diverte.

— Bem, ele não me diverte! — Auberren retrucou, e ergueu a mão para ilustrar o argumento.

— Não o trouxe para seu entretenimento — disse Corin, seu tom entediado e sereno. — Eu me ofereci para curar sua ferida, mas se tivesse mais controle sobre seus cães, isso não teria acontecido.

— Se eu tivesse mais controle! — O rei olhou-o boquiaberto. — Seu maldito rato aí que começou.

— Ele não fez isso — retrucou Corin. — Seus cachorros mostraram os dentes e rosnaram, foi uma provocação clara. O senhor se aproximando de nós com um olhar de inimizade ao mesmo tempo, só poderia ser interpretado como uma ameaça.

— Eu ia apertar sua mão, caramba!

— Sim, parecendo que prefere enrolar a mão na minha garganta — Corin respondeu, parecendo igualmente irritado agora. — Esse não é o início ideal para uma negociação, e devo lembrá-lo, é por isso que estamos aqui. Se pudermos, por favor, prossiga para o assunto em questão.

Eles começaram a falar de Anaïs e passaram as seis horas seguintes conversando em círculos, para grande frustração de Corin. No que diz respeito ao rei, Anaïs era uma Light Fae e, portanto, caiu sob seu domínio e pertencia ao seu povo. Foi um ponto que Corin teve dificuldade em contestar, pois era de fato a verdade.

Tentou negociar, dizer que Anaïs desejava permanecer nas terras élficas e que a opinião dela deveria valer alguma coisa. Mas como era uma mulher solteira e sem o sangue de Corin, isso tinha pouco poder.

Corin persistiu, explicando que ela deveria ter permissão para ficar por enquanto, pelo menos enquanto eles não chegassem a um acordo, mas trataria todas as raças igualmente durante esse período. Então as Terras Fae como um todo poderiam se beneficiar de suas habilidades.

Em troca, Auberren o acusou de tentar se apegar a algo que não lhe pertencia, e as coisas pioraram rapidamente. O rei exigiu que sua propriedade lhe fosse devolvida *imediatamente*, Corin recusou com base no princípio de que Anaïs não era uma propriedade e deveria ter permissão para trabalhar como e onde quisesse, e eles se separaram furiosos, com o rei murmurando promessas sombrias das quais Corin ainda não tinha ouvido falar.

Cansado e desanimado, Corin saiu da reunião sentindo-se mais desconfortável do que poderia imaginar. O fato de um possível acordo ter desmoronado dessa maneira era uma conclusão precipitada, é claro, ele continuaria tentando. Mas seus sentidos foram perturbados, sua magia reagira com tanta repulsa que teve dificuldade em manter seu assento tão próximo do homem... e de sua equipe.

Na verdade, ficou surpreso com a aparência do rei. Passaram-se alguns anos desde que Corin o vira, mas o rei envelhecera muito desde então. Não seria uma surpresa se ele fosse humano, mas o rei era um dos Fae mais poderosos dos três reinos. Fora *por isso* que se tornara rei.

O medo tomou conta de Corin ao se lembrar de um jovem em um bar parisiense, contando-lhe histórias de que a Árvore do Coração em Aos Si estava morta. Algo estava muito errado em Solastire, e o rei não queria que soubessem disso.



Sair de casa foi fácil, assim como encontrar o palácio e até mesmo localizar as cozinhas do lugar. Anaïs estava preocupada com a possibilidade de haver

muita segurança para chegar perto, mas não parecia ser o caso. Não, pelo menos uma vez que notando um dos guardas, mudou sua aparência com o disfarce para se adequar.

Agora, porém, as coisas estavam ficando mais complicadas. Anaïs espiou pela janela da cozinha e viu que havia muita atividade. Da sua posição podia ver a mulher que estava claramente encarregada de preparar os doces e sobremesas do dia para a família real e sabia que esta era a sua melhor chance.

Era meio da manhã e Anaïs esperava que a mulher fizesse uma pausa antes do início do movimentado período do almoço. Caminhando até a porta externa, encontrou um local tranquilo onde não poderia ser notada e esperou. Vinte minutos depois, Anaïs suspirou de alívio, a sorte estava com ela hoje e a mulher saiu da cozinha, com as bochechas coradas de calor, e caminhou em direção à horta.

Quando dobrou a esquina e desapareceu de vista, Anaïs correu atrás dela e usou seu dom para deixar a mulher inconsciente. Um gemido suave saiu da boca da mulher e ela balançou antes de cair no chão como um saco de batatas.

Anaïs não perdeu tempo, agarrou-a com firmeza pelos braços e arrastou o corpo para trás de uma espessa fileira de feijões, onde ficou escondida. Era uma mulher de proporções generosas e Anaïs estava suando e nervosa quando terminou.

Despindo a infeliz mulher e murmurando desculpas, Anaïs vestiu-se e substituiu o disfarce existente pelo da figura inconsciente a seus pés.

Ela então começou a esconder suas próprias roupas, lembrando-se de levar o pequeno pote que havia guardado cuidadosamente no bolso. Com seu novo disfarce firmemente colocado, Anaïs voltou para a cozinha.

Um homem grande e de rosto corado a abordou quando passou pela porta. — Jally, graças aos deuses, preciso de outra torta. O rei está se sentindo um pouco melhor hoje e disse que está com vontade de comer algo doce. Prepare alguma coisa, por favor.

Anaïs assentiu e correu até o local onde vira a mulher trabalhando. Havia um pedaço de massa sobre uma placa de mármore e não perdeu tempo em começar a trabalhar.

— Que lindo, Jally, nunca vi você fazer isso antes, o que é?

Anaïs deu um pulo quando o homem de rosto corado apareceu em seu ombro, cerca de uma hora depois. — Ah, é uma torta de limão e merengue — disse ela, incapaz de esconder o orgulho na voz.

— Lindo — disse o homem, em tom de aprovação. — O velho vai adorar isso.

— Err, o que a rainha vai comer hoje? — perguntou, enxugando as mãos enfarinhadas no avental e esperando parecer causal.

Apontou com a cabeça para a exibição de tortas e doces frescos no armário atrás dele. — A torta de pêssego, na verdade já deveria ter subido — ele disse, seu rosto grande enrugando enquanto uma carranca repuxava suas feições. — A rainha está comendo em seus aposentos hoje. — Ele olhou ao redor da

cozinha com impaciência. — Onde está Reet? A maldita garota está sempre atrasada.

— Vou encontrá-la! — disse Anaïs, com um sorriso brilhante e saiu correndo da cozinha antes que ele pudesse dizer que não era seu trabalho.

Dez minutos depois, Reet estava inconsciente em um armário e, depois de uma bronca severa de seu chefe, Anaïs carregava uma bandeja a caminho do apartamento da rainha. O único problema é que não tinha ideia de onde exatamente estava.

Olhando ao redor, se viu sozinha em um amplo corredor. Vendo um canto discreto à frente, entrou na penumbra do espaço e pescou o pequeno pote no bolso. Com cuidado para não tocar no pó fino, borrifou a quantidade cuidadosamente medida de raiz de Wolf's Bane moída na torta de pêssego.

Pegando a bandeja novamente, continuou seu caminho até encontrar um guarda. — Com licença, receio ter ficado bastante perdida. Isto é para a rainha e já estou atrasada, para onde devo ir, por favor? — Sorriu lindamente para o guarda que lhe lançou um olhar de desdém e levou um momento para lembrar, pois não parecia como normalmente.

— Lá em cima, vire à direita, a porta no final do corredor.

Ela assentiu, sem se preocupar em sorrir para ele dessa vez. — Obrigada.

Uma vez fora da porta, deu uma batida forte e, ao ouvir a ordem para entrar, abriu a porta antes que seus nervos falhassem.

A rainha estava olhando por uma das muitas janelas grandes que iluminavam a bela sala e mal se mexeu quando Anaïs colocou a bandeja sobre uma mesa baixa. Notou que havia outra bandeja semelhante com o almoço da rainha que permanecia intocada.

— Mais alguma coisa, Vossa Majestade?

A rainha olhou em volta, parecendo surpresa ao descobrir que ainda estava lá.

— Oh — disse ela, parecendo distraída. — Sim, um copo de água. Estou com uma dor de cabeça terrível. Há uma garrafa ao lado da cama, por ali. — Acenou com a mão na direção de uma porta e voltou o olhar para o céu cinzento e a chuva.

Anaïs correu para o quarto, ansiosa para ir embora e se engasgou com o choque quando viu a figura esparramada na cama.

Ele estava dormindo, um braço apoiado na barriga e o outro na beirada da cama. Sua camisa estava para fora da calça, desabotoada e havia um sorriso em seus lábios. Por um momento, Anaïs apenas ficou parada, imóvel, se perguntando se teria cometido um erro terrível. Talvez Dannon estivesse falando sério quando a deixou. Talvez quisesse estar aqui? E então ela se aproximou e olhou... realmente olhou.

Ela podia ver a poção correndo em suas veias e as sombras escuras sob seus olhos. Parecia mais magro, as maçãs do rosto mais angulosas e seu coração se partiu pelo que a rainha tinha feito ao seu lindo homem. Caminhou rapidamente até a cama e pegou a mão que estava caída. Com um rápido olhar

por cima do ombro, deu um beijo na palma da mão de Dannon antes de enviar seu dom de cura para ele, removendo todos os vestígios da droga de sua corrente sanguínea. Ele suspirou enquanto dormia e Anaïs colocou seu braço com cuidado novamente na cama, estendendo a mão para retirar o cabelo do rosto de Dannon.

Com pesar, serviu o copo d'água e, com um último olhar para a figura adormecida, voltou para a rainha.

A rainha ergueu os olhos quando Anaïs se aproximou e tirou o copo de sua mão.

— Obrigada, isso é tudo.

Anaïs assentiu e fez uma reverência, tentando não sair correndo porta afora.

CAPÍTULO 29



Anaïs correu de volta para a cozinha. Se tivesse feito tudo certo, a rainha deveria começar a adoecer em cerca de uma hora, mas era apenas um palpite. Ela lhe dera o suficiente para deixá-la muito doente, mas não o suficiente para matá-la. Quando a ligação fosse feita para encontrá-la — como sabia que aconteceria — Anaïs estaria esperando.

Não ficou ociosa desde que chegou à cidade. Ela visitou muitos curandeiros e muitas famílias, tanto importantes como menos afortunadas, e sempre falou da sua intenção de ir ao palácio e visitar os funcionários. Explicou que queria ver se as doenças humanas eram tão prevalentes ali, num ambiente bastante fechado, como eram em outras partes do país.

Portanto, não seria nenhuma surpresa quando chegasse ao palácio para fazer exatamente isso. Na verdade, havia se tornado uma espécie de celebridade na cidade no pouco tempo em que estava lá.

A notícia se espalhou como um incêndio, *la Guérisseuse* estava na cidade e sabia que não teriam problemas em localizá-la quando chegasse a hora. Então as coisas aconteceriam de duas maneiras: a rainha ficaria muito grata por salvar sua vida, concordando em deixar Dannon ir como recompensa, ou Anaïs teria que ser um pouco mais persuasiva.

Sabia que estava correndo um risco enorme, mas Dannon a salvou dos Light Fae, arriscou a vida por ela e, por algum motivo que não conseguia entender, a amava. Foi extraordinário, maravilhoso e verdadeiro. Não o deixaria sofrer por ela.

Pelo que reuniu a partir de fofocas e informações que Corin deixou escapar, a rainha tinha inimigos suficientes na corte e não seria uma grande surpresa que alguém tivesse tentado acabar com ela. Não tinham motivos para vê-la como a principal suspeita.

A única mosca na sopa era Corin. Sabia que já suspeitava dela, apesar de seu cuidado em não revelar muito na presença dele. Só esperava, desde que nenhum mal acontecesse à sua mãe, que Corin a perdoasse e entendesse seus motivos se algum dia descobrisse que ela fizera isso.

Espançosamente, seu valor para os Fae como curandeira superaria a necessidade de punir seu crime.

Encontrou Reet onde a havia deixado e certificou-se de que ela permaneceria inconsciente por mais um tempo e mudou de volta para se parecer com a cozinheira, Jally. Então, verificando se o caminho estava limpo, saiu do depósito e rumou para os jardins do palácio, para que pudesse retornar à sua aparência normal, devolvendo as roupas à mulher e recuperando as suas.



Corin voltou ao alojamento de Anaïs e descobriu o local em alvoroço. Deixando seus próprios guardas na porta, entrou na casa e encontrou Kalen reclamando e uma das empregadas sentada soluçando, enquanto a dona da

casa tentava o seu melhor para confortá-la.

— O que diabos está acontecendo? — ele exigiu, olhando para a cena com uma sensação de profundo pressentimento.

Kalen empalideceu mortalmente quando viu quem havia chegado. — É Anaïs, Vossa Alteza. Ela saiu. — Kalen engoliu em seco e ficou em posição de sentido em reação ao olhar duro no rosto de Corin e apressou-se a falar. — Achamos que usou um disfarce para passar por nós, como empregada daqui.

— Entendo — Corin respondeu, seu tom enganosamente suave. — E onde ela conseguiu um disfarce... *exatamente*? — Erguer uma sobrancelha ao fazer a pergunta educada pareceu o suficiente para deixar seu descontentamento bastante claro. Kalen pigarreou:

— Eu... eu acredito que possa ter... adquirido, no mercado. Ontem.

— Você a levou ao mercado? — Não houve mudança no tom de voz de Corin, mas sabia que Kalen não tinha ilusões. Ele ia matar o idiota.

— Sim, senhor e... e... ela conseguiu me escapar, só por alguns minutos.

— Kalen estava suando agora, as gotas claramente visíveis em sua testa.

— Só por alguns minutos — repetiu Corin, olhando para ele com fúria crescente. — Mas tempo suficiente para adquirir o disfarce?

— S... Sim, senhor — gaguejou o agora aterrorizado guarda. — Sinto muito, senhor.

Corin amaldiçoou quando uma sensação escura e nebulosa cresceu em seu peito. Sabia que ela estava tramando alguma coisa. Sabia muito bem. — Há quanto tempo Anaïs se foi? — perguntou, voltando-se para Kalen furioso.

— Há pelo menos três horas acreditamos, senhor.

Corin acenou com a cabeça e olhou para a lamentável empregada. — Por que essa jovem está chorando, Kalen?

— Ele gritou com ela — falou a lady que tentava ao máximo confortar a garota, apontando para o guarda com desprezo.

O príncipe estreitou os olhos para Kalen, sua voz baixa e ameaçadora. — Bem, não tenha medo. Há outros que estarão chorando agora — ele prometeu enquanto Kalen empalidecia. — Você conseguiu enviar homens para procurá-la, acredito? — perguntou, com desprezo.

— Sim, senhor.

— Muito bem, procure nos aposentos dela. Veja se consegue encontrar alguma pista sobre onde pode ter ido.

— Sim, senhor — Kalen respondeu, ansioso demais para deixar sua presença o mais rápido possível.

— Oh, e Kalen — Corin acrescentou, enquanto o homem saía apressado do cômodo.

— Senhor?

— Quando isso acabar vai se reportar a mim. Sinto a necessidade de falar mais com você.

Kalen assentiu, a culpa aparecendo em seus olhos. — Sim senhor.



Dannon acordou sentindo-se surpreendentemente lúcido e encontrou a rainha sentada na beira da cama ao lado dele. Ele se levantou, passando a mão pelos cabelos e tentando encontrar alguma coisa próxima de um sorriso.

— Minhas desculpas, Audrianne, devo ter adormecido.

— Provavelmente os efeitos daquela poção desagradável que você tomou — respondeu a rainha. Dannon prendeu a respiração ao ver a expressão nos olhos dela. Parecia... arrependida. Oh, deuses, iria executá-lo. Por mais que quisesse acabar com esta existência miserável, descobriu que não estava pronto. Queria ver Anaïs novamente. Só mais uma vez.

— Poção? — repetiu. — Não, está enganada. Eu...

Audrianne suspirou e fechou os olhos, afastando-se dele. — Vá para casa, Dannon — disse ela, parecendo cansada... como se estivesse cansada dele.

— O quê? Não! — exclamou, enquanto o pânico tomava conta dele. Se não a agradasse, entregaria Anaïs a Auberren e tudo isto teria sido em vão. — Vossa Majestade, peço desculpas... tenho estado um pouco indisposto, só isso. *Por favor*, se me der outra chance...

— Silêncio. — Para seu espanto, pegou a mão dele entre as suas e segurou-a com força. — Não se preocupe, meu amor — disse ela, com a voz baixa e mais triste do que Dannon jamais ouvira. — Sua jovem está bastante segura. Mantereí minha palavra.

Dannon olhou-a de boca aberta e ela riu. — Sim, realmente existe um coração em algum lugar — disse ela, com a boca torcida em um sorriso. — Tenho que admitir, isso também me surpreende.

— Mas... — começou ele, mal ousando acreditar. Certamente era apenas mais um jogo?

Audrianne se inclinou para frente e colocou um dedo nos lábios dele. — Sem truques, Dannon — ela sussurrou, como se tivesse lido a mente dele. — Tem minha palavra. É livre para viver sua vida, com ela, se é isso que deseja. Não vou ficar no seu caminho e nem o punir. A nenhum dos dois.

Dannon apenas olhou-a por um momento, então ajoelhou-se ao lado da cama e levou as mãos dela aos lábios. — Obrigada, Vossa Majestade.

A rainha deu uma breve risada. — Consegue me agradecer? Depois de tudo que fiz a você? — Tirou as mãos das dele e se levantou, virando-lhe as costas. — Vá embora agora. Por favor. — A voz dela tremeu, só um pouco e Dannon hesitou.

— Audrianne...

— Vá!

Dannon levantou-se atordoado. Sem se preocupar em arrumar as roupas, pegou o casaco e voou pelos aposentos da rainha, praticamente esbarrando em um de seus guardas na pressa de sair.

— Minhas desculpas, Vossa Graça. — O homem disse, apesar de claramente não ter sido sua culpa. Dannon sorriu para ele.

— Foi minha culpa — ele disse rindo. — Infelizmente não estava olhando para onde ia.

— Parece que o senhor recebeu boas notícias, se assim posso dizer, Vossa Graça — comentou o guarda, enquanto Dannon continuava sorrindo.

— Sim! — exclamou ele, sentindo-se tão tonto quanto um garoto de escola com um longo feriado pela frente. — Sim, recebi, você vê, estou livre! — O homem deu-lhe uma expressão interrogativa que só fez Dannon rir ainda mais, enquanto corria pelo corredor em direção aos estábulos.



Corin saiu de casa e voltou para o palácio. Maldito guarda tolo, vociferou. Podia imaginar como Anaïs conseguira distraí-lo. Murmurando obscenidades, se culpou. Deveria ter percebido que o homem seria uma massa nas mãos dela, só esperava tivesse disciplina suficiente para fazer o que lhe foi dito.

Furioso e mais do que ansioso quanto às intenções dela, entrou no terreno do palácio. O que a maldita garota estava pensando, afinal? Por que diabos precisava da magia do disfarce? Parou tão de repente que seus próprios guardas quase bateram nas suas costas.

— Oh, deuses — sussurrou. — Mãe!

Corin se virou para seus homens. — Fiquem aqui.

— Mas Senhor...? — protestaram.

— Fiquem aqui — Corin se enfureceu. — Isso é uma ordem!

Correu para o palácio e se dirigiu às escadas. Abrindo caminho entre os guardas que o olhavam surpresos, não parou para explicar. Quando chegou aos aposentos da rainha, não esperou para bater e abriu a porta.

— Mãe?

Não houve resposta e ela não estava na sala principal, então correu pelo enorme apartamento, chamando o nome dela, e muito consciente de que a temperatura estava caindo a um ritmo assustador.

A rainha estava deitada no chão ao lado da cama, com a mão na garganta enquanto lutava para respirar. — Oh, deuses, *não!*

Corin podia ver o veneno girando em seu sangue, escuro e mortal enquanto atacava seu corpo. Sua respiração era superficial e seu pulso fraco e agitado. Esforçando-se para manter sob controle o terror que atormentava seu coração, enviou seu próprio poder para ela. Fechou os olhos, tentando remover o veneno do organismo dela, mas já estava muito bem estabelecido. Conseguiu limpar um pouco do seu sangue, evitando que o dano piorasse, mas não conseguindo desfazer a magia já feita e isso poderia ser o suficiente para matá-la. Precisava de Anaïs.

Alargando os sentidos, nos terrenos do palácio, procurou por Anaïs. Seu poder inundou-o, percorrendo a terra, através de raízes e árvores e finalmente sentindo a presença dela nos jardins.



Anaïs estava conversando com um dos funcionários da cozinha que era claramente um amigo próximo de Reet quando tudo começou.

A princípio houve apenas um estalo baixo e todos ficaram em silêncio, virando-se para olhar horrorizados enquanto o gelo cobria as janelas. O medo

nas salas era palpável quando todos correram para olhar para fora e viram flocos grossos e pesados de neve, girando e dançando através dos vidros cobertos de gelo.

Houve gritos e lamentos de alarme quando perceberam o que isso significava. A rainha estava morrendo.

Anaïs correu.

O choque do frio lá fora atingiu sua pele como uma mão furiosa e queimou seus pulmões, era doloroso demais para fazer qualquer coisa além de respirar superficialmente enquanto forçava seu caminho através da nevasca repentina.

De cabeça baixa, manteve os olhos no chão, já coberto pela neve espessa, enquanto caminhava no jardim, cada passo mais difícil que o seguinte, enquanto o vento uivava ao seu redor.

Parando no meio do caminho, respirou fundo, pois houve uma mudança substancial na terra, em seu entorno. O terror tomou conta dela enquanto um imenso poder formigava em sua pele. Corin a encontrou... e sabia o que tinha feito.

Então correu e quase alcançou Jally, mas uma raiz surgiu, saindo do chão como se fosse feita de ferro e depois curvando-se, sinuosa e mortal, agarrando-a. Anaïs gritou e saltou para longe, mas não rápido o suficiente, pois sentiu o objeto torcer em seu tornozelo. Gritou e se afastou, chutando e arranhando-o, mas a agarrou com ainda mais força, antes que outro se aproximasse e agarrasse sua outra perna, puxando-a para o chão. Anaïs arranhou as raízes, tentando desenrolá-las, libertar-se, mas simplesmente não havia forma de combatê-las.

Ela se acalmou, sabendo que era inútil enquanto dezenas de outras raízes subiam ao seu redor, uma delas se enrolando em sua garganta, apertada o suficiente para que mal conseguisse respirar. Tremendo de pavor, se perguntou se morreria agora. Será que tudo tinha sido em vão?

A voz de Corin sussurrou em sua mente, baixa e mais perigosa do que jamais imaginou.

— *Venha até mim.*

Havia tanto poder por trás das palavras que não lhe passou pela cabeça desobedecer. Essas raízes poderiam rasgá-la como papel de seda, caso ele decidisse fazê-lo. Como que para provar seu ponto de vista, a pressão em torno de sua garganta aumentou um pouco antes de deslizar de volta para o chão, deixando-a com ânsia de vômito e com falta de ar enquanto a neve caía ao seu redor.

Sabendo que teria poucos minutos para obedecer, Anaïs ficou de pé, escorregando e escorregando no gelo enquanto corria de volta para a cozinha. Arrancou a pedra do disfarce do pescoço pouco antes de irromper na cozinha.

— Jally está na neve — ela gritou para o já assustado pessoal da cozinha. — Vão e ajudem-na antes que morra congelada! — acrescentou ela, antes de correr por entre o séquito perplexo, de volta em direção aos aposentos da rainha.

Enquanto corria, passou por dezenas de guardas, e o número aumentava à medida que se aproximava da rainha. Cada um deles abriu a boca para desafiá-la, apenas para se encontrarem congelados, suas intenções suspensas enquanto Anaïs era autorizada a passar correndo pelas fileiras de homens silenciosos e paralisados.

Irrompendo nos aposentos privados da rainha, parou quando encontrou os olhos de Corin.

Estava ajoelhado ao lado do corpo de sua mãe, sua expressão era em partes iguais: fúria e terror.

— Cure-a!

Anaïs não respondeu, nem se atreveu a assentir. Parecia um homem no limite e ela o empurrara para lá.

Caindo de joelhos, segurou a mão da rainha e ofegou. O veneno causara muito mais danos do que pretendia.

— Consegue fazer isso? — perguntou, com uma voz dura.

Anaïs deu um pulo, dando-lhe um olhar assustado, mas assentiu.

— Não poderei salvá-la se ela morrer — disse Corin, com os olhos mais frios e duros do que Anaïs jamais os vira.

— Eu vou salvá-la — respondeu ela, esperando parecer mais certa do que sentia. O veneno não deveria ter funcionado tão rápido, nem deveria ser fatal. Foi muito cuidadosa em sua preparação. — Só dei um pouquinho para ela — disse Anaïs, olhando para Corin e rezando para que entendesse. — Não queria matá-la. Não deveria ter reagido tão mal, e nem tão rapidamente.

— Nós não somos humanos, sua garota estúpida! — ele se enfureceu, mordendo as palavras enquanto seus punhos cerravam ao lado do corpo, e o poder queimava contra sua pele tão quente e doloroso que pensou que sua carne fosse derreter. — Seus venenos são muito mais tóxicos para nós do que para você. Por que acha que estamos adoecendo em primeiro lugar?

Anaïs engoliu um soluço quando suas palavras atingiram o alvo. Deveria saber disso, deveria ter considerado, mas estava tão cega pela mágoa e pela raiva que não considerou bem as coisas. Queria tanto punir a rainha, queria libertar Dannon com tanta obstinação que não parou para pensar nas diferenças entre uma constituição humana e uma constituição élfica.

Ainda tinha a chance de mudar as coisas, havia a chance de salvá-la. Orando para que realmente fosse tão poderosa quanto Corin acreditava que fosse, se voltou para a rainha e tentou consertar o terrível erro que havia cometido.



Com Cérbero observando cada movimento seu com olhos grandes e comoventes, Corin se ajoelhou e levantou cuidadosamente a cabeça de sua mãe em seu colo, alisando o cabelo e retirando-o de seu rosto. O medo tomou conta dele quando colocou as mãos em cada lado de sua testa. Seu lindo rosto estava contorcido de dor, a pele tão fria e úmida que foi necessário um grande esforço para controlar o pânico e ajudar Anaïs enquanto expulsava o veneno

de seu sistema sanguíneo e reparava os danos causados.

Lá fora, o vento uivava, a temperatura caiu tanto que a respiração deles turvava-os, apesar do fogo crepitar na lareira. Podia ouvir os guardas na porta da rainha, martelando e exigindo entrar. Mas não teve tempo de explicar-lhes, de impedi-los de tirar conclusões precipitadas ao encontrarem os dois de pé sobre o corpo da rainha. Essa bagunça específica teria que esperar.

Corin enviou seu poder para a porta de madeira, que estava se partindo sob a força dos guardas que tentavam arrombá-la, e de repente a madeira era mais uma vez uma coisa viva, crescendo e engrossando, galhos saindo de todos os cantos e reforçando a abertura.

Nada passaria por lá tão cedo.

Corin sentiu lágrimas quentes arderem enquanto a rainha lutava para viver. Ele odiara a mãe mais do que a amara nos últimos anos, e com razão. Mas agora tudo o que conseguia lembrar era da sua infância e da mulher que o amara e o nutrira com uma devoção tão feroz. Sabia que era o mundo dela naquela época, que nunca poderia fazer algo errado aos seus olhos, e que, mesmo que o fizesse, o defenderia de qualquer um que ousasse puni-lo por isso. Não podia deixá-la morrer, não iria. Assim não.

A magia resplandecia entre eles enquanto se esforçavam para curá-la, a sala iluminada por ela, a atmosfera tão espessa e enjoativa que Corin mal conseguia respirar.

Um ruído suave rompeu sua consciência e os olhos de Corin se abriram quando Audrienne respirou fundo, trêmula e murmurou inquieta, enquanto seus olhos tremulavam, mas não abriam. Corin olhou-a, mal ousando ter esperança de que tivessem feito isso. Ainda podia ver os vestígios do veneno sob a pele dela, mas foi o suficiente. Ela iria se recuperar.

— A rainha vai ficar bem, Alteza, eu prometo — disse Anaïs, parecendo exausta. Ela recostou-se, afastando uma mecha de cabelo loiro dos olhos com a mão cansada. — Mas ainda vai demorar um pouco para acordar.

Corin assentiu, muito emocionado para falar além do nó que parecia estar alojado em sua garganta. Ele se ergueu e levantou o corpo da mãe, colocando-a na cama com o maior cuidado. As batidas nas portas tornavam-se cada vez mais violentas. Corin voltou pelo apartamento, olhando para as portas que havia fechado com sua magia.

— Vossa Majestade, você está bem? Abra! Abra essas portas.

Anaïs ofegou ao ficar ao lado dele e Corin praguejou baixinho, olhando para o céu lá fora. Nuvens escuras e ameaçadoras ainda permaneciam, a temperatura ainda congelante e o mundo de um branco brilhante sob sua espessa camada de neve. Graças aos deuses ela parou de cair.

— Abra esta porta! — Uma voz nova e perigosa foi ouvida dessa vez e Corin respirou fundo. Houve silêncio e ele falou novamente, desta vez em um tom mais sedoso, apenas um toque de diversão zombeteira por trás das palavras. — Príncipe Corin, sei que você está aí.

— Oh, deuses.

Corin falou tão baixo que Anaïs mal ouviu sua maldição, mas presumiu pela expressão em seu rosto que esta não era uma reviravolta feliz. Na verdade, não poderia ser pior.

— O... o que é isso? — gaguejou, o medo drenando de suas bochechas coradas a cor que seus esforços para curar a rainha haviam produzido.

Corin olhou para a porta como se pudesse afastar o bastardo. Infelizmente, a voz pertencia a um homem poderoso e mesmo os talentos de Corin não conseguiam controlar uma mente tão distorcida. — O Duque de Ravendell.

— Então? — disse Anaïs, torcendo o vestido enorme nas mãos. Corin olhou para trás e viu que ela estava apavorada, e deveria estar. O vestido emprestado que usava estava pendurado nela e a fazia parecer terrivelmente jovem e de alguma forma Corin não conseguia ficar zangado com ela como antes. — Você pode dizer a ele que a rainha está bem agora, não pode? — perguntou, parecendo esperançosa.

— Você pode ver que ela foi envenenada tão bem quanto eu — disse ele, em tom baixo enquanto passava a mão pelos cabelos. O que diabos deveria fazer agora? — Aquele homem fará o possível para que minha cabeça seja espetada por traição e regicídio antes que a rainha acorde para lhe dizer que não tenho participação nisso. — Corin balançou a cabeça enquanto as paredes pareciam se fechar sobre ele. — Tem dito a todos que tenho fome de poder, que todos que têm interesse em manter seus empregos deveriam me manter longe do trono. — Corin bufou, sua raiva crescendo por ter ficado preso naquela situação escandalosa. — Isso é verdade. Colocaria todos eles para fora em um piscar de olhos.

— B-bem, vou contar a ele que a salvou. Vou contar tudo a ele — disse Anaïs, erguendo o queixo. Corin suspirou e balançou a cabeça. Por mais que Anaïs tenha causado todo o desastre, foi empurrada para isso, e o Demônio Ravendell nunca acreditaria nela de qualquer maneira. Distorceria tudo para fazer com que a culpa recaísse sobre Corin. Os resultados terminariam da mesma forma, com os dois perdendo a cabeça. — É tudo culpa minha, Corin — persistiu, seus lindos olhos azuis brilhando de lágrimas. — Vou contar isso a ele. Eu assumo a culpa.

Corin balançou a cabeça. Não havia outra opção agora. Agarrou Anaïs pelo pulso. — Temos que sair daqui.

— Mas por quê? — ofegou, enquanto Corin a rebocava atrás dele. — Se correr vai parecer que fez algo errado! — protestou, arrastando os calcanhares.

— Você não entende, sua bobinha — Corin retrucou, ficando cada vez mais impaciente. — Ravendell me quer morto e esta é sua oportunidade perfeita. Pelos deuses, deve estar adorando isso — amaldiçoou. Ele se virou para encarar Anaïs, esquecendo-se momentaneamente de que sua mãe era a verdadeira fonte de toda aquela confusão e sentindo-se completamente furioso com sua falta de opções. — Tem poder suficiente para ver que ela foi envenenada assim como nós, mas esquecerá de mencionar que a rainha se

recuperará. Quando ela o fizer, terá me executado, e você também, se isso se adequar à história. — As palavras eram duras, insensíveis e malditamente raivosas, mas isso era tudo o que Corin podia dar a ela naquele momento. Tinha que correr com ele ou não poderiam ser salvos.

— M... mas o rei, seu pai... com certeza — protestou ela, teimosa até o fim.

Corin passou a mão pelos cabelos, frustrado, enquanto as batidas nas portas ficavam mais altas. Houve um latido suave a seus pés e ao olhar para baixo Corin viu Cérbero espreitando-o com olhos grandes e assustados, o rabo enfiado entre as pernas. O cachorrinho deu um gemido ansioso e levantou-se nas patas traseiras. Corin o ergueu, de repente grato por sua presença. — Ravendell tem grande influência na corte — Corin disse voltando-se para Anaïs. — A maioria dos que seguem minha mãe, agora pulariam para o lado de Ravendell se pudessem escolher entre nós. Há muitos que o apoiariam ou teriam medo de resistir. Agiriam antes que meu pai soubesse de alguma coisa, usando sua saúde precária como desculpa, e então já seria tarde demais.

Era extraordinário que a garota pudesse empalidecer ainda mais, mas Anaïs conseguiu. — Corin, sinto muito — ela disse, o peso da culpa em sua voz era óbvio.

— Guarde isso para depois, Anaïs — respondeu ele. — Precisamos sair daqui.

Ela o seguiu de volta ao quarto da rainha e até o painel de madeira onde, com um aceno de mão, uma abertura secreta deslizou para revelar uma porta.

— Oh! — Anaïs ofegou aliviada.

— Minha mãe sempre tem um caminho discreto para seus amantes — explicou ele com uma careta. Ao entrar no espaço confinado, as luminárias que revestiam o corredor se acenderam, uma após a outra, iluminando seu caminho. — Vamos — disse Corin, gesticulando para que o seguisse. — Precisamos ir o mais longe possível daqui, e bem rápido.

Fechando a porta atrás deles, Corin a selou com sua magia e colocou uma barreira sobre a passagem escondida pela qual os guardas não poderiam se mover se a descobrissem... e então correram.

CAPÍTULO 30



Anaïs seguiu Corin enquanto corriam pelo corredor escondido. — Espere — gritou ela, parecendo sem fôlego. — Não poderíamos usar o disfarce? Eu poderia fingir ser a rainha até ela acordar.

Corin se virou, dando-lhe um olhar impaciente. — Há uma razão para magia do disfarce ser proibida Anaïs, tem ideia de quantas vezes esse truque foi usado ao longo dos anos? É obrigatório revistar o prédio e a nós, se houver algum tipo de risco para a monarquia. Como você explicaria o corpo? Não entende, se tivessem nos encontrado em posse da magia do disfarce, seria o suficiente para nos condenar à morte por si só, não importando o fato da rainha quase ter morrido.

— Oh.

— É por isso que Dannon é tão perigoso — acrescentou, sabendo que essa era uma das razões pelas quais sempre suspeitou do homem. — É por isso que ninguém confia nele. Se sua família não fosse uma das mais poderosas do país, teria sido executado assim que sua habilidade fosse descoberta. Do jeito que aconteceu, conseguiram manter tudo em segredo até que ficasse mais velho e poderoso demais para tentarem fazer qualquer coisa a respeito.

— Você teria executado uma criança? — ela exigiu, parecendo totalmente horrorizada.

Corin fez uma pausa, balançando a cabeça e parecendo enojado com a ideia. — Não. Não poderia ter feito isso, nem minha mãe. Mas meu avô teria feito isso sem pensar duas vezes. Ele *fez* isso, e mais de uma vez.

Corin ignorou a expressão de indignação dela. Esta era uma terra perigosa. Se tivesse poder, teria inimigos, era simples assim. Se alguém soubesse de suas habilidades quando menino, Corin teria tido o mesmo destino. Graças aos deuses, sua mãe e seu pai tinham sido vigilantes, e o rei o amava tanto que sua equipe era inabalavelmente leal. Ele estava protegido.

Eles haviam chegado ao fim do corredor e Corin abriu uma fresta da porta para olhar.

— Por que o odeia tanto?

Corin olhou-a e fez uma careta de impaciência. — Agora não é o momento, Anaïs — respondeu ele, observando com cuidado o mundo além da porta. — Mas, na verdade, não consigo identificar nenhum acontecimento isolado. Há apenas mais anos de animosidade do que gostaria de lembrar. — Um forte estrondo soou sobre o palácio, o som dele vibrando no chão. Corin amaldiçoou. — Maldito seja ele para o inferno. — Fechou a porta novamente. — Dê-me o disfarce — ele exigiu.

— Por quê? — Anaïs perguntou, procurando-o no bolso.

— Porque Ravendell alertou a guarda e sou bem fácil de reconhecer. Precisamos sair da cidade e rápido.

Anaïs entregou-lhe o pingente e Corin o colocou na cabeça. Momentos

depois, ofegou quando outro homem estava diante dela. Corin sabia muito bem o que Anaïs estava vendo e que ainda era lindo, mas havia crueldade naquele rosto. Cabelos longos e brancos prateados caindo sobre um rosto aristocrático que era tão frio quanto bonito. Foram os olhos que pareceram assustá-la e Corin não a culpava. Ele mesmo olhara naqueles olhos e sentira o poder do homem. Tão frios quanto uma lâmina, brilhavam prateados à luz das arandelas.

— *Merde.* — sussurrou Anaïs, seus olhos arregalados. — Quem é ele?

O rosto zombou dela. — Sua Graça, o Duque de Ravendell — disse lentamente uma voz entediada.

— *Mon Dieu!* — murmurou ela. — Ele se parece com o próprio diabo.

— É verdade — concordou Corin, com um bufo de diversão. — E você estaria perfeitamente certa em acreditar nisso. Aqui, leve Cérbero, por favor. Ravendell não seria pego nem morto carregando-o. — Tirou o cachorro dele, colocando-o debaixo de um braço e Corin agarrou o outro pulso antes de abrir a porta mais uma vez. — Vamos.

Correram pelos inúmeros corredores do palácio e Corin ficou grato por todas as suas aventuras infantis, explorando cada canto e recanto daquele vasto lugar. Anaïs lutou para acompanhá-lo, mas finalmente saíram do prédio e foram para o pátio do estábulo, que estava fervilhando de guardas.

— *Oh, Mon Dieu* — ela sussurrou, diminuindo o passo e olhando ao redor com horror. — Corin... — ela começou.

— Calma — ele retrucou, olhando-a, — se dirigirá a mim como Vossa Graça. — Corin continuou andando, a mão segurando o pulso dela com força. — Deuses — murmurou. — Teremos que levar o cavalo de Ravendell.

— Por que isso é um problema? — perguntou ela, em voz baixa.

— Porque a fera é tão louca quanto ele — Corin resmungou. Sua afinidade com os animais era suficiente para que fosse capaz de domesticá-los, mas o Demônio parecia ter um talento especial para se cercar de criaturas e pessoas tão perversas e danificadas quanto ele.

— Oh.

Corin se virou, alertado pela óbvia ansiedade e pelo tremor na voz de Anaïs, lembrando que ela não sabia montar e tinha medo de cavalos. Ele lhe sorriu. — Não se preocupe, posso lidar com o animal. Estou apenas lhe avisando.

— Muito obrigada — murmurou, claramente desejando que Corin não tivesse se incomodado. — Pensei que com todo esse poder mágico à sua disposição, seria capaz de criar algo mais fácil de viajar do que um cavalo.

Corin bufou, mas não gastou energia para responder. Estava muito concentrado no fato de que estavam na metade do pátio aberto. De repente, um guarda se virou e os avistou, olhando para Corin com uma expressão chocada. — Vossa graça! Como... como chegou aqui tão rápido?

— Acredito que a pergunta mais pertinente é: por que você demorou tanto? — respondeu Corin, os olhos prateados se estreitando para dar ao homem um

olhar duro.

O guarda hesitou e assentiu. — Minhas desculpas, ainda não houve sinal deles.

— Você divulgou uma descrição?

— Sim, Vossa Graça. O Príncipe Corin e um companheiro desconhecido — o homem lançou um olhar de surpresa para Anaïs e suas curiosas roupas, mas as tendências do Demônio eram suficientemente conhecidas para que ninguém ousasse questioná-lo sobre a estranheza de seus companheiros. Pelo menos ela não estava na liderança do grupo.

— Muito bem, continue. — Corin estalou os dedos para um dos rapazes do estábulo. — Meu cavalo. Agora!

Corin observou um garoto correr para cumprir sua ordem enquanto o guarda se afastava com uma leve carranca no rosto. Respirou fundo e se perguntou se era o coração de Anaïs que ouvia bater ou o seu próprio. A garota parecia prestes a desmaiar a qualquer momento, sua respiração saindo em pequenas baforadas visíveis no ar gelado. Percebeu que ela estava fazendo o possível para esconder sua angústia enquanto tremia de frio. Corin observou enquanto Anaïs tentava ajustar sua linguagem corporal para parecer mais relaxada, mas era óbvio que estava rígida de tensão.

As coisas não melhoraram quando o cavaliário voltou conduzindo um enorme cavalo cinzento. Corin ouviu Anaïs inspirar profundamente e não poderia culpá-la. Era sem dúvida o cavalo de aparência mais maligna que Corin já tinha visto, já mostrando o branco dos olhos e dançando ao redor do cavaliário com desprezo.

O cavalo levantou-se, puxando as rédeas, com as orelhas abertas, batendo as patas e jogando a cabeça para trás enquanto o pobre e aterrorizado menino tentava desesperadamente segurá-lo, escorregando na neve profunda. Quando Corin se aproximou, a criatura empinou-se sabendo que algo estava errado, embora o homem parecesse seu mestre.

Corin falou com ele, com a voz baixa enquanto rezava para que o cavaliário não conseguisse ouvir as palavras da língua antiga. Murmurou para o cavalo na linguagem estranha e lírica e o grande animal se acalmou, relinchando e esfregando a cabeça em Corin.

Sabendo que estavam no fio da navalha, Corin montou enquanto o rapaz do estábulo lhe lançava um olhar perplexo. Abaixando-se, agarrou Anaïs pelo braço e puxou-a para frente dele.

— Espere! — gritou o guarda, enquanto Corin fazia o cavalo saltar e sair correndo do pátio a toda velocidade. — Parem-nos! - sua voz soou.

O grito cresceu à medida que todos foram mobilizados para a ação atrás deles enquanto aceleravam pelas ruas da cidade, o cavalo tentando encontrar apoio nas ruas de paralelepípedos escorregadios e o barulho de cascos ressoando entre as casas. Anaïs torceu a mão na crina do cavalo enquanto Corin tentava apoiar ela e Cérbero. Por que, em nome dos deuses, a maldita mulher não poderia ter aprendido a montar?

Anaïs começou a escorregar para o lado quando viraram uma esquina muito mais rápido do que seria prudente. Gritou alarmada e o braço de Corin apertou-se ao seu redor para mantê-la de pé.

— Saiam do caminho! — gritou ele, enquanto voavam pelas ruas de pedestres, espalhando pessoas em todas as direções com gritos e xingamentos.

Corin olhou para trás e viu que os guardas já estavam em seu encalço, pelo menos dez ou mais os seguiam. *Maldição*. Com um movimento de sua mão, as árvores que ladeavam a estrada se curvaram, crescendo a uma velocidade incrível até se encontrarem e se torcerem, os galhos se entrelaçando até que o caminho ficou completamente bloqueado. Corin incitou o cavalo, esquivando-se por becos e caminhos estreitos, seus anos mais selvagens explorando o lado mais sombrio da cidade finalmente valendo a pena, já que cada via secundária e canto da capital estava gravado em sua memória.

Finalmente a estrada se alargou e levou a um campo aberto, assim seguiram a toda velocidade. Os campos cobertos de neve passavam rapidamente enquanto os cascos do cavalo batiam constantemente, devorando o chão abaixo deles. Cérbero começou a latir. Anaïs não disse nada, os nós dos dedos brancos enquanto agarrava a crina do cavalo. Corin suspeitou que seus olhos estavam bem fechados. Corin a segurou com mais força quando se aproximaram de uma cerca viva e ouviu seu grito de alarme enquanto saltavam. Anaïs disse uma torrente de palavras muito pouco femininas quando pousaram em segurança do outro lado.

Um som ecoou atrás deles e Corin olhou para trás, vendo centenas de homens a cavalo, tropeçando pelos campos atrás deles.

— *Putain!* — gritou Anaïs, ao ver também o que os seguia. — Corin!

À direita deles, mais cavaleiros voavam do leste da cidade, muito mais perto e avançando rapidamente, apesar da sua própria velocidade. Um assobio estridente cortou o ar e flechas choveram ao redor deles. Anaïs gritou quando caíram no chão a seus pés enquanto Corin incitava o cavalo a andar ainda mais rápido.

Ele viu Anaïs levantar a mão, soltando o aperto mortal no cavalo, e entendeu o que pretendia quando sentiu o formigamento de sua magia contra sua pele.

— Não! — Corin soltou sua cintura e agarrou sua mão para detê-la e Anaïs escorregou para o lado com um grito, a puxou de volta para o lugar e segurou-a mais uma vez.

— Eles estão tentando nos matar! — gritou para ele.

— É o trabalho deles! — Corin gritou de volta. — Não pode matá-los.

— Isso não parece justo! — retrucou, parecendo furiosa.

Não teve tempo de responder quando o som de assobio retornou e o céu escureceu cheio de flechas vindas de todas as direções. Corin falou uma palavra dura e Anaïs gritou, seu corpo ficando tenso enquanto se preparava para o impacto de um golpe mortal. Mas as flechas tornaram-se nada mais do que pequenos galhos secos que caíram inofensivamente no chão.

Olhou para baixo enquanto o cavalo voava sobre o tapete de gravetos mortos.

— Belo truque — disse ela, parecendo um pouco histérica.

Corin grunhiu, mas não fez mais comentários. Tentou considerar até onde o cavalo poderia levá-los antes de diminuir a velocidade e sabia que teria que atravessar a fronteira para sua própria terra. Fechando os olhos, deu à fera um pouco de sua magia, sentindo o grande cavalo ganhar velocidade mais uma vez, embora sua cernelha já estivesse escura de suor. Se pudesse levá-los para perto o suficiente de Floresta Dark... poderia ganhar algum tempo para eles.

Horas depois, Corin deu um suspiro de alívio ao ver a linha negra e ameaçadora de árvores no horizonte enquanto desciam a colina. Nunca pensou que chegaria o dia em que ficaria feliz em ver a Floresta Dark, mas lá estava ele. Os guardas ficaram um pouco para trás, precisando salvar os cavalos, mas sabia que nunca os perderiam em campo aberto. A essa altura, as mensagens teriam sido enviadas para os confins do reino e certamente estariam os próprios homens de Ravendell à espreita por ele, prontos para bloquear seu caminho de volta para casa. Não, nunca faria isso dessa maneira, mas pelo menos agora tinha um plano.

Mais ou menos.

Deu ao cavalo uma última explosão de magia, incitando a fera na direção em que a terra se estreitava e a Floresta Dark curvava-se ao redor dela por todos os lados.

Corin virou o cavalo e o parou, enfrentando seus perseguidores.

— O que você está fazendo? — gritou Anaïs, mas Corin não respondeu. Pulou do cavalo e os encarou de frente.

Fechando os olhos e abrindo os braços, sentiu sua ligação com esta terra surgir abaixo dele, saltando para a conexão como obturações de ferro para um ímã. As vozes que lutou para manter caladas por tanto tempo gritaram em sua cabeça e deu um passo para trás relutantemente quando a força disso o atingiu.

Abaixo de seus pés, o chão começou a tremer e sentiu, mais do que viu, o campo começar a se dividir ao meio. Um corte se abriu no verde e se alargou enquanto o chão se abria diante deles. Ouviram-se gritos dos guardas que tentavam parar a tempo, cavalos gritando e chocando-se uns contra os outros, empinando-se de medo, alguns fugindo enquanto seus cavaleiros lutavam para recuperar o controle, e o vasto abismo aparecia aos seus pés.

— *Mon Dieu* — gritou Anaïs, ao perceber a magnitude do poder dele.

Satisfeito por não poderem mais segui-lo, Corin virou-se para Anaïs e viu-a dividida entre a admiração e o terror. Era uma reação a que estava acostumado e a razão pela qual poucos conheciam a verdade sobre seus poderes.

— Não podemos continuar assim — disse ele, ignorando o modo como o olhava. Montou no cavalo mais uma vez. — Não há nada a fazer senão ir à Floresta Dark. Não nos seguirão até lá.

— Por que isso não parece uma boa ideia? — Anaïs exigiu, virando-se para

olhar para ele. — *Por que* não nos seguem até a Floresta Dark?

— Porque ninguém em sã consciência entra na Floresta Dark — ele murmurou.

— Então por que estamos? — ela perguntou, o pânico claro em sua voz enquanto se virava para tentar ver melhor o rosto dele. Cérbero ainda seguro em seus braços.

— Porque não há outra escolha — Corin respondeu brevemente. — Em campo aberto não temos chance. A Floresta Dark faz fronteira com minha casa e podemos percorrê-la até estarmos seguros. Posso defender minha casa contra qualquer um que venha atrás de nós até que a rainha esteja bem o suficiente, para assumir o controle desta maldita bagunça.

Corin olhou para o denso emaranhado da floresta que brilhava no horizonte à frente deles e suprimiu um arrepio de medo real com a ideia de pisar ali novamente. Evitava chegar perto dela, se possível.

Duas vezes. Estivera duas vezes na Floresta Dark, e de alguma forma conseguira sair com vida.

A primeira vez era criança e jurou a si mesmo que nunca, jamais, entraria novamente. Quebrou essa promessa apenas uma vez, mas Laen esteve com ele e Corin não teve que viajar muito. Ter que cruzar dois terços de seu comprimento, e fazê-lo apenas com Anaïs, que precisaria de proteção, em vez do maior guerreiro de todas as Terras Fae, bem, não era um pensamento reconfortante.

Era um risco terrível, muito maior do que permitiria que Anaïs soubesse. Mas se fosse morrer, preferiria enfrentar o que o esperava lá do que dar essa satisfação ao Demônio. Qualquer coisa era melhor do que isso. Também poderia negociar a passagem segura de Anaïs se tivesse sorte.

Ergueu os olhos ao perceber que Anaïs estava falando com ele.

— O que os impede de nos seguir? — perguntou ela, obviamente não pela primeira vez.

— Nada — ele respondeu. — Apenas que a Floresta Dark tem esse nome por um motivo, e não apenas por causa da ausência de luz. As coisas habitam nas árvores e nas sombras. Coisas antigas, que qualquer homem sensato evita a todo custo. Coisas com as quais não estão preparados para lidar.

— M... mas você está? — perguntou, e ele percebeu a combinação de terror e esperança em sua voz.

Corin deu-lhe um sorriso sombrio. — Esperemos que sim.



Dannon estava de excelente humor e caminhando pelo coração da cidade, quando percebeu que as nuvens começaram a escurecer e girar no céu. Com uma reviravolta fria e desesperada no estômago, observou enquanto se moviam acima de sua cabeça. Com uma terrível premonição deslizando sobre sua pele como água gelada, sabia que já tinha visto isso antes. Na noite em que Corin quase perdeu a vida, o céu noturno estava assim e a temperatura despencou antes de a neve começar.

Olhou incrédulo para o chão enquanto a geada cobria as pontas de suas botas, estalando nas ruas, cobrindo as casas e as árvores com uma camada espessa de gelo. Dannon olhou para cima com o coração na garganta quando o primeiro floco de neve pousou em sua bochecha e enviou um arrepio de puro medo percorrendo sua carne.

A rainha estava morrendo.

Por um momento se perguntou se ela havia agido por conta própria, estava com um humor tão estranho nos últimos dias. Muitas vezes pensara que ela estava à beira das lágrimas e se perguntara o que estaria por trás disso. De repente, capaz de pensar além da desolação de sua própria miséria, agora que estava livre, pôde ver a razão disso. À sua maneira estranha e distorcida, estava apaixonada por ele.

Ele se virou então, voltando para o palácio. Em seu íntimo, não podia deixar de acreditar que a rainha nunca teria tirado a própria vida. Era muito vital, muito controlada para permitir que suas emoções a dominassem tão completamente. Na verdade, também era uma rainha muito conscienciosa para mergulhar seu povo no tipo de drama que surgiria de tal ato. O que significava... o que significava... que alguém havia tentado matá-la.

Houve um tremor de desconforto profundo em seu subconsciente ao se lembrar da maneira como havia acordado. Esperara que a droga o fizesse sentir de ressaca, doente e precisando desesperadamente de sua próxima dose, mas se sentira melhor do que antes de deixar Anaïs. A incômoda suspeita de que ela estivera com ele tornou-se mais profunda.

Pensou que tinha sido apenas um sonho adorável, a sensação boa de que Anaïs estivera com ele, que ainda o amava, apesar de todas as coisas perversas que dissera a ela. Mas agora... agora estava muito consciente de uma crescente sensação de alarme.

— Oh, meu amor — murmurou, quando a neve começou a cair para valer.
— O que você fez?

Virou na rua que dava acesso aos portões principais do Palácio e ouviu um grito vindo das paredes.

— Lá! Lá está ele!

Alarmado, percebeu que estavam apontando para ele, se virou e correu de volta para as ruas da cidade, em direção ao mercado. Não parou para olhar em volta, não se virou para ver o quão perto estavam, mergulhando na confusão de pessoas, tirando a jaqueta e arregaçando as mangas enquanto avançava. Uma vez no meio da multidão, Dannon mudou, ganhando novamente a aparência de um velho, voltando-se lentamente na direção de onde veio.

Observou enquanto os guardas passavam por ele e entravam no mercado. Com um sorriso sombrio de satisfação regressou ao Palácio, pretendendo entrar pelos estábulos. Quando chegou lá, no entanto, congelou de espanto com a cena diante dele. Anaïs estava lá, no pátio, cercada por guardas correndo em todas as direções e sendo puxada para cima de um cavalo por ninguém menos que o Duque de Ravendell, entre todas as pessoas. Dannon

piscou e se perguntou se estava vendo coisas, talvez a droga o tivesse afetado mais do que imaginara?

Observou atordoado demais para intervir, enquanto Ravendell e Anaïs saíam correndo do pátio como se os cães do inferno estivessem em seus calcanhares. Um segundo depois, houve gritos dos guardas e ficou claro que nada estava como deveria ser, pois foram dadas ordens para persegui-los.

Sem parar por um momento para considerar suas ações, dominou um dos guardas, arrastando-o para uma baia. Uma vez inconsciente, rapidamente tirou seu uniforme e roubou sua aparência. Não sabia como Anaïs caíra na companhia de Ravendell, pelos deuses esse era um homem que Dannon não queria a cem milhas dela. Mas o que quer que Anaïs tenha feito, fez por ele, disse não tinha dúvidas em seu coração. Então se juntou aos outros homens que saíam do pátio, o barulho de cascos batendo nas pedras ressoando em seus ouvidos com os cavalos e guardas em perseguição de Anaïs e do duque.



Anaïs sentiu a pele arrepiar de consciência enquanto cavalgavam para a Floresta Dark. Corin estava em silêncio e completamente imóvel atrás dela, com os braços tensos como ferro. Sua óbvia inquietação por estar ali não era nem um pouco reconfortante, embora fosse bastante claro que aquele não era o tipo de lugar onde uma pessoa sã permaneceria.

A atmosfera era estranha, pesada e ainda assim podia ouvir o sangue correndo em seus ouvidos. Não houve movimento, nem mesmo a mais leve brisa agitando as folhas, nenhum som além do cavalo movendo-se sobre a vegetação rasteira. No entanto, não tinha dúvidas de que estavam sendo vigiados.

A copa acima deles era tão espessa que nenhuma luz penetrava e Anaïs não ficou surpresa quando o cavalo começou a mostrar sinais de perigo. Cérbero começou a tremer antes mesmo deles se aproximarem, choramingando até que estivessem sob a cobertura, quando ficou em silêncio. O pobre cavalo parou, tremendo, revirando os olhos, e então começou a corcovar e a recuar, determinado a se virar e tirá-los daquele lugar perturbador.

Corin desmontou e ajudou Anaïs a descer, falando baixinho com a fera que bufava e mostrava o branco dos olhos aterrorizado.

— Vá. — Corin soltou as rédeas e o cavalo não precisou de outro convite. Disparou de volta para os campos, fugindo para bem longe da atmosfera terrível, e Anaïs desejou muito poder segui-lo.

Duvidava que fosse a única. Corin estendeu a mão e pegou o cachorrinho trêmulo de seu colo e segurou-o contra o peito, acariciando suas orelhas enquanto olhava ao redor.

— Venha — disse ele, com a voz baixa. Anaïs entendeu. Havia algo naquele lugar que fazia com que não se quisesse emitir nenhum som. Na verdade, isso dava vontade de se encolher e chamar o mínimo de atenção possível para si mesmo. Ela mal ousava respirar.

Corin começou a andar para frente, conduzindo-a para o interior da

floresta. Anaïs descobriu que precisava respirar fundo e se esforçar para dar o primeiro passo, fazer com que seus pés o seguissem na escuridão, quando seus instintos gritavam para correr na outra direção. O príncipe fez uma pausa, virando-se para olhá-la. — Você *tem* que ficar por perto, Anaïs.

Anaïs mordeu o lábio, assentiu e seguiu-o na escuridão.

CAPÍTULO 31



Dannon observou com o coração na boca enquanto Anaïs e Ravendell cavalgavam pelos campos. Indo diretamente para a Floresta Dark.

Exceto que não era Ravendell.

O Demônio era poderoso. Todo mundo sabia disso. Mas apenas um homem detinha o enorme poder necessário para manipular a paisagem dessa forma. Demônio Ravendell não tinha tal conexão com a terra, mas Corin sim.

O que diabos estava acontecendo? Dannon amaldiçoou, girando o cavalo em círculos enquanto considerava o que fazer a seguir. Estavam tão perto de sua terra que teve vontade de chorar de frustração. Sonhara em levar Anaïs para sua casa com ele... e ela estava tão perto.

Com alívio, notou que o céu havia clareado antes de cruzarem a fronteira para as terras de Corin. Ainda estava cinzento e a chuva ameaçava no horizonte, mas a rainha estava fora de perigo. Ela viveria.

Não havia dúvida na mente de Dannon de que Corin não teria participado de uma conspiração contra sua mãe. Tinham um relacionamento volátil, mas Dannon jamais acreditaria que o príncipe agiria dessa forma. Havia muito amor e consideração ali, apesar de suas brigas frequentes e violentas. Dannon tinha ouvido a rainha falar de Corin com bastante frequência, e o orgulho em sua voz era inconfundível. Não, Corin não iria machucá-la. O que significava que Corin provavelmente tinha descoberto o que Anaïs tinha feito e estava tentando ajudá-la a escapar das consequências. De alguma forma, Corin estava envolvido nisso, e agora não tinha escolha a não ser fugir com ela.

Dannon só poderia estar grato. Quando os viu indo para a Floresta Dark, no entanto, não pôde fazer nada além de rezar aos deuses e à mãe Nerthus para que Corin soubesse o que estava fazendo. As pessoas raramente entravam na Floresta Dark voluntariamente. Quase nunca voltavam a sair.

Corin sim. Apenas uma vez, até onde Dannon sabia, mas saiu ileso. O príncipe era uma criança muito pequena na época, talvez com apenas seis ou sete anos. A história daquele dia era bem conhecida entre o povo, porque era de fato extraordinária. Havia matado uma criatura antiga e terrível de tamanho e poderes incríveis quando era apenas um garotinho. O que levantava a questão... o que o homem adulto poderia fazer? Dannon via o olhar assombrado de Corin, sempre que alguém lhe perguntava sobre isso. Sempre se perguntou o que o havia colocado ali.

Entre os guardas houve gritos e atividade enquanto começavam a trabalhar na construção de uma ponte para transportá-los através do novo desfiladeiro que aparecera diante deles. Dannon observou o trabalho progredir em um ritmo impressionante, tal como esperaria do exército élfico. Não demoraria muito. Tinha que dar aos dois mais tempo para fugir.

Tomando sua decisão, cavalgou em direção ao General Merille, que observava a atividade de seus homens com um ar de frustração reprimida.

— General Merille? — Dannon disse, enquanto o homem grande e de rosto rosado virava seu cavalo em sua direção.

— Que foi? — retrucou o General, claramente irritado com a interrupção.

Dannon o saudou e falou com o homem com tanta convicção quanto pôde reunir e sentiu-se grato por usar a insígnia de um dos escalões mais elevados. Pelo menos tinha uma chance de seu pedido ser atendido. — Há algo que realmente precisa ver, senhor. Acho que é importante.

O General franziu a testa, mas deu um breve aceno de cabeça e Dannon partiu, conduzindo-o em direção a um pequeno conjunto de edificações agrícolas. Assim que desapareceram de vista, ele desmontou. — É por aqui, General.

O homem bufou de frustração enquanto saltava do cavalo. — É melhor que isso não seja uma perda do meu maldito tempo! — latiu.

— Não, senhor, na verdade não é. — Dannon o puxou em direção a um dos celeiros. — Acho que alguém sabia que viriam por aqui, pois parece ter deixado provisões para eles. Só por aqui, olha.

O General hesitou e Dannon sabia que estava desconfiado. Atacando antes que o homem pudesse decidir que estava sendo levado para uma armadilha, enfiou os dedos atrás da clavícula e os olhos do General rolaram para cima.

Dannon o agarrou antes que caísse no chão e o arrastou para fora de vista. Esperando saber com que diabos estava brincando, tirou o uniforme do homem e mudou sua aparência pela terceira vez naquele dia.

Não foi a primeira vez que foi forçado a fazer tais coisas no decorrer de seu trabalho, é claro, mas geralmente tinha o apoio da coroa. Fazer isso com um oficial de alto escalão do exército poderia levá-lo a passar o próximo século nas masmorras do palácio. Se tivesse sorte.

Só podia esperar que estivesse certo e que Corin não tivesse qualquer envolvimento. Então a rainha lhe agradeceria por ajudar o filho a fugir, ou a cabeça dele também estaria em risco.

Não que isso importasse. Se alguma coisa acontecesse com Anaïs, nunca se perdoaria.

Depois de vestido, tirou o corpo de vista, deixando-o confortável, mas amordaçado e amarrado.

Retornando ao campo como General Merille, não perdeu tempo em instruir os guardas a pararem o que estavam fazendo e retornarem ao Palácio imediatamente. Todas as fileiras de homens suados e enlameados olharam para ele com espanto. Explicou que novas informações surgiram sugerindo que o Príncipe Corin estava agindo de acordo com as instruções da rainha e os fez voltar, rezando para que, quando chegassem lá, a rainha confirmasse suas palavras.

Dannon ficou para trás com um pequeno destacamento de homens, os quais enviou em várias direções em uma variedade de tarefas tolas, antes de desmontar e caminhar até a extremidade mais distante do cânion.

Restava uma saliência fina antes de atingir a borda da Floresta Negra. Era

mantida unida pelas raízes emaranhadas das enormes árvores que criavam o denso labirinto de florestas ao longo da fronteira de Solastire, em direção às Montanhas Costas do Dragão.

Havia uma saliência suficiente para um homem passar facilmente.

Esperançosamente.

Se conseguisse.

Dannon respirou fundo e avançou resolutamente, mantendo os olhos erguidos e recusando-se a deixá-los desviar-se para a queda íngreme abaixo dele. Segurando-se nas raízes lamacentas para se apoiar e tão rápido quanto ousou, atravessou o desfiladeiro e se dirigiu a Floresta Dark.



Pelo que pareceu ser a vigésima vez em poucos minutos, Anaïs tropeçou. Corin agarrou seu braço novamente, levantando-a antes que caísse, de cara, na vegetação rasteira.

— Sinto muito — sussurrou ela. — Não consigo ver nada.

Corin mal havia falado com Anaïs desde que começaram, não ousou. Não que isso fizesse muita diferença. Sua presença foi sentida.

Ele sabia que sim.

Corin apertou ainda mais Cérbero, que estava igualmente em silêncio. Era muito improvável que o cachorrinho durasse cinco minutos se o colocasse no chão.

— Sinto muito, Anaïs. Terá que me perdoar. Sempre esqueço que os outros não enxergam no escuro como eu.

— Bem, isso é um alívio — ela disse, e Corin percebeu o esforço que Anaïs fazia para aliviar o clima. — Achei que estava apenas sendo desajeitada.

Corin sorriu e balançou a cabeça antes de levantar a mão. Ele a ouviu ofegar quando milhares de pequenos vaga-lumes apareceram, correndo para pairar sobre sua mão e trazendo um pouco de luz à escuridão. — Isto é melhor?

Corin viu as pequenas luzes brilharem em seus olhos enquanto as observava. — Sim, obrigada.

Bateu palmas para afastá-los um pouco e estes se dispersaram permanecendo no alto.

— Você consegue ver no escuro então? — perguntou, movendo-se com um pouco mais de segurança agora.

— Sim.

— Suponho que isso seja normal para sua espécie?

— Não.

Caminharam um pouco mais antes que ela falasse novamente. Corin tinha a sensação de que conversar a fazia se sentir um pouco mais corajosa. Não a culpou. O silêncio era como a pausa antes de uma explosão que sabia que estava por vir, a certeza aumentada pelo peso da expectativa. Embora desejasse que isso fosse tudo o que ouvia, em vez daquelas vozes sussurrantes

que ficaram mais altas em sua mente desde que abrira a fenda no reino de sua mãe.

— Já estive aqui antes?

Levou um momento para afastar sua mente das vozes que clamavam por sua atenção e voltar à pergunta dela.

— Sim, já estive aqui antes.

— O que encontrou? — perguntou ela, parecendo não querer ouvir a resposta.

— Muitas coisas gostaria de não ter feito — respondeu, tentando afastar da mente as lembranças de sua primeira visita. — Descobri as responsabilidades de meu poder, e que não se pode agir, mesmo que as intenções sejam para o melhor, sem considerar a segurança das pessoas ao seu redor.

Anaís franziu a testa para ele na escuridão. Corin podia perceber a expressão dela, mesmo que não se virasse para olhá-la. — Não entendo, disse ela.

Ele suspirou e realmente não queria explicar. Nunca quis se lembrar. No entanto, era covardia, sua cruz para carregar. Isso magoara outras pessoas e suas ações naquele dia estiveram no centro de muitos dos problemas que o seguiram desde então. Havia cometido um erro terrível e ainda estava pagando por isso.

— É uma longa história — disse Corin por fim. — Mas resumindo, fui uma criança mimada e obstinada. Nada me foi negado e comecei a acreditar que era invencível. Tinha acabado de adquirir meus poderes. Pude ver a admiração e o medo nos olhos das pessoas ao meu redor, mesmo naquela época. Até de meus pais. — Ele riu então, sua voz sombriamente divertida. — *Principalmente* meus pais. — Fez uma pausa, oferecendo a mão para ajudá-la a passar por cima de uma árvore caída. — Havia uma fera enorme na floresta que estava saindo para aterrorizar os fazendeiros e matar seu gado — continuou ele, depois que ela passou pela árvore. — Meu pai, o rei, enviou soldados para matá-la. Duzentos homens saíram naquele dia. Mais de trinta não conseguiram retornar.

Corin parou e voltou-se para a escuridão atrás deles, examinando o emaranhado de árvores e vegetação rasteira enquanto uma pontada de desconforto deslizava por sua pele.

— Eu não conhecia os homens — disse, virando as costas ao sentimento de desconforto e continuando sua história. — E então, embora lamentasse que tivessem morrido, isso pouco significou para mim. Mas a criatura destruiu uma fazenda perto da minha casa naquele mesmo dia. Costumava correr solto naquela época, e a família que morava lá era gentil comigo. O velho ficou gravemente ferido e tudo o que possuíam havia desaparecido. Eu os visitei muitas vezes e fiquei terrivelmente zangado porque seu sustento havia sido destruído.

— Então decidiu matar a fera sozinho? — Ouviu a aprovação na voz dela e sabia que Anaís ainda não tinha aprendido essa lição. Ter um grande poder era

muito bom, mas tinha um preço. Vinha com responsabilidades.

— Sim.

— Quantos anos tinha? — perguntou ela.

— Sete.

Os passos dela pararam e Corin virou-se para olhá-la.

— Isso foi uma coisa muito corajosa para um menino fazer — disse ela, com clara admiração.

Corin bufou e estendeu a mão para ajudá-la a escalar outra grande árvore caída. — Não, Anaïs. Foi muito estúpido. Agi com toda a arrogância que os meninos muitas vezes possuem. Felizmente, nem todos os meninos têm esse poder na ponta dos dedos. — Podia ouvir a raiva em sua própria voz agora. A frustração por ninguém ter percebido sua intenção e tentado impedi-lo, colocar algum sentido nele. Mas ninguém o fez. — Um homem morreu naquele dia — disse ele, com a voz baixa e cheia de pesar. — Um bom homem morreu e sua morte teve repercussões terríveis. E foi tudo culpa minha.

— Mas era apenas uma criança — disse ela, com a voz cheia de simpatia.

— E trinta homens já haviam morrido tentando matá-la.

— Mas este morreu tentando me salvar! — retrucou, respirando fundo enquanto sua magia começava a brilhar ao seu redor, iluminando a escuridão ao seu redor.

Anaïs ficou em silêncio por um tempo, mas Corin sabia que iria fazer mais perguntas. — O que aconteceu?

— Não quero mais falar sobre isso.

— Mas... você matou a fera?

Corin hesitou enquanto aqueles segundos finais passavam por sua mente, o momento em que olhou nos olhos de uma criatura tão antiga quanto a própria terra.

— Sim.

Caminharam um pouco mais então Cérbero sacudiu em seus braços, virando-se para olhar para trás. Corin congelou, sabendo que também tinha ouvido algo se mover na escuridão atrás deles. Anaïs abriu a boca para falar, mas ele a silenciou levantando a mão. Os cabelos de sua nuca estavam arrepiados e Corin sabia que não escaparia de um confronto. Só que ainda não. O ocupante mais velho da Floresta Dark estava ganhando tempo. Contente em esperar. Afinal, esperara tanto tempo.

— Estamos sendo rastreados — disse ele, em resposta à pergunta nos olhos de Anaïs. Corin balançou a cabeça. — Tudo bem, ele não está caçando. Ainda não.

— Ainda? — perguntou, alarmada. — E quem é *ele*? — Mas Corin não respondeu. Apenas pegou sua mão e puxou-a para fazê-la andar. — *Ele*? — perguntou novamente.

— Calma — ordenou ele, com a voz aguda. — Continue andando.

Não permitiria que Anaïs o puxasse para uma conversa novamente e ela fez

o possível para acompanhá-lo, permanecendo o mais próxima possível.

Caminharam muito tempo em silêncio. Cada vez que abria a boca para falar ele a silenciava, até ouvir o som inconfundível de alguém se esforçando para não chorar.

— Anaïs? Você está bem?

Ela fungou, enxugando os olhos na manga. — Estou.

Corin estendeu a mão e deu um tapinha em seu braço, sorrindo para ela. — Vai ficar tudo bem — falou ele, orando para não estar dando falsas esperanças.

— Como pode ser tão gentil comigo? Quase matei sua mãe, não está com raiva de mim?

Suspirou e se lembrou de como ficou bravo quando descobriu o que tinha feito. — Sim — ele respondeu. — Estou com raiva. Mas entendo, talvez melhor do que qualquer outra pessoa que possa conhecer, a atração de tal poder e o desejo de usá-lo. Na verdade, houve um tempo em que eu mesmo pensei nisso e adoro a maldita mulher. Ela tratou você e Dannon de maneira abominável. Não me admiro que tenha querido se vingar.

— Mas nem foi vingança — respondeu Anaïs, parecendo infeliz. — Não me importei que isso iria machucá-la é verdade, mas..., mas só queria libertá-la dela.

— Sim — ele respondeu. — Eu entendo isso, acredite. Ela fez coisas no passado pelas quais achei muito difícil perdôá-la. Na verdade, não tenho certeza se a perdoei por alguns deles. Minha mãe não é uma pessoa fácil de amar, embora tenha esperanças de que talvez... talvez esteja aprendendo.

Anaïs sufocou um soluço. — Me desculpe.

Corin parou e colocou o braço em volta dela. — Agora não, Anaïs. Simplesmente não temos tempo para lágrimas. Desculpe. — Ela assentiu e enxugou os olhos e os dois congelaram quando um galho quebrou perto deles. Corin girou, procurando na escuridão, com o coração batendo forte enquanto rezava para não estar errado sobre o fato de ainda não terem sido caçados.

Toda a respiração pareceu deixar seu corpo rapidamente quando reconheceu o homem que se aproximava por entre as árvores.

— Droga, homem — Corin exclamou, desejando que seu coração voltasse ao ritmo habitual. — Nos assustou até a morte.

— Minhas desculpas, Vossa Alteza.



Anaïs só conseguia ver o contorno indistinto de uma figura, mas não precisava ver o dono da voz para sentir o coração pular no peito. —Dannon! — Anaïs correu a curta distância e se jogou para ele que a pegou nos braços.

— Olá, meu amor.

Seu coração saltou com o calor em sua voz. O homem frio e desdenhoso que havia falado com ela pela última vez se fora e o último resquício de dúvida que carregava desapareceu de seu coração.

— Oh, Dannon! O que está fazendo aqui?

Anaïs se agarrou a ele e enterrou o rosto em seu pescoço antes de estender a mão e beijá-lo. Dannon segurou seu rosto com as duas mãos, olhando para ela com tanto carinho que o coração de Anaïs apertou-se.

— Procurando por você, é claro — ele respondeu, como se isso fosse óbvio. O que ela supôs que fosse. Seu rosto ficou sério enquanto acariciava sua bochecha. — O que tem feito, Anaïs?

— Oh — ela chorou, sentindo as lágrimas pinicando em seus olhos mais uma vez e sabendo que todos estavam em apuros por sua causa. — Oh, estraguei tudo. Só queria que a rainha deixasse você ir, Dannon. Sabia que você não queria dizer tudo aquilo. Não fez isso, não é? Ela o fez dizer.

Ela a abraçou e beijou o topo de sua cabeça. — Eu não quis dizer aquilo. Claro que não.

— Então por que disse! — Anaïs o repreendeu, batendo nele e soluçando ao perceber que essa bagunça talvez não fosse inteiramente causada por ela. Se Dannon tivesse sido honesto com ela.

Dannon encolheu os ombros, seus músculos se movendo sob as mãos dela. — Achei que seria mais fácil para você.

— O quê? — Fitou-o com os olhos arregalados se perguntando como este homem poderia ser tão imbecil assim.

— Achei que nunca mais a veria — disse, com a voz cheia de dor. — Eu pensei... que seria mais fácil me odiar, do que saber que não poderíamos ficar juntos.

— Como isso poderia ser mais fácil? — perguntou, as palavras quentes de fúria.

— Desculpe, meu amor — respondeu, puxando-a para si e segurando-a com tanta força que Anaïs não conseguia ficar brava com ele. Nem por um momento. — Não tem ideia de como foi difícil dizer essas palavras para você — ele continua, os olhos escuros de arrependimento. — Também me machucou. Muito. Achei que ia morrer disso.

— Oh. — Anaïs ofegou e cobriu a boca com a mão. — Oh, não importa. Senti tanto a sua falta e queria lhe contar... naquela manhã... antes de você partir... — Anaïs hesitou, de repente tímida e se perguntando se Dannon ainda queria ouvir as palavras, depois de tudo o que ela tinha feito.

— Sim?

— Eu... eu...

Corin levantou-se com um suspiro.

— Peço desculpas por interromper, de verdade — disse, parecendo um tanto exasperado. — Gosto de um reencontro romântico tanto quanto qualquer um, mas pelo amor dos deuses, desembuche, Anaïs! Precisamos continuar.

Anaïs corou e mordeu o lábio enquanto Dannon sorria para ela. — Eu o amo — murmurou, aconchegando-se no peito dele.

O duque inclinou a cabeça para trás para olhar para ela. - E eu a amo. — Roçou seus lábios nos dela muito suavemente antes de olhar para Corin que acenou para ele.

— Desculpe, Dannon, mas temo que estejamos atraindo o tipo errado de atenção.

— Tem alguma coisa por aí? — perguntou, enquanto o casal observava os olhos de Corin examinando a escuridão, a testa franzida de preocupação.

— Certamente há algo ao redor — disse ele, ainda observando a escuridão além deles. Corin se virou para Dannon com um sorriso torto. — Temo que as coisas estejam realmente muito sombrias, pois tenho que admitir que estou feliz em vê-lo.

Dannon bufou. — Receio que o sentimento seja inteiramente mútuo. Na verdade, nunca fiquei tão feliz em ver alguém em todos os meus dias — ele fez uma pausa e beijou a mão de Anaïs. — Excluída a companhia atual, é claro — sussurrou antes de se voltar para Corin. — Só posso imaginar que estamos em apuros muito mais graves do que inicialmente supus.

— Sem dúvida — Corin respondeu com um aceno brusco. — Então podemos, por favor, continuar andando?

Dannon pegou a mão de Anaïs e seguiram caminho.

Corin os proibiu de falar mais, mas Anaïs não precisou de palavras para dizer a Dannon o quão feliz estava por tê-lo encontrado novamente. Cada vez que chamava sua atenção, Dannon lhe sorria. Mesmo que parecesse ultrajante quando estavam em um lugar tão perigoso. Se ao menos conseguissem sair dessa bagunça, talvez realmente pudessem ter uma chance juntos? Mas Anaïs começou a perceber que isso seria terrivelmente complicado.

Já estavam caminhando há horas, com Corin estabelecendo um ritmo furioso que os deixou sem fôlego. Na verdade, sentia que ele os pressionava mais rápido a cada minuto que passava.

Anaïs começou a pensar que não seria capaz de continuar por muito mais tempo, quando Dannon parou no meio do caminho.

— Vossa Alteza — disse ele, em voz baixa.

Corin o ignorou, concentrado demais em conduzi-los pela escuridão para ouvir o chamado suave de Dannon.

— Vossa Alteza — repetiu Dannon, um pouco mais alto.

— Pelo amor dos deuses! Nessas circunstâncias, me *chame* de Corin! — O príncipe retrucou e então suspirou, passando a mão pelos cabelos. — Com licença, Dannon — disse ele, balançando a cabeça. — Este lugar está me dando nos nervos. Preciso voltar para Claudette. Não consigo parar de pensar no que pode estar acontecendo. Afinal... se estão atrás de mim, irão até minha casa e... eu estou... estou com medo.

Anaïs sentiu mais culpa tomar conta de seu coração ao ver a preocupação nos olhos de Corin. Viu em primeira mão o quanto ele a amava. Corin estava muito preocupado. De repente, Anaïs sentiu-se aliviada por não ter expressado a necessidade de desacelerar ou mesmo de descansar. Agora, continuaria até cair.

— Sei o quanto deve estar preocupado, acredite — respondeu Dannon. — Mas precisa ver isso.

Corin voltou e refez seus passos até onde Dannon estava apontando. Agachando-se, o príncipe olhou para o chão.

Anaïs semicerrou os olhos para tentar ver o que ambos estavam olhando com tanto interesse e ergueu as sobrancelhas quando viu Corin se levantar novamente, segurando um pedaço de tecido verde.

— O que é isso? — perguntou ela.

Corin franziu a testa e, pela expressão em seu rosto, percebeu que as coisas não haviam melhorado nem um pouco. — É de um uniforme.

— Que tipo de uniforme? — perguntou ela, com profunda desconfiança.

— Light Fae — respondeu, abandonando o assunto com óbvio desdém. — Os homens de Auberren estiveram aqui.

CAPÍTULO 32



Claudette olhou pelas janelas da biblioteca de Corin enquanto o anoitecer caía e tentava reprimir o crescente pânico que a dominara o dia todo. Acordou naquela manhã com uma sensação de profundo pressentimento que simplesmente não conseguia se livrar e agora se sentia positivamente doente com isso.

O tempo estava cada vez mais cinzento e nublado desde que Corin partira, há quatro dias, e a princípio não ficou muito preocupada. Em parte, sabia que era porque ele queria voltar logo para casa, mas também suspeitava que as negociações com o rei Auberren não tinham corrido bem. Corin estava preocupado com isso antes de partir, confiando a ela sua suspeita de que o rei estava tramando alguma coisa.

Claudette sabia que as relações entre os Light Fae, os Elfos e os Dark Fae estavam tensas há algum tempo. Corin dissera que bastaria uma faísca para que tudo explodisse em uma guerra. Claudette rezou para que Anaís não fosse a faísca que acenderia o pavio.

Mas então vieram as pedras de granizo. Uma terrível tempestade cobriu a paisagem de gelo por volta da hora do almoço, desaparecendo brevemente, apenas para retornar e repetir o processo cerca de uma hora depois. Os funcionários estavam todos trocando olhares preocupados e não importava o quanto perguntasse o que isso significava, apenas sorriam de forma tranquilizadora e diziam que o príncipe poderia lidar com qualquer coisa. Provavelmente estava apenas discutindo com a rainha novamente. Sabia que isso poderia ser verdade, mas..., mas algo estava corroendo suas entranhas com a tenacidade de um rato faminto.

Algo estava errado.

Sabia disso, com cada fibra de seu ser. Algo estava terrivelmente errado.

Claudette se afastou da janela. A temperatura estava caindo e um arrepio percorreu sua pele. Voltando para a lareira, ficou perto dela, tentando deixar seu calor animá-la, embora soubesse que nada aconteceria até que Corin estivesse de volta, seguro.

Passava cada vez mais tempo ali, na biblioteca dele, onde muitos de seus pertences mais preciosos enchiam a sala. Estar aqui, em um de seus lugares favoritos no mundo, trouxe-lhe uma sensação de conforto. Isso a fez se sentir mais próxima dele.

Com um suspiro pesado, se agachou e cutucou o fogo, observando as faíscas voarem para a escuridão fuliginosa da chaminé. Se ao menos os Fae tivessem aceitado o advento do telefone móvel. Não conseguia entender a falta de carros e de eletricidade, apesar de ter se acostumado sem eles com uma rapidez notável. Embora isso acontecesse muitas vezes porque a magia de Corin poderia substituir a maioria das coisas de qualquer maneira. Mas a incapacidade de se comunicar com ele quando não estavam juntos a estava

deixando louca. Havia recebido uma carta dele enviada antes de partir para se encontrar com o rei e desde então... nada.

Pelo menos Bram estava lá, ela se tranquilizou. Depois do almoço juntos, ele partiu para a cidade com a intenção de bisbilhotar. Se alguma coisa estivesse errada, alguém certamente teria ouvido...

O som de cascos no cascalho e gritos lá fora a fizeram correr de volta para a janela com o coração na boca, mas não era Corin... era Bram. Podia ouvi-lo gritando instruções e correu para o corredor para encontrá-lo.

— Bram? O que é isso, o que houve? — Ele parecia tenso e Claudette pensou que seu coração fosse explodir de medo, de tanto que batia forte. — O que houve? Onde está Corin...?

— Corin está bem, até onde sei, Claudette — respondeu, pegando a mão dela de forma tranquilizadora. — Mas... ele está com problemas.

Claudette agarrou o braço dele horrorizada, querendo sacudi-lo para fazê-lo falar mais rápido. — Quais problemas?

Bram pegou um copo d'água que Malen lhe ofereceu e o bebeu com gratidão e Claudette de repente percebeu que estava suando e sujo. Também tivera seu quinhão de problemas, pela aparência das coisas. Reprimiu sua impaciência, deixando-o terminar a água e recuperar o fôlego, embora quisesse gritar com ele para que lhe dissesse logo o que estava errado. Ele devolveu o copo a Malen e conduziu-a à biblioteca, onde poderiam conversar em particular.

— Eu nem cheguei à cidade. A guarda foi alertada por toda Alfheim e todos falavam sobre isso. Claudette ele... ele é acusado de tentar assassinar a rainha.

Claudette sentiu seu queixo cair, certamente não esperava por isso. — O quê? — ela quase gritou, agarrando-se ao encosto de uma cadeira para evitar que as pernas dobrassem.

Bram assentiu com a cabeça. — Eu sei. É totalmente ridículo para quem o conhece, mas Ravendell está com a guarda aberta. Sei que Corin escapou da cidade, mas...

— Mas? — O coração de Claudette estava na garganta enquanto notava a forma como os olhos dele se tornavam graves. Fosse o que fosse, não queria contar a ela.

— Mas ele... ele foi visto entrando na Floresta Dark.

Claudette agarrou-se à cadeira e sentou-se nela antes que suas pernas realmente cedessem. — Na Floresta Dark? — ela repetiu, sua voz quase inaudível. Corin lhe contou sobre a Floresta Dark, sobre as coisas que habitavam ali. Não exatamente coisas más como disse. Mas antigas. Tão antigas quanto a terra e sem nenhum conceito de bem ou mal, apenas daquilo que desejavam, das coisas pelas quais ansiavam. Claudette sabia que era um lugar que o perturbava profundamente.

Era um lugar que ele temia.

Olhou para Bram e tentou conter o terror que parecia estar arranhando sua

garganta, apertando seu coração e pulmões até que pensou que não seria capaz de respirar novamente. — Corin deve estar desesperado — ela sussurrou.

Bram se agachou e segurou os braços dela, apertando-os com força. — Escute-me, Claudette — disse ele, com a voz cheia de confiança. — Ele vai conseguir. Está tentando voltar para cá, para você, tenho certeza. Corin é poderoso, mais poderoso do que qualquer pessoa que já vi, e não desiste. Estará aqui assim que puder e *ficará* bem.

Claudette olhou-o, querendo acreditar em suas palavras, mas sabendo o quão aterrorizante era um lugar considerado como Floresta Dark. Era um lugar com o qual todas as crianças Fae cresceram tendo pesadelos. Os monstros que todas as crianças temiam em um momento ou outro, tanto humanos quanto feéricos, aqueles que viviam debaixo de suas camas e se escondiam em guarda-roupas, e se infiltravam em seus pesadelos... nesta terra eles também existiam, e não só na imaginação.

Os da Floresta Dark eram muito reais e todos sabiam disso.

— Anaïs está com ele.

Claudette tentava processar tudo o que Bram acabara de contar a ela. Anaïs estava com Corin? Fora acusado de tentar assassinar a rainha e Anaïs estava com ele.

— Anaïs fez isso — ela sussurrou, enquanto uma sensação estranha a invadia. Sentiu um calor repentino, sua pele formigando e cerrou os punhos contra a sensação peculiar. — Era ela. — Olhou para Bram, sentindo seu peito ficar ainda mais apertado. Mal conseguia respirar agora. — Anaïs tentou matar a rainha.

Bram assentiu com a cabeça. — Pelo que me contou sobre ela e Dannon, acho que é bem provável e de alguma forma, Corin se envolveu nisso.

— A rainha, como está? — ela perguntou, sabendo que se Audrianne morresse as coisas iriam ainda mais para o inferno.

— Ainda está viva, mas inconsciente, pelo que pude ouvir. Mas temos problemas mais urgentes — disse ele, com a voz tensa.

Claudette olhou-o e tentou fazer seu cérebro superar o fato de que queria matar Anaïs. — Se Corin estiver tentando vir para cá, a guarda irá segui-lo. — Claudette olhou para Bram para ver a confirmação em seus olhos. A raiva que queimava sob sua pele parecia arder ainda mais quando percebeu o que viria a seguir. — Vão me levar para atraí-lo.

Bram assentiu com a cabeça. — Mande uma mensagem ao Príncipe Laen. Ele nos ajudará.

— Sim — disse ela, sabendo que Laen largaria tudo quando soubesse. — Ele virá, mas... quanto tempo falta para a guarda da rainha chegar aqui?

— Não sei — admitiu Bram, balançando a cabeça. — Acho que aconteceu alguma coisa, algo que os atrasou, mas por certo se moverão rápido e cavalgarão durante a noite. Se tivermos sorte, podemos ter um dia.

— E Laen? — perguntou, sabendo o que Bram diria.

Bram parecia triste. — Até receber a mensagem? Aproximadamente o

mesmo.

Claudette engoliu em seco e ficou de pé, com os braços agarrados ao corpo enquanto tentava pensar no que precisava ser feito. Não se tornaria um peão no plano de Ravendell. O homem estava decidido a destruir Corin há muito tempo. Não o deixaria vencer. Respirando fundo e voltando-se para Bram, sabia que só havia uma coisa que poderiam fazer. — Este lugar é defensável?

Claudette não perdeu o brilho de aprovação nos olhos dele. — Já tomei a liberdade de reunir a guarda lá fora. Disse que você ordenara.

Claudette assentiu. — E as pessoas da propriedade?

— Seria mais seguro trazê-las para dentro do terreno.

— Faça isso — ela disse. — Dê instruções a todos para virem e trazerem as armas que tiverem. Então volte aqui e me encontre. Depressa, Bram.

Ela voou para fora da porta e subiu as escadas, deixando-o cumprir suas instruções.

Corin estava em perigo, em algum lugar na escuridão, perdido no coração da Floresta Dark, e não havia nenhuma maneira dela se sentar e não fazer nada a respeito.



Corin estremeceu, o frio estava roendo seus ossos. A temperatura da Floresta Dark estava além de seu controle, havia outra pessoa que governava ali. Quem sempre governara.

Olhou para cima e viu Anaïs segurando Cérbero, os dentes batendo enquanto Dannon segurava os dois contra ele. Corin voltou seu olhar para o chão e tentou não pensar no fato de que era culpa deles, estarem todos ali. Não era justo, pensou. Sabia que isso não era justo. Além disso, se ele não estivesse aqui, Dannon não teria encontrado evidências do exército Light Fae e daquilo... que queria saber.

Corin murmurou para si mesmo, amaldiçoando Auberren e Ravendell e desejando estar em casa diante de uma lareira com Claudette no colo, enquanto se afastava um pouco mais.

— O que isso significa? — Anaïs perguntou. — Afinal, era apenas um pedaço de tecido.

Corin a fitou. — Nada de bom — respondeu ele, de forma concisa. Droga, Auberren. Maldito seja o Tártaro. Ele mesmo o enviaria para lá se tivesse alguma chance.

— Por que haveria soldados Light Fae na Floresta Dark? — ela persistiu.

— Uma excelente pergunta, minha cara, e para a qual gostaria muito de ter uma resposta.

— Poderia ser apenas um soldado solitário — sugeriu Dannon. — Talvez tenha sido levado por algo que se originou aqui e a criatura o trouxe de volta para se alimentar.

Anaïs estremeceu de angústia e enterrou a cabeça no peito de Dannon. — Ou talvez estejam planejando algo um pouco maior e a perda de alguns homens... — Corin parou de falar, ficando ainda mais frio ao perceber que era

exatamente isso.

— Você quer dizer danos colaterais? —Dannon respondeu.

Corin parou, desejando não ter encontrado evidências que apoiassem sua teoria. — Há pegadas aqui, à nossa frente. — Ele apontou para o chão que estava examinando. — Não muitos, mas o suficiente.

— Reconhecimento?

Corin assentiu enquanto a raiva começava a queimar sob sua pele. O bastardo. O bastardo absoluto, insensível e estúpido. — Penso que sim.

— Mas se estão tentando esconder um exército na Floresta Dark... — Corin ergueu os olhos enquanto Dannon alcançava seu rastro de pensamento. — Deuses — sussurrou. — Eles pretendem tomar a cidade.

O duque olhou para ele horrorizado e Corin retribuiu com um sorriso torto. — Justamente quando pensamos que não poderia ficar pior.

Dannon balançou a cabeça, os olhos incrédulos. — Mas... enviar homens a Floresta Dark em tal número? Ele correria o risco de acordar todos os seres vivos que vivem aqui. Haveria um massacre!

— Sim — respondeu Corin, sabendo que era verdade e sentindo-se enjoado. Os Light e os Dark Fae travaram muitas guerras ao longo dos anos, e os Elfos lutaram contra os Dark Fae. Mas os Light Fae nunca tentaram atacar os Elfos, porque as fronteiras entre as duas terras eram muito impenetráveis. Das intransponíveis montanhas do Dragão, no oeste, ao terror que era a Floresta Dark. Havia um pequeno trecho de fronteira aberta, mas que era tão fortemente defendida que nenhum governante em sã consciência sequer consideraria isso. Mas eles considerariam isso por muito tempo antes que a Floresta Dark se tornasse uma opção. Mas fazia muito tempo que Auberren não estava em seu juízo perfeito.

— Se você estivesse disposto a perder centenas, talvez milhares de homens no processo... — Corin disse, seu tom carregado de preocupação. — *Poderia* funcionar. Nunca esperaríamos tal ataque desta direção. Nenhum homem sensato jamais arriscaria isso. Ele poderia ultrapassar nossas fronteiras e nos pegar completamente de surpresa. Seríamos invadidos.

— O homem é um monstro! — Dannon se enfureceu, seus olhos escuros brilhando de nojo e fúria.

Corin assentiu. — Você não encontrará nenhum argumento aqui. Maldito seja! — xingou. Corin esteve sentado em frente ao velho bastardo e sabia, *ele sabia* que havia algo errado. Nunca houvera qualquer sentido na reunião. Auberren estava apenas brincando com ele, mantendo sua atenção longe das fronteiras. Isso o levou de casa para a cidade e se não fosse por Anaïs ainda poderia estar por lá. — Sabia que ele estava escondendo alguma coisa, mas nunca imaginei que estivesse tão perto de agir. — Corin voltou-se para Dannon com algo próximo ao pânico rastejando por sua pele. Precisava chegar até Claudette, até sua casa. Ela precisava de proteção, seu povo precisava de proteção. — Bem, se antes não era desesperador sairmos daqui, certamente é agora.

Corin mal havia terminado a frase quando uma sensação de pavor muito familiar tomou conta dele. Ele se virou, seus olhos examinando a escuridão e sabendo que as coisas tinham acabado de ficar desesperadoras.

— Corin? — A voz de Dannon perfurou sua consciência, mas não conseguiu responder, muito paralisado pela figura que se movia silenciosamente em sua direção. Não podiam ver ainda, mas logo veriam.

— Não — ele murmurou, desejando que não tivesse soado tão suplicante. — Por favor, não — Corin repetiu, sabendo que não havia nenhuma oração que o impedisse de vir agora.

— Dannon — disse ele, aliviado por sua voz ainda soar firme. — Tire Anaïs daqui.

— O quê? — Dannon respondeu, seus olhos vagando pela escuridão ao seu redor e não vendo nada. Ainda não. — Não! Não podemos deixá-lo aqui.

— Vá, agora — Corin retrucou, agora impaciente. Restava pouco tempo. Agarrou o braço de Dannon, implorando ao idiota que atendesse ao seu aviso antes que fosse tarde demais. — Tire-a daqui!

Dannon olhou dele para Anaïs, e Corin pôde ver a necessidade de protegê-la em guerra com seu dever juramentado de proteger o príncipe. Anaïs balançou a cabeça.

— Não vou a lugar nenhum, Dannon — disse ela, agarrando Cérbero e permanecendo firme, embora o terror em seus olhos fosse óbvio demais. — Eu o coloquei nessa confusão, tenho que ajudar a tirá-lo.

— Anaïs — suplicou Corin, virando a cabeça para trás e vendo a criatura se aproximando inexoravelmente. — Não pode me ajudar. Pelo amor dos deuses, saia agora enquanto pode. Dannon, eu imploro.

— Droga, Corin — Dannon se enfureceu, com a mão na espada enquanto ainda examinava a escuridão em busca do inimigo invisível avançando sobre eles. — Você é o futuro rei! Sabe que não posso simplesmente abandoná-lo no meio da Floresta Dark. — Pegou a mão de Anaïs e puxou-a para trás. — Nós ficamos.

Corin virou-se para eles, os olhos brilhando na escuridão.

— Não sabem o que estão fazendo, seus idiotas! — exclamou, impotente para forçá-los a ir embora. — Ele não irá segui-los se forem agora. Não veio atrás de vocês... veio atrás de mim.



Bram observou Claudette descer correndo as escadas até o corredor com os olhos surpresos. Não conseguia acreditar no que estava vendo, mas era algo que nunca esqueceria e que era absolutamente certo. A imagem estava gravada em seu cérebro.

— Está tudo pronto? — perguntou Claudette, antes de fitar seu rosto.

— Bram?

Bram percebeu que não havia respondido em voz alta e se forçou a piscar. — S... sim, minha lady.

Claudette deu-lhe um olhar impaciente. — Já disse para você parar com

essa droga de minha lady, Bram, e por que está me olhando desse jeito?

Bram engoliu em seco e sentiu o calor esquentar suas bochechas. — Peço desculpas, Minha... Claudette, mas... — Ele hesitou, antes de olhar mais uma vez para as pernas dela. Doce Mãe Nerthus. — O que está vestindo?

Claudette olhou para si mesma com uma carranca. — Roupa para cavalgar e botas de montaria — ela respondeu olhando-o como se ele estivesse louco.

Bram balançou a cabeça e se forçou a desviar o olhar. Não conseguia se lembrar da última vez em que ficara tão escandalizado. — Não pode sair assim! — ele disse, sua voz urgente.

A carranca de Claudette se aprofundou. — Por que não?

Ela girou em círculo, olhando para si mesma e Bram teve um vislumbre de sua bunda. Apertado e atrevido, o material diabólico aderiu a cada curva dela como uma segunda pele, não deixando nada para a imaginação. Bram sentiu uma pontada de calor queimar sua pele e lembrou a si mesmo que Corin o esfolaria vivo se suspeitasse do que estava pensando — Eles são tão... tão... *apertados!*

Claudette o xingou. O tipo de linguagem que as damas educadas nas Terras Fae não usavam. Ficou boquiaberto e se perguntou se todas as mulheres humanas eram assim. Que os deuses os ajudassem.

— Não vou montar na sela lateral, Bram — ela disse enfurecida, cruzando os braços, os olhos turquesa brilhando de irritação. — E isso é definitivo. Então coloque seus olhos de volta onde pertencem e se acostume. *Rápido!*

Bram abriu a boca, mas percebeu o brilho perigoso nos olhos dela e fechou-a rápido. Mas então algo ainda mais preocupante lhe ocorreu do que Lady Claudette mostrando a todos sua linda bunda. — Espere um minuto — ele exigiu, tentando se concentrar. — O que quer dizer com cavalgar? Pensei que fosse ficar defendendo a propriedade.

— Não — respondeu, com a voz tensa. — Isso é o que todo mundo está fazendo.

— E você? — Mal ousou perguntar, tinha a mais terrível suspeita de que sabia.

— Vou encontrar Corin.

Bram olhou-a e se perguntou se Corin o perdoaria por amarrá-la e trancá-la no porão. — Não — disse ele, cruzando os braços. Isso ele não poderia permitir. — Não, certamente não irá.

Para sua surpresa, a jovem pequenina aproximou-se dele e cutucou-o no peito. — Não vou ficar sentada aqui enquanto ele está lá fora... em perigo! *Não vou fazer isso!*

— E quando ele voltar e descobrir que você sumiu? — Bram exigiu, sentindo-se horrorizado com a ideia de Claudette colocar os pés para fora do lugar que iriam defender de qualquer do jeito e com todo o esforço. — E então? E se Corin conseguir voltar para casa e encontrar você nas mãos da guarda da rainha?

Ela cruzou os braços, imitando a pose dele enquanto levantava o queixo. —

Então teremos que ter muito cuidado, não é? — disse ela, com a voz entrecortada e cheia de autoridade.

— *Nós?! —* ele exclamou. — Está louca se acha que vai me arrastar para isso!

Para seu horror, Claudette não se enfureceu com ele. Se tivesse gritado, esbravejado e exigido, Bram não teria tido nenhum problema em recusar. Em vez disso, o rosto dela suavizou-se e ele pôde ver o medo em seus olhos, ela se aproximou e colocou a mão em seu braço, com uma expressão suplicante. — Bram, está acostumado a se esconder, acostumado a se manter fora de vista, vai me guiar. Farei exatamente como diz, prometo. Não sou estúpida, você sabe. Sei que não posso fazer isso sozinha... embora... eu farei, se me forçar.

Bram fitou-a e passou a mão pelos cabelos. Não podia considerar isso, simplesmente não conseguia. Se alguma coisa acontecesse a ela, nunca se perdoaria. Se alguma coisa acontecesse e Corin descobrisse... bem, só poderia esperar ter morrido com ela, em vez de Corin achá-lo. O que o homem poderia fazê-lo passar não dava nem para pensar. — Não sabe o que está dizendo, Claudette — começou orando para que pudesse colocar algum juízo em sua cabeça.

— Eu sei — ela disse, e o tom de sua voz o fez acreditar que Claudette sabia, realmente havia considerado o quão perigoso isso era. — Sei exatamente o que estou dizendo, mas o mais importante é que Corin está lá fora, em apuros. Além disso, vai ficar louco se preocupando comigo. Se... *quando* Corin sair da floresta, souber, tão bem quanto nós, que a guarda virá atrás de mim, ficará tão preocupado comigo que não se concentrará em sua própria segurança. Quero estar lá esperando por ele. Não entraremos na Floresta Dark, é claro, mas não vou ficar esperando por Corin aqui. Não há nada que eu possa fazer aqui e... se ele se machucou... — Claudette fechou a boca num soluço e respirou fundo, tanto desespero nos olhos que o coração de Bram se apertou. Qual seria a sensação, se perguntou, de ser amado assim? — Se estiver ferido, talvez não consiga voltar — ela continuou agarrando o braço dele com mais força. — *Por favor*, preciso encontrá-lo, Bram. Por favor, me ajude.

Bram a olhou e soube que não havia como fazê-la mudar de ideia. Sem acorrentá-la, não havia como detê-la. Claudette iria com ou sem ele.

Suspirou e murmurou uma maldição baixinho.

— Corin vai me dar uma surra por isso.

CAPÍTULO 33



— *Sacrifício.*

O sangue de Corin pareceu gelar sob sua carne enquanto a voz muito familiar se espalhava pela escuridão. A voz parecia pesar sobre ele, como se a própria palavra fosse feita de uma pedra de três metros de altura e estivesse apoiada em seus ombros.

Foi exatamente como se lembrava. Exatamente como sempre soara nos sonhos que o aterrorizaram desde criança. Trabalhou duro para afastar o som de suas memórias e nunca conseguira. Cento e oitenta anos se passaram desde aquele dia terrível e esperara nunca mais ouvi-la.

— Você me prometeu sacrifício — repetiu a voz, enquanto seu coração batia muito forte, muito rápido em seu peito. Sua mente disparou, tentando pensar em uma saída, em um adiamento, em alguma outra coisa.

Ouviu Anaïs ofegar e Dannon praguejar, pois a voz deve tê-los feito perceber por que deveriam ter fugido, por que deveriam ter ido embora quando tiveram a chance. Sabia que seus olhos procuravam a escuridão, ainda incapazes de ver o que ele via, movendo-se nas profundezas da floresta. Eles sem dúvida podiam ouvir o rangido, o som de algo se movendo por perto. Algo que não era remotamente humano.

Corin ficou de joelhos e baixou a cabeça. — Salve, meu Senhor, estou honrado pela sua presença — disse, mantendo os olhos no chão enquanto sua pele queimava com o poder cada vez mais próximo. Magia antiga.

— Onde está meu sacrifício — exigiu a voz, soando um pouco como a de uma criança petulante, embora tão velha quanto a própria terra.

— Temo que esteja enganado, Senhor — respondeu Corin, sentindo-se bastante surpreso por sua voz permanecer calma, por não *soar* como se estivesse tremendo dentro das botas. — Teve sacrifício naquele dia, tirou a vida de um homem.

— Um homem? — rugiu a voz, rangendo e farfalhando, ao mesmo tempo sinuosa e ágil, mas incompreensível em seu movimento fácil. Uma coisa assim não deveria andar, não deveria se mover. — Bah! — ele praguejou, balançando o que poderia ser sua cabeça farfalhando as copas das árvores por toda a Floresta Dark. — Você levou muito mais. A fera tinha milhares de anos e aquele *elfo*... o desprezo era muito aparente. — *Nada!* Ele não era nada. Quase um século, um sacrifício débil. Tenho fome de mais. Muito mais. — Houve um silêncio e Corin fechou os olhos, uma vontade infantil de desejar que aquilo desaparecesse, de fingir que aquilo não estava realmente ali, encheu sua mente enquanto se perguntava como poderia escapar dessa vez. A voz ficou mais baixa, mais intensa. — Senti você se movendo em minha terra. Senti o cheiro do seu sangue, o cheiro perturbou meu sono e vim cobrar sua dívida. Você. Me. Deve.

Corin engoliu em seco.

— O que eu devo Senhor? — perguntou, sabendo muito bem a resposta, embora tenha sido respondido por um pesado silêncio. Seu coração bateu forte quando a criatura começou a se aproximar. Embora não tenha olhado diretamente para ela, viu seus olhos brilharem na escuridão. Não malévolo, mas faminto. Corin orou para que sua inteligência não estivesse prestes a abandoná-lo agora, porque a menos que pudesse negociar... já estava morto.

OuvIU o grito de Anaïs e a exclamação de horror de Dannon, pois agora podiam ver o que ele tinha visto anos atrás. E desejou aos deuses que não o tivesse feito.

Mas então, um deus era o que estava olhando para ele. O deus mais antigo de todos.

— O que é isso? — gritou Anaïs, com a voz abafada, sem dúvida agarrada a Dannon em busca de conforto.

— O Homem Verde, O Deus Chifrudo, Al-Khidr, Osíris... Jacques, o Verde, — Dannon entoou os nomes como uma oração. Talvez estivesse rezando, pensou Corin. Os nomes foram pronunciados com reverência suficiente para uma reza. — Ele tem muitos nomes — acrescentou, com a voz baixa, aterrorizada e tão amedrontada quanto a de Corin.

Respirando fundo, Corin se preparou e olhou para cima, e para cima, para a figura imponente, para encontrar os olhos que ele reconhecia. Olhos que o deixavam com medo, por vários motivos.

Não eram maus, mas também não eram bons, apenas... *eram*, como sempre foram. Uma parte viva da própria terra. Uma parte de ambos os reinos, humano e feérico, ligada à terra através das estações, através do solo e do suor do trabalho do povo... através do sangue do sacrifício.

— O que devo? — Corin repetiu, temendo a resposta mesmo quando começou a rolar pela escuridão.

— Sangue.

— Vida.

— Poder.

Corin se forçou a sustentar o olhar da criatura e engoliu em seco, embora sua boca estivesse seca como poeira. — Eu lhe darei um grande sacrifício — prometeu ele. — Algo digno do Senhor. Mas terá que esperar... só mais um pouco.

Ele se aproximou ainda mais e a carne de Corin queimou quando seu poder saltou em reconhecimento. Corin se perguntou se estava tremendo tanto quanto achava que deveria. Esperava que não. Esperava que não parecesse tão aterrorizado como se sentia, tão aterrorizado como quando tinha sete anos e enfrentara a ira de um deus.

Estava tão perto agora que Corin poderia tocá-lo e mal mover as mãos, que agarravam a terra macia no chão da floresta como se estivesse aferrado à face de um penhasco. A luz dos vaga-lumes incidia sobre os contornos de seu corpo, iluminando agora com mais clareza as linhas de seu rosto.

Observou Corin, estreitando os olhos em seu rosto desumano, as folhas

farfalhando enquanto suas feições se moviam, a aproximação de uma boca se abrindo enquanto falava. — Já esperei muito. Tenho fome e você cheira a poder. Eu vou levá-lo... é apropriado.

— M... mas eu tenho um sacrifício maior para você — Corin gaguejou em desespero, querendo viver. Querendo viver e amar Claudette, ver seus filhos nascerem e crescerem. Ele *não* morreria ali, no escuro. Não desse jeito! — Tenho um sacrifício mais adequado para um deus do que o sangue de um homem — disse ele, ouvindo o desespero por trás das palavras, da súplica.

Corin se esforçou para não se mover enquanto o velho deus, Jacques, se aproximava ainda mais. Eles ficaram tão perto e Corin estremeceu.

O corpo de Jacques compartilhava as proporções de um homem: talvez um homem gigante, mas os tendões de seus braços e pernas eram galhos entrelaçados. Ele estendeu a mão, na verdade como um broto que cresceu tomando a forma de uma garra que se torceu em volta do pescoço de Corin, deslizando suavemente, quase acariciando enquanto o envolvia. Seu olhar quase afetuoso. Corin se engasgou, embora seu aperto fosse fácil o suficiente para permitir que respirasse com facilidade, se seus pulmões não estivessem travados de medo. Olhando para cima, Corin podia vê-lo claramente agora, os galhos em sua cabeça e uma coroa de folhas de carvalho.

— Mas não apenas um homem — o velho deus cantou de prazer. — Um príncipe de sangue antigo. O primeiro com poder há milhares de anos. Sim, tem os olhos, a conexão com esta terra. Seria um sacrifício adequado. Você me tornará forte novamente.

— Não!

— *Não?*

Jacques fez uma pausa, considerando. — Uma pena talvez, é verdade — ele refletiu, parecendo quase triste. — Não haverá outro como você, eu acho. — Corin se perguntou se seu coração havia parado de bater. Ele se sentiu suspenso neste momento, lutando por sua vida com nada além de palavras. — Talvez possamos negociar? — Jacques refletiu com um sorriso malicioso, se tal expressão pudesse se formar naquele rosto estranho e esculpido. — Irei buscar o seu primeiro filho, isso o agrada mais?

— Não! — Corin gritou horrorizado. — Não! Nunca.

O aperto em seu pescoço aumentou e Corin ofegou.

— E então, príncipe dos antigos? — ele exigiu, a voz cheia de raiva e impaciência. — Com o que pagará sua dívida? Para retribuir o fará.

Corin assentiu, as mãos agarrando o galho em volta de sua garganta, puxando-o sem sucesso. — Eu vou — ele disse asperamente, lutando para falar enquanto a pressão em sua garganta aumentava. — Um grande sacrifício, em breve...

Jacques apertou ainda mais, esticando o pescoço para cima, levantando-o do chão como se não pesasse nada. — Quero sangue agora!

— Vou lhe dar sangue! — Corin gritou, sabendo que não havia mais nada a dizer, nenhuma escolha agora, embora soubesse o que isso significaria para

ele.

— Corin, não! — gritou a voz de Dannon, sabendo também o que Corin estava prestes a fazer.

— Cale a boca, seu idiota! — Corin implorou, com a garganta em carne viva enquanto Jacques começava a abaixá-lo no chão, o aperto em sua garganta afrouxando um pouco.

— Corin — disse Dannon novamente, com a voz horrorizada. — Não faça isso.

— Estou aberto a sugestões, Dannon — Corin retrucou para ele. — Mas a menos que você tenha uma, cale a maldita boca e fique quieto.

Mas Jacques não estava interessado em Dannon, ele havia prometido sangue.

— Dê-me isto.

— Não posso — Corin ofegou, ainda puxando o pescoço. — Não, a menos que o Senhor... me deixe ir.

O galho se retraiu, rápido como um chicote, e Corin desmaiou, tossindo e puxando ar para os pulmões tão rápido que sua cabeça começou a girar.

— Sacrifício.

Corin assentiu, sem fôlego para falar. Recostando-se, ele desembainhou a espada e, embora Dannon e Anaïs só pudessem ficar parados e assistir horrorizados, ele a passou rapidamente pelo pulso.

Antes que uma única gota de sangue pudesse derramar, outro galho atingiu seu braço, mantendo-o imóvel, enquanto outro foi para o sangue, envolvendo o ferimento. Jacques deu uma risada triunfante e o som ressoou pelas árvores silenciosas. Enquanto ele bebia, o chão ao seu redor tornou-se verde e viçoso, madressilvas brotando em seus pés e subindo por suas pernas, ao redor de seu tronco e infundindo no ar seu doce perfume. Ele bebeu e bebeu, a ferida queimando enquanto o poder de Corin o deixava com seu sangue. A sensação era como navalhas sob sua carne, cortando-o, enquanto o deus ria e pegava e pegava...

Cérbero começou a latir e a se contorcer nos braços de Anaïs e ela lutou para segurar o cachorrinho, enquanto ele se debatia, desesperado para alcançar seu dono.

Corin balançou de joelhos, sua mente ficando embotada enquanto sua cabeça pendia para a frente. Ele teria caído se não fosse o aperto do deus em seus braços, mantendo-o em pé.

— Dannon, temos que detê-lo — Anaïs gritou, e Corin riu interiormente. Nenhuma força poderia deter Jacques. Nem mesmo o seu poder poderia parar Jacques.

— Não, pare! Ele está tomando demais! — Anaïs estava gritando agora, sua voz em pânico atravessando sua consciência turva. — A luz ao seu redor está desaparecendo. Ele tem que parar! Corin, faça-o parar! — Mas Corin estava cansado demais para lutar contra isso. Algo o atraía, algo suave e fácil, algum lugar onde pudesse descansar. Por um breve momento, ficou tentado a

alcançá-lo.

— Suficiente! — Dannon gritou, e deu um passo à frente. — Ele lhe deu o que pediu e prometeu um grande sacrifício, agora deve deixá-lo ir.

Corin piscou, olhando para Dannon, embora não o tenha visto direito. Sentiu que estava pairando em algum lugar acima deles, não mais neste mundo. Uma súbita onda de pânico atingiu seu coração. Não. Não estava pronto para desistir. Agora não.

O deus verde olhou para Dannon, considerando. — Não quero parar — respondeu, seu tom mais uma vez o de uma criança beligerante. — Ele tem um gosto muito bom. Já faz muito tempo que não experimentava tal poder.

— O Senhor negociou — Dannon o acusou. Até os deuses tem que cumprir um acordo.

Houve uma pausa.

— Sim.

Corin teve a estranha sensação de que Jacques estava fazendo beicinho. Ele soltou Corin, cujo braço caiu ao lado do corpo, mas não se moveu. Não poderia.

Dannon se ajoelhou ao lado dele e Anaïs correu para o outro lado, pegando sua mão. Ela estava prestes a enviar-lhe sua cura quando os olhos de Corin se abriram e ele balançou levemente a cabeça. *Não na frente dele*. Orou para que ela entendesse sua mensagem silenciosa e embora Anaïs mordesse o lábio, claramente não querendo esperar, assentiu.

— Me trará sacrifício ou eu irei atrás de você, Príncipe de Alfheim.

Corin assentiu, ou pensou que sim. Queria fechar os olhos e dormir. Deitar-se no solo macio e úmido e nunca se mover. A exaustão o trouxe para baixo, arrastou-o para o solo que o atraía, o acolhia. As palavras foram um grande esforço, arrancadas de algum recurso desesperado. — Sim — disse ele, lutando para permanecer consciente. — Mas... deve nos dar... passagem segura pela floresta... manter suas criaturas afastadas.

— Uma negociação. — Jacques assentiu bruscamente. — Não vou esperar muito.

Corin assentiu novamente, balançando um pouco enquanto Dannon segurava seus ombros, mantendo-o em pé.

Enquanto observavam, brotos surgiram de suas mãos, cravando-se na terra e Jacques afundou, gavinhas estendendo-se pelo chão, entrelaçando-se com as árvores ao seu redor e desaparecendo no solo rico até que apenas seus olhos fossem visíveis através do solo. Eles piscaram uma vez e depois desapareceram. Embora sua presença permanecesse sendo sentida enquanto o silêncio os envolvia mais uma vez.

— Acho que correu tudo bem — Corin murmurou... e desmaiou.



Bram e Claudette estavam nos estábulos quando nuvens negras começaram a girar no céu. O vento aumentou, dobrando as árvores e jogando o cabelo de Claudette em seus olhos enquanto a neve corria pelo ar, ardendo em seus

rostos.

Claudette observou horrorizada a água dos bebedouros congelar, a superfície rachando e quebrando à medida que a temperatura descia. — *Non, non, non.* — Ela soluçou, olhando para o céu escuro. — *Non, Corin...* não se atreva! — gritou.

Ela se virou para Bram, que a encarou horrorizado, impotente para fazer qualquer coisa.

— Vamos! — gritou. Ela montou em seu cavalo, afundando os calcanhares nas laterais e galopando para fora dos estábulos com Bram logo atrás. As lágrimas escorriam livremente por seu rosto, o ar gelado batia em seu rosto. Não suportava olhar para o chão enquanto ele embranquecia, deixando uma espessa camada de gelo sobre a grama. Isso trouxe tudo de volta. Memórias inundaram sua mente, de lutar através da neve para chegar até ele antes que fosse tarde demais. Conseguira daquela vez, contra todas as probabilidades. Também não falharia agora.

Bram estava à frente dela, liderando o caminho, e o seguia cegamente, rezando para que conseguissem encontrar Corin e ouvindo o alerta de Bram soar em seus ouvidos. A Floresta Dark era vasta, não tinham como saber onde estavam ou de onde sairiam. As chances de encontrá-los eram remotas. Mas não poderia ficar sentada em casa no calor, assim como não poderia voar até a lua. Tinha que encontrá-lo.

Bram parou abruptamente seu cavalo, girando em círculo para falar com ela. — Parou! — gritou ele.

Claudette parou ao lado dele e deslizou até o chão, mal ousando ter esperanças enquanto olhava para a terra congelada. Bram estava certo, a geada estava derretendo. Ainda estava muito frio, mas as nuvens escuras pararam de girar no céu.

Quando olhou para cima, havia uma brecha entre as nuvens e uma mancha azul apareceu diretamente sobre ela. A luz do sol entrava pela abertura, aquecendo o chão enquanto pequenas flores ganhavam vida ao redor de seus pés, antes que as nuvens se fechassem e o céu ficasse escuro novamente. Claudette se engasgou, a mão cobrindo a boca enquanto seus olhos ardiam de lágrimas, seu coração tão cheio que pensou que poderia explodir. Ela olhou para Bram, que lhe sorriu:

— Acho que Corin está tentando contar uma coisa — disse ele, sorrindo para ela, mais uma vez.

Ela assentiu, enxugando as lágrimas, emocionada demais para falar. Ele estava vivo, mas ferido. Estava frio demais para que qualquer outra coisa acontecesse.

— Vamos — disse ela, voltando para a sela e incitando o cavalo a avançar mais uma vez.



— Pare com isso! — Anaïs o repreendeu, seus olhos azuis cheios de acusação.

— Parar o quê? — perguntou Corin, devolvendo uma expressão inocente.

— Seja o que for que esteja fazendo — Anaïs respondeu com um suspiro de frustração. — Estou tentando curar você e está desperdiçando energia.

Corin sorriu e fechou os olhos, recostando a cabeça no tronco da árvore. — Não desperdiço — ele murmurou.

— Pare com isso assim mesmo — resmungou, olhando para ele. — Não podemos tirar você daqui. — Suspirando tirou uma mecha do cabelo loiro dos olhos e o fitou: para ele.

— Como está se sentindo? — ela perguntou, franzindo a testa com preocupação.

Corin bufou, fechando os olhos novamente. De alguma forma, mantê-los abertos parecia um esforço muito grande. — Como se tivesse sido mastigado e cuspidos por um deus.

Estava sentado contra um tronco de árvore, de olhos fechados, acariciando Cérbero que estava enrolado em seu colo, lambendo sua mão com uma determinação silenciosa. — Pare com isso, sua criatura idiota — disse ele, mesmo assim sorrindo, mas Cérbero continuou implacável.

Anaïs suspirou e ele ouviu Dannon se mover para ficar ao lado dela. — Consegue se levantar? — perguntou ele.

— Claro que posso ficar de pé.

Abriu um olho para encontrar os dois olhando para ele com expectativa. — *Eu disse que podia*, não que conseguiria.

Dannon balançou a cabeça, agachando-se ao seu lado. — Precisa de ajuda? — perguntou, colocando a mão debaixo do braço de Corin.

Corin franziu a testa para ele e soltou seu braço. — De você? Prefiro morrer.

— Ótimo — respondeu Dannon, levantando-se novamente e cruzando os braços. — Então fique de pé.

Corin olhou-o e sua carranca ficou cada vez mais profunda. — Não acredito que essa seja a maneira adequada de falar com o seu príncipe.

— Tudo bem — Dannon murmurou, abaixando-se e enganchando um braço embaixo dele. — Me perdoe. — O duque o colocou de pé enquanto Cérbero rosnava para ele, infeliz por ver Corin maltratado. — Ou sai daqui... ou eu carrego você — acrescentou Dannon, em tom áspero.

Corin empurrou o braço de Dannon e balançou um pouco, apoiando-se na árvore para se equilibrar. — Por cima do meu cadáver — ele conseguiu dizer, ofegando como se tivesse acabado de correr quilômetros.

— Bem, quase chegamos a isso! — Dannon explodiu, aparentemente chegando ao limite de toda a paciência que lhe restava. — Que diabos achou que estava fazendo?

Corin fitou-o e ficou surpreso com o terror nos olhos do homem. Sempre achara que Dannon ficaria satisfeito em se livrar dele. Afinal, seria o próximo da fila. — Bem, não ouvi você sugerir nada melhor — Corin murmurou, desejando não se sentir tão tonto. O chão parecia balançar sob seus pés de

uma forma muito desagradável.

— Bem, eu certamente não poderia ter imaginado algo pior! — Dannon continuou passando a mão pelos cabelos, frustrado. — Agora ele tem controle sobre você. Poderá vir atrás de você a qualquer momento, e prometeu a ele *um grande sacrifício*! O que diabos vai fazer sobre isso? Pedir por voluntários?

Corin bufou e balançou a cabeça. — Isso não será necessário.

O duque franziu a testa, com preocupação em seus olhos escuros. — Por que não?

— Porque, Dannon, estamos prestes a entrar em guerra com os Light Fae. Deverá haver sangue derramado o suficiente, para satisfazer até mesmo Jacques.

Dannon se acalmou e Corin compreendeu. Eles *estavam* em guerra. — Deuses.

— Sim. — Corin encostou-se no tronco da árvore e massageou as têmporas. — Agora, se não se importarem em calar a boca, estou com uma dor de cabeça terrível.

O progresso deles foi muito mais lento do que antes, pois Corin era obrigado a parar e descansar a cada meia hora, para seu próprio aborrecimento. Odiava ser tão fraco, e o fato de estar na frente de Dannon tornava tudo infinitamente pior. Tudo o que queria fazer era dormir, de preferência por um mês inteiro. Pensou em sua cama, em sua casa com saudade e desejou, mais do que tudo, estar lá agora, com os braços de Claudette em volta dele. Com esse pensamento em mente, se levantou novamente e seguiram em frente.

Mal tinham dado alguns passos quando ele congelou, levantando a mão para silenciar os outros. Vozes chegaram até eles e Corin acenou com a mão, dispersando os vaga-lumes nos galhos das árvores e mergulhando-os na escuridão.

Durante a noite interminável na Floresta Dark podiam ver dezenas de luzes piscando e ouvir vozes nervosas, o murmúrio suave de homens conversando baixinho na escuridão.

Haviam encontrado o acampamento Light Fae.

CAPÍTULO 34



— Deveríamos voltar agora.

Claudette fez uma careta e revirou os olhos para ele. Bram sabia que ela tinha feito uma careta, mesmo não podendo ver. Mal conseguia ver a própria mão, estava tão escuro agora. — *Merde!* Quantas vezes vai dizer isso, Bram?

— Quantas vezes for necessário para que entenda — respondeu, parecendo tão frustrado quanto ela. — Está escuro, estamos andando há horas e você está congelando. — Bram também estava, mas não mencionou. — Você pode ver por si mesma que o céu está limpo, olhe para as estrelas, Corin está fora de perigo e não poderemos ajudá-lo se formos pegos pelos homens de Ravendell.

Ele desmontou na beira do pequeno lago e conduziu seu cavalo para tomar um gole, Claudette o seguiu, balançando a cabeça.

— Você mesmo disse que está congelando — insistiu, teimosa até o fim. — Isso significa que Corin está fraco, ferido ou com dor... ou, ou Deus sabe o que isso significa! — ela disse, com a voz um pouco embargada. Claudette respirou fundo. — Não vou deixá-lo aqui, Bram. Se ele está com Anaïs, ela deveria tê-lo curado, não deveria? Por que ainda está tão frio então?

Bram se virou para ver o rosto dela, havia uma lua minguante que lançava um pouco de luz e a fazia parecer ainda mais pálida do que durante o dia. Estava se esforçando tanto para ser corajosa o dia todo, mas seus olhos estavam brilhando demais e Bram sabia que estava perdendo o controle. Estava louca de preocupação e com a ideia de estar em casa, relativamente segura e aquecida, enquanto Corin estava aqui. Bem, Claudette simplesmente não conseguia fazer isso.

Bram se perguntou, mais uma vez, como seria ser amado assim. Ter alguém com sentimentos tão profundos que estaria disposto a arriscar tudo por você.

Ele se perguntou se algum dia saberia.

— Anaïs fez o melhor, sabe disso — Bram falou, dizendo as palavras mesmo estando doente de preocupação. Por que estava tão frio? — Você pode ver as estrelas — ele persistiu mesmo assim. — Então Corin está bem. Eu... eu imagino que ele esteja apenas cansado. Provavelmente tentarão descansar a noite, para que Corin se recupere. O que você também deveria fazer.

Claudette balançou a cabeça e Bram pôde ver a determinação em seus olhos. — Corin não vai descansar. Sei que não vai. Tentará voltar o mais rápido possível para cá. — Mordeu o lábio e o coração dele se contorceu ao ver lágrimas nos olhos dela. Respirou fundo e colocou a mão na boca, afastando-se dele. Bram suspirou e caminhou atrás dela, colocando as mãos em seus ombros para virá-la de frente para ele.

— Corin vai ficar bem, Claudette — disse ele, tentando se convencer também. Nunca houve ninguém como Corin antes, certo? Não será vencido tão facilmente. — Ele é poderoso — acrescentou, sentindo-se um pouco mais seguro. — É capaz de cuidar de si mesmo e, pelo que vi de Anaïs, ela também

pode. No entanto, você só tem a mim. Sou astuto e vivo com minha inteligência, mas não tenho esse tipo de poder. — soltou um suspiro e balançou a cabeça. — Infelizmente não conseguirei mantê-la segura — admitiu.

Ela enxugou o rosto e assentiu. — *Oui*, tem razão, ele vai ficar bem. Todos vão, mas acho que se subestima, Bram. Confio em você... e não vamos voltar.



— E agora? — Dannon sibilou no ouvido de Corin.

— Esperava que você tivesse alguma ideia — ele respondeu. — Mas tendo em mente que não consigo lutar contra Cérbero, nesse momento... o que acha de fugirmos?

— Apoiado.

Corin assentiu antes de perceber que mal conseguiam ver as mãos na frente do rosto, muito menos qualquer outra coisa. — Não posso lhe dar nenhuma luz, infelizmente. Pode me ver um pouco?

— Sim — sussurrou Anaïs. — Embora bem mal.

Corin amaldiçoou, a quantidade de vezes que seus poderes e o esforço necessário para esconder o brilho que emitiam, e agora, quando realmente seriam bastante úteis...

— Aqui — disse ele —, pegue minha mão. Dannon, segure a outra mão dela. Apenas terá que me seguir o melhor que puder.

Lentamente, e com o máximo de cuidado possível, se afastaram do acampamento. Cada galho que se partia e cada folha sendo esmagada sob seus pés soava como um tiro aos seus ouvidos.

Depois do que pareceu uma eternidade, Corin notou uma mudança na atmosfera. Ele parou tão de repente que Anaïs foi direto para trás dele.

— Ooof. — Ela esfregou o nariz onde havia batido nele.

— Olhe para cima — disse Corin, sorrindo.

Tanto Anaïs quanto Dannon seguiram as instruções e Corin ouviu o suspiro de alívio de ambos. A copa das árvores era mais fina aqui, as estrelas se tornando visíveis através dos galhos.

Corin começou a andar novamente, mais rápido agora, enquanto a sensação opressiva da floresta que os atingia começava a se dissipar.

Finalmente saíram para o campo aberto.

— *Oh, mon Dieu!* Conseguimos! — disse Anaïs, quase gritando de alívio. Abraçou Dannon, que parecia mais do que feliz em retribuir o gesto, mas suas expressões caíram quando avistaram o rosto de Corin, apenas visível na luz fraca da lua, pairando no céu como um pequeno rasgo no universo.

— Receio que ainda não estejamos fora de perigo — Corin disse, parecendo se desculpar. — Se vocês me desculparem o trocadilho. Ravendell terá batedores nos procurando, então devemos tomar muito cuidado. Tenho que voltar para Claudette e alertar a guarda de que eles pretendem tomar a cidade.

Anaïs assentiu, repreendeu-se e depois estremeceu. — *Putain!* Está tão

frio.

Dannon assentiu, seus olhos fixos em Corin com preocupação. — As árvores estavam na verdade nos protegendo do pior, retendo um pouco do calor. Corin, tem certeza de que está preparado para isso? Talvez seja melhor descansarmos um pouco?

Corin olhou bravo para ele, embora não pudesse culpá-lo por perguntar. Descansar parecia uma ideia maravilhosa, mas não conseguiria. Havia muito risco. — Estou bem — falou ele, sabendo que parecia impaciente. — Só um pouco... cansado — admitiu.

Na verdade, cansaço não chegava nem perto de como estava se sentindo, mas estaria condenado se admitisse o quão fraco se sentia na frente de Dannon. Tinha que voltar para casa. Não havia outra escolha. Precisava voltar para Claudette. No fundo, sabia que era improvável que conseguissem chegar antes dos guardas. A ideia de que possam tê-la levado na esperança de atraí-lo... Corin controlou a fúria e o medo de que o dominaram, querendo uivar de raiva. Tinha que voltar para casa.

Tremendo, praguejou para si mesmo. Às vezes as Terras Fae e sua ligação com elas realmente pareciam uma maldição.

Ele se forçou a parar de se entregar à sua própria miséria e pensou em Claudette. Deuses, estaria muito preocupada. Esperava que tivesse visto a mensagem para ela, que isso tivesse acalmado sua mente. Quando a procurou com seu poder, sentiu que ela não estava na Bertulf House. Talvez Bram a tivesse tirado de lá, longe dos homens de Ravendell? Se isso fosse verdade, ele teria uma grande dívida de gratidão.

Por outro lado, Dannon fez uma coisa maravilhosa ao dar-lhes tempo extra, como fez. O homem realmente merecia crédito por isso. Corin só esperava que fosse o suficiente. Mas se os homens de Auberren atacassem esta noite sem metade da guarda da cidade... Não, tranquilizou-se, o som das tropas na escuridão não tinha a energia nervosa dos homens antes da batalha. Não seria esta noite, mas muito em breve, não poderiam resistir na Floresta Dark por muito tempo. Mas esperava que ainda houvesse tempo para resolver esta maldita bagunça antes que os Light Fae pudessem tirar vantagem disso.

Seu ânimo melhorou um pouco quando chegaram a um recinto cercado. Corin podia ver as formas escuras dos cavalos no topo da colina. Chamando-os, ouviu o relincho em resposta enquanto os animais balançavam a cabeça, cruzando o campo em sua direção.



Anaïs olhou para os cavalos com apreensão. — Chega de cavalos — ela resmungou, embora a ideia de dar um descanso aos seus pobres pés não fosse indesejável.

Dannon riu, o som envolvendo-a, aquecendo-a apesar do ar gelado. — Não gosta de cavalos? — perguntou, parecendo divertido. — Não é melhor do que caminhar?

Anaïs olhou para os animais grandes que haviam chegado para farejar com

seus focinhos macios à mão de Corin. — Posso concordar com você sobre isso. — ela murmurou.

— Dannon, abra o portão, por favor — disse Corin. — Vou trazê-los.

Anaïs ouviu, fascinada, o fluxo constante de palavras líricas enquanto Corin falava com os cavalos. Eles relincharam, bufando suavemente na escuridão, sua respiração soprando nuvens fumegantes no ar frio da noite enquanto o seguiam, aparentemente bastante satisfeitos. Nunca tinha visto ninguém falar com animais dessa maneira. Realmente pareceram entender o que Corin lhes disse.

Dannon abriu o portão e Corin firmou um deles enquanto saltava sobre suas costas. Dannon fez o mesmo e deu uma perna a Anaïs para que pudesse se erguer e se sentar na frente dele. Desta vez não havia nem sela. Oh, *putain*, o que ela não daria por um carro neste momento.

— Confortável? — Dannon perguntou a ela, enquanto seu braço serpenteava por sua cintura, puxando-a contra ele. Anaïs sorriu apesar de tudo, colocando uma mão sobre a dele e segurando a crina do cavalo com a outra. Inclinou a cabeça para trás para descansar em seu ombro. — Não é tão ruim, eu acho — admitiu.

Dannon inclinou um pouco a cabeça dela para poder beijá-la e Anaïs ficou chocada com a força do desejo quando os lábios dele tocaram os seus. Seu sangue correu em suas veias como se tivesse explodido de uma garrafa de champanhe. Dannon a soltou e ela se engasgou, respirando com dificuldade. Ela sentiu, mais do que ouviu, a risada baixa que ressoou em seu peito e que não fez nada para acalmar seu pulso.

— Em breve isso acabará e estaremos seguros, então nada mais se interporá entre nós. — Dannon falou contra o ouvido dela, seu hálito suave e quente flutuando contra seu pescoço.

— Promete? — sussurrou, mesmo sabendo que ele não poderia fazer tais promessas. Queria que ele dissesse isso de qualquer maneira.

— Eu prometo.

Podia ver o desejo de manter aquela promessa nos olhos dele e suspirou, feliz, apesar das circunstâncias. Estavam juntos pelo menos. Se pudessem ficar juntos, então o que quer que acontecesse... certamente poderiam lutar contra?

Seguiram por trilhas pouco usadas serpenteando pelas aldeias. Anaïs se perguntou como algum deles tinha ideia de onde estavam. Mas Corin parecia ser capaz de se sentir em casa e seguiram para onde os levava. Avançaram com toda a força que ousaram, galopando onde o terreno permitia, mas Dannon lançava olhares ansiosos para o príncipe à medida que progrediam.

— Ele está bem? — sussurrou para Anaïs, quando chegaram a um terreno acidentado por onde foram obrigados a fazer os cavalos passarem.

Olhou para Corin, cavalgando com Cérbero equilibrado na cernelha do cavalo. Anaïs balançou a cabeça. — Não. Está exausto, nem sei como consegue ficar sentado direito. Deveria estar descansando.

— Corin conseguirá voltar para casa? — Dannon perguntou, mantendo a voz baixa.

— Sinceramente? — ela replicou, olhando para ele. — Não faço ideia, mas não acho que tenhamos muita esperança de detê-lo, não é?

— Não.

Depois disso, não poderia ter dito que sentira que havia algo ao redor, apenas que seu coração pareceu parar sem motivo.

Da escuridão veio um assobio estridente e um baque surdo, antes que o cavalo de Corin empinasse e caísse com força. Morto antes mesmo de atingir o chão. Anaïs gritou e Dannon incitou seu cavalo a avançar em direção a Corin, que havia jogado Cérbero para longe e agora lutava para se libertar, uma perna presa sob o peso morto do cavalo.

— As árvores, Dannon — Corin gritou para ele. — Vá para as árvores!

Anaïs assistiu com horror quando o príncipe libertou a perna e caiu novamente no chão enquanto dezenas de flechas passavam por sua cabeça. Dannon saltou com o cavalo, avançando em direção à linha das árvores. Quando se escondeu, gritou para Anaïs descer, depositando-a atrás do tronco de uma grande árvore. — Não se mexa! — ele instruiu.

Antes que ela pudesse objetar, Dannon se virou e correu de volta para onde Corin estava tentando se proteger. Anaïs observou, mal ousando respirar, enquanto flechas passavam cantando por Dannon. Finalmente alcançou Corin e se inclinou para lhe estender a mão. Ao fazer isso, quatro homens a cavalo saíram da escuridão e correram em direção aos dois, cortando o espaço entre eles e Anaïs. Do outro lado deles, mais cinco avançavam a pé, com espadas nas mãos.

Não eram os homens de Ravendell, Anaïs percebeu com um solavanco. Isso já teria sido ruim o suficiente, mas era muito pior. Eram os homens de Auberren, com os cabelos louros brilhando sob os capacetes.

Eles perceberam quem tinham em vista e mal podiam acreditar na sua sorte. Anaïs viu Dannon desembainhar a espada enquanto Corin fazia o mesmo e os homens começavam a se aproximar deles.

O terror tomou conta de Anaïs, que lançou sua magia, um dos homens a cavalo morreu instantaneamente e lutou para agarrar outro. Mas agora revelara sua posição e alguns dos homens estavam vindo em sua direção, mais deles surgindo da escuridão por todos os lados enquanto ela lutava para mantê-los seguros.



Dannon xingou ao perceber o que Anaïs estava fazendo. Se ao menos tivesse ficado escondida, poderia ter escapado da atenção deles. Dannon atacou com sua espada, o metal cortando a carne e atingindo os ossos enquanto um homem gritava e caía e outro tomava seu lugar. Estava ciente de outros homens morrendo ao seu redor, a magia de Anaïs brilhando a volta deles. O príncipe lutou ao lado dele, sua habilidade e poder habituais substituídos por uma necessidade desesperada de apenas ficar de pé.

Grunhindo de esforço enquanto gastava a pouca energia que lhe restava.

Dannon viu um homem erguer a espada atrás do príncipe e saltar do cavalo, derrubando o soldado no chão diante de sua lâmina para matar o futuro rei. Caíram juntos no chão enquanto o cavalo entrava em pânico e fugia. Com movimentos rápidos e seguros, Dannon sacou a adaga e cortou a garganta do homem, apenas para olhar para cima e ver, para seu horror, que Corin havia matado dois guardas, mas que os quatro restantes o cercavam. Em sua condição atual, não havia como escapar. Dannon se levantou, pronto para ajudá-lo quando ouviu um grito vindo da linha das árvores.

— Anaïs? — ele gritou, o pânico apertando seu coração com seus dedos gelados.

Dividido, hesitou por um breve momento. Corin eles iriam querer vivo, mas se Anaïs estivesse ferida... Dannon não teve tempo de pensar mais em suas opções quando um golpe forte acertou sua nuca... e tudo ficou escuro.

CAPÍTULO 35



—Dannon? — Anaïs murmurou, seus dentes batendo ao pronunciar a palavra enquanto estremecia e se enrolava ainda mais em uma bola. Estava congelada até a medula. O frio penetrou em sua mente, ainda assim tentava se lembrar do que havia acontecido. Abrindo os olhos, piscou contra a dor na cabeça e olhou para cima. Sentiu que devia estar perto do amanhecer, embora o céu mostrasse poucos sinais de luz do dia. Nuvens pesadas pairavam baixas no céu, e o chão estava coberto por uma geada, espessa e branca, brilhando na luz roxa. Teria sido lindo se não soubesse o motivo disso. Ofegante de horror, se sentou assustada quando os acontecimentos da noite anterior começaram a retornar à sua mente, e então olhou para sua perna, incrédula.

Havia sido atingida por uma flecha na coxa, a dor era algo que nunca havia sentido antes, tão insuportável que desmaiou. Anaïs não percebeu naquele momento, mas estava parada na beira de uma encosta, invisível na escuridão, e deveria ter caído quando desmaiou. Estava coberta de folhas e pressionada contra a base de uma grande árvore, fato que sem dúvida salvou sua vida, pois a escondeu dos soldados.

Mas sua perna estava curada.

Simplesmente não conseguia entender. Nunca fora capaz de se curar. Foi algo que Corin também confirmou, ele poderia curar os outros, mas não a si mesmo. Sempre fora forçada a confiar em seus remédios para qualquer uma de suas próprias queixas, porque sua magia não reparava nem mesmo um arranhão ou um pequeno corte, e ainda assim o terrível ferimento de flecha desaparecera completamente. Não havia sequer uma marca em sua pele, mas o buraco sangrento em suas saias provava que não tinha imaginado isso.

No entanto, era um mistério a descoberto mais tarde. Não tinha tempo para se preocupar com algo que havia deixado de ser um problema. Precisava encontrar Dannon e Corin.

Ficando de pé, ela rastejou para fora do buraco, com todos os seus sentidos em alerta. Todos os lugares ao redor estavam parados e quietos. Os únicos sinais da terrível luta, as carcaças dos cavalos, foram deixadas na lama. Os corpos desapareceram todos.

A última coisa da qual lembrava antes de ser atingida foi ver Corin sendo cercado por todos os lados. Estava tão fraco que Anaïs sabia que não havia como ele se defender. Dannon estava prestes a ir ajudá-lo e então... e então a flecha veio da escuridão e não conseguia se lembrar de mais nada. O terror a inundou enquanto imaginava o que poderia ter acontecido com eles, então fez o possível para se controlar. Dannon não estava morto, não poderia estar. Não o deixaria morrer!

O medo rodou em sua barriga fazendo-a querer vomitar, mas se levantou e olhou ao redor do campo na esperança de encontrar uma pista sobre a direção deles.

Não, assegurou a si mesma. Ambos são homens importantes. Eles têm muito mais valor vivos. Se o Rei Auberren quiser a cidade e tiver Corin e Dannon nas mãos, eles por certo irão negociar. A verdade penetrou em seus ossos e soluçou quando o alívio tomou conta dela.

Tinha que encontrá-los, isso era tudo culpa dela. Bem, a invasão Light Fae dificilmente poderia ser trazida à sua porta, mas todo o resto. O fato de estarem ali, desprotegidos, de Corin quase ter morrido nas mãos de um deus! Isso tinha sido culpa dela, e tinha que consertar isso. Não importava como.

Atravessando o campo, examinou o chão e encontrou um poço profundo e lamacento. Ela se perguntou se isso tinha sido obra de Corin. Esperava que não, já que ele simplesmente não podia gastar energia. A última vez que ela o viu, mal era visível na escuridão. O belo brilho de poder, sempre tão visível aos seus olhos, havia praticamente desaparecido.

Viu que o chão ao redor do fosso havia sido revolvido por dezenas de cascos de cavalos, antes de partirem mais uma vez. Caminhando pela trilha feita pelos animais, os seguiu enquanto a levavam para fora do campo e por um caminho, as marcas claramente visíveis contra o chão coberto de gelo. Bem, pelo menos tinha uma direção a seguir.



Corin sabia que as coisas estavam sombrias quando os Light Fae o levaram. Talvez não tivesse percebido o quão ruim.

Usou até o último vestígio de magia e força que lhe restava para enterrar os quatro soldados ao seu redor em um buraco profundo, quase se enterrando com eles. Conseguiu se libertar de alguma forma, mas o esforço o fez cair de joelhos, vomitando na escuridão antes que um chute violento em suas costelas o fizesse dobrar de dor. Foi seguido rapidamente por muitos outros que foi impotente para parar, até que foi puxado pelos cabelos e erguido.

Ofegante, se viu olhando para o rosto malicioso de um guarda, enquanto mais dois o seguravam de cada lado, já que não havia como conseguir ficar de pé agora. Podia ver outros, observando na escuridão, todos com expressões idênticas. Eles não eram amigáveis.

— Ora, ora — murmurou uma voz divertida. — Se não é o próprio lindo príncipe dourado. O velho Auberren vai ficar fora de si. Parabéns, rapazes, acabaram de ganhar um bônus valioso.

Houve uma algazarra de triunfo na escuridão que fez o sangue de Corin gelar.

— Deixe-me ir agora e nenhum mal lhe acontecerá — ele murmurou, com a respiração dificultada pela dor das costelas quebradas caindo em cascata pelo seu lado.

— Não pode nos fazer mal! — O homem, um capitão de sua insígnia, caiu na gargalhada. — Você? Isso é uma piada! Sinto muito, senhor — disse ele, usando a palavra como um insulto. — Auberren quer sua cabeça em uma bandeja. A única razão pela qual ainda está respirando é que ele quer fazer isso sozinho.

— Por quê? — perguntou Corin. — O que ele quer? Certamente podemos negociar?

O capitão lhe deu um soco forte no estômago, deixando Corin tonto de dor.

— Cale-se! Tudo o que sei é que ele o quer morto e isso me convém. Mas tenho que admitir — disse ele, olhando para Corin com desdém. — Pela forma como lhe descreveu pensei que estávamos diante de um maldito monstro. Acho que o velho tem pedras na cabeça. Está com tanto medo de você e de sua magia. Mas olhe só para você — ele acenou com a mão, provocando zombarias e vaias de seus homens. — Indefeso na lama. Não tem mais magia do que eu. Apenas olhos mais bonitos, hein? — A declaração foi pontuada por outro soco no estômago que deixou Corin lutando para respirar. — Coloque as algemas nele de qualquer maneira — disse ele, balançando a cabeça. — Acho que não vale a pena arriscar.

Corin estremeceu e tentou lutar contra os homens que o seguravam, mesmo sabendo que era inútil. Sabia o que estavam planejando. Algemas projetadas para bloquear magia, mesmo que não tivesse mais nenhuma. Uma vez que Auburren tivesse conhecimento disto, Corin não teria nenhuma chance, absolutamente nenhuma.

Já estava morto.



Bram olhou para o campo, branco e brilhante devido à geada e depois para as nuvens ameaçadoras que pairavam pesadas e baixas no horizonte. Esfregando o rosto com a mão, olhou para a figura adormecida de Claudette, enrolada na palha do celeiro onde haviam passado a noite. Finalmente adormecera de pura exaustão e Bram sentiu seu coração torcer com o que ela veria quando acordasse.

Doce Mãe Nerthus, por favor, deixe Corin ficar bem.

Não havia como garantir a ela que Corin estava bem agora. Ainda estava vivo, talvez, mas o que quer que tivesse acontecido com ele fora ruim, e como a temperatura continuava caindo... Deuses, o que ele deveria fazer?

Tinha que mantê-la segura. Poderia fazer isso por Corin, pelo menos. Se Ravendell tivesse prendido Corin, também procuraria por Claudette. Afinal, deveria levá-la de volta para casa ou estaria mais segura se escondendo?

Bram conhecia todos os esconderijos, todas as trilhas escondidas em Alfheim e muitos outros lugares. Mas foi uma vida difícil, especialmente nestas condições. Não havia como alguém como ela suportar.

Talvez devesse levá-la de volta ao seu próprio mundo? O pensamento não era agradável. Nunca se aventurara no reino humano. Não que isso fosse incomum. A maioria de sua espécie só conhecia o mundo humano através de histórias e livros. Embora soubesse que Corin fizera muitas viagens de ida e volta. O príncipe era um raro exemplo.

Os portões eram proibidos e a maioria mantinha isso em mente. Até ele, embora não porque fossem proibidos, mas porque não sabia o que esperar do outro lado. A ignorância pode fazer com que se morra mais rápido do que a

maioria, em sua experiência.

Bram olhou para baixo ao ouvir movimento na palha e observou os olhos de Claudette se abrirem. Sentiu o coração disparar quando ela piscou e começou a registrar a cena além da porta aberta onde estavam.

Claudette olhou para fora, seus olhos movendo-se inexoravelmente da vista para o rosto dele, balançando a cabeça em silêncio enquanto as lágrimas escorriam por seu rosto.

— Non, non, non, non. — Passou os braços em volta de si mesma, repetindo a palavra suavemente, sem parar, enterrando o rosto nos joelhos. Ela se balançou, soluçando e repetindo, *non, non*. Bram ficou de joelhos ao lado dela e colocou os braços a sua volta.

— Eu sinto muito...

— *Non!* — Claudette o empurrou com uma fúria que o chocou — Não vou deixar isso acontecer! Não pode acontecer. Não depois de tudo! Não! — Ela se levantou, o ar quase estalando com a energia ao seu redor embora Bram soubesse que Claudette não tinha magia. Estava viva, cheia de determinação. Enxugou as lágrimas com movimentos rápidos e raivosos. — Sele seu cavalo.

— Mas Claudette...

— Agora, Bram! — gritou, levantando a própria sela antes que a raiva desaparecesse e sua voz falhasse. — *S'il te plaît*.

Ele assentiu, sabendo que não poderia discutir com ela. Um movimento pelo canto do olho chamou sua atenção e antes que pudesse dizer outra palavra, Bram agarrou-a pelo braço, puxando-a contra ele e tapando sua boca com a mão.

Os olhos dela se arregalaram de alarme e ele sacudiu a cabeça quando o som de cavalos e homens chegando do lado de fora a fez parar de lutar. Bram a soltou, colocando o dedo nos lábios e ela assentiu, até ouvir uma voz que fez seu coração pular de esperança. Antes que Bram pudesse impedi-la, saiu correndo do celeiro para encontrar o que ele nem ousava esperar.

— *Laen!*

Laen desceu do cavalo, o alívio claro em seu rosto. — Claudette! Graças aos deuses.

Ela correu até ele, agarrando seus braços. — Encontrou-o? Por favor, diga que o encontrou!

Bram ficou momentaneamente ocupado enviando agradecimentos aos deuses pela entrega de reforços, mas viu o temor nos olhos de Laen. — Não, Claudette, mas nós conseguimos. Juro pela minha honra que vou trazê-lo para casa.

— Ele... ele está...? — Não conseguiu terminar a frase, mas Laen a agarrou pelos ombros.

— Eu o encontrarei! — disse novamente, e Bram pôde ver a fúria e a determinação naqueles olhos negros. — Prometo a você, ele *viverá*.



Laen fitou os olhos aterrorizados de Claudette e viu seu próprio medo

refletido neles. Corin viveria, ou ele mesmo o mataria de novo, pensou furioso.

A preocupação com o que diabos estava acontecendo estava desgastando seu temperamento a tal ponto que seus homens mal ousavam falar com ele por medo de terem suas cabeças arrancadas. Teve que deixar Océane em lágrimas, o que não foi bom para o bebê e o assustou até a morte. Depois, descobrir que Claudette também estava desaparecida, além de todo o resto. Pelos deuses, Corin nunca o teria perdoado se não a tivesse encontrado.

— O que diabos está acontecendo? — Bram exigiu. — Tem alguma notícia? Certamente Ravendell não pode esperar escapar impune?

— Oh, ele vai esperar — Laen rosnou, agarrando o punho de sua espada e desejando ter um alvo para usá-la. — Isto, porém — Laen apontou para o campo gelado. — Não é obra dele.

— O quê? — Claudette e Bram olharam para ele e Laen respirou fundo. Não gostava de tornar as coisas piores do que estavam, mas... não tinha escolha.

— É Auberren.

Claudette olhou para ele e depois para Bram, entendendo o quão ruim isso era. Laen se aproximou deles, afastando-os de seus homens. Isso ainda não era de conhecimento comum e não queria que o pânico se espalhasse.

— Finalmente recebi notícias de um informante nas Terras Fae. Conseguiu atravessar a fronteira, embora estivesse meio morto, o pobre coitado. Parece que Auberren prendeu todos os videntes de sua terra.

— Por quê? — Bram exigiu, parecendo confuso. — Metade deles fala por enigmas e a outra metade costuma ser psicótica.

Laen assentiu, ambos percebiam que Auberren era mais perturbado do que qualquer um deles.

— Aparentemente, não muito depois do nascimento de Corin, Auberren recebeu um aviso de uma vidente. Disse que suas terras seriam tiradas dele por um menino de olhos dourados. Na época, Auberren era tão arrogante e tão poderoso que não acreditou. Executou a mulher por traição. Naturalmente, ninguém mais forneceu qualquer informação adicional. Até recentemente. Meu contato ouviu rumores de uma vidente sendo descoberta, ela teve uma visão... sobre um homem com olhos dourados. Não sei o que ela viu, mas isso deixou o rei em frenesi. Trancou a mulher para que não pudesse falar com ninguém e caçou até o último vidente do reino. E agora... acho que ele está com Corin.

Laen sentiu um enjoo ao pronunciar essas palavras. Só os deuses sabiam o que o bastardo louco faria quando tivesse Corin em suas mãos. E se o estado da terra fosse algo para provar, Corin não estava em posição de revidar.

— *Oh, mon Dieu!*

Laen sentiu o coração quebrar com o medo nos olhos de Claudette. Ela já havia enfrentado esse terror antes. Parecia terrivelmente injusto que tivesse que fazer isso de novo. Estendeu a mão e agarrou a dela, a palma maior

envolvendo seus dedos congelados.

— Trouxe nosso exército Claudette. Os meus homens estão a vasculhar o campo neste momento. Mandeí uma mensagem para a cidade e a guarda de Alfheim fará o mesmo. Pelo menos Ravendell não será mais um problema. Mesmo ele não entregaria Corin a Auberren. — Talvez fosse um pequeno conforto, mas Ravendell não era desleal ao seu reino. Seu ódio por Corin era pessoal e não permitiria que ninguém o machucasse. Esse era um prazer que queria para si mesmo. — Não vou deixar isso acontecer — repetiu Laen, talvez mais para seu próprio benefício do que para o de Claudette. — Nós o encontraremos e depois faremos Auberren pagar. — Ele se virou para Bram. — Vou lhe dar quatro homens, escolte Claudette de volta para casa...

— *Non!*

Bram suspirou, batendo os pés contra o frio enquanto lançava um olhar de pena para Laen. — Acha que eu não tentei isso?

Laen deu-lhe um olhar severo. — Claudette, não posso levar você comigo. Só iria atrapalhar, me desculpe...

— Eu sei disso! — ela disse, sua impaciência bastante clara, mas sua determinação ainda mais óbvia. — Esperarei aqui. Deixe seus homens se for preciso, mas não voltarei. Laen, não posso — ela implorou, com desespero em seus lindos olhos. — Quero estar perto quando o encontrar.

O rosto dele suavizou-se, compreendendo muito bem o desejo dela. Ele assentiu. — Muito bem então, retornaremos para buscá-la assim que pudermos.

— Vou com você! — Bram gritou, antes de se virar para Claudette. — Com licença, minha lady?

— Sim, sim — ela gritou, parecendo mais do que satisfeita por Bram querer ajudar. — Vá. Apenas encontre-o, *por favor!*



Corin acordou para um mundo cheio de dor. Fez uma breve verificação mental e ficou consternado ao descobrir que não havia uma parte dele que não doesse. Certamente havia ossos quebrados, embora pensasse que eram a menor de suas preocupações.

Com considerável esforço abriu os olhos, ou o olho. O outro parecia estar inchado. Ele se viu olhando para um chão sujo, coberto de sangue. Em alguma parte distante de sua mente, registrou que era o seu sangue. A fúria brotou dentro dele e procurou sua magia, apenas para não encontrar nada lá. Nem mesmo a sensação de ausência quando estava exausto. Estava simplesmente... fora de alcance.

As algemas em seus pulsos queimaram, dando-lhe a resposta à pergunta. Eram tão pesadas, como se estivessem sugando a medula de seus ossos. Tentou mover os braços, mas os encontrou acorrentados à parede, acima de sua cabeça.

Nada bom.

Mover-se também foi um erro, pois agora chamara à atenção do homem

que tanto gostava de atormentá-lo em seu estado atual. Capitão Quiel. Aqui havia um homem que gostava do seu trabalho. Corin suspeitava que ele também gostava de puxar asas de borboletas quando criança.

Mesmo assim, levantou a cabeça, afinal era um príncipe, e estava condenado se desse a algum capitãozinho saltitante o prazer de vê-lo implorar.

— Ah, a Bela Adormecida acordou. — Ele sorriu, uma expressão um tanto desagradável que caía mal em um rosto cercado por lindos cachos loiros. Parecia um querubim demoníaco. — Estou tão satisfeito. Afinal, estávamos nos divertindo muito. Fiquei desapontado por você ter desmaiado. Parece que as histórias sobre sua resistência são superestimadas.

Corin olhou-o com o rosto impassível. Palavras que poderia aceitar. Ele tinha ouvido todos os insultos do livro em sua época. Outra surra do tipo que o capitão gostava... Corin já não estava tão convencido de que sobreviveria a isso. Observou com receio enquanto o homem dispensava os outros guardas, deixando-os sozinhos.

— Já ouvi tudo sobre você, garoto lindo — disse o Capitão Quiel, e Corin viu um brilho de algo que não era muito sensato naqueles olhos azuis brilhantes. — Nós todos ouvimos. O belo Príncipe Élfico, amado por todos. — Ele zombou, sacando uma adaga e fingindo brincar com ela, passando o dedo pela lateral plana da lâmina imitando uma carícia amorosa. — Riqueza, poder, mulheres... Como você se divertiu. — Ele se aproximou, ficando tão perto que Corin podia sentir sua respiração em seu rosto, rançosa e fétida, fazendo seu estômago embrulhar. — Espero que tenha gostado tanto quanto dizem — Quiel continuou erguendo a faca e dando a Corin um sorriso que o fez estremecer. — Porque infelizmente seu tempo acabou. — Pressionou a faca contra a garganta de Corin que sentiu o primeiro verdadeiro desliz de medo percorrer sua espinha. Corin presumiu que tinha algum tempo. Afinal, Auberren o queria vivo. Eles teriam que levá-lo ao rei, e então poderia tentar negociar, e durante todo o tempo em que estivesse vivo haveria esperança. Sua mãe neutralizaria Ravendell, descobririam o que havia acontecido e enviariam homens atrás dele. E Laen viria. Assim que soubesse. Laen com certeza viria. Manteria essa esperança. Sabendo que tinha que permanecer vivo por tempo suficiente. Apenas o tempo suficiente. Mas agora, Quiel pressionava a lâmina contra sua carne, com força suficiente para que a ponta o cortasse e um fio fino de sangue serpenteasse por seu peito em um pequeno fluxo constante. Podia ouvir o gotejar ligeiramente enervante de seu próprio sangue caindo no chão, e o olhar encantado e um tanto maniaco de Quiel que lhe dizia... que preferia matá-lo a levá-lo ao rei. Acidentes aconteciam, Corin supôs. Quiel se inclinou, sussurrando as palavras em seu ouvido. — Quando eu terminar com você, irei procurar aquela sua adorável e humana noiva. Claudette... não é?

Corin sentiu uma fúria até os ossos, pois o homem à sua frente ousava falar o nome dela e se forçou a não reagir. Sabia muito bem que era isso que o capitão queria. Quiel queria enfurecê-lo, fazê-lo perder a cabeça,

enlouquecer... fazê-lo implorar por sua vida.

— Nunca tive uma mulher humana. Ouvi dizer que elas são como prostitutas na cama. Isso é verdade?

Corin apertou os lábios e prometeu a si mesmo que o verme teria retribuição. Se sobrevivesse, faria o homem pagar. Pelos deuses, ele pagaria.

Mas neste momento se sentia tão impotente. Com sua magia afastada dele e seu corpo tão machucado, duvidava que pudesse ficar de pé sem ajuda, tudo o que lhe restava era sua inteligência.

Alguém viria.

Laen viria.

Droga, se fosse necessário, até mesmo Ravendell lutaria pelo direito de matá-lo sozinho. Ele nunca deixaria os Light Fae levá-lo. Isso era muito desonroso para o seu povo como raça. Tudo o que Corin precisava fazer era permanecer vivo.

Infelizmente, suas chances de viver por muito mais tempo pareciam estar diminuindo em proporção ao deleite assassino nos olhos de Quiel, mas ele precisava tentar. Claudette nunca o perdoaria de outra forma. Sentiu um nó na garganta ao pensar que talvez nunca mais a visse, mas empurrou-o para baixo e voltou sua atenção para o capitão.

— Vou me lembrar do seu rosto, capitão Quiel — disse Corin, olhando para ele com seu único olho bom e sentindo-se aliviado por sua voz estar firme. — E irei até você. E quando fizer isso... desejará nunca ter nascido.

Houve uma gargalhada do capitão, que parecia genuinamente divertido com a ideia. — Seu idiota, não sairá dessa vivo. Embora exista a tentação de o deixar viver — acrescentou ele, com o rosto cheio de crueldade. — Afinal, pode ser divertido ver todas aquelas senhoras que caíram aos seus pés se virarem horrorizadas ao vê-lo. Não acho que verão em você uma perspectiva tão boa em breve, nem mesmo sua linda prostituta humana... não quando eu terminar com você, *Senhor*. — Quiel baixou a faca, a lâmina afiada deixando um corte doloroso enquanto a descia lentamente pelo peito de Corin até o umbigo.

Corin bufou e olhou para Quiel divertido ao perceber o que estava no cerne de seu ódio, o que sempre esteve no interior dele, de uma forma ou de outra.

— O ciúme é uma coisa terrível — disse Corin, com a voz suave e zombeteira, antes de olhar para a lâmina e erguer as sobrancelhas. — E vai precisar de uma faca maior.

O punho surgiu rápido e Corin não soube de mais nada.



Anaïs observou com desgosto os soldados do lado de fora da casa da fazenda. Estavam rindo, servindo-se de qualquer comida e bebida que o proprietário tivesse e praticamente dando uma festa.

Bastardos, ela amaldiçoou, enquanto a fúria e o medo assolavam seu peito. Ficaria feliz em matá-los só pelo que fizeram com Corin, mas se machucassem Dannon... estariam todos mortos, todos e cada um deles. Eles

simplesmente não sabiam disso ainda.

Sua magia cantava sob sua pele enquanto suas emoções trovejavam fora de controle. Começou a ganhar uma tênue medida de autoridade sobre isso, começou a se sentir um pouco mais como se a magia fosse dela, em vez de estar à sua mercê. Mas agora Dannon era tudo o que importava e Anaïs não se ocuparia dos homens que o levaram. Só se preocupava com o que tivessem feito com ele, que pudessem tê-lo machucado, ou pior. Não se importava com o que tivesse que fazer para recuperá-lo. Teria matado até mesmo uma rainha, ainda que acidentalmente. Não teria escrúpulos em relação aos soldados.

Viver pela espada, morrer pela espada, a espada neste mundo era um poder do tipo que Anaïs poderia reivindicar em abundância.

Esperou, fora de vista, com o coração batendo forte nos ouvidos, até que a patrulha dobrou a esquina do prédio. Infelizmente, não eram um bando de recrutas ineptos e inexperientes, e alguém teve a presença de espírito de não deixar todos os homens ficarem bêbados.

Assim que desapareceram de vista, correu para a casa principal. Arranhou a moldura da janela e agradeceu a qualquer deus que estivesse ao seu lado quando se abriu com facilidade. O roubo obviamente não era uma grande preocupação por aqui.

Subindo o mais rápido que pôde, fechou a janela e se virou.

Abafando um grito de alarme, ficou cara a cara com quatro pares de olhos arregalados enquanto a família da fazenda a observava entrar em sua casa. Eles estavam amarrados e amordaçados, presos a cadeiras e Anaïs soltou um suspiro de alívio. Colocando o dedo nos lábios, os observou assentir em concordância antes de começar a desfazer as amarras.

Desamarrou primeiro o pai, um homem forte, de ombros largos, com longos cabelos escuros presos em um rabo de cavalo.

— Eles estão com o príncipe! — disse ele, com os olhos cheios de medo e indignação. — Acho que pretendem matá-lo.

— *Oh, mon Dieu!* — Anaïs trabalhou furiosamente em suas amarrações. — Havia outro homem com ele — disse ela, mal ousando ouvir a resposta. — Ele... ele está...?

— Acho que ele está bem — falou o sujeito, balançando a cabeça, com simpatia nos olhos escuros. — Eles trabalharam um pouco com ele, mas não pareciam tão interessados nele. Está trancado nos estábulos, mas o príncipe... — O homem engoliu em seco antes de continuar. — Olhe lá fora — ele sussurrou, o medo fazendo tremer as palavras do grandalhão. Apontou para os campos congelados do lado de fora de sua janela e para a fina rajada de neve que havia começado a cair, lançada pelo vento gelado.

Anaïs sentiu o estômago embrulhar.

Se Corin morresse...

— Ele não vai morrer — disse ela, parecendo um tanto feroz e cheia de uma certeza que estava longe de sentir. — Eu prometo — acrescentou Anaïs, erguendo o queixo. — Sou *la Guérisseuse*, e se puder me ajudar, eu o

salvarei.

O homem estava agora livre das amarras e levantou-se, esfregando as mãos para fazer o sangue circular antes de libertar os seus dois filhos, enquanto Anaïs trabalhava para libertar a sua esposa.

— Esse homem será nosso rei um dia — disse ele, sem tirar os olhos do trabalho, e sua voz ficou mais dura, cheia de determinação e honra. — Sempre disse que ele seria um bom rei, que nos deixaria orgulhosos. E com tudo como está... Ele vai nos tirar da confusão em que estamos. Então sim, prometo pela minha vida, por ele, pelo futuro dos meus meninos. Farei tudo o que puder.

Assim que todos ficaram livres, a mãe e seus filhos abriram uma escotilha no chão. — Há um túnel que sai do porão, iremos procurar ajuda. Tenha cuidado, meu amor. — A mulher beijou o marido e deu-lhe um abraço rápido antes de fechar a escotilha sobre sua cabeça.

— Eles trancaram o príncipe no depósito — disse ele, com a voz sombria. — Há guardas lá.

— Posso lidar com os guardas — disse ela, acenando com a mão num gesto de desprezo e impaciência. — Apenas me diga para onde ir.

O homem olhou para o pequeno corpo loiro de Anaïs de cima a baixo, parecendo mais do que duvidoso.

— Nunca julgue um livro pela capa — ela disse, cruzando os braços, e um tom enérgico em sua voz que o fez erguer as sobrancelhas.

O que quer que tenha pensado em particular, deixou de lado e apontou para a janela. — O pequeno prédio de pedra ali. — Olharam e viram dois guardas do lado de fora da porta, compartilhando uma grande jarra de alguma coisa e gargalhando. Mais dois apareceram do outro lado do quintal, o jarro compartilhado entre eles. — Os desgraçados também estão bebendo meu melhor conhaque! — Rosnou seu companheiro, com evidente fúria.

Anaïs prendeu a respiração ao reconhecer o capitão que tentara levar Dannon e ela na noite em que Bram interveio.

—Quiel! — exclamou ela, lembrando-se muito bem do brilho cruel que vira nos olhos do homem. O capitão parecia estar dando instruções e um dos homens voltou para dentro do depósito, deixando mais dois do lado de fora. Anaïs esperou que o capitão dobrasse a esquina e desaparecesse de vista e, antes que o fazendeiro pudesse dizer outra palavra, ela abriu a porta e os dois guardas morreram. Caíram no chão sem sequer um murmúrio de protesto, olhando para o nada com os olhos arregalados. Um ainda segurando o jarro de barro na mão.

O fazendeiro a olhou surpreso e Anaïs ofegou quando o poder dos dois homens a atingiu. Fechou os olhos, com a magia borbulhando sob sua pele e a fazendo rir. Quando abriu os olhos novamente, viu o choque na expressão do fazendeiro.

Deu de ombros, perguntando-se o que o fez se afastar dela. — Eu lhe avisei. — Anaïs passou a língua nos lábios e olhou ao redor do pátio antes de se voltar para ele. — Você vem?

O fazendeiro assentiu, sem palavras e com os olhos arregalados, atônito demais para responder, mas a seguindo em direção ao depósito.

CAPÍTULO 36



Dannon ergueu os olhos com uma expressão cautelosa quando o capitão Quiel entrou na sala. Enjoado de tanto se preocupar com Anaïs, rezou para que ela não estivesse gravemente ferida. Passou as últimas horas torturantes imaginando se ela poderia curar suas próprias feridas, e uma sensação horrível de pavor atingiu seu estômago enquanto se dava conta de que sabia a resposta. Havia tomado a decisão de contar a Quiel onde ela estava. Eles valorizariam suas habilidades. Assim não a deixariam morrer. Melhor estar viva nas mãos de Auberren do que... Dannon não conseguia nem pensar na alternativa.

— Não encontramos nenhum vestígio dela.

Seu coração pulou no peito. Certamente, isso era uma boa notícia?

— Mandeí homens para procurá-la — acrescentou Quiel, franzindo a testa. Dannon olhou para o sangue no uniforme do homem e reprimiu a raiva que crescia em seu peito. Esse era o sangue de Corin.

Dannon mudou de posição no chão do estábulo, olhando para baixo em um esforço para não revelar nada. Infelizmente, estava amarrado com muita força para estrangular o homem, e havia guardas por toda parte, embora nunca visse mais de dois de cada vez.

— Você tem ideia de para onde ela iria? — continuou ele.

Dannon sabia, sem dúvida alguma, exatamente para onde Anaïs iria, mas encolheu os ombros. — Provavelmente foi procurar ajuda. — O medo arrepiou sua pele ao considerar a ideia de que pudesse estar perto deles. Por favor, deuses, não a deixem fazer nada tolo. Era uma pequena esperança.

O capitão assentiu, aparentemente sem dificuldade em acreditar em suas palavras. Isso apenas mostrou que Quiel não sabia nada sobre ela. Ninguém que conhecia Anaïs acreditaria nisso. Nunca deixaria alguém com quem se importava sofrer. O pensamento fez sua garganta apertar. — Bem, nesse caso não irá longe, disse Quiel.

— Onde está o príncipe? — Dannon exigiu, precisando que Quiel esquecesse Anaïs, e bastante horrorizado com a forma como a temperatura continuava caindo. — O que fez com ele?

Dannon estava observando o céu escurecer constantemente do lado de fora do estábulo, vira a neve começar a cair há pouco tempo. Bom e insubstancial no momento, mas o frio corroía seus ossos. Corin tinha pouco tempo sobrando.

Percebera recentemente que seu ódio por Corin era muito menos profundo do que acreditava. Dannon o admirava de verdade, era difícil não admirar. Com pesar, teve que admitir que a maior parte de seus sentimentos provinha do ciúme. O homem era mais do que Dannon jamais seria. O poder que ele exercia era extraordinário. O fato de ter sobrevivido a um encontro com Jacques era prova suficiente. Seria o maior Rei que os Elfos já viram. Dannon não podia deixá-lo morrer.

— Por que estavam juntos? — exigiu o capitão, virando-se para ele com a testa franzida. — Todo mundo sabe que se odeiam, você tentou matá-lo até onde sabemos. — Olhou para Dannon e o duque agradeceu aos deuses pela animosidade deles ser tão conhecida.

— Ordens são ordens. — Dannon deu de ombros.

— Sim, claro. — Quiel assentiu com a cabeça, o rosto clareando. — Isso eu entendo. — Sua expressão era investigativa enquanto estudava Dannon agora. — Ele é a única coisa que fica entre você e o trono, não é?

Dannon parou, forçando seu rosto a permanecer impassível ao perceber onde isso estava indo.

— Isso e os atuais rei e rainha — ele respondeu, acrescentando um sorriso irônico para garantir.

O capitão acenou com a mão como se isso fosse um inconveniente insignificante. — Me deram certa... autoridade, você sabe. Certas informações para transmitir se conseguisse fazer com que entregasse a garota. Auberren está disposto a lhe dar o trono, entende? Se trabalhar conosco. — Quiel sorriu, sua expressão silenciosamente presunçosa, como se tivesse a capacidade de dar a Dannon tudo o que sempre sonhou.

A expressão de Dannon não mudou. — E o Príncipe Corin? — perguntou, sua voz suave.

— Já está morto, pelo menos quase o suficiente — Quiel riu, enviando um arrepio de medo pelo corpo de Dannon. A ideia da morte de Corin era... impossível, e ficou surpreso ao ver o quão profundamente lamentaria sua perda. — A única razão pela qual ainda está respirando — acrescentou Quiel, como se estivesse conversando sobre o tempo, e não sobre a morte do futuro rei do reino, — é que Auberren quer cumprir ele mesmo a escritura, o ritual. Pretende cortar sua garganta diante de um público que você conhece. Faça cerimonial e tudo — acrescentou ele, rindo e balançando a cabeça. — Em breve levaremos o que sobrou dele ao rei.

— Por quê? — perguntou Dannon, lutando para afastar o horror de sua voz. — Por que agora?

— O velho ouviu uma profecia. — O capitão revirou os olhos para Dannon, como se estivessem compartilhando uma piada mútua. — Tudo lixo, claro. Eu sabia que era, mas ele parecia acreditar em cada palavra — Quiel refletiu, balançando a cabeça e chutando a palha do estábulo com a ponta da bota. — Alguma bobagem fantasiosa sobre um homem com olhos dourados ter o poder de unir as Terras Fae. O rei ao ouvir isto ficou furioso e aqui estamos nós. Ele reclama sobre como Corin está escondendo seus poderes, planejando tomar os três Reinos para si. Quiel ergueu as mãos e apertou-as como se estivesse contando a uma criança uma história de fantasmas assustadora, bufando com escárnio. — Bem, o homem que vi não tem poder nem para se defender, muito menos para qualquer outra coisa. Ele está fraco e tudo não passa de uma conversa boba, como sempre soube que era — zombou. — Mesmo assim ele morrerá e nós tomaremos a cidade. O velho rei

está doente, ao que tudo indica, não resistirá por muito tempo. Aquela rainha vadia dele pode deter o poder da terra, mas não será capaz de resistir aos nossos números, como bem sabe.

Dannon assentiu, sabendo que precisava manter o homem falando, apesar de sua presença fazer sua pele arrepiar com o desejo de esmagar sua cabeça. — Sim — disse ele, aparentemente concordando com Quiel. — Mas — acrescentou Dannon, sabendo que esse era o cerne da questão —, seu rei não tem o poder de reivindicar Alfheim, então precisa de outro para tomá-la em seu lugar ou a terra se vingará.

Não era suficiente simplesmente derrotar o exército de outro nas Terras Fae. A própria terra tinha que aceitar o governante. Se o governante não tivesse poder suficiente, ou simplesmente desagradasse a terra... Eles morreriam queimados antes que pudessem colocar a coroa sobre suas cabeças.

— Você vê o problema? — Quiel disse, aparentemente satisfeito por não ter se dado ao trabalho de explicar.

— De fato. Sim — respondeu Dannon, sorrindo, com a voz educada e fria.

— Pois bem, o que me diz... Vossa Graça ou seria Vossa Alteza?

Dannon gesticulou para que o capitão se aproximasse, e suas palavras quando vieram foram baixas e cheias de ameaça. — Se o príncipe morrer, vou caçá-lo até os confins da terra e fazer você pagar por conta dele — disse ele, observando com satisfação enquanto Quiel se afastava surpreso. — E é melhor torcer para que Corin morra — Dannon respondeu, com fúria, seus olhos brilhavam de raiva e diversão porque tinha certeza de que isso não aconteceria. Isso *não poderia* acontecer. — Porque está terrivelmente enganado sobre ele. Acredito em cada palavra dessa profecia e não gostaria de estar no seu lugar por preço algum quando ele vier atrás de você.

O capitão se endireitou, franzindo a testa e olhando para Dannon com desdém, embora o duque percebesse que estava abalado. — Seu idiota, selou seu próprio destino então. Morrerá ao lado dele.

Dannon encolheu os ombros, olhando para Quiel sem piscar. — Se esse for o meu destino, que assim seja.

— Por quê? — Quiel exigiu, parecendo irritado e perplexo com a lealdade de Dannon. — Você o detesta. Todo mundo sabe disso. Por que se importa se ele morrer? Por que não ser rei em seu lugar?

Dannon sustentou seu olhar e soube que sua antipatia por Corin era algo leve e inconsequente quando comparada à sua aversão pelo homem diante dele. — Já ouvi antes que honra é um conceito estranho entre os Light Fae, mas tenho que admitir, não pensei em ver uma evidência tão clara disso.

A cabeça de Dannon caiu para trás quando o punho do capitão fez contato com sua mandíbula, mas ele apenas riu, enquanto o capitão olhava com desgosto.

— Se me der licença, Vossa Graça, tenho coisas para tratar. Preciso organizar duas execuções, agora.

Dannon bufou e observou o capitão se afastar.



Anaïs estava animada. O poder dos soldados mortos era excitante, surgindo em seu sangue como um coquetel inebriante. Tudo o que podia fazer era manter o foco. Não iria estragar tudo! Dannon e Corin contavam com ela e se a maneira como a neve caía fosse indicação de alguma coisa prestes a acontecer, Corin não tinha muito tempo sobrando.

Atravessou o pátio com passos leves e rápidos, com o fazendeiro logo atrás, fazendo o possível para parecer discreto. Felizmente conseguiram, apesar de seus passos pesados, e finalmente ficaram do lado de fora da porta do depósito.

Anaïs olhou em volta quando ouviu um gemido agudo e encontrou Cérbero a seus pés, arranhando a porta ao seu lado. Ela o agarrou e o silenciou ferozmente, quando a porta se abriu e se viu cara a cara com um guarda. Gritou alarmada, jogando Cérbero nele. Surpreso demais para saber o que fazer, o soldado pegou o cachorro enquanto Anaïs enviava seu poder contra ele. O homem caiu como um peso morto enquanto Cérbero fugia.

Anaïs cambaleou para trás ao ser atingida pela força de outra vida explodindo através dela como fogos de artifício, enviando terminações nervosas brilhando e queimando por seu corpo. Ficou parada por um momento, completamente atordoada, até que o fazendeiro lhe deu um forte empurrão e ambos caíram no depósito. O fazendeiro bateu a porta atrás deles enquanto ela tropeçava e caía de joelhos, completamente desorientada. Um grito de lamento a fez olhar para cima em busca de Cérbero, que estava choramingando e fazendo sons profundos de angústia. À medida que seus olhos se adaptavam à escuridão, ouviu o fazendeiro respirar horrorizado.

— Oh, *mon Dieu!* — gritou ela, a mão cobrindo a boca em estado de choque.

Corin estava acorrentado à parede por algemas nos pulsos, o corpo flácido contra as correntes, a cabeça baixa, nu e inconsciente. Sua pele dourada cor de mel tinha um tom pálido mortal, seus lábios azuis, e cada centímetro de pele estava sangrento com cortes e hematomas profundos. Anaïs ficou de pé enquanto o fazendeiro corria para libertá-lo. Juntos, trabalharam para desamarrá-lo e o pegaram entre eles quando foi solto e caiu contra ambos. Deitando-o no chão, Anaïs começou a trabalhar, mas os danos eram tantos que mal sabia o que fazer primeiro. Corin estava sangrando internamente, com muitos ossos quebrados e seu coração estava terrivelmente lento. Só poderia ser pura vontade manter-se vivo.

— Não consigo tirar as algemas — disse o homenzarrão ao lado dela, parecendo bastante abalado. — D... deve haver uma chave.

— Não importa por enquanto — respondeu Anaïs, sem querer se distrair. — Ainda posso curá-lo.

— Ele vai ficar bem? — A figura volumosa do homem ao lado dela olhou para a imagem quebrada do príncipe com lágrimas nos olhos. — Alguém deve pagar por isso — acrescentou, agora parecendo irritado.

— *Oui*. — Anaïs assentiu com firmeza, respondendo as duas perguntas ao mesmo tempo. Não podia deixar isso acontecer, Corin fora gentil com ela, colocou-se em risco por sua causa. Faria o que fosse necessário para reparar os problemas que havia causado.

— Há algo que eu possa fazer? — perguntou o homem, torcendo as mãos.

— *Oui!* — Anaïs olhou-o, seus olhos cheios de esperança e assentiu. — *Por favor*, o outro homem... o nome dele é Dannon.

— O duque?

— *Oui* — concordou, feliz por saber dele. — Tem certeza de que está bem?

Ele assentiu, indo em direção à porta e abrindo uma fresta para verificar se não havia ninguém por perto. — Ouvi o capitão dizer que não deveria ser ferido. Acho... acho que eles têm planos para o duque.

Anaïs estava focada em estancar o sangramento dentro de Corin e depois passou para uma costela que perfurou seu pulmão, tornando sua respiração difícil. Ela sentiu o osso se remendando sob suas mãos com satisfação, mas ergueu os olhos alarmada quando as palavras dele a penetraram. — Que tipo de planos? — perguntou alarmada.

O homem deu de ombros. — Não sei.

— Você acha... — ela começou e o homem sorriu.

— Ficaria feliz em bater em algumas cabeças Light Fae, se é isso que está prestes a perguntar. Você ainda não deixou eu me divertir.

Anaïs sorriu para ele. — Muito obrigada, mas por favor tenha cuidado.

Ele parou perto da porta. — Oh, não se preocupe, também fui soldado antes de me casar, mas minha esposa não gostava do uniforme. — Piscou para ela. — Vou trancar esta porta. É boa e forte, eu mesmo a fiz, então sei. Se alguém vier, vai demorar um pouco para quebrar, mas saia o mais rápido que puder. — Anaïs assentiu e fez orações para que ele ficasse protegido.

— Por favor, por favor, deixe-o encontrar, Dannon — ela murmurou enquanto trabalhava. Lágrimas encheram seus olhos, turvando sua visão e piscou para afastá-las. Dannon ficaria bem. Tinha que ficar.

Ouviu um gemido e Corin se mexeu sob suas mãos, suas pálpebras tremulando. Cérbero estava enrolado, com a cabeça apoiada no ombro de Corin, mas agora se levantara para lambeir seu queixo, abanando o rabo e choramingando. Anaïs pegou-o no colo e colocou-o ao seu lado.

— Ele vai ficar bem — sussurrou ela, com a voz suave. — Mas fique fora do caminho, bom menino.

Anaïs tentou voltar ao trabalho, mas o poder que circulava em suas veias dificultava sua concentração. Ele ardia, queimava e coçava sob sua pele, exigindo que o usasse, liberasse, e então se perguntou se talvez... poderia compartilhá-lo?

Corin estava tão fraco, poderia curar seu corpo, mas ainda estaria exausto, mas se ela pudesse compartilhar o poder...

Anaïs franziu a testa, concentrando-se na emoção da vida que era tão inebriante, em vez de tentar negá-la. Riu enquanto percorria seu corpo,

descendo pelos dedos e com o mesmo poder que havia tirado a vida dos soldados, o empurrou em direção ao corpo sob suas mãos. Houve um clarão de luz e os olhos de Corin se abriram com um suspiro enquanto ele respirava fundo.

Ele a olhou atordoado e confuso por ter sido trazido de volta da beira da morte tão abruptamente. Anaïs suspirou de alívio ao observar a luz ao seu redor aumentar. — Consegui — sussurrou ela, sentindo-se subitamente maravilhada com seus próprios poderes.

— Anaïs? — Sua voz era áspera e seus olhos se fecharam novamente, seu rosto era uma máscara de dor. — Oh, deuses — ele gemeu, e pôde ouvir a agonia em sua voz. — Isso dói!

— Estou trabalhando nisso — disse Anaïs com um sorriso. Quando passou as mãos sobre o peito dele, houve um estalo audível e uma costela voltou ao lugar.

Corin gritou.

— Caramba! — ele gritou, assim que conseguiu falar novamente, encarando-a com olhos febris.

— Sinto muito — disse ela, mordendo o lábio. — Mas tenho que trabalhar rápido.

— Um aviso, talvez? — perguntou ele, enquanto fechava os olhos.

Ela assentiu. — Ok, então, mais um. — Sentiu o próximo osso estalar e Corin respirou fundo, praguejando uma rajada furiosa de obscenidades.

— Sinto muito — repetiu ela, sentindo-se péssima, mas sem outra opção. — Os ossos são os piores.

Corin mudou ligeiramente, e a pouca cor que Anaïs trouxe de volta ao rosto dele desapareceu quando ficou decididamente verde. Corin engoliu em seco.

— Meu ombro — ele sussurrou, olhando para ela.

Assentiu, engolindo em seco, desejando poder dar-lhe algo para a dor. — Eu sei — disse ela, com a voz cheia de simpatia. — É uma ruptura feia, vai doer... estou tão...

— Vá em frente, vá em frente — disse ele, com os dentes cerrados.

Anaïs inclinou-se sobre o peito dele até o ombro mais distante dela, colocando uma mão em cima e deslizando a outra cuidadosamente por baixo. Olhando para Corin, notou que seu rosto estava branco como alabastro, seus olhos estavam fechados. Mordendo o lábio novamente, hesitou e se perguntou se talvez lhe desse um pouco mais de seu poder ao mesmo tempo em que consertava a ruptura... se talvez isso anestesiasse a dor? Valeria a tentativa.

— O que está esperando...? — ele xingou quando Anaïs começou.

No mesmo momento em que começou a sentir o osso se unir novamente, enviou outra explosão de poder por entre os dedos. Isso fez sua pele parecer viva, o poder correndo ao longo e através dela, para Corin. A carne dele ficou quente sob suas mãos, a adrenalina correndo por seu sangue com a magia. Foi inebriante, elétrico e extático quando abriu os olhos e olhou para baixo para ver um brilho de luz ao redor dos dois.

Corin estremeceu debaixo dela como se tivesse sido atingido por eletricidade, respirando fundo enquanto seus músculos ficavam tensos. Anaïs soltou o poder e Corin se acalmou, respirando com dificuldade, seu ombro curado e seu poder restaurado... e tão absolutamente lindo.

Corin a estava observando agora, muito quieto, seus olhos dourados brilhando com poder, mas cauteloso. — Garota esperta — disse ele, com a voz baixa, escrutinando-a como se Anaïs fosse uma coisa selvagem, algo que pudesse explodir ou atacar a qualquer momento.

Por que estava olhando para ela daquele jeito?

Anaïs respirou fundo e lambeu os lábios enquanto seus olhos examinavam o corpo glorioso sob suas mãos. Tão difícil, tão forte, tão... *poderoso*.

Anaïs fechou os olhos novamente, tentando afastar a tentação desse poder.

Dannon, Dannon... Dannon precisava dela.

Concentre-se, concentre-se, concentre-se, dizia as palavras repetidas vezes, mas a linda luz sob suas mãos a distraía terrivelmente. *Tanto poder!*

— Tire as algemas de mim, Anaïs — disse Corin, com a voz dura e autoritária.

— N... não posso. — Anaïs estava respirando pesadamente, com os olhos bem fechados. Se não pudesse ver a luz, talvez pudesse fingir que não estava lá.

Ouviu Corin xingar e tentar se sentar, mas o pressionou de volta no chão com facilidade, balançando a cabeça. Ele poderia ter seu poder de volta, mas não o usar. Até que as algemas fossem retiradas, ele estava à sua mercê.

Havia uma parte dela que gostava dessa ideia. Bastante.

Ela ouviu o barulho da maçaneta, seguido de batidas frenéticas na porta e uma voz em pânico gritou.

— Corin? Corin, você está aí?

— Bram? — Corin respondeu, com um toque de ansiedade na voz.

— Sim! — Bram gritou, parecendo mais que aliviado. — Graças aos deuses! Você está bem, está ferido?

— Estou bem agora — Corin o tranquilizou, embora houvesse algo em seu tom que só poderia ser descrito como urgência. — Mas pelo amor dos deuses... *entre aqui!*

— O que foi? O que há de errado? — perguntou Bram, parecendo um pouco perplexo. — Nós nos despedimos dos Light Fae, então não há mais ninguém aqui agora. O dono deste lugar disse que Anaïs estava curando você.

— Ela está. Ela fez..., *mas ainda está aqui!* — sibilou ele.

Anaïs notou o fato de que Corin parecia estar com os dentes cerrados, mas ela não conseguia pensar nisso. Tentou manter os olhos fechados. Realmente tentou, mas...

— Bram! Abra a maldita porta e tire essas algemas de mim agora!

Corin tentou novamente se levantar e, apesar de seu melhor esforço, os olhos de Anaïs se abriram.

Oh!

Era como se oferecessem a um viciado a droga de todas as drogas. O êxtase acenou, logo além das pontas dos dedos, chamou-a com a voz mais doce. A linda luz dourada pulsava e acariciava, quente e tão convidativa, tão... *boa*.

Empurrou Corin de volta para baixo, seu próprio poder forçando-o ao chão, amarrando-o enquanto Anaïs montava em seus quadris. — Não terminei — ela disse, enquanto a parte sã de seu cérebro gritava para parar.

— Eu sei, Anaïs — respondeu ele, com a voz cuidadosa. Corin respirava com dificuldade, a boca um pouco aberta e parecia muito nervoso, mas agora Anaïs não conseguia parar de olhar para sua boca. — Mas acho que você já fez o suficiente. Eu vou viver. Por favor, saia de cima de mim.

Bram subiu até a pequena janela do depósito e agora podia ver a situação difícil de Corin. — Ah, meu Deus — disse ele, bufando de tanto rir.

— Entre aqui, seu desgraçado! — Corin gritou para ele. Anaïs poderia ter rido se não estivesse lutando tanto para impedir que sua própria magia tomasse o que claramente queria.

— Não posso — respondeu Bram, balançando a cabeça. — A porta está trancada. Parece que terá que se conformar com isso.

— Bram — rosnou Corin, lutando contra a magia de Anaïs enquanto ela se enrolava em seus pulsos, prendendo-o ao chão. — Se não o matar por isso, Claudette o fará!

Bram franziu a testa e os lábios. — É justo.

— Arrombe a maldita porta, cara!

— Você está louco? — exclamou Bram, através do vidro sujo da janela. — É enorme. Quebraria meu ombro. Vou pegar a chave.

— Não! Droga, não vá...

Corin se virou para encarar Anaïs, com os olhos arregalados.

— Anaïs — disse ele, com a voz baixa e firme, como se estivesse tentando convencer alguém a não agir impulsivamente. — Sei o que está sentindo. Eu entendo. Acredite em mim, eu entendo. Estive onde você está, mas pode lutar contra isso. Deve! Não pode permitir que um poder como esse a controle, ele irá queimá-la e deixá-la louca se não assumir o controle.

Anaïs ouviu as palavras, tentou se concentrar nelas, mas foi muito difícil.

— Anaïs, está me ouvindo? Isso *irá* matá-la se não assumir o controle. Concentre-se, caramba! Concentre-se no que está fazendo.

Anaïs assentiu, não queria morrer. Também não queria machucar Corin ou Dannon, ou qualquer outra pessoa se chegasse a esse ponto.

Em um movimento rápido Corin tentou se libertar de sua magia, mas com as algemas ainda nele era apenas um homem forte e isso realmente não era páreo para seus poderes. Anaïs o empurrou para baixo com uma força que não era a dela.

— Você ainda está ferido e... — disse ela, com a voz tensa. — Posso fazer isso. Eu posso. — Ela se concentrou fortemente nos danos que ainda precisava reparar, cortes profundos e violentos, danos em músculos e tendões e hematomas terríveis. Tentou não notar o calor da pele sob suas mãos e a

sensação dos músculos tensos deslizando sob seus dedos, e aquele brilho lindo, lindo...

— Pare com isso, pare com isso, pare com isso — ela murmurava, enquanto trabalhava, descobrindo que quanto mais atua, menos a luz a ofuscava, menos exigia sua atenção.

Finalmente Anaís abriu os olhos e colocou as mãos no rosto dele, curando os hematomas ao longo da mandíbula, o inchaço ao redor dos olhos e todas as evidências remanescentes da terrível surra que havia sofrido. Parou então, olhando em seus olhos dourados e Corin se acalmou.

— Anaís?

Ela engoliu em seco, piscando e suspirou de alívio. — Consegui.

Corin soltou um suspiro e sua cabeça caiu para trás, com os olhos fechados.

— Graças aos deuses — ele murmurou, antes de olhá-la novamente e sorrir.

— Sim, sim, você conseguiu.

Cérbero estava esperando, em silêncio e fora do caminho, exatamente como Anaís lhe dissera que ficasse, mas agora não conseguia mais se conter e se jogou sobre seu amado mestre com guinchos, ganidos e um abanar furioso de seu rabo maltratado.

— Cérbero! — Corin disse, agarrando o cachorrinho desajeitadamente com as algemas ainda o prendendo. — Sim, sim, admito, estou muito feliz em ver você também. — O cachorrinho se contorcia de prazer enquanto Corin fazia carinho e coçava atrás de suas orelhas, falando com ele carinhosamente com palavras que faziam Anaís sentir o poder da magia apesar das algemas que usava.

Anaís se levantou um pouco instável e se afastou de Corin, fechando os olhos contra o brilho que ainda atormentava sua consciência. Embora tenha notado com satisfação que agora era muito menos exigente, então ouviu o som de uma chave abrindo a fechadura e Dannon estava lá... e nada mais importava.

CAPÍTULO 37



Laen irrompeu no depósito atrás de Dannon e olhou para Corin em estado de choque. Corin tentou não ver a pena em seus olhos, mas só conseguia imaginar como pareceria: sentado na terra, nu, imundo, e coberto com seu próprio sangue. Apesar dos cuidados de Anaïs, devia ser bastante óbvio o que havia passado.

— Claudette? — Corin exigiu, antes que Laen pudesse dizer uma palavra, embora o grandalhão parecesse estar lutando para dizer qualquer coisa.

— Segura — disse ele, antes de cerrar a mandíbula novamente. Parecia bastante irritado.

— Graças aos deuses — Corin murmurou, soltando um suspiro que sentiu estar prendendo por muito tempo. — *Obrigado* — acrescentou ele, olhando para Laen. — Obrigado, meu amigo. Sabia que não me decepcionaria.

Laen assentiu e Corin notou a mão que descansava no punho de sua espada abrindo e fechando. Olhou ao redor da sala, com a mandíbula tensa antes de se dirigir a Corin. — Está vivo então? — disse, com a voz rouca.

Corin respirou fundo e exibiu um sorriso que parecia rígido e falso. — É o que parece — disse ele, mantendo a voz leve.

— Ótimo — rosnou Laen. — Porque vou matá-lo! — Corin ergueu as sobrancelhas, mas não disse nada. Reconheceu muito bem o olhar de Laen, o homem não recuaria até que tirasse o que quer que fosse de seu peito e Corin estivesse cansado demais para lutar. Além disso, a raiva nos olhos de Laen era suficiente para fazer qualquer homem hesitar. — Em nome dos deuses, o que estava pensando? — ele se enfureceu, andando para cima e para baixo no pequeno espaço com fúria. — Sair sem guardas, sem proteção, quando sabe que tem inimigos!

— Bem, eu... — Corin começou, mas Laen gritou por cima de suas palavras.

— Indo para a *Floresta Dark*? O que o possuiu? Queria morrer? Perdeu completamente o juízo?

Corin abriu a boca novamente. — Não, mas...

— Dannon disse que o velho Jacques quase o matou! — Laen gritou, uma mão grande passando pelos cabelos antes de apontar para Corin. — Sabe que merece estar morto, não é?

— Na verdade, Laen, eu não...

— Seu idiota! Convoquei todo o exército, sabia disso? O seu, o meu, e caramba, meu pai! Você tem alguma ideia do que ele dirá quando perceber que os tomei em seu nome?

— Sinto muito, Laen m-mas...

Laen olhou para ele, seus olhos escuros cheios de fúria e algo mais que se escondia por trás da raiva, fora de vista. — Sente muito? *Sente muito?* Deuses, estou com tanta raiva!

Corin suspirou e colocou a cabeça entre as mãos. — Sim, eu entendi. — Deixou Laen reclamar por mais algum tempo, claramente precisava tirar isso do peito afinal. Anaïs, que estava assistindo a essa exibição com os olhos arregalados, deu um passo à frente, como se fosse explicar sua parte nisso, mas Corin balançou a cabeça e acenou para que se afastasse. Laen não queria ouvir nenhuma explicação até que se acalmasse.

Dannon pegou a mão dela e Corin os observou sair, agarrados um ao outro, como se tivessem medo de que um deles desaparecesse se tirassem os olhos um do outro. Bram, que saiu quando Laen começou a gritar, voltou para o celeiro e estendeu uma trouxa de roupas limpas que Corin aceitou com um aceno de cabeça agradecido. Ser repreendido era uma coisa, fazer isso completamente nu, outra bem diferente. Bram saiu, sorrindo para ele enquanto Laen continuava a xingá-lo.

— ...Océane em lágrimas, e pobre Claudette, está louca de preocupação! Não consegue colocar na sua cabeça dura que não é indestrutível? Não importa quanta magia tenha, maldito seja!

Corin abotoou as calças com dificuldade e suspirou, olhando para o amigo, que o encarava rígido de raiva, indignação e, acima de tudo... preocupação.

Ele avançou e agarrou o braço de Laen, olhando-o nos olhos. — Laen, estou bem.

Laen abriu a boca e fechou-a novamente. — Você se viu? — ele exigiu, sua voz áspera. — Deuses, Corin. — Laen balançou a cabeça e soltou um suspiro. — Tem que parar de fazer isso — disse ele, com voz urgente. — Esse tempo todo eu... eu esperava encontrá-lo... como da última vez...

— Estou bem — repetiu Corin, em voz baixa.

Laen bufou. — Vai me causar um maldito ataque cardíaco — ele resmungou.

Corin abriu um sorriso irônico e o deixou ir. — Somos Fae, Laen, não humanos. Lembra? Não sofremos essas coisas.

— Continue assim e eu provarei que está errado — retrucou Laen, com a voz sombria. Ele pegou a chave das algemas e a pendurou na frente de Corin, que suspirou de alívio e estendeu os pulsos enquanto Laen as abria. Corin respirou fundo quando sua magia voltou para ele. Deuses, mas isso era uma coisa horrível, como se estivesse sufocando lentamente sem sua conexão com a terra, com seu poder.

— Sinto muito, Laen, de verdade — disse ele, com a voz baixa. — Não tem ideia do quanto sinto muito. — Foi dito sinceramente, enquanto o rosto de Laen se enchia de pena. Corin se virou e puxou a camisa pela cabeça. Essa não era uma expressão que gostaria de ver no rosto de Laen. Não dirigido a ele, pelo menos.

Laen hesitou, claramente sem jeito de questioná-lo. — Foi... foi muito ruim?

Corin mexeu nas algemas e decidiu que não poderia responder. Agora não. Possivelmente nunca. Já havia sido espancado antes, quando era um jovem

teimoso demais para desistir de uma luta que não poderia vencer, não sem usar sua magia e pelo menos revelar seus poderes. Mas nunca com a obstinação de Quiel, e nunca sem a capacidade de revidar. — Onde está o capitão deste pequeno bando de homens alegres? — perguntou ele, voltando-se para Laen. Isso era algo em que Corin poderia se concentrar. Fantasizou sobre como faria Quiel pagar quando as coisas ficassem muito ruins. Isso ajudou. Um pouco. — Por favor, me diga que está com ele?

O rosto de Laen caiu. — Tenho vergonha de lhe dizer que ele fugiu — disse Laen, mal conseguindo olhar Corin nos olhos agora. — Deve ter nos ouvido chegando e correu como o covarde que é, mas vou encontrá-lo. *Eu juro.*

Corin se virou para ele e não soube o que Laen viu em seus olhos, mas seu amigo deu um passo para trás. — Ele é meu — disse Corin, sua voz com fúria contida.

Laen assentiu com a cabeça. — Entendi.



Laen olhou para a expressão nos olhos de Corin, uma escuridão no ouro que nunca pensou ver. Se ele próprio não quisesse despedaçar o capitão, membro por membro, com as próprias mãos, quase teria sentido pena do homem.

Corin virou-se e inclinou-se sobre o que parecia ser um rato grande e peludo. Corin sorriu para ele e Laen pôde sentir sua necessidade desesperada de mudar de assunto. — Não acredito que vocês dois se conheçam. Este... é Cérbero.

Laen olhou para seu velho amigo, perguntando-se se Corin realmente conseguiria ignorar isso tão facilmente quanto imaginou. Laen não acreditava nisso, mesmo assim seguiu em frente, sem saber o que mais fazer em qualquer caso. — Esse é, sem dúvida, o cachorro mais feio que já vi.

— Bem, a beleza está nos olhos de quem vê — respondeu Corin, ainda preocupado com a criatura maltrapilha. Lançou um olhar malicioso para Laen, acrescentando: — Tenho certeza de que Océane concordaria comigo.

Laen revirou os olhos e observou Corin. Era difícil ter certeza, pois Corin estava constantemente em movimento, brincando com o cachorro, mas Laen pensou que talvez suas mãos estivessem tremendo. — Corin, tem certeza de que está bem? — perguntou, com a voz baixa.

— Tudo bem, tudo bem, pare de se preocupar como uma velha — Corin retrucou, com um fio de raiva na voz. Fez uma pausa e respirou fundo, voltando-se para Laen. — Tudo o que quero agora é ver Claudette.

— Claro — respondeu Laen, assentindo. Pelo menos isso era algo que ele poderia fazer. — Vou levá-lo até ela. — Corin caminhou em direção à porta, mas Laen o impediu. — Espere.

Corin voltou-se para ele, com olhos cautelosos.

— Há algo que preciso lhe perguntar primeiro. Auberren quer você morto?

— Sim, Laen — disse Corin, com um tom seco. — Percebi isso.

Laen o ignorou e continuou. — Interroguei um dos homens que capturamos. Diz que Auberren acha que está escondendo seus poderes, que poderia tirar-lhe suas terras. — Laen o encarou com uma sensação estranha no peito. Os poderes de Corin sempre o deixaram desconfortável, e Laen sabia muito bem que os escondia, de todos, menos dele. Mas ser capaz de reivindicar outro Reino que não o seu? A ideia fez a cabeça de Laen girar e os primeiros fios de medo se enrolaram em seu estômago. — É verdade?

Corin hesitou, sem olhar para ele e a ansiedade de Laen aumentou.

— Nós dois sabemos que poderia reivindicar Alfheim — pressionou Laen, aproximando-se do amigo. — Vi as coisas que pode fazer, Corin, coisas que nunca contei a ninguém. Mas... poderia realmente tirar as terras de Auberren também? — Laen o estudou, observando qualquer lampejo de emoção, qualquer pista sobre o que estava pensando, mas seu rosto permaneceu inexpressivo. — Diga-me a verdade — exigiu Laen, parecendo irritado agora que o medo em seu interior começava a se transformar em algo mais substancial. Precisava que Corin respondesse, precisava saber..., mas não tinha certeza se gostaria da resposta. E então?

O que faria então?



Corin foi até a porta aberta e olhou para fora, a geada estava começando a derreter e, embora as nuvens tivessem parado de girar e perdido o tom roxo, o céu ainda estava ameaçadoramente escuro e trovejante. Queria sair deste lugar. Ele se sentia claustrofóbico, o fedor do próprio medo e do sangue ainda fortes em seu nariz. Fechou os olhos, lembrando-se de tudo o que lhe fora feito aqui, e como fora impotente para impedir.

Isso nunca aconteceria novamente.

Nunca ficaria impotente assim novamente.

Não seria mais o primeiro a tentar negociar. Não tentaria evitar derramamento de sangue. De agora em diante, seus inimigos seriam enfrentados e esmagados sob seus calcanhares. Nunca mais estaria à mercê de outra pessoa. Era melhor temê-lo do que tentar tirar vantagem, de agora em diante.

— Corin?

A voz de Laen estava dura agora e podia ouvir o medo por trás de suas palavras.

A suspeita.

Os primeiros tons de raiva.

Corin não queria ter essa conversa. Agora não. Nunca, verdade seja dita. Mas tinha que responder honestamente à pergunta de Laen, ele merecia isso.

— Acho que sim — disse ele, olhando pela porta. Não conseguia olhar para Laen. Não queria ver a expressão em seus olhos quando começou a suspeitar do que mais sua resposta poderia significar.

— Deuses — disse Laen, sua voz tão horrorizada quanto pasma. — Eu não fazia ideia.

— Fazia sim — Corin respondeu, olhando para ele antes de se virar novamente. Segurou o batente da porta, encostando-se nele. Deuses, estava cansado. — Sabia mais do que qualquer outra pessoa. Sempre soube.

Laen caminhou em sua direção e agarrou seu ombro, forçando-o a se virar, a olhá-lo nos olhos. — Você não faria isso, não é? — ele exigiu, aqueles olhos negros ferozes.

Corin puxou o braço com fúria e se virou para Laen. — Depois do que ele acabou de fazer comigo? — Corin gritou, com os punhos cerrados e seu poder brilhando ao seu redor. Deuses, isso foi bom. Saber que não havia ninguém que pudesse tocá-lo agora. Ninguém além de um deus, pelo menos. — Pode me perguntar isso? — Corin se enfureceu enquanto Laen dava um passo para longe dele.

— Eu sei que você quer vingança — Laen respondeu, seu tom cauteloso. — E deverá tê-la. Devemos remover Auberren do trono, mas... para conquistar outro reino...

O trovão caiu no alto, iluminando os céus pretos e roxos e lançando-os com seu brilho misterioso.

— Ele não se importou em tirar minha vida! — disse Corin, enquanto um trovão fazia tremer o chão sob seus pés. Ele se aproximou de Laen, uma mão levantada em punho. — Não tinha feito nada contra ele, *nada!* E nunca teria tomado Solastire se ele tivesse me deixado em paz.

A mandíbula de Laen estava rígida, mas assentiu brevemente. — Não posso fingir que não sentiria o mesmo, Corin, mas... realmente pensou bem? Você rejeitou a ideia de ser Rei de Alfheim desde que o conheço. Não queria a responsabilidade de um Reino, muito menos de dois! É isso mesmo que quer?

— *Sim!* — gritou, enquanto um raio rasgava o céu acima. A raiva e a humilhação pelo que os homens de Auberren lhe causaram — *por ordem do rei* — fizeram-no querer despojá-lo de tudo. Queria levar o seu Reino, seu orgulho, e tudo o que ele já possuía. Queria que pagasse o preço mais alto. Mais do que qualquer outra coisa, Corin queria olhar nos olhos do rei quando este fosse despojado de tudo o que tinha e o fê-lo queimar.

Mas queria ser Rei de Solastire?

— N-não — ele gaguejou, confuso agora. Balançou a cabeça, sem saber mais o que queria. Nunca fora aquele homem. Nunca tivera fome de poder. Governar Alfheim era seu dever, nunca seu desejo. — Eu... eu não sei.

— O que quer dizer? — Laen exigiu, sua voz furiosa contra o trovão lá fora. — Ou você quer ou não!

Corin passou a mão pelos cabelos, frustrado, enquanto as vozes começavam a sussurrar em sua mente, como se soubessem agora... sabiam que estava enfraquecendo. O desejo delas estava se tornando o dele. Não. Não! — Não quero isso! — gritou, tapando os ouvidos e desejando poder bloqueá-las. Deuses, por que não calavam e o deixavam em paz?

Laen o olhou, furioso e sem compreender. — Então por quê?... — ele começou e Corin rebateu. Ele se lançou em direção a Laen, agarrando sua

túnica e sacudindo-o.

— Porque isso me quer, caramba! — ele gritou.

Corin respirou fundo, lutando para recuperar a compostura. Soltou Laen e se forçou a olhar em seu rosto, embora não quisesse. Nunca quis ver a suspeita nos olhos de Laen, a dúvida. Mas sempre foi inevitável.

— Isso o chama? — Laen sussurrou, horrorizado.

Corin assentiu. Exausto, se virou e apoiou-se no batente da porta. Chovia muito agora, o céu estava escuro de miséria e preocupação. Realmente não queria entrar nisso agora, esperava nunca ter que revelar isso a ninguém, embora soubesse que era uma esperança tola. Claudette sabia, é claro. A maior parte, pelo menos. Mas, na verdade, dificilmente ousara admitir isso para si mesmo. Jurou lutar contra isso. Jurou que nunca tomaria o reino de outra pessoa, mas agora Auberren o forçava. O que aconteceria então? Ainda poderia lutar contra isso? O medo arrepiou suas costas.

— Desde quando? — perguntou Laen, com a voz rouca.

Corin não respondeu. Se contasse a Laen, o que aconteceria? Será que seu único amigo verdadeiro ficaria do seu lado? Ou se voltaria contra ele?

— Desde quando? — gritou Laen, e Corin fechou os olhos, sabendo exatamente onde a conversa iria levar.

— Há muito tempo — respondeu, com a voz morta. Estava muito cansado, muito... magoado, para tentar suavizar as palavras, para tentar fazê-lo entender. Não deveriam falar sobre isso agora. Não quando estava tão ferido.

Podia sentir a tensão de Laen crescendo quando começou a andar atrás dele, a magia do homem quente contra sua pele. Ele estava com raiva.

— Por que nunca me disse nada?

Corin bufou e olhou para a chuva. — Por que acha? — respondeu, as palavras monótonas.

— Bem, agora eu sei — disse Laen, com a voz cheia de raiva reprimida. — Então é melhor me contar... — Corin fechou os olhos e esperou, esperou pela acusação. — Poderia pegar os três Reinos? Poderia ficar com as minhas terras também? O Reino do meu pai?

Corin estremeceu. Queria ir para casa, mas Laen estava à beira de perder a paciência. Estava se segurando por um fio e então tudo iria para o inferno.

Sem Laen ele nunca tomaria Solastire, seus homens seriam massacrados e o que quer que aquele bastardo do Auberren estivesse fazendo com a terra continuaria inabalável. E o que aconteceria com ele? Bem, ele morreria, a menos que perdesse a cabeça primeiro, é claro. O que um louco poderia fazer com o tipo de poder que tinha na ponta dos dedos, ele se perguntava? Seu estômago embrulhou. Não achava que queria descobrir. — Nunca faria uma coisa dessas, Laen — ele respondeu. Embora não fosse verdade. Ele nunca iria querer fazer uma coisa dessas. Corin faria tudo, arriscaria qualquer coisa, para evitar esse mesmo resultado, mas no final, poderia não ter escolha.

— Não foi isso que perguntei! — gritou Laen, sua voz cortando os pensamentos de Corin como uma lâmina. — Responda a maldita pergunta.

Corin não queria responder. Não suportava ver seu amigo mais antigo e querido virar as costas para ele.

— Corin. — Laen rosnou.

— Eu realmente não sei — disse ele, em voz baixa. Isso era verdade, pelo menos. Ainda esperava poder lutar contra isso, afinal. Ele *lutaria* contra isso.

— Mas...

— Mas? — repetiu Laen, agora com um tremor na voz.

— É possível.

Corin se forçou a se virar.

Laen estava sentado na beirada de uma mesa, a mesma mesa em que os guardas se sentaram durante sua tortura, nos momentos em que Quiel desfrutava de uma audiência. Eles observaram — com os olhos semicerrados — enquanto jogavam cartas, bebiam e riam... dele. Nem sequer mereceu toda a atenção deles. De alguma forma, isso doeu, mas todos tiveram a sua vez, batendo nele até deixá-lo quase morto.

Corin fechou a porta para as memórias. Não pensaria nisso. Fechou o sentimento atrás de uma parede impenetrável. Não iria insistir em sua própria humilhação. Mas os faria pagar. O capitão Quiel pagaria mais caro... por tudo o que havia feito.

Voltou sua atenção para Laen. Sua tez geralmente pálida parecia mais branca do que nunca, seus olhos assombrados.

— Nunca me contou — disse ele, com a voz acusadora, os olhos cheios de... o quê? Suspeita? Fúria? Corin não sabia dizer. Tudo o que podia ver era onde seus próprios sentimentos tremeluziam sob a pele de Laen. *Culpa. Tristeza. Traição. Medo.*

Corin desviou o olhar. — Que bem isso teria feito?

— Deveria ter me contado.

Corin olhou para Laen, ouvindo a raiva por trás de suas palavras e seu coração doendo. Por favor, não deixe isso dar errado.

— Eu estava com medo.

Laen olhou para ele, franzindo a testa unindo suas grossas sobrancelhas loiras.

— Estava com medo de perder meu amigo mais antigo, meu irmão... — Corin disse, ouvindo o embaraço em sua voz. Respirou fundo. — Ainda estou.

Laen não disse nada por muito tempo, apenas olhou, sem ver, para suas botas grandes. Seus ombros enormes estavam rígidos de tensão, os braços cruzados.

A náusea revirou o estômago de Corin. Sem Laen não seria apenas Corin quem estaria perdido. Tinha um terrível pressentimento de que as consequências seriam muito maiores do que qualquer um poderia imaginar. Não podia permitir que Laen perdesse a fé nele. Porém, parecia que seus medos eram justificados. — Nunca o trairia — Corin sussurrou, as palavras sinceras, mas a parte da frase, *pelo menos não de boa vontade*, permaneceu não dita. — Deveria saber disso.

Laen se mexeu e olhou para ele. Corin sustentou seu olhar, desejando que Laen acreditasse nele e rezando para que não se tornasse um mentiroso. Os olhos escuros seguraram os dele, avaliando-o. Laen respirou fundo e balançou a cabeça, e Corin soube que tudo ficaria bem. Laen confiava nele.

— Bem quando penso que você não pode me surpreender de novo — disse ele, com a voz baixa. — Justamente quando penso que sei tudo sobre você... seus segredos mais obscuros. — Ele riu de repente, o som incrédulo e tão malditamente maravilhoso. — Deuses, Corin, nunca para de me dar indigestão. — Ele se levantou e deu um tapa no ombro de Corin, abrindo um sorriso torto. — Vamos, não sei você, mas preciso de uma bebida.

Um pouco do enorme peso que Corin carregou por tanto tempo foi retirado de seu coração. Carregou sozinho a culpa de seu segredo por tantos anos. Saber que não precisava mais esconder isso de Laen era simplesmente... maravilhoso. Ele fez uma promessa a si mesmo e aos deuses. Não tomaria as terras de Laen. Não faria isso. Não importando o custo.

Ele sorriu então, balançando a cabeça em resposta à pergunta de Laen, para óbvio espanto de seu amigo.

— Não quer beber? — perguntou Laen.

— Claro que quero uma maldita bebida, seu idiota — respondeu Corin, bufando. — Mas vou precisar de mais do que uma!



Dannon guiou Anaïs para longe de olhares indiscretos e de volta aos estábulos. Não tinha nenhum desejo especial de revisitar o local do breve encarceramento, mas pelo menos estava tranquilo. Os homens de Laen estavam lidando com os guardas restantes — aqueles que se renderam — e embrulhando os corpos daqueles que lutaram.

— Não deveria ter explicado para Laen? — Anaïs perguntou, puxando sua mão enquanto ele a rebocava em direção ao seu destino. — Ele estava com tanta raiva de Corin, e a culpa foi minha, não dele.

Anaïs parecia terrivelmente preocupada e culpada, mas Dannon apenas se virou e sorriu para ela, balançando a cabeça. — Estava apenas desabafando — disse ele, sabendo que era verdade. Laen estaria muito mais propenso a gritar do que perguntar se estava bem. Viu o terror nos olhos do homem quando chegara. O medo de que chegasse tarde demais era tangível, mas Laen nunca conseguia articular isso por meio de nada além de sua raiva. A preocupação por trás das palavras iradas ainda estava lá. — Tenho certeza de que já está bem ciente da situação, mas Laen não suporta que as coisas saiam de seu controle. Além disso, — ele acrescentou. — Os dois gostam de uma boa discussão. Será bom para ambos desabafarem e como não consigo ouvir o choque das espadas, não pode ser tão sério.

Anaïs olhou para ele com dúvida em seus olhos enquanto nuvens cada vez mais escuras começavam a se formar no alto, mas Dannon tinha toda a intenção de tirar sua mente de Corin e Laen no futuro próximo.

Dannon a conduziu até os estábulos, onde o cheiro doce do feno

impregnava o ar e o frio intenso do vento era um pouco menos cortante. Mal haviam passado pela porta quando a puxou contra ele, apoiando-a contra a parede do estábulo enquanto o medo das últimas horas voltava a inundá-lo. Estivera com tanto medo. Com tanto medo de que a tivesse perdido. A ideia disso quase parou seu coração de tão terrível.

Sua boca procurou a dela, necessitando da garantia de que Anaïs estava realmente aqui com ele. Ela devolveu sua fome, enroscando as mãos em seus cabelos e encontrando seus lábios exigentes com uma paixão que roubou seu fôlego. Deixando cair as mãos até os quadris dela, a puxou para mais perto, antes de baixar ainda mais e levantá-la. Seus dedos agarraram as curvas suaves enquanto ela envolvia as pernas ao redor dele e o agarrava com força.

— Espero que entenda — ele disse asperamente, sua voz urgente e séria —, que assim que tivermos acesso a uma cama, a levarei até ela e ficará lá até eu me fartar?

Anaïs ofegou quando o corpo duro e excitado dele se encostou no dela para ilustrar o que estava acontecendo.

— *Oh, oui, oui.* — Ela respirou, suas palavras eram uma vibração suave de calor e desejo contra a pele dele.

— Você pode ficar aí algum tempo — Dannon acrescentou, mordendo sua orelha e beijando seu pescoço enquanto ela engasgava e se agarrava ainda mais a ele. Abriu os olhos e olhou-a, notando ansiedade no azul. Fez uma pausa, franzindo a testa para ela.

— Por que ainda me quer? — sussurrou ela, os olhos cheios de confusão e uma expressão mais suave e calorosa que fez o peito dele se expandir de esperança. — Não causei nada além de problemas.

Dannon a beijou então, sua boca quente e faminta falando com seu coração tão descaradamente quanto seu corpo.

— Você veio atrás de mim — sussurrou, uma das mãos se enroscando nos cabelos loiros e grossos dela, emaranhados e cheios de pedaços de folhas e palha. Estava suja e desgrehada e parecia ter dormido em uma vala, e ele a considerava a mulher mais linda que já vira na vida. — Arriscou tudo... *por mim.* — Dannon se perguntou se ela conseguia ouvir a descrença em suas palavras, o espanto.

— Não poderia deixar a rainha o machucar daquele jeito — disse ela, com os olhos cheios de lágrimas. — Eu... eu sei que o que fiz foi errado, mas não aguentei. Saber como ela o estava machucando, mas se eu tivesse esperado... — disse Anaïs, com a voz embargada.

Dannon a segurou com mais força, a mão em seu cabelo puxando, forçando-a a olhar em seus olhos. — Se você tivesse esperado, não saberíamos que os homens de Auberren estavam na Floresta Dark.

— E Corin poderia não ter sido levado — ela objetou, balançando a cabeça. — Jacques poderia não ter...

Ele colocou um dedo nos lábios dela. — Jacques o teria alcançado mais cedo ou mais tarde. Não se pode fugir de um deus quando ele tem a eternidade

para alcançá-lo. Agora, pelo menos tem como pagar sua dívida. — Deu um beijo carinhoso nos lábios dela. — Não pode assumir tudo isso sozinha — ele sussurrou, olhando em seus olhos e vendo o céu de verão azul-centáurea. — Corin entende melhor do que a maioria como é possível agir precipitadamente quando as emoções estão à flor da pele. Tenho certeza de que não guarda nenhuma mágoa de você.

— Talvez — ela disse, sua linda boca curvando-se em um sorriso irônico antes de pressionar os lábios no espaço abaixo da orelha dele. — Mas Claudette vai me matar.

Mas então os lábios dele procuraram os dela novamente e todas essas preocupações desapareceram. Havia apenas suas bocas se beijando, as curvas exuberantes sob as mãos dele. Atrapalhando-se com os fechos do vestido com se fosse um adolescente, em vez do amante famoso que era, mal conseguia suportar não arrancar as roupas do corpo dela. Liberando um seio, caiu sobre ele, esbanjando atenção sobre sua pele acetinada enquanto o desejo queimava com os sons ofegantes que Anaïs fazia. Seu mamilo rosado atingiu o pico sob sua língua enquanto seus dedos exploradores expunham o outro seio, e voltou sua atenção para ele.

— É justo, é justo — ele sussurrou, olhando para ela com um sorriso antes de repetir suas ações.

Ela riu, sua voz um pouco trêmula enquanto ele continuava seus cuidados. Uma vez satisfeito que ambos haviam recebido o mesmo favor, se ajoelhou diante dela, levantando as saias e deslizando uma mão sobre a pele quente e sedosa da parte superior de sua coxa.

— Oh — ela suspirou, inclinando a cabeça para trás contra a parede do estábulo enquanto as mãos dele deslizavam mais alto, buscando o centro aquecido que mais desejava sua atenção. Acariciou o pequeno pedaço de carne que procurava, gentilmente a princípio e depois com maior urgência quando ela começou a se mover, inquieta sob seu toque. Ansioso por mais, agarrou as saias dela com uma mão e se inclinou para saboreá-la, sua língua percorrendo seu lugar mais íntimo.

Os gritos de Anaïs ficaram mais altos enquanto a língua dele a lambia e Dannon pressionava um dedo longo lentamente dentro dela. Sorrindo contra sua pele, trabalhou mais e mais rápido enquanto ela colocava a perna sobre seu ombro, permitindo-lhe melhor acesso para agradá-la. E quando um segundo dedo se juntou ao primeiro, deslizando em seu calor escorregadio, descobriu que seus gritos de êxtase eram uma recompensa generosa por todo o seu trabalho duro.

CAPÍTULO 38



Claudette estava parada na porta do celeiro há horas, observando o céu com o coração na boca e agora estava cativada.

Suas esperanças cresceram pouco a pouco à medida que o solo derretia e o céu clareava, mas então veio a tempestade. Os relâmpagos cortaram os céus como as rachaduras irregulares na porcelana antiga, os trovões tão altos e tão furiosos que foi forçada a cobrir os ouvidos. Seu coração se alegrou com o poder por trás da exibição, pois sabia que ele estava vivo. Estava vivo e inteiro ou não haveria maneira de o chão tremer sob as profundezas de sua raiva. Mas o que o deixara tão cheio de raiva? O que estava acontecendo com ele? Seu coração apertou e envolveu-se com os braços para se proteger do frio.

Finalmente sentiu seu peito liberar um pouco da tensão que o mantinha preso em um torno por muito tempo enquanto a tempestade diminuía. Os céus ainda estavam agitados e longe de estar quente, mas o gelo havia derretido e a pontada do vento gelado diminuiu e desapareceu. Os guardas mudaram de posição, dois sentinelas saíram para ficar com ela enquanto os outros entravam.

— Precisa entrar agora. Por favor, minha lady. — Claudette se virou e viu Grell ao seu lado. Parecia um homem bom. Tinha um filho adulto que trabalhava nos estábulos de Corin, estava orgulhoso dele e lhe mostrou uma pequena pintura que carregava. Uma miniatura de sua esposa e de seu filho. Cabelos e olhos escuros, seus laços familiares e sangue élfico eram óbvios. Grell implorou o dia todo para que entrasse e descansasse, mas ela se obrigou a ficar. Como se ao tirar seus olhos do céu, ele cairia na escuridão e no gelo novamente.

— A tempestade passou — ela disse, seu alívio audível enquanto sorria para Grell. — Está um pouco mais quente também, eu acho?

Ele retribuiu o sorriso e assentiu, com os olhos cheios de simpatia e compreensão. — Sim, minha lady, está. Graças aos deuses.

Levou a mão à boca para abafar um soluço que surgiu do nada. Tentou muito ser corajosa, manter seu terror e desgosto sob controle, mas agora...

Claudette respirou fundo quando o soldado ergueu a mão, claramente sem saber como deveria confortar a noiva do príncipe. Ele hesitou e depois deu-lhe um tapinha estranho no ombro.

— O Príncipe Laen já deve tê-lo encontrado, Lady Claudette, e não há outro como o Príncipe Corin. Não acredito que alguém possa tirar vantagem dele, é um homem poderoso. E será um grande rei.

Assentiu, emocionada demais para falar.

— Por favor, minha lady — disse ele, com a voz cheia de preocupação. — Ainda está frio aqui e...

Ele não conseguiu terminar a frase porque ouviu o som de uma flecha

cortando a carne e o guarda na esquina da construção desabou e caiu no chão. Claudette gritou de horror quando Grell também gritou e a empurrou com força. — Entre!

Os dois correram, outro se juntou a eles vindo do outro lado do celeiro, mas também caiu quando uma flecha o atingiu nas costas. Ela hesitou, virando-se para ajudá-lo, mas Grell agarrou seu pulso e a puxou para dentro do celeiro, enquanto três flechas atingiam a parede de madeira do lugar com uma força terrível e preenchiam o espaço onde estivera.

Grell e seu companheiro restante ficaram nas laterais da abertura, respondendo ao fogo.

— Dois deles, talvez três! — gritou o outro soldado, enquanto Claudette examinava o celeiro em busca de uma arma. Um movimento vindo de cima a fez olhar para o alto, apenas para ver um homem de uniforme verde descendo do telhado. — Olhem! - ela gritou.

Grell deixou sua posição para enfrentar o intruso e eles caíram no chão em uma luta feroz. Claudette viu o brilho horrível de uma lâmina e procurou por algo no celeiro, *qualquer coisa*. Seus olhos pousaram sobre um forcado

e o pegou. Sem se dar tempo para pensar no que estava fazendo, empurrou-o para baixo com toda a força. Grell olhou para cima, com os olhos arregalados enquanto seu atacante se engasgava e parava.

Claudette largou o forcado, chocada com o que havia feito, e a náusea revirou seu estômago enquanto ele balançava um pouco.

Grell empurrou o homem de cima dele e deu-lhe um sorriso sombrio enquanto se levantava. — Muito bem, minha lady, pensei que estava... — E então ofegou quando um braço forte apertou sua garganta e uma lâmina brilhou, pressionando contra a pele macia abaixo de sua orelha.

O homem atrás dele forçou-o um pouco para a frente, para a pouca luz lançada pelo fogo que havia sido aceso para se aquecer. — Boa noite, minha lady... Claudette, não é?

O homem sorriu para ela, mas estava longe de ser uma expressão agradável. Seus olhos eram de um azul gelado, ardendo com o desejo frio da maldade. Os cachos loiros que caíam ao redor de seu rosto pareciam completamente deslocados, estranhos contra o brilho malévolo de seus olhos.

— Quem é você? — ela exigiu, puxando o forcado das costas do morto com todas as forças, mesmo que isso lhe desse vontade de vomitar. — O que quer? — Levantou o forcado na sua frente, mas o homem apenas sorriu novamente, mais largo e mais maníaco.

— Vamos, minha lady, não há necessidade disso — ele disse, sua voz aparentemente calma. — Não quero lhe fazer nenhum mal.

— Não confie nele... — Grell rosou, antes que o braço em seu pescoço se apertasse, cortando seu ar.

— Deixe-o ir! — ela gritou, segurando o forcado, os nós dos dedos brancos. — E se não quer me fazer mal, por que matou meus guardas?

Ele deu de ombros, olhando para o homem sob sua lâmina com um sorriso

de escárnio. — Uma necessidade infeliz, mas se for... *complacente*, não precisa ter medo. — Deu um sorriso maldoso e Claudette agarrou o forçado com mais força ainda. — Leve-o embora e lide com ele — disse por cima do ombro. Para horror de Claudette, outro soldado entrou no celeiro. Quantos deles estavam lá?

— Sim, capitão — disse o homem, arrastando Grell para fora.

— *Non! Non!* — Claudette gritou, sabendo que era improvável que visse o homem vivo novamente. — Deixe-o ir!

— Espere — gritou o capitão e o soldado parou, Grell lutando para se segurar.

— Não, minha lady, *não!*

O terror a dominou, seu sangue correndo rápido em suas veias, fazendo-a sentir-se febril, com todos os sentidos em alerta. Mas seu captor apenas passeava pelo celeiro, com os olhos frios cheios de diversão.

— Dê-me sua arma e nenhum mal lhe acontecerá. Você tem minha palavra.

Grell emitiu um som, mas o guarda o silenciou, cobrindo sua boca. Ela podia ver o terror em seus olhos. Percebia a exigência dele para que não cedesse.

Claudette olhou para ele, aquele homem que amava a esposa e o filho. Um homem pelo qual ficaria de luto se algum mal lhe acontecesse.

Claudette deixou cair o forçado. Não podia ter o sangue deste bom homem nas mãos, simplesmente não podia.

— Que boa menina — disse o capitão com aprovação antes de se voltar para seu homem. — Mate-o.

— *Connard!* — gritou, agarrando o forçado, mas o capitão o pegou e o jogou para longe dela. Claudette saiu correndo enquanto Grell era arrastado para fora do celeiro, lutando a cada passo.

Ele riu, um som desagradável e cruel que fez o medo agarrar sua garganta, seu coração trovejando contra suas costelas quando a criatura deu um passo mais perto.

— Suponho que um mero capitão como eu deva parecer a escória da humanidade após as atenções de um príncipe. — Fez uma pausa, encostando-se na parede do celeiro e parecendo totalmente à vontade. Olhou para a adaga em suas mãos, virando-a para um lado e para outro enquanto admirava a forma como a luz do fogo tremeluzia na lâmina. — Conheci muito bem seu amado, Claudette — disse ele, com a voz baixa e íntima. — Infelizmente não vai encontrá-lo tão bonito como antes. — Os olhos dele se moveram da lâmina para o rosto dela e aquele olhar fez seu coração parar. — Ainda vai querê-lo? — ele perguntou, um sorriso brilhando em sua boca cruel. — Se não for mais tão bonito?

A dor e o terror disputavam sua atenção, mas foi a raiva que a inundou. — O que você fez? O que fez com ele?

O capitão apontou para suas roupas com uma careta. — Receio ter que substituir este uniforme — disse ele, enojado, dando a Claudette a

oportunidade de notar as manchas escuras no verde. — Ele sangrou muito. — Ergueu os olhos de novo, claramente encantado com o horror nos olhos dela. — Mesmo assim — acrescentou, seu sorriso se alargando para algo puramente maligno enquanto se afastava da parede e se movia —, eu o puni por isso.

Claudette olhou para as manchas de sangue na jaqueta e nas calças dele e sentiu frio. Corin estava vivo, lembrou a si mesma. Estava louco de raiva, mas vivo e havia se recuperado. A certeza encheu seu coração e o olhou desafiadora. — Você vai pagar pelo que fez — disse Claudette, tremendo de fúria e medo quando o agressor começou a se aproximar. — Ele está vivo e virá atrás de você.

Ele deu de ombros e franziu os lábios. — Talvez, mas tem que me encontrar primeiro e por enquanto está sozinha, e acredito que é hora de nos conhecermos. — Ela se afastou, circulando o celeiro, de costas para a parede enquanto ele se aproximava. — Prometi ao seu príncipe que iria encontrá-la, sabe. Disse a ele todas as coisas que faria com você quando a tivesse — acrescentou ele, a excitação depravada em seus olhos alertando-a de que não escaparia com vida, não importando o que ele promettesse por sua obediência. — Eu odiaria decepcioná-la — ele respondeu.

Claudette sentiu a respiração acelerada enquanto o terror ameaçava roubar sua capacidade de pensar enquanto o capitão se aproximava. Não. Corin viria. Laen o encontrara e o traria aqui. Ela se lançou para o lado, mas ele a agarrou pelo pulso e varreu seus pés, fazendo-a cair no chão. Ele a seguiu, seu peso era demasiado para conseguir se livrar dele. Agarrou seus pulsos, tentando segurar seus braços com uma única mão enquanto ela lutava com dentes e unhas, se debatendo e gritando enquanto ele tentava separar suas pernas. Agradeceu a Deus pelas calças enquanto ele praguejava e lutava com os fechos, tentando rasgar o material.

Claudette podia sentir o cheiro dele sobre ela, suor, sujeira e sangue — o sangue de Corin. O pensamento afastou seu medo enquanto a fúria cega a consumia. Ele se moveu um pouco para puxar as calças para baixo e ela aproveitou a chance, levantando o joelho o mais forte que pôde. O capitão gemeu e retribuiu com um tapa forte, mas para isso soltou as mãos dela. Claudette estendeu a mão, agarrando a adaga que ele havia devolvido à bainha em seus quadris. Com um grito de raiva, mergulhou-a no ombro dele.

O capitão gritou em agonia, recuando e tentando agarrar a arma ensanguentada enquanto Claudette se levantava e saía correndo do celeiro. Ela o ouviu xingando e se levantando, já em perseguição, mas não ousou parar, nem olhar para trás enquanto fugia para o campo aberto. Seu coração estava acelerado, o sangue bombeando pela corrida desesperada enquanto a grama chicoteava suas pernas, sentindo-se como um coelho na mira de um caçador. Não parou até que um grito aterrorizado soou atrás dela, cortando a atmosfera como uma lâmina.

Tropeçou e caiu, virando-se de joelhos na direção do som horrível. A visão

que encheu seus olhos fez sua respiração ficar presa na garganta, seu coração como se estivesse explodindo em seu peito.

Laen e seus homens... e Corin!

Ela se levantou e correu, gritando o nome dele, precisando abraçá-lo, tocá-lo, ter certeza de que realmente estava ali na sua frente e não apenas uma linda miragem.

Claudette viu o momento em que os olhos de Corin pousaram sobre ela. Ele gritou o nome dela, saltando do cavalo e abrindo os braços quando ela caiu neles.

— *Ma belle! Ma belle...* — Ele a segurou longe dele por um momento, suas mãos se movendo sobre ela, verificando se havia algum ferimento. — Ele a machucou, você está bem?

Claudette não conseguiu fazer nada além de assentir e chorar, sem saber a que pergunta estava respondendo enquanto Corin a abraçava mais uma vez. Ela se afastou dele, com pânico nos olhos. — O que ele fez para você? Está machucado? — Chorou e se agarrou a Corin, cobrindo seu rosto de beijos e passando as mãos sobre ele, verificando se estava inteiro e ileso assim como ele havia feito.

— *Ma belle* — a voz de Corin estava desesperada e preocupada enquanto ela o olhava. — Estou perfeitamente bem, agora me responda, *por favor!*

Ela balançou a cabeça e Corin a abraçou com tanta força que mal conseguia respirar, mas não se importou. — Ele disse... ele disse... — Claudette chorou, as palavras incoerentes enquanto Corin segurava o rosto dela nas mãos.

— Olhe para mim.

Lutou para conter as lágrimas e olhou-o nos olhos. Corin observou o hematoma em sua bochecha e o corte em seu lábio e seus olhos arderam de fúria, enquanto o céu escurecia e relâmpagos estalavam na escuridão.

— Estou bem — falou ela, mas percebeu que estava tremendo muito e não tinha certeza se estava falando a verdade. — Estou bem. Oh, Corin, *mon Dieu*, estava com tanto medo. Medo de não ver você novamente.

Corin embalou sua cabeça contra seu ombro, acariciando seus cabelos, seus braços ao redor dela apertados e fortes. — Eu também, *ma belle* — ele sussurrou. — Com muito medo.

Claudette olhou para cima e agarrou seu pescoço, puxando sua cabeça para beijá-lo. Corin tomou sua boca com fome até que ela gritou e colocou a mão no lábio para encontrar sangue. Viu a mandíbula dele se apertar quando abaixou a cabeça para dar um beijo suave no canto de sua boca. Sua magia acariciou sua pele, quente e calmante enquanto Corin curava seus ferimentos. — Ele vai pagar por isso, *ma belle*, como vai pagar por tantas outras coisas.

Claudette sentiu o coração disparar ao ver o olhar dele. Havia a promessa de uma terrível retribuição fervendo no ouro, mas então viu algo que fez a fúria correr em suas veias. Saiu do círculo de seus braços, sabendo apenas que havia uma pessoa responsável por essa terrível cadeia de eventos, e por causa dela Corin quase morrera, e ela... ela quase foi...

Atravessou o campo e caminhou até Anaïs empurrando-a com toda a força.

Anaïs se engasgou alarmada e caiu no chão, os olhos arregalados ante a raiva com que Claudette a agrediu.

— *Salope!* — gritou para Anaïs, que se levantou com dificuldade, mas Claudette atacou-a de novo, dando um tapa forte em seu rosto. — Isto é tudo culpa sua!

— Claudette! — Corin agarrou-a pelos braços enquanto lutava furiosamente para soltar-se.

— A culpa é dela! — Claudette disse, enfurecida. — Você quase morreu e é *tudo* culpa dela... Vou matá-la!

— Sinto muito, Claudette, sinto muito — Anaïs soluçou, os olhos azuis cheios de culpa. — Verdade... você não tem ideia do quanto! — ela disse, enquanto Dannon a arrastava para seus braços.

— Eu a odeio! — Claudette gritou, sabendo que era infantil, mas suas emoções estavam descontroladas, o choque das últimas horas muito cru. Tinha visto homens morrerem tentando protegê-la, ela mesma matara um homem... e Corin... — Fique longe de nós — ela berrou. — Claudette! — Corin a virou para encará-lo, segurando o rosto dela com suas grandes mãos. — Claudette, me escute! — disse novamente, forçando-a a se acalmar e acatar suas palavras. — Quando a rainha ameaçou me tirar de você, me prender... o que quis fazer? O que teria feito se ela tivesse cumprido a ameaça? Diga-me o que teria feito, a que teria recorrido... se ela tivesse me levado embora de vez?

Claudette parou, tremendo em seus braços ao perceber o que Corin estava dizendo. — Eu a teria matado — ela sussurrou, olhando-o nos olhos.

Corin sorriu para ela, afastando o cabelo de seu rosto. — A rainha tirou Dannon de Anaïs, *ma belle*. Ela o levou embora.

Claudette olhou-o ainda furiosa. Não queria ser compreensiva, nem sentir simpatia pela mulher que havia sido a catalisadora de todos esses acontecimentos terríveis. Mas então seus ombros cederam e assentiu, soluçando baixinho enquanto Corin a segurava. — Por favor, podemos ir para casa agora? — ela disse, a voz abafada pela jaqueta dele. Era pequena demais para ele, Claudette notou, percebeu que a roupa não era de Corin, a qualidade estava longe do tipo de coisa que normalmente usaria. Parecia uma das túnicas pretas das fileiras mais baixas dos soldados do exército de Laen.

— O que aconteceu com suas roupas? — ela perguntou, passando a mão sobre o peito dele e olhando-o. Corin evitou os olhos dela e levou sua mão à boca, beijando sua palma.

— Logo iremos para casa, querida — disse ele, com a voz suave, dando um sorriso que de alguma forma não alcançava seus olhos. — Mas primeiro há algo que preciso resolver. — Beijou sua testa antes de soltá-la. — Laen — ele chamou, e fez uma pausa até que o grandalhão se aproximasse para se juntar a eles. — Por favor, leve Claudette embora, enquanto eu cuido do capitão.

— Não — ela disse, ao perceber que Corin pretendia lidar com o bastardo

que o machucou, e que tentara violentá-la. — Quero ficar.

Mas Corin balançou a cabeça e ela pôde ver em seus olhos que não toleraria discussões.

— Não, *ma belle*, não gostaria que visse isso.

— Venha comigo, Claudette. — Laen sorriu para ela e a conduziu de volta ao celeiro. Ao passar, viu o capitão e seus homens parados no meio do campo aberto. Seus braços e pernas estavam amarrados e teve que olhar fixamente para entender o que estava vendo. Parecia que grandes raízes de árvores haviam surgido do chão e se enrolado em seus braços e pernas, prendendo-os e mantendo-os no lugar.

Tremendo, virou o rosto e seguiu Laen até o celeiro.

— Havia um soldado, um homem chamado Grell — disse ela, torcendo contra todas as esperanças de que talvez tivesse sobrevivido. — Você...

O rosto de Laen estava sério e solidário enquanto balançava a cabeça. — Não encontramos nenhum dos homens vivo, Claudette. Desculpe.

Claudette abraçou-se e assentiu. Estava muito entorpecida, muito chocada para sentir todo o horror do que isso significava. Sabia que isso aconteceria, e sofreria por todos os homens que fizeram tudo o que podiam para protegê-la. Estava com frio, ela percebeu e tentou sorrir com gratidão para Laen, enquanto ele colocava um cobertor em volta de seus ombros, mas seu rosto também parecia congelado. Não podia fazer nada além de ficar de pé e tremer. Corin a avisou de que a guerra poderia estar chegando, mas nunca entendera realmente o que isso poderia significar, na verdade. Não o que significava ver homens morrerem diante dos seus olhos, saber seus nomes e saber de suas esposas e filhos, em vez de ouvir sobre o desaparecimento de homens sem rosto e números abstratos no noticiário da televisão à noite.

Agora, embora fosse diferente, estava *aqui*... e era terrivelmente real.



Corin tirou a jaqueta. Estava muito apertada em seus ombros e o irritava profundamente.

— Que pena — disse Laen, voltando-se para ele e sorrindo. — Combinava bastante com você.

Corin bufou, consciente de que seria divertido para Laen vê-lo vestido como um soldado humilde de seu exército.

— Aqui então — disse ele, jogando-a em Laen. — Cuida dela enquanto vou resolver algumas pontas soltas.

Laen abriu a boca como se fosse dizer algo, mas Corin se virou. Não havia nada que quisesse ouvir, nada com que pudesse lidar até que as contas fossem acertadas.

Atravessou o campo em direção aos homens capturados, sem tirar os olhos dos do capitão Quiel.

Por um momento apenas estudou o homem, observando-o suar, embora pensasse que mesmo agora não entendia realmente o que estava enfrentando. Quiel estava prestes a descobrir.

Corin se aproximou um pouco mais, olhando para aqueles frios olhos azuis com os quais se familiarizara tanto.

— Acredito que você e eu temos alguns assuntos pendentes — disse ele, com a voz suave.

Quiel grunhiu, embora Corin pudesse ver o medo crescendo em seus olhos agora. Estava respirando rápido e quando Corin se aproximou, puxou suas amarras. — Parece que me lembro — continuou Corin, com um tom de voz coloquial. — Que solicitou algum tipo de *demonstração...* das minhas habilidades. — Sorriu para o capitão e estendeu os pulsos. — É muito mais fácil sem aquelas algemas desagradáveis — acrescentou.

O capitão engoliu em seco, mas não disse nada.

— Agora então deixe-me ver... — Corin ficou pensando, um dedo pressionado sobre os lábios enquanto o chão sob os pés do capitão começava a tremer. — Talvez eu devesse deixar o chão engolir você. Deixar que isso o leve até que esteja enterrado no núcleo derretido da própria terra? Isso seria suficiente, eu me pergunto? — Corin moveu a mão, só uma fração, e o chão abriu ao lado do Capitão, caindo, derrubando os quatro homens que ajudaram a vencê-lo com um tombo e o deslizamento de terra. Seus gritos foram breves, mas penetrantes, enquanto mergulhavam na escuridão insondável. As raízes que seguravam o capitão mudaram e se alongaram, até que ele ficou suspenso sobre a enorme cratera, com milhares de metros de profundidade. Quiel gritou, os olhos selvagens de medo e Corin acenou com a mão e de repente o buraco desapareceu, selando-se. — Não, não — respondeu Corin, recolocando o capitão na posição vertical. — Você está certo, é claro, foi completamente desprovido de imaginação e um tanto rápido demais... não concorda? Talvez isso então...

A iluminação dividiu o ar e atingiu a poucos centímetros do capitão e Corin assistiu, impassível, enquanto ele gritava, a eletricidade dançando no chão ao seu redor. Estremeceu e dançou também enquanto os choques lambiam seus pés e depois cedeu contra suas amarras, atordoado enquanto diminuía.

— Não, não — disse Corin novamente, balançando a cabeça. — Certamente muito rápido. Você merece muito mais. Merece algo... especial. Acho que talvez precise gastar um pouco mais de tempo com isso — disse ele a Quiel, que parecia totalmente horrorizado com o som da voz de Corin, suas palavras tão suaves e agradáveis em contraste com a intenção, que era obviamente violenta ao extremo.

— Corin?

Ele se virou e viu Laen observando-o, os olhos cheios de preocupação.

— Corin, não faça isso. Mate-o, sem dúvida alguma, mas...

— Fique fora disso! — gritou Corin, o céu cegando a todos enquanto a luz riscava o horizonte. — Você não sabe — ele disse, engasgando-se com as palavras, os punhos cerrados com força. — *Você não sabe!* — Parou e respirou fundo, recompondo-se mais uma vez. Olhando para Laen e desejando que ele entendesse.

Laen assentiu e deu um passo para trás e Corin viu Dannon apressando Anais para longe, fora de vista.

Corin voltou sua atenção para o capitão que agora tremia.

— Profecia é uma coisa perigosa, sabia? — disse Corin, caminhando de volta em direção a ele. — Se o rei nunca tivesse ouvido falar dos meus poderes, se não tivesse tomado essa atitude contra mim, não lhe teria dado motivo para preocupação. Tenho poder suficiente para tomar o seu Reino, mas teria feito qualquer coisa para evitar tal coisa, até agora. Nunca tive qualquer interesse em seu povo ou em suas terras. — Fez uma pausa, olhando para olhos que não eram mais de um azul gelado, mas desesperados e com medo. — Mas agora... agora fará bem em me temer, porque *irei* atrás dele, e quando eu fizer isso vou pegar tudo o que ele tem e cuspir na sua cara. Você entende?

O capitão olhou para Corin, aterrorizado demais para falar.

Por um breve momento, Corin brincou com a ideia de uma execução limpa. O homem tinha que morrer pelo que fez. Se não o fizesse, enviaria um sinal de que estava fraco, de que Alfheim não reagiria. Mas estava cansado de ser o único a jogar limpo. Cansado e com muita raiva por ter sido forçado e manobrado para fazer o que os outros queriam dele. Bem, droga, se tivesse que levar Alfheim e Solastire, que assim fosse. Mas tinha um sinal próprio para enviar, e com isso divulgaria abertamente a verdade sobre essas profecias, e era melhor que todos pensassem duas vezes antes de ficar em seu caminho.

Corin se voltou para Quiel, com sua decisão tomada.

— Agora suponho que deva acabar com você, antes que seja considerado muito cruel — disse ele, olhando para Quiel e sentindo menos satisfação do que poderia ter imaginado por tê-lo à sua mercê. — Isso é irônico, não é, capitão, depois de tudo o que se passou entre nós?

Estendeu a mão e ergueu-a para mostrar a Quiel. Na palma ele segurava uma pequena bolota verde. Corin a pegou entre o indicador e o polegar e olhou para ele, sorrindo. — Sempre pensei que um dos maiores feitos da magia, como um carvalho antigo e poderoso, viesse de algo tão pequeno. — Ele se virou para olhar para Quiel, com o olhar duro. — Abra a boca, capitão.

— Não! — gritou Quiel, lutando e se debatendo como uma criatura selvagem presa em uma armadilha, enquanto Corin simplesmente colocava mais amarras em volta dele. As raízes grossas e rijas enrolavam-se em torno de seu peito e pescoço, mantendo-o imóvel enquanto sua respiração se tornava rápida e difícil, suas narinas dilatadas, os olhos arregalados de terror. Corin tapou seu nariz e enfiou a bolota em sua boca. — Engula e talvez eu faça isso rápido — ele sibilou em seu ouvido.

O capitão lutou e se engasgou, mas no final não pôde fazer mais nada.

Corin se afastou, colocando alguma distância entre eles antes de estender os braços. Manteve os olhos fixos no homem que passou horas torturando-o para seu próprio prazer e diversão, e que então assistiu e riu enquanto Corin gritava de dor nas mãos de seus homens.

— Adeus, capitão.

Por um momento não havia nada para ver, embora Quiel se agitasse e gritasse, com os olhos esbugalhados. Depois, raízes cravaram-se através das suas botas de couro, procurando cegamente o solo e enterrando-se profundamente nele, enquanto os gritos do capitão rasgavam o ar. Com outro movimento da mão de Corin, as raízes começaram a crescer em um ritmo alarmante, e o corpo do capitão começou a se distorcer, seu estômago se projetando e se movendo em formas estranhas e anamórficas. De repente, os gritos pararam quando galhos se abriram em sua boca e houve uma explosão quando um enorme carvalho passou por ele, espalhando sangue e partes do corpo em todas as direções.

Corin ficou ali parado, olhando para a árvore, respirando com dificuldade. Seus punhos estavam cerrados, seus ombros tão tensos que se perguntou se algum dia seria capaz de se mover novamente. Pensou que talvez estivesse tremendo, mas se sentia muito desconectado para ter certeza. As vozes abafadas dos homens falavam atrás dele, mas não conseguia entender as palavras, só conseguia senti-las unidas em choque e horror. Não ficou surpreso por ninguém ter falado com ele. O que diriam? Até que sentiu Laen parado ao seu lado, e uma mão pesada em seu ombro.

— Acho que talvez seja hora de ir para casa — disse ele, com a voz baixa, a mão apertando um pouco.

Corin não falou por um momento, mas finalmente assentiu. — Sim — ele disse, sua voz soando um pouco estranha aos seus próprios ouvidos, de repente. Depois do que fez. — Sim, penso que sim. — Ele se virou e viu Bram ao lado de Laen, com o rosto pálido e olhando para a árvore com indisfarçável horror.

— Você me daria licença por um minuto? — Bram perguntou, sua voz educada enquanto engolia um tanto convulsivamente. — Acho que gostaria de vomitar.

Corin assentiu. — Fique à vontade.

Corin olhou para o carvalho imponente e se perguntou o que sentia, se é que sentia alguma coisa. Quiel ainda tinha feito aquelas coisas com ele. Viveria com as lembranças delas agora, com aquela risada cruel ecoando em seus ouvidos.

A mão de Laen se moveu, agarrando sua nuca, sua mão áspera quente e pesada e seu aperto forte, forçando-o a tomar nota de suas palavras quando Corin se virou para ele. — A vingança não muda o passado, Corin — disse ele, com os olhos graves e cheios de preocupação. — Isso só pode mudar você.

Corin desviou o olhar para o chão, para o sangue que cobria a grama a seus pés, brilhando úmido, escuro e vil enquanto os raios cortavam o céu. Ergueu as mãos e descobriu que elas também estavam cobertas de sangue e tremiam, exatamente como temia.

CAPÍTULO 39



Laen se inclinou sobre a mesa improvisada, seu cabelo loiro caindo para a frente enquanto olhava para uma das dezenas de mapas espalhados pelo celeiro. Tochas iluminavam o amplo espaço, as chamas tremulando e lançando formas saltitantes nas paredes. Olhou para cima e viu o rosto de Corin, sombrio e severo sob a luz bruxuleante, a forte estrutura óssea de suas feições transformada em algo mais duro e feroz do que Laen estava acostumado.

— Nossas forças combinadas têm o exército contido dentro da Floresta Dark, devem nos enfrentar ou recuar, não têm outras opções. Quanto mais demoram, mais continuam a suportar quaisquer ameaças que já tenham enfrentado ali. Entre seus homens, os meus e... — Laen respirou fundo e reprimiu uma careta ao saber exatamente o que o enfrentaria quando o Rei Braed o alcançasse. — E os homens de meu pai, e tendo em conta as perdas que já devem ter sofrido, devemos estar empatados. Temos homens estacionados nesses pontos também — disse ele, indicando vários locais no mapa. — Mais importante ainda, aqui na fronteira entre a Floresta Dark e o reino de Auberren. Se recuarem, chegarão lá em breve.

Ele se endireitou e se virou para Corin, que estava franzindo a testa para o mapa. Mal tinha falado desde o horror da execução de Quiel e Laen não tinha ideia do que se passava em sua cabeça.

— O que quer fazer? — ele perguntou, observando Corin enquanto considerava suas opções. Dizer que as ações de Corin o chocaram seria um eufemismo.

Anaïs contou a ele o estado em que Corin se encontrava quando o descobriu, assim Laen não pôde deixar de pensar que Quiel se saiu bem. Se Laen soubesse o quanto Corin havia sido ferido na noite passada, ele próprio teria algumas sugestões. Mas era ele, Corin não era assim. Corin era justo e bondoso e a pessoa mais misericordiosa que Laen já conhecera. Pelo menos sempre fora.

Antes da noite passada, saberia que a resposta de Corin seria deixar os homens recuarem e negociar com o rei para evitar derramamento de sangue desnecessário. Hoje, porém...

— Corte-os.

Laen olhou para ele, encontrando seu olhar e vendo aquela sombra escura mudar no ouro.

— Tem certeza? — ele perguntou com a voz suave.

Corin se afastou dele, atravessando as portas abertas. — Perfeitamente — disse ele, a palavra fria e implacável.

Laen assentiu. Não discordaria em nenhum caso. Auberren trouxe essa luta até a porta de Corin e era apenas uma questão de tempo até que o povo de Mechstrana fosse arrastado para ela. Melhor agir agora com uma

demonstração de força unida.

— Então vá para casa — disse Laen, enrolando o mapa. — Posso lidar com isso.

Corin se virou, com o rosto furioso. — Não seja idiota. Devo ver isso até o fim. Não terei sangue em minhas mãos enquanto estiver seguro em casa e, além disso — disse ele, com um sorriso sombrio. — Jacques aguarda seu sacrifício.

Laen sentiu um arrepio de mau pressentimento. Sempre teve uma desconfiança saudável dos deuses. Se tivesse sorte, faria uma oração estranha no momento apropriado e eles o ignorariam. Intrometer-se em seus assuntos era uma loucura. Negociar com ele foi... Laen reprimiu um estremecimento.

— Corin — ele começou, com a voz cuidadosa —, não sei o que passou nas mãos do capitão e de seus homens, mas...

— Não, você não precisa — Corin respondeu, interrompendo-o, cada palavra fria e cortante e mal escondendo a raiva por trás delas.

Laen ficou em silêncio, sem saber o que dizer em seguida, mas necessitando falar ainda assim.

— Você sempre me aconselhou a evitar conflitos — ele recomeçou, mantendo suas palavras calmas e tranquilas e esperando que Corin pelo menos ouvisse. — Este pode muito bem ser o caminho que eu seguiria no seu lugar, mas você e eu raramente concordamos sobre esses assuntos. Libertar um deus é... — Laen passou a mão pelos cabelos e respirou fundo. — Não gostaria que vivesse para se arrepender de sua decisão.

Corin continuou a olhar para fora e Laen desejou que ele se afastasse da vista. Foi muito perturbador. — Laen, se deseja pegar seus homens e ir embora, eu entenderei.

— Não seja idiota! — Laen explodiu. — Como se fosse isso que eu quisesse! — ele recuou, magoado por tal ideia ser sequer contemplada. — Sabe tão bem quanto eu que, a menos que combinemos forças, Auberren tomará a cidade, seja ele um deus vingativo ou não. Você não tem nem perto dos números suficientes para enfrentá-lo sozinho. Se realmente deseja tomar Solastire como sua, terá que chegar à capital para fazer isso, e não fará isso sem mim.

— Seu pai ordenará que seus homens voltem para casa — disse Corin, e havia um tom em sua voz que Laen não pôde ignorar.

— Ambos sabemos que o exército me segue, não a meu pai. Farão o que eu mandar. — Laen balançou a cabeça e agarrou o braço de Corin, afastando-o da visão que parecia prender sua atenção. — Pelo amor dos deuses, saia daí. A visão daquela maldita árvore revira meu estômago.

Corin bufou, olhando-o. — Nunca foi melindroso antes — disse ele, com um tom levemente zombeteiro em sua voz.

— Não — respondeu Laen, franzindo a testa. — As coisas estão mudando por todos os lados, ao que parece.



Por insistência de Laen, Corin deu as costas à árvore e às decorações ensanguentadas que ela usava, como macabras decorações de Natal. Ele o seguiu de volta aos cavalos, mas de alguma forma a imagem da árvore permanecera em sua mente, em toda a sua glória horrível.

Corin viu Claudette esperando por ele, dando-lhes tempo para conversar. Olhava para eles de vez em quando, com o rosto pálido e tenso. Seus braços estavam cruzados em torno de si e ela tremia. Corin se perguntou o que ela pensava dele agora. Achava que havia se comprometido com um monstro? Afinal, ele a avisara. Disse a ela que era isso que temia, que o monstro que sabia que se escondia dentro dele iria dominá-lo, pouco a pouco. Até que não sobrasse nada dele.

Corin considerou ir para casa. Se a levasse de volta para casa e deixasse os homens de Auberren recuarem sem impedimentos, poderia fingir que isso nunca tinha acontecido. Havia um desejo dentro dele de fazer exatamente isso, mas agora sabia, que não conseguiria.

Corin ignorou o chamado da terra por muito tempo, por muitos anos. Não seria bom ignorá-lo por mais tempo. A terra dava poder a quem queria, mas puniria na mesma medida. Corin enfrentou retribuição suficiente por seus anos de negação. Agora deveria reivindicar as terras de Auberren, quer quisesse ou não.

Rezou para que, quando chegasse a hora, fosse forte o suficiente para manter afastado o monstro que havia mostrado seu rosto a Quiel. Pois quando reivindicasse Solastire, esses poderes o alimentariam, e a escuridão dentro dele, que ansiava por mais, só se tornaria mais difícil de recusar.

Os cavalos o cumprimentaram, avançando em sua direção e batendo a cabeça em suas mãos com cutucadas suaves, em busca de atenção.

— Seu pai vai puni-lo por isso — disse Corin, sentindo a culpa revirar seu estômago pelo que estava forçando Laen a fazer.

Laen encolheu os ombros e bufou divertido. — O que mais ele pode fazer comigo?

— Deserdar você — respondeu Corin, com a voz suave.

Laen deu uma risada amarga e balançou a cabeça. — Ele poderia, mas isso não importaria. Nenhum dos meus meios-irmãos tem o poder de ser rei, você sabe disso. A única coisa que meu pai me deu foi o poder de fazer os homens me seguirem na batalha. Controlo o exército dele, poderia ordenar que marchassem de um maldito penhasco e fariam isso. Meu pai sabe disso e que não há mais ninguém para substituí-lo além de mim. Quando chegar a hora, pegarei o que é meu, seja dado voluntariamente ou não. — Fez uma pausa e se virou para Corin, seus olhos escuros intensos. — Sei que você me apoiaria se fosse necessário.

Corin sorriu e estendeu a mão. Laen agarrou-a e sorriu de volta. — Claro, Laen — disse ele, esperando que a visão que sempre tiveram em mente pudesse ser o futuro. Laen e ele como reis de suas próprias terras, forjando amizades e lutando para afastar as suspeitas e intolerâncias que o pai de Laen,

o rei Braed, apoiava com tanta energia.

Corin olhou para ver que Claudette, cansada de esperar se aproximava deles. Respirou fundo e tentou sorrir para ela, tranquilizá-la, mas descobriu que não conseguia.

— Muito bem então — respondeu Laen, colocando a sela em sua montaria.

— Então vamos à Floresta Dark?

— Sim — respondeu Corin, sem tirar os olhos de Claudette enquanto se aproximava.

Laen assentiu, estendendo a mão para a cilha enquanto seu enorme cavalo se mexia e se virava para lhe dar uma mordiscada brincalhona. — Darei as ordens — disse ele, coçando atrás das orelhas do grande animal antes de afastar sua cabeça. — A propósito, Ravendell foi chamado de volta por sua mãe. Ela quer ver você, no entanto.

Corin fez uma careta. — Mal posso esperar — murmurou, enquanto Laen saía para instruir seus homens.

Claudette colocou a mão na dele, observando Laen se afastar. — O que ele quis dizer com você ir à Floresta Dark? Disse que poderíamos ir para casa.

Corin beijou-lhe a testa antes de apoiar a sua contra a dela, puxando-a para seus braços com um suspiro. — *Você* vai para casa — disse ele, colocando uma mão no rosto de Claudette e acariciando sua pele com o polegar. Havia uma dor em seu peito que parecia poder devorá-lo. Ele a amava profundamente e queria dar-lhe tudo. Queria fazê-la feliz e mantê-la segura e nunca sair do seu lado. E a trouxe para sua terra bem a tempo de vê-lo liderar seu povo em uma guerra sangrenta. — Não tem ideia do quanto quero ir com você, *ma belle*, mas os homens de Auberren esperam na Floresta Dark e isso não é algo que eu possa ignorar. — Fechou os olhos brevemente e lhe deu um beijo nos lábios, vendo o medo em seus olhos enquanto se afastava olhando para ela. — Auberren veio aqui com a intenção de matar a mim e a minha família, e colocar outro no meu lugar. Graças aos deuses que Dannon é mais amigo do que jamais imaginei. — Parou e sorriu para ela, voltando e acariciando seus cabelos e sentindo as mechas sedosas caírem por entre seus dedos. — Você estava certa sobre ele — disse com um sorriso torto de desculpas. — Mas não tenho escolha agora. Auberren deve pagar pelo que fez. Deve ser punido e eu tenho que fazê-lo.

Claudette se agarrou a ele e Corin a abraçou com força, sentindo-a tremer contra seu corpo e desejando nunca mais ter que deixá-la sozinha.

— Não aguento, Corin — soluçou ela, com as mãos cerradas em sua camisa. — Acabei de ter você de volta. Não vou perdê-lo de novo. — Olhou para ele, seus lindos olhos turquesa perturbados.

— Ainda me subestima, *ma belle*? — Corin brincou com ela, com um sorriso gentil. — Fiquei enfraquecido pelo meu encontro anterior com Jacques. Graças à Anaïs estou bastante recuperado. Não serei prejudicado, prometo.

Claudette olhou-o e colocou a mão em seu rosto e Corin descobriu aquela

sensação inquietante que sempre tinha sobre ela, de que podia ver dentro de sua alma, em todos os cantos mais escuros. — Talvez consiga enganar todo mundo — Claudette disse, sua voz quase um sussurro, embora as palavras fossem fortes e seguras. — Mas não pode mentir para mim, eu o conheço muito bem — falou ela. Enrolou os dedos em seu cabelo e puxou um pouco. — Talvez sua magia esteja reparada, talvez esteja forte o suficiente para fazer isso — pelo menos fisicamente. Mas não está recuperado. Não, não desvie o olhar de mim — ela insistiu, quando ele teria virado a cabeça. — Posso ver isso em seus olhos. — Ela parou, os olhos cheios de tanto amor e compaixão que Corin sentiu a garganta apertar. — O que ele fez com você, *mon amour*? — ela sussurrou, com a voz cheia de tristeza.

Ele encostou a testa na dela e fechou os olhos. — Agora não, *ma belle* — Corin implorou, balançando a cabeça. — Não posso falar sobre isso agora. Tenho que enfrentar Auberren. — Respirou fundo e olhou nos olhos dela, rezando para que entendesse. — Não há escolha.

— Precisa voltar para casa — disse ela, com a voz mais dura agora, sublinhada pelo medo e pela preocupação. — Precisa descansar e se recuperar, não entrar em outra luta, não sair correndo para enfrentar mais derramamento de sangue!

Corin fitou-a, mal ousando fazer a pergunta. — Eu a choquei? — Ele demandou. — Está horrorizada comigo, com o que fiz?

Claudette o observou e Corin se perguntou se seu coração havia parado no peito até que ela balançou a cabeça. — Não — disse ela, com a voz tão baixa que mal conseguia ouvi-la. — Não me choquei.

Corin a puxou com mais força, perguntando-se se Claudette realmente quisera dizer aquilo. Realmente sabia o que ele tinha feito? Alguém teria contado a ela, e a evidência seria difícil de ignorar. — Como assim? — Ele demandou. Querendo ter certeza de que ainda poderia amá-lo, monstro ou não.

— Fiquei feliz — disse ela, a voz agora mais alta e cheia de raiva, um brilho febril nos olhos que o assustou. — Quando o ouvi gritar, fiquei *feliz*! — Parecia furiosa agora, irada e à beira da histeria.

— *Ma belle!* — ele exclamou, segurando-a com força, as mãos tocando seu rosto.

— Queria que ele pagasse — ela gritou, agarrando-se aos braços de Corin, os olhos buscando segurança no rosto dele. — Pelo que fez com você, pelo que ele... ele... tentou fazer comigo.

Corin tinha certeza de que seu coração parara no peito, uma sensação fria e nauseante percorreu-o enquanto segurava os braços dela. — O que ele fez? — Corin se enfureceu, tomado pelo terror de que ela tivesse sofrido algo terrível e não soubesse. — Você disse... disse que saiu ilesa.

Balançou a cabeça, sua voz rouca e ofegante enquanto lutava para não chorar. — Ele não... fez nada, mas tentou... e-eu peguei a adaga dele. O esfaqueei e... e fugi, mas ele teria... ele teria... — Claudette engoliu em seco

e Corin quase ficou feliz por ela não conseguir dizer as palavras, pois se sentia à beira da sanidade. Se pudesse juntar todos os pedacinhos de Quiel naquele momento e torná-lo inteiro novamente, o teria feito, apenas pelo prazer de encontrar uma maneira melhor de fazê-lo pagar. Corin a puxou para seus braços, raiva, horror e tristeza fervendo através dele até que quis destruir o mundo em retribuição.

— Estou bem, estou bem — murmurou Claudette, acariciando as costas dele com as mãos, acalmando-o, quando, na verdade, ela é quem havia se machucado, por último.

Corin respirou fundo, querendo mostrar a ela um rosto calmo mesmo que estivesse longe da verdade.

— Foi sorte do capitão eu não saber disso antes — disse ele, ouvindo o eco daquela criatura sombria que vivia em seu interior rosnar com aprovação. — Ou eu teria...

Claudette colocou os dedos nos lábios dele. — Chega — disse ela, sorrindo para ele, embora seus olhos estivessem cheios de tristeza. — Ou talvez me choque, afinal.

Corin assentiu, engoliu em seco e pressionou os lábios nos dela. — Sim — respondeu ele, com a voz grave e honesta. — Acho que isso é perfeitamente possível.



— Não!

— Vai precisar de mim, sabe que vai. — Anaïs enfrentou o olhar implacável de Dannon com um igualmente feroz e determinado. — Haverá centenas de feridos, talvez milhares. Posso ajudar Dannon. É por isso que vim até aqui. Você *tem* que me deixar ir.

— Não permitirei que coloque os pés em um campo de batalha, e essa é minha última palavra sobre o assunto!

Ele cruzou os braços, a mandíbula tão rígida quanto os ombros enquanto olhava para ela.

— Tudo bem! Mas a decisão não é sua, então vou encontrar alguém que me leve. — Anaïs se afastou dele, mas não deu um passo antes de ser girada novamente. Ele agarrou-a pelos braços, pressionando-a contra a parede dos estábulos onde se retiraram para duelar em privado. — Parece que não me fiz entender — rosnou ele, os olhos brilhando de raiva. — Você não vai.

— Essa não é uma escolha sua! — ela gritou de volta, igualmente furiosa. Sabia que ele tinha medo por ela e entendia a necessidade dele de mantê-la segura. Mas esta era ela, isto estava em sua magia, em seu sangue, em sua alma. Esse era o propósito dela. — Este é o meu trabalho aqui, Dannon — disse Anaïs, com os olhos suplicantes, implorando que entendesse. — Até agora causei muito mais mal do que bem. Não vê que preciso fazer isso?

— E o que eu preciso? — ele exigiu, agarrando-a com tanta força que doía. Deu-lhe uma sacudida forte, sua raiva incandescente e fora de controle. — Como vou agir quando sei que está aí em algum lugar — ele gritou, as

palavras arrancadas com tanta força que sua voz falhou. — Pode estar ferida, pode até estar morta e eu nem saberia!

Anaïs sorriu para ele, sabendo que era apenas o terror de perdê-la que o tornava tão irracional. Estendeu a mão e acariciou seu rosto. — Da mesma forma que eu terei de fazer — ela respondeu, com a voz suave. — Terei exatamente os mesmos medos por você. Mas a verdade é que sou perfeitamente capaz de me defender. Sabe que é verdade. — Ele desviou seu olhar e Anaïs sabia que tinha vencido. Dannon não a deixaria ir de boa vontade, mas não a impediria. — Pode me proibir o quanto quiser, mas ainda assim darei um jeito de estar lá. Não vou deixá-lo — disse ela, sabendo que isso estava no cerne de sua necessidade de estar ali. Sim, precisava fazer as pazes, e sim, queria de todo o coração fazer isso, fazer a diferença e desempenhar o seu papel. Mas precisava estar perto de Dannon também, estar ao seu lado se precisasse dela, e não negaria isso. — Se estiver ferido, estarei ao seu lado.

Ele colocou a mão sobre os olhos e respirou fundo. — Você é, sem dúvida, a mulher mais irritante, chata e teimosa que já conheci.

Anaïs riu, apesar das palavras terem sido honestas e diretas. — Bem, sabia disso desde o início — disse ela, lembrando-se de como o deixara furioso quando se conheceram. — Certamente não demorou tanto a entender? — ela brincou.

— Não — ele resmungou, puxando-a para si. — Mas naquela época eu não estava planejando... — Parou de repente, o olhar cauteloso, como se tivesse dito mais do que pretendia. Anaïs franziu a testa para ele.

— O quê? — ela perguntou, sua curiosidade aguçada agora.

— Nada — disse ele, balançando a cabeça.

Anaïs sorriu e o abraçou mais forte. Fosse o que fosse, poderia esperar. Contaria a ela quando estivesse pronto. Ele estava planejando um futuro e ela fazia parte dele. Isso era o suficiente. Era mais do que ela jamais ousara esperar.

Apoiou a cabeça em seu ombro, aproveitando a sensação de estar perto dele. O calor sólido de Dannon era reconfortante. Mais do que tudo, estava muito feliz porque a escuridão que costumava cobrir seu coração não estava mais lá. Estava inteiro e feliz, e se isso fosse culpa dela, então tinha tudo o que poderia desejar.

A preocupação de que ele ainda não tivesse percebido no que estava se metendo deu-lhe uma pontada de ansiedade e ela franziu a testa. Olhando para cima, descobriu os olhos escuros dele sobre ela, cheios de calor.

— Não sou aquela garota saudável e inocente que pensava que eu fosse, sou? — ela sussurrou, com um sorriso triste.

Ele hesitou por um momento, fazendo o coração dela pular de medo e então disse: — Sim... e não.

Anaïs bufou de maneira nada feminina para esconder sua preocupação. — Bem, não pode ter as duas coisas — ela murmurou.

Dannon estava sorrindo para ela e Anaïs se perguntou como isso a fazia se sentir. O calor e a segurança, o amor... como tantas coisas poderiam repousar naquele sorriso.

— Posso — respondeu ele, levando sua mão aos lábios e beijando a palma, encostando o rosto nela. — Você é tudo que eu pensei que fosse — ele sussurrou, sua voz provocando arrepios na pele dela. — E é muito mais. É verdade que precisa de ajuda para controlar sua magia. Nós dois sabemos disso. Ela tem o poder de controlar você no momento, e isso... bem, isso a torna perigosa. Mas se tivesse nascido aqui, seus talentos teriam sido celebrados. Teria sido treinada desde criança e sido ensinada a controlá-la, e não forçada a escondê-la e fingir que não existia. O fato disto não ter deixado você louca ou a transformado em um monstro faminto por poder, só mostra o quanto eu estava certo.

— Mas e se você estiver errado — ela disse, sentindo aquele medo crescendo dentro dela ao admitir a verdade. — É tão fácil, Dannon, tirar uma vida. É muito, muito fácil e... e é tão bom. — Sua voz era um sussurro e Anaïs sentiu como se estivesse tentando esconder a verdade de si mesma, mal ousando admiti-la. — Tenho medo de me tornar um perigo... de não conseguir parar.

— Não é nada disso. — Havia impaciência em sua voz, raiva por ela acreditar em tal coisa e de alguma forma isso era tranquilizador. Se Dannon podia acreditar nela com uma confiança tão inabalável, então... então talvez ela pudesse aprender a controlar isso, afinal. Tinha feito isso com Corin, e a tentação tinha sido tão vasta e avassaladora. — Se é um monstro, então eu certamente também sou — ele retrucou. Estava franzindo a testa para ela agora e Anaïs podia ver a escuridão por trás de seus olhos.

— O que quer dizer? — ela perguntou, colocando a mão em seu rosto. Dannon virou o rosto na palma da mão de Anaïs como um gato em busca de carinho, de olhos fechados. — Sempre vivi nas sombras — disse ele, e quando seus olhos se abriram ela pôde ver a solidão ali, o vazio que havia sido sua existência. — Minha vida foi cheia de mentiras e enganos. Sempre fingindo ser alguém ou algo que não sou. Sempre me consolei sabendo que estava cumprindo meu dever, trabalhando para o bem de Alfheim e, em alguns casos, isso pode ter sido verdade. — Respirou fundo e Anaïs soube que sua confissão era algo que ele precisava fazer, tanto quanto ela precisava ouvir. Para contar a ela a verdade e ser aceito por isso, por tudo isso. — Mas em muitos não foi. Fiz muitas coisas das quais me envergonho, Anaïs. Talvez um dia eu tenha a oportunidade de lhe contar tudo, e então poderá julgar por si mesma qual de nós representa o maior perigo.

— Não me importo com o que fez no passado. — Ela sabia que isso era verdade. Qualquer que fosse o tipo de homem que ele tinha sido antes, sabia quem ele era agora e o queria exatamente como era. — Quando isso acabar, teremos um recomeço... Se... se... é isso que você quer?

Dannon assentiu e ergueu o queixo dela com o dedo, atraindo sua boca em

direção à dele. — Eu gostaria disso — ele murmurou, antes de tocar sua boca e beijá-la profundamente, afugentando todas as suas preocupações... por enquanto.

Anaïs sabia que ainda estariam lá, todos os seus medos por ele. Como espião, os serviços que oferecia a Alheim seriam sempre solicitados e, na verdade, era improvável que se livrasse da rainha. Ela poderia tê-lo deixado sair de sua cama, mas iriam para a guerra e Corin precisaria dele, mesmo que a rainha não exigisse isso.

Todos teriam um papel a desempenhar no que estava por vir. Anaïs não podia fazer mais do que viver o momento e rezar para que sobrevivessem juntos.



— *Fará o que eu disser!*

Corin olhou para Claudette com fúria, embora tenha sido o terror que o forçou a pronunciar as palavras. Não pretendia gritar com ela com tanta violência, e o choque e a dor em seus olhos fizeram com que a culpa e o arrependimento se enrolassem em seu coração, fazendo-o doer. Se ao menos Claudette pudesse entender sua necessidade desesperada de mantê-la segura. Não poderia funcionar a menos que pudesse confiar nesse fato.

Bram e Laen estavam olhando para suas botas, parecendo profundamente desconfortáveis com a forma como a luta havia se intensificado e claramente desejando estar em outro lugar. O fato de tê-la repreendido dessa maneira já era bastante ruim, mas ter feito isso diante de uma plateia era imperdoável, e sabia disso.

Corin observou enquanto Claudette se virava e se afastava dele. Sabia que ela faria isso. Nunca causaria uma cena na frente dos outros, guardaria isso para quando estivessem sozinhos. Não queria nada mais do que trazê-la de volta e implorar seu perdão, mas Claudette iria pressioná-lo para que mudasse de ideia, e Corin não faria isso.

— Isso foi desnecessário — disse Bram, cruzando os braços e olhando para Corin. A raiva pela interferência do homem, especialmente porque Corin sabia muito bem que era verdade e não precisava que isso fosse apontado, o deixou mais furioso do que nunca.

— Acha que eu deveria deixá-la ficar então? — ele exigiu, um tom perigoso na voz que Bram faria bem em prestar atenção.

— Eu nunca disse isso, mas... — Bram começou caminhando em direção a ele.

— Bram. — Laen colocou uma mão de advertência em seu ombro claramente desejando que o idiota calasse a boca. Havia alguma esperança nisso, Corin pensou com aborrecimento. Bram nunca conseguia segurar a língua. — Vá embora e deixe os adultos conversarem — disse Laen, seu tom sugerindo que seria bom partir antes que houvesse problemas. — É um bom sujeito — acrescentou com um sorriso esperançoso.

Corin não ficou surpreso quando Bram retribuiu o olhar carrancudo. —

Laen, Corin estava fora de ordem — ele se enfureceu, enfrentando o grandalhão com uma força surpreendente. — Depois de tudo que ela passou...

— É exatamente por isso que quero que ela vá! — Corin gritou, se perguntando por que exatamente Bram sentia um desejo tão profundo de proteger Claudette. O ciúme queimou em seu peito. — Embora o que diabos isso tem a ver com você esteja além da minha compreensão — acrescentou ele, olhando para o homem e desafiando-o a lhe dar um motivo para derrubá-lo. Seus punhos cerrados enquanto o desejo de fazer exatamente isso se tornava mais forte.

Bram se aproximou dele, surpreendendo-o ainda mais. Ele nunca fora um lutador. Viver como um criminoso durante anos obviamente o fortalecera. — Você não precisava gritar com ela — ele rosnou. O temperamento de Corin acendeu quando a verdade disso o deixou mais furioso do que nunca.

Laen deve ter visto a expressão nos olhos de Corin, pois agarrou Bram pelos ombros e o virou, vamos dar um passeio. — ele rosnou, dando-lhe um empurrão tão forte que Bram tropeçou.

Bram se endireitou, olhando para ambos com fúria brilhando em seus olhos escuros, a mão na espada. Corin podia ver um músculo se contraindo em sua mandíbula enquanto tentava controlar sua própria raiva. — Você não estava lá — disse ele, com a voz baixa e cheia de acusações, enquanto encarava Corin novamente. — Não viu como os últimos dias foram difíceis para ela. Observando o céu escurecer e o mundo congelar, quando não havia nada que ela pudesse fazer a respeito. — Corin cerrou os dentes ao se perguntar novamente por que defenderia Claudette com tanta paixão. Não que ela não merecesse isso. Mas a ideia de que Bram pudesse ter sentimentos por ela fez algo retorcer em seu peito. As próximas palavras de Bram não ajudaram em nada. — Invejei você por muitas coisas, Corin, mas nunca tanto quanto pela forma como ela o ama. Não pode fazê-la ir para casa, não agora. — Corin olhou-o, sem saber se deveria matá-lo ou não. Bram olhou para Corin antes de perceber o movimento brusco de cabeça de Laen, indicando que deveria ir embora. Agora. Bram balançou a cabeça com desgosto. — Estou indo!

Corin se ocupou em ajustar o equipamento de seu cavalo, embora só tivesse feito isso minutos antes. Podia sentir Laen pairando atrás dele.

— Não faça isso — Corin avisou, sabendo que não poderia enfrentar uma discussão com Laen agora, além de todo o resto. — Você não teria Océane aqui — ele ressaltou. — E não se atreva a tentar me dizer o contrário.

— Não — concordou Laen, cruzando os braços enormes e recostando-se em seu cavalo, Skylla. — Teria reagido exatamente como você — admitiu ele — graças aos deuses, pois ambos sabiam que era verdade e Corin não queria ter que chamá-lo de mentiroso. — Você, porém — Laen perseverou, erguendo uma sobrancelha. — Geralmente tem mais juízo quando se trata de mulheres. Certamente sabe que vai se magoar ainda mais agora? Brigou com ela e feriu seus sentimentos... pouco antes de ir para a batalha. — Laen balançou a cabeça e lançou a Corin um olhar desesperado que não melhorou seu

temperamento.

— Eu sei, eu sei! — Corin retrucou, furioso por estar recebendo tal reprimenda — justo *de Laen*. Corin xingou quando a fivela que estava tentando fechar desafiou seus dedos trêmulos. Droga, mas não conseguia fazê-los parar. Fez uma pausa e respirou fundo antes de olhar para Laen. — Estou cansado — admitiu ele, quase rindo do eufemismo daquelas pequenas palavras. Cruzou os braços sobre a sela e encostou a cabeça nela. — Estou cansado e não quero fazer isso. Não quero mais sangue em minhas mãos. Não quero lidar com Jacques. — Tudo isso era verdade, embora quisesse fazer Auberren pagar. Queria isso com um desejo furioso que ardia em seu sangue e que lhe permitia deixar o cansaço de lado. Suspirou e esfregou as mãos no rosto, virando-se para olhar Laen nos olhos, desejando que ele entendesse. — Tirei Claudette do mundo dela, onde o maior perigo que provavelmente enfrentaria seria entrar em um carro e vir para o meu e estou prestes mergulhá-la em uma guerra.

Fitou Laen e se perguntou o que seu amigo via quando olhava para ele agora. Laen ainda confiava nele? Ainda *deveria* confiar nele? Corin não tinha certeza se conhecia a si mesmo.

— E quanto a Océane? — Corin exigiu. — E a criança que ela carrega? E se algo acontecesse com você — ele perguntou, ouvindo o desespero em sua voz. — Como eu poderia encará-la... sabendo que a culpa é minha? — Corin fez uma pausa, vendo o rosto de Laen nublado, esperando que entendesse que havia sido encurralado e que estava lutando por mais do que apenas as terras de Auberren. — *Eu* não tenho escolha, Laen... consegue ver isso? Não tenho escolha, mas gostaria muito que fosse de outra forma.

Laen suspirou e se levantou, aproximando-se dele com um sorriso tranquilizador. — Não sou tão fácil de matar — respondeu, em um tom seco. — Como bem sabe. Pode ficar tranquilo quanto a isso — disse ele, dando um tapa forte nas costas de Corin, no que foi considerado um gesto tranquilizador de Laen. — Não fez isso, Corin, foi Auberren. Faremos o que precisa ser feito, você e eu, e traremos a paz à terra o mais rápido que pudermos. — Apontou com a cabeça na direção em que Claudette havia saído. — Agora vá fazer as pazes com Claudette, pois precisamos ir embora.

Corin assentiu, mas não se moveu enquanto ouvia Laen se afastar. Seu cavalo relinchou e bateu com a cabeça em sua mão, talvez consciente de sua angústia. Tocou o veludo macio de seu nariz, encostando-se nele e dando um suspiro cansado. Corin se perguntou, com uma sensação crescente de mau pressentimento, se Auberren estava certo? Desde que aceitou o que tinha de fazer, podia sentir a terra puxando-o com mais força do que nunca. Chamava-o agora com uma intensidade que tornava difícil concentrar-se em qualquer outra coisa. As vozes em sua cabeça começaram a sussurrar constantemente, exigindo que agisse. Agora.

Mas quando tomasse Solastire, também levaria Alfheim. Sabia disso, chegaria até ele sem que pedisse. Estava simplesmente ali, esperando... sua

terra, seu direito de primogenitura. As Terras Fae não aceitariam a tomada do Reino dos Light Fae e o deixariam em paz em Alfheim. Sabia disso. Mas e os Fae?

Mechstrana também estava rugindo agora. Muito, muito alto. O som disso tamborilou em seus ouvidos, exigindo, necessitando... implorando por ele. Fechou os olhos, desejando que aquilo desaparecesse. Implorando para deixá-lo em paz. Não queria isso, nada disso..., mas a terra não estava ouvindo.

CAPÍTULO 40



Corin conteve sua irritação quando avistou Claudette. Não iria aborrecê-la novamente, mas Bram estava sentado com ela, e conversavam com as cabeças juntas, as vozes suaves.

Ele observou enquanto Claudette balançava a cabeça e enxugava os olhos. Corin se sentiu terrivelmente culpado por fazê-la chorar. Nunca tivera a intenção de gritar tanto com ela, mas a ideia de Claudette estar tão perto da batalha que se aproximava era mais do que ele podia suportar.

O ciúme borbulhou, indesejado e instável quando Bram colocou o braço em volta dela e apertou seu ombro antes de soltá-la novamente. Foi um bom trabalho tê-la deixado ir, ou Corin teria mais sangue nas mãos esta noite. Suspirou, respirou fundo e disse a si mesmo que estava sendo um idiota.

Confiava em Bram de verdade. Ele era uma alma romântica e Corin sabia que as lágrimas de Claudette seriam maiores do que Bram poderia suportar. Suspeitava que o homem estivesse meio apaixonado por ela, mas dificilmente poderia culpá-lo por isso. Não acreditava que Bram tentaria roubá-la dele nem por um momento. Bram estava muito impressionado com os poderes de Corin para arriscar algo que poderia matá-lo. Quil deveria ter servido a um propósito pelo menos, mas também era um homem honrado. Não faria tal coisa, não importando seus sentimentos. E Corin confiava em Claudette. O pensamento aqueceu seu coração e fez seu ciúme diminuir. Não precisava ficar com ciúmes.

Corin estava grato a ele de qualquer maneira. Grato por Bram ter ficado com Claudette quando ele se foi. Bram a manteve segura e fora de perigo, apesar de sua ideia estúpida de seguir sozinha pelo campo. Teria que pedir-lhe que fizesse o mesmo novamente, a acompanhando até sua casa. Pois Claudette estava indo para casa.

Mesmo que o odiasse por isso.

Eles olharam para cima quando o ouviram se aproximar e Bram se levantou. — Vou deixar você então, Claudette — disse ele, olhando feio para Corin. — Mas não estarei longe — acrescentou, em tom aguçado. — É só me chamar se precisar de mim.

Claudette assentiu, observando Corin, sem tirar os olhos dos dele enquanto caminhava em sua direção. Ele parou, tenso pela expressão implacável nos olhos dela. Realmente estava muito brava com ele e isso era a última coisa que queria, principalmente agora, neste momento. Mas não mudaria de ideia.

— Peço desculpas, *ma belle* — disse ele, sentando-se ao lado dela e estendendo-lhe a mão. Ela colocou a sua na dele, embora percebesse que estava relutante. — Não deveria ter falado assim com você — disse ele, com a voz suave enquanto levava a mão dela aos lábios e a beijava.

— *Oui, c'est vrai* — disse ela, as palavras ainda um tanto amargas. — Você não deveria.

— Mas isso não muda nada. — Ele se sentiu determinado a acabar com isso o mais rápido possível. Afinal, não fazia sentido adiar o inevitável. — Você *irá* para casa. — Os olhos dela brilharam de raiva e Corin viu sua mandíbula se contrair, mas Claudette não disse nada. Ele suspirou e passou o braço pela cintura dela, puxando-a para mais perto. — Por favor, não fique com raiva de mim — ele sussurrou, apoiando a cabeça em seu ombro. — Agora não. — Algo na voz dele a tocou e fez seus olhos se suavizarem. — Precisamos partir — disse ele. — Mas necessito falar com você.

Pegou sua mão novamente e para seu alívio, Claudette relaxou entrelaçando os dedos. — Você tinha razão — ele disse, levantando a cabeça e olhando nos olhos dela. — Não estou pronto para fazer isso. — Corin sentiu seu olhar sobre ele, cheio de preocupação.

— Corin? — ela disse, com tanto medo na voz que seu coração doeu.

— Não se preocupe, eu *posso* fazer isso. Ficarei bem, mas..., mas não quero. — Ficou em silêncio e ela o abraçou, levantando a cabeça para um beijo que Corin ficou feliz em dar. Fechou os olhos enquanto ela se afastava dele, sentindo o vento frio ardendo em seu rosto, puxando sua camisa. — Estou com medo do que está por vir — ele admitiu e ela ficou tensa em seus braços.

— E o que é? — ela perguntou, erguendo-se e pegando o rosto dele entre as mãos. — O que é que está fazendo você ter tanto medo. É Jacques? — Contou a ela um pouco do que havia acontecido com o velho deus. Era melhor ouvir isso dele do que de fofocas e sussurros. O corte onde Jacques tirara o sangue ainda latejava e Anaïs não conseguira curá-lo. Sempre carregaria tal cicatriz agora. Mas se Jacques fosse tudo o que tinha que enfrentar, talvez então não tivesse tanto medo.

— Não — respondeu ele, balançando a cabeça. — Não é Jacques. — Ela esperou, silenciosa e ansiosa enquanto ele tentava colocar em palavras. — Você se lembra de estar sentada comigo em Mechstrana, com vista para o lago, pouco antes de Laen e Océane se casarem?

Ela assentiu, sorrindo. — O chão ao seu redor estava coberto de flores.

Seu peito apertou e ele assentiu. — Eu contei que isso me deu medo, lembra?

— *Oui* — ela sussurrou, franzindo a testa para ele. — E disse que era porque estava tão perto de tomar Alfheim que a terra estava apenas reagindo ao poder.

— Não, ma belle. — Ele balançou a cabeça e levou a mão ao rosto dela, olhando-a nos olhos. — Eu disse, que esperava, por isso.

— Mas, isto não é o esperado? — Claudette terminou por ele.

Corin respirou fundo e balançou a cabeça. — Claudette, a terra quer que eu seja rei. Quer que eu tome todos os três Reinos, para uni-los, como já foi.

Claudette piscou para ele, talvez sem entender, talvez apenas incrédula, Corin não tinha certeza. Ele mesmo se sentia da mesma maneira. — Os... os *três* Reinos? — repetiu ela, com os olhos arregalados e a boca aberta em

estado de choque. — M-mas Corin, você não pode! — Ela agarrou a camisa dele, os dedos torcendo o tecido. — *Laen*. — Claro que não precisou dizer mais nada além disso.

Ele fechou os olhos, sentindo uma sensação indesejável de formigamento atrás das pálpebras. Tinha o desejo infantil de fugir, se esconder e torcer para que tudo desaparecesse. Mas então, era exatamente o vinha fazendo há décadas. — Eu sei, *ma belle*, mas... não acho que a terra será negada. — Ele a puxou para si então, segurando-a com tanta força que ela ofegou. Afundando as duas mãos em seus cabelos, puxou o rosto dela para si, olhando-a nos olhos e prometendo-lhe o que teria prometido a Laen se tivesse sido corajoso o suficiente para admitir a verdade.

— Vou tentar — ele jurou, as palavras duras e sinceras. — Quando chegar a hora, farei tudo o que puder para tomar as terras dos Light Fae como minhas, mas... Alfheim me seguirá e então... e então... posso não ter escolha.

— *Mon Dieu*.

Enterrou o rosto no pescoço dela, sentindo suas mãos em seus cabelos, acariciando sua cabeça e tentando confortá-lo enquanto se agarrava a ela. — Laen vai me odiar, *ma belle*. Está liderando seus homens para lutar por mim. Está desafiando o seu próprio Rei e usando seu exército em meu favor. E se tivermos sucesso... se tivermos sucesso... talvez tenha que tirar tudo dele.

Manteve a cabeça baixa, não conseguia olhar para ela, com muito medo de ver reprovação em seus olhos. — E se Auberren tivesse razão em me matar? — Suas palavras foram abafadas contra ele enquanto expressava seu maior medo. — E se eu tivesse sido destruído? E se... — Claudette forçou-o a olhar nos olhos dela.

— Como pode dizer isto? — ela exigiu, com tanta raiva em suas palavras que Corin ficou um pouco surpreso. — Depois do que aqueles homens fizeram, depois do que ele ordenou que fizessem. Diga-me... o que você teria feito se ele não tivesse agido?

Corin encolheu os ombros e balançou a cabeça. — Não sei. Tenho ignorado o chamado há tantos anos que suponho que teria continuado a fazer o mesmo. Mas por quanto tempo, não sei. Acho que, quando as coisas ficassem demais, teria tentado encontrar uma maneira de deixá-lo manter o controle, de ainda administrar suas terras e não interferir muito, mas..., mas na verdade, não sei se isso teria sido possível.

— Mas teria entrado no reino dele com um exército e o matado? — ela gritou, seus olhos brilhando de indignação. — Teria declarado guerra para tomar o que era seu?

— Não! — exclamou ele, chocado com a ideia. — Não, nunca faria uma coisa dessas.

— Mas foi isso que ele fez com você — ela apontou, agarrando os braços dele e parecendo querer sacudi-lo. — Ele declarou guerra contra você!

— Ele está protegendo o que é dele — começou Corin, sem entender por que deveria tentar defender o indefensável, apenas com medo de estar tão fora

de controle a ponto de estar agindo de acordo com os desejos de seus poderes, e não por seu próprio julgamento.

— *Non!* Eu não acredito nisso. — Claudette soltou um suspiro e parou por um momento para observar ao redor, olhando para uma terra que ainda deveria parecer estranha e confusa para ela. — Não posso fingir que entendo tudo isso, Corin. Não sei como funciona, mas se consegue sentir a terra chamando, certamente... O Rei Auberren consegue sentir que ela está se afastando dele? Sabe que não é dele por direito. Não mais, pelo menos. Provavelmente já sabe há muito tempo. A profecia era apenas uma desculpa, um motivo para agir. Você deu a ele alguém para culpar além dele mesmo. Acho que ele sabe que não é mais o rei legítimo, mas quer manter-se a todo custo, mesmo que isso signifique ir para a guerra. — Corin a encarou, ponderando suas palavras, mas ela falou novamente, sua voz baixa e intensa agora. — Auberren esperava matar você pessoalmente, Corin. Por quê? — pressionou. Por que ele precisava fazer isso sozinho? — Corin observou os pensamentos tremulando por trás daqueles lindos olhos turquesa e se perguntou quando ela havia se tornado tão sábia. Não que alguma vez tivesse duvidado de sua inteligência, mas a verdade de suas palavras o abalara. Mas ainda não havia terminado. — Talvez — disse ela, hesitante enquanto exprimia seus pensamentos em voz alta. — Talvez acreditasse que se matasse você com as próprias mãos, haveria uma chance de o poder passar para ele.

Corin arregalou os olhos com suas palavras.

— Estou certa, não estou? — ela disse, olhando-o. Corin viu seu próprio choque refletido de volta.

Respirou fundo e puxou-a para perto. — Às vezes, *ma belle*, acho que deve ser parte Fae. — Ele beijou os lábios dela, sentindo o desejo surgindo sob sua pele e desejando poder levá-la para longe de tudo isso e fazer amor. Em vez disso, Corin apenas sorriu, esperando poder ver esse desejo em seus olhos. — Você parece fazer parte desta terra — de mim. É como se sempre estivera destinada a estar aqui — disse ele, colocando a mão dela sobre seu coração. — E sim, acho que está certa. — Enterrou o rosto nos seus cabelos e respirou seu perfume. Claudette tinha um cheiro doce, como palha, ar fresco e lar... e ele sentiu uma terrível vontade de ir para casa novamente.

— Prometa-me que irá para casa — ele sussurrou. — Não consigo superar isso a menos que saiba que você estará lá, esperando por mim. Preciso saber disso. — Ele olhou-a suplicante. — Por favor, *ma belle*.

Claudette suspirou e desviou seu olhar e ele pôde sentir sua frustração, seu desejo de estar ao seu lado, mas assentiu. — Se é disso que precisa, então, é claro, eu irei — disse ela, mas Corin sabia que não era tudo. — Mas não quero ficar para sempre em segundo plano, Corin. Preciso estar com você, estar ao seu lado. Quero ajudá-lo, fazer parte disso.

Corin lhe sorriu, mais satisfeito do que ela jamais poderia entender por seu desejo de se tornar parte de seu mundo. — Pequena idiota — disse ele, com carinho. — É uma grande parte disso e tem um papel importante a

desempenhar. Meu povo também precisa de você. Todos aqueles que não lutam na linha de frente também têm o seu trabalho. Um exército precisa de suprimentos, de alimentos, todas essas coisas devem ser fornecidas. Além disso, eles terão medo. Os rumores serão abundantes. Sabe que há pessoas em minha terra que não me apoiarão. Haverá disputas e brigas mesquinhas, a menos que alguém esteja lá para assumir o controle. — Ele acariciou a bochecha dela com o polegar, o toque terno e cheio de amor. — Não ficará parada, *ma belle*, isso posso lhe garantir. Eles nunca iriam até minha mãe, em sua torre de marfim..., mas virão até você.

Ela assentiu demonstrando compreensão e aceitação acerca desse papel e deu-lhe um sorriso trêmulo. Ele a beijou e ficou de pé. — E agora tenho que ir.

Ele viu a cor sumir de seu rosto e se forçou a sorrir para ela, embora ir lhe partisse o coração. Ele lhe deu a mão, puxando-a para ficar de pé. — Não se preocupe, Claudette, esta é apenas uma batalha. A primeira de muitas temo, mas esta não posso perder. — Corin deixou de lado o conhecimento do que estava prestes a fazer. Muitos homens perderiam a vida nas próximas horas. Mas talvez mais pessoas fossem salvas pelas suas ações. — Eles não sabiam o que estavam fazendo ao entrarem na Floresta Dark — disse ele, com a voz baixa. — Mas me deram a oportunidade de saldar uma dívida muito antiga. Eles não podem escapar de mim, nem de Jacques. Deixarei alguns sobreviverem para retornar e espalhar a história entre seus homens... o horror desta noite, e me temerão.

— E você — ela sussurrou, olhando em seus olhos. — O que isso fará com você?

Corin encolheu os ombros, incapaz de lhe dar uma resposta, ou pelo menos, não uma que a confortasse.

— Que faça de mim rei — ele respondeu. — No fim.



Claudette ficou ao lado de Bram e observou Corin e Laen partirem com seus homens. Eles se encontrariam com o resto do exército que mantinha os Light Fae, presos na Floresta Dark.

Ela se sentiu mal do estômago quando o medo por Corin e por todos os homens que iriam para a batalha inundou suas veias. Queria gritar e implorar. Implorar para que não fosse, mas não conseguiu. Era isso que significava fazer parte de sua vida. Não o decepcionaria.

Esmagando o ciúme que acompanhava seu medo, ela observou Anaïs partir com Dannon. Sabia que Anaïs não participaria da batalha, estaria longe, encarregada de um hospital improvisado para cuidar dos feridos, e Claudette estava feliz por ela estar lá. Mesmo assim, Anaïs não estaria em casa esperando notícias, estaria lá. Isso ainda a irritava, apesar de seus esforços para perdoá-la.

— Venha, Claudette, é melhor levá-la para casa.

Ela se virou e encontrou Bram olhando-a com preocupação nos olhos.

— *Oui, bien sur* — ela assentiu, virando-se com relutância, embora Corin já tivesse desaparecido de vista há muito tempo. Voltaram para seus cavalos e Claudette permitiu que ele lhe ajudasse a montar. Bram esperou até que ela se acomodasse na sela antes de pegar sua mão e apertá-la.

— Ele vai ficar bem.

— *Oui*. — Ela assentiu, determinada a acreditar nisso.

— Ele será um bom rei — acrescentou, sorrindo para ela enquanto montava em seu próprio cavalo.

Claudette assentiu e sorriu para ele, grata por seu apoio. — Sim, ele vai.

Cavalgaram em silêncio por um tempo, a mente dela muito ocupada enquanto repassava a conversa que tivera com Corin antes dele partir.

Sabia que ele estava certo, se tirasse as terras de Laen, ela temia pensar no que aconteceria com a amizade deles. Corin era sincero ao não querer fazer isso, e a assustava considerar o que ele poderia suportar em vez de tomar o Reino dos Dark Fae — o Reino que Laen sempre acreditou que seria dele. O que Corin arriscaria em vez de trair seu amigo mais próximo? E se no final das contas simplesmente não tivesse escolha — como temia — o que aconteceria?

Porque se Laen não o perdoasse... ele ficaria totalmente arrasado.

Pensar nisso fez seu coração doer.

— Há quanto tempo conhece Corin? — ela perguntou, fazendo Bram olhá-la surpreso depois de tanto tempo cavalgando em silêncio.

— Desde que éramos crianças — disse ele, guiando seu cavalo por um pequeno riacho estreito onde o animal dançava como se estivesse sendo solicitado a cruzar um oceano revolto. — Embora eu seja um pouco mais jovem do que eles — acrescentou, depois que o cavalo conseguiu chegar ao outro lado sem se afogar em cinco centímetros de água. — Fui tolerado como uma presença irritante, na melhor das hipóteses — disse ele, dando-lhe um sorriso desarmante. — Para ser totalmente honesto, nada mudou muito — acrescentou com desgosto.

Ela sorriu, satisfeita por poder ouvir mais sobre Corin quando criança. — Conte-me sobre eles — ela perguntou e Bram abriu a boca, mas Claudette interrompeu-o antes que pudesse começar. — Quero dizer, quando eram crianças — ela esclareceu com um olhar de advertência. — Não preciso saber mais nada das... outras histórias — disse ela, acenando para ele. — *Merci beaucoup*.

Ele sorriu, seus olhos brilhando de alegria na escuridão, mas acenou com a cabeça. — Você ouviu, imagino, o que aconteceu com a mãe de Laen?

— *Oui*, tão triste. Corin me contou que descobriu Laen em suas terras quando tinha seis anos. Que o escondeu nos estábulos até sua mãe descobrir.

Bram assentiu. — Corin implorou para que ela o deixasse ficar, então depois disso a rainha cedeu um quarto para ele e disse que Laen poderia vir quando quisesse. Laen praticamente morou com eles depois disso.

— Ela pode ser gentil, não é? — Claudette disse maravilhada. Parecia tão

estranho que uma mulher com uma capacidade tão grande para amar pudesse ser tão terrivelmente cruel.

— Audrianne era maravilhosa quando éramos meninos — disse ele, parecendo um tanto melancólico. — Todos nós a adorávamos naquela época. Ela deixou todos nós escaparmos impunes de um assassinato, na verdade, quando penso nisso. — Claudette moveu o cavalo para um trote para ficar ao nível dele novamente e Bram sorriu. — Estávamos sempre em apuros.

— Você os conhece bem — falou ela, perguntando-se como Bram se encaixava na vida deles.

Ela observou Bram dar de ombros. — Eu os conheço melhor do que a maioria, mas... bem, na verdade só eram eles dois. Corin foi gentil comigo, tendo em mente que eu era um pé no saco na época, e às vezes me deixava ir junto, embora isso irritasse Laen profundamente. Na maioria das vezes, me metia em alguma situação terrível e um deles me salvava. Geralmente Corin, mas ambos estavam sempre juntos.

— Eles realmente são mais como irmãos então, se cresceram juntos? — Sentiu uma terrível sensação de mau pressentimento e respirou fundo. *Por favor*, orou, sem saber mais a quem deveria orar, quando entrassem na Floresta Dark. De alguma forma, o seu próprio Deus cristão deu-lhe uma sensação de conforto num mundo onde tais criaturas existiam. Por favor, disse novamente, enviando o apelo aos céus, por favor, mantenha os dois seguros e deixe Laen entender. Deixe-o ver o que está no coração de Corin. *Por favor*.

Ela abriu os olhos para encontrar Bram olhando-a, dividido entre perplexidade e preocupação.

— Vão ficar bem, Claudette — disse ele, e ela observou quando franziu a testa antes de falar novamente. — Tendo visto o que Corin fez esta noite... quero dizer, pelos deuses. Nunca vi nada assim antes em todos os meus dias. — Bram se virou para ela e Claudette viu o choque em seus olhos. A explicação de Corin foi breve quando falou sobre a morte de Quiel, mas não faltara a ela imaginação e preencheria as lacunas. — O poder que teria sido necessário — Bram continuou balançando a cabeça. Parecia impressionado e enojado ao mesmo tempo. — Eu não fazia ideia. Corin nunca disse, nunca deu qualquer pista de que poderia fazer tais coisas. Quer dizer, sempre houve rumores — acrescentou ele, voltando-se para ela. — São os seus olhos. As pessoas sempre disseram que isso o marcava como sendo tocado pelos deuses. — Bram soltou um suspiro e Claudette achou que parecia perturbado com a ideia. — Todos nós temos nossos poderes, Claudette — disse ele, baixando a voz e soando estranhamente sério. — Talvez um pouco mais que truques, mas isso, *isso* é outra coisa.

— E quanto a Laen? — ela perguntou, querendo afastar os pensamentos dele de Corin e do que poderia ou não fazer com tal poder.

— Ele é um guerreiro — disse Bram, confirmando algo que Claudette suspeitava. — Seu verdadeiro poder só é realmente evidente na guerra ou na batalha, como um grande líder. Seus homens o seguiriam para qualquer lugar,

fariam qualquer coisa por ele. Embora eu tenha ouvido falar que alguns membros de sua família têm alguma habilidade com a leitura de mentes. Não sei se isso é verdade.

Claudette olhou-o horrorizada e ele riu. — Oh, não se preocupe, Laen não pode fazer isso assim — disse ele, balançando os dedos para ela como um mágico de baixa categoria. — Se for verdade, acho que você saberia se ele tentasse, e suspeito que Laen acharia tais truques desagradáveis de qualquer maneira. Ele é um homem honrado.

— E você? — ela perguntou, sentindo-se curiosa agora.

— Meus talentos são muito modestos — disse ele com um encolher de ombros desdenhoso. — Mas adequados às minhas necessidades para ser justo. — Olhou para ele interrogativamente e Bram suspirou. — Há sangue humano em minhas veias, de uma ótima, ótima mãe, por isso tenho certa imunidade para liderar — disse ele, apontando para as pistolas que carregava. — Apenas tocar nas balas deixaria a maioria da nossa espécie doente, queimando a pele.

- Isso é tudo? — ela perguntou, sentindo-se um pouco surpresa. Para seu horror, ele corou. — Oh! — exclamou, sentindo-se péssima. — Eu não quis insinuar...

Bram riu e dispensou seu pedido de desculpas. — Não, está bem. É verdade. Não tenho grandes poderes mágicos. Sou uma grande decepção para meu pai, posso lhe dizer. — As palavras foram ditas levemente, mas Claudette suspeitou que os sentimentos eram bem mais profundos. — Mas tenho talentos — disse ele, piscando para ela. — O que você achará bastante útil, eu suspeito.

Claudette olhou-o e corou, esperando que Bram não estivesse flertando com ela.

Riu do desconforto óbvio dela e balançou a cabeça. — Quero dizer apenas que as pessoas gostam de falar comigo.

Claudette ergueu as sobrancelhas. — O que quer dizer?

— Bem — falou ele, adotando uma expressão enganosamente inocente. — Digamos que as pessoas têm tendência a me contar coisas sobre as quais normalmente não fariam. As pessoas tendem a confiar em mim. Uma coisa boa para o seu espião pessoal, não acha?

Claudette franziu a testa e repassou mentalmente a última conversa.

— Minha lady — exclamou ele, colocando a mão sobre o coração. — Você me feriu! Nunca usaria esses truques com você.

Claudette soltou um suspiro e depois riu dele, sabendo que Bram estava brincando com ela.

— Estou muito aliviada em ouvir isso — ela respondeu fungando.

A noite estava calma, embora o ar estivesse frio, a respiração deles turvando-os enquanto falavam. Mas agora uma brisa forte açoitava as árvores e um tremor profundo percorreu a terra enquanto a iluminação cortava o céu. Os cavalos relincharam e recuaram, com as orelhas em alerta, e por um momento não puderam fazer nada além de lutar para mantê-los imóveis.

Claudette chamou a atenção de Bram enquanto recuperavam o controle e ele assentiu, confirmando seus temores.

— Começou.

CAPÍTULO 41



Corin estava na linha das árvores da Floresta Dark com o coração batendo forte no peito e se perguntando o que diabos pensava que estava fazendo. Passou toda a viagem até aqui persuadindo Laen de que esse era o melhor curso de ação e que estaria perfeitamente seguro.

Jacques não o mataria e tudo ficaria bem.

Repetiu isso mais de uma vez. Agora parecia que precisava dizer isso de novo — para si mesmo.

Laen concordou, a contragosto, depois de lhe dizer que devia estar maluco em diversas ocasiões e profetizar uma catástrofe em todas as oportunidades. Corin estava totalmente convencido de que qualquer um que fosse com ele não sobreviveria. Jacques estava com fome e seriam vistos como um presente para o velho deus. Corin não colocaria ninguém à mercê dos caprichos de Jacques. Principalmente Laen.

Agora, porém, cada palavra do maldito argumento que Corin lhe deu escapara e desejou sinceramente ter permitido que Laen fosse com ele, afinal. Não conseguia se lembrar de ter sentido tanto medo desde seu primeiro encontro com Jacques, tantos anos atrás.

— Seja corajoso, pelo amor dos deuses — ele murmurou para si mesmo antes de respirar fundo e estender a mão para a Floresta Dark com a sua magia.

A Floresta Dark podia fazer parte de Alfheim, mas pertencia a Jacques. Corin estava bem ciente de que isso chamaria sua atenção. Irritar um deus era um passatempo perigoso, mas não tinha tempo para cerimônias ao invocá-lo ou para caminhar pela floresta até que Jacques decidisse se mostrar.

Houve uma explosão repentina que o jogou para trás e o chão à sua frente estremeceu quando Jacques subiu pelo solo, jogando terra e pedras em todas as direções. Corin levantou-se e ajoelhou-se, com a cabeça baixa, diante dele.

— Qual é o significado disso, Príncipe dos Elfos? — Jacques rugiu de fúria. — Esta é a minha terra, não tem direito aqui. Tem coragem de tentar?

— De jeito nenhum — respondeu Corin, mantendo os olhos no chão. — Vim lhe oferecer um sacrifício, Senhor, que o agrade.

Corin se atreveu a olhar para cima e ver os olhos de Jacques brilharem. Passou a língua nos lábios, olhando para Corin com uma expressão faminta. A ferida em seu pulso queimava e latejava e Corin reprimiu um estremecimento. Uma gavinha disparou, mas desta vez Corin puxou seu pulso antes que pudesse agarrá-lo, jogando-se para fora de seu alcance. — Não me ofereço, Jacques. Tenho um sacrifício muito maior para oferecer.

A expressão de Jacques se distorceu, o luar fraco emergindo das nuvens por tempo suficiente para destacar os planos duros de seu rosto, prateou as folhas que coroavam sua cabeça e o fez parecer mais monstruoso do que nunca. — Preferiria sentir o gosto do seu sangue de novo — disse ele, olhando para

Corin. — Você tem o gosto dos deuses antigos. Já faz muito tempo que não bebo algo tão doce, tão poderoso.

— Quase me matou da última vez, Senhor — Corin disse, olhando de volta para olhos que o fizeram pensar sobre os seus próprios, e sobre o gosto dos antigos deuses em seu sangue. — Não desejo repetir a experiência.

— Serei mais cuidadoso — disse Jacques, agora bajulando. — Não gostaria de matar o próximo Rei de todos os Fae — acrescentou ele com um sorriso malicioso.

Corin observou-o e tentou acalmar a emoção de medo em seu coração. É claro que Jacques saberia o que a terra queria. Fazia parte disso mais do que qualquer pessoa, *qualquer coisa*, e fazia isso desde o início dos tempos. — Não desejo ser rei das três terras, Senhor — respondeu Corin, perguntando-se se Jacques poderia mudar as coisas. Se talvez houvesse outro acordo a ser feito?

Houve um farfalhar de folhas que poderia ter sido um encolher de ombros. — O que isso tem a ver? — Jacques exigiu e Corin ouviu o ranger de galhos conforme ele se aproximava. — A terra escolhe o poder. *Ela* é quem escolhe o herdeiro legítimo. E esse é você. A terra irá levá-lo... ou irá matá-lo.

Corin baixou a cabeça novamente, relutante em ver a expressão nos olhos da criatura. — O Príncipe Laen seria um ótimo rei, meu senhor — ele pressionou. — Ele é honrado, poderoso. Mechstrana está sob o governo de seu pai. É dele por direito. Não tenho nenhum desejo de tomar o que deveria ser dele por direito.

Jacques bufou e ouviu-se um farfalhar vigoroso de folhas, o som impaciente de um adulto cansado de explicar coisas a uma criança particularmente estúpida. — Se fosse dele por direito, a terra daria a ele, *não a você* — ele rosnou, sua voz ficando mais áspera agora. — Seu destino está traçado desde antes de você nascer, é inevitável. Foi criado para esse propósito. É a única razão pela qual não morreu quando matou minha criatura, mas não importa para mim o que faça. Vivo. Morto. Cabe a você decidir. Embora se quiser dar sua vida... eu ficaria feliz em tirá-la de você.

Corin olhou-o agora, horrorizado demais com suas palavras para desviar o olhar ou pensar em uma resposta até que Jacques o alcançasse novamente. Abalado por seu estupor, evitou o ramo de buscas. — Você é muito gentil, Senhor — disse ele, tentando assimilar tudo o que Jacques acabara de lhe contar e manter o juízo. — Mas manterei minha vida, se para você não importa.

— Então aja! — Jacques se enfureceu, seu grito de fúria sacudindo as árvores por quilômetros e quilômetros da Floresta Dark enquanto o chão tremia sob eles. — Você tem sido fraco. Sempre fugindo quando Ela o chama. Tentou abafar os gritos dela com bebida e libertinagem, mas não importa o quão selvagem fosse, não importa o quão longe fosse... o som dela ainda bateria em seus ouvidos quando ficasse sóbrio. Ela já lhe deu mais tempo do que precisava. Sua paciência está se esgotando, filho do sangue antigo. —

Jacques estava realmente zangado agora e ao se aproximar, Corin se obrigou a ficar quieto, embora cada sentido lhe dissesse para correr, para salvar sua vida. Não adiantava demonstrar medo diante de Jacques. Qualquer sinal de fraqueza provavelmente o mataria.

— É por isso que estou aqui — respondeu Corin, mantendo a voz calma. — Vou aceitar o que ela exige. Haverá uma batalha esta mesma noite, Senhor. A primeira da guerra que me tornará rei.

— E o meu sacrifício? — ele exigiu, os galhos raspando uns contra os outros enquanto avançava, pairando sobre Corin, uma sombra ameaçadora e desumana na escuridão acima dele.

Corin hesitou. Isso fazia parte do plano, mas não pretendia provocar a ira de Jacques antes de perguntar. Irritá-lo ainda mais certamente não o ajudaria. — Eu... eu pediria uma bênção, para poder lhe dar o grande sacrifício que merece, Senhor — disse ele, medindo as palavras com cuidado.

— O que quer? — As palavras eram suspeitas, mordidas de irritação. Corin podia sentir sua fome, e o príncipe a seus pés seria muito mais simples do que qualquer outra negociação.

— Deixe-me acessar sua terra com minha magia — disse Corin, orando para que Jacques não o considerasse culpado de mentir. Se pensasse por um momento que Corin cobiçava a Floresta Dark — que os deuses não o permitissem — estaria morto. Raízes serpenteavam pelo chão em uma espiral lenta e retorcida, e Corin sentiu seu coração acelerar quando elas começaram a deslizar ao seu redor. Uma curvava-se lentamente ao redor de sua cintura, enrolando-se e apertando-se, girando em torno dele até chegar à garganta. — Jacques — Corin disse asperamente enquanto o controle sobre ele ficava mais forte. — Há homens na Floresta Dark. Um exército, eles vieram atrás de mim, para me matar. Deixe-me usar suas terras, seu poder. Deixe-me levá-los... e terá seu sacrifício.

— Mas eu mesmo os tenho caçado — disse Jacques, o corte oco em sua boca abrindo-se para mostrar dentes grandes e ensanguentados. Eu me banquetei com sua carne e sangue e roí seus ossos. Não preciso que você os mate por mim.

A pressão em sua garganta aumentou e Corin falou apressado ao sentir Jacques alcançar a cicatriz em seu pulso, a cicatriz que Anaís não conseguira curar. Ele suportaria isso pelo resto de seus dias... por muitos que fossem. — Mas não é a mesma coisa caçar sozinho, Jacques. Se eu os der a você, se morrerem em *seu* nome, seu poder aumentará. Pense nisso, mais poder do que teve por gerações. As pessoas esquecem de você, Jacques. Sem suas orações, seus dons... sem sacrifício, fica mais fraco.

Por um momento, a pressão em sua garganta aumentou ainda mais e pensou que talvez tivesse avaliado mal, que Laen estava certo. Este tinha sido um plano idiota e era um homem morto.

E então a pressão cessou e Jacques o ergueu, jogando-o de volta na terra, deixando-o com falta de ar.

— Dê-me seu sangue — ele exigiu.

— Mas, Jacques... — Corin protestou, suas escassas esperanças desmoronadas.

— Dê-me seu sangue! — Jacques rugiu. — Se quer o uso da minha terra deve se juntar a mim, unir a sua magia à minha. Dê-me seu sangue e terá o que deseja.

— Não pegue muito, Senhor — disse Corin, oferecendo o pulso com receio. A ideia de unir sua magia a alguém como Jacques fez seu sangue gelar nas veias. — Devo ter força suficiente para levar isso até o fim.

Jacques agarrou seu braço e cortou seu pulso, um sorriso desagradável brincando em sua boca. — Não muito — ele concordou, lambendo os lábios. — Só o suficiente.



Laen acalmou o cavalo enquanto se mexia inquieto embaixo dele.

— Calma, Skylla — ele murmurou, dando tapinhas no pescoço sedoso da fera. A tensão crescia a cada momento que passava e Laen sentia o medo revirar seu estômago. — Vamos, cara — ele murmurou. — Que diabos você está fazendo? — Xingou Corin por persuadi-lo a concordar com uma ideia tão idiota. *Por quê?* Por que acabara concordando com ele? O maldito idiota poderia convencê-lo de que o preto era branco se Laen lhe desse a oportunidade. A quantidade de problemas que Laen enfrentara ao longo dos anos por causa dos poderes de persuasão de Corin era maior do que queria contemplar.

Ele só esperava que Corin não tivesse superestimado seu charme persuasivo com Jacques, já que o velho deus era uma perspectiva muito diferente.

Laen olhou com satisfação para as fileiras de seus homens. A Floresta Dark estava cercada por todos os lados e ninguém escaparia esta noite, a menos que deixassem. Corin disse a Laen para garantir que alguns escapassem. Precisava que a história circulasse por todos os Light Fae, para espalhar a verdade sobre o que enfrentariam se lutassem contra ele.

Corin esperava que isso tornasse a tomada de Solastire uma tarefa mais fácil. Dissera que a notícia deveria ser espalhada, que se eles se rendessem — se o reconhecessem como rei — seriam poupados. Mas nenhum deles seria ingênuo o suficiente para acreditar que isso aconteceria. Auberren não era tolo. Podia não ser popular entre seu povo, mas sempre se esforçara muito para manter suas tropas felizes. Sempre foram bem alimentados, bem pagos e festejados. Eram devotados a ele e não cederiam simplesmente. Não importando o que acontecesse esta noite.

Laen suprimiu um arrepio de excitação. Não queria a guerra mais do que Corin, mas não podia negar que apreciava isso. Fora para isso que nascera. Lutar, defender, liderar os homens na batalha e proteger o seu povo.

Houve uma brisa repentina que sacudiu as árvores da Floresta Dark, agitando as copas espessas e vastas como se uma mão gigante as sacudisse

com fúria enquanto o chão estremecia sob seus pés. Os cavalos recuaram e empinaram, mostrando olhos brancos na escuridão e então... a gritaria começou.

Homens saíram da floresta em todas as direções. Seus olhos eram selvagens e cegos, correndo aterrorizados pelo que quer que tivesse acontecido com eles na escuridão. O exército que os esperava era aparentemente preferível ao que acontecia nas sombras sob as árvores que eles já começavam a temer.

Laen sentiu uma onda de medo ao perceber que Corin estava fazendo isso. Corin e o deus mais antigo que ainda andava na terra, estavam lado a lado. A enormidade disso o atingiu com força e rapidez, e com uma clareza que nunca havia considerado antes. Ele se virou e viu a expressão idêntica de horror e os olhos arregalados de Dannon ao seu lado. Fechando os ouvidos ao som de gelar o sangue que sabia que iria assombrá-lo pelo resto de seus dias, incitou Skylla a avançar e mergulhou na briga.



Anaïs ficou na entrada da tenda, uma entre dezenas, erguida às pressas para uso dos feridos e moribundos.

A abertura bateu nela com o vento gelado que soprava, mas não se moveu para amarrá-la. Ficou congelada no lugar pelo som que chegava aos seus ouvidos. Havia dezenas de curandeiros com ela, tanto Elfos quanto Dark Fae, e ficaram juntos, cada um deles orando à sua maneira por amigos, irmãos, amantes... qualquer um que estivesse envolvido na batalha desesperada, que podiam ouvir vindo da Floresta Dark.

O som do metal se chocando, dos gritos dos homens e dos guinchos aterrorizados dos cavalos os alcançou claramente, embora estivessem a alguma distância da batalha. Mas além de tudo isso... a queima feroz de um poder terrível e antigo sendo forjado entre as árvores.

O fedor era doce e enjoativo enquanto enchia seus sentidos, engrossando o ar e fundindo-se com o cheiro acobreado do sangue. Tanto sangue, encharcando o chão e afundando na terra, satisfazendo uma necessidade que Jacques ansiava por muitas gerações.

O som disso era horrível o suficiente. A sensação fez a pele de Anaïs arrepiar e foi necessária toda a coragem que possuía para ficar onde estava e não se virar e fugir.

Ela enviou orações silenciosas a Dannon, rezando para que estivesse seguro, que voltasse ileso, inteiro para ela. Logo os feridos começaram a aparecer e não teve mais tempo de pensar em nada além do corpo à sua frente naquele momento. Então trabalhou para salvar a vida dos homens que apareceram, trêmulos e traumatizados, com os olhos arregalados pelo horror do que acabavam de testemunhar.

Trabalhando enquanto o sangue dos homens escorria em suas mãos, Anaïs fechou os ouvidos para os sons que cortavam o ar enquanto os soldados alquebrados continuavam avançando. Os corpos dos mortos foram

embrulhados em lençóis brancos e dispostos, ordenadamente, imaculados, em seus batalhões silenciosos, no campo atrás das tendas.

Finalmente, quando o amanhecer iluminou um céu tão vermelho-sangue e ameaçador quanto as armas dos homens ao seu redor, tudo ficou quieto. A batalha acabara, embora os homens ainda sangrassem, sofressem e morressem... e ela continuou seu trabalho, esperando com o coração na boca que Dannon aparecesse.



Laen amaldiçoou e afastou a sensação dolorosa de pânico que estava corroendo algum lugar em seu peito. Havia cavalgado quilômetros e quilômetros ao longo da fronteira da Floresta Dark e ainda não havia encontrado nenhum sinal de Corin. Laen sabia que era para lá que ele estava indo, a extensão que contornava a própria terra de Corin, o lugar onde sua magia seria mais forte. Queria gritar, mas algo o impediu. O silêncio estava muito opressor, muito intenso para ser quebrado. Laen se virou, olhando para trás. Sentiu como se estivesse sendo observado e uma pontada de medo percorreu sua carne como formigas.

Quando meninos, os dois se assustavam até a morte com histórias malucas do velho Jacques... até que Corin foi sozinho para a floresta naquele dia. Depois disso, o pesadelo tornou-se real demais para que houvesse alguma diversão nele.

Que Corin havia retornado aqui, sozinho... *deuses*.

A batalha estava vencida, é claro. Alguns homens haviam escapado, enlouquecidos de medo, balbuciando, além da sanidade e com terror em seus olhos.

Laen orou para que tivesse valido a pena.

Ele parou e respirou aliviado ao ver Corin, de costas para a Floresta Dark, olhando para o campo de batalha. Corin apoiava um braço contra seu peito, o pulso enrolado em um pedaço de pano que havia rasgado de sua camisa. Já estava escuro com o sangue que continuava a escorrer lentamente pelo braço até o cotovelo, pingando no chão.

— Corin! — Laen chamou, perturbando o silêncio sinistro enquanto desmontava e corria em sua direção.

Corin não se moveu e Laen não tinha certeza se o ouvira ou não. Apenas ficou parado, imóvel, com os olhos vazios, enquanto os homens trabalhavam para limpar os mortos no campo à sua frente.

— Corin?

— Nossas perdas? — perguntou, com a voz baixa.

— Poucos — relatou Laen, aliviado.

— Uma bela vitória então.

Laen franziu a testa para ele, perturbado pelo tom de sua voz, monótona e sem emoção. Havia uma aura de magia que ainda se agarrava a Corin, um poder sombrio e terrível que percorria sua pele. Isso fez o sangue de Laen gelar.

— Você está bem? — perguntou, querendo colocar uma mão tranquilizadora no ombro do amigo, mas descobrindo que não conseguia tocá-lo.

— Estou vivo.

Laen olhou-o, profundamente perturbado com a afirmação, embora estivesse feliz por ser verdade.

— Você conseguiu, Corin — disse ele. — O que quer que tenha acontecido aqui esta noite não será esquecido. Vão pensar duas vezes antes de enfrentar você novamente.

— Não será esquecido — repetiu Corin em voz baixa. Ele riu então, um som perturbador e amargo. — Mas isso não mudará nada. Auberren continuará enviando seus homens para o matadouro. Quantos devo matar para chegar a Aos Sí?

— Encontraremos uma maneira de reduzir ao mínimo as perdas de ambos os lados — respondeu Laen. Ficou chocado com o horror da batalha que enfrentaram e não desejava ver uma nova matança generalizada. Era diferente de tudo que já enfrentara antes. — Temos tempo agora. Não atacarão Alfheim novamente, podemos descansar e planejar nosso ataque.

Corin fechou os olhos e Laen teve a estranha sensação de que estava ouvindo algo que ele não conseguia. — Não tenho esse tempo, Laen — disse ele, com palavras urgentes. Os olhos de Corin se abriram e a intensidade de sua expressão fez com que a preocupação de Laen se aprofundasse ainda mais, embora ainda evitasse olhar o amigo diretamente nos olhos. — Devo agir, e rapidamente ou perderei a sanidade antes mesmo de chegar perto da capital.

Laen franziu a testa, preocupado com suas palavras. — É Jacques? — perguntou, aproximando-se, apesar de sua relutância em chegar perto da estranha aura do amigo.

— Não. — Corin se mexeu, flexionando os dedos e olhando para o sangue que escorria por seu braço em um fluxo constante. — Embora eu tenha passado a noite na mente de um deus, e acredite... isso foi o suficiente para fazer minha sanidade fugir.

Corin finalmente se virou e encontrou seus olhos, Laen respirou fundo com o desespero que viu ali.

— Deuses, Laen — disse ele, com a voz cheia de horror. — Sinto que nunca mais poderei fechar os olhos. As coisas de que sou capaz — Corin sussurrou, fitando Laen, seus olhos dourados arregalados e aterrorizados. — Não sei se... Talvez eu...

Laen agarrou-o pelos ombros, estremecendo quando o poder tomou conta de suas mãos. — Pare com isso! — ele gritou. — Fez o que tinha que fazer... *assim como eu*. Nós dois concordamos que isso era o necessário. A longo prazo, salvará vidas. Até os fanáticos de Auberren hesitarão quando souberem disso. — Parou e respirou fundo, tentando se acalmar tanto quanto Corin. — Estavam em Alfheim, Corin. *Eles* vieram aqui. Eles trouxeram a batalha até

você e perderam. Seja grato por isso... e siga em frente.

Corin apenas o olhou por um momento, mas Laen teve a sensação inquietante de que não o estava vendo de verdade. — Sim. — Ele assentiu. — Sim claro. — Laen o soltou, mas Corin parecia atordoado, desconectado, como se não estivesse realmente prestando atenção à conversa deles. — Devo lhe agradecer — disse ele de repente, voltando-se, os olhos ferozes e febris. — Por tudo, Laen. Não mereço tanta lealdade.

— Cale a boca, idiota — respondeu Laen, sua preocupação crescendo a cada momento. — Acho que perdeu muito sangue. Vamos, deveria cuidar desse ferimento antes de ficar todo mole comigo.

Corin franziu a testa e seguiu o olhar de Laen até seu pulso, como se o estivesse vendo pela primeira vez. — Oh — disse ele, balançando a cabeça. — É a marca Jacques. Não há necessidade. Não há nada a ser feito para isso. O sangramento irá parar em breve. — Corin ficou olhando para o ferimento e depois piscou. — Onde está Cérbero?

— Está amarrado ao lado do seu cavalo. O diabo bobo latiu até ficar rouco, segundo todos os relatos.

Corin assentiu e ficou olhando-o por um momento, embora Laen tivesse certeza de que ainda não o estava vendo, e então se virou e começou a se afastar.

— Ainda acho que deveria deixar Anaïs ver este ferimento — Laen gritou, mas não obteve reação. — Corin! — gritou de novo, perplexo com o comportamento perturbador do amigo. - Aonde está indo?

Corin parou por um momento, mas não se virou. — Para casa — disse ele, as palavras quase inaudíveis, e foi embora.

CAPÍTULO 42



Anaïs inclinou-se para ajustar a tipoia que havia feito antes de dar ao soldado um sorriso tranquilizador.

— Pronto, tudo feito. Tenha uma viagem segura para casa.

O homem retribuiu o sorriso dela agradecido e Anaïs recuou para descer da carroça que transportava os homens feridos para casa. Ela se engasgou quando um par de mãos imundas cobriu seus olhos por trás e as afastou com a intenção de protestar. Girando, se virou para encontrar Dannon sorrindo para ela.

Anaïs não disse nada, mas lançou os braços ao redor dele e beijou-o com força, para grande entusiasmo dos homens atrás dela, que fizeram sons de encorajamento. Ela corou e os silenciou, repreendendo-os por se comportarem mal. Eles pediram desculpas, embora com sorrisos e piscadelas impenitentes, mostrando claramente em seus rostos sua gratidão para com *la Guérisseuse*.

Anaïs sorriu para eles, sentindo uma profunda sensação de paz crescendo em seu coração e sabendo que finalmente havia encontrado seu lugar no mundo. Salvara a vida de centenas de homens nas últimas horas e, ao contrário da emoção de poder que acompanhava tirar uma vida, agora tinha uma sensação mais duradoura de contentamento em seu interior. Um sentimento que foi completado pelo homem parado ao lado dela. Anaïs o olhou impressionada pela certeza, pelo acerto de sua presença, pelo conhecimento de que havia encontrado nele tudo o que poderia precisar. Orou para que ele tivesse a mesma sensação de conexão, que Anaïs fosse tudo o que ele queria.

Ambos estavam cansados, desgrenhados e ensanguentados e ela tirou o cabelo sujo dos olhos com um sorriso. — Estou tão feliz por ter vindo — ela disse, porém, enquanto estivera em meio a uma cena de devastação, pôde entender a expressão cética de Dannon.

— O quê? — ele perguntou com as sobranceiras erguidas.

— Com você, quero dizer — disse ela, inclinando-se para ele e fechando os olhos enquanto os braços de Dannon a envolviam, segurando-a perto. — Estou tão feliz por ter vindo com você. Pertencço a este lugar. O trabalho que fiz hoje, o que comecei na casa do Príncipe Corin, parecem certos. Preciso fazer isso, estar aqui... e preciso estar com você.

Ela o olhou e viu seus olhos escuros brilhando de emoção e, embora não tenha dito nada, a puxou ainda mais para perto e a beijou, e isso era tudo que Anaïs queria.

Eles dispensaram os últimos feridos e os curandeiros até que restassem apenas alguns soldados, empacotando as tendas restantes e descartando as armas. A paisagem parecia assustadora ao redor deles, uma sensação estranha caindo sobre a terra enquanto uma névoa ondulava sobre os campos circundantes. Era dia, mas as nuvens tinham uma cor curiosa, lançando uma

luz amarela sinistra sobre tudo.

— Minha casa não fica tão longe daqui — disse ele, enquanto voltavam para onde suas caixas de remédios estavam esperando para serem colocadas no próximo carrinho. Dannon deu-lhe um sorriso que fez seu estômago revirar.

— Oh, sério? — disse ela, com um tom indiferente.

Ele bufou e puxou um de seus cachos loiros com um sorriso provocador. — Sério.

Anaïs se virou para encará-lo e cruzou os braços, arqueando uma sobrancelha. — Bem, nesse caso, por que diabos ainda estamos aqui?

Ele franziu os lábios parecendo preocupado. — Um argumento justo — disse ele, balançando a cabeça gravemente. — Vou procurar um cavalo para nós — gritou ele, as palavras apressadas enquanto corria, e depois retrocedendo enquanto apontava para ela e gritava. — *Não vá embora!*

Anaïs riu dele deliciada, surpresa e satisfeita por vê-lo se comportar de maneira tão despreocupada e boba. Dannon havia mudado muito, desde o homem sério e tenso que entrara na padaria naquele dia fatídico. Correu de volta para suas malas médicas, guardando os últimos suprimentos com cuidado para que sobrevivessem à viagem por estradas esburacadas. Passos atrás dela chamaram sua atenção e se virou para ver três soldados se aproximando, com rostos sérios. — Está sozinha, Madam?

— Sim — ela respondeu, tirando o cabelo dos olhos enquanto olhava para eles. — Por quê?

Um dos homens que ela reconheceu como alguém que havia tratado de um pequeno ferimento causado por uma flecha no ombro, aproximou-se.

— Ainda há soldados Light Fae por aí — disse ele, com os olhos preocupados por encontrá-la sozinha. — São apenas retardatários e estamos prendendo-os, mas parecem determinados a causar problemas. Só não saia sozinha, é perigoso.

Anaïs concordou com a cabeça, sentindo-se subitamente pouco à vontade enquanto eles se afastavam. Virou a cabeça, examinando o campo para ver Dannon quando desaparecia no topo da colina até o lugar onde os cavalos haviam sido encurralados.

—Dannon! — ela o chamou, de repente precisando da sua presença enquanto sua pele começava a arrepiar de desconforto, mas ele estava longe demais para ouvi-la.

Algum sexto sentido a incomodava, ficou de pé e correu atrás dele. Havia um bosque à sua direita e um leve movimento agitando a vegetação rasteira a fez virar a cabeça.

—Dannon! — ela gritou, correndo em sua direção. Ele se virou e desembainhou a espada, os olhos arregalados enquanto Anaïs corria. Ela olhou para trás e o empurrou para baixo enquanto flechas zumbiam no alto. Fechou os olhos e rezou, sacudindo-se enquanto elas caíam ao redor deles. Houve um baque nauseante. Seus olhos se encontraram e Anaïs se engasgou

de horror ao olhar para baixo e ver a flecha.

Por um momento não conseguiu compreender o que havia acontecido, era tão estranho o modo como aquilo se projetava para fora de seu corpo. Mas eventualmente a dor começou e Anaïs aceitou que uma flecha a atingira nas costas e tinha atravessado seu peito.



Dannon congelou, olhando para ela horrorizado, seu cérebro se recusando a compreender o que estava vendo.

— Anaïs! — gritou ele, o coração suspenso sobre o vazio, lançado subitamente às profundezas do seu pior pesadelo. — Oh, deuses, *não!* Por favor... — Ele a segurou olhando em seus olhos que estavam assustados e cheios de dor. — Me diga o que fazer... como posso ajudá-la?

Anaïs olhou para suas mãos trêmulas, para a mancha escura de sangue encharcando o tecido de seu vestido e balançou a cabeça, os olhos brilhando de lágrimas.

Não! Não! Dannon não aceitaria isso. Era a maior curandeira que as Terras Fae viram durante séculos. Este não era o destino dela. Isso não estava certo. Ele não aceitaria isso. Não podia!

— Vou procurar ajuda — disse ele, mesmo sabendo que todos os curandeiros já haviam ido embora. As palavras apressadas e distorcidas, sua voz trêmula enquanto as lágrimas caíam sem controle.

— Não! — gritou ela, sua respiração saindo em pequenos suspiros irregulares. — Não... não vá embora... — Anaïs agarrou sua mão, segurando-o com tanta força e Dannon aninhou a cabeça dela contra o peito, apavorado com a extensão do ferimento, com a cor de seu lindo rosto, como lutava para aguentar.

— Mas, meu amor, precisa de ajuda... — ele implorou, engasgando-se com as palavras enquanto a emoção entupia sua garganta. Deuses, não. Por favor, não... ele não poderia sobreviver a essa dor. Não queria sobreviver, não sem ela.

Anaïs balançou a cabeça mais uma vez, lágrimas escorrendo por seu rosto enquanto alcançava o rosto dele, tocando-o com uma mão mortalmente fria.

— Não! Não! Não! — ele implorou, balançando a cabeça e soluçando enquanto se agarrava a ela. — Anaïs você não pode, não pode me deixar agora... Por favor, eu imploro! Você pode se curar! — Dannon gritou, enquanto ela lutava para respirar tentando encontrar as palavras, uma forma de contar o que ele sabia em seu coração que era inevitável.

— Então... desculpe... meu... meu... — A respiração dela começou a ficar rouca e agarrou-se a mão dele, mais uma vez, o medo no brilho único dos olhos que estavam ficando cada vez mais opacos.

— *Não, não, não...* — ele gritou as palavras aos deuses, negando-lhes o direito a ela, mas não conseguiu impedir que isso acontecesse. — *Alguém me ajude!* — O horror disso era incompreensível e ele chorou e a abraçou, balançando-a para frente e para trás como uma criança e esperando enquanto a

vida dela se esvaía... e levava seu coração junto.



Claudette observou os homens chegando, as figuras se movendo através de uma névoa amarelada e doentia que fez seu coração doer de preocupação. Ela abraçou-se enquanto o frio do dia parecia sugar o calor de seus ossos, apesar do pesado xale em volta dos ombros.

Sorriu e cumprimentou os homens quando passaram, alguns feridos, deitados na traseira das carroças, alguns a cavalo, centenas a pé, todos ensanguentados e imundos. Muitos deles estavam rindo, animados após a vitória, mas todos com aquele mesmo olhar, seus sorrisos escondendo as lembranças de coisas que provavelmente reapareceriam como fantasmas terríveis atrás de suas pálpebras quando tentassem dormir.

Claudette os examinou enquanto passavam, seus olhos percorrendo cada rosto, procurando o único que realmente importava para ela. Sabia que Corin estava vivo, é claro. E em segurança.

As mensagens chegaram por falcão. Os pedacinhos de papel e as palavras minúsculas amarradas em suas patas causavam um terror vasto e ilimitado em seu coração toda vez que via o brilho de uma pequena forma escura, circulando no alto.

Então o viu e seu coração deu um pulo, a respiração presa na garganta. Corin cavalgava ao lado de Laen, seu amigo lançando olhares ansiosos para ele, e a alegria dela diminuiu e desapareceu quando realmente olhou-o. Estava pálido e desgastado, seu rosto bonito e rígido, seus olhos exibindo uma estranha qualidade vazia que a fez querer chorar e se enfurecer pelo que quer que tivesse colocado aquele olhar ali. Enxugou os olhos e se perguntou se algum dia veria novamente o brilho travesso nos olhos de Corin, que passara a adorar.

Cérbero estava sentado na frente dele, protegendo ferozmente seu mestre, seus braços se curvando em um rosnado se alguém, até mesmo Laen, chegasse perto demais. Claudette ofegou alarmada quando um uivo terrível soou no grande salão atrás dela. Os lobos começaram a uivar vinte minutos antes do exército ser avistado. Claramente, onde quer que estivessem trancados desta vez, não fora mais eficiente do que o local anterior, pois escaparam de seus limites e passaram por Claudette com uivos ensurdecedores. Eles cercavam o cavalo de Corin agora, fazendo a fera balançar a cabeça e dançar com passos altos e nervosos enquanto os enormes lobos o flanqueavam. Cérbero olhava para eles com desdém, claramente acreditando ser o Alfa desta matilha em particular.

Os homens de Laen seguiram para os campos que rodeavam os jardins da propriedade, onde montariam as suas tendas, sendo os oficiais e as patentes mais altas alojados nos edifícios externos perto da Bertulf House.

Claudette sabia que Laen havia mandado chamar Océane, sua melhor amiga Carla e sua irmã Aleish, pois o quartel-general militar estaria aqui agora e ele permaneceria com Corin. Seu pai, o rei Braed, chamara de volta o

exército, como sabiam que faria e agora Laen estava agindo contra seu próprio rei — uma ofensa traiçoeira. Era mais seguro que sua família ficasse aqui para evitar que caíssem nas mãos de Braed, sendo usadas contra Laen. Claudette sabia que nunca seria capaz de retribuir sua lealdade com gratidão suficiente e só podia imaginar o peso da culpa que Corin devia estar carregando.

Ela se remexeu nos degraus enquanto um fluxo interminável de homens passava e Corin finalmente parou seu cavalo. Ele a olhou como um homem perdido no deserto fitando um oásis, a expressão tão cheia de saudade e desejo que sua respiração ficou presa na garganta. Claudette desceu correndo os degraus, passando pela multidão de homens, desviando dos cavalos e empurrando os lobos para fora do caminho até alcançá-lo. Agarrou a mão dele, seus olhos pousaram na bandagem ensanguentada em seu pulso, e Corin a encarou sem dizer uma palavra, apertando seus dedos antes de desviar o olhar e desmontar.

Laen foi até ele, acenando para Claudette. — Vou mandar os homens montarem uma sala de comando e tudo estará pronto pela manhã. Não há necessidade de você fazer mais nada esta noite — ele disse, e Claudette pôde ver a preocupação nos olhos de Laen enquanto examinava seu amigo. Laen se virou para ela e Claudette entendeu o apelo silencioso que estava fazendo. — Claudette, leve-o embora e *faça-o* descansar ou ele não servirá para nada.

Corin bufou, ocupando-se em desfazer a cilha de sua montaria, embora um cavaliço estivesse de pé esperando para tirar o cavalo dele. — Coloque-o no comando do maldito exército e agora está me dando ordens — murmurou.

— Vá — disse Laen, apontando para a casa, com a voz severa e irritada e apenas um pouco provocadora, antes de encontrar os olhos de Claudette mais uma vez. Estava claramente preocupado que algo estivesse muito errado.

Claudette pegou a mão de Corin, sorrindo-lhe e puxando-o para longe. Ele a seguiu sem dizer uma palavra, Cérbero e os lobos perseguindo cada movimento seu. Varge se virou e atacou o cachorrinho, fazendo Cérbero rosnar e latir, embora estranhamente não fizesse barulho.

— Calma, rapazes, calma — disse Corin, seu tom tão cansado que Claudette se perguntou se teria energia para subir as escadas. Tanto o cão quanto o lobo abaixaram a cabeça, repreendidos apesar da suavidade de suas palavras. Eles entraram na casa, abençoadamente silenciosos depois da agitação lá fora. Todos os funcionários foram embora, por ordem de Claudette, para ajudar com o novo fluxo de pessoas na propriedade. Corin parou na soleira e fechou os olhos, talvez saboreando o cheiro da casa e de todas as coisas que lhe eram tão familiares. Claudette apertou a mão dele com força e rezou para que lhe trouxessem conforto.



Dannon embalava Anaïs contra ele, chorando por tudo que estava prestes a perder. Ela caíra na inconsciência, sua respiração desesperadamente lenta e superficial. Ele orou a qualquer deus que o ouvisse para ajudá-la, para salvá-

la, faria qualquer coisa... Pagaria qualquer preço...

Sentiu uma presença às suas costas e abriu os olhos para ver uma sombra cair sobre ele.

— Afaste-se, jovem — disse a voz profunda e autoritária. — Temos pouco tempo.

Dannon ofegou em estado de choque e olhou para o homem que havia caminhado atrás dele sem que percebesse. Tinha um rosto bonito e áspero, com cabelos brancos e curtos, fora de moda, parecia ter quase cinquenta anos, o que para os Fae significava que era realmente velho.

— Quem é você? — Dannon exigiu, ainda sem ousar esperar que o estranho pudesse ajudá-lo.

O homem sorriu, o movimento enrugando seus profundos olhos azuis que eram calorosos e cheios de segurança. — Eu sou *Le Guérisseur*.



— Corin? — Claudette disse com a voz suave e o coração partido ao encará-lo.

Por um momento pensou que ele não tinha ouvido enquanto olhava para o teto pintado do grande salão. Representava um rei reivindicando suas terras e seus oponentes morrendo queimados atrás dele, enquanto os deuses riam.

— Corin — ela disse novamente, colocando a mão no braço dele. Ele se virou para ela então, como se tivesse acordado de um sonho e agarrando sua nuca, puxou-a para si, seus braços segurando-a com uma força impossível enquanto sua boca encontrava a dela em um beijo abrasador. Quando ele se retirou, seus olhos estavam em chamas, sua respiração áspera e urgente e Corin subiu as escadas de dois em dois, puxando-a atrás dele. Claudette manteve as saias longas fora do caminho, apressando-se para acompanhá-lo enquanto a puxava para o quarto e fechava a porta com um chute. Caiu sobre ela como se estivesse morrendo de fome, como se precisasse dela para respirar, rasgando os fechos de seu vestido.

Claudette ofegou quando arrancou seu tecido macio dos ombros, puxando-o para baixo e expondo-a até a cintura, a boca cobrindo cada seio por vez. Seus mamilos se arrepiaram e endureceram quando os dentes de Corin raspavam sua carne sensível antes de beijá-la novamente. Suas mãos se enredaram em seus cabelos, puxando sua cabeça para trás enquanto ele dedicava a mesma atenção ao seu pescoço, beijando e mordendo. Estremeceu quando a puxou contra ele e o choque das fivelas de metal frio e dos botões militares cravaram-se em sua pele quente.

Corin a apoiou até que seus joelhos tocaram a lateral da cama e a forçou a cair. Claudette sempre ficara entusiasmada com o lado dominante que Corin às vezes mostrava no quarto e ficava mais do que feliz por ser tratada de maneira um pouco rude nestas ocasiões, mas sentia que agora era diferente. Havia um desespero que parecia ter se apoderado dele e Claudette soube que Corin precisava disso, precisava de algo real, verdadeiro para se agarrar. Puxando as saias para cima, fora do caminho e lutando com o cinto com

impacientes maldições, ele abriu suas pernas e afundou nela com um gemido profundo. Seus dedos agarraram sua carne macia, com tanta força que ela sabia que haveria hematomas pela manhã, então investiu nela, enchendo-a e roubando-lhe o fôlego. Ela se agarrou a ele, ofegante, seu coração batendo forte e tirando dele com a mesma ferocidade, entendendo sua necessidade, o desejo de se assegurar de que ainda estava vivo, uma confirmação de vida, de amor, de tudo que Corin estava lutando para manter.

Não houve sutileza nisso. Não houve nada de sua habilidade e cuidado habituais, nada além de uma tomada desesperada de tudo o que ele temia perder enquanto se agarrava a ela, uma linguagem composta de grunhidos e suspiros, de dentes e línguas e gemidos abafados, até que os gemidos se tornaram gritos, e finalmente acalmado, satisfeito e exausto.

Ficaram deitados juntos, ainda unidos, com a respiração áspera e irregular, e Corin a abraçou, com os olhos fechados. — Desculpe, *ma belle* — ele sussurrou. — Desculpe.

Claudette o olhou intrigada com seu pedido de desculpas, então ele abriu os olhos. Havia tanta tristeza no ouro. — Pelo quê? — ela perguntou, sorrindo para ele.

Ele pegou a mão dela, levando-a aos lábios e dando um beijo suave em sua palma. — Esse não foi o reencontro romântico que eu pretendia proporcionar-lhe — disse ele, abaixando a testa e apoiando-a na dela.

— Talvez não tenha sido como pretendia, mas discordo veementemente — ela murmurou contra os lábios dele, roçando a boca na sua. — Foi desesperadamente romântico.

Houve uma risada, mas não um som feliz. — Desesperado talvez — ele concordou, deslocando-se para tirar o peso dela e puxando-a com ele, mantendo-a em seus braços.

Claudette ouviu enquanto a respiração dele diminuía e se aprofundava. Ela se forçou a acalmar a língua quando teria perguntado a ele o que, como e inúmeras outras coisas sobre o que havia aprofundado o olhar assombrado que espreitava sob aqueles olhos dourados. Claudette pegou as cobertas e puxou-as sobre ele, acariciando seus cabelos com dedos gentis e rezando para encontrar uma maneira de afastar a tristeza de seus lindos olhos quando isso finalmente terminasse.

Claudette cuidou dele enquanto dormia, dificilmente ousando desviar o olhar de Corin, a menos que ele provasse ser um sonho. Ela removeu o curativo imundo e limpou o ferimento irregular e irritado, sabendo que Anaïs precisaria vê-lo e logo. Ela o recuperou com bandagens limpas e ficou ainda mais preocupada porque Corin não se mexera para nada disso.

Ela o abraçou com força quando o pesadelo começou, o pesadelo do qual não poderia acordá-lo desta vez, enquanto seu próprio coração batia de terror. Claudette se perguntou o que o perseguia com tanta força na escuridão, perguntou-se que som era aquele que batia em seus ouvidos tão alto e ferozmente que fazia Corin apertar as mãos sobre eles, murmurando sem

parar: — *Façam isso parar, por favor, deuses, façam isso parar...*

Horas depois, acordou e o encontrou parado na janela.

— Volte para a cama, Corin — disse ela, com a voz suave.

— Não consigo dormir.

— Quem falou em dormir? — Ela baixou a voz, tornando as palavras sedosas e sedutoras.

Corin não precisava de um segundo convite. Ela ofegou quando a pele dele, gelada por ficar tanto tempo na janela, pressionou-se contra o seu calor.

— Não consigo mais calar isso — sussurrou, enquanto envolvia seu corpo no dela.

Claudette puxou sua cabeça contra ela, as mãos emaranhadas em seus longos cabelos. — A terra o chama? — perguntou, sentindo terror enquanto tudo que Corin havia explicado para ela voltava para ele. Foi isso, foi sobre isso que ele a avisou? Havia esperado muito tempo e isso o estava levando à loucura. A ideia fez seu coração congelar de terror.

Ela o sentiu assentir. — Quando começou, anos atrás... Era como uma saudade de algo que não sabemos que queremos, mas agora... — Ele fechou os olhos, o rosto tenso de dor. — Agora é como ouvir alguém que você ama gritando por socorro, como se a terra implorasse para que eu fosse até lá. Está sofrendo e gritando de dor... e só eu posso salvá-la.

Corin enterrou a cabeça contra ela e Claudette o segurou com força. — Mas você vai, Corin, vai fazer o que for preciso.

— Ela quer agora — gritou ele, com a voz abafada pelas cobertas. — Neste minuto! Não quer esperar mais. — Ele olhou para cima novamente, os olhos arregalados de horror. — Isso abafa todo o resto. Mal consigo ouvir meus próprios pensamentos.

Ela o empurrou de costas, deslizando em cima dele. — Escute, partirá com Laen assim que tudo estiver pronto. Fará o que precisa ser feito e a terra terá o que necessita.

— E quanto a Laen? — perguntou, sua voz áspera, irritada e terrivelmente assustada. — O que fará quando descobrir o que fiz? Como vou enfrentá-lo? — Corin cobriu o rosto com as mãos, as palavras angustiadas. — Não posso suportar a ideia de que ele nunca me perdoaria.

Claudette se inclinou, afastando as mãos dele e olhando em seus olhos, desejando saber a coisa certa a dizer. — Ele vai ficar bravo claro, não há como escapar disso — disse ela, com a voz baixa e procurando uma forma de tranquilizá-lo. — Mas quando perceber que você não teve escolha, mudará de ideia. Ele *vai* perdôá-lo. — Rezou para que suas palavras fossem reconfortantes, rezou para que estivesse certa, embora não tivesse como saber. O temperamento de Laen era lendário.

Corin estava quieto, claramente não convencido.

— Isso vai passar, *mon amour* — ela disse, suas palavras agora mais confiantes. Ela acreditava nele. Sabia que era um bom homem. Seria um rei justo e, no final, Laen também veria isso. — A guerra *terminará* e a vida

recomeçará normalmente.

Ele balançou a cabeça, olhando-a enquanto deslizava a mão por suas costas lisas. — O fim da guerra não será o fim dos conflitos, *ma belle* — disse ele, e Claudette não soube se fora o toque dele, ou suas palavras, que a fizeram estremecer.

— O que quer dizer? — ela perguntou, imaginando o que mais havia para temer.

— A terra pode me querer — disse ele, os olhos voltando-se para a janela, para a névoa de cor sombria que girava além do vidro. — E posso ganhar a guerra..., mas o povo é outro assunto.

— As pessoas vão adorá-lo — ela cantou, balançando a cabeça com total convicção. — Como não poderiam?

Ele riu e seu coração ficou feliz em ouvir isso, em saber que ela conseguia fazê-lo rir, mesmo agora. — Acho que pode estar sendo um pouco tendenciosa.

Claudette se inclinou e o beijou. — Talvez — ela admitiu. — Mas o que quer que esteja por vir, enfrentaremos juntos. Não está sozinho, *mon loup*, nunca estará sozinho.

Corin a abraçou, virando-a de costas e encontrando seu lugar no berço de seu corpo. — Eu a amo, *ma belle* — disse ele, as palavras seguras e fortes.

— *Je sais, mon amour.*

CAPÍTULO 43



Claudette ouviu e observou os dois homens, um loiro e outro moreno, enquanto se debruçavam sobre mapas em discussões com seus generais. Ambos eram tão diferentes, mas a amizade deles era muito profunda. Orou para que eles sobrevivessem a tudo o que estava por vir.

Ela esperava que Corin descansasse mais, mas ele estava motivado agora. A necessidade de acalmar a terra antes que ela o deixasse louco o fez acordar muito antes do amanhecer e desesperado para partir.

Eles estavam em profunda discussão quando Océane chegou, mas Laen cruzou o escritório de Corin até ela imediatamente, beijando-a apesar da presença dos militares ao seu redor, e colocando uma mão possessiva sobre o inchaço macio de seu estômago. Claudette viu os olhos de Corin se desviarem para a óbvia gravidez de Océane e ficou chocada com o anseio que viu nos olhos dele. Sabia que não precisava ter ciúmes de Océane, mas já suspeitava há algum tempo que seu filho poderia ser outro assunto. Corin não escondia seu desejo de ter uma família e, embora nunca a tivesse feito sentir-se pressionada de forma alguma, era um conhecimento do qual sempre teve consciência. Especialmente com Océane por perto.

Claudette desviou o olhar e tentou acalmar o medo que a ideia de ter um filho a fazia sentir. Queria fazer Corin feliz, queria mais do que tudo ter uma família com ele. Só que ainda não. Não estava pronta para isso.

Seu pânico crescente foi interrompido pelo som de outra carruagem chegando. Corin praguejou enquanto olhava para ver a rainha descer e Claudette se moveu para ficar ao seu lado. Havia uma expressão no rosto de Audrianne que não era um bom presságio.

— Laen, pode querer aconselhar os homens a procurarem abrigo, temo que haja nuvens de tempestade no horizonte. — Corin dispensou o grupo, e Laen e Océane os deixaram com olhares de pena, enquanto a rainha entrava na sala.

— Não vou deixar você fazer isso! — ela disse, sem preâmbulos. Claudette se perguntou se ao menos havia olhado para o filho, se estava de alguma forma ciente do que Corin estava passando. A raiva queimou em seu peito.

— Bom dia, mãe — respondeu Corin, num tom uniforme enquanto se apoiava na mesa, com os olhos nos mapas e não na rainha. — Diga-me, por favor, o que não permite?

— Não tente brincar comigo — disse ela, com a voz cheia de fúria.

Corin olhou para cima, cruzando os braços enquanto sorria para ela, embora não houvesse humor nisso. — Isso seria, de fato, um empreendimento perigoso.

— Como pode pensar em tomar Alfheim enquanto seu pai ainda está vivo? — perguntou ela, seus lindos olhos arregalados e cheios de reprovação. Claudette ouviu suas palavras sem acreditar nem por um segundo nelas. Audrianne não dava a mínima para Edard, apenas se importava com seu

próprio reinado.

Corin devolveu sua expressão incrédula com um bufo de desprezo, balançando a cabeça em desgosto.

— O fato de você não saber a ironia do que está dizendo me faz temer pela sua sanidade — ele disse, seu tom perigosamente calmo.

Ela se acalmou e depois fungou, acenando com a mão como se estivesse descartando um aborrecimento insignificante. Ela se afastou dele e andou pela sala, olhando para os mapas e para a enorme caixa de areia onde Aos Sí havia sido moldada nos contornos úmidos, e várias linhas de ataque se evidenciavam. — A terra me queria, não ele — ela respondeu sem nenhum traço de arrependimento.

— *Exatamente.*

A voz de Corin estava dura agora. Implacável. Certamente a rainha percebeu que ele não tinha escolha? Não poderia negar seu próprio filho, poderia? Claudette a observou e rezou para que ela não tornasse isso ainda mais difícil para Corin.

— Não vou deixar você tirar isso de mim! — ela gritou, sua voz cheia de mágoa e indignação enquanto as esperanças de Claudette eram destruídas, mas Corin apenas encolheu os ombros.

— Então vai morrer.

A rainha ofegou, chocada com o tom frio de sua voz. — Você faria isso? — sussurrou, incrédula.

Houve um estrondo profundo de trovão acima e Corin levantou-se, agarrando a rainha pelos ombros e parecendo que poderia torcer sua garganta sem arrependimentos. — Ao contrário de você, nunca busquei o poder — disse ele, as palavras furiosas e cheias de raiva reprimida. — Tinha acabado de aceitar o fato de que seria Rei, um dia - em algum momento no futuro. Não *quero* nada disso — ele gritou, enquanto a sala se iluminava por uma luz que estava próxima. — Nunca quis, mas sim, mãe, agora vou pegar o que é meu porquê preciso, porque não tenho escolha! Entende isso? E sabe tão bem quanto eu que se ficar no caminho do herdeiro legítimo, o poder da terra irá matá-la sem pensar duas vezes.

Claudette observou a rainha engasgar-se em estado de choque, seu lindo rosto vermelho de raiva e humilhação, sabendo que o que ele dissera era verdade. — Bem — ela disse, tentando manter uma fração de sua dignidade, embora sua voz tremesse um pouco. — Me matar parece ter se tornado uma espécie de passatempo por aqui!

Corin soltou um suspiro e soltou-a. Parecia cansado e irritado, mas balançou a cabeça, sua voz agora mais suave. — Sinto muito pelo ocorrido, mãe, mas a culpa é sua.

Ela o olhou, sua expressão divertida e um tanto triste. — A menina tem coragem, isso eu admito. Suponho que irá perdô-la — ela exigiu. — Quando for rei?

Corin olhou para ela, seu rosto inexpressivo, seu tom calmo. — Anaïs

salvou a vida de centenas de homens ontem e nunca teria lhe machucado se não tivesse tirado Dannon dela.

Para alívio de Claudette, a rainha assentiu, embora não tenha dito nada. Claudette poderia ter desejado que Anaïs fosse punida no calor do momento, quando a vida de Corin fora colocada em perigo. Mas sabia que o que Corin dissera era verdade, se alguém deveria ser culpada, era a mulher à sua frente agora. Anaïs simplesmente reagira às circunstâncias que a rainha lhe apresentara.

Audrianne se afastou deles, olhando para os mapas das terras espalhados sobre a mesa, mas não, pensou Claudette, realmente os vendo. — Deve ser uma coisa maravilhosa — ela murmurou. — Amar e ser amado, assim.

Corin olhou para Claudette e seu rosto se suavizou quando estendeu a mão para ela. — Isso é.

Audrianne ergueu os olhos e viu o gesto dele, viu o amor nos seus olhos tão claramente quanto Claudette via. Para sua surpresa, a rainha sorriu, o rosto cheio de prazer. — Eu deveria agradecer — ela hesitou, aproximando-se do filho e estendendo a mão também. — Por me salvar, por... por tudo que fez, tudo que arriscou.

Corin sorriu e pegou a mão dela com a mão livre. — Eu não perderia você, mãe.

— Apesar de tudo — ela disse, com um sorriso zombeteiro e os olhos brilhando demais.

— Apesar de tudo — ele concordou. — Oh, e obrigado por mandar seus cachorros embora — acrescentou ele, arqueando uma sobrancelha. Seu tom sarcástico não passou despercebido a Audrianne, que fez uma careta, o rosto escurecendo.

— Ravendell não deveria ter agido daquela forma. Falei com ele — acrescentou ela, apertando a mão do filho antes de soltá-la. — Deve tomar cuidado com ele, Corin. Ele é um homem poderoso, perigoso, e pretende fazer-lhe mal.

O rosto de Corin ficou nublado, seus olhos dourados brilhando com raiva repentina. — Então por que persiste em se associar a ele? — Corin exigiu, e Claudette sentiu o formigamento da magia dele contra sua pele. Estava realmente zangado e, com razão, perplexo pelo fato de sua própria mãe manter tal homem em sua corte, sabendo que suas intenções para com seu único filho eram perigosas.

A rainha sorriu para ele, o rosto plácido. — Houve um imperador humano, há muitos anos que disse: *“Mantenha seus amigos por perto e seus inimigos mais perto ainda.”* Poderá descobrir a verdade disso quando se tornar rei.

Corin olhou-a com desgosto, embora Claudette sentisse que ele aceitara suas palavras enquanto o calor em sua pele diminuía. — Não permitiria que minha corte se tornasse um ninho de víboras como a sua, por qualquer preço.

Antes que ela pudesse responder, ouviu-se o som de outra carruagem chegando e olharam para ver que se tratava do transporte do rei.

— Edard! — ela exclamou, virando-se para encarar o filho. — O que diabos está fazendo aqui?

Corin a deixou sem olhar duas vezes e saiu correndo da sala, com Audrianne e Claudette logo atrás. Corin não se curvou como era esperado dele, mas o rei não estava preocupado com tais assuntos. Deu uma olhada no rosto do filho e abriu os braços para ele, abraçando-o ferozmente.

— Obrigado por ter vindo, pai — disse Corin enquanto se afastava novamente, olhando nos olhos do velho com gratidão.

Audrianne deu um passo à frente, olhando para Corin. — Você mandou buscá-lo?

— Por que não deveria? — o rei exigiu, e ela balançou a cabeça, surpresa com a ferocidade do tom dele. Claudette também o olhou com surpresa e viu, pela primeira vez, o homem que ele havia sido, antes de a rainha dar nós em seu coração.

— Só estava preocupada com você, meu amor — respondeu Audrianne, com um leve rubor nas bochechas. — Sua saúde tem estado muito frágil ultimamente e sabe que viajar não é recomendado.

— Se eu não puder ir até meu filho quando precisar de mim, também estaria morto — ele respondeu, seus olhos castanhos escuros brilhando de raiva e frustração. Ele se endireitou ainda mais, o orgulho preenchendo seu corpo diminuído.

— Mas ela tem razão, pai — Corin respondeu franzindo a testa, e Claudette sabia que estava se censurando, preocupado com o bem-estar do pai. — Não deveria ter pedido, foi egoísmo da minha parte.

— Não seja idiota — Edard retrucou impaciente, balançando a cabeça para Corin com irritação. — Acha que eu não teria vindo de qualquer maneira quando soube do que havia acontecido? — ele exigiu, pousando uma mão nodosa no ombro do filho. — O fato de me querer aqui só alegrou meu coração e me fez acreditar que talvez um velho ainda possa ser útil para você.

Corin riu, parecendo aliviado e divertido enquanto balançava a cabeça. — Pai, sempre foi meu conselheiro mais perspicaz, sabe disso — respondeu ele, em tom sério.

Claudette sorriu. Lembrou-se de Corin dizendo a ela que seu pai sempre fora a voz de sua consciência. O rei raramente ficava bravo com ele quando criança, contou Corin, porque sua decepção era sempre muito pior de suportar e um impedimento maior do que a repreensão mais feroz. Corin insistiu que preferia ter a bunda escalpelada uma dúzia de vezes do que enfrentar a decepção aos olhos de seu pai por seu mau comportamento.

— Bem. — Os olhos do velho brilharam e ele piscou para Claudette. — Talvez o conselheiro mais entusiasmado — respondeu, com um sorriso triste.



Corin pegou o braço do pai e o conduziu para dentro de casa, acomodando-o em seu escritório perto do fogo. Para sua eterna gratidão, Claudette conseguiu persuadir a rainha a se afastar sob algum pretexto e os dois ficaram

em paz juntos. Como sempre acontecia quando estavam sozinhos, Corin ficou com a língua presa. No passado, nunca conseguira compreender como um homem que era tão obviamente poderoso, poderia perder tudo por uma mulher que nem sequer o amava. Agora, porém, tinha uma perspectiva bastante diferente.

— Sinto a terra chamando você — disse Edard sem preâmbulos. — Está muito mais forte agora, desde que parou com seus modos selvagens e se estabeleceu com Claudette.

Corin assentiu, mas não disse nada, perguntando-se o que mais seu pai sabia enquanto se sentava à sua frente. Ele se ocupou por um momento, colocando mais lenha no fogo e cutucando-o com o atizador enquanto faíscas subiam pela chaminé.

— Virá para Vaennstad, para a capital, para reivindicá-la? — Edard acrescentou, sorrindo como se isso fosse uma conclusão precipitada.

Corin engoliu em seco e se ocupou com a bandeja de chá, desejando que Malen os tivesse servido antes de sair e desejando ainda mais poder abrir uma garrafa. — Não, pai — disse ele, erguendo o bule de chá e servindo uma xícara para ambos. — Eu... — Ele largou o bule com força demais e a porcelana da bandeja estalou e chacoalhou. Corin respirou fundo. — Tenho que atender a chamada mais alta.

— Solastire? — Seu pai o encarou surpreso enquanto pegava a xícara e o pires que Corin lhe estendia. — Entendo seu desejo de aceitá-la agora, é claro — disse ele, franzindo a testa, o rosto ficando sério. — A notícia da batalha chegou até mim quando trocamos de cavalos em Ebeltoft — acrescentou e estendeu a mão livre para agarrar a de Corin, apertando-a com força antes de soltá-la. — Estou tão feliz em ver que você saiu ileso — acrescentou ele, com a voz rouca de emoção, embora seus olhos estivessem cheios de preocupação.

Corin tentou sorrir e acenou em agradecimento, mas não disse nada.

— Solastire chama mais alto que Alfheim? — Edard perguntou com descrença nos olhos.

Corin olhou para o fogo e hesitou, com o peito contraído. — Muito mais alto — admitiu ele, limpando a garganta. — Mas..., mas não *só* Solastire.

Ouviu a xícara de porcelana chacoalhar no pires quando o rei a pousou em estado de choque. — *Deuses*, Corin! — Corin engoliu em seco e olhou-o para encontrar uma expressão de orgulho e espanto no rosto de seu pai. O velho apenas o olhou em silêncio por um momento antes de desviar o olhar. O Rei olhou para o fogo antes de balançar a cabeça e voltar-se para o filho com uma expressão de admiração. — Quando nasceu, falava-se... Por causa desses seus olhos — disse ele, sorrindo com carinho. — Sempre soube que estava destinado a ser um grande Rei, mas..., Mas nunca esperei...

— Acredite — Corin disse com um sorriso torto. — Ninguém pode estar mais surpreso do que eu.

O rosto de Edard estava feroz quando falou novamente, apontando para o filho, com os olhos semicerrados. — Os deuses não fazem suas escolhas

levianamente, Corin, se o escolheram para isso, então sabem que tem isso dentro de você.

Corin sentiu uma pontada de medo quando as palavras de seu pai o atingiram, aguçaram sua dúvida incômoda de que até os deuses poderiam cometer erros. — E se estiverem errados? — Corin sussurrou, se perguntando por que *ele*. Certamente os deuses teriam escolhido para isso alguém com menos defeitos do que ele? *Certamente?* Ergueu os olhos querendo perguntar ao pai e viu chocado que o rei havia se ajoelhado diante dele. — Não! — Corin exclamou, horrorizado. Ele se abaixou, procurando a mão de seu pai. — Por favor, pai, não... levante-se!

— Você será o Rei de todos os Fae, meu filho — disse seu pai, sua voz tão cheia de amor e orgulho que o peito de Corin ficou muito apertado, sua garganta seca. — Nunca estive tão orgulhoso em toda a minha vida — continuou o rei, com os olhos brilhando de felicidade. — Sempre temi sair desta vida sem ter realizado nada, sem ter dado nada à minha terra, ao meu povo, mas se tiver ajudado a moldá-lo, a torná-lo o homem que você é... então poderei morrer feliz com esse conhecimento.

Corin ficou ao lado do velho e ajudou-o a se levantar. — Não quero falar de morte — retrucou, sentindo-se oprimido pela fé que seu pai depositava nele. — Preciso demais de você para permitir isso, e *nunca* mais se ajoelhe diante de mim — acrescentou, com a voz embargada.

Ele recostou o velho na poltrona e sentou-se novamente, com a cabeça baixa enquanto se recompunha. Quando olhou para cima, o rei estava fitando-o, com um olhar compreensivo.

— Você não quer isso — disse ele, com tristeza nos olhos.

Corin respirou fundo e balançou a cabeça, perguntando-se se seu pai estava decepcionado com ele agora.

— Suponho que por causa de Laen — acrescentou com um sorriso. — Ele sabe?

— Não.

Edard franziu a testa e assentiu. — Se contar a ele, ficará bravo, furioso na verdade. Poderia muito bem retirar seu apoio — refletiu, indo ao cerne da questão como sempre fazia. — Sem a ajuda dele não chegará a Aos Sí. — Seu pai deu um suspiro pesado, com tristeza nos olhos. — Posso sentir o quão forte Alfheim se afasta, filho — disse ele, com a voz cheia de compreensão. — Diga-me, Solastire chama mais alto?... Com todos os três? — ele hesitou, sentando-se para frente em sua cadeira e olhando para Corin com preocupação. — Quão ruim está?

Corin não falou por um momento, dividido entre tranquilizar o velho da melhor maneira que podia, quando seu pai sentia o cheiro de uma mentira a quilômetros de distância, e apenas dizer-lhe a verdade.

— Partimos quando tudo estiver pronto — disse ele, olhando para olhos tão diferentes dos seus. — Esperamos que o último de nossas forças se reúna aqui antes de marcharmos. Mas..., Mas temo que se não chegar lá logo... vou

enlouquecer.

Seu pai sentou-se para frente, segurando os braços da cadeira. — Mas como vai administrar isso? Como chegará às três capitais a tempo? Pode levar semanas! Mais! E para tomar as terras do pai de Laen, ele lutará contra você até o último suspiro. Laen pode lutar contra você também! E então? — ele gritou alarmado.

Corin engoliu em seco enquanto seu coração batia forte no peito. — Não vou precisar, pai — admitiu ele, em voz alta, algo que ele próprio só havia aceitado nas últimas horas.

Houve um suspiro audível quando o rei entendeu o que Corin estava insinuando. — Mas... isso é inédito — disse ele, balançando a cabeça, claramente se perguntando se a sanidade do filho já estava em dúvida. — Mesmo os mais antigos só pegavam um de cada vez. — Ele recostou-se, olhando para Corin, procurando em seu rosto qualquer sinal de que talvez não estivesse em seu juízo perfeito.

Corin descobriu que não podia culpá-lo e apenas retribuiu com um sorriso ténue.

— Você tem certeza? — perguntou Edard.

Corin assentiu e fechou os olhos enquanto os gritos soavam em sua cabeça. Agarrou a cabeça, cerrando os dentes e cobrindo os ouvidos, embora soubesse que era inútil.

—Corin? — seu pai gritou, e Corin respirou fundo enquanto o som diminuía, por enquanto. Respirou pausadamente, massageando as têmporas com as pontas dos dedos, os olhos ainda fechados.

— Irei para Aos Sí, e quando tomar a terra... todos os Fae me seguirão. — Olhou para o pai e implorou por compreensão. — Não há nada que eu possa fazer para impedir isso — ele sussurrou. — Se eu tentar... isso irá me matar.



Dannon observou com admiração e gratidão enquanto o estranho se aproximava de Anaïs. Havia uma aura de absoluta calma e compreensão em torno do homem. Exalava confiança e segurança e Dannon não teve problemas em depositar fé nele. Havia algo no antigo Fae que aliviou o terror de Dannon e permitiu que ele ajudasse, movendo-se conforme as instruções de seus comandos suavemente formulados.

Dannon olhou maravilhado enquanto trabalhava para curar a ferida mortal, e com tanta gratidão em seu coração que sabia que nunca seria capaz de retribuir.

A respiração de Anaïs se estabilizou, a cor voltando às suas bochechas enquanto o velho trabalhava, sem pressa e com uma certeza tão silenciosa que não havia dúvidas na mente de Dannon de que ela ficaria inteira novamente.

Dannon ergueu os olhos e o curandeiro sorriu, satisfeito.

— Jamais poderei retribuir isso — disse-lhe Dannon, com a voz rouca. — Seja o que for que esteja em meu poder ofertar, porém, é seu, basta pedir. Só precisa nomeá-lo.

O estranho sorriu para ele, com expressão de aprovação. — Fico feliz em descobrir que a ama tão profundamente, e fique tranquilo, vou me lembrar de suas palavras.

Dannon olhou para seu lindo rosto e agradeceu aos deuses por tê-lo ouvido. Esteve tão perto de perder tudo que mal conseguia respirar de terror. — É mesmo, *Le Guérisseur*? — perguntou, balançando a cabeça, espantado. — Todos acreditam que morreu, décadas atrás.

— Era nisso que queria que acreditassem — disse ele, com uma expressão triste. — Mas agora — acrescentou ele, com um sorriso cansado —, agora parece que sou necessário. — Acariciou os cabelos de Anaïs com a mão grande e cheia de cicatrizes, olhando para ela com carinho. — Nós dois somos.

— Então é mesmo o tataravô de Anaïs? — perguntou ele, vendo agora a semelhança naqueles olhos azuis brilhantes.

— Sou. — Sorriu para Dannon, o orgulho em seus olhos bastante óbvio. — E agora — acrescentou ele, levantando-se com um suspiro. — Ela precisa de uma cama quentinha para descansar. Consegue carregá-la? — perguntou, olhando para Dannon em busca de ferimentos enquanto ele também se levantava.

— Até os confins da terra — respondeu Dannon, com um sorriso.

O ancião riu e deu um tapinha em seu ombro. — Felizmente, isso não será necessário.

CAPÍTULO 44



Anaïs acordou com um suspiro quando sua mão foi para o peito, para o local onde a flecha a atingira... e não encontrou nada além de pele lisa. Seu coração pareceu pular antes de continuar batendo muito forte e rápido enquanto se perguntava se estava morta, se aquilo era o paraíso. Com apreensão, abriu os olhos... e encontrou Dannon olhando para ela, um sorriso de tanto alívio e adoração no rosto que sua respiração lhe escapou novamente.

— Oh! — Anaïs se sentou e jogou os braços em volta do pescoço dele. — Isso é o céu! Não me importo se estou morta agora.

Dannon agarrou-a com força e riu, embora fosse um som bastante desesperado. Ela recuou um pouco para olhar para ele, vendo lágrimas escorrendo por seu rosto. — Como fez isso? — perguntou, maravilhada.

— Não fui eu — respondeu, com a voz suave. — Foi ele.

Anaïs virou-se na direção de seu olhar e viu outro homem parado ao lado da cama. Era mais velho, tinha cabelos brancos, mas olhos azuis penetrantes que pareciam terrivelmente familiares. Ela o olhou, perguntando-se se poderia conhecê-lo.

— Eu o conheço, não é? — perguntou, intrigada, e então sua carranca clareou um pouco ao perceber algo. — Você é como eu — disse Anaïs, sorrindo para ele. — Foi você. Você me curou. — O sorriso dela cresceu ao perceber quem ele deveria ser.

Ele riu e foi um som quente, como se estivesse enrolado em um cobertor macio. — Sim, Anaïs. Eu sou Caelum, seu tataravô.

— *Mon Dieu!* — sussurrou, recostando-se nos travesseiros. — Você estava curando na batalha também? — Anaïs perguntou, sabendo que estava certa antes dele concordar. — Foi o que pensei — disse ela, satisfeita por estar certa. — Pude sentir... *algo*. Eu me senti, de alguma forma, mais forte — disse, percebendo que agora também podia sentir isso, uma sensação de conexão, de pertencimento.

— Juntos somos mais fortes — disse ele, sentando-se na beirada da cama.

Anaïs o estudou com interesse. Era bonito, para um homem mais velho. Ela se perguntou quantos anos realmente teria. Afinal, os Fae levaram séculos para envelhecer. — Sabia que eu estava ferida? — ela quis saber, perguntando-se como a havia encontrado.

— Sim — respondeu ele, estendendo a mão. — Pude sentir, somos família, do mesmo sangue... Senti sua dor.

Pegou a mão dele e sentiu o poder que corria entre eles, um zumbido suave. Foi agradável, reconfortante e muito forte. A mão dele era suave e quente na dela, o aperto firme. — Obrigada — disse ela, apertando seus dedos e sentindo-se bastante emocionada por conhecer o avô.

Ele apertou sua mão de volta, sorrindo, e o gesto aqueceu seu rosto, fazendo os olhos azuis brilharem. — Posso garantir que seu jovem aqui já

agradeceu bastante por vocês dois — ele disse com uma risada que só conseguiu fazê-la sorrir.

Dannon balançou a cabeça e seu rosto nunca esteve tão sério. — Nunca haverá agradecimentos suficientes — disse ele, voltando sua atenção para Anaïs. Seu coração bateu forte contra as costelas ao olhar nos olhos de Dannon, pois sabia, sem sombra de dúvida, que era amada.

Caelum olhou para Dannon com o rosto plácido. — Espero que você se lembre disso — disse ele, com a voz suave. Algo nas palavras dele perturbou Anaïs, mas estava cansada demais para pensar profundamente.

Soltou a mão dela e se levantou. — Estou cansado — disse, repetindo os pensamentos dela. — Não sou tão jovem como antes, e os últimos dias cobraram seu preço. Vou deixá-los agora, por favor, sintam-se em casa. Minha casa é a sua casa. — Com isso deu um sorriso para os dois e saiu da sala.

Anaïs observou a porta fechar e se virou para Dannon. Ele pegou as mãos dela e beijou as duas, pressionando-as contra o peito, sobre o coração. — Deuses, Anaïs, nunca tive tanto medo na minha vida. Achei que tinha perdido você. — A voz de Dannon falhou e Anaïs jogou as cobertas para o lado e colocou os braços em volta dele, rastejando em seu colo e agarrando-se a ele.

— Eu também — ela soluçou, lembrando-se com horror da dor, da perda e do medo terrível. — Não queria ir. Não queria deixar você — disse ela, esperando que ele entendesse que havia tentado, tentado tanto manter a vida. — Queria estar com você... sempre.

Ele suspirou e se aproximou mais, beijando-a com ternura. Mas Anaïs não queria ternura. Tirou a camisola pela cabeça e jogou-a no chão. Deitou-se na cama, sorrindo provocativamente e lançando a Dannon um olhar que era puro convite.

Ela sorriu quando ele recuperou o fôlego, seus olhos escurecendo de desejo. Aproximando-se, ele estendeu a mão, os dedos hesitantes enquanto tocava a marca rosa desbotada onde a flecha estivera.

— Caelum disse que você poderia estar cansada quando acordasse — ele investigou, com a voz rouca de desejo, a expectativa em sua voz bastante evidente, assim como a tensão que estava sendo exercida sobre o tecido de suas calças.

Anaïs ergueu uma sobrancelha e franziu os lábios por um momento, considerando, antes de balançar a cabeça. — *Non* — ela disse. — Não estou nem um pouco cansada. — A voz dela era ofegante e baixa, cheia de desejo enquanto a respiração dele ficava áspera e seu olhar vagava sobre ela, seu olhar aquecido era um peso quente em sua pele.

— Tem certeza? — ele pressionou, claramente ansioso para não fazer mal a ela.

Com uma risada baixa, pegou a mão dele e colocou-a sobre seu peito e Dannon respirou fundo. — Estou melhor, Dannon — ela murmurou. — E vou matar quem nos interromper novamente.

Ele riu e rastejou sobre ela, abaixando a cabeça para tomar sua boca. —

Não se eu chegar até eles primeiro — murmurou contra os lábios dela. Seus beijos se tornaram mais quentes e mais exigentes enquanto colocava seu peso sobre ela, sua boca inquisitiva cobrindo cada centímetro de pele, descendo pelo pescoço até os seios.

Ele colocou um mamilo pontiagudo em sua boca e chupou, sua língua sacudindo a pele franzida e fazendo-a gemer e se contorcer de prazer. Sua boca e língua exploraram ainda mais, beijando a curva suave de seu seio e traçando uma trilha úmida pelas costelas até o estômago.

Aqui permaneceu por um tempo, sua língua traçando o contorno do umbigo dela enquanto ela ria e gritava.

— Isso faz cócegas — gritou, agarrando o cabelo dele e tentando fazê-lo parar, mas ele apenas levantou a cabeça e deu-lhe um olhar diabólico de diversão antes de continuar.

Anaïs suspirou de alívio quando ele se moveu ainda mais e depois prendeu a respiração quando a língua quente dele percorreu a pele macia na curva de sua coxa. Um toque leve, quase imperceptível, projetado para provocar e atormentar, e ela respondeu com prazer e frustração combinados. Abrindo mais as pernas, se sentiu devassa, perversa e desesperada por mais, enquanto a risada dele soava contra seu lugar mais íntimo.

— Mais? — perguntou, rindo enquanto dava um beijo na parte interna de sua coxa.

— Sim, sim — ela exigiu. — Se parar, farei você pagar — Anaïs o avisou, ganhando outra risada sombria.

— O desejo da minha lady — murmurou ele, tocando com a língua as dobras macias e secretas que ansiavam por seu toque. — É uma ordem para mim — sussurrou, enquanto ela ofegava e se arqueava embaixo dele, antes de se dedicar à sua tarefa com entusiasmo evidente.

Anaïs alternou entre prender a respiração e expirar com um gemido profundo antes de recuperar o fôlego novamente enquanto a boca hábil de Dannon a mantinha à beira do que poderia suportar. Sua língua, boca e dedos se uniram para lhe dar um prazer como nunca tinha encontrado antes. Anaïs nunca tinha conhecido uma sensação assim, nunca tinha estado tão à vontade e tão absolutamente segura da correção, da certeza do momento. Ela o amava, e amava a maneira como ele a fazia sentir e quando sua boca se fechou sobre o pequeno pedaço de carne que se tornou o centro de seu universo, gritou seu nome e quis que nunca acabasse.

Aos poucos sua respiração se estabilizou e soube que a estava observando, podia sentir seu sorriso presunçoso sem sequer abrir os olhos. O que era bom, pois parecia um esforço grande demais.

Ela o sentiu sair da cama, ouviu o som de roupas sendo tiradas às pressas e decidiu que o esforço poderia valer a pena, afinal.

E valia.

Prendeu a respiração quando ele subiu de volta na cama, estendendo a mão para tocar seu peito musculoso, passando a outra por um braço pesado para

descansar em seus ombros largos.

Dannon olhou-a enquanto se acomodava entre suas coxas mais uma vez e Anaïs engasgou-se quando o comprimento duro dele pressionou contra sua pele lisa.

Seu corpo latejava e doía de desejo e ela se arqueou contra ele, arrancando um gemido profundo e necessitado de seus lábios enquanto Dannon se inclinava e a beijava novamente.

Enrolou seu corpo ao redor do de Dannon, movendo os quadris e encorajando-o a ir aonde precisava dele.

— Ah, meu amor — murmurou, contra os lábios dela. — Preciso disso, preciso de você... muito.

— Sim, sim — murmurou, presa demais em seu próprio desejo para formular uma resposta mais complexa, até olhar nos olhos dele. Ambos pararam por um momento, presos no olhar um do outro.

Então ele se moveu, impaciente tanto quanto ela para finalmente se unirem.

— Eu o amo — ela gritou, enquanto a cabeça dura e quente de seu membro pressionava contra ela, buscando entrada e ele gemia, segurando-a com mais força e enterrando o rosto em seu pescoço empurrando mais fundo.

— Eu também — ele ofegou, enquanto o prazer roubava-lhe o ar e ela o recebia em seu interior. — Eu também a amo.



Dannon acordou com o cheiro tentador de pão fresco e se espreguiçou, satisfeito, sob os lençóis de algodão duro. Suspirou, inundado por uma profunda sensação de felicidade, seu único arrependimento era que Anaïs não estivesse mais na cama com ele. Mas eles não perderam um momento da última noite, lembrou ele com um sorriso maroto.

Considerou esperar que ela voltasse para ele - como sabia que faria - mas decidiu que não podia aguardar. Ele se levantou, com os músculos doendo devido ao esforço excessivo, e teve certeza de que Anaïs era a responsável e não a batalha que havia enfrentado. O pensamento o fez sorrir como um idiota enquanto vestia as roupas e procurava pela camisa no quarto, sem sucesso. Desistiu e foi até a cozinha.

Era uma casinha minúscula, com dois quartos pequenos e um banheiro contíguo, uma cozinha no centro da construção e uma sala de estar. Saiu e encontrou Anaïs - vestindo a camisa dele - com o cabelo recém-lavado e caindo pelas costas em uma onda loira enquanto estava na pia.

Ela se virou ao som da porta se abrindo e sorriu para ele. Secando as mãos rapidamente em uma toalha jogada sobre a mesa, correu pela sala. — Bom dia, dorminhoco. — Pulou em cima dele, envolvendo as pernas por seus quadris e rindo, enquanto Dannon gemia com seu peso repentino. Ela se inclinou e o beijou, sorrindo enquanto ele fingia fazer uma careta.

— Qual — perguntou ele com falsa severidade — é o significado disso?

— Sobre o quê? — ela exigiu, erguendo as sobrancelhas surpresa.

— De você... levantar-se e sair da cama. Não me lembro de ter lhe dado

permissão — ele disse bufando.

— Oh! — ela disse, bufando de tanto rir de um jeito nada feminino, que ele adorava. — Preciso de permissão, não é? — Ela balançou as sobranceiras para ele e Dannon tentou manter o rosto sério, embora sua boca estivesse determinada a se curvar para cima.

— Você certamente precisa — ele repreendeu.

— Ou o quê? — ela perguntou, inclinando a cabeça para o lado e franzindo os lábios de forma provocativa.

— Ou... serei obrigado a puni-la.

Ela mordeu o lábio, os olhos brilhando maliciosamente. — Parece... fascinante.

Ele a virou, apontando-a na direção do quarto e deu um tapa em suas nádegas com força suficiente para fazê-la gritar. — Faça o que lhe mandam, moça!

Anaïs engasgou e se virou, fazendo uma reverência. — Sim, Vossa Graça — disse ela, com um sorriso malicioso e Dannon riu, seguindo-a de perto.



Na hora do almoço, eles se agitaram para sair da cama. Podiam ouvir o avô dela andando pela cozinha e, embora claramente tivesse desaparecido esta manhã, acharam que seria rude ficar longe por mais tempo.

Anaïs sentiu-se à vontade na pequena cozinha e saiu para o jardim de ervas, que era tão maravilhosamente abrangente quanto esperava.

Ela cortou fatias grossas do pão que havia assado naquela manhã e arrumou a mesa com os frios, as saladas e os tomates maduros que encontrara na despensa da Caelum.

Caelum também forneceu uma garrafa de vinho que disse estar guardando para uma ocasião especial e serviu cada um em delicadas taças de cristal. O vinho brilhava, de um dourado profundo, e Dannon fez um ruído satisfeito e apreciativo ao senti-lo contra o nariz.

— Onde esteve todo esse tempo? — Dannon perguntou a Caelum enquanto se sentavam para comer. — Não poderia ter estado aqui o tempo todo, certo? Alguém teria visto você.

— Sim, aqui — respondeu Caelum, assentindo. — Pelo menos por algum tempo — acrescentou ele, parando para tomar um gole de vinho e fazer uma cara de aprovação enquanto o líquido descia. — Mas passei muito tempo no mundo humano. Pesquisando suas doenças e como nossa magia funciona para curá-las. Tentando descobrir por que é tão mais difícil curar as mesmas doenças em nosso próprio povo.

— E você conseguiu? — Anaïs ofereceu-lhe a cesta de pães e ele se serviu de duas fatias, balançando a cabeça.

— Até agora não — ele respondeu franzindo a testa.

— Por que desapareceu? — ela perguntou, cruzando os braços sobre a mesa e observando suas grossas sobranceiras brancas se unirem em uma carranca.

— Estava cansado — disse ele, encolhendo os ombros. Ele a olhou, seus olhos azuis brilhantes pedindo compreensão. — Tenho curado os enfermos - e outros acenam e chamam - durante toda a minha vida. Só precisava de um tempo para mim, apenas... descansar um pouco. Acha isso terrivelmente egoísta? — ele perguntou, seu lindo rosto preocupado.

— *Non.* — Anaïs balançou a cabeça. — De jeito nenhum. Embora... você é *muito* velho? — ela perguntou, se indagando se estava sendo rude.

Caelum riu do nervosismo dela e assentiu, com expressão grave. — Sim, minha querida, *muito* velho mesmo.

Ela fez beicinho, pois esperava que lhe dissesse quantos anos, mas não queria pressioná-lo por uma resposta. — Você sabia? — perguntou ela, de repente. — Que tinha uma filha?

Caelum olhou para ela, uma expressão cautelosa nos olhos que também estavam cheios de culpa. — Não. Não por muito tempo. Na época, eu esperava ter um filho com a mulher que era sua tataravó. — Ele fez uma pausa e deu-lhe um sorriso melancólico. — Ela era uma mulher maravilhosa, mas as coisas... bem, as coisas ficaram complicadas e voltei para cá. Só quando voltei ao seu mundo, muitos, muitos anos depois, é que senti a presença de outra pessoa. Naquela época, sua tataravó havia morrido e... nossa filha havia sido morta durante a guerra. — Anaïs fez um som solidário de angústia, pois descobriu que não sabia bem o que dizer. — Encontrei minha neta — continuou ele. — Mas a essa altura senti que poderia fazer mais mal do que bem dar-me a conhecer a ela. O dom dela não era forte e era casada, tinha filhos, não queria virar a vida dela de cabeça para baixo. — Ele deu de ombros, desculpando-se, e Anaïs assentiu, entendendo por que não manteve contato, embora decepcionada.

Quão diferente teria sido minha vida se eu tivesse compreendido meu dom desde o início? Mas, talvez nunca tivesse conhecido Dannon, pensou ela com um sorriso.

Ela sorriu para ele do outro lado da mesa e pegou sua mão.

— Existem outros? — ela perguntou, voltando-se para Caelum.

Ele balançou sua cabeça. — Já fui casado, mas não tivemos filhos, ela morreu. Enquanto eu estava no mundo humano. Nunca me perdoei por isso.

Anaïs soltou Dannon para estender a mão e pegar a sua. — Sinto muito — disse ela.

Ele encolheu os ombros e assentiu. — Eu também, mas foi há muito, muito tempo... antes de conhecer sua tataravó, devo acrescentar. — Ele hesitou, olhando dela para Dannon e algo em seus olhos fez um arrepio de pressentimento passar por ela. — Somos necessários agora, Anaïs. Você sabe disso?

— Com a guerra quer dizer? — ela disse, perguntando-se por que de repente se sentia tão desconfortável.

Ele balançou sua cabeça. — A guerra certamente trará baixas, mas não, não é isso que quero dizer. Há algo terrivelmente errado no Reino Light Fae. Sei, é

claro, que eles têm usado o portão em nosso reino há muitos anos, embora deversem tê-lo fechado. Sempre foi um segredo aberto. O nosso é um Reino muito grande, muito poderoso para que os reinos restantes os chamem à tarefa sem o risco de iniciar uma guerra, e a sua própria Rainha e o Rei Dark Fae Braed sempre foram da opinião de que isso era assunto deles.

Dannon estava observando-o atentamente. — Houve rumores... — ele começou, e Anaïs pôde ver a preocupação em seus olhos escuros.

— Os rumores são verdadeiros — disse Caelum, interrompendo-o. — Embora eu tema que você possa achar as coisas piores do que imagina.

— Mas os Light Fae vêm se casando com o mundo humano há gerações, por que ficariam doentes também? — Dannon perguntou. — Achei que era um método para dar algum tipo de imunidade a essas doenças.

Caelum balançou a cabeça. — Um equívoco comum. Embora a família real e a nobreza tenham casado entre si, isso não se aplica à população em geral. É verdade que também existem Light Fae no mundo humano, mas aqueles que vão, não retornam. Eles escaparam e não pretendem voltar.

— Mas eu não entendo. — Dannon franziu a testa, sua expressão ficando mais atenta. — Por que não ouvimos nada disso antes? Sempre acreditamos que eles negociavam livremente com o mundo humano, que o portão era usado com frequência.

— E é mesmo — respondeu Caelum, baixando a voz como se pudessem ser ouvidos. — Mas também é fortemente vigiado e apenas alguns indivíduos de confiança têm permissão para transportar mercadorias ou pessoas. As penalidades não devem ser tomadas de ânimo leve e nos últimos anos o Rei Auberren começou a governar as nossas terras através do medo. Nós, os Light Fae, sempre fomos muito reservados por natureza. Não conversamos sobre nossos problemas nem compartilhamos com outras pessoas que não consideramos *como nós* — disse ele, com um suspiro de desgosto. — Auberren também fomentou esses sentimentos de racismo entre nossa espécie, os Elfos e os Dark Fae. Eles se consideram superiores. Você notará que não me incluo nisso — acrescentou ele, agora com a voz irritada. — É uma maneira tola e perigosa de pensar.

— As coisas estão realmente tão ruins? — Anaïs disse, com uma sensação arrepiante de preocupação percorrendo suas costas. — Quer dizer, não é à toa que as pessoas estão partindo para o mundo humano, mas como estão fazendo isso? — perguntou, sentindo-se confusa. — Se eles não podem entrar e os portões estão tão bem guardados?

— Porque pessoas desesperadas sempre encontrarão um jeito — disse Caelum, com uma expressão sombria.

Dannon ergueu as sobrancelhas. — Desesperadas?

Caelum tomou um gole de vinho e assentiu. — Oh, sim, desesperadas, com certeza. — Ele olhou para Dannon com os olhos atentos. — Vou precisar da Anaïs. Haverá muito o que fazer quando Corin tomar a terra. Ela não poderá se estabelecer aqui por algum tempo, entendeu? Não pode mantê-la para si

mesmo quando o povo dela está morrendo.

Dannon balançou a cabeça e Anaïs sorriu com a determinação em seus olhos. — Quase a perdi uma vez, não vou me separar dela.

— Ela deve vir para Aos Sí — pressionou Caelum. — Isso não é algo que eu possa fazer sozinho. — Anaïs olhou para o homem que era seu parente e ficou surpresa com o fio de raiva em sua voz. Suspeitava que seus modos calorosos e gentis não deveriam ser interpretados literalmente.

Anaïs estendeu a mão por cima da mesa e Dannon a pegou. — Sabe que tenho que ir, Dannon. É por isso que estou aqui.

Ele assentiu, franzindo a testa. — Eu sei..., mas se for, vamos juntos. Nunca mais vou deixar você desprotegida.

Ela sorriu, encantada e apertou sua mão. — *Merci*.

— Isso não é tudo. — Eles olharam novamente para Caelum, impressionados com o tom sério de sua voz. Ele se levantou e contornou a pequena mesa de madeira, enchendo os copos enquanto seu olhar tocava cada um deles.

Ele recostou-se na cadeira e suspirou, e Anaïs teve a sensação de que não iriam gostar do que viria a seguir.

— Quando as coisas estiverem mais resolvidas nas Terras Fae, e quando pudermos ser poupados, Anaïs terá que vir comigo, para aprender a usar seus poderes. — Ele a encarou e Anaïs corou um pouco sob a intensidade do seu olhar. — Você tira vidas com muita facilidade, criança. Não posso deixá-los com poderes como os seus e nenhuma orientação sobre como podem e devem ser usados... e como não devem.

Anaïs engoliu em seco e soube que estava certo. Afinal, não era nada que ela mesma não tivesse dito. — Eu sei — disse ela, girando a haste do copo para frente e para trás na mão. — Eu sei, você tem razão. Eu... quase não consigo evitar.

— Com grandes poderes vêm grandes responsabilidades — disse Caelum, balançando a cabeça e voltando sua atenção para encarar Dannon, embora ainda falasse com Anaïs. — Você deve se comprometer com seu treinamento sem distrações se quiser que eu a ajude.

Dannon endireitou-se, franzindo a testa, claramente alarmado com a implicação de suas palavras. — E suponho que sou considerado uma distração?

Caelum assentiu, embora seu rosto se suavizasse um pouco com pesar. — Infelizmente sim.

— Quanto tempo? — Dannon exigiu, seu tom áspero.

— Isso depende de quão rápido ela aprender, mas... talvez até um ano.

— Não! — Houve um grito quando sua cadeira deslizou para trás no chão de ladrilhos. — Não, não vou permitir. — Dannon ficou encarando Caelum que apenas olhou de volta para ele, o rosto calmo e plácido.

— Disse que me pagaria qualquer preço pela vida dela. Você se lembra? Bem, este é o preço que exijo.

Dannon passou a mão pelos cabelos, o rosto cheio de confusão e raiva. Ele sentou-se novamente e inclinou-se para Caelum, estendendo uma mão para ele, num gesto de súplica. — Não, Caelum, *por favor?* Depois de tudo que passamos. Certamente não faria mal nenhum ficarmos juntos?

Caelum balançou a cabeça e Anaïs sabia que não ficaria abalado com isso. Ele já havia decidido. — Essa menina deveria ter sido treinada desde pequena. O fato de que os poderes ainda não a dominaram e contaminaram sua mente é uma prova de seu caráter. Mas se não completar o treinamento o mais rápido possível, nós a perderemos. Certamente você já ouviu as histórias? — Ele demandou. — Sabe tão bem quanto eu como as coisas podem ficar ruins se ela não aprender a se controlar. Não posso permitir que ela queira fugir a cada cinco minutos para ficar com você — disse ele, balançando a cabeça. — E falando sobre ontem à noite duvido que esteja exagerando! — acrescentou, com uma expressão aguçada.

Anaïs corou de horror quando Dannon baixou a cabeça. Ela pensou nas palavras de Caelum e, por mais terrível que fosse a ideia de se separar de Dannon, estava com muito medo de seus próprios poderes. E se perdesse o controle e machucasse alguém?

E se machucasse Dannon?

Ela se levantou e sentou-se na cadeira ao lado dele, pegando sua mão. — Não quero abandoná-lo — disse ela, com a voz baixa. — Não quero que nos separemos nunca, mas..., Mas temo que ele tenha razão, Dannon. Isso me assusta, sabe que sim. Isso também o assusta, você mesmo disse. O que pode acontecer se eu não fizer o que ele diz? O que eu poderia me tornar?

— Eu sei. — Ele assentiu, mas sua voz estava sombria. — Eu sei.

— Sinto muito — disse ela, sentindo um nó na garganta com a ideia de que em breve poderiam se separar. Mas então Caelum disse que isso não aconteceria até que as Terras Fae fossem colonizadas e eles não fossem mais necessários. Neste momento, isso parecia muito distante.

Dannon ergueu os olhos e colocou a mão no rosto dela, sorrindo para Anaïs com tanto amor que sua garganta doeu ainda mais. — Não se preocupe amor, não se livrará de mim tão facilmente. Vou esperar por você.

Caelum olhou para eles e deu uma gargalhada, batendo palmas. — Estou tão feliz por estar certo.

Ambos olharam para ele perplexos.

— Precisava saber que os dois estavam falando sério, que o amor entre vocês é real e verdadeiro, que farão sacrifícios pelo bem-estar um do outro.

Anaïs piscou e não teve certeza se estava mais aliviada do que com raiva. — Estava nos testando? — ela sussurrou. Dannon agarrou-a com mais força, inclinando-se na direção de Caelum, sua voz urgente.

— Não pretende nos separar então?

Caelum balançou a cabeça, embora houvesse advertência em seus olhos. — Ah, farei isso se ela não me atender — ele disse, mas então seu rosto suavizou-se. — Mas sou um bom juiz de pessoas e vejo a verdade em vocês

dois. Seu amor talvez seja algo novo, mas é forte. Isso perdurará e orientará os dois a fazerem a coisa certa.

Anaïs gritou de felicidade e se inclinou na direção de Dannon, beijando-o com entusiasmo.

Caelum pigarreou olhando para os dois enquanto se voltavam para ele, seus olhos azuis brilhando. — E, claro, se quiser tornar as coisas mais permanentes — disse ele, com a boca se contorcendo. — Talvez precisasse de uma *cerimônia de casamento*. — Lançou a Dannon um olhar aguçado que continha ameaça suficiente. — Eu sempre posso ajudar. — Ele acenou com a mão diante dos olhares surpresos que suas palavras produziram. — Só... sugerindo — ele disse com uma expressão inocente.

Dannon bufou e Anaïs caiu na gargalhada e se perguntou há quanto tempo seu avô estivera no mundo humano.

CAPÍTULO 45



Os planos foram feitos, as decisões tomadas com uma velocidade incrível, e Alfheim tornou-se um centro de atividade à medida que eram feitas provisões para um exército em movimento.

Corin passeava pelos jardins junto ao rio com os lobos, e Cérbero, sua sombra constante, trotando em seus calcanhares.

Laen tinha ido passar algum tempo com Océane em particular. Ele os viu partir sentindo ressentimento e culpa. Culpa pelo que iria fazer com Laen, pelo fato de que seu filho não seria o próximo monarca na linhagem depois de seu pai, e ressentimento porque teria dado todos os três reinos em um piscar de olhos, se pudesse viver sua vida com Claudette e uma casa cheia de filhos desordeiros.

A tarefa que tinha pela frente parecia tão vasta e assustadora que não pôde deixar de se perguntar se isso seria algo que algum dia seria capaz de ter.

A manhã havia surgido surpreendentemente cinzenta e fria, com uma névoa espessa assentada no horizonte que girava na superfície do rio, mas não tinha energia para fazer nada a respeito. Até que isso acabasse, não tinha certeza se alguém em seu reino veria o sol novamente. Ele se abaixou e pegou um pouco de hortalã selvagem da beira da água e mastigou as folhas enquanto Cérbero observava-o, com a cabeça inclinada para o lado.

— Não me olhe assim — ele murmurou. Deuses, realmente estava enlouquecendo ao pensar que podia ver a reprovação nos olhos do cachorro, mas era a única maneira de tentar abafar o barulho em sua cabeça. Afinal, não tinha bebido tanto, mas Claudette ficaria preocupada se sentisse o cheiro em seu hálito àquela hora da manhã. Estremeceu, chamando os lobos e voltou pelos jardins. Contornando a frente da casa viu Laen e Claudette conversando, olharam para cima quando se aproximou e Claudette estendeu a mão para ele.

— Aí está você. Perdeu o café da manhã — repreendeu, e ele apertou sua mão.

— Obrigado, *ma belle*, irei me juntar a você em breve. — Ela sorriu e assentiu, deixando-o falar com Laen em particular. — Está tudo em ordem? — ele perguntou, observando enquanto o grandalhão assentia.

— Está, sim. Estamos prontos.

Um grito agudo soou acima e Corin elevou a cabeça, sua atenção voltada para a visão de uma pequena forma negra circulando a casa. Com um som agudo chamou o pássaro e ele mergulhou, cortando o ar como uma lâmina e pousando em seu braço estendido. Corin falou com ele, acariciando suas penas sedosas enquanto Laen desenrolava a mensagem da perna do pássaro.

— O que é isso? — ele perguntou, vendo o rosto de Laen escurecer.

Laen olhou-o. — Finalmente recebi uma notícia do meu contato em Solastire. Pensei que estava morto — ele admitiu. Suas sobrancelhas loiras se juntaram enquanto lia a pequena escrita. — Ele diz que estão enviando

homens para capturar a família de Claudette.

O sangue de Corin gelou com a ideia. Auberren não hesitaria em chantageá-lo por causa da segurança deles.

— Aquele bastardo covarde! — ele se enfureceu, enquanto o pássaro levantava voo alarmado com sua raiva e nuvens escuras se acumulavam no alto. — Vou fazê-lo pagar, Laen. Eu juro! — Passou a mão pelos cabelos e xingou novamente antes de se voltar para Laen. — Quanto tempo temos?

Laen balançou a cabeça. — É difícil dizer, mas se enviarmos homens agora, teremos boas chances de chegar até eles primeiro.

— Bram — Corin disse por cima do ombro enquanto corriam para dentro de casa. — Claudette parece tê-lo sob seu feitiço. Acho que faria qualquer coisa por ela.

— Sim — concordou Laen. — Se mandarmos ele e cinco homens?

Corin assentiu e os dois homens invadiram a sala.

— O que é isso? — Océane ofegou alarmada, quase derrubando sua xícara de chá.

— *Ma belle* — disse Corin, passando por Océane e estendendo as mãos para Claudette.

Ela se levantou e correu até ele, pegando suas mãos com medo nos olhos. — O que está acontecendo? — perguntou, alarmada.

Ele segurou as mãos dela e manteve a voz baixa e calma. — Você me disse antes que acreditava que sua família ficaria longe de casa por algum tempo — ele disse, lembrando-se de uma discussão recente e sabendo que Claudette estava ansiosa para voltar e vê-los assim que pudesse. — Disse que havia um feriado, que reservaram um hotel há alguns meses. Lembra quando?

— *Oui*. — Ela assentiu, perplexa. — Eles deveriam ter saído há alguns dias. Foram ficar com amigos na Córsega.

Corin suspirou de alívio e sentou-se no braço da cadeira que acabara de desocupar. — Graças aos deuses.

— Por quê? — ela exigiu, com a voz tensa. — O que é isso?

— Auberren enviou homens para pegá-los — respondeu Corin, apertando as mãos dela. — Pretende usá-los para me chantagear.

— Oh! — ela gritou, a cor saindo de seu rosto rapidamente. Ela puxou suas mãos, colocando-o de pé novamente. — Jean-Pierre! — disse angustiada. — Meu irmão, Jean-Pierre. Ele ainda está lá!

— Vou buscar Bram — disse Laen, correndo da sala e gritando pelo corredor.

Claudette começou a chorar e Corin a abraçou, puxando-a para seus braços e acariciando seus cabelos. — Não se preocupe, *ma belle*, temos tempo. Enviaremos Bram com alguns bons homens, ele não irá falhar com você. Sabe disso.

— Mas Bram nunca sequer passou pelos portões — protestou Claudette. — Ele não sabe nada do mundo humano.

— São poucos os que o fizeram em meu reino, Claudette, mas Bram não é

bobo — disse ele, enviando orações aos deuses para que aquilo fosse verdade. Bram era famoso por se meter em encrencas, mas certamente seus anos como fora-da-lei lhe ensinaram bem. — Venha, sabe que ele faria qualquer coisa por você, encontrará Jean-Pierre e o trará até aqui em segurança.

— E se Jean-Pierre não vier? — Claudette disse, enxugando os olhos. — Vai pensar que Bram é um lunático se começar a falar sobre as Terras Fae!

Corin franziu a testa e assentiu, aceitando seu argumento. Bram não teria tempo a perder tentando provar seu ponto de vista. — Deve escrever uma carta para ele — disse Corin depois de pensar por um momento. — Algo breve e direto, explicando que deve vir com Bram para sua própria segurança.

— Meu irmão é teimoso como uma mula, Corin — disse ela, com expressão duvidosa.

Corin sorriu e a beijou. — Um traço de família, sem dúvida — ele disse, e então balançou a cabeça quando Claudette abriu a boca para protestar, pois não havia tempo para brincadeiras. — Vou convencê-lo, meu amor, não se preocupe.

— Você?

Ele assentiu e colocou a mão em seu rosto, enviando sua magia dançando sobre sua pele até que ela estremeceu. — Um pequeno truque, *ma belle* — disse, com um sorriso triste. — Vou colocar um pouco de magia por trás de suas palavras. Quando ele as ler, ficará convencido, eu prometo.

Ela se engasgou e o fitou com seus olhos grandes. — Você nunca deixa de me surpreender — ela sussurrou.

Ele sorriu e levou a mão dela à boca, beijando-a com ternura. — Vou me esforçar para continuar fazendo isso — disse ele, mordiscando a ponta de um de seus dedos. — Se prometer que vai continuar me olhando desse jeito.

Claudette suspirou e o abraçou com força. — Jean-Pierre estará seguro? — ela perguntou, com um pouco menos de medo na voz agora.

— Bram não vai nos decepcionar, *ma belle*, tenha fé.

Os vinte minutos seguintes foram de muita atividade. Laen escolheu cinco bons homens para acompanhar Bram, enquanto Claudette e Corin anotavam o endereço de Jean-Pierre e desenhavam um mapa de como encontrá-lo. Claudette e Corin então deram a ele um curso intensivo sobre o que esperar do mundo humano.

Bram ouviu, com os olhos cada vez mais arregalados, enquanto explicavam sobre carros, telefones celulares, eletricidade e qualquer outra coisa em que pudessem pensar.

— Não vou decepcioná-lo, Vossa Alteza — disse Bram, fazendo uma reverência formal a Corin.

Corin sorriu, estendeu a mão para ele e depois a colocou em seu ombro. — Confio em você, Bram, senão não iria. — Corin ficou satisfeito com o orgulho nos olhos do homem. Faria tudo o que pudesse, Corin teve certeza quando Bram se virou para Claudette.

— Seu irmão estará seguro — disse ele, com a voz grave. — Eu prometo.

Claudette piscou para afastar as lágrimas e o abraçou, beijando sua bochecha e Corin reprimiu um sorriso enquanto Bram corava e olhava para Corin com desconforto.

— Você tem permissão — Corin respondeu, seu tom seco. — Só por hoje — acrescentou, caso haja alguma dúvida.

— Mas, Corin, as roupas dele! — Claudette apontou quando Bram estava prestes a montar em seu cavalo. Bram ergueu as sobrancelhas para ela e olhou para si mesmo com uma carranca.

— Não há tempo, *ma belle* — respondeu Corin, balançando a cabeça. — Simplesmente vão pensar que ele é um pouco... excêntrico, o que está próximo o suficiente da verdade.

Claudette assentiu, mas pareceu cética. Corin olhou para os punhos de renda de Bram, a longa jaqueta de veludo e as botas pretas até os joelhos e esperou que o homem não se esforçasse para chamar a atenção. Combinado com suas pistolas e a espada, os brincos e as joias brilhando em seus dedos, parecia um figurante de algum épico de pirataria.

— Precisarão escondê-los ou será preso. — Claudette apontou para as armas e Bram assentiu.

— Não se preocupe — disse ele, embora Corin pensasse que parecia muito nervoso. — Vai ficar tudo bem. — Ele fez uma reverência para os dois e montou em seu cavalo. Eles o observaram partir, Claudette agarrada ao braço de Corin enquanto Bram e seus cinco guardas saíam dos estábulos e seguiam em direção aos portões.

— Eu confio nele, Claudette — Corin disse, com a voz baixa.

Ela assentiu, piscando para afastar as lágrimas. — Eu também.



Dannon e Anaïs sentaram-se juntos à mesa, muito depois de Caelum ter saído sob o pretexto de precisar cuidar de seu jardim.

Dannon franziu a testa e voltou seus pensamentos para a sugestão de Caelum. Ainda estava zumbindo em seus ouvidos e tinha certeza de que Anaïs também estava ciente desse fato. Pensou que deveria estar ressentido pelo fato de Caelum os estar pressionando a se casar, mas na verdade não podia fazer nada para impedir que o sorriso estúpido se curvasse em sua boca.

Haveria problemas, sem dúvida. O fato dele, um duque, estar se casando com uma mulher humana sem dúvida levantaria sobrancelhas, mas se isso fosse bom o suficiente para o futuro rei de Alfheim, não via por que alguém deveria olhar incrédulo para ele. Não que se importasse. Qualquer pessoa que expressasse descontentamento em sua presença se arrependeria com rapidez e sinceridade.

Dannon limpou a garganta, sentindo-se subitamente um pouco estranho. Sabia que Anaïs o amava. Parou por um momento para permitir que esse fato realmente fosse absorvido. Isso se instalou em seu coração, quente, certo e inegável. Seu sorriso se alargou por um momento antes de tremer de dúvida. E se ela não quisesse se casar com ele? Afinal, era humana e muito jovem. Já

havia expressado sua opinião sobre a idade dele. E se achasse que ele era velho demais para se casar?

Anaïs estava pensando em se casar com ele? Estava mesmo pensando na ideia?

Anaïs chamou a atenção de Dannon e corou. Sim, ela estava pensando nisso também.

Dannon virou o resto do vinho na taça e franziu a testa enquanto o silêncio se estendia entre eles.

Pelo amor dos deuses pergunte a ela!

Pigarreou novamente e se mexeu na cadeira. Desejou ter tido um pouco de tempo para se preparar. Um cenário romântico, uma lenta construção até esse momento, poderia ter acalmado seus nervos. Do jeito que estava, se sentia cru e incerto e... *caramba!*

— Aceita se casar comigo?

As palavras foram abruptas, sua voz um tanto instável. Não foi uma proposta romântica, mas... bem, pelo menos pronunciou as palavras. Então lá estava, o coração dele disposto sobre a mesa para que ela recusasse se quisesse. Ele prendeu a respiração, aquele órgão ansioso batendo em seu peito com tanta força que se sentiu mal de tanta apreensão, enquanto orava para que Anaïs não demorasse muito para responder.

Por um momento ela apenas olhou para ele com surpresa, e então um brilho diabólico apareceu em seus olhos azuis e franziu os lábios. — Hmmm — disse ela, colocando um dedo na boca com uma expressão pensativa. — Não sei, quais são suas perspectivas? — exigiu, e então riu quando ele ergueu suas sobrancelhas.

Ficou de pé e se jogou pesadamente no colo dele, fazendo seus olhos lacrimejarem um pouco. — Bobo — ela murmurou, passando os braços em volta de seu pescoço e beijando-o profundamente. Dannon ficou muito feliz em deixá-la continuar presumindo que tivesse sido uma reação favorável.

Quando finalmente o deixou respirar, ele pigarreou.

— Então, isso foi um sim? — ele perguntou, caso tivesse interpretado mal a resposta dela.

Ela revirou os olhos e bufou. — *Oui*, Dannon, isso foi um sim.

Deu uma gargalhada e se levantou, carregando-a com ele.

— Só estou me certificando — disse ele, sorrindo como um idiota. Dannon a puxou para perto e a beijou novamente. — Eu a amo — ele sussurrou contra a boca dela, se perguntando se Caelum ficaria muito tempo no jardim. — Tanto que mal consigo respirar.

— Eu sei — ela respondeu, com o coração nos olhos enquanto o encarava maravilhada. — Eu também o amo.

Seu coração pulou no peito quando finalmente aceitou o fato de que não estava mais sozinho. Havia alguém que o conhecia, conhecia tudo sobre ele, o bom e o ruim, e o amava mesmo assim. Ela se preocuparia e esperaria por ele, uniria suas esperanças e sonhos aos dele e encontrariam o caminho juntos. Ele

era amado. E nunca mais estaria sozinho.

CAPÍTULO 46



Bram incitou seu cavalo a galopar quando deixaram a propriedade de Corin e entraram em campo aberto, sentindo seu coração acelerar com partes iguais de excitação e ansiedade.

Sempre se perguntou como seria ir para o mundo humano e até pediu a Corin, muitos anos atrás, para levá-lo com ele em uma de suas visitas, mas ele recusara.

Bram sabia que sua reputação de se meter em encrencas fazia Corin ver as façanhas combinadas com grande ceticismo. Corin há muito o proibira de ir sozinho, pois sempre acreditara que isso causaria estragos. O fato de o príncipe ter confiado a ele algo tão importante era motivo de grande orgulho. Obviamente convencera Corin de que as coisas haviam mudado.

Que ele havia mudado.

Ele *havia* mudado, pensou, tentando não se sentir muito amargo por isso. Ser um fora-da-lei aguçou seus sentidos e fez da autopreservação a prioridade número um. Não era o mesmo tolo despreocupado de então, nem de longe.

Bram olhou por cima do ombro enquanto Bertulf House recuava para longe. Não os decepcionaria. Na próxima vez que estivesse aqui, teria o irmão de Claudette em segurança ao seu lado. Com esse pensamento em mente, virou a cabeça e correram em direção aos portões.



Anaïs olhou para o simples anel em seu dedo e sorriu para si mesma, seu coração inundado de tanta emoção, sentiu seus olhos arderem. Foi um presente de Caelum e pertenceu à sua falecida esposa. Embora não fosse parente de Anaïs, disse que a esposa teria gostado dela e desejava que ficasse com o anel.

Dannon havia prometido a ela um anel assim que conseguisse, mas não estava com pressa, apenas atordoada e feliz. Se estivesse de volta ao mundo humano, talvez se perguntasse se tudo isso estava acontecendo rápido demais, mas aqui... ela não se importava se estava ou não. Quase morrera e estavam em uma terra que enfrentava em guerra. Esses fatos a fizeram ver o quão precioso era o que tinham, não estava disposta a hesitar e dizer não por que acontecera muito rápido.

Que era a Duquesa de Dannon simplesmente não lhe ocorrera até que Dannon o dissesse, após a cerimônia simples que os uniu. Faolán, lembrou a si mesma. Ele era o Duque de Dannon, chamado pela maioria de Dannon, mas seu nome era Faolán. Levaria algum tempo para se acostumar, embora ele não parecesse se importar.

Mas ela, uma *duquesa*! Bufou com o ridículo disso, mas decidiu que tinha preocupações mais urgentes do que qualquer coisa que esse fato pudesse trazer.

As palavras de Caelum foram simples e sinceras e embora pudesse ter sonhado uma vez com uma igreja e um vestido branco, descobriu que não se importava com essas coisas tanto quanto poderia ter pensado.

Ela se casou com o único homem que amaria, com o coração e a alma por trás das palavras que lhe deram sua promessa. Igrejas, vestidos e todo o alvoroço que os acompanhava desvaneciam-se contra a verdade desse fato. Sua única tristeza era que seu pai não estava lá. Mas Dannon havia prometido a ela que voltariam para ele assim que pudessem e celebrariam com toda a sua família e amigos. O que quer que ela quisesse, ele prometera.

Anaïs levantou-se, afastando os devaneios sobre como seria a vida enquanto fechava a porta do quarto atrás de si. Caelum e Dannon estavam esperando por ela, bagagem pronta e de prontidão para partir.

Ela ajudou o avô a reabastecer os suprimentos e agora deveriam deixar sua casinha aconchegante e seguir o exército. Era cedo, o amanhecer mal iluminava o céu em meio às nuvens pesadas, mas precisavam partir. Tanto ela quanto Caelum podiam sentir a atração profunda, o puxão do destino, dos homens marchando em direção à morte. Tinham que estar lá para salvar o máximo que pudessem.

Dannon sorriu para ela e Anaïs correu até ele, beijando-o e vendo a promessa de seu futuro na felicidade brilhando em seus olhos. Sabia que ele sempre cuidaria dela e a amaria, Anaïs mantinha esse conhecimento perto de seu coração. Realmente tivera sorte, no dia em que a rainha o mandou procurá-la.

Eles saíram, fechando a porta da frente e andando pelo lindo jardim. No pequeno portão de madeira, Caelum reativou a barreira que faiscou e brilhou por um momento antes de a cabana e o jardim desaparecerem, e então estavam olhando para um emaranhado de vegetação rasteira, cercado por árvores.

— Um truque e tanto — Dannon observou e Caelum assentiu.

— E assim deveria ser, pelo preço que paguei por isso — ele murmurou, carrancudo. — Comprei de uma bruxa, uma Dame Blanche, há muitos anos. O acabamento é incomparável, mas o preço... o preço é sempre terrivelmente alto.



Inevitavelmente chegara a hora, e as nuvens pairavam baixas no céu, sombrias e ameaçadoras, como se fossem cair e sufocar a todos em seu abraço pesado. Uma névoa espessa e úmida serpenteava pelo chão em espirais amareladas, contorcendo-se sobre o rio que cercava a propriedade. Agarrou-se aos uniformes dos soldados com carícias úmidas, tornando o tecido pesado e molhado.

O exército estava pronto e o rei e a rainha observaram Corin e Laen inspecionarem os homens a cavalo. Claudette estava com Océane, Carla e Aleish, cada uma das mulheres agarradas uma à outra em busca de conforto. Seus corações estavam cheios de medo e orgulho enquanto olhavam para os

dois príncipes.

Laen e seu exército de uniformes pretos, com a insígnia prateada de espadas cruzadas e seus cabelos loiros brancos sendo o único brilho contra o céu ameaçador atrás deles. Exceto pelo brilho vermelho e dourado nos uniformes verde-escuros do exército élfico. Seus estandartes tremulavam brilhantes e orgulhosos no vento gelado, um carvalho dourado com raízes vermelhas torcendo-se nos galhos para formar um círculo eterno.

— Há milhares deles. Certamente é o suficiente? — Océane exigiu, olhando para Claudette com uma expressão suplicante, e ela apertou sua mão e assentiu.

— *Oui* — disse ela, com a voz feroz, recusando-se a reconhecer o terror em seu coração. — É o suficiente. Auberren não será capaz de derrotá-los.

Océane retribuiu com um sorriso trêmulo e concordou, e Claudette rezou para que estivesse certa. Tudo isso parecia tão impossível. Sua vida desde que conhecera Corin parecia ser uma espécie de sonho incrivelmente maravilhoso, mas às vezes se transformava em pesadelo.

Carla veio e abraçou Océane. — Laen vai ficar bem, Océane. Ouviu o que ele disse. É aqui que reside o seu poder, na batalha. Laen nasceu para isso.

— Sim, sim, eu sei. — Mas as lágrimas escorriam pelo seu rosto de qualquer maneira.

Claudette desviou o olhar, mordendo o lábio e engolindo em seco. Também choraria se não tomasse muito cuidado, mas prometera a Corin que seria corajosa. Ele não suportava vê-la chorar.

Ela olhou para o vale que compreendia a propriedade e para os campos que agora pareciam terrivelmente vazios, sem todas as tendas, e tão silenciosos, apesar dos homens ainda estarem aqui.

Eles ficaram ombro a ombro, seus rostos sem emoção, implacáveis, mas com orgulho e determinação gravados em cada linha de seus corpos. Varge choramingou ao lado dela e Claudette entrelaçou os dedos em seu pelo quente e duro. Podia ouvir Cérbero uivando alto na biblioteca de Corin. Foi necessário todo o seu autocontrole para não chorar quando Corin se despediu dele mais cedo. Apesar de todas as suas reclamações sobre a criaturinha feia, estava perfeitamente claro que Corin estava tão apaixonado por Cérbero quanto o cachorro estava por ele. Corin fez Claudette prometer fielmente mantê-lo ao seu lado. Afinal, não poderia levá-lo para a batalha.

Claudette sabia que Corin estava bebendo novamente. Por mais que tentasse esconder, ela sabia. Embora não pudesse condená-lo por isso. O medo tomou conta dela quando se lembrou da noite passada. Corin mal dormira, embora pudesse ver que estava exausto. Eles haviam se consolado, mas Corin estava cada vez mais distraído quando não estava ocupado, sempre ouvindo alguma voz distante e fazendo um esforço cada vez maior para voltar sua mente para o que estava ao seu redor.

Desde que Bram partira e a sua hora de partir se aproximava, ficara cada vez mais inquieto. Estava desesperado para ir embora e, quando falou, ela

percebera que Corin estava se esforçando para se concentrar, apesar do som da terra chamando por ele em sua mente.

Claudette observou os dois homens terminarem a inspeção e virarem os cavalos, trotando em direção a eles.



Os príncipes inclinaram a cabeça para o rei e a rainha antes de desmontarem.

— Está tudo pronto então — disse Laen, embora Corin tenha notado que seus olhos pousaram em Océane com pesar.

— Não exatamente — respondeu Corin. Colocou a mão no cavalo de Laen, pronunciando palavras suaves na língua antiga enquanto caminhava, passando a mão da cernelha até a garupa. Sob seus dedos, padrões giravam, um rastro de luz que tremeluzia antes de penetrar na pele da fera. Sua magia deixou traços delicados destacados e brancos contra a pelagem preta brilhante. O cavalo bateu as patas e relinchou enquanto Corin completava seu passeio, colocando a mão em sua cabeça enquanto ele se acalmava e bufava suavemente.

Laen sorriu e colocou a mão no ombro de Corin. — Obrigado.

— Ainda não terminei. Ajoelhe-se — ele instruiu Laen, que balançou a cabeça.

— Você não tem energia para desperdiçar — disse Laen, franzindo a testa e se afastando. — Precisarás de todo o seu poder nestes dias.

— Não tenho tempo a perder discutindo, isso é certo — Corin respondeu, sabendo que parecia impaciente. — Agora ajoelhe-se — ele repetiu.

Laen suspirou, murmurando baixinho, mas claramente sabendo muito bem que Corin não mudaria de ideia. O grandalhão se ajoelhou e Corin ficou na frente dele para que ninguém pudesse ver as palavras rolando sob a pele de Laen. Corin teve muito cuidado para nunca olhar diretamente para Laen quando outras pessoas estavam presentes, para que não vissem a evidência de sua culpa escrita em seu rosto, por conta de seu melhor amigo. Colocou a mão na cabeça de Laen e o ouviu ofegar de surpresa quando sua magia tomou conta.

— O que ele está fazendo? — Corin ouviu Océane exigir alarmada enquanto seu pai respondia a ela.

— Usando sua magia para ajudar a protegê-lo.

Corin olhou para baixo e viu os sigilos brilhando sob seus dedos enquanto Laen olhava para cima, encontrando seus olhos. *Amigo, irmão, mentiras, culpa... Vergonha.* As palavras tornaram-se visíveis e cada uma delas parecia um ferimento de faca, Corin desviou o olhar. Quase lhe contara esta manhã, quase lhe contara tudo. Ele queria, mas havia muito em jogo agora.

Se Laen não o ajudasse ou mesmo hesitasse... tudo estaria perdido, e na noite anterior Corin começara a entender o que isso significava.

Não sabia o que Auberren tinha feito ao seu Reino, mas a sua terra estava morrendo. Se não chegasse logo, seria tarde demais para salvá-lo. Se Corin

falhasse e o reino de Solastire morresse... ele o seguiria — e depois o resto das Terras Fae. Eles iriam queimar, todos eles. Todos e cada um.

Ergueu a mão e Laen se levantou. Olhou para Corin e hesitou por um momento, parecendo estranho, antes de abraçá-lo e dar um tapa em suas costas. — Obrigado — agradeceu, rudemente. — Pode ajudar a acalmar a mente de Océane.

Corin assentiu e forçou um sorriso no rosto. — Quero você em segurança, irmão.

Océane desceu correndo as escadas e abraçou Corin com força.

— Obrigada, muito obrigada — disse ela, com a voz tensa pelo esforço de não chorar.

Corin olhou nos olhos dela e viu a profundidade de sua gratidão e o brilho suave do filho de Laen. De repente, foi demais, o peso da culpa, da expectativa e os gritos impacientes da terra encheram seus ouvidos e sua mente. Fechou os olhos, segurando a cabeça entre as mãos e tropeçando quando a visão de uma paisagem árida passou por sua mente.

Laen deu um passo à frente e agarrou-o.

—Corin! — Ele o segurou enquanto Corin tentava se equilibrar. — Você não está bem?

Corin respirou fundo e se endireitou novamente, acenando para Laen se afastar. — Precisamos ir — disse ele. — Agora.

Claudette correu e se jogou nele, soluçando como se seu coração fosse se partir e Corin tentou sorrir para ela. — Venha, *ma belle*, você prometeu — disse ele, abraçando-a com força.

— Me desculpe, me desculpe... é que estou com tanto medo — murmurou ela em seu peito.

— Claudette — disse ele, levantando a cabeça dela e olhando-a nos olhos. — Já quebrei uma promessa que fiz?

— *Non*. — Ela balançou a cabeça enquanto ele enxugava as lágrimas com os polegares. — Nunca.

— Voltarei para você, *ma belle* — disse ele, com uma voz forte. — Tem minha palavra.

Ela assentiu e ele a beijou, sem se importar se tinham audiência, e certificando-se de que Claudette se lembraria da sensação de seus lábios, muito depois de ter partido.



No meio da tarde, Dannon, Anaïs e Caelum estavam no topo de uma colina, olhando para baixo. Espalhado abaixo deles, havia um grande exército, preparado e feroz. Dois uniformes diferentes, duas terras diferentes e um objetivo comum.

Eles esperavam na fronteira, o único movimento visível era a vibração de seus estandartes. Dannon segurou Anaïs perto enquanto ela se engasgava, horrorizada. Olharam para baixo e viram o que estavam enfrentando. Os Light Fae esperavam por eles. Um vasto exército de homens, muitas vezes maior,

esperando para engolir as tropas que estavam no limite de suas fronteiras.

— Eles nunca farão isso! — gritou ela, agarrando o braço dele.

Dannon olhou para os números diante deles e sentiu medo no coração. Embora soubesse que estariam em menor número, nem ele percebera quanto. Ele tinha que se juntar a seus homens. Puxou Anaïs para perto de seus braços e enviou orações a qualquer deus que quisesse ouvir. Tinham que vencer isso.

Caelum olhou para Anaïs e para surpresa de Dannon sorriu.

— Você não consegue sentir? — ele perguntou a ela, erguendo as sobrancelhas.

— O quê? — perguntou ela.

— O poder. — Caelum apontou para o chefe do exército e ficaram ansiosos para ver Corin desmontar. Até mesmo para os olhos de Dannon, Corin brilhava com luz, um brilho vibrante contra a escuridão dos céus cor de chumbo que englobavam ambos os reinos.

Uma coluna de homens o cercou, embora mantivessem distância enquanto ele caminhava até a beira da fronteira. Por um momento hesitou, e foi como se toda a nação Fae prendesse a respiração. E então deu um passo à frente, além da fronteira e quando seu pé tocou a terra houve uma tremenda explosão de poder que abalou o chão aos seus pés.

Anaïs gritou em estado de choque e alarme e agarrou-se a Dannon enquanto a onda ecoava de Corin, por toda a terra. Houve uma explosão de luz ofuscante e Anaïs teve que proteger os olhos enquanto olhavam para baixo para ver o futuro Rei das Terras Fae brilhando como um farol.

Os Light Fae entraram em pânico, os cavalos empinaram e fugiram de medo e alguns homens viraram as costas e recuaram, apesar dos gritos de seus comandantes para se manterem firmes. Houve um rugido tremendo que encheu o ar quando Laen ordenou que os homens avançassem e, como um só, Alfheim e Mechstrana avançaram e cruzaram a fronteira para Solastire.

A guerra havia começado.

A NOITE MAIS SOMBRIA



A guerra começou.

O príncipe Corin e o príncipe Laen, unidos contra os Fae da Luz, estão lutando para chegar à capital, Aos Si, onde Corin reivindicará o reino para si.

As Terras Fae imploram por um novo líder, alguém que salve o reino e seu povo da tirania do Rei Auberren. Mas será que Corin esperou demais... será que terá tempo suficiente para fazer o que deve? Enquanto a terra grita por ele em sua mente, levando sua sanidade aos limites do que pode suportar, tudo de que passou, em sua vida, fugindo, deve finalmente ser confrontado.

Laen é seu defensor sempre presente, seu irmão, seu melhor amigo e o homem que ele terá que trair se finalmente for bem-sucedido. Corin precisa vencer essa guerra a todo custo, mas teme o que perderá no processo.

Os que ficaram para trás devem esperar e rezar. Claudette está dividida, temendo pela vida daqueles que ama, apavorada com a possibilidade de perder Corin e esperando desesperadamente por notícias de seu espião pessoal, Bram.

Um nobre desonrado que se tornou um salteador de estradas, Bram foi enviado ao mundo humano para proteger seu irmão dos assassinos de Auberren e ela reza para que ele não a decepcione.

A guerra começou... e ninguém sairá ileso.

PRÓLOGO



Os quatro meninos encardidos recuaram, sorrindo e parabenizando uns aos outros enquanto olhavam com satisfação para a criação deles.

— Isso nunca irá aguentá-los, sabiam? — Esta observação indesejável veio de uma quinta criança à beira do lago.

Quatro pares de olhos se voltaram em sua direção, e nenhum deles era amigável. Ele não tinha mais do que seis anos, cabelos grossos e escuros, e

seus olhos castanhos expressivos estavam um pouco ansiosos, mas enfrentou os outros, que eram pelo menos quatro anos mais velhos. Os meninos maiores se cutucaram, rindo enquanto o apontavam, e ele corou um pouco. Sabia muito bem que sua camisa branca imaculada com babados na frente, punhos de renda e calça de veludo azul profundo provavelmente o levariam a uma surra, mas gostava delas.

— Quem te perguntou? — exigiu o maior deles, limpando as mãos imundas em uma calça igualmente suja.

Lorde Tullius Aelfric Fafner Beltran Terceiro — Tully para seus familiares — deu de ombros. — Ninguém — respondeu, ciente de que falar seu nome não ajudaria em nada. — Mas ainda assim não vai aguentá-los — acrescentou, olhando para a ponte frágil com profundo ceticismo.

— Cale a boca! — disseram em coro, zombando e imitando seu sotaque elegante.

— Será o funeral de vocês. — Tully cruzou os braços e observou o menino colocar o pé na estrutura de aparência instável. Tinha sido construída com a intenção expressa de atravessar o lago até a pequena ilha do seu centro e roubar os ovos de pato que sabiam estar escondidos nos juncos. Tully observou o garoto avançar lentamente e a ponte emitir um rangido alarmante. Os olhos do menino se arregalaram um pouco, parecendo um pouco menos seguro de si antes de olhar para Tully.

— Saia daqui! — rosnou, obviamente não apreciando o espectador. — Ninguém pediu para você se juntar a nós.

Frustrado, Tully suspirou, embora estivesse bastante acostumado a ser mandado embora pelos meninos mais velhos, que o consideravam um incômodo. — Tudo bem — murmurou, chutando a terra. — Estava indo ver os príncipes mesmo.

O menino deu uma gargalhada, olhando para ele com óbvia descrença. — Como se deixassem um bebê como você andar entre eles! — Os outros caíram na gargalhada e Tully corou tanto que sentiu suas bochechas queimarem. E então, a fâsca do desafio que sempre parecia levá-lo a problemas ganhou vida, e ergueu o queixo e cruzou os braços. — Eles deixam sim — retrucou, com a voz trêmula de fúria. — São meus amigos.

Com grande concentração, o menino avançou um pouco mais na ponte antes de parar e olhar para Tully com desprezo. — Não minta, seu impostorzinho.

— Não sou! — gritou, com toda a justa indignação de um garotinho.

Mas o menino na ponte tinha coisas mais importantes com que se preocupar quando um rangido soou e a ponte cedeu, mergulhando-o nas profundezas geladas do lago. Por alguns momentos houve muitos gritos enquanto ele se debatia, mas o menino, com a ajuda de seus companheiros, foi retirado da água, cuspidando e tossindo. Sentou-se na margem e olhou com desaprovação para Tully, mas este estava histérico demais para notar. Ele se balançava, segurando a barriga, enquanto lágrimas rolavam por suas

bochechas.

— Peguem-no! — ordenou o menino em um tom sombrio e furioso.

Tully parou de rir quando sentiu a probabilidade de sua morte iminente. Por um momento tudo ficou quieto, e então ele deu meia-volta e fugiu do bosque. Atravessando a vegetação rasteira, estremeceu ao ouvir sua camisa rasgar, mas aumentou a velocidade o mais rápido que suas perninhas conseguiram, ciente de que seria muito pior se o pegassem. Correndo pela vegetação rasteira como um pequeno fogo de artifício, ele abriu caminho.

Para seu grande alívio, parecia que a sorte estava lhe sorrindo, pois mal havia saído do limite da floresta quando a visão magnífica dos dois jovens príncipes, cavalgando em sua direção, apareceu diante dele.

— Socorro! — gritou, enquanto os quatro garotos maiores estavam se aproximando rapidamente. Ofegante, acelerou ainda mais quando o mais moreno dos dois jovens incitou seu cavalo a avançar e veio ao seu encontro. Um par de olhos dourados impacientes olhou para ele com frustração.

— O que diabos fez agora? — exigiu o jovem príncipe, balançando a cabeça para ele.

— Não poderia me perguntar isso mais tarde? — gritou Tully, correndo atrás do cavalo dele e espiando o bando enfurecido que havia parado diante dos dois príncipes. Aos quatorze anos, eram considerados figuras bastante divinas aos olhos dos meninos mais novos e, com o sol se pondo no horizonte, iluminando o cabelo loiro platinado de Laen e enviando aos olhos de Corin um dourado mais profundo, eram realmente criaturas de se admirar.

Corin deu uma olhada para Laen, que era o menos simpático dos dois e, de longe, o maior. Ele os olhou carrancudo, mas para alívio de Tully, assentiu relutantemente. — Se não irão matá-lo.

— Eu juro, Tully, que esta é a última vez — Corin o avisou, quando ele se abaixou e o agarrou pelas costas da camisa, puxando-o para cima do cavalo.

— Disse isso da última vez — disse Tully, sorrindo agora que sua morte prematura havia sido evitada.

Corin olhou para ele e estreitou os olhos. — Nem me lembre disso.

Os dois príncipes jovens viraram os cavalos na direção de casa, enquanto Tully aproveitava a oportunidade para mostrar a língua aos seus perseguidores. Estavam olhando para ele com espanto e era uma oportunidade boa demais para ser desperdiçada. Gritou quando Corin lhe deu um tapinha na orelha. — Pare de parecer tão presunçoso ou eu o levo de volta — murmurou.

— Desculpe — respondeu Tully, repreendido. Esfregou a orelha, olhando para seu maior herói com uma admiração descarada. — Aonde estamos indo?

— Está indo para casa.

Tully fez beicinho, mas sabiamente manteve a boca fechada.

De volta à propriedade de Corin, Tully foi largado sem cerimônia nos estábulos e deixado para voltar para casa. Ele observou com decepção enquanto os dois jovens se dirigiam para tratar dos negócios que haviam planejado, em profunda discussão. Sabendo que provavelmente teria

problemas, mas incapaz de resistir, ele os seguiu. Não demorou muito para Corin descobrir que estavam sendo seguidos. Ele apontou na direção dos estábulos onde o haviam deixado. — Vá embora.

Tully estremeceu um pouco, odiava quando Corin ficava bravo com ele. Mesmo assim, se manteve firme, balançando a cabeça e cruzando os braços, parecendo rebelde. Laen deu um passo à frente e Tully não pôde evitar de engolir em seco quando o garoto maior e mais assustador voltou seus olhos negros e duros para ele. — Ouviu-o, vá embora — disse, em um grunhido raivoso.

— Não vou — respondeu Tully, com a voz um pouco trêmula.

— Deuses! — vociferou Laen, virando-se para o amigo. — Vamos trancá-lo no porão.

Corin retribuiu com um olhar impaciente e balançou a cabeça. — Ele terá pesadelos e então estaremos encarcerados. — Corin suspirou e Tully percebeu que ele estava cedendo. Corin sempre fora o mais bondoso dos dois. — Se o deixarmos aqui, só ficará emburrado — disse Corin, soando como se estivesse cedendo ao inevitável.

— E contará a todos para onde fomos — murmurou Laen com desgosto, cruzando os braços que já estavam cheios de músculos.

Corin suspirou e gesticulou para que Tully se juntasse a eles. — Então vamos — disse, antes de dar-lhe um olhar severo com seus estranhos olhos dourados brilhando para ele. — Mas lembre-se de manter essa sua maldita boca fechada, entendeu?

Tully assentiu, sorrindo para Corin e segurando sua mão. — Pode deixar, eu prometo — respondeu, sendo completamente sincero. Faria qualquer coisa por Corin. — Mesmo que eu esteja sob tortura — acrescentou, apenas para ilustrar sua devoção.

Laen bufou, com uma expressão de profundo desdém no olhar. — Tully, não conseguiria ficar de boca fechada nem que se sua vida dependesse disso. Um dia isso vai colocá-lo no tipo de problema do qual não vai conseguir escapar.

— Meu pai também fala isso — disse Tully, olhando carrancudo para Laen e sentindo que isso era profundamente injusto. — Mas não é verdade — acrescentou, descobrindo que estava realmente muito bravo porque as pessoas não confiavam nele para segurar a língua. — Eu consigo guardar um segredo. Já guardei grandes segredos, não é, Corin? — pensou por um momento e depois sorriu ao se lembrar de um dos maiores. — Por exemplo, nunca contei a Laen sobre ter visto você deitado na palha beijando a irmã dele...

Pôde ser ouvido o barulho dos dentes de Tully quando Corin bateu com a mão na sua boca e os dois se viraram para ver que Laen havia parado. Sua expressão era de tanta fúria que até coloriu sua pele pálida e Corin suspirou. Olhando para Tully, ele ergueu uma sobrancelha elegante. — O que estava dizendo?

Tully engoliu em seco, seu olhar indo de Corin a Laen e arregalando os

olhos ao ver que o grandalhão estava indo na direção de Corin com uma expressão assassina. Tirando a mão de Corin da boca, ele mergulhou no arbusto mais próximo enquanto Laen colidia com seu amigo com o peso e a delicadeza de um touro furioso. Os dois garotos caíram no chão soltando xingamentos murmurados e vários socos, e Tully acomodou-se para assistir à luta de seu lugar seguro.

Momentos depois, e com a infalível sensação doentia que parecia seguir a segurança de seu filho, a visão deslumbrante da mãe de Corin, a Rainha Audrienne, apareceu e viu os dois príncipes batendo um no outro até perderem os sentidos. Observando a cena com um suspiro pesado, em vez de perder o fôlego tentando separá-los, correu até o poço e pegou um balde de água. Ela a jogou sem cerimônia sobre as cabeças dos dois e, como Tully sabia muito bem que estava gelada, teve o efeito desejado.

— Mãe! — balbuciou Corin, afastando o cabelo escuro e encharcado dos olhos enquanto Laen cuspiu sangue no chão ao lado dele.

— Levantem-se os dois! O que houve desta vez? — exigiu, tirando as saias de seda do caminho da água lamacenta. — Oh, Corin! — Ela pegou um lenço branco imaculado e começou a enxugar o lábio ensanguentado e a exclamar sobre o olho do filho que já estava inchado e fechado.

— Mãe — resmungou Corin, afastando a mão dela. — Pare com isso, está me envergonhando. — Ela suspirou e guardou o lenço, olhando para Laen, que tentava conter o sangramento do nariz com a manga. A rainha ergueu uma sobrancelha no que era um gesto familiar.

Laen corou antes de apontar para Corin. — Ele beijou a Aleish! — gritou, ainda completamente furioso.

A rainha reprimiu um sorriso e se abaixou, dando tapinhas afetuosos na bochecha de Laen. — É claro que ele a beijou — disse, parecendo perfeitamente sensata. — Ela é muito bonita.

Laen abriu a boca para responder, mas essa lógica terrível parecia ter paralisado seu cérebro, então apenas ficou boquiaberto de espanto. Ele se virou para Corin, que agora estava com um sorriso pretensioso.

— Vamos, os dois para o curandeiro. — Ela pegou cada menino pela orelha enquanto eles xingavam e protestavam que não eram mais crianças, e os rebocou em direção à casa. Parando na porta, ela fez uma pausa quando um pensamento lhe ocorreu e os deixou ir. — Direto para o curandeiro! — ordenou, com os olhos semicerrados. — E depois procurem a cozinheira, ela mencionou algo sobre fazer biscoitos de especiarias esta tarde.

Os dois garotos pareciam envergonhados e sorriram para ela, entrando em casa com a briga esquecida por ora. Tully observou a rainha franzir os lábios e voltar para a cena do crime.

— Tully? — ela o chamou, colocando as mãos na cintura.

Perguntando-se como diabos sabia que ele estava ali, Tully saiu de seu esconderijo, limpando a calça e arrancando as folhas do cabelo enquanto ia na direção dela. Ele olhou para a rainha, se perguntando em quantos problemas

estaria e chutando a terra.

— Por acaso gosta de biscoitos de especiarias? — perguntou, em um tom divertido que permitiu que Tully soltasse um suspiro de alívio.

— Oh, sim — respondeu, sorrindo para ela. — Mais que qualquer coisa!

Ela estendeu a mão e Tully correu para pegá-la, olhando-a com um sorriso tímido antes de franzir a testa. — Como sabia que eu estava lá? — Ele a olhava intrigado, pois estivera bem escondido.

A rainha o olhou, contraindo um pouco os lábios. — Foi só um palpite — respondeu, antes de levá-lo para a cozinha.

LENDAS FRANCESAS

ORDEM DE LEITURA:

A Lenda Francesa dos Vampiros

- A chave do Erebus - Lançado

- O Coração de Arima - Lançado

A Lenda Francesa do Fae

- Príncipe Sombrio - lançado

- Coração Sombrio - lançado

- Engano Sombrio - lançado

- Noite mais Sombria -2024

A Lenda Francesa dos Vampiros

- O Fogo de Tartarus- 2025

- O Filho das Trevas-2025

LENDA FRANCESA DOS FAE

Livro 1



9786554441353

[Adquira Aqui](#)

Dois príncipes Fae.

Uma mulher humana.

E um mundo pronto para separá-los.

Laen Braed é o Príncipe dos Dark Fae, com um temperamento e uma reputação que combinam com seus olhos negros e um coração que despreza a raça humana. Quando é enviado de volta, através dos portões sagrados entre os reinos, para recuperar um antigo artefato Fae, ele volta para casa com muito mais do que esperava.

Corin Albrecht, o mais poderoso príncipe Fae já nascido. Dizem que seus olhos dourados são uma dádiva dos deuses, e o destino o chama. Com um amor profundo pelo mundo humano, seu relacionamento com Laen está sendo destruído pelos preconceitos de seu amigo.

Océane DeBeauvoir é uma artista e encadernadora que sempre confiou em sua imaginação fértil para superar uma vida infeliz e sem aventuras. Um punhal com joias exposto em um museu próximo chega às manchetes com especulações sobre uma outra raça, os Fae. Mas a descoberta também inspira Océane a criar uma extraordinária obra de arte que não pode ser confinada às páginas de um livro.

Com dois homens poderosos disputando sua atenção e a amizade deles chegando ao limite, Océane precisa decidir em quem confiar...

e qual deles é realmente o Príncipe Sombrio.

O homem de seus sonhos está chegando... ou são seus pesadelos que ele visita? Descubra no primeiro livro das Lendas Francesas dos Fae.

Livro 2



9786554441353

[Adquira Aqui](#)

O Príncipe Corin ... Decadente, sedutor, mestre da paixão.

Corin é o príncipe herdeiro de Alfheim, as terras dos elfos. Considerado o homem mais bonito do reino, ele está bem acostumado com as mulheres de sua vida satisfazendo todos os seus desejos. Mas depois de perder a primeira mulher que tocou seu coração para seu melhor amigo, jura que nunca mais deixará ninguém chegar tão perto.

Pressionado por sua família real a se casar e gerar um herdeiro, decide que a única solução é aceitar uma mulher do reino humano, alguém que não represente uma ameaça... Alguém que ele jamais poderia amar.

Para fugir de um destino que promete poder e dor em igual medida, tudo o que ele precisa é que essa mulher aceite três presentes e estará totalmente sob seu controle. Mas, às vezes, os corações não são tão facilmente controlados.

LENDA FRANCESA DOS VAMPIROS

Livro 1



9786580754953

[Adquira Aqui](#)

Ele esperou séculos pelo seu retorno. Ela só agora está descobrindo seus verdadeiros poderes.

Inexoravelmente atraída pela escuridão, Jéhenne Corbeaux logo descobre que Corvus detém muito mais do que a chave do seu coração.

Quando criança, ela é levada para longe de uma vida cercada de vampiros, elfos e outras criaturas míticas reais e traiçoeiras. Ao voltar à França rural, a bela jovem bruxa, Jéhenne Corbeaux, está totalmente despreparada para viver com sua excêntrica avó e tudo o que compõe seu entorno.

Resguardada, segura e enganada durante toda sua vida, Jéhenne não sabe em quem confiar. Em sua estranha e poderosa avó? Em Felix, o bonitão metamorfo? Ou talvez em um vampiro poderoso, cujo primeiro instinto foi querer matá-la?

Lançada de cabeça neste mundo assustador, procura aprender a verdade sobre si mesma e é forçada a confiar em seus próprios instintos, em vez de acreditar nas aparências. Nesta jornada, descobre segredos mais chocantes do que qualquer coisa que poderia ter imaginado e conclui que não é, de forma alguma, impotente para proteger aqueles que ama.

No entanto, apesar dos terríveis avisos de sua avó, ela é cativada pela magia negra de Corvus, um antigo vampiro e poderoso mestre da família Albinus.

Jéhenne está prestes a encontrar as respostas que buscou, mas ao fazê-lo, corre o risco de descobrir que a verdade realmente pode matar.

Livro 2



9786554441001

[Adquira aqui](#)

Unidos por toda a eternidade. Mas ele nunca poderá perdoá-la.

Corvus, o vampiro antigo e poderoso mestre da família Albinus, está começando a perder a paciência. Jéhenne Corbeaux já se foi há muitos séculos e agora, seu tempo acabou.

Uma visão que ameaça destruir tudo o que ama, assombra Jéhenne. Forçada a fazer o impensável, arrisca-se a perder tudo, mas finalmente se conforma com seus próprios poderes incríveis.

Ainda de posse da chave do submundo, em débito com um anjo, perseguida tanto pelo Príncipe de Alfheim quanto por um homem tão aterrorizante que não consegue imaginar o que ele é, Jéhenne está enrolada até o pescoço... como sempre.

Sacrifícios terão que ser feitos, mas quem vai pagar o preço?

SÉRIE DAMAS OUSADAS

Livro 1



9786599019845

Dentro de cada jovem tímida e isolada pulsa o coração de uma leoa, uma pessoa apaixonada disposta a arriscar tudo pelo seu sonho, se puder encontrar a coragem para começar. Quando essas jovens ignoradas fazem um pacto para mudar suas vidas, tudo pode acontecer.

Dez mulheres - dez desafios inesperados. Quem se atreverá a arriscar tudo?

Desafiando um Duque

Sonhos de amor verdadeiro e felizes para sempre.

Sonhos de amor são todos muito bons, mas tudo o que Prunella Chuffington-Smythe quer é publicar seu romance. O casamento a custo de sua independência é algo que ela não considerará. Experimentou o sucesso escrevendo sob um nome falso na revista semanal The Ladies, onde seu álter ego está alcançando notoriedade e fama, a qual Prue gosta bastante.

Um dever que tem que ser suportado...

Robert Adolphus, o duque de Bedwin, não tem pressa em se casar, ele já fez isso uma vez e repetir esse desastre é a última coisa que deseja. No entanto, um herdeiro é um mal necessário para um duque e não pode se esquivar disso. Uma reputação sombria o precede, visto que sua primeira esposa pode ter morrido jovem, mas os escândalos que a bela, vivaz e rancorosa criatura forneceu à sociedade não a acompanharam. Devia encontrar uma esposa. Uma esposa que não seria nem bonita nem vivaz, mas doce e sem graça, e que com certeza ficasse longe de problemas.

Desafia a fazer algo drástico

O súbito interesse de um certo duque desprezível é tão desconcertante quanto indesejável. Ela não vai jogar suas ambições de lado para se casar com um canalha assim como seus planos de autossuficiência e liberdade estão se concretizando. Se mostrar claramente ao homem que ela não é a florzinha que ele procura, será suficiente para dar fim às suas intenções? Quando Prue é desafiada por suas amigas a fazer algo drástico, isso parece ser a oportunidade

perfeita para matar dois pássaros.

No entanto, Prue não pode deixar de ficar intrigada com o ladino que inspirou muitos de seus romances. Normalmente, ele desempenhava o papel de bonito libertino, destinado a destruir sua corajosa heroína. Mas será realmente o vilão da trama desta vez, ou poderia ser o herói?

Descobrir será perigoso, mas poderá inspirar sua melhor história até o hoje.

**** Atenção: Este livro contém uma seleção cuidadosa de determinação silenciosa, boca firmemente fechada e níveis (quase) intransponíveis de tensão. Embora acoplado à presença de encontros sexuais ocasionalmente descritivos, temos o prazer de destacar que este livro - e série - não está de modo algum próximo da erótica. ****

Livro 2



9786588382103

Roubando um Beijo

O desejo de arriscar e arrebatara a felicidade.

Ser ousada e beijar um homem ao luar é uma boa ideia, mas os homens e o luar não caem do céu à vontade.

Até aconteça.

Sob instruções de uma amiga, a monótona Alice Dowding permanece sozinha numa varanda iluminada pelo luar. Não é o curso de ação mais sensato para uma jovem geralmente sensata. No entanto, sendo sensata, Alice ganhou um lugar entre as isoladas e sua única chance provável de se casar, é com um homem que acha repulsivo.

Tinha que fazer algo.

Uma consciência culpada e um homem mau.

Quando a irmã de Nathaniel Hunt implora por um favor, ele dificilmente pode recusar. Nathaniel, coproprietário de uma das mais escandalosas casas de apostas em Londres, é responsável pela reputação destrozada de Matilda, e ela sabe que ele não está em posição de lhe negar nada.

Ela implora para que ele beije sua amiga tímida em uma noite de luar. No entanto, uma série de eventos aos quais nenhum deles poderia ter previsto é desencadeada.

Quando um pequeno favor incendia um inferno.

Incendiada por um beijo que lhe rouba a alma, a tímida, sensível e enfadonha Alice, está soltando faíscas por onde quer que seus pés passem, e tudo o que Nathaniel pode fazer é rezar para que ele não se queime.

Livro 3



9786588382295

Quebrando as regras

Um enigma irresistível...

A Srta. Lucia de Feria é possivelmente a mulher mais bonita do mundo e, sem dúvida, a mais bonita que o visconde de Cavendish já viu.

No entanto, essa beleza misteriosa está tramando algo, algo que convenceu Cavendish de que seus motivos são menos do que puros.

O visconde não precisa de mais motivação para passar seu tempo na companhia adorável de Lucia, mas desejo e intriga criam tentações profanas.

Um amante perigoso...

Lucia não é tudo o que parece ser. Ela tem segredos... segredos pelos quais um homem a mataria.

Agora, com a vingança em seu coração e uma fortuna em jogo, ela está perto de ter tudo ou perder a vida.

Mas, em cada curva, o Visconde Cavendish está lá, com o seu sorriso de pirata e aqueles olhos azuis perversos.

Um círculo ousado de amigos...

Quando um incomum clube do livro traz para sua vida damas peculiares, Lucia fica encantada e atraída por sentir, pela primeira vez, que pertence a algo. Entre suas novas amigas e um homem pelo qual corre o risco de se apaixonar, seus planos começam a dar errado.

Essa linda Srta. passou a vida inteira desejando vingança, mas nunca esperou encontrar ao longo do caminho, algo com o qual se importaria mais.

Lucia não poderia se permitir distrações, amigos ou um nobre desconfiado. No entanto, de repente, ela tinha os três.

Talvez fosse a hora de quebrar suas próprias regras.

Livro 4



9786588382486

Seguindo seu Coração

Um amor perdido ...

Kitty Connolly passou toda a última temporada assegurando que seu tio tem tentado encontrar um marido, mas há um problema que ele desconhece.

Ela já tem um.

É verdade que tinha apenas onze anos quando a cerimônia foi realizada na presença do cão de sua família, e seu noivo tinha apenas treze anos. No entanto, os votos foram trocados e, no que diz respeito a Kitty, uma promessa é uma promessa. Luke Baxter prometeu amá-la até que a morte o separasse e ele não vai escapar disso.

Os problemas não param por aí, no entanto, pois Luke desapareceu de sua vida apenas semanas após seu casamento secreto, e Kitty nunca mais o viu.

Até agora.

As esperanças reacenderam ...

Quando Luke aparece do nada na festa na casa de verão do Conde de St. Clair e anuncia seu noivado com a bela herdeira, Lady Francis Grantham, Kitty fica atordoada ...

... e a honra deve mencionar o problema.

Um coração determinado ...

Todo caos se instala quando Kitty ameaça processar por quebra de promessa e ela tem uma questão de dias para convencer Luke de que sua namorada de infância vale mais do que a fortuna da Srta. Grantham.

Mas este Luke não é o menino despreocupado de sua infância, e lembrá-lo do que significa viver por amor, pode significar arriscar mais do que apenas seu coração.

Livro 5



9786588382776

Apostando um Amor

Gato escaldado...

Harriet Stanhope é inteligente e séria, o tipo de moça que lê Platão e gosta de longas caminhadas na chuva. Não é adequada para salões de baile e flerte e acha a temporada uma horrível perda de tempo. No entanto, certa vez se apaixonou, confiou seu coração a um homem que a beijou e sussurrou doces palavras... e depois riu com um amigo sobre ter feito isso.

Com o coração partido e humilhada, Harriet jurou que usaria seu cérebro no futuro e nunca mais confiaria em seu coração estúpido.

Uma paixão não correspondida...

Jasper Cadogan, O Conde de St Clare, está irremediavelmente apaixonado, por uma mulher que o odeia.

O amável Jasper é bonito, charmoso, simpático e amado pela Ton, o homem mais elegível no mercado de casamentos, mas não consegue corrigir o problema com sua amiga de infância Harriet Stanhope. Embora já tenham sido próximos, Jasper sabe que há alguns anos fez algo que endureceu o coração de Harriet contra ele, mas, pela sua vida, não consegue se lembrar do que foi.

Jasper sabe que Harriet acredita que é, na melhor das hipóteses, um idiota frívolo, e, deslumbrado com seu cérebro superior, Jasper está lutando para provar o contrário. Determinado a descobrir o que foi que afastou Harriet dele, usará de meios honestos, ou desonestos, para chegar à verdade.

Uma aposta que arriscará seus corações.

A Dama peculiar Harriet ousa apostar algo que não quer perder e quando sua amiga de boca grande, Kitty, conta a Jasper, ela reconhece que está em apuros.

Teimosa demais para recuar, Harriet aceita a chocante aposta de Jasper e mergulha ambos em um escândalo que arriscará tudo, inclusive a dois corações.

Livro 6



9786580754267

Dançando com um Diabo

Uma jovem desesperada para escapar de seu destino.

O tempo de Bonnie Campbell está quase acabando. À luz de ofertas melhores, seu tutor, o conde de Morven, a está forçando a se casar com seu primo, Gordon Anderson. A vivaz Bonnie não terá outra opção a não ser obedecer, condenando-se a passar o resto de sua vida na selva das Highlands escocesas, longe de seus amigos e de qualquer possibilidade de diversão. Durante suas últimas semanas de liberdade, no entanto, ela viverá como se estes fossem seus últimos dias na terra e encontrará a coragem de mostrar ao homem que ama de verdade, como se sente.

Um jovem determinado a provar que seu irmão mais velho estava errado.

Jerome Cadogan, irmão mais novo do conde de St. Clair, é um canalha jovial. Sua aparência, com belos cabelos loiros e olhos azuis, não é minimamente prejudicada por seu nariz quebrado, sua reputação de encenqueiro, nem sua predileção por se apaixonar por mulheres inadequadas. Recuperando-se de um sermão doloroso proferido por seu irmão, o conde, Jerome corre o risco de ter sua mesada cortada se não ceder e mudar seus modos. Determinado a provar que pode ser tão maduro e sensato quanto St. Clair, Jerome promete parar de beber e se embriagar e não se meter em mais em encrencas.

Um escândalo em busca de um lugar para acontecer.

Infelizmente, sua querida amiga Bonnie tinha outras ideias. Cambaleando de um desastre para o próximo, Jerome estava arrancando seus cabelos e sabia que devia terminar sua amizade, antes que seu irmão acabasse com ela.

No entanto, a montanha de um homem aparece para reivindicar Bonnie, e Jerome, que deveria respirar aliviado pelo livramento, acaba descobrindo algo imperdoável: seu maldito coração se apaixonou pela mulher mais inadequada de todas.

Livro 7



9786580754267

Inverno em Wildsyde

Um desafio que mudaria a sua vida...

A Srta. Ruth Stone, uma herdeira rica, está lutando para realizar o sonho de seu pai de se casar dentro da nobreza, apesar de seu grande dote. Ousada, pelas Senhoritas Peculiares, a “dizer algo ultrajante a um homem bonito”, Ruth se supera e propõe casamento ao herdeiro de um condado.

Uma decisão da qual ela poderia se arrepender.

Antes que pudesse pensar melhor e retirar a proposta, seu belo e desajeitado futuro marido a empurrou para dentro de uma carruagem e a carregou para seu castelo remoto e em ruínas, lugar onde ele pretendia dar um bom uso ao dote dela.

Um casamento ou um negócio...

Ruth não tem ilusões. É uma mulher forte, sensata e não uma donzela frágil e tem total conhecimento de que seu marido nunca se apaixonará perdidamente por ela, pois seu casamento é de conveniência; seus filhos herdarão o título e a legitimidade entre a *ton*, e ela terá sua própria propriedade para cuidar, assim como sempre sonhou. No entanto, seu marido, cabeça-dura e obstinado, desperta seu temperamento e suas paixões como ninguém jamais antes.

Seu primeiro inverno em Wildsyde está prestes a incendiar o velho castelo.

Livro 8



9786554440394

Experimentando o Desejo

Uma atração que ela não pode ignorar...

Minerva Butler está cansada da ambição de sua mãe, de vê-la casada com um duque, seguindo os passos de sua inteligente prima Prue. Linda, loira e com um dote admirável, graças à generosidade de sua prima, parece que Minerva pode, finalmente, escolher entre os cavalheiros elegíveis da ton. Então, naturalmente, é este o momento em que ela fica apaixonada pelo brilhante e pobre filósofo natural, Inigo de Beauvoir.

Uma mulher que ameaça sua paz de espírito...

Inigo de Beauvoir é um homem motivado, consumido por seu trabalho, em detrimento de todo o resto, até mesmo da sua própria saúde, até que uma bela dama da alta sociedade começa uma guerra sedutora contra sua crença de que o amor não é nada mais do que luxúria com um anel em seu dedo.

Uma ligação perigosa...

Aparentemente, a Srta. Butler é a única que tem tudo a perder, mas Inigo logo percebe que experimentar o desejo representará uma

Livro 9



9786554440899

Dormindo com o Barão

Uma jovem desesperada...

Jemima Fernside é o epítome de uma dama bem-comportada, criada para desposar a um cavalheiro e fazer o papel da esposa perfeita. Até se encontrar sozinha no mundo, sem um centavo ligado ao seu nome. Com poucas opções disponíveis, sua única escolha é aceitar uma proposta escandalosa, para se tornar acompanhante de um homem que nunca conheceu.

Um homem desesperadamente solitário...

Salomão 'Solo' Weston, o Barão Rothborn, está cansado da sociedade e das pessoas em geral, que o deixam irritado e impaciente. Como Tenente-Coronel do 15º Dragões do Rei, ficara inválido no exército após uma bala tê-lo deixado coxo. Assombrado pela culpa, por companheiros mortos e um amor perdido, está se tornando cada vez mais recluso, encontrando fuga apenas nos seus livros amados.

E uma paixão que nenhum dos dois esperava encontrar...

Quando levado a buscar conforto para a sua existência sombria, Solo acredita que tem pouco a oferecer, a não ser segurança financeira, em troca da virtude de uma dama.

Mas Jemima não é o tipo de mulher que vai deixar fantasmas adormecidos repousarem, e logo o passado e o futuro não se parecerão em nada ao que Solo esperava.

Livro 10



9786554441339

Cavalgando com o cavaleiro

Uma beleza imprudente...

Lady Helena Adolphus não é estranha a escândalos. Seu irmão pode ser um duque, mas sua reputação sombria uma vez ameaçou suas próprias chances de fazer um bom casamento. Agora de volta ao seio da ton, Helena é banqueteada e cortejada tanto por sua beleza e seus olhos verdes selvagens quanto por seu dote robusto. No entanto, os solteiros elegíveis a deixam fria, e

sua respeitabilidade é mortalmente monótona. Há apenas um homem que faz seu pulso saltar, e ela sabe que seria uma tola em persegui-lo.

Um homem impiedoso...

Gabriel Knight compreende o desespero. Nascido na pobreza e criado em uma casa de enjeitados, Gabriel aproveitou todas as oportunidades para sair da sarjeta. Agora um dos homens mais ricos da Inglaterra, o malvado Knight está consternado ao descobrir que seu sucesso não lhe trouxe felicidade. Inquieto e entediado, ele culpa os aristocratas pomposos que despreza, aqueles que ainda lhe fecham as portas na cara.

Um caso imprudente ...

Embora Helena esteja ciente da animosidade de Gabriel em relação à ton que o evita, o homem sedutor a tenta além de qualquer razão. Ele provavelmente quer arruiná-la, e ela sabe disso, mas seu orgulho estúpido não a deixa recuar a cada confronto. Antes de saber o que está fazendo, Helena abre a boca e o desafia a fazer algo escandaloso. À medida que o calor da atração se acende entre eles, o risco de se queimar só torna a cavalgada com o Cavaleiro ainda mais atraente.

Aviso: Este livro tem uma heroína teimosa, voluntariosa e combativa e um cavalheiro digno de baba. Haverá algumas cenas de sexo amaldiçoadas e graficamente descritivas, mas de maneira alguma beirando o erotismo!

Prequel Matilda



9786554441674

Dentro de cada jovem tímida e isolada pulsa o coração de uma leoa, uma

pessoa apaixonada disposta a arriscar tudo pelo seu sonho, se puder encontrar a coragem para começar. Quando essas jovens ignoradas fazem um pacto para mudar suas vidas, tudo pode acontecer.

Onze mulheres - onze desafios inesperados. Quem se atreverá a arriscar tudo?

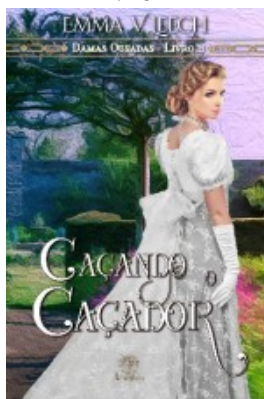
Matilda E Montagu

Este livro não é uma nova história, mas uma compilação de todas as instâncias da série Girls Who Dare em que Matilda Hunt e Lucian Barrington, Marquês de Montagu, interagiram e/ou se corresponderam, bem como trechos em que Matilda, Lucian ou Phoebe, sobrinha de Montagu, podem ter sido lembrados ou comentados.

Dito isso, esse é um maravilhoso prequel para a história de Matilda, Caçando o Caçador, e realmente destaca como o relacionamento deles começou e como progrediu ao longo do tempo.

Matilda e Montagu, a história até agora!

Livro 11



9786554441926

Caçando o Caçador

Um caso de amor condenado...

Matilda Hunt sabe o que o Marquês de Montagu quer. Ele não fez segredo do fato de que a deseja e a quer como sua amante. Apesar da força crescente da atração entre eles, Matilda lutou para mantê-lo à distância, lutou para negar

o que está se tornando cada dia mais inevitável. Como sua última esperança de um futuro respeitável, um futuro de segurança, amor e família, é retirada dela, parece que o homem que a arruinou oferece a Matilda a única chance de encontrar alguma medida de felicidade, não importa quão fugaz seja.

Um homem perigoso...

No entanto, como sua determinação em manter sua honra intacta vacila, ela é atraída mais profundamente pelo mundo de Montagu e descobre um homem com segredos, um homem que não é tudo que ela supunha que fosse. Esse mundo está emaranhado de mentiras e enganos e é mais perigoso do que poderia ter acreditado, e não apenas para o seu coração.

Um atrevimento que ela não pode recusar...

Para ter tudo o que deseja, Matilda deve ousar arriscar tudo por amor e caçar a verdade sobre o homem do qual não consegue se afastar. Como cada vez mais pessoas a advertem que o marquês é impiedoso e cruel, Matilda se pergunta se realmente é uma tola por não acreditar nisso. Anjo, diabo... ou um pouco dos dois.

Livro 12



9786554442541

Dançando até o Amanhecer

O último livro da série Damas Ousadas, mas quem resta para ousar?

Descubra nesta aventura final e deliciosa.

Não podemos revelar muito neste momento, talvez alguns de vocês possam adivinhar?

AGRADECIMENTOS

Obrigada, como sempre, à minha revisora maravilhosa por ser paciente e amar meus personagens tanto quanto eu. Gemma você é a melhor!

À Victoria Cooper por todo o seu trabalho árduo, ilustrações incríveis e, acima de tudo, sua paciência inesgotável!!! Muito obrigada. Você é incrível!

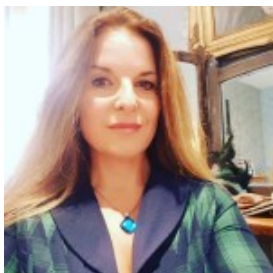
À minha melhor amiga, PA, líder de torcida pessoal e portadora de chocolate, Varsi Appel, pelo apoio moral, aumento da confiança e por ler meu trabalho mais vezes do que eu. Eu te amo muito!

Um muito obrigada a todos os membros do Emma's Book Club! Vocês são os melhores!

Ao meu marido Pat e minha família... Por sempre terem orgulho de mim.

SOBRE AUTORA

Pela autora:



Comecei essa incrível jornada em 2010 com *A chave para o Erebus*, mas não tive coragem de publicá-lo até outubro de 2012. Para quem já passou por isso sabe que publicar seu primeiro trabalho é uma coisa assustadora. Ainda fico nervosa quando um novo trabalho é lançado, mas, agora esse terror diminuiu um pouco. Hoje o meu pavor é quando minhas filhas tiverem idade o suficiente para lê-los.

Que horror! (para ambas as partes, suponho)

2017 marcou o ano em que fiz minha primeira incursão em Romance Histórico e no mundo do Romance da Era Regencial, e meu Deus, que ano! Fiquei encantada com a resposta a esta série e mal posso esperar para adicionar mais títulos

Sou muito influenciada pelo belo interior da França onde vivo. Apesar de ser nascida e criada na Inglaterra, moro no sudoeste francês há vinte anos. Minhas três filhas lindas são todas bilíngues e a mais nova, de apenas seis anos, está mostrando sinais de seguir os meus passos após produzir *The Lonely Princess* totalmente sozinha.

Um passarinho me disse que o livro dois estará disponível em breve...

INFORMAÇÕES LEABHAR

Nos acompanhe e fique por dentro das Novidades



Quer receber marcador do livro gratuitamente? Envie o print da compra para o [E-mail Leabhar Books®](#)

Table of contents

1. Capa
2. Folha Rosto
3. Direitos Autorais
4. Mapa das Terras Fae
5. Capítulo 1
6. Capítulo 2
7. Capítulo 3
8. Capítulo 4
9. Capítulo 5
10. Capítulo 6
11. Capítulo 7
12. Capítulo 8
13. Capítulo 9
14. Capítulo 10
15. Capítulo 11
16. Capítulo 12
17. Capítulo 13
18. Capítulo 14
19. Capítulo 15
20. Capítulo 16
21. Capítulo 17
22. Capítulo 18
23. Capítulo 19
24. Capítulo 20
25. Capítulo 21
26. Capítulo 22
27. Capítulo 23
28. Capítulo 24
29. Capítulo 25
30. Capítulo 26
31. Capítulo 27
32. Capítulo 28
33. Capítulo 29
34. Capítulo 30
35. Capítulo 31
36. Capítulo 32
37. Capítulo 33
38. Capítulo 34
39. Capítulo 35
40. Capítulo 36

41. [Capítulo 37](#)
42. [Capítulo 38](#)
43. [Capítulo 39](#)
44. [Capítulo 40](#)
45. [Capítulo 41](#)
46. [Capítulo 42](#)
47. [Capítulo 43](#)
48. [Capítulo 44](#)
49. [Capítulo 45](#)
50. [Capítulo 46](#)
51. [A Noite mais Sombria](#)
 1. [Prólogo](#)
52. [Lendas Francesas](#)
 1. [Ordem de Leitura:](#)
 2. [Lenda Francesa dos Fae](#)
 3. [Lenda Francesa dos Vampiros](#)
53. [Agradecimentos](#)
54. [Sobre Autora](#)
55. [Informações Leabhar](#)

Guide

1. [Cover](#)
2. [Beginning](#)

1. [1](#)
2. [2](#)
3. [3](#)
4. [4](#)
5. [5](#)
6. [6](#)
7. [7](#)
8. [8](#)
9. [9](#)
10. [10](#)
11. [11](#)
12. [12](#)
13. [13](#)
14. [14](#)
15. [15](#)
16. [16](#)
17. [17](#)

18. [18](#)
19. [19](#)
20. [20](#)
21. [21](#)
22. [22](#)
23. [23](#)
24. [24](#)
25. [25](#)
26. [26](#)
27. [27](#)
28. [28](#)
29. [29](#)
30. [30](#)
31. [31](#)
32. [32](#)
33. [33](#)
34. [34](#)
35. [35](#)
36. [36](#)
37. [37](#)
38. [38](#)
39. [39](#)
40. [40](#)
41. [41](#)
42. [42](#)
43. [43](#)
44. [44](#)
45. [45](#)
46. [46](#)
47. [47](#)
48. [48](#)
49. [49](#)
50. [50](#)
51. [51](#)
52. [52](#)
53. [53](#)
54. [54](#)
55. [55](#)
56. [56](#)
57. [57](#)
58. [58](#)
59. [59](#)
60. [60](#)
61. [61](#)

- 62. [62](#)
- 63. [63](#)
- 64. [64](#)
- 65. [65](#)
- 66. [66](#)
- 67. [67](#)
- 68. [68](#)
- 69. [69](#)
- 70. [70](#)
- 71. [71](#)
- 72. [72](#)
- 73. [73](#)
- 74. [74](#)
- 75. [75](#)
- 76. [76](#)
- 77. [77](#)
- 78. [78](#)
- 79. [79](#)
- 80. [80](#)
- 81. [81](#)
- 82. [82](#)
- 83. [83](#)
- 84. [84](#)
- 85. [85](#)
- 86. [86](#)
- 87. [87](#)
- 88. [88](#)
- 89. [89](#)
- 90. [90](#)
- 91. [91](#)
- 92. [92](#)
- 93. [93](#)
- 94. [94](#)
- 95. [95](#)
- 96. [96](#)
- 97. [97](#)
- 98. [98](#)
- 99. [99](#)
- 100. [100](#)
- 101. [101](#)
- 102. [102](#)
- 103. [103](#)
- 104. [104](#)
- 105. [105](#)

106. [106](#)
107. [107](#)
108. [108](#)
109. [109](#)
110. [110](#)
111. [111](#)
112. [112](#)
113. [113](#)
114. [114](#)
115. [115](#)
116. [116](#)
117. [117](#)
118. [118](#)
119. [119](#)
120. [120](#)
121. [121](#)
122. [122](#)
123. [123](#)
124. [124](#)
125. [125](#)
126. [126](#)
127. [127](#)
128. [128](#)
129. [129](#)
130. [130](#)
131. [131](#)
132. [132](#)
133. [133](#)
134. [134](#)
135. [135](#)
136. [136](#)
137. [137](#)
138. [138](#)
139. [139](#)
140. [140](#)
141. [141](#)
142. [142](#)
143. [143](#)
144. [144](#)
145. [145](#)
146. [146](#)
147. [147](#)
148. [148](#)
149. [149](#)

150. [150](#)
151. [151](#)
152. [152](#)
153. [153](#)
154. [154](#)
155. [155](#)
156. [156](#)
157. [157](#)
158. [158](#)
159. [159](#)
160. [160](#)
161. [161](#)
162. [162](#)
163. [163](#)
164. [164](#)
165. [165](#)
166. [166](#)
167. [167](#)
168. [168](#)
169. [169](#)
170. [170](#)
171. [171](#)
172. [172](#)
173. [173](#)
174. [174](#)
175. [175](#)
176. [176](#)
177. [177](#)
178. [178](#)
179. [179](#)
180. [180](#)
181. [181](#)
182. [182](#)
183. [183](#)
184. [184](#)
185. [185](#)
186. [186](#)
187. [187](#)
188. [188](#)
189. [189](#)
190. [190](#)
191. [191](#)
192. [192](#)
193. [193](#)

194. [194](#)
195. [195](#)
196. [196](#)
197. [197](#)
198. [198](#)
199. [199](#)
200. [200](#)
201. [201](#)
202. [202](#)
203. [203](#)
204. [204](#)
205. [205](#)
206. [206](#)
207. [207](#)
208. [208](#)
209. [209](#)
210. [210](#)
211. [211](#)
212. [212](#)
213. [213](#)
214. [214](#)
215. [215](#)
216. [216](#)
217. [217](#)
218. [218](#)
219. [219](#)
220. [220](#)
221. [221](#)
222. [222](#)
223. [223](#)
224. [224](#)
225. [225](#)
226. [226](#)
227. [227](#)
228. [228](#)
229. [229](#)
230. [230](#)
231. [231](#)
232. [232](#)
233. [233](#)
234. [234](#)
235. [235](#)
236. [236](#)
237. [237](#)

238. [238](#)
239. [239](#)
240. [240](#)
241. [241](#)
242. [242](#)
243. [243](#)
244. [244](#)
245. [245](#)
246. [246](#)
247. [247](#)
248. [248](#)
249. [249](#)
250. [250](#)
251. [251](#)
252. [252](#)
253. [253](#)
254. [254](#)
255. [255](#)
256. [256](#)
257. [257](#)
258. [258](#)
259. [259](#)
260. [260](#)
261. [261](#)
262. [262](#)
263. [263](#)
264. [264](#)
265. [265](#)
266. [266](#)
267. [267](#)
268. [268](#)
269. [269](#)
270. [270](#)
271. [271](#)
272. [272](#)
273. [273](#)
274. [274](#)
275. [275](#)
276. [276](#)
277. [277](#)
278. [278](#)
279. [279](#)
280. [280](#)
281. [281](#)

282. [282](#)
283. [283](#)
284. [284](#)
285. [285](#)
286. [286](#)
287. [287](#)
288. [288](#)
289. [289](#)
290. [290](#)
291. [291](#)
292. [292](#)
293. [293](#)
294. [294](#)
295. [295](#)
296. [296](#)
297. [297](#)
298. [298](#)
299. [299](#)
300. [300](#)
301. [301](#)
302. [302](#)
303. [303](#)
304. [304](#)
305. [305](#)
306. [306](#)
307. [307](#)
308. [308](#)
309. [309](#)
310. [310](#)
311. [311](#)
312. [312](#)
313. [313](#)
314. [314](#)
315. [315](#)
316. [316](#)
317. [317](#)
318. [318](#)
319. [319](#)
320. [320](#)
321. [321](#)
322. [322](#)
323. [323](#)
324. [324](#)
325. [325](#)

326. [326](#)
327. [327](#)
328. [328](#)
329. [329](#)
330. [330](#)
331. [331](#)
332. [332](#)
333. [333](#)
334. [334](#)
335. [335](#)
336. [336](#)
337. [337](#)
338. [338](#)
339. [339](#)
340. [340](#)
341. [341](#)
342. [342](#)
343. [343](#)
344. [344](#)
345. [345](#)
346. [346](#)
347. [347](#)
348. [348](#)
349. [349](#)
350. [350](#)
351. [351](#)
352. [352](#)
353. [353](#)
354. [354](#)
355. [355](#)
356. [356](#)
357. [357](#)
358. [358](#)
359. [359](#)
360. [360](#)
361. [361](#)
362. [362](#)
363. [363](#)
364. [364](#)
365. [365](#)
366. [366](#)
367. [367](#)
368. [368](#)
369. [369](#)

370. [370](#)
371. [371](#)
372. [372](#)
373. [373](#)
374. [374](#)
375. [375](#)
376. [376](#)
377. [377](#)
378. [378](#)
379. [379](#)
380. [380](#)
381. [381](#)
382. [382](#)
383. [383](#)
384. [384](#)
385. [385](#)
386. [386](#)
387. [387](#)
388. [388](#)
389. [389](#)
390. [390](#)
391. [391](#)
392. [392](#)
393. [393](#)
394. [394](#)
395. [395](#)
396. [396](#)
397. [397](#)
398. [398](#)
399. [399](#)
400. [400](#)
401. [401](#)
402. [402](#)
403. [403](#)
404. [404](#)
405. [405](#)
406. [406](#)
407. [407](#)
408. [408](#)
409. [409](#)
410. [410](#)
411. [411](#)
412. [412](#)
413. [413](#)

414. [414](#)
415. [415](#)
416. [416](#)
417. [417](#)
418. [418](#)
419. [419](#)
420. [420](#)
421. [421](#)
422. [422](#)
423. [423](#)
424. [424](#)
425. [425](#)
426. [426](#)
427. [427](#)
428. [428](#)
429. [429](#)
430. [430](#)
431. [431](#)
432. [432](#)
433. [433](#)
434. [434](#)
435. [435](#)
436. [436](#)
437. [437](#)
438. [438](#)
439. [439](#)
440. [440](#)
441. [441](#)
442. [442](#)
443. [443](#)
444. [444](#)
445. [445](#)
446. [446](#)
447. [447](#)
448. [448](#)
449. [449](#)
450. [450](#)
451. [451](#)
452. [452](#)
453. [453](#)
454. [454](#)
455. [455](#)
456. [456](#)
457. [457](#)

458. [458](#)
459. [459](#)
460. [460](#)
461. [461](#)
462. [462](#)
463. [463](#)
464. [464](#)
465. [465](#)
466. [466](#)
467. [467](#)
468. [468](#)
469. [469](#)
470. [470](#)
471. [471](#)
472. [472](#)
473. [473](#)
474. [474](#)
475. [475](#)
476. [476](#)
477. [477](#)
478. [478](#)
479. [479](#)
480. [480](#)
481. [481](#)
482. [482](#)
483. [483](#)
484. [484](#)
485. [485](#)
486. [486](#)
487. [487](#)
488. [488](#)
489. [489](#)
490. [490](#)
491. [491](#)
492. [492](#)
493. [493](#)
494. [494](#)
495. [495](#)
496. [496](#)
497. [497](#)
498. [498](#)
499. [499](#)
500. [500](#)
501. [501](#)

502. [502](#)
503. [503](#)
504. [504](#)
505. [505](#)
506. [506](#)
507. [507](#)
508. [508](#)
509. [509](#)
510. [510](#)
511. [511](#)
512. [512](#)
513. [513](#)
514. [514](#)
515. [515](#)
516. [516](#)
517. [517](#)
518. [518](#)
519. [519](#)
520. [520](#)
521. [521](#)
522. [522](#)
523. [523](#)
524. [524](#)
525. [525](#)
526. [526](#)
527. [527](#)
528. [528](#)
529. [529](#)
530. [530](#)
531. [531](#)
532. [532](#)
533. [533](#)
534. [534](#)
535. [535](#)
536. [536](#)
537. [537](#)
538. [538](#)
539. [539](#)
540. [540](#)
541. [541](#)
542. [542](#)
543. [543](#)
544. [544](#)
545. [545](#)

546. [546](#)
547. [547](#)
548. [548](#)
549. [549](#)
550. [550](#)
551. [551](#)
552. [552](#)
553. [553](#)
554. [554](#)
555. [555](#)
556. [556](#)
557. [557](#)
558. [558](#)
559. [559](#)
560. [560](#)
561. [561](#)
562. [562](#)
563. [563](#)
564. [564](#)
565. [565](#)
566. [566](#)
567. [567](#)
568. [568](#)
569. [569](#)
570. [570](#)
571. [571](#)
572. [572](#)
573. [573](#)
574. [574](#)
575. [575](#)
576. [576](#)
577. [577](#)
578. [578](#)
579. [579](#)
580. [580](#)
581. [581](#)
582. [582](#)
583. [583](#)
584. [584](#)
585. [585](#)
586. [586](#)
587. [587](#)
588. [588](#)
589. [589](#)

590. [590](#)
591. [591](#)
592. [592](#)
593. [593](#)
594. [594](#)
595. [595](#)
596. [596](#)
597. [597](#)
598. [598](#)
599. [599](#)
600. [600](#)
601. [601](#)
602. [602](#)
603. [603](#)
604. [604](#)
605. [605](#)
606. [606](#)
607. [607](#)
608. [608](#)
609. [609](#)
610. [610](#)
611. [611](#)
612. [612](#)
613. [613](#)
614. [614](#)
615. [615](#)
616. [616](#)
617. [617](#)
618. [618](#)
619. [619](#)
620. [620](#)
621. [621](#)
622. [622](#)
623. [623](#)
624. [624](#)
625. [625](#)
626. [626](#)
627. [627](#)
628. [628](#)
629. [629](#)
630. [630](#)
631. [631](#)
632. [632](#)
633. [633](#)

634. [634](#)

635. [635](#)

636. [636](#)

637. [637](#)

638. [638](#)

639. [639](#)